



SEVERIANO MARIO PORTO
[Re] Pensando a Arquitetura [Moderna] na Amazônia



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA - PROPAR

SEVERIANO MARIO PORTO

[RE] PENSANDO A ARQUITETURA [MODERNA] NA AMAZÔNIA

MARCOS PAULO CERETO

Tese de doutoramento apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Arquitetura

Orientador:

Prof.Dr. Carlos Eduardo Dias Comas

Manaus, Rio de Janeiro e Porto Alegre

Outubro de 2020



ATA AUTENTICADA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Arquitetura

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
ARQUITETURA - Doutorado
Ata de defesa de Tese

Aluno: Marcos Paulo Cereto, com ingresso em 10/03/2014

Título: Severiano Mario Porto : [Re] Pensando a Arquitetura [Moderna] na Amazônia

Data: 27/11/2020

Horário: 14:00

Local: <https://mconf.ufrgs.br/webconf/banca-de-marcos-cereto>

Banca Examinadora	Conceito	Origem
Ana Esteban Maluenda	A	Externo
Marta Silveira Peixoto	A	UFRGS
Ruth Verde Zein	A	UPM

Conceito Geral da Banca: A

Data da homologação:

Porto Alegre, 16 de dezembro de 2020

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
R. Sarmiento Leite, 320 Sala 201 Prédio 12103 - Bairro Centro - Telefone 33083485
Porto Alegre - RS

Documento gerado sob autenticação nº XYL.418.994.5ID
Pode ser autenticado, na Internet, pela URL <http://www.ufrgs.br/autenticacao>,
tendo validade sem carimbo e assinatura.

Agradecimentos

Agradeço à Inês e à Bianca, esposa e filha, pelo apoio irrestrito e compreensão pela minha ausência. Aos meus pais e irmão, pela educação e segurança. Ao Carlos Eduardo Comas pela sua sabedoria e competência na minha orientação acadêmica, desde o Trabalho de Diplomação na Faculdade de Arquitetura em 1999, e pelas intervenções seguras e cirúrgicas para a consolidação desta tese. Aos todos os professores do PROPAR e em especial à Cláudia Cabral, Marta Peixoto, Ana Carolina Pellegrini, Edson Mahfuz, Sílvio Abreu, Cláudio Calovi, Sérgio Marques e Nicolás Palermo. À Rosita Borges pela delicadeza e atenção. Às professoras Marta Peixoto, Ana Esteban Maluenda e Ruth Verde Zein pela disponibilidade, disposição e contribuições na avaliação na banca examinadora. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM pelo apoio financeiro aos meus deslocamentos e custos em Porto Alegre.

Aos arquitetos Severiano Porto e Paula Porto pela confiança e apoio irrestrito na divulgação dos documentos necessários para a realização deste trabalho. Aos arquitetos Mario Emilio Ribeiro (*in memoriam*), Luciana Vecchietti e Carol Vasques pelas informações e auxílio para a consolidação da pesquisa. Ao NPD/FAU-UFRJ pela competência na guarda e conservação do acervo Severiano Porto. Agradeço o apoio, a confiança e a prontidão neste acervo à Elisabete Rodrigues de Campos e Cláudio Muniz Viana.

Aos colegas que contribuíram com depoimentos para a realização dessa pesquisa como Abílio Guerra, Aristides Queiroz, Aurélio Michiles, Arnaldo da Costa, Beatriz Oliveira, Bruno Padovano, Carol Vasques, Ceça Guimaraens, César Oiticica, Daniel Alfaia, Elisabete Campos, Francisco Anastácio Cantisani, Hugo Segawa, José Braga, Josélia Alves, Juan Vila, Jussara Derenji, Luciana Vecchietti, Maria Tereza Guerreiro, Michael Laar, Mirian Keiko, Orion Carolino, Paula Porto, Pedro Vasques, Phelipe Daou, Ramón Gutiérrez, Roberto Dantas, Roberto Moita, Roberto Thompson Motta, Ruth Verde Zein, Saul Benchimol, Sylvio de Podestá, Thiago de Mello e Vicente Wissenbach. Ao arquiteto e fotógrafo Leonardo Finotti pela disponibilidade das fotos e parceria cultural. Ao colega Prof. Dr. Ricardo Paiva da Universidade Federal do Ceará pela colaboração com os desenhos do SESC da Barra do Ceará.

Aos amigos do NAMA que uniram forças pela construção de uma história da arquitetura na Amazônia e auxiliaram com suas pesquisas e arquiteturas no Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia - SAMA, na Revista Amazônia Moderna, na Exposição de Arquitetura Contemporânea na Amazônia - XAMA e na *L'Amazonie en*

construction: l'architecture des fleuves volants. Agradecimentos especiais aos colegas Ana Karina Rodrigues, Cristina Xavier, Eline Caixeta, Giovani Barcelos, Giovanni Blanco Sarquis, Giuliano Orsi, Graciete Guerra da Costa, Grete Pflueger, Hugo Segawa, José Afonso Portocarrero, Josélia Alves, Laurent Troost, Marcelo Borborema, Marianna Cardoso, Marcia Nunes, Ricardo Castor e Roberto Moita.

A Universidade Federal do Amazonas, na pessoa do Reitor Sylvio Puga e do Diretor João Caldas do Lago Neto, pelo apoio a esta pesquisa ao Amazonas e à Universidade. Aos colegas da Faculdade de Tecnologia e em especial aos professores Aires Fernandes, Antonio Carlos Rodrigues Silva, Caren Michels, José Carlos Bonetti e Rodrigo Capelato. Aos orientandos do NAMA e egressos do curso de Arquitetura: Thais Dias, Lucio Tiago Maurilo Torres, Camila Andrade, Vasilka Espinosa, Luiza Santos, Bruna Lopes, Lucas Lages, Clara Monteiro, Cristian Eber, Isabela Salvador e Yasmim Rabelo. E, fundamentalmente, aos arquitetos Severiano Porto e Mario Emilio Ribeiro pela obra realizada.

RESUMO / ABSTRACT.....	01
DO CHUÍ AO CABURAI	04
1_ O RESGATE DA TRAJETÓRIA	11
2_ O REGISTRO DA VIVÊNCIA	29
3_ A REVISÃO DO EMPENHO CRÍTICO	95
4_ A RECUPERAÇÃO DO PRECEDENTE	117
5_ O RETORNO À OBRA PARADIGMÁTICA	147
5.1_ ESTÁDIO VIVALDO LIMA.....	154
5.2_ RESIDÊNCIA RECIFE, 1762.....	173
5.3_ RESTAURANTE CHAPÉU DE PALHA.....	185
5.4_ SEDE ADMINISTRATIVA DA PORTOBRÁS.....	196
5.5_ RESIDÊNCIA RECIFE, 1435.....	210
5.6_ SEDE DA SUFRAMA.....	227
5.7_ BASA.....	248
5.8_ RESIDÊNCIA ROBERT SCHUSTER.....	265
5.9_ Pousada na Ilha de Silves.....	283

5.10_CAMPUS DA UNIVERSIDADE DO AMAZONAS (UFAM).....	300
5.11_CENTRO DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE BALBINA.....	343

6_ [POR UMA] ARQUITETURA [MODERNA] NA AMAZÔNIA.....

373

REFERÊNCIAS.....

396

ANEXOS.....

421

RELAÇÃO DE PROJETOS DESENVOLVIDOS.....422

RELAÇÃO DE PUBLICAÇÕES DOS PROJETOS, ENTREVISTAS E CONFERÊNCIAS.....436

ARQUITETURA NA AMAZÔNIA - CONFERÊNCIA PARA O CICLO DE ESTUDOS AMAZÔNICOS EM 1976.....447

PRONUNCIAMENTO DE SEVERIANO PORTO EM AGRADECIMENTO AO TÍTULO DE PROFESSOR *HONORIS CAUSA*.....457

ARQUITETURA DOS MATERIAIS APROPRIADOS.....460

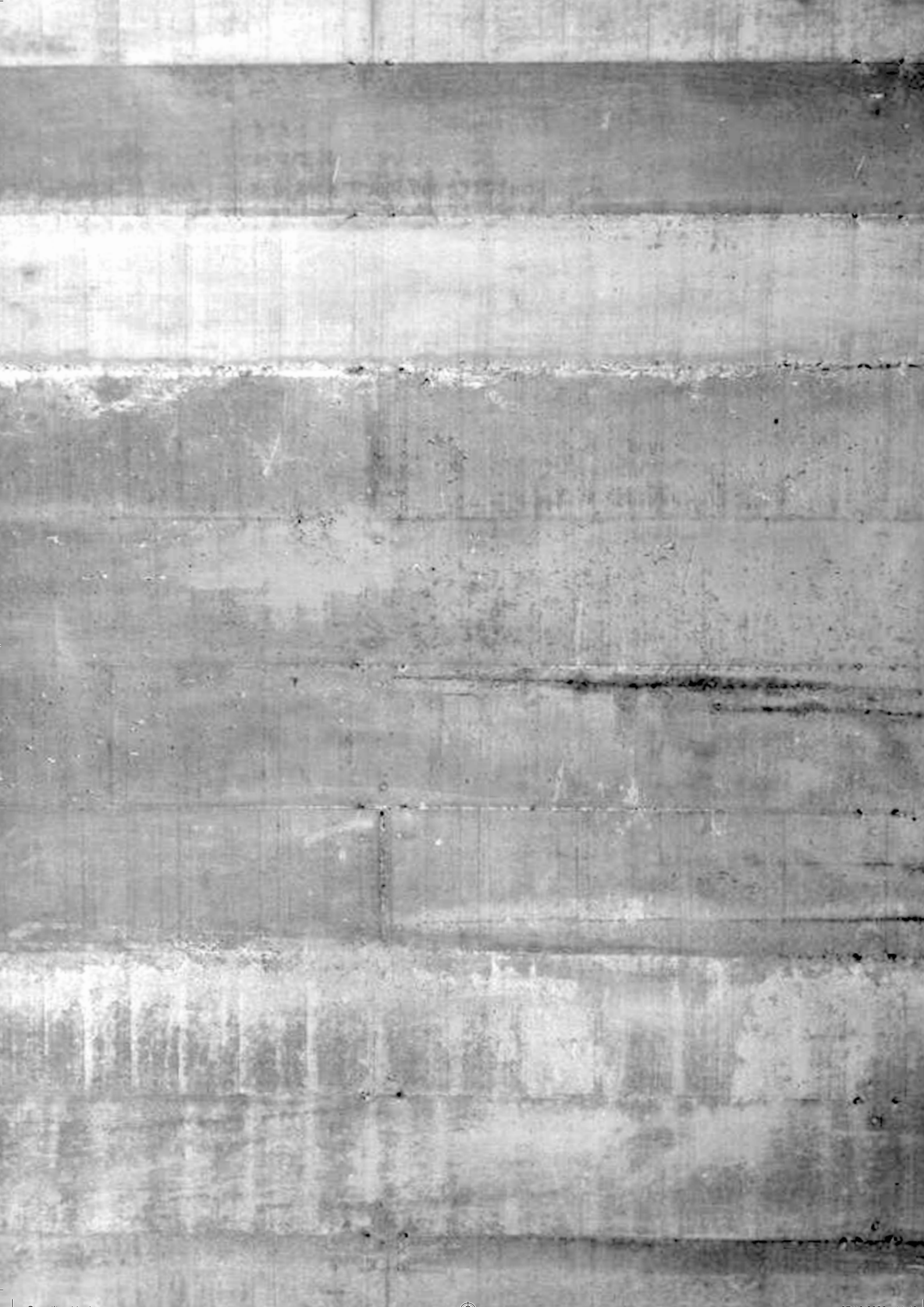
RESUMO

A revisão das obras realizadas por Severiano Porto, entre os anos de 1954-2002, é necessária para um [re] posicionamento arquitetônico e afirmar o seu alinhamento com a Arquitetura Moderna Brasileira. Procura-se ressaltar um contraponto as mitificações de uma Amazônia fantástica propagada pela publicidade estatal nos anos 1970, ao exotismo de uma arquitetura regional difundida pela crítica internacional na década de 1980, e pela fábula do personagem heróico sem observar as suas arquiteturas nos anos 2000.

A análise arquitetônica das obras de Severiano Porto e seu escritório Severiano Mario Porto Arquitetos Associados - SMPAA, considera desde as fontes primárias a visitas nas obras remanescentes, e permite afirmar que o rótulo de "Arquiteto da madeira" é uma simplificação que não retrata a sua trajetória.

A tese contribui com uma nova perspectiva e considera como fundamento a ambiguidade em suas obras. Entre o primitivo e o sofisticado, o artesanal e o industrial, a curva e a reta, e o universal e o nacional, a sua contribuição para a arquitetura na Amazônia o posiciona como protagonista e o insere no panteão da Arquitetura Moderna Brasileira.

Palavras-chave: amazônia; arquitetura moderna; arquitetura brasileira; severiano porto





SEVERIANO MARIO PORTO

[Re]Thinking the [Modern] Architecture in The Amazon

The review of Severiano Porto's works, between 1954-2002, it is necessary for an architectural [re] positioning and to prove his alignment with brazilian modern architecture. The thesis seeks to highlight a counterpoint to the mythifications of a fantastic The Amazon rainforest propagated by state advertising in the 1970s, the exoticism of a regional architecture spread by international critics in the 1980s, and the fable of the heroic character, who did not observe his architecture in the 2000s.

The architectural analysis of the works of Severiano Porto and his office, Severiano Mario Porto Arquitetos Associados - SMPAA, considers primary sources and visits to the remaining works, and allow us to show that the label "Architect of the Wood" is a simplification that does not portray his trajectory.

The thesis contributes with a new perspective and considers as a foundation ambiguity in his works. Between the primitive and the sophisticated, the handmade and the industrial, the curve and the straight, and the universal and the national, his contribution to architecture in the Amazon qualifies him as a protagonist and inserts Porto in the pantheon of brazilian modern architecture.

Keywords: amazon; modern architecture; brazilian architecture; Severiano Porto



DO CHUÍ AO CABURÁÍ

A tese de doutoramento em Teoria, História e Crítica da Arquitetura no PROPAR surgiu a partir dos desdobramentos da dissertação de mestrado "Arquitetura de Massas: o caso dos estádios brasileiros" apresentada no mesmo programa em 2003. Ao concluir os créditos necessários para o cumprimento da carga horária do curso em dezembro de 2000, eu recebi um convite para ministrar aulas no curso de arquitetura e urbanismo do então Instituto Luterano de Ensino Superior (ILES/ULBRA) em Manaus. Migrei ao Amazonas em 27 de janeiro de 2001. Nesse curto espaço de tempo, entre o convite e a mudança, procurei conhecer mais sobre a arquitetura que encontraria nessa cidade até então desconhecida.

O meu orientador desde o Trabalho Final de Graduação, Prof.Dr. Carlos Eduardo Comas, sugeriu que eu lesse a revista *Projeto* n.83 para conhecer um pouco mais sobre a obra de Severiano Porto. De fato, entre 1992 e 1999, na minha graduação na Faculdade de Arquitetura, eu recordei das aulas de "Arquitetura Brasileira" com o professor José Albano Volkmer e de alguns slides sobre arquitetura em madeira, de uma "residência" e de uma obra com "telha de madeira". Conversei também com o então presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento do Rio Grande do Sul (IAB-RS), Francisco Landó e com Carlos Maximiliano Fayet, e ambos aconselharam que eu procurasse Severiano Porto.

Em 2001, as informações disponibilizadas na internet ainda eram limitadas. As consultas sobre arquitetura em Manaus remetiam ao Teatro Amazonas, a parte dos edifícios construídos no início do século XX e algumas fotografias de obras de Severiano Porto. Ao chegar em Manaus fui morar na rua Recife, próximo a Residência Recife, 1435, onde morava o arquiteto. Na primeira semana na cidade, conheci as duas obras que mais chamaram a minha atenção: o Teatro Amazonas e a residência de Porto. As distintas soluções inerentes ao tempo em que foram construídas evidenciavam o valor do bom projeto na arquitetura. A Residência Recife, 1435 despertou um maior interesse em razão do meu desconhecimento sobre a qualidade do projeto. As fotografias existentes não expressavam o que eu vi naquela obra e me aproximava aos fundamentos da Arquitetura Moderna Brasileira ensinados nas aulas no PROPAR e das boas conversas com o Comas.

Na segunda semana na nova cidade participei de uma "aula da saudade", momento festivo proporcionado pelos formandos 2000/2, da turma Ruy Ohtake, do curso de arquitetura e urbanismo da ULBRA. Os formandos

convidaram para essa "aula" dois nomes da arquitetura brasileira: Ruy Ohtake e Severiano Porto. Em relação ao arquiteto paulista, eu já tinha visto uma aula inaugural na Faculdade de Arquitetura na graduação em Porto Alegre e visitado algumas de suas obras em São Paulo e no Guarujá/SP. Quanto a Severiano Porto era possível conhecê-lo e aproveitar a oportunidade para solicitar dados para a minha dissertação de mestrado, uma vez que o estádio de Manaus estava entre os meus estudos de caso. A presença de Ohtake junto aos formandos era um motivo de alegria entre todos e me chamou a atenção a admiração e o respeito do arquiteto paulista a Severiano Porto durante a sua explanação. Infelizmente foi cancelada a apresentação de Severiano devido ao atraso da programação. Uma lástima.

Ao final da celebração, naturalmente os alunos procuraram mais ao arquiteto paulista que gentilmente se deslocou a Manaus para essa "aula da saudade", enquanto Porto se encontrava no outro lado do auditório disponível para um primeiro contato. Após eu me apresentar e falar da minha pesquisa sobre estádios no mestrado, o arquiteto percebeu a minha origem e revelou como era difícil projetar em um Estado com as quatro estações do ano bem definidas. Revelou a sua admiração pelo trabalho de Fayet e a sua contribuição para a arquitetura brasileira - considerando as obras realizadas e a sua participação nas entidades de classe. Severiano informou que já estava de mudança ao Rio de Janeiro e se disponibilizou a fornecer os desenhos do Estádio Vivaldo Lima para a minha dissertação.

Como um novato na Amazônia, eu esperava encontrar mais informações sobre a obra do arquiteto no curso de arquitetura e urbanismo e também nas bibliotecas da cidade. Com o passar do tempo, compreendi que as informações que eu tive na minha graduação eram similares as disponíveis em Manaus. A diferença estava nos relatos daqueles que conviveram ou conheceram o arquiteto. Havia relatos interpretativos sobre a obra que em alguns momentos eram superficiais e em outros um tanto fantasiosos. Esse cenário ambíguo também aparecia na valorização do personagem pelos seus feitos com assuntos paralelos a Disciplina, mas sem argumentações consistentes sobre os projetos de arquitetura. Percebi a necessidade de saber mais sobre os projetos e menos sobre o personagem.

Durante o seminário "*Um século de Lucio Costa*" realizado entre os dias 13 a 17 de maio 2002 no Palácio Capanema no Rio de Janeiro, agendei previamente uma visita ao escritório de Severiano Porto no Rio de Janeiro para tomarmos um café e conhecer mais sobre a sua arquitetura. Nessa ocasião foi possível conhecer o escritório

carioca no edifício Marquês do Herval na avenida Rio Branco, e também o arquiteto Mario Emilio Ribeiro. Durante 3h, Severiano apresentou a sua trajetória em Manaus, mostrando detalhes das obras, algumas fotografias e publicações. Foi um choque de realidade pela minha ignorância sobre a sua relevância à Amazônia e também à arquitetura brasileira. Relatei a ele a minha preocupação com a formação dos estudantes em razão do desconhecimento das obras realizadas pelo escritório e pela ausência de material disponível para pesquisas e aulas. Relatei também que o ufanismo existente em Manaus na supervalorização de uma suposta arquitetura amazônica não avançava para uma análise arquitetônica das obras. A entrevista foi esclarecedora, pois a maneira como Severiano Porto era celebrado em Manaus não correspondia ao que os projetos representavam. Nessa ocasião, os arquitetos organizavam as caixas com os projetos e documentos para a doação do acervo dos escritórios de Manaus e Rio de Janeiro à Universidade Federal do Rio de Janeiro e compilaram informações sobre publicações, premiações, participações em eventos e representações em quatro volumes em um documento denominado "*Curriculum Vitae Severiano Mario Vieira de Magalhães Porto Arquiteto*". Severiano gentilmente cedeu uma cópia deste documento para que eu pudesse estudá-lo e auxiliasse nas minhas aulas.

Em 19 de maio de 2005, o arquiteto viajou a Manaus para uma homenagem concedida pela Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (FIEAM) pela sua trajetória no Amazonas. Nessa noite festiva, nos reencontramos e comentei sobre o início do doutorado no PROPARG sobre a sua obra, com o material que ele havia fornecido durante a nossa conversa no Rio de Janeiro. O arquiteto gentilmente agradeceu o interesse pelo seu trabalho e diante das fotografias das suas obras expostas no saguão do edifício da FIEAM, confessou uma certa preocupação com o futuro da arquitetura na Amazônia e sobre a necessidade da pesquisa sobre o projeto na arquitetura. Desejou boa sorte e que eu enviasse uma cópia para ele ao final do trabalho.

Passadas praticamente duas décadas desde a minha formação e migração do Rio Grande do Sul ao Amazonas, do início da investigação sobre a arquitetura de Severiano Porto realizada em 2004 e a retomada dessa pesquisa no PROPARG após uma década com experiências projetuais e acadêmicas realizadas na região, possibilitam uma perspectiva mais amadurecida e descomprometida com o ufanismo e com pré-julgamentos anteriores que eu trazia comigo. Essa narrativa de caráter pessoal é necessária para explicitar as motivações encontradas para a realização desse trabalho e fundamentais para a apresentação da tese.

A tese "**Severiano Mario Porto: [re] pensando a arquitetura [moderna] na Amazônia**" tem como cerne [re] visitar às obras realizadas pelo arquiteto com seu escritório Severiano Mario Porto Arquitetos Associados (SMPAA), sob a ótica da análise arquitetônica e suas contribuições para a arquitetura na Amazônia. A trajetória de Porto possibilita outras possíveis perspectivas como a tectônica, a ambiental e até a antropológica. Uma análise arquitetônica e formalista se justifica pelo ineditismo da abordagem, pela transversalidade as outras perspectivas, com uma identificação com a Amazônia e até uma suposta regionalidade. A pergunta da tese é: **Como Severiano Porto [re] significa a Arquitetura [Moderna] Brasileira na Amazônia?**

Esse ponto de partida permite alguns desdobramentos que são abordados na realização deste trabalho. A opinião comum denomina Severiano Porto como "Arquiteto da Madeira". Entretanto, Porto também apresenta obras consagradas em concreto armado, aço e o tijolo. A verificação da ambiguidade nas obras é o ponto de partida para uma investigação científica sobre o [re] significado dos diferentes materiais, desde a sua extração na natureza, passando pelos diversos tipos de beneficiamento, as técnicas construtivas encontradas nas diferentes obras e distintas maneiras de utilização - sejam em estrutura portante, vedações ou acabamentos. Além dos materiais, as relações intrínsecas do desenvolvimento compositivo e geométrico na realização dos projetos precisam ser analisados.

O personalismo mítico de Severiano Porto estabelece uma restrição velada no Amazonas para a necessária análise crítica das obras. A história desbravadora do homem é inquestionável, mas esta tese se propõe a não se aprofundar em uma abordagem histórica, e por vezes até antropológica, e realizar uma necessária análise da arquitetura a partir dos projetos e das obras realizadas. Ainda que o sobreamento entre a pessoa física e jurídica por vezes seja inevitável, a biografia dos envolvidos está disposta no Capítulo 01: "O resgate de uma trajetória", de forma introdutória e sem a exaustão.¹ Nesse sentido, restringir as argumentações a um caráter profissional e impessoal vislumbra uma outra perspectiva da arquitetura produzida. Que sejam então analisados os projetos de arquitetura.

Outro ponto frequentemente abordado é a relação das obras com o meio-ambiente: a sustentabilidade. A curiosidade pelas arquiteturas na mítica floresta amazônica em pleno regime militar despertam interesse pela integração ambiental, e por uma apropriação anacrônica de uma suposta sustentabilidade como um produto. Cabe

¹ Observa-se a necessidade de novas investigações científicas que abordem de forma mais ampla a trajetória do arquiteto Mario Emilio Ribeiro.

salientar, que não interessa neste trabalho um julgamento político da participação de Severiano Porto nesse período, mas sim apresentar e analisar as suas obras e a sua contribuição para a Cultura Disciplinar, ainda pouco estudada dos anos 1970 e 1980. A proximidade aos povos indígenas e as dificuldades logísticas da Amazônia determinam outro ponto de enfrentamento na análise: a relação com o lugar e o global, com o vernáculo e o primitivo, e com o artesanal e o produto industrializado.

A perspectiva adotada para essa investigação parte do estado da arte. No Capítulo 02: "O registro da vivência", consideram-se os relatos de Severiano Porto sobre a sua própria obra, como a verificação de memoriais descritivos dos projetos, palestras e conferências realizadas, e entrevistas concedidas ao longo da trajetória profissional. No Capítulo 03: "A revisão do empenho crítico" é apresentado o universo diverso com as publicações realizadas sobre a obra do escritório com as contribuições dos críticos de arquitetura. O suposto ineditismo ou a inovação formal é confrontado com a verificação das arquiteturas precedentes. O estado da arte permite a definição de um critério para a seleção de obras que são analisadas no estudos de caso.

Observar as arquiteturas desconhecidas e existentes, no período compreendido entre o término da *Belle Époque* e a chegada do arquiteto na Amazônia em 1965, nos permite observar o contexto e desmitificar a cidade diante do olhar publicitário governamental empregado nos periódicos semanais a partir dos anos 1960. No Capítulo 04: "A recuperação do precedente" são apresentadas algumas obras realizadas em Manaus e na Amazônia, e apresentam uma cidade e região com alinhamentos ao panorama arquitetônico e desenvolvimentista do restante do País.

Severiano Porto afirmava em seus discursos que era preciso "sentir" a Amazônia para a realização dos projetos. No Capítulo 05: "O retorno à obra paradigmática", são apresentados onze estudos de caso com um olhar atento aos projetos de arquitetura. Este resgate da arquitetura permite "escutar" o que os projetos "querem falar" com uma necessária análise formalista. Sim, uma análise formalista. Se as outras abordagens possíveis da obra do escritório não avançam ao formalismo na arquitetura, esta tese percorre um caminho inverso e pretende mostrar que a Cultura Disciplinar, embora esquecida, é basilar e fundamental para o [re] conhecimento da obra de Severiano Porto.

Para a execução dos estudos de caso se realizam visitas técnicas aos exemplares ainda remanescentes, sejam aqueles apresentados, assim como outros para se obter uma visão mais ampla. A presença física do Autor desta tese

em Manaus durante esses 20 anos, permite também uma vivência como usuário em parte dessas obras. O acesso aos desenhos, memoriais descritivos, orçamentos, contratos, fotografias, correspondências e demais documentos disponíveis são fundamentais para compreender a dinâmica do funcionamento das atividades profissionais, desde as artísticas até as mais burocráticas. O acesso a fonte primária no Acervo Severiano Porto no Núcleo de Pesquisa e Documentação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NPD-FAU/UFRJ) possibilita uma investigação direta e adequada para a realização da tese. O redesenho de parte dos projetos e obras realizadas possibilita uma aproximação ao universo das soluções encontradas, modificadas e repetidas, e comprovam uma bagagem adquirida ao longo da trajetória profissional. Além dessas experiências e práticas, a realização de entrevistas, sejam com o arquiteto Severiano Porto, com os clientes, profissionais de arquitetura e engenharia, pesquisadores de arquitetura e familiares ampliam a abrangência do *status quo* e garantem informações inéditas nesta investigação.

A ambiguidade é uma característica da arquitetura do escritório de Severiano Porto e algumas temáticas observadas na fundamentação da tese e nos estudos de caso são sintetizadas em "[Por uma] Arquitetura [Moderna] na Amazônia" com algumas contribuições para a realização de projetos de arquitetura na Amazônia. Este trabalho pretende apresentar de forma científica uma nova perspectiva da obra de Severiano Porto e responder a oito inquietações do autor que estabelecem um determinado senso comum e orientam a pesquisa e a argumentação da Tese:

1. Em que medida a mitificação do personagem Severiano Porto contribui com a arquitetura na Amazônia?
2. A arquitetura realizada por Severiano Porto marca o início da arquitetura moderna na Amazônia?
3. A relação entre a paisagem natural e a construída nas obras de Severiano Porto estabelecem uma inovação ou uma tradição na Arquitetura Moderna Brasileira?
4. É possível classificar as obras de Severiano Porto como ambientalistas?
5. É adequado o rótulo de arquiteto da madeira"?
6. É admissível vincular a organicidade nas obras ao uso das curvas no subúrbio em contraponto as retas no ambiente urbano ?
7. É aceitável denominar as arquiteturas de Severiano Porto como parte do regionalismo crítico?
8. As obras de Severiano Porto são vernaculares?

Com a palavra, os projetos.

1_O RESGATE DA TRAJETÓRIA

Severiano Mario Vieira de Magalhães Porto nasce em 19 de fevereiro de 1930 em Uberlândia. Filho de Mário de Magalhães Porto e Maria de Lourdes Vieira Porto, ambos pernambucanos e educadores.¹ Mário Porto e seus irmãos Milton Porto e Nelson Porto são advogados e implementam ideias inovadoras na educação com protagonismo nas importantes instituições de ensino da região do triângulo mineiro. Em 1935, diante das perseguições do coronelismo local pelas ideias progressistas, Mário Porto se muda à capital federal e continua a trajetória acadêmica.² Severiano Porto e sua irmã Carlota estudam no Colégio México no bairro Botafogo até 1944 quando os seus pais, em sociedade com Nelson Porto, fundam o Instituto Educacional Brasil América e o Colégio Brasil-América³. Na adolescência, Severiano se destaca nas práticas esportivas como jogador de pólo aquático e praticante de montanhismo e, conhece nessas atividades, os futuros colegas Ricardo Menescal e Roberto Thompson Motta, todos ingressantes na Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA) em 1950.

Enquanto discente na FNA é afeito aos ensinamentos do Professor Paulo Pires e se dedica aos estágios em construtoras nos anos em que permanece como estudante no prédio da Escola Nacional de Belas Artes. Destaca-se a experiência com o arquiteto Maurício Sued, um especialista em projetos elétricos e hidráulicos. Sued realiza projetos complementares para o escritório dos Irmãos Roberto e também mantém uma sociedade com Marcelo Fragelli, até a mudança deste arquiteto para São Paulo na década de 1960⁴. Ainda na faculdade inicia as atividades profissionais na Construtora do arquiteto Ary da Cunha Rodrigues de Britto e permanece até 1965 como Diretor Técnico.

Porto conclui os estudos na FNA em 3 de janeiro de 1955, se casa com Gilda Ripper Nunes e mantém as atividades em tempo parcial na Construtora Ary C.R. de Britto. No outro turno inicia uma trajetória própria. Realiza parcerias pontuais com os arquitetos Ennio Passafini, Murillo Lagares Silva e José Ramos Lima em projetos realizados para construtoras em empreendimentos de habitação multifamiliar na zona sul e em Niterói. Cabe destacar os edifícios os edifícios: Saint-Malo (1957) em Ipanema, Saint-Etienne (1958) na orla no Leblon, Derby (1958) e Lagoa das Raízes (1962), junto a Lagoa Rodrigues de Freitas.

¹ PORTO, Severiano. **Curriculum Vitae**. Arquivo Pessoal, Rio de Janeiro: [s.n.], 2002. 4 v.

² BERNARDELLI, K. **História e Memória do Liceu Uberlândia: 1928 a 1942**. 2007. 174 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/14069/1/KCCABernardelliDIS01PRT.pdf>>. Acesso em 12 de julho de 2017.

³ LIMA, M. **Modernidade Híbrida na Arquitetura Brasileira: projetos e obras de Severiano Mario Porto Arquitetos**. 2017. 338 f. Tese (Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

⁴ Ibid, p.80.

O encontro profissional de Severiano Porto e Mario Emilio Ribeiro ocorre 11 anos após a formatura em razão das encomendas amazônicas. Se Porto está dedicado em construir uma trajetória empreendedora, própria e protagonista, Ribeiro se capacita em notáveis escritórios de arquitetura no desenvolvimento de projetos. Em 1964, Severiano Porto realiza a reforma da representação do Amazonas no Rio de Janeiro e a partir de 1965 surgem alguns estudos e projetos em Manaus. Severiano Porto convida Mario Emilio Ribeiro para colaborar nesses projetos, e juntos constroem um trajetória de sucesso.

Mario Emilio Ribeiro nasce em Porto Alegre em 8 de maio de 1930. Seus pais, José Ernesto Ribeiro e Estella Ribeiro,⁵ se mudam com os cinco filhos ainda pequenos ao Rio de Janeiro, e estabelecem moradia em Copacabana. Mario é torcedor do Flamengo e se dedica na adolescência aos esportes, assim como ao estudo das artes. Ingressa na FNA em 1950 e se forma na mesma turma de Severiano Porto. Estagia com arquiteto dinamarquês Poul Kristian Nielsen⁶ e inicia a imersão no desenvolvimento de detalhes construtivos. Após formado trabalha por um ano no escritório de Sergio Bernardes. Em 1960, Mario começa as atividades profissionais no escritório Henrique Mindlin, Giancarlo Palanti e Arquitetos Associados, participa de projetos de bancos e hotéis e aprimora sua capacidade projetual e gerencial. Em 1963 se casa com Anna Margarida Vasques com quem tem os filhos Antônio Luis, João Luis e Pedro Luis⁷.

Ainda que o Brasil marche rumo a tempos difíceis, Arthur Cézar Ferreira Reis (1906/1993) promove uma renovação cultural no Amazonas entre 1964 e 1967. Formado em Direito no Rio de Janeiro e autor de diversos livros sobre a História da Amazônia, é vizinho e amigo de Mário Porto, pai de Severiano, nos anos em que mora na capital federal. Em 1967, a implantação da Zona Franca de Manaus movimentava a economia na Região Norte. A necessidade de novos profissionais com formação específica e os planos traçados pelo militares para a ocupação da Amazônia abrem boas perspectivas profissionais em Manaus.

Para relatar a trajetória de Severiano Mario Porto na busca por uma arquitetura no Amazonas é proposta uma divisão em 5 períodos: **afirmação, consolidação, consagração, retração e aposentadoria.**

⁵ VECCHIETTI, Luciana. **Depoimento.** Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 15 de julho de 2017.

⁶ LIMA, M. **Modernidade Híbrida na Arquitetura Brasileira: projetos e obras de Severiano Mario Porto Arquitetos.** 2017. 338 f. Tese (Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017, p.112.

⁷ VECCHIETTI, Luciana. **Depoimento.** Entrevista por Marcos Cereto. **Arquivo pessoal**, Rio de Janeiro, 15 de julho de 2017.

O **período da afirmação (1955-1964)** é marcado pelo início da trajetória profissional até a realização do projeto para a representação do Estado do Amazonas na cidade do Rio de Janeiro. Essa fase é marcada por trabalhos realizados na região sudeste, como empregado da Construtora Ary C.R. de Britto, de forma autônoma ou associada a outros arquitetos⁸. A sua atuação como arquiteto carioca é marcada por empreendimentos imobiliários na Zona Sul da capital carioca, com a realização de projetos para edifícios na região de Copacabana, Lagoa Rodrigues de Freitas e Leblon. Realiza também alguns edifícios em Niterói/RJ, projetos de casas para a região serrana fluminense, assim como uma escola em Minas Gerais. Considerando o Anexo 01: "Relação de Projetos Desenvolvidos", compilado do material disponível no Acervo Severiano Porto no NPD-FAU/UFRJ, nessa fase o arquiteto realiza 13 projetos em 02 Estados com destaque ao Edifício Saint-Malo, Edifício Lagoa das Raízes e Edifício Saint-Etienne.

O **período da consolidação (1965-1978)** é marcado pelo início da imersão na Amazônia até a consagração na Premiação do IAB em 1978, com as Residências Schuster e João Luiz Osório. Essa fase marca o reencontro com o colega Mario Emilio Ribeiro. A partir de 1965, os dois arquitetos mantêm uma associação informal e trabalham de forma conjunta em demandas institucionais e prospectivas na capital amazonense, a partir do projeto realizado para a representação do Estado na capital fluminense. Arthur Reis convida Porto para realizar alguns projetos no Amazonas. Porto ainda permanece radicado no Rio de Janeiro e executa missões temporárias a Manaus para a apresentação e discussões sobre os projetos. Mario Emilio se mantém na capital fluminense. Os primeiros projetos amazônicos - o Estádio Vivaldo Lima (1965/1971), a Assembleia Legislativa do Amazonas (1965), as Escolas pré-fabricadas (1965) e a Secretaria de Produção (1965/1967) são apostas em um possível eldorado amazônico. Em 1965, na III Premiação Anual do Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento da Guanabara (IAB/GB), o estádio recebe uma menção honrosa na categoria "B-6" e impulsiona a construção pelo Estado do Amazonas. O início da sua construção é determinante para a mudança de Porto a Manaus. Em 1967, o arquiteto contrói a Residência Recife 1762 (1966/1967) para a sua moradia temporária. Nesse mesmo ano é concedida a premiação do IAB/GB ao Restaurante Chapéu de Palha (1967/1968) na categoria "Edifício para fins recreativos".

Além da atuação na captação de projetos e condução de obras, Severiano Porto contribui com a construção do novo ciclo econômico no Amazonas. Ele integra o Conselho Estadual de Cultura do Amazonas como membro e o Grupo Técnico de Assessoramento e Coordenação dos Programas Setoriais do Plano Quinquenal do Governo do Estado do

⁸ Destaca-se a parceria com o arquiteto Ennio Passafini, até a sua mudança para Campinas/SP.

Amazonas (1968/1972), realizado pela Comissão do Desenvolvimento Econômico do Estado do Amazonas - CODEAMA⁹. Severiano Porto passa a ter uma participação ativa na sociedade amazonense.

Com o início da construção do estádio e de outros projetos em andamento, é o momento da mudança administrativa para Manaus. Se antes as perspectivas profissionais são apostas, elas se tornam concretas com a implantação da Zona Franca de Manaus e exigem a formalização de uma estrutura empresarial para o atendimento das novas demandas em uma cidade provinciana com aspirações industriais. Em 1968 é criada a Firma Severiano Mario Porto Arquitetos Associados (SMPAA), com sede em Manaus e filial no Rio de Janeiro. Manter a sede do escritório em Manaus e a filial no Rio de Janeiro é um posicionamento estratégico. A empresa está sediada na Rua Ramos Ferreira, 1203 em Manaus e a filial, no icônico edifício Marquês do Herval, realizado pelo escritório MMM Roberto, nas salas 2109 e 2110. Diante da falta de profissionais na região, a formalização da sociedade com Mario Emilio Ribeiro é fundamental para o desenvolvimento dos projetos no Rio de Janeiro.

No início dos anos 1970, a implantação das primeiras indústrias no Distrito Industrial gera um impulso significativo na realização das obras do escritório. Mario Emilio convida Roberto Thompson Motta para serem vizinhos no edifício Marquês do Herval. Thompson é casado com Anna Maria Motta e amiga de Gilda Porto dos tempos do montanhismo. A amizade entre os colegas da FNA resulta em uma relação próxima e familiar. O escritório de Thompson se destaca como parceiro técnico dos importantes escritórios de arquitetura cariocas na elaboração de projetos complementares. A especialidade no tratamento acústico e lumínico garantem uma abrangência nacional com importantes obras em várias cidades brasileiras. Além disso, a partir do início dos anos 1970, Thompson é professor das disciplinas Física Aplicada, Instalações Elétricas e Acústica na UFRJ. Se aposenta em 1990 como Professor Emérito na Universidade.

Thompson será fundamental para um aprofundamento técnico e científico no escritório SMPAA. A sua experiência nos anos em que trabalhou na Construtora Pires & Santos - dos professores Paulo Santos e Paulo Pires, são fundamentais para o aprimoramento de suas habilidades técnicas na compatibilização de projetos.¹⁰ Ricardo Menescal, outro amigo dos tempos de montanhismo, é outro colega que fixa escritório no edifício Marquês do Herval. Todos esses egressos da FNA se reúnem com determinada frequência com os colegas do escritório Henrique

⁹ PORTO, Severiano. **Curriculum Vitae**. Arquivo Pessoal, Rio de Janeiro: [s.n.], 2002. 4 v.

¹⁰ MOTTA, Roberto. **Depoimento com Anna Maria Thompson**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Rio de Janeiro, 15 de julho de 2016.

Mindlin, localizado no outro lado da Avenida Rio Branco, no edifício Avenida Central¹¹. Esse ambiente sadio é propício para a consolidação de um trabalho emergente do escritório SMPAA e fundamental para a divulgação das suas obras realizadas em Manaus. Menescal é um importante aliado na divulgação das obras realizadas nas revistas de arquitetura.

Em paralelo ao ambiente da filial carioca, em fevereiro de 1968 Severiano Porto recebe o diploma de "Amigo da Zona Franca de Manaus" pela contribuição ao desenvolvimento do Estado do Amazonas. Em setembro de 1969 é agraciado com a "Medalha Tiradentes" da Polícia Militar do Amazonas, conferida pelos relevantes serviços prestados à corporação. É palestrante no 1º Encontro de Turismo da Amazônia, realizado em novembro de 1971 em Manaus. A construção da Residência Recife 1435 (1971/1971) é uma marco da sua permanência em Manaus. A obra é destacada em 1971 na IX Premiação Anual do IAB/GB com o "Prêmio Marcello Roberto" na categoria "Habitação Unifamiliar" e publicada em revistas nacionais e de outros países.

Em 1972, os Reservatórios elevados da Companhia de Abastecimento de Água de Manaus - COSAMA são premiados na categoria "Edifício para fins de abastecimento" na X Premiação Anual do IAB/GB. Nesse mesmo ano, Porto participa do 1º Encontro Nacional da Construção no Parque Anhembi em São Paulo e inicia as atividades como professor da disciplina "Arquitetura e Urbanismo", no curso de Engenharia Civil na Faculdade de Tecnologia, na então Universidade do Amazonas. Em 1973 o escritório SMPAA se une com outras 22 empresas¹² para a criação da Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura (AsBEA)¹³, e em dezembro, Severiano Porto recebe o "Título de Cidadão Benemérito do Amazonas" na Assembleia Legislativa do Amazonas. Ao longo de toda a sua trajetória, Severiano Porto considera essa a sua maior premiação¹⁴. A partir de então se autodenomina como "arquiteto

¹¹ VASQUES, Pedro. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2017.

¹² Flávio Marinho Rego & Luiz Paulo Conde Arquitetos, M. Roberto Arquitetos S/A, Pontual Associados Arquitetos Ltda, Wit Olaf Prochnik Arquitetura e Planejamento, H.J. Cole Associados S/A Planejamento Empreendimentos, Henrique Mindlin Associados, Botti Rubin Arquitetos S/C Ltda, Maurício Tuck Schneider Arquiteto S/C Ltda, Jorge Wilhelm Arquitetos Associados Ltda, Escritório Técnico Júlio Neves S/C Ltda, Croce, Aflalo & Gasperini Arquitetos Ltda, Rino Levi Arquitetos Associados Ltda, Ícaro de Castro Mello Arquitetos Associados, Bonilha & Sancovski Arquitetos S/C Ltda, Arquiteto Joaquim Guedes e Associados, Rosa Grena Kliass Paisagismo, Planejamento e Projetos Ltda, Arquiteto Roger Zmekhol e Associados S/C Ltda, Jorge Zalsupin Arquitetura e Construções Ltda, R.M. Arquitetos Ltda, E.A. Equipe Arquitetos S/C Ltda, Pluric Escritório Pluricurricular de Projetos e Severiano Mário Porto Arquitetos Associados. Ver em: ATA da Assembléia Geral de Constituição da Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura. Rio de Janeiro, 18 de junho de 1973. Disponível em: <<http://www.gemarq.org.br/upload/ASBEA-ATA.pdf>>. Acesso em: 15 de setembro de 2019.

¹³ Nomeada inicialmente com ABEA e posteriormente modificada, em razão da outra entidade de classe dos arquitetos.

¹⁴ ABRIGO natural - Severiano Porto por José Wolff. **AU**, Editora PINI, São Paulo, n.81, dezembro de 1998. Disponível em <<http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/81/abrigo-natural-23971-1.aspx>> Acesso em: 17 de janeiro de 2019.

amazonense". Em 1974 o edifício-sede da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) recebe o 1º Prêmio na categoria "Edifícios Públicos" na XII Premiação Anual do IAB/GB.

A sua atividade docente também é destacada. Ele recebe a homenagem de "Honra ao Mérito" da turma de formandos em 1972 e é Patrono das turmas de 1976 a 1978. Severiano representa o Estado do Amazonas na "III Conferência Nacional das Classes Produtoras", realizada em março de 1972 no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro. É o Delegado Regional do IAB no Amazonas entre 1972 e 1976. Em 1975 é membro titular do IAB no XII Congresso Mundial da União Internacional de Arquitetos em Madri. A sua atuação destacada no cenário local e internacional determina a sua indicação, pelo Ministro Henock Reis, para ser o prefeito de Manaus pela ARENA. Severiano Porto recusa o convite em razão de "não poder se afastar dos seus afazeres"¹⁵.

Em 1976 realiza o projeto de uma cruz em acariquara com 18,00 m de altura que é colocada no altar montado no Estádio Vivaldo Lima para celebrar a missa campal no "IX Congresso Eucarístico Nacional". A cruz é marcante do ponto de vista simbólico aos católicos que se mobilizam para que ela não fosse desmontada. Ela é transferida e instalada no pátio do Santuário Nossa Senhora de Fátima e permanece como uma lembrança daquele evento¹⁶. Ainda em dezembro desse ano, o arquiteto participa do evento "Ciclo de estudos Amazônicos" e apresenta a conferência "Arquitetura na Amazônia"¹⁷ na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Participa da fundação do Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento do Amazonas (IAB/AM) e se torna o primeiro presidente entre 1977 e 1980¹⁸. É um dos fundadores do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA-AM-RR) em 1976 e Conselheiro estadual do CREA-AM-RR entre 1976 a 1979.

Em 1978, na XVI Premiação Anual do IAB/RJ, duas residências são destacadas na categoria "B.1 - Habitação Unifamiliar". A Residência Robert Schuster é a premiada enquanto a Residência Dr. João Luiz Osório recebe a menção honrosa. Essas obras colocam o escritório em posição de destaque no cenário nacional e marcam uma consagração na trajetória profissional. Entre 1965 e 1978 são realizados 156 projetos em 07 Estados e Severiano

¹⁵ BANEGA, A. Leitura Obrigatória. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.6, 04 de março de 1975. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.

¹⁶ DESTINO da cruz do congresso. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.4,11 de junho de 1975.. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 11 de agosto de 2020.

¹⁷ PORTO, S. Arquitetura na Amazônia. In: DOYLE, P. (org.). Anais da Biblioteca Nacional. Vol. 101. **Ciclo de Estudos Amazônicos** (1976). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional / Divisão de Publicações e Divulgação, p. 216-224, 1981, p. 216-224.

¹⁸ MOITA, Roberto. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Manaus, 10 de novembro de 2015.

Porto é conferencista em uma oportunidade. Destacam-se além das obras premiadas a Companhia Telefônica do Amazonas - CAMTEL (1965/1968), a Igreja Nossa Senhora do Cavaco na Colônia Agrícola em Rio Preto da Eva (1967/1968), a sede da PORTOBRÁS (1969/1975), a Agência Manaus do BASA (1974/1979), e a Escola de Música do SESI da Barra do Ceará (1977/1980).

O **período de consagração (1979/1987)** é marcado pelo início da circulação da produção realizada pelo escritório a âmbito internacional na construção de uma diversidade da arquitetura moderna brasileira. Seja em exposições ou nos periódicos nacionais como *Veja*, *Projeto*, *Módulo* ou *AU* e internacionais como *Summa*, *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, *Domus* entre outros. Severiano Porto é convidado para a realização de palestras e conferências com ênfase na produção arquitetônica do escritório SMPAA e se torna um mito para a crítica internacional. No âmbito local, ele permanece com uma atuação protagonista, mas as palestras e conferências são direcionadas às reflexões urbanísticas e ambientais, com o foco para uma adequada expansão da cidade de Manaus.

Em 1979 realiza as palestras: "Problemas Urbanos e habitacionais da cidade de Manaus" no 1º Ciclo de Palestras e Debates promovido pelo CREA AM/RR; "Ecologia, Habitação e Desenvolvimento Urbano" na Escola Técnica do Amazonas; e "Arquitetura Contemporânea" no 1º Seminário de Engenharia do Amazonas, promovido pelo Centro Cultural de Tecnologia em Manaus.

É Patrono das turmas de 1979 a 1980 do curso de Engenharia Civil da Universidade do Amazonas. Em 1980 apresenta a palestra "Manaus - Problemática do crescimento urbano" na Semana do Meio Ambiente na Universidade do Amazonas. É eleito Conselheiro Federal do Amazonas no Conselho de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CONFEA) de 1980 a 1983. Em 1981 apresenta as conferências: "Aspectos urbanísticos de Manaus após a Zona Franca" no Instituto de Medicina Tropical de Manaus; "Problemas Ecológicos da Cidade de Manaus" em comemoração ao Dia do Meio Ambiente na Universidade do Amazonas; "Defender a Amazônia: Defender o Ambiente" no II Seminário de Defesa da Amazônia em Manaus; "Problemas Ecológicos da cidade de Manaus" na Universidade do Amazonas; e "O Desenvolvimento Urbano de Manaus" na XXXVII Semana Oficial de Engenharia, Arquitetura e Agronomia realizada em Manaus.

Em 1982 Jorge Glusberg organiza a exposição itinerante "Horizonte'82 - Architecture in Latin America" que circula em Berlim, Roma e Madri. O escritório SMPAA participa com as obras Residência Recife 1435 (1971/1971) e a sede

da SUFRAMA (1971/1974). Nesse mesmo ano recebe mais um prêmio, na categoria "obra construída" com a Pousada da Ilha de Silves (1978/1984) na XX Premiação Anual do IAB/RJ. Ainda escreve o artigo "Arquitetura Tropical" para a Módulo n.70. Em outubro, Severiano Porto discursa com "Amazônia: Arquitetura e Urbanismo - uma questão de comportamento" no Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal em Manaus; e os formandos de Engenharia Civil da Universidade do Amazonas o homenageiam com o seu nome nas turmas em 1982 e 1983. Em 1983 participa da exposição "Arquitetura Brasileira Atual" organizada por Vicente Wissenbach no *Centro de Arte y Comunicación* (CAYC) em Buenos Aires com as obras Residência Recife 1435, sede da SUFRAMA e Pousada da Ilha de Silves. Porto recebe a medalha do "Mérito Desportivo" pelo Governo do Estado do Amazonas pelos relevantes serviços prestados à sociedade esportiva. Participa do VII Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura (ENEA), realizado em Brasília, com a palestra "Arquitetura na Realidade Brasileira; Alternativas Tecnológicas".

Em 1984, Severiano Porto e Mario Emilio Ribeiro integram a exposição "Arquitetura Argentina, Arquitetura Brasileira" no Instituto Cultural Brasil - Argentina no Rio de Janeiro. A exposição é a mesma realizada no ano anterior no CAYC. Porto é paraninfo da turma de Engenharia Civil da Universidade do Amazonas e realiza as palestras: "Padrões de Qualidade de vida" no Seminário "Desenvolvimento, Pesquisa e Tecnologia do Estado do Amazonas" em Manaus; "Expansão Urbanística em Manaus" na Semana do Técnico em Edificações da Escola Técnica Federal do Amazonas; "Arquitetura de Morar" no Seminário "As Artes Visuais no Amazonas" promovida pela FUNARTE em Manaus; e "Espaço cultural como fator de Preservação da Identidade Regional" no XXV Congresso Mundial da Sociedade Internacional de Educação através da Arte no Rio de Janeiro. Em agosto participa da exposição "Mostra Brasileira de Arquitetura Bancária" promovida pela Revista Projeto em São Paulo e em novembro da exposição "Tradição e Ruptura" na Fundação Bienal de São Paulo.

Em maio 1985, o arquiteto Severiano Porto recebe a primeira premiação internacional na *Bienal de Arquitectura de Buenos Aires* (BA-85). A Pousada da Ilha de Silves impressiona pela sua qualidade arquitetônica. O jurado internacional é composto por integrantes de dez países: África do Sul (Hans Hallen), Argentina (Berardo Dujovne, Clorindo Testa, Jorge Glusberg, Osvaldo Giesso, Tomás Dagnino), Brasil (Vicente Wissenbach), Bulgária (Georgi Stoilov), Colômbia (Rogelio Salmona), Espanha (Oriol Bohigas), França (Henri Ciriani e Jean Nouvel), Japão (Kiyonori Kikutake e Kisho Kurokawa), Malta (Richard England) e Suíça (Justus Dahinden). Esse reconhecimento possibilita a Severiano Porto uma visibilidade internacional mais ampla e o coloca com grande destaque na crítica internacional.

Em junho de 1985 participa do júri do "Concurso Nacional de Anteprojetos para o Centro de Cultura e Lazer de Nova Iguaçu" no Rio de Janeiro. O projeto vencedor é de autoria de Hector Vigliecca e Bruno Padovano. Em agosto é convidado pelo arquiteto Bruno Stagno e participa da "Exposição de trabalhos no *Colégio de Arquitectos de Costa Rica*" e profere uma conferência sobre a obra do escritório. Em setembro recebe o título de "Especialista Nível Superior" do Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico à Educação (CEDATE/MEC) e em outubro participa do Seminário "Avaliação da morfologia urbanística do campus brasileiro" promovido pelo CEDATE/MEC em Brasília. Nesse mesmo mês participa do II Encontro Regional de Tropicologia com a palestra "Arquitetura e regionalidade" na Fundação Joaquim Nabuco em Manaus¹⁹. Ainda em outubro de 1985, Severiano Porto é condecorado como "*International Honorary Citizen*", conferido pelo Governador do Estado da Louisiana Edwin Edwards em Nova Orleans. Nessa ocasião apresenta a conferência "*Vernacular Architecture: The Environment and its Architectural Response*" em evento organizado pelo *American Institute of Architects* (AIA). Em novembro de 1985 integra o júri do 3º Prêmio Brasil de Arquitetura realizado em São Paulo.

Em abril de 1986 é professor do módulo "Arquitetura nos Trópicos - Processo Produtivo" no curso de especialização "Arquitetura nos Trópicos" na Universidade Federal do Pará. Em agosto, ele retorna ao II SAL em Buenos Aires e é um dos conferencistas. Nesse mesmo ano, os formados em arquitetura na Universidade Gama Filho no Rio de Janeiro concedem o nome de Severiano Porto a sua turma. Na XXIV Premiação Anual do IAB/RJ, arquitetos cariocas sugerem Mario Emilio Ribeiro para a categoria "Personalidade do Ano". O IAB aceita. Aveso a personalismos e badalações sociais, o arquiteto gaúcho articula com Severiano Porto para que ele convencesse os representantes do Instituto a concederem essa homenagem aos dois sócios do escritório SMPAA²⁰. O IAB concorda e Severiano comparece e recebe a premiação enquanto Mario não participa. Isso causa algum descontentamento entre os arquitetos da filial carioca em razão da exaltação a um único personagem²¹ e pela falta de um maior reconhecimento em abrangência nacional ao arquiteto Mario Emilio Ribeiro, como corresponsável pelo desenvolvimento dos projetos.

Em setembro de 1987, Porto realiza a conferência no "*Congresso Nacional y Latino-americano de Vivenda para las personas sin hogar*" na cidade Carlos Paz, em Córdoba na Argentina. Em outubro, a exposição "Arquitetos

¹⁹ MEIRA, Silvio. Brasil, formação tropical. *Jornal do Commercio do AM*, Manaus, p.?, 03 de outubro de 1985. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

²⁰ VASQUES, Pedro. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2017.

²¹ DANTAS, Roberto. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2017.

Brasileiros" apresenta uma panorama com 31 arquitetos na *Galerie d'Actualité* no *Institut Francais d'Architecture*²² em Paris. O painel do escritório na exposição apresenta as obras Residência Recife 1435 e Pousada na ilha de Silves, setor norte do campus da Universidade (1980/1986)²³. Em novembro é conferencista do evento "*El arquitecto iberoamericano y su obra*" organizado pela *Dirección General de Arquitectura y Vivienda de la Consejería de obras públicas y Transportes*, em Sevilla na Espanha.

Em dezembro de 1987, na XXV Premiação Anual do IAB/RJ, Severiano Porto é agraciado pelos projetos do Centro de Proteção Ambiental de Balbina (1985/1988) e o setor norte do campus da Universidade do Amazonas na categoria "Espaço de Interação Social" e recebe também uma menção honrosa pelo conjunto das obras inscritas. Na vanguarda, Carlos Eduardo Comas recebe uma menção honrosa com o artigo "Protótipo e Monumento, um Ministério, o Ministério" e na categoria "Pesquisa, ensaio e crítica" a obra "Le Corbusier e o Brasil" de Cecília Rodrigues dos Santos, Margareth Campos da Silva Pereira, Romão Veriano da Silva Pereira e Vasco Caldeira da Silva é a escolhida. A revalorização da arquitetura moderna brasileira como tradição está em marcha.

Nesse período, Severiano Porto desenvolve 66 projetos em 06 Estados, participa de 08 exposições e apresenta 16 palestras ou conferências. Destacam-se além das obras premiadas as Centrais Telefônicas da TELEAMAZON - projeto padrão (1983/1984) implantadas em diversas cidades no interior do Amazonas, a sede da Assembleia Legislativa de Rondônia (1983), e a Central Telefônica da TELEMAR em Campo Grande (1984/1988).

O **período da retração (1988/2002)** é determinado pela redução das demandas projetuais no Amazonas em razão de fatores como: o aumento da migração de arquitetos para a região; a crise provocada com abertura da economia brasileira no Governo do Presidente Fernando Collor (1990/1992) com a insegurança jurídica sobre a continuidade da Zona Franca; e o início da formação em arquitetura em Manaus. A crise econômica que avassala a arquitetura brasileira na década de 1980 chega ao Amazonas somente nos anos 1990 e impactam as demandas profissionais. Em 1988, os formandos do curso de Engenharia Civil da Universidade do Amazonas condecoram o professor Severiano Porto novamente com o nome da turma. Nesse mesmo ano, o arquiteto é nomeado como Secretário Municipal pelo então Prefeito de Manaus, Arthur Virgílio Neto, em uma secretaria extraordinária

²² CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO. **Arquitetos Brasileiros**. São Paulo: Editora Pini, 1987.

²³ ACERVO SEVERIANO PORTO. **Arquivo Privado**. Rio de Janeiro: [S.l.: s.n.], [200-].

denominada "Manaus do Futuro"²⁴. Em junho recebe uma placa de reconhecimento do 2º Grupamento de Engenharia de Construção do Comando Militar da Amazônia (CMA). Em novembro realiza uma palestra em um simpósio programado para a abertura da exposição "Arquitetos Brasileiros" em Frankfurt na antiga Alemanha Ocidental.

Em maio de 1989 retorna a Belém para ministrar o módulo "Arquitetura nos Trópicos - Processo Produtivo" no curso de especialização "Arquitetura nos Trópicos" na Universidade Federal do Pará. Em agosto realiza uma conferência na "VII Bienal de Arquitectura 1989" e participa do "Foro Final: Regionalismo y Modernidad en Chile" organizado pelo *Colégio de Arquitectos de Chile*. Em setembro é conferencista no "Segundo Coloquio Diseño y Madera" organizado pela *Univesidad del Valle* em Cali na Colômbia e participa com Mario Emilio da "Muestra Internacional de la Bienal de Arquitectura de Buenos Aires - BA-89" no CAYC. Em novembro, Severiano Porto participa da elaboração do Anteprojeto da Lei Orgânica do Município de Manaus.

O final da década marca a formalização do encerramento da sociedade do escritório SMPAA. Em novembro de 1989 os arquitetos encerram a sociedade em razão da redução da demanda profissional, e também, pela disponibilidade de profissionais em Manaus. A sociedade dura duas décadas, mas a parceria entre os dois arquitetos permanece com a realização de alguns projetos.

O escritório SMPAA perece, mas o protagonismo de Severiano Porto como arquiteto latino-americano e da Amazônia permanece em evidência. Em março de 1990, ele realiza conferências nas cidades de Trondheim, Bergen e Oslo na Noruega a convite de *Trondheim Architect Association, Trondhjems Arkitektforening e Bergen Arkitekt Skole*. Em abril é conferencista no evento "La casa, la vivienda" organizado pela *Universidad de Los Andes* em Bogotá na Colômbia. Em julho é professor do Mini-Curso "Arquitetura, Cultura e Técnica (Arquitetura nos Trópicos - Manaus)" no 22º Festival de Inverno da UFMG em Belo Horizonte. Em agosto é convidado pelos arquitetos Alicia Calsina, Juan Roca e Raul Jorge para o *1º Congreso Iberoamericano de Arquitectura Regional*, e apresenta a conferência "Arquitectura amazónica" realizado na cidade de Jujuy na Argentina.

Em março de 1991 é professor de "Urbanismo e Poluição I" no curso de Especialização em Direito Ambiental do Programa de Centro de Ciência do Ambiente da Universidade do Amazonas. Em junho apresenta a conferência

²⁴ A MANAUS do Futuro preocupa os secretários. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.5, 08 de janeiro de 1989. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 11 de agosto de 2020.

"*Amazônia - Architecture and environment*" no "*The Third Belgrade Triennial of World Architecture*", em Belgrado na antiga Iugoslávia. Em agosto apresenta a conferência "*Obra Própria*" no evento "*Arquitectura de Autor en Latinoamérica*", organizado pela *Dirección General de Arquitectura y Vivienda de la Junta de Andalucía*, em Sevilla na Espanha.

Em 1992, o arquiteto apresenta uma palestra sobre os problemas ambientais de Manaus no "Fórum Global"²⁵, evento paralelo à II Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento - a "ECO-92". Nesse mesmo ano, a formação em arquitetura inicia em Manaus com a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Diante dessa circunstância, o IAB/AM promove a discussão e a construção do projeto pedagógico para o curso de Arquitetura da Universidade do Amazonas. As reuniões para a organização do projeto pedagógico do novo curso acontecem na Residência Recife 1435 com a participação dos arquitetos Almir de Oliveira, Ana Lucia Abraham, José Carlos Bonetti, Roberto Moita e Roger Abraham.²⁶ O projeto é concluído, entregue à Universidade, mas engavetado. O curso de arquitetura é iniciado somente em 2010, com outra proposta pedagógica.

Em abril de 1993 é conferencista no "*Ciclo de Conferencias Magistrales*" no "*6º SAL*" realizado em Caracas na Venezuela. Em 1994 é paraninfo dos formandos de Engenharia Civil na Universidade do Amazonas. Em abril de 1995 participa novamente no curso de Especialização em Direito Ambiental com "Urbanismo e Poluição I" e recebe o título de "Cavaleiro de todas as madrugadas do universo" do Clube da Madrugada pela sua contribuição a arquitetura no Amazonas. Em junho de 1995 é um dos Congressistas do V Congresso Brasileiro de Engenharia e Arquitetura Hospitalar, realizado em São Paulo. Em setembro é conferencista do "*XVI Conferencia Latino-americana de Escuelas y facultades de Arquitectura - XVI CLEFA*", em Montevideo no Uruguai. Em 1997 recebe a "Medalha Amigo da Marinha", conferida pelo Comando Naval da Amazônia e a "Medalha do Mérito do Sistema CONFEA/CREA". Em novembro é conferencista no "*XIII Encontro Latinoamericano de Estudiantes de Arquitectura*" na *Universidad Autónoma de Aguascalientes* no México.

Em outubro de 1998 é convidado pelo Decano da *Facultad de Arquitectura y Urbanismo* da *Universidad Privada de Santa Cruz de La Sierra*, o arquiteto Víctor Hugo Limpas Ortiz para um seminário que se dedica a obra e o pensamento de Severiano Porto. Nesse "*VII Seminario Internacional de Arquitectura - SIA'98*", Porto também é

²⁵ ARTUR Neto critica postura de George Bush. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, p.6, 10 de junho de 1992. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 07 de agosto de 2020.

²⁶ MOITA, Roberto. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 10 de novembro de 2015.

conferencista, em Santa Cruz de La Sierra na Bolívia. Em novembro participa do júri do "Concurso público de Estudos Preliminares de Arquitetura para a Terceira Ponte do Lago Sul" em Brasília. Nesse ano também finaliza as suas atividades acadêmicas na Universidade do Amazonas. Em fevereiro de 1999 ministra a aula inaugural da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. Em Goiânia, os formandos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Goiás atribuem o nome "Turma Severiano Porto" como uma homenagem ao arquiteto, e ainda nesse mesmo ano, se graduam os primeiros arquitetos formados no Amazonas pela ULBRA. Em novembro de 1999 recebe o "Prêmio Arquiteto Lucio Costa" pela Universidade Federal da Paraíba. Em julho de 2000 participa do júri do "Concurso Santiago, 2000 / Gasômetro" no Rio de Janeiro, e em setembro é conferencista no 16º Congresso Brasileiro de Arquitetos, realizado em Cuiabá. Em fevereiro de 2001 participa como palestrante na aula da saudade da "Turma Ruy Ohtake" no curso de arquitetura e urbanismo da ULBRA.

Em 2002 Severiano Porto finaliza as suas atividades na Amazônia. Vende a Residência Recife 1435 e volta a residir em Niterói no Rio de Janeiro. Porto retorna ao escritório no edifício Marques do Herval com o Mario Emilio Ribeiro, mas as demandas profissionais condicionam o seu encerramento no ano seguinte. São 37 anos de atuação que marcam a sua vida e arquitetura no Estado do Amazonas. No período da retração o escritório realiza 48 projetos em 03 Estados, participa de 02 exposições e apresenta 21 palestras ou conferências. Se destacam as reformas das obras: Estádio Vivaldo Lima (1994/1995); Central Telefônica da TELEAMAZON (1994/1996); e sede da SUFRAMA (1994/1998). Além dessas reformas, se destaca a Aldeia SOS do Amazonas (1993/1997)²⁷.

O **período da aposentadoria (2003 ao presente)** é marcado pela concessão do título honorífico "Professor *Honoris Causa*" pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A trajetória amazônica, o reconhecimento internacional na década anterior e as premiações recebidas com as obras do escritório são personalizadas a um único personagem nessa homenagem, e por isso, o seu nome representa uma referência para as novas gerações de arquitetos. Inicia-se uma mitificação regional na Amazônia, resultado das pesquisas realizadas sobre a sua obra.

Nesse mesmo ano, a Residência Recife 1435 é demolida em Manaus. Em 2004 o arquiteto Severiano Porto recebe o Colar de Ouro do IAB. Essa é a sua última premiação recebida pelo IAB. Em 2005 o arquiteto visita Manaus para

²⁷ LIMA, M. K. L. I. R. de S. **O lugar da adequação em Severiano Porto: Aldeia SOS do Amazonas**. 2004. 216 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

receber uma homenagem da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (FIEAM). Entre 2006 e 2007²⁸, Severiano se torna professor visitante na UFRJ e ministra uma disciplina optativa na graduação. Ainda participa na UFRJ da pesquisa "Casas Brasileiras do Século XX" coordenada pela Professora Beatriz Santos de Oliveira com o redesenho e a construção de maquetes das Residências Recife 1435 e Robert Schuster (1977/1980). Essa pesquisa é exposta Mostra Especial da 7ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo em 2007²⁹.

Em 2010 o Estádio Vivaldo Lima é demolido em Manaus para a construção da Arena da Amazônia. Abílio Guerra é o curador da exposição "Arquitetura brasileira - viver na floresta", realizada de junho a agosto desse ano no Instituto Tomie Ohtake, e em abril de 2011, no Palácio das Artes em Belo Horizonte. São escolhidas para a exposição três obras do escritório: condomínio Praia da Lua (1979/1980), setor norte do campus da Universidade e o Centro de Proteção Ambiental de Balbina.

Em 2011 a arquiteta Paula Carneiro Porto, sua neta, o representa e recebe a Comenda de Professor Emérito pela Universidade Federal do Amazonas. Em 2013, a Assembleia Legislativa do Amazonas o condecora com a "Medalha Ruy Araújo". Em 2015, o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ/UFRJ realiza o seminário "Preservação Digital do patrimônio arquitetônico" e reúne Beatriz dos Santos Oliveira, Miriam Keiko Ito Rovo Lima, Monica Salgado, e Marcos Cereto. Esse seminário motiva a realização de ações para a preservação e documentação da obra de Severiano Porto. Em novembro a exposição "Construindo a Memória no Presente: 70 anos da FAU UFRJ" com a curadoria da professora Fabiola Zonno apresenta com destaque as duas casas da pesquisa "Casas Brasileiras no Século XX" projetadas pelo arquiteto.

Em paralelo a ciência, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo - CAU/AM cria uma comissão extraordinária com conselheiros estaduais e encaminha ao Deputado Estadual Bosco Saraiva uma relação com 29 obras atribuídas a Severiano Porto para o tombamento em âmbito estadual³⁰. O CAU/AM ignora a participação de Mario Emilio Ribeiro e do escritório SMPAA e qualifica a trajetória a uma personalidade. Dessas obras tombadas, quatro não são do arquiteto, e uma é tombada com o projeto da versão anterior ao que foi construído.

²⁸ OLIVEIRA, Beatriz. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 2015.

²⁹ **CATÁLOGO DA 7ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARQUITETURA DE SÃO PAULO**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2007, p.110 e 111.

³⁰ LEI Nº 4.950 de 04 DE OUTUBRO DE 2019. Disponível em <https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2019/10590/lei_4950.pdf> Acesso em 16 de julho de 2020.

Em 2016 iniciam os Seminários de Arquitetura Moderna na Amazônia (SAMA)³¹ com o objetivo inicial de homenagear as obras realizadas pelo escritório SMPAA em eventos anuais. Durante a visita técnica realizada com os participantes do seminário as ruínas do Centro de Proteção Ambiental de Balbina, se elabora a redação da "Carta Aberta do I SAMA"³² destinada as autoridades governamentais. Esse documento alerta sobre o descaso com o patrimônio arquitetônico e motiva uma ação do Ministério Público Federal (MPF) contra a Eletronorte - responsável pelo conservação do edifício. A interrupção do governo da Presidenta Dilma Rouseff em 2016 coloca a estatal como alvo da privatização e ação promovida pelo MPF segue em juízo.

Em 2016, Severiano Porto é indicado junto com o arquiteto Eduardo de Almeida como os arquitetos brasileiros para o "*Premio Iberoamericano*" pela Comissão Brasileira de Seleção para a *X Bienal Iberoamericana de Arquitectura y Urbanismo* (BIAU) realizada em São Paulo.

Em setembro de 2018 o Centro de Proteção Ambiental de Balbina é apresentado na exposição "Infinito Vão" com curadoria de Fernando Serapião e Guilherme Wisnik na *Casa da Arquitectura* em Matosinhos, Portugal. Em julho de 2019 as obras premiadas do escritório SMPAA são expostas como um tributo em "*L'Amazonie en construction: l'architecture des fleuves volants*"³³ com curadoria de Marcos Cereto. A exposição é comemorativa aos 60 anos da *Maison du Brésil* em Paris. Essa visibilidade resulta no convite ao curador para a indicação da obra ao "*Global Award for Sustainable Architecture 2020*" organizado pela *Cité de L'Architecture & du Patrimoine*". Severiano Porto é o premiado na edição de 2020, mas em razão da pandemia, a premiação será concedida somente em março de 2021.

A trajetória realizada pelo escritório SMPAA ao longo de quase 4 décadas, cabe destacar alguns arquitetos que trabalharam nos escritórios com Severiano Porto e Mario Emilio Ribeiro³⁴. No Rio de Janeiro: Ana Luiza Petrik

³¹ CERETO, Marcos. Amazônia moderna. A criação do Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia – SAMA. **Drops**, São Paulo, ano 16, n. 102.01, Vitruvius, mar. 2016 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/16.102/5951>>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

³² PARTICIPANTES DO EVENTO, I SAMA. Carta aberta do I Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia – SAMA. Pela proteção da obra do arquiteto Severiano Mario Porto. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 16, n. 188.02, Vitruvius, mar. 2016 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/16.188/5950>>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

³³ L'Amazonie en construction: l'Architecture des fleuves volants. **Communiqué de presse**. Paris: Maison du Brésil, Disponível em: <<http://www.maisondubresil.org/2019/07/du-19-juillet-au-3-aout-2019-expo-lamazonie-en-construction-larchitecture-des-fleuves-volants/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

³⁴ Nos anos 1970, a sociedade entre Severiano Porto e Mario Emilio Ribeiro conta com a participação do engenheiro Arnaldo Gomes da Costa e também do economista Álvaro Regis de Menezes.

Magalhães, Claudia Ferreira, Cristina Yoshimura, Dulce Daou, Eduardo Londres, Gracinda Algamis, Jayme Kotkovski, João Costa, Josélia Alves³⁵, Lauro Yoshimura, Luciana Vasques, Luiz Cesar Monken, Lygia Niemeyer, Murillo Lagares, Paulo Pires, Priscila Schol, Sergio Fagerlande, Mauro Almada, Nelson Saraiva³⁶, Roberto Dantas, Vicente Soares, Vicente Más Gonzalez, entre outros³⁷.

Em Manaus, a participação na sede do escritório conta com vários profissionais. Na parte administrativa trabalham Wanda Maia, Ruth de Moraes, Raimundo de Oliveira, João Trusman de Mendonça e Auleandro.³⁸ Os arquitetos Frederico Itajahy³⁹, Lauro Yoshimura, Murillo Lagares, Roberto Dantas e Vicente Más Gonzalez transitam nas duas cidades - na sede e na filial. Os desenhistas são André Siniscalque, Maria Francilene Farias de Brito, Jorge Maurício Teixeira Costa, Claudio Anezio, Andrea Moema, Jacob Habert, José Lourenço, Eliandro de Holanda, Vinícius Lopes, Ricardo Stimamiglio e Raimundo Filgueira.⁴⁰ As engenheiras Maria Tereza Guerreiro e Luizete Maia.⁴¹ Além desses, cabe destacar os então estudantes de arquitetura: Daniel Alfaia, Alfredo Vidal, Patrícia Garcia, Fabio Cabral, Romel Akel, João Limas Brito e Marcelo Borborema⁴².

No período da aposentadoria as obras pretéritas do escritório SMPAA passam a ser reconhecidas pelos arquitetos das novas gerações como obras do arquiteto Severiano Porto. A sua personalidade forte e presença em Manaus deixa de existir com o retorno ao Rio de Janeiro e abre espaço para muitas *estórias* e lendas, com sentenças e afirmações que nem sempre correspondem a realidade. Nesse período não há mais registro de projetos realizados, mas a obra permanece ativa com a participação em 06 exposições. A ação de projetar e construir realizada por Severiano Porto ao longo dessas décadas mostram que muito além de mitos e lendas, há a busca por uma arquitetura.⁴³

³⁵ ALVES, Josélia. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. Manaus, 16 de setembro de 2016.

³⁶ OLIVEIRA, Beatriz. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 2015.

³⁷ DANTAS, Roberto. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2017.

³⁸ ALFAIA, Daniel. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 02 de setembro de 2020.

³⁹ MOTTA, Roberto. **Depoimento com Anna Maria Motta**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Rio de Janeiro, 15 de julho de 2016.

⁴⁰ ALFAIA, Daniel. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Rio de Janeiro, 02 de setembro de 2020.

⁴¹ Ibid.

⁴² Ibid.

⁴³ As indicações destacadas do prólogo são de: PORTO, Severiano. **Curriculum Vitae**. Arquivo Pessoal, Rio de Janeiro: [s.n.], 2002. 4 v.

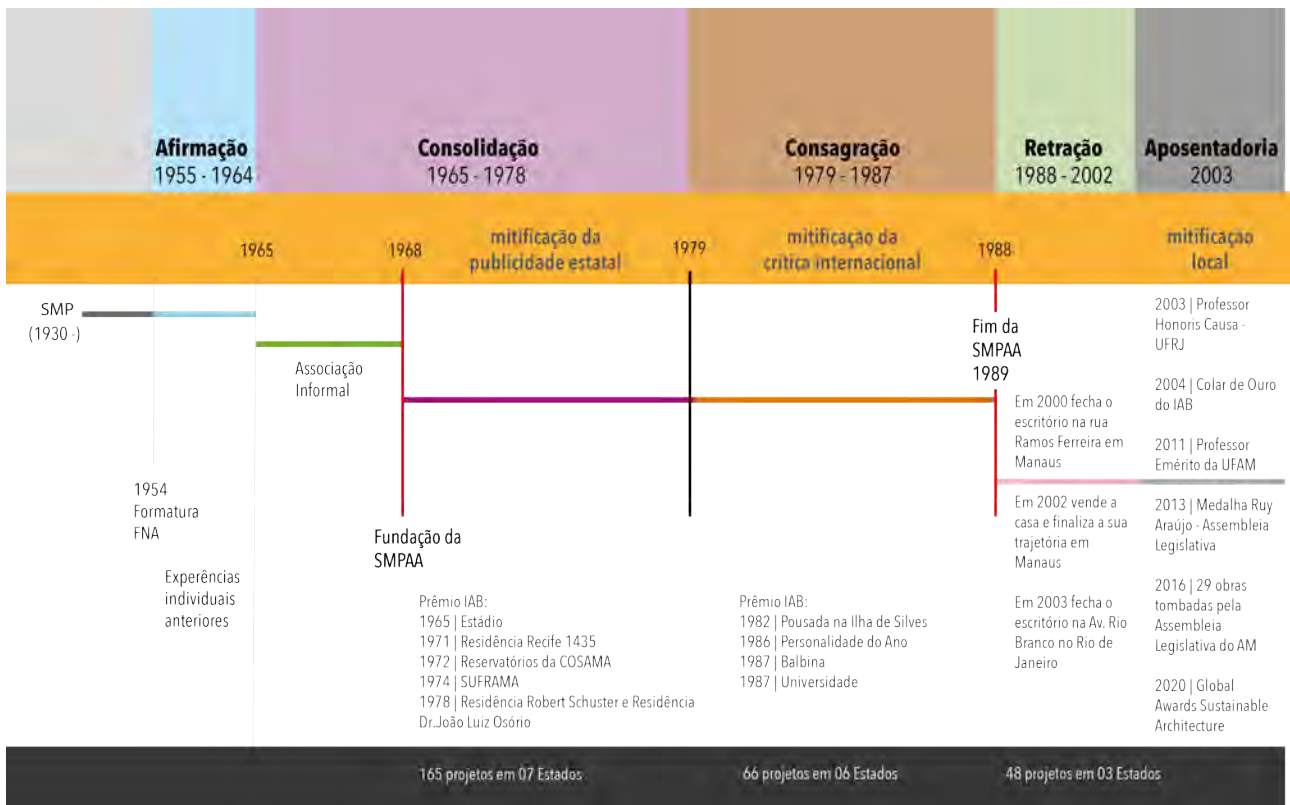


Figura 1 - Quadro síntese com períodos.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

02_ O REGISTRO DA VIVÊNCIA

Nunca fiz arquitetura para escrever livros, sempre vivi a arquitetura, intensamente, meu interesse por revistas e publicações é apenas o suficiente para conhecer, e , até, admirar outra experiências, mas não no sentido de configurar uma liderança a que eu tinha de me filiar. (PORTO, 1986 apud PENTEADO;ZEIN;YAMASHIRO,1986, p.49).

Severiano Mario Porto é o porta-voz e representante oficial do escritório SMPAA. Ao longo da trajetória profissional, não publica livros com um panorama de suas obras e nem há uma publicação com a fundamentação das ideias projetuais e construtivas. Por outro lado, os memoriais, as entrevistas e as conferências apresentam importantes informações que permitem a investigação científica. Ainda que o arquiteto se destaque em publicações nos anos 1980 é nessa década que os programas de pós-graduação em Arquitetura são implantados no Brasil e iniciam pesquisas que resultam em importantes biografias a partir da década seguinte. Os primeiros trabalhos acadêmicos sobre a obra de Severiano Porto ocorrem a partir do final da década de 1990.

Porto é provocado para a publicação¹ de um livro em meados da década de 1990. O arquiteto acredita que não é o momento. Uma parcela dos trabalhos do escritório são objeto em diversos periódicos, nacionais e internacionais, com textos descritivos, projetos, obras e entrevistas - da década de 1960 até a migração para as revistas eletrônicas. O papel das revistas de arquitetura no Brasil é fundamental na difusão da arquitetura brasileira, e especialmente para a obra de SMPAA.

O jornalista e editor da revista Projeto Vicente Wissenbach² afirma que o periódico chega a ter 25.000 assinantes entre os anos 1980 e 1990, além de correspondentes internacionais que possibilitam um intercâmbio de obras e arquitetos. Nesse momento, os periódicos têm uma papel decisivo na divulgação da arquitetura brasileira e Porto entende que os seus projetos já estão publicados.³ Porto em parte tem razão.

Partindo desse ponto de vista, a análise dos projetos dessa metalinguagem de Severiano Porto, o registro da vivência - é feita a partir do universo das publicações realizadas nos periódicos, seja com as obras, textos e entrevistas. Não são encontrados textos com autoria atribuída a Mario Emilio Ribeiro, mas se acredita que há contribuições, considerando a afinidade profissional e característica colaborativa entre ambos arquitetos. Em paralelo as publicações, são utilizados os documentos do Acervo Severiano Porto disponíveis no NPD/UFRJ. São

¹ SEGAWA, Hugo. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. São Paulo, 11 de dezembro de 2015.

² WISSENBACH, Vicente. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. São Paulo, 12 de dezembro de 2015.

³ PORTO, Severiano. **Depoimento**. Entrevista realizada por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

encontrados memoriais descritivos dos projetos, painéis das obras para as exposições, fotografias e diversos registros que permitem analisar com dados originais as informações para a fundamentação da tese.

Em relação aos memoriais descritivos são analisados especialmente os dos projetos publicados em periódicos especializados pela possibilidade de mensurar a recepção do discurso. Em geral, esses textos descrevem os projetos, e apresentam contribuições que permitem caracterizar um discurso arquitetônico. O universo das conferências e palestras permitem aprofundar as reflexões de Porto e cruzar as informações com os textos dos memoriais. As conferências são didáticas com apresentações das obras e registro das etapas construtivas. São analisadas pela transcrição de algumas dessas conferências e textos publicados em catálogos de exposições. As entrevistas concedidas por Severiano aos jornalistas e pesquisadores em diferentes momentos da trajetória profissional, acrescentam informações sobre os projetos realizados, as obras construídas e possíveis transformações na narrativa e na forma de pensar e conceber a arquitetura ao longo de quatro décadas.

O cruzamento dos memoriais, das conferências, das entrevistas e do acervo fotográfico do arquiteto ilumina as possibilidades de investigação. Dado aos diferentes gêneros narrativos – a partir do caráter técnico e sintético de um memorial descritivo de projetos, pelas conferências realizadas para diferentes públicos, nas fotografias documentais do processo construtivo, e nas entrevistas concedidas aos jornalistas, arquitetos e pesquisadores, opta-se por organizar suas falas na descrição dos projetos e nas reflexões sobre a arquitetura. A primeira, de natureza mais descritiva, tem em geral teor mais técnico e sintético. A segunda permite interpretações mais profundas sobre temas diversos, e particularmente, na arquitetura na Amazônia. Não há interesse nessa pesquisa em reflexões fora da Disciplina.



Figura 22 - Mosaico com fotos de capas de revistas com obras de Severiano Porto.
 Fonte: Montagem do autor, 2019.

O universo das publicações

No universo de obras publicadas, seja em periódicos dedicados a Disciplina e também nos de variedades, são identificados 54 projetos. Citam-se Edifício Saint Malo em Ipanema no Rio de Janeiro (1957/1958?), Escolas Pré-fabricadas para o interior do Amazonas (1965), Estádio Vivaldo Lima, CAMTEL (1965/1968), Sede da Assembleia Legislativa do Amazonas (1965), Anexo do Palácio Rio Negro (1965), Residência Recife 1762 -Cafundó(1966/1967), Restaurante Chapéu de Palha (1967/1968), Quartel da Polícia Militar no Amazonas (1966/1970), Secretaria da Produção do Amazonas (1965/1967), Reformulação do balneário do Parque 10 de Novembro (1967/1968), Hotel de caça e pesca em Autazes/AM (1967), Residência Recife 1435 (1971/1971), Conjunto residencial para o Território de Roraima (1976/1979), Casa do Governador de Roraima (1976/1979), Casa dos Secretários de Roraima (1976/1979), Sede da SUFRAMA (1971/1974), Reservatórios elevados da COSAMA (1971/1972), Condomínio Parque Residências (1972/1974), Residência EMBRATEL (1976/1980), Residências 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 no Parque Residências (1976/vários), Igreja Nossa Senhora do Cavaco (1969/1969), Residência Robert Schuster (1977/1980), Residência João Luiz Osório em Arraial do Cabo/RJ (1978), Reforma da Santa Casa Misericórdia de Manaus (1978), Setor Norte do Campus da Universidade do Amazonas (1973-1980/1986), Agência da VARIG (1972/1972), Sede da PORTOBRÁS (1969/1975), Vila Olímpica do Amazonas (1976/1994?), Metalúrgica Santo Antônio (1976/1977), CREDILAR (1971/1972?), CEASA (1973/1974), Fórum Henocho Reis (1975-1996/1998?), Pousada da ilha de Silves (1978/1984), Residência Alexandre Ale (1982/1983?), Residência Carlos Fabiano (1984/1986?), BASA (1970-1974/1979), Escola de Música do SESI da Barra do Ceará (1977/1980), Cidade do Trabalhador - SESI Manaus (1973/1975?), Colônia Agrícola em Rio Preto da Eva (1967/1968), Reforma e Ampliação da sede da TELEMAR/AM

(1994/1996?), Centrais telefônicas no interior do AM (1983/1984?), Assembleia Legislativa de Rondônia (1983), Central de apoio operacional TELEMAR/MS (1984/1988?), Ampliação da centrais telefônicas TELEMAR/MS (1982/1986?), Central de apoio operacional TELEMAR/MT (1985/1987?) e Orla da Ponta Negra (1992/1994?). São consideradas as publicações no recorte temporal: a partir da formatura na FNA em 1955 até 2002 - o ano em o arquiteto Severiano Porto doa o acervo ao NPD-FAU/UFRJ.

Destas obras publicadas, as mais difundidas são: Pousada da Ilha de Silves (16), setor norte do campus da Universidade (13), sede da SUFRAMA (13), Residência Recife 1435 (12), Centro de Proteção Ambiental em Balbina (11), Residência Robert Schuster (8), Escola de música do SESI em Fortaleza (7), Reservatórios elevados da COSAMA (7), Estádio Vivaldo Lima (6), Restaurante Chapéu de Palha (5), BASA (4) sede da PORTOBRÁS (4) e Residência Recife 1762 - Cafundó (4).

A primeira publicação de uma obra ocorre na década de 1950 com o Edifício Saint-Malo no Rio de Janeiro. É a única na década de 1950. A partir dos anos 1960, a atuação de Severiano Porto no Amazonas e as premiações pelo IAB, oportunizam novos espaços e participações em revistas especializadas em 07 oportunidades. Na década de 1970 ocorre a consolidação da sua trajetória como principal personagem na produção arquitetônica no Amazonas. O número de periódicos que noticiam e analisam as obras de Porto triplica em relação a década anterior, assim como o olhar estrangeiro à obra. São 25 publicações e a Residência Recife, 1435 é o projeto mais publicado. A década de 1980 marca o apogeu da revista Projeto com a sua abrangência nacional com correspondentes internacionais. É a década com o maior número de publicações e projetos registrados. São 65 publicações e a Pousada da Ilha de Silves é o destaque. Este fato pode ser explicado pela abordagem editorial do periódico, na busca de uma abertura à arquitetura brasileira, fora do eixo Rio-São Paulo e diversa. A revista publica projetos de Porto em várias cidades brasileiras, e o insere como um arquiteto de contexto nacional – e não somente restrito ao Estado do Amazonas. Vale ressaltar, que Marcio Cotrim⁴ em sua apresentação oral no VI Seminário DOCOMOMO Brasil Norte/Nordeste, realizado na cidade de Teresina em 2016, afirma que Severiano Porto e Oscar Niemeyer são os arquitetos com mais publicações na revista Projeto nos anos 1980.

Nos anos 1990 são publicados trabalhos em 14 oportunidades. As publicações internacionais registram as obras da década anterior, com destaque ao Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Em decorrência da redução das

⁴ COTRIM, M. Difusão da arquitetura pela revista Projeto na década de 1980. Comunicação oral. In. **6 Seminário DOCOMOMO Brasil N-NE**. Teresina: UFPI, 2017.

demandas profissionais, paulatinamente, são reduzidos os espaços nas revistas de arquitetura. Nessa década o escritórios SMPAA revisita alguns projetos realizados em décadas anteriores com o Estádio Vivaldo Lima, a reconstrução da sede da SUFRAMA e a ampliação da sede da TELEMAR em Manaus - ambos publicados na Revista Projeto. Na primeira década do novo milênio - diante do momento do encerramento das atividades dos escritórios em Manaus e no Rio de Janeiro, os trabalhos científicos sobre a obra do arquitetos são intensificados com a publicação de dissertações de Mestrado.

Se os projetos são divulgados nos periódicos, em parte deles, o reconhecimento ocorre com as premiações. Na década de 1960 são premiados o Estádio Vivaldo Lima e o Restaurante Chapéu de Palha. O estádio recebe uma menção honrosa em 1965 e é tema da "Arquitetura", n.º. 42. e n.º. 44 (1965), "Veja", n.º. 112 (1970), no "Catálogo da AsBEA" (1979), "A Construção" n.º. 1972 (1985) e "Catálogo da XXIV Premiação Anual de 1986 do IAB/RJ" (1986). O Chapéu de Palha é publicado em "Arquitetura" n.º. 68 (1968) e "Arquitetura Brasileira do Ano" n.º.1 (1969) , no "Catálogo da AsBEA" (1979), "A Construção" n.º. 1972 (1985) e "Catálogo da XXIV Premiação Anual de 1986 do IAB/RJ" (1986).

Nos anos 1970, a Residência Recife 1435 é premiada pelo IAB em 1971 e ilustra as páginas da "Casa & Jardim" n.º. 210 (1972), "Casa Cláudia" n.º. 135/A (1972), "Jornal Mensal de Artes Visuais - GAM" n.º. 27 (1976), "Los Angeles Times Home Magazine" (1977), "Ville Giardini" n.º.109 (1977) "Domus" n.º. 578. (1978), "Catálogo da AsBEA" (1979), "Cláudia" n.º. 232 (1981), "Projeto" n.º. 40 (1982), "catálogo da *Architecture in Latin America - Horizonte'82 - Internationale Bauausstellung Berlin - IBA 84*" (1984), "A Construção" n.º. 1972 (1985) e "L'Architecture d'aujourd'hui" n.º. 251 (1987).

A obra dos Reservatório elevados da COSAMA é premiada pelo IAB em 1972 e está na "Revista Arquitetura Brasileira" n.º. 9, (1976), "Catálogo da AsBEA" (1979), "Process Architecture" n.º. 17 (1980), "Projeto" n.º. 42 (1982), "Summa" n.º. 210 (1985), "A Construção" n.º. 1972 (1985) e "Catálogo da XXIV Premiação Anual de 1986 do IAB/RJ" (1986).

A sede da SUFRAMA recebe o prêmio do IAB em 1974 e está no "Jornal da Arquitetura - IAB/SAG" n.º. 20. (1975), "C.J Arquitetura" n.º. (1975), "Jornal Mensal de Artes Visuais - GAM" n.º. 27 (1976), "Domus" n.º. 578 (1978), "CJ Arquitetura" n.º. 20 (1978), "Catálogo da AsBEA" (1979), "Projeto" n.º. 40 (1982), "Projeto" n.º. 42 (1982), "A

Construção" n.º. 1972 (1985), "Catálogo da XXIV Premiação Anual de 1986" do IAB/RJ (1986), "L'Architecture d'aujourd'hui" n.º. 251 (1987) e "Spazio e Società" n.º. 61 (1993).

A Residência Schuster é premiada em 1978 pelo IAB e é publicada na "Veja" n.º. 538 (1978), "L'Architecture d'aujourd'hui" n.º. 206 (1979), "Módulo" n.º. 53 (1979), "Summa" n.º. 148 (1980), "Process Architecture" n.º. 17 (1980), "Techniques & Architecture" n.º. 334 (1981), "A Construção" n.º. 1972 (1985) e "Catálogo da XXIV Premiação Anual de 1986 do IAB/RJ" (1986).

Na década de 1980 a Pousada da Ilha de Silves apresenta as experimentações de Severiano Porto em outra escala e recebe o Prêmio do IAB em 1982. É destaque nas revistas "ADEMI" n.º. 101(1983), "Projeto" n.º. 49 (1983), e n.º. 53 (1983), "Módulo" n.º. 75 (1983), "Veja", n.º. 879 (1985), "Club" n.º. 31(1986), "Catálogo da XXIV Premiação Anual de 1986 do IAB/RJ" (1986), "Projeto" n.º. 95 (1987) e n.º. 104 (1987), "L'Architecture d'aujourd'hui", n.º. 251 (1987), "Arquitetos brasileiros - catálogo da exposição no Institut Français d'Architecture" (1987), "Projeto" n.º. 114 (1988) e n.º. 129 (1990), "Manchete" n.º. 2016 (1990) e "Spazio e Società" n.º. 61 (1993).

O setor norte do campus da Universidade do Amazonas recebe a premiação do IAB em 1987 e é publicado nos periódicos "Summa" n.º. 210 e n.º. 212 (1985), "Veja" n.º. 879 (1985), "A Construção" n.º. 1972 (1985), "Projeto" n.º. 83 (1986), "Catálogo da XXV Premiação Anual de 1987" do IAB/RJ (1987), "L'Architecture d'aujourd'hui" n.º. 251 (1987), "Projeto" n.º. 114 (1988) e n.º. 129 (1990) , "Grupo Minga" n.º. 4-5 (1990), "CBA - Cadernos Brasileiros de Arquitetura" n.º. 20 (1991) e "Spazio e Società" n.º. 61 (1993).

Assim como o campus da Universidade, o Centro de Proteção Ambiental em Balbina também é premiado pelo IAB em 1987 e está nas revistas "AU" n.º. 11 (1987), "Catálogo da XXV Premiação Anual de 1987 do IAB/RJ" (1987), "Projeto" n.º. 114 (1988), n.º.125 (1989) e n.º.129 (1990), "Architècti" n.º. 04 (1990), "Grupo Minga" n.º. 4-5 (1990), "CBA - Cadernos Brasileiros de Arquitetura" n.º. 20 (1991), "Spazio e Società" n.º. 56 (1991), "Nikkei Architecture" n.º. 415 (1993), "Zodiac" n.º. 8 (1993), "A&V" n.º. 48 (1994) e "Arquitetura Panamericana" n.º. 4 (1996).

Entre as obras que não recebem premiação, mas se destacam na recepção em diversas publicações estão a Residência Recife 1762 - Cafundó, BASA e a Escola de música do SESI em Fortaleza. Cafundó está na "Revista IAB" - outubro (1966), "Arquitetura" n.º. 58 (1967), "Arquitetura brasileira do ano" n.º. 1 (1969) e "Veja" n.º. 112 (1970). O

BASA está na "*Summa*" nº. 210 (1985), "*Veja*" nº. 879 (1985), "*Projeto*" nº. 83 (1986) e "*Grupo Minga*" nº. 4-5 (1990). O SESI nas "*Summa*" nº. 212 (1985), "*Projeto*" nas edições nº. 83 (1986), nº. 114 (1988) e nº. 129 (1990) "*Grupo Minga*" nº. 4-5 (1990), "*Spazio e Società*" nº. 61 (1993) e "*Arquitettura Panamericana*" nº. 4 (1996).

É importante verificar que entre as obras publicadas a materialidade determinante da estrutura formal não é o partido. Ela é uma consequência das decisões arquitetônicas. Há versatilidade na escolha e utilização de materiais. A madeira predomina em 6 obras: Residência do arquiteto - (Cafundó), Chapéu de Palha, Residência do arquiteto, Residência Schuster, Pousada da ilha de Silves e Centro de Proteção Ambiental em Balbina. O concreto predomina em outras 4 obras: Estádio Vivaldo Lima, Reservatórios elevados da COSAMA, Sede da SUFRAMA e BASA. Outros materiais são experimentados em 2 obras: Campus da Universidade do Amazonas (concreto e aço) e Escola de música do SESI (cerâmica armada). Entre as 11 obras premiadas, 6 são em madeira e 5 em outros materiais. Essa constatação mostra que os editores das revistas nestas 4 décadas estão atentos tanto aos projetos em madeira como às experiências em concreto armado, e também com o tijolo e o aço.

Alguns projetos

Para ilustrar como Severiano qualifica seus projetos são selecionados alguns trechos dos textos produzidos nos memoriais descritivos do escritório, ora publicado nas revistas, ora consultado no Acervo Severiano Porto, localizado no Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ (NPD-FAU/UFRJ). Essas anotações, correspondências e memoriais descritivos revelam reflexões sobre a obra. É possível encontrar observações importantes como as trocas de correspondências entre Severiano e Mario sobre o desenvolvimento dos projetos, assim como sínteses que descrevem os pensamentos das soluções arquitetônicas. Vale ressaltar que até o início da revista "*Projeto*" em meados dos anos 1980, boa parte das publicações especializadas em arquitetura no Brasil utilizam os memoriais enviados pelos arquitetos - ora na íntegra, ora parcialmente em suas publicações⁵. A seleção dos memoriais e anotações no Acervo Severiano Porto passa pela escolha preliminar dos projetos mais publicados, mas transita também em obras nem tão [re] conhecidas e não realizadas - sejam pela qualidade do material disponível para a pesquisa ou a relevância para sugerir possíveis respostas as hipóteses da tese.

⁵ ZEIN, R.V.. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. São Paulo, 19 de outubro de 2015.

Em 1957, a revista "Brasil: Arquitetura Contemporânea" publica no n.º.11, o projeto do Edifício Saint Malo, projeto de Severiano Porto e Ennio Passafini, localizado na rua Gomes Carneiro, 141 em Ipanema. A revista tem entre os diretores o arquiteto Ricardo Menescal.⁶ Na então capital federal, "o edifício obedece ao melhor padrão da arquitetura moderna, apresentará uma fachada de revestimentos nobres e duradouros; vidro, cerâmica e reboco de quartzo nos elementos arquitetônicos verticais."⁷



Figura 23 e 24 - Edifício Saint-Malo | Plantas
Fonte: CERETO, 2020.

O arquiteto reforça a modernidade do projeto, não somente restrita aos materiais e revestimentos, mas pelas possibilidades de adaptação do espaço aos distintos públicos possíveis com a planta flexível "solução que permite suprimir um dos quartos da frente, e que, ao nosso ver é a solução ideal para uma reduzida família (...) enquanto isso o uso de uma sala muito maior"⁸ permite outra disposição das partes possibilitado pela estrutura independente "(...) devemos observar em primeiro lugar que com o possível aumento da família, o apartamento poderá voltar a sua situação primitiva de 3 quartos, mediante obras rápidas e de custo insignificante."⁹ Ainda relata sobre a relação entre a arquitetura e as instalações do edifício, com destaque para sistemas de comunicação entre os moradores e/ou visitantes e instalações personalizadas para as antenas de televisão¹⁰.

⁶ EDIFÍCIO Saint Malo. **Brasil - Arquitetura Contemporânea**, [S.l.], Rio de Janeiro: n.º. 11, p.3-11, 1957.

⁷ Ibid, p.3.

⁸ Ibid, p.10.

⁹ Ibid, p.10.

¹⁰ Ibid, p.10.



Figura 25, 26 e 27 - Edifício Saint-Malo | Capa da edição n.º 11 | Ilustração em página da publicação, p.4 | Foto do autor, 2017
Fonte: Revista Brasil - Arquitetura Contemporânea, n.º 11 de 1957 - Biblioteca Paulo Santos | CERETO, 2017.

Em dezembro de 1965, "Arquitetura"¹¹ publica uma seção especial sobre Manaus. Entre os projetos publicados estão o Estádio Vivaldo Lima, o edifício-sede da Companhia Amazonense de Telecomunicações - CAMTEL, o anexo administrativo do Palácio Rio Negro, a sede da Assembleia Legislativa do Amazonas e a Secretaria de Produção. O projeto do Estádio Vivaldo Lima é realizado neste mesmo ano, mas a construção inicia em 1967 e a inauguração somente em 1971.¹² A equipe de projeto já conta com a participação de Mario Emilio Ribeiro e de Murillo Lagares Silva. Murillo é recém formado na FNA (1964) e é desenhista de Severiano desde o Edifício Saint Malo. Além disso, Lagares tem outras experiências em escritórios: da cidade universitária de São Paulo, na Fátima Decorações, na CEDUG e Construtora Ary C.R. de Britto S.A.¹³ Ao descrever o estádio, no memorial descritivo do projeto, o arquiteto relata a preocupação com os custos e a operação da obra: "Na solução adotada, tentou-se evitar no grau do possível a utilização de processos dispendiosos, norteando-se a mesma pela simplicidade e o aproveitamento das condições existentes."¹⁴

Diante das limitações técnicas de materiais e agregados, relata as dificuldades existentes na década de 1960 em Manaus para a utilização do concreto armado: "no partido adotado no qual foram dispensados praticamente as

¹¹ ESTÁDIO Vivaldo Lima. *Arquitetura*, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.º 42, p.55-57, 1965.

¹² PORTO, S. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

¹³ ESTÁDIO Vivaldo Lima. *Arquitetura*, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.º 42, 1965, p.55.

¹⁴ *Ibid*, p.55.

grandes e dispendiosas estruturas de concreto armado."¹⁵ Informa que as acomodações dos espectadores "foram conseguidas aproveitando-se o talude interno da cratera" e que os patamares da arquibancada "são em elementos padronizados, pré-moldados em concreto, que se acomodam diretamente sobre o talude devidamente preparado."¹⁶ Esta decisão de projeto viabiliza a construção do estádio.

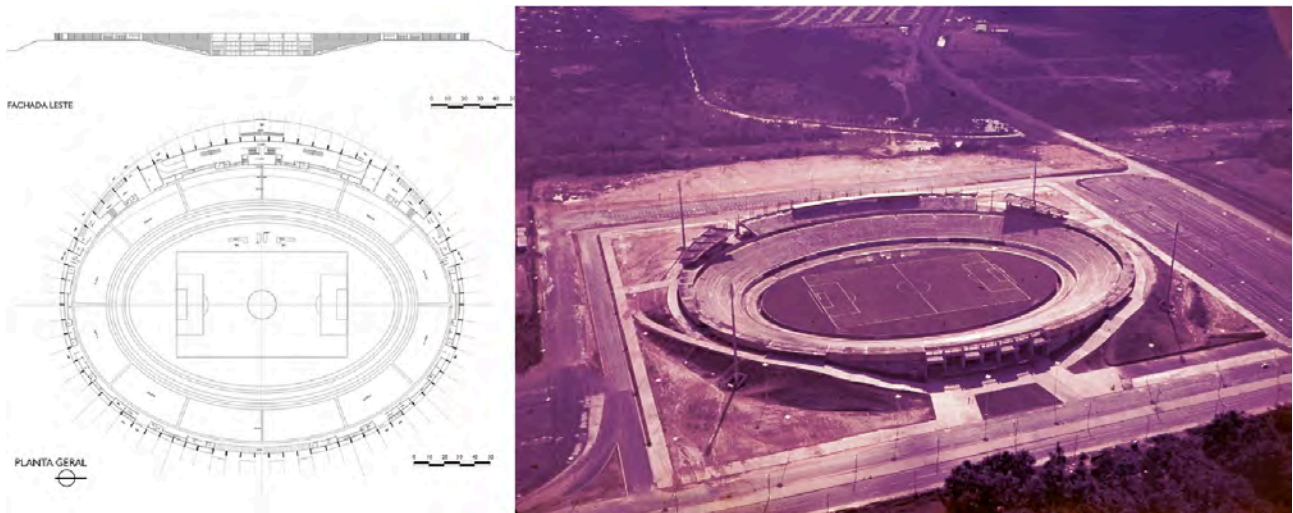


Figura 28 e 29 - Estádio Vivaldo Lima | Planta e fachada leste | Severiano Porto, [entre 1971-1975]
Fonte: CERETO, 2003 e Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

Quanto a topografia existente, "neste terreno, uma enorme cratera em forma de ferradura resultante de desmonte para aterros"¹⁷ determina o partido e a implantação do estádio. Esta solução permite uma significativa redução de custos e uma segurança estética frente a possibilidade de futuros cortes no orçamento ao final da obra e "impactos irreversíveis nas fachadas."¹⁸ Com esta solução, a fachada é reduzida em grande parte do perímetro do estádio ao talude em grama com um muro de tijolo aparente.

Em relação a multifuncionalidade do estádio, relata que "como está prevista a ocupação de uma área próxima do estádio, por um conjunto do COHAB-AM, será dada uma dupla utilização ao departamento médico atendendo também esta nova população."¹⁹

¹⁵ Ibid, p. 56.

¹⁶ Ibid, p.56.

¹⁷ Ibid, p.56.

¹⁸ PORTO, S. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

¹⁹ ESTÁDIO Vivaldo Lima. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n°. 42, 1965, p.56.

O projeto para o Estádio Vivaldo Lima em Manaus recebe a menção honrosa na categoria B-6 - Edifícios para fins esportivos e recreativos na III Premiação anual do Instituto de Arquitetos do Brasil com o seguinte parecer: "Pela solução simples e inteligente, conduzida corretamente, integrada ao sítio e bem de acôrdo com a escala do problema."²⁰

O projeto da Companhia Amazonense de Telecomunicações (CAMTEL) também está na seção especial da "Arquitetura".²¹ A difícil tarefa de integrar o Amazonas ao restante do território nacional, considerando a sua geografia e dimensão, são materializadas nesta obra - como um marco para uma nova infraestrutura do Estado. No terreno de esquina "a adoção de um partido de pavimento no prédio principal colocado em um posição central. O bloco anexo para equipamentos de rádio (micro ondas) e serviços em dois pavimentos, ocupa as divisas do terreno."²² A definição da estrutura do bloco principal está relacionada as necessidades específicas do programa "a solução em um pavimento deste bloco é mais conveniente do ponto de vista estrutural, dispensando-se lajes e vigas especiais para os pesadíssimos equipamentos."²³ Revela também a cobertura descolada ao bloco principal "entre a laje de forro e a cobertura em telhas do tipo"canalete, foi deixado um espaço vazio formando colchão de ar onde serão distribuídos os condutos de ar condicionado."²⁴

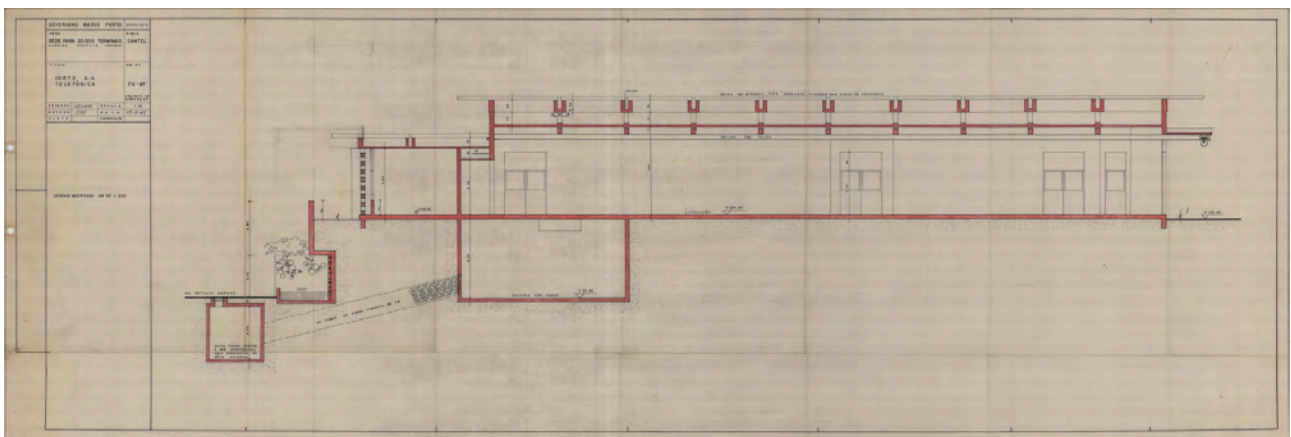


Figura 30 - Companhia Telefônica do Amazonas - CAMTEL | Corte AA, 1965
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

²⁰ Ibid, p.55.

²¹ CAMTEL. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n°.42, 1965, p.58.

²² Ibid, p.58.

²³ Ibid, p.58.

²⁴ Ibid, p.58-59.

Considerando as características específicas do programa e a necessidade para futuras ampliações "uma estrutura no bloco principal que faculte a execução de um segundo pavimento para duplicação."²⁵ Em relação a estrutura, informa que são previstas as sobrecargas e que as vigas calhas sob as telhas canaete, "*poderão funcionar como "camas". Esta solução dispensa escoramentos, permite o reaproveitamento integral das telhas "canaletas" as obras poderão ser executadas sem afetar o funcionamento do prédio.*"²⁶ Em relação aos revestimentos, "as partes estruturais do projeto serão executadas em concreto deixado seu revestimento, paredes externas com tijolo a vista e elementos de cerâmica, todos estes materiais abundantes em Manaus."²⁷

Para a sede da Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas, também realizado em 1965, Severiano Porto tem um terreno com duas frentes no centro da cidade, próximo ao projeto da CAMTEL e ao atual entroncamento entre a avenida Getúlio Vargas e rua Joaquim Nabuco. A condição de centro histórico expandido e o alto potencial de uma relação visual com a paisagem natural determinam uma verticalização do programa e a consequente utilização do teto jardim "parte da cobertura é ocupada por um jardim tropical de onde se descortina uma grande vista da cidade."²⁸ Nessa "grande vista" se enxerga o rio Negro.

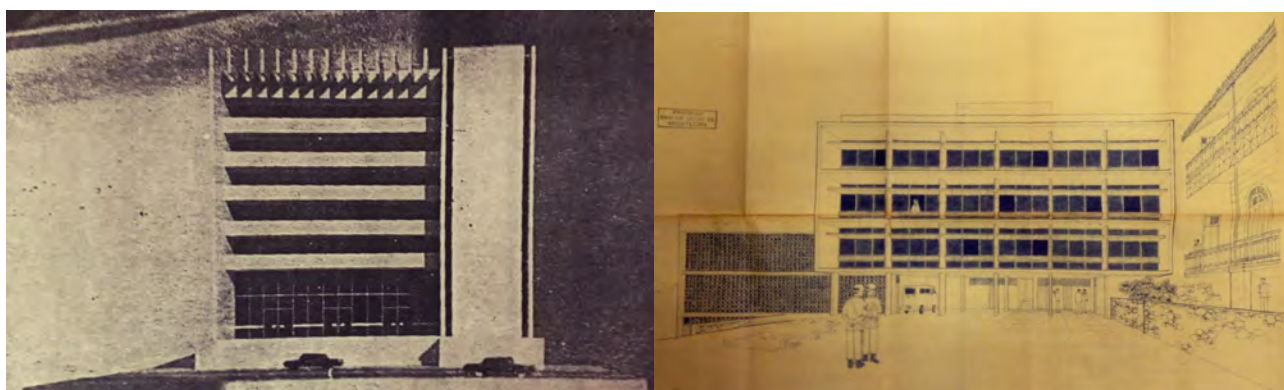


Figura 31 e 32 - Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, 1965 | Anexo do Palácio Rio Negro, 1965
Fonte: Revista Arquitetura n°.42, p.60 de 1965 - Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da UFRGS | Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

Para o anexo do Palácio Rio Negro, antigo Palacete Scholtz - sede do governo do Estado nos anos 1960, é necessária a expansão de área aos serviços administrativos em razão das novas necessidades programáticas. Localizado na rua

²⁵ Ibid, p.59.

²⁶ Ibid, p.59.

²⁷ Ibid, p.59.

²⁸ ASSEMBLEIA Legislativa do Estado do AM. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n°.42, 1965, p.59.

7 de setembro no centro da cidade, "O valor histórico e tradicional do prédio, torna no entanto indesejável a sua transferência para outro local (...). Procedeu-se então ao estudo para o aproveitamento do prédio existente, vinculando-se o mesmo as novas áreas a construir."²⁹ A primeira relação com a preexistência aproxima Severiano Porto das técnicas empregadas na *Belle Époque* em especial a construção da escada do Palácio "em madeira sem pregos."³⁰

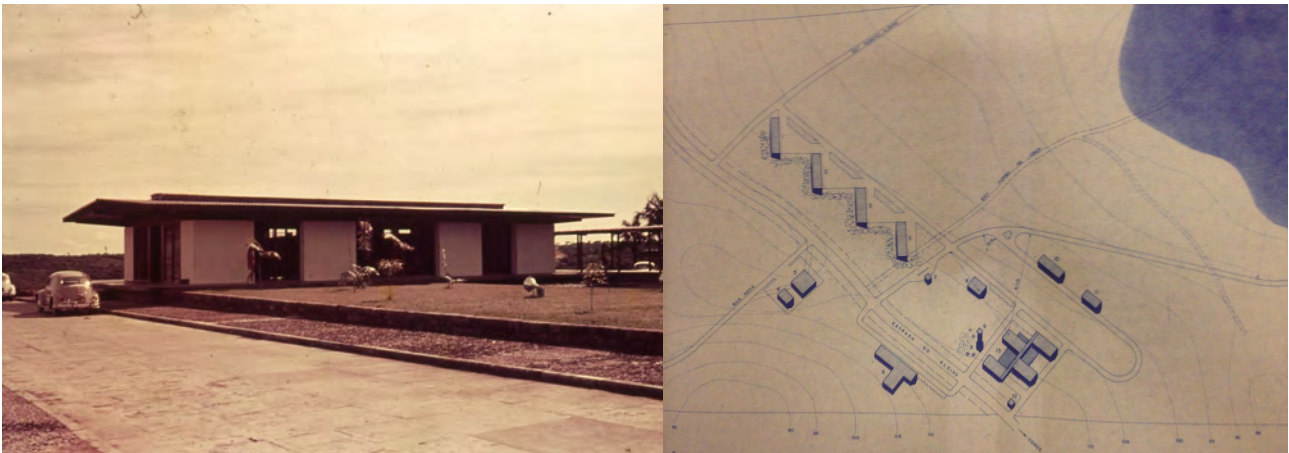


Figura 33 e 34 - Secretaria da Produção do Estado do Amazonas | Severiano Porto, [entre 1970-1975] | Implantação, 1965
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A sede administrativa da Secretaria da Produção é o último projeto na seção especial sobre o Amazonas nessa edição da "Arquitetura". Localizada na antiga estrada do Aleixo, o partido é organizado a partir do lago existente com os edifícios concentrados em uma parcela da gleba. Os edifícios administrativos são dispostos em quatro blocos gêmeos estruturados por uma circulação coberta orientada no eixo norte-sul. Esse caminho separa simetricamente a parcela em que está inserido na implantação e alterna os blocos, dois a dois. Os blocos estão dispostos no eixo leste-oeste e a "planta livre de cada bloco proporciona a flexibilidade desejada para os arranjos internos."³¹ Entre os dois blocos da ala oeste, há um espelho d'água que integra a composição. A estrutura da coberta é em madeira, com telhas em alumínio. Há um colchão de ar entre estas e o forro de madeira que dispensa o ar quente pelo lanternim transversal, auxiliado pelas persianas de madeira reguláveis entre os armários no bloco. Na disposição periférica da planta, "(...) armários de alvenaria, convenientemente espaçados formam os elementos

²⁹ ANEXO do Palácio Rio Negro. *Arquitetura*, IAB/GB, Rio de Janeiro, n°.42, 1965, p.61.

³⁰ PORTO, S. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

³¹ SECRETARIA da Produção. *Arquitetura*, IAB/GB, Rio de Janeiro, n°.42,1965, p.63.

estruturais que recebem o madeiramento da cobertura (...).³² e "(...) grandes beirais e as varandas que circundam os blocos e completam a proteção desejada contra o sol."³³

O Restaurante Chapéu de Palha está na "Arquitetura" n.º 68 publicada em fevereiro de 1968 como edifício premiado pelo IAB na categoria B-6 - edifício para fins recreativo. Localizado na antiga Vila Municipal na esquina das ruas Teresina e Paraíba, o empreendimento é um sucesso no final dos anos 1960 pela sua culinária regional e ambiente rústico. O parecer do júri descreve o edifício da seguinte forma: "é um projeto que pela simplicidade bem sugere as origens e as tradições locais."³⁴ A escolha dos materiais está diretamente relacionada a natureza do programa - um restaurante de culinária regional, pelos recursos disponíveis para a obra dos dois proprietários do estabelecimento e pela condição fundiária do lote: um terreno alugado. Estas determinações são resumidas no memorial da obra: "restaurante de rápida execução, baixo custo e com materiais típicos da região tais como a madeira e palha."³⁵

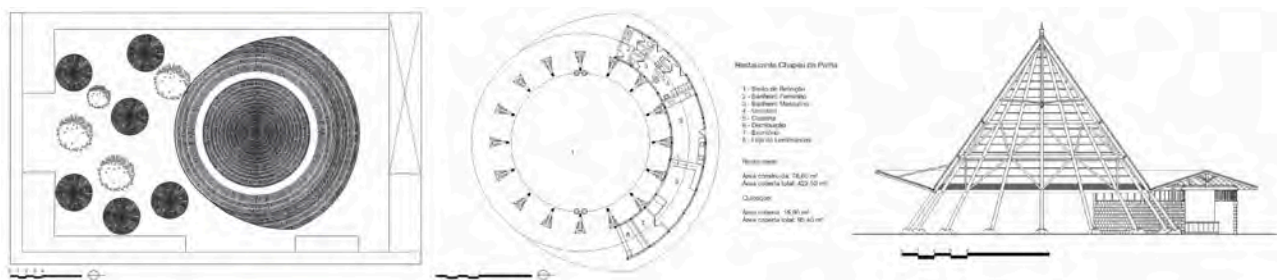


Figura 35, 36 e 37 - Restaurante Chapéu de Palha | Implantação | Planta | Corte.

Fonte: CERETO; ESPINOSA, 2017.

Outra importante publicação na primeira década das atividades do arquiteto na Amazônia - "Arquitetura brasileira do Ano" n.º 1, editada por Vicente Gagliardi em 1969 apresenta as obras: Companhia Amazonense de Telecomunicações - CAMTEL, Quartel da Polícia Militar no Amazonas, Secretaria da Produção, reformulação do Parque 10 de Novembro, Hotel de 10 quartos para caça e pesca, Restaurante Chapéu de Palha, Escolas pré fabricadas e Residência do arquiteto (Cafundó).

³² Ibid, p.63.

³³ Ibid, p.63.

³⁴ CHAPÉU de Palha. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.º.68, 1968, p.7.

³⁵ Ibid, p.7.

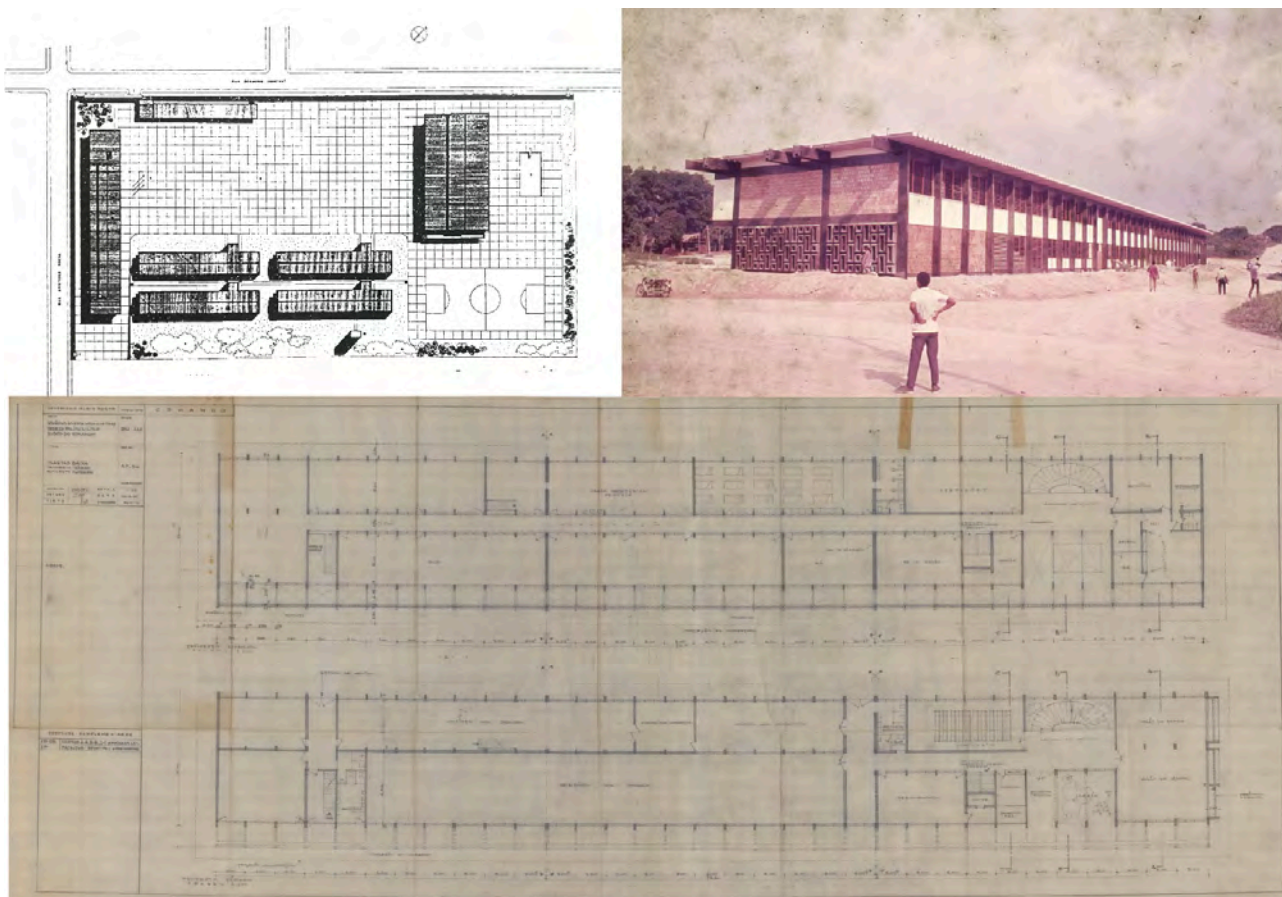


Figura 38, 39 e 40 - Quartel da Polícia Militar do Amazonas | Implantação | Severiano Porto, [entre 1971-1972] | Planta do Bloco do Comando
 Fonte: Acervo NPD/UFRJ

O Quartel da Polícia Militar do Amazonas é realizado com Mario Emilio Ribeiro em 1967 e inaugurado em 1971. Está localizado no Bairro Petrópolis em uma esquina com terreno retangular e plano, com dimensões aproximadas de 110,00 x 220,00 m. O partido é estruturado por uma retícula com 5,00 m, que arranja os espaços edificados, pátios e áreas permeáveis. O programa propõe o Bloco do Comando, 04 edifícios para alojamentos, Casa da Guarda e Cadeia, Pátio, Ginásio, Piscina e Campo de futebol. O Pátio para as atividades cívicas determina a setorização dos edifícios e privilegia o Bloco do Comando e os dos Alojamentos em relação aos ventos dominantes, enquanto a Casa da Guarda e Cadeia fica em posição estratégica. Sobre o projeto, "procurou o arquiteto reformular certos conceitos arcaicos de quartel, e atender às necessidades do programa, condições ecológicas e hábitos do homem da região"³⁶ assim como "afim de baratear o custo da obra, os acabamentos são muito simples."³⁷ *Em relação a Casa da Guarda e Cadeia*, descreve sobre as celas "todas elas abrindo para um pátio interno, que servirá inclusive de recreio para os presos."³⁸ Sobre os Alojamentos comenta que "foram projetados com redes em substituição às

³⁶ PORTO, S. **Memorial Descritivo. Quartel da Polícia Militar**. Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, 1967, [s.n.].

³⁷ *Ibid*, s.n°.

³⁸ *Ibid*, s.n°.

camas ³⁹ e afirma sobre a necessidade de flexibilidade do espaço "além de permitir que durante o dia se transforme em sala de instrução, etc."⁴⁰ Ainda sobre os Alojamentos, informa que "as paredes externas dos alojamentos foram substituídas para armários assentes sobre cerâmica vazada e tendo na parte superior venezianas fixas (...)."⁴¹ Para proteger a fachada nordeste do Bloco de Comando "uma cortina de cerâmica vazada colocada ao nível do segundo pavimento e afastada do bloco"⁴² garante a proteção e determina o caráter sóbrio do programa.



Figura 41 - Balneário do Parque 10 | Severiano Porto, [entre 1970-1972]
Fonte: Acervo NPD/UFRJ

O balneário do Parque 10 de novembro é criado em 1940 com o Governador Álvaro Maia, em homenagem a visita do Presidente Vargas em Manaus. Nesta data é proclamado o "Discurso do rio Amazonas" com novas perspectivas para a Amazônia. O local é ermo e ocupado com sítios, clubes de campo para usufruto do igarapé do Mindú que

³⁹ Ibid, s.nº.

⁴⁰ Ibid, s.nº.

⁴¹ Ibid, s.nº.

⁴² Ibid, s.nº.

refresca os dias de calor na cidade. Em 1965, o arquiteto Cesar Oiticica⁴³ da COHAB-AM projeta a construção de um conjunto com 800 casas e Severiano Porto enfatiza sobre "a necessidade da criação de áreas de recreação que abranjam vários ramos de atividades"⁴⁴ e possa qualificar esta área de expansão da cidade.

No balneário há a preexistência de uma edificação construída na época da inauguração. Ainda que não tenha um valor arquitetônico, tem determinado valor simbólico. O programa do balneário inclui a melhoria das piscinas públicas existentes, a retificação parcial do leito do igarapé com a colocação de muros de gabiões e tela. Um circuito para circulação de um pequeno trem com estações de embarque e desembarque em concreto armado e telhas industriais tipo calhetão. Um edifício em duas alas paralelas para o departamento médico e administração. O edifício é de estrutura mista de madeira e tijolo e construído sobre uma laje radier com empenas em tijolo aparente e vedação painéis industrializados e azulejos azul e branco. A cobertura é em telha calhetão. São previstos quiosques piramidais com a base quadrada com 04 caibros em madeira assentadas sobre sóculos de concreto. A cobertura é em palha. É previsto um ginásio em estrutura metálica e aberto com arquibancadas com 4 patamares. A cobertura é em telha de amianto com utilização de laternim. Para apresentações culturais, é construído um anfiteatro para 4.000 espectadores.

O hotel de 10 quartos para caça e pesca é previsto para a região do atual município de Autazes, a cerca de 100 km de Manaus. A composição é determinada por uma planta circular com um pátio interno excêntrico ao centro geométrico. Esta condição modifica a simetria da cobertura, em razão da cumeeira concêntrica que gera duas águas assimétricas. Segundo Severiano "estabeleceu-se que o núcleo central teria 10 quartos"⁴⁵ e diante da característica específica da localização remota do hotel e da otimização dos escassos recursos "por não ser um hotel de cidade, em que a chegada e a saída de hóspedes se faz a qualquer hora, (...), foi estudada uma solução para que somente uma pessoa, durante o dia ou a noite, pudesse atender a todo o movimento do hotel."⁴⁶ Importante destacar a previsão de um viveiro de pássaros no pátio interno "onde estará uma grande coleção de plantas da região"⁴⁷ e a condição da adoção de esquadrias com réguas móveis e sem vidro e "ao entardecer, quando surge grande

⁴³ OITICICA, Cesar. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 14 de julho de 2016.

⁴⁴ ESTUDO para remodelação do Parque 10 de novembro. **ABA**, Rio de Janeiro, n°.1, 1969, p.105.

⁴⁵ HOTEL de 10 quartos para região de caça e pesca. **ABA**, Rio de Janeiro, n°.1, 1969, p.112.

⁴⁶ Ibid, p.112.

⁴⁷ Ibid, p.112.

quantidade de mosquitos, o hóspede se transferirá para o interior do hotel, todo telado, onde encontrará rês e cadeiras de descanso."⁴⁸

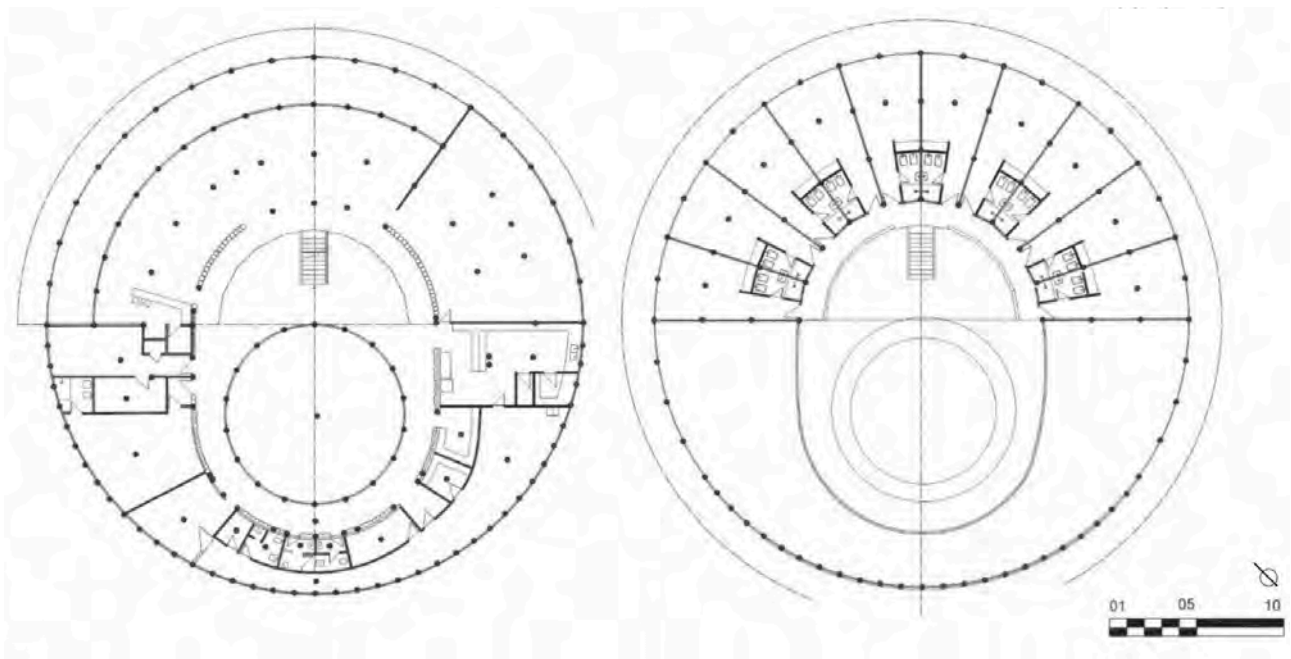


Figura 42 e 43 - Hotel de 10 quartos para caça e pesca | Plantas
Fonte: CERETO, 2017.

O projeto de Escolas pré-fabricadas para o Estado do Amazonas estabelece reflexões significativas para o entendimento da realidade da construção na Amazônia. Nesta condições, "carência de materiais ou preço alto, ausência de mão de obra qualificada, grandes distâncias a vencer"⁴⁹ são elencadas como barreiras a serem superadas na concepção do projeto. A necessidade de ampliação da rede escolar em Manaus e no interior do Estado faz com que o Arquiteto trabalhe com a racionalidade e a flexibilidade da planta para atender as distintas necessidades e possa adaptar ao diferentes sítios: "o arquiteto(...) projetou prédio simples, ventilado, de baixo custo, fácil de ser adaptado a qualquer tipo de terreno."⁵⁰

⁴⁸ Ibid, p.112.

⁴⁹ ESCOLAS pré-fabricadas. **ABA**, Rio de Janeiro, n°.1, 1969, p.120.

⁵⁰ Ibid, p.120.

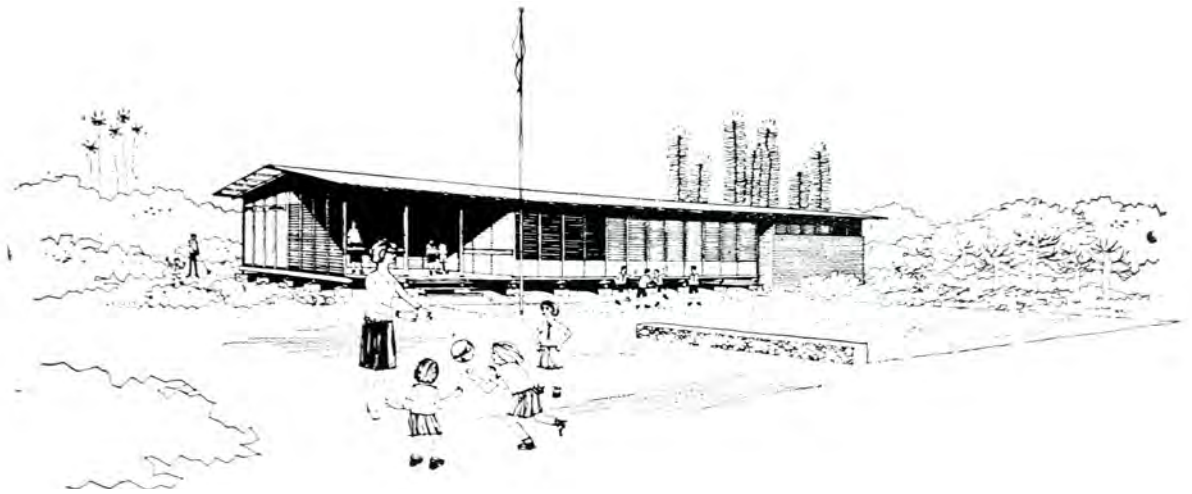


Figura 44 - Escolas pré-fabricadas | Croquis, 1965
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

O projeto prevê escolas para 2 a 3 salas, 3 a 4 salas e 5 salas. As salas de aula são dispostas lado a lado, em madeira. As dimensões das salas são determinadas pela modulação da estrutura pré-fabricada em madeira, com módulos de 1,25 metro e pilaretes com a seção de 0,10 x 0,10m. Cada sala tem 7,50 x 5,00 m. Para a adequação a topografia e a ventilação, o prédio está elevado do solo com o volume em madeira apoiado em blocos de concreto a cada 2,00 m. Os sanitários e a cozinha são em alvenaria aparente. Esta solução proposta pelo arquiteto em "construção mista, alvenaria-parede, tem grande parte de seus elementos pré-fabricados, podendo ser transportado com facilidade, utilizando matéria-prima local."⁵¹

As diferentes possibilidades de plantas tem um núcleo comum com entrada avarandada, secretaria, depósito, sala da professora residente, quarto da professora residente, banheiro das professoras, sanitários dos alunos, cozinha, dispensa, copa e sala para merenda. As partes do núcleo, sala para merenda e depósitos aumentam a sua área em função do número de salas de aula da escola. As partes do núcleo que exigem instalações hidro-sanitárias são em alvenaria. Nas partes do núcleo onde são utilizados tijolos aparentes, são mantidas a modulação estrutural da madeira pré-fabricada.

⁵¹ Ibid, p.120.

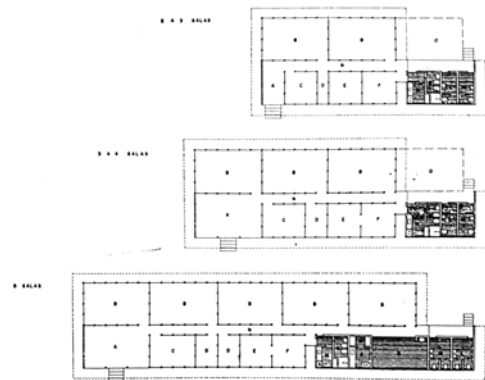
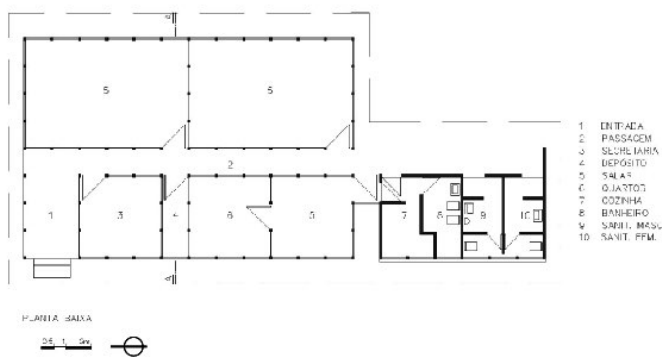


Figura 45 e 46 - Escolas pré-fabricadas | Planta 2 a 3 salas | plantas, 1965

Fonte: Autor, 2016 e Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

Para o projeto da residência temporária do arquiteto (Cafundó) na rua Recife, 1762, Severiano Porto demonstra o repertório aprendido nas Escolas pré-fabricadas e propõe a construção da casa em construção mista, com predomínio no uso da madeira. No partido o "aproveitamento de um cômodo de alvenaria e de um muro de arrimo pré-existent na encosta do terreno"⁵² e determina a estrutura a utilização de alvenaria nos banheiros, cozinha e copa. Na área social e íntima, escolhe a madeira pré-fabricada. Severiano observa que o próprio Banco Nacional da Habitação (BNH) "em seus projetos não utilizou a madeira na construção de unidades residenciais de baixo custo, apesar de ser êste o material de que são construídas, praticamente todas as casas populares da região."⁵³

A Residência do Arquiteto estabelece a sua segunda experiência na construção da moradia própria em Manaus. Localizada na rua Recife, 1435 a obra materializa parte das experiências adquiridas com as obras executadas e proporcionam ao arquiteto uma maior aproximação com as especificidades da mão de obra: "(...) sentimos bem de perto as dificuldades do "homem" no trato da madeira e na sua aplicação em peças de acabamento trabalhoso e esmerado"⁵⁴. Esta condição permite uma outra forma no manejo da madeira: "partimos para a utilização generosa e franca da madeira lavrada, isto é, da madeira sem o beneficiamento das serrarias e com secções maiores do que as normalmente utilizadas." ⁵⁵

⁵² RESIDÊNCIA do Arquiteto, em Manaus. **ABA**, Rio de Janeiro, n.º. 1, 1969, p.122.

⁵³ Ibid, p.122.

⁵⁴ PORTO, S. **Memorial Descritivo. Residência Recife 1435**. Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, 1971, [s.n.].

⁵⁵ Ibid, [s.n.].



Figura 47 - Recife 1762 - Cafundó, 1967.
Fonte: Acervo Severiano Porto

Além da beneficiamento da madeira no canteiro, a substituição das ferramentas interfere no acabamento das madeiras empregadas na construção da casa: " Como resultante desta atitude pode ser sentida (...) toda a força e alegria da mão de obra local (...), utilizando ferramentas manuais como a enxó, o formão, a pua, a broca, etc."⁵⁶. A casa é estruturada em torno de um pátio que funciona como um jardim aberto e descoberto. "Mantivemos o pé direito duplo criando (...) uma sensação de espaço bastante agradável, (...) reforçada pela luz que entra filtrada pelos elementos vazados de concreto, (...) de pequenos basculantes de piso a teto que utilizamos vidros de cor amarelo queimado."⁵⁷ A construção é mista e tem o predomínio da madeira utilizada nos acabamentos e na estrutura "no pavimento superior somente nos banheiros é que se usou o concreto no piso. O restante do pavimento foi executado com pranchas de madeira de seções 75x30 cm, apoiados em vigas de madeira."⁵⁸

⁵⁶ Ibid, [s.n.].

⁵⁷ Ibid, [s.n.].

⁵⁸ Ibid, [s.n.].



Figura 48 - Recife 1435 - Cafundó, [entre 1999-2002].
Fonte: Acervo Severiano Porto

Os Reservatórios elevados da Companhia de Saneamento do Amazonas (COSAMA) são parte do plano⁵⁹ realizado pelo escritório do Engenheiro Saturnino de Brito em 1969 para o tratamento e abastecimento de água para a cidade de Manaus. Para o abastecimento de água é necessária a construção de 5 reservatórios elevados em distintos pontos da área urbana a fim de armazenar 3.500,00 m³⁶⁰ em cada unidade. É realizado um concurso vencido pelo escritório SMPAA. O partido arquitetônico propõe 6 cilindros com 10,00 metros de diâmetro e altura variada divididas em dois pavimentos mais uma cobertura, com a circulação vertical inserida no vazio gerado entre a geometria. Ainda assim, são mantidos os dois septos necessários pelo edital para armazenamento da água - formados por três cilindros. A altura total dos edifícios são: 23,00 m (Castelhana), 24,90 m (Aeroporto), 23,30 m (São Jorge), 25,80 m (São Raimundo) e 24,70 m (Mocó). No memorial do projeto⁶¹, Severiano define o partido a partir de uma solução plástica "nossa intenção foi se obter uma melhor proporção dos volumes resultantes das diretrizes do edital de concorrência e isto foi conseguido pela subdivisão do volume total em cilindros menores

⁵⁹ HISTÓRICO do sistema antigo. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, 13 de março de 1971, p.3. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de março de 2017.

⁶⁰ PORTO, S. **Memorial Descritivo. Reservatórios elevados da COSAMA**. Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, 1971, [s.n.].

⁶¹ *Ibid*, [s.n.].

bem mais delgados."⁶² Esta solução garante uma volumetria mais humana ao programa acentuada com a proposta de iluminação no corpo do edifício e em sua cobertura.

Ainda que a solução plástica tenha sido determinante no partido, ela está fundamentada tecnicamente "conservando a forma circular, a mais indicada para o caso. Com isso, conseguiu-se uma melhor amarração estrutural, bem como uma uniformidade na distribuição das pressões e tensões nas paredes."⁶³ A cobertura tem a função de um Mirante - nunca utilizado), pois "não foi permitida a utilização da cobertura como mirante para a população em razão do regime vigente no período temer algum tipo de atentado às águas da cidade."⁶⁴



Figura 49 - Reservatório elevado do Mocó, [entre 1969-1971].
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A sede da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) é um marco arquitetônico do ciclo econômico iniciado no final dos anos 1960 com a implantação da Zona Franca de Manaus. Severiano afirma que "a sede administrativa da SUFRAMA deveria transmitir, em seu todo, a intenção firme e definitiva do Governo Federal de

⁶² Ibid, [s.n.].

⁶³ Ibid, [s.n.].

⁶⁴ PORTO, S. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

desenvolvimento e industrialização da Região."⁶⁵ Diante da arquitetura reconhecida como Amazônica e das madeiras disponíveis na região e utilizadas em projetos feitos pelo arquiteto e premiadas em edições anteriores desta premiação, o arquiteto reforça a escolha dos materiais de acordo com o caráter de cada projeto e as necessidades específicas do programa: "Deveria ser portanto uma solução que refletisse solidez e tecnologia atual permitindo, por sua vez, uma flexibilidade no arranjo dos seus espaços."⁶⁶ O uso do concreto com pilares super dimensionados exalta a condição da permanência pretendida.

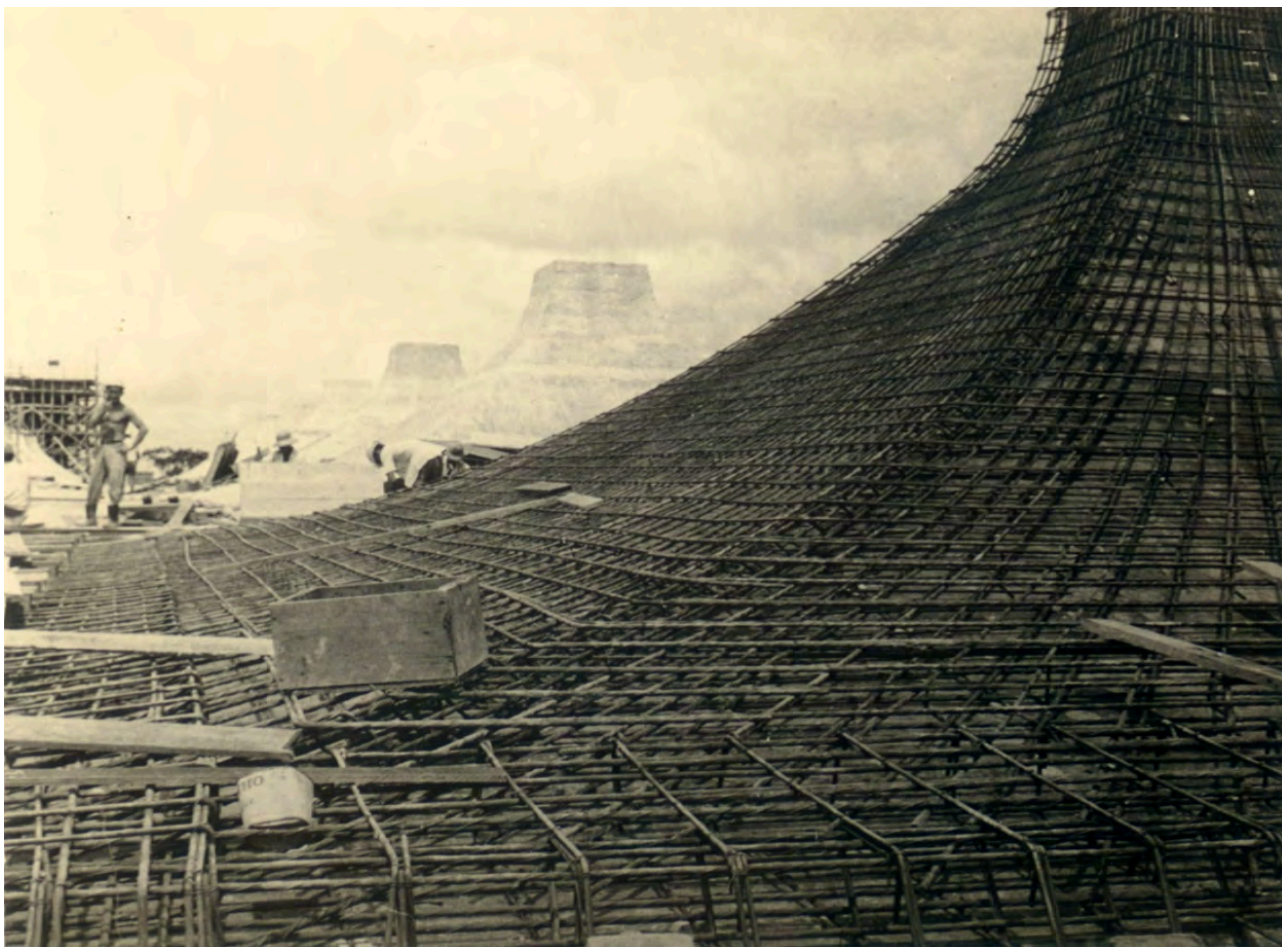


Figura 50 - Sede da SUFRAMA, [entre 1973-1974].
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A proposta é estruturalista e garante a flexibilidade do uso em grande parte da planta assim como possíveis ampliações. "Esta flexibilidade é uma constante em todo o conjunto, pois novos módulos de 15m x 15m poderão ser acrescentados ao prédio."⁶⁷ O arquiteto adota para vedação das salas administrativas painéis removíveis com

⁶⁵ PORTO, S. **Memorial Descritivo. Sede da SUFRAMA.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, 1974. [s.n.].

⁶⁶ *Ibid.*, [s.n.].

⁶⁷ *Ibid.*, [s.n.].

fórmica e montantes de alumínio com a modulação de 1,25 x 1,25m. "Nos tetos vazados (compartimentos sem ar condicionado) o material usado foi o Climatex, funcionando também acusticamente."⁶⁸ Nos ambientes administrativos onde a climatização é concebida, são empregadas placas de alumínio com tratamento acústico para o fechamento do teto.

A cobertura do edifício segue a pauta da modulação e define a estrutura formal: "Procurou-se evitar uma extensa área coberta com teto plano convencional, que somente permitiria a saída do ar aquecido do seu interior pelas suas extremidades."⁶⁹ A solução térmica para a saída do ar quente motiva a definição formal da cobertura com "uma solução modulada, ou seja, uma sucessão de troncos de pirâmides ocas, com arestas arqueadas, que funcionam como coifas."⁷⁰

A Residência Robert Schuster está situada no bairro Tarumã, as margens do Igarapé do Mariano. O topógrafo austríaco reside em Manaus desde o final da década de 1950, e está habituado ao ambiente da floresta pela característica do seu trabalho. A solução do projeto está condicionada ao uso eventual em finais de semana, e ao perfil do usuário. Uma casa aberta na floresta não é convencional, em razão da possibilidade do acesso de insetos, serpentes e felinos. "A grande quantidade e altura das árvores criam um ambiente aonde o sol penetra com dificuldade. O solo é coberto pelo chão de folhas que para manter a permeabilidade do solo não deve ser removida."⁷¹

Ainda que o terreno seja amplo, a quantidade de árvores condiciona o partido vertical da residência, de modo a interferir o mínimo possível no sítio. Além dessa condição, "a solução vertical adotada separa a casa da umidade do solo ao elevá-la sobre pilotis, deixando ao mesmo tempo uma planta do térreo livre, aonde se colocam as redes e se dispõem do espaço para um lavabo e uma lavanderia."⁷² As demais plantas estão dispostas em meio níveis, em torno de um vazio central que articula espacialmente todos as partes do programa. A alvenaria está somente nas vedações das partes molhadas do programa. O concreto, apenas nas lajes dos banheiros, apoiadas em vigas de madeira. A madeira é preponderante seja na estrutura independente, nas esquadrias denominadas tipo "fortaleza"

⁶⁸ Ibid, [s.n.].

⁶⁹ Ibid, [s.n.].

⁷⁰ Ibid, [s.n.].

⁷¹ DOS PROYECTOS de viviendas en Brasil. **Summa**, Buenos Aires, n°. 148, 1980, p.44. tradução nossa.

⁷² Ibid, p.44.

- conforme os croquis do projeto, nas régulas reguláveis e com destaque à cobertura com telha em cavaco de madeira. Porto reforça a adoção das seções superdimensionadas das peças de madeira em razão das características da mão de obra " e a adequação as ferramentas utilizadas pelo homem da região, já que este será o responsável pela obtenção e preparação das peças, assim como a montagem e o acabamento da casa."⁷³



Figura 51 - Residência Robert Schuster, [entre 1979-1980].
Fonte: Acervo Severiano Porto.

O turismo no Amazonas é impulsionado na gestão do Governador Arthur Reis no início do regime militar. Com a criação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR)⁷⁴ há o interesse na ampliação da oferta hoteleira com o fortalecimento do comércio de produtos importados em Manaus na década de 1970. Ao ser solicitado para realizar um projeto para uma Pousada na Ilha de Silves, o arquiteto menciona o projeto realizado na década anterior para o hotel de 10 quartos para caça e pesca na região de Autazes: "Ambientar o turista nestas regiões, (...), foi a preocupação inicial quando da elaboração , em 1966/67 dos primeiros estudos. Posteriormente em 1979, estes

⁷³ Ibid, p.44.

⁷⁴ DECRETO-LEI nº 55 DE 18 DE NOVEMBRO DE 1966. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0055.htm>. Acesso em: 10 de agosto de 2017.

foram desenvolvidos e preparados para a sua construção na ilha de Silves."⁷⁵ A implantação prevê a cópia da unidade construída conforme a demanda de turistas pela pousada, "futuramente outras unidades deverão ser construídas de acordo com o planejamento inicial."⁷⁶



Figura 52- Pousada da Ilha de Silves, [entre 1983-1986].
Fonte: Acervo Severiano Porto.

O contexto da obra e os recursos disponíveis proporcionam ao arquiteto a oportunidade de ampliar a escala da experimentação com os materiais, e em particular com a madeira. "Troncos, roletas de troncos, madeira lavrada, cobertura de cavaco, (...), paredes de alvenaria usadas como elemento de vedação, (...) concreto (lajes de piso dos banheiros e (...) do forro da cozinha) apoiados em entalhes feitos nas colunas de madeira."⁷⁷ Este repertório de soluções técnicas são resultado das experiências acumuladas anteriores realizadas em obras do arquiteto no Amazonas, sintetizados no edifício principal da pousada.

⁷⁵ PORTO, s. **Memorial Descritivo. Pousada da Ilha de Silves.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, 1992, [s.n.].

⁷⁶ Ibid, [s.n.].

⁷⁷ Ibid, [s.n.].

Registra no memorial algumas alterações realizadas durante a obra, em razão da nova classificação qualitativa dos hotéis brasileiros "as esquadrias dos quartos (...) foram projetadas com venezianas reguláveis e tela, porém devido as exigências da faixa de turistas a serem atendidos e a classificação da pousada dentro dos padrões internacionais da hotelaria, obrigou a colocação do ar condicionado."⁷⁸ Estas esquadrias são modificadas com a colocação de vidro incolor e translúcido.



Figura 53 - Campus da Universidade Federal do Amazonas, 2020.
Fonte: Google Earth.

O *masterplan* do campus da Universidade do Amazonas - atual UFAM, divide a área de aproximadamente 600,00 ha em dois setores. O primeiro setor, denominado Mini-campus, é um dos platôs altos onde ficam setores administrativos da Universidade em edifícios temporários e algumas faculdades. Destaca-se a Faculdade de Educação Física, projeto realizado por Wit Olaf Prochinik em 1973. O setor norte do campus está no segundo platô elevado, onde o escritório SMPAA projeta as novas faculdades e as instalações administrativas: "as diretrizes iniciais partiram do estudo de toda a área do campus, a procura de um local que pudesse propiciar a construção de um tipo de arquitetura adequada ao clima e ao emprego de pouco equipamento de ar condicionado."⁷⁹ A preocupação com o clima e a preservação da vegetação existente é reforçada com "a preocupação do enquadramento às

⁷⁸ Ibid, [s.n.].

⁷⁹ PORTO, S. **Memorial Descritivo. Campus da Universidade.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, 1987, [s.n.].

características locais , econômicas, climáticas e topográficas"⁸⁰ e evitou-se o "desmatamento , reduzindo-o ao mínimo possível e sem utilizar equipamentos de terraplenagem."⁸¹

Dificuldades financeiras e políticas impedem as obras e somente em 1980 o projeto é revisado e viabilizado. O partido é flexível a topografia e a execução em etapas "foi adotado um sistema de malhas, com flexibilidade de adaptações e de acréscimos constantes, devido principalmente ao crescimento dinâmico que ocorre nas universidades".⁸² A interrupção do projeto e a experiência adquirida como professor da Faculdade de Tecnologia permite ao arquiteto modificar soluções diante das dificuldades orçamentárias junto ao Ministério da Educação : "o partido (...) proposto sofreu transformações em seu processo construtivo, adotando-se (...) a solução ora executada, (...) vantagens quanto à facilidade e flexibilidade de construção e, mais ainda, aos custos de manutenção."⁸³

O projeto separa o fluxo dos pedestres e veículos de forma a não concorrerem. "A rede de veículos foi traçada perifericamente ao conjunto construído, adaptando-se o mais possível as curvas topográficas do terreno" enquanto os pedestres estão próximos aos edifícios, "com uma rede de integração"⁸⁴ e "converge aos equipamentos gerais e complementares, como a biblioteca central, a reitoria, aula magna e centro comunitário."⁸⁵

O Centro de Proteção Ambiental de Balbina é a obra prima do escritório. É construído como uma medida compensatória ao desastre socioambiental ocorrido com a construção da Hidrelétrica de Balbina. Frente a este desastre ambiental, Severiano comenta "a região, de pouco desnível, fará com que a área a ser inundada seja muita extensa, atingindo parte da floresta e, com ela, o seu equilíbrio, além de causar outras transformações no clima, na temperatura, ventos, etc."⁸⁶ A característica ecológica e ambiental é a tônica do projeto, diante da origem do problema e pela necessidade de responder com a arquitetura as demandas futuras de intervenções na Amazônia. "Este centro denota a sua importância não somente para Balbina,(...), uma vez que o registro de todos os

⁸⁰ Ibid, [s.n.].

⁸¹ Ibid, [s.n.].

⁸² Ibid, [s.n.].

⁸³ Ibid, [s.n.].

⁸⁴ Ibid, [s.n.].

⁸⁵ Ibid, [s.n.].

⁸⁶ PORTO, S. **Memorial Descritivo. Centro de Proteção Ambiental Usina Hidrelétrica de Balbina.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, 1987, [s.n.].

acontecimentos anteriores a construção, ocorridos durante o período da sua implantação, e os posteriores ao seu término e funcionamento, servirá como orientação no futuro."⁸⁷



Figura 54 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina, 2020.
Fonte: Google Earth.

O partido organiza as edificações previstas no programa em torno de um pátio central, com um espaço múltiplo de integração e um espelho d'água. "O terreno (...) possui uma suave e constante declividade. E esse estado natural foi mantido implantando-se as diversas unidades em áreas de níveis diferentes, interligadas por passarelas e passagens cobertas."⁸⁸ A madeira é o material escolhido, seja pelas características de sítio, de caráter e diante da necessidade de minimizar o desperdício de recursos provocado pela inundação. O arquiteto escolhe "usar ao máximo a madeira, em todas as suas formas de aplicação. Madeiras recém-tiradas das áreas a serem inundadas, troncos roliços, vigas e colunas retangulares e simplesmente lavradas, tábuas, caibros e esquadrias (...) beneficiadas e como elemento de cobertura, o cavaco."⁸⁹

A cobertura é o destaque do projeto. Enquanto em planta apresenta um desenho orgânico e incomum nos projetos de Severiano Porto, a cumeeira não tem uma altura fixa e varia conforme a intenção plástica e da topografia. "(...) o ponto mais alto, divisor de águas ou cumeeira, seguiu livremente o seu caminho, enquanto a parte inferior das

⁸⁷ Ibid, [s.n.].

⁸⁸ Ibid, [s.n.].

⁸⁹ Ibid, [s.n.].

abas da cobertura cobre os espaços contínuos e sinuosos."⁹⁰ A escala do edifício é um desafio experimental pela escala de um edifício em madeira, e também pelo uso do cavaco na cobertura. Experimentado inicialmente no projeto da Igreja Nossa Senhora do Cavaco, é utilizado na Residência Schuster e na Pousada da Ilha de Silves. Entretanto, no projeto em Balbina são quase 6.000,00 m² de cobertura. Para o arquiteto "o partido adotado intimamente ligado ao sistema construtivo, a liberdade de criação foi total. Abandonou-se a rigidez de sistemas construtivos e a grande cobertura criada passou a ser contínua em sua área e extensão, porém descontínua em suas formas, alturas e larguras."⁹¹

A evolução do trabalho do escritório SMPAA nestes trabalhos pode ser observada também na mudança do discurso nos memoriais. Enquanto nos projetos das décadas de 1950 e 1960 o custo e a logística são argumentos para as decisões projetuais, nos anos 1970 e 1980 - frente ao reconhecimento das obras nas premiações e consequente protagonismo local e nacional, as justificativas se ampliam a um comportamento dos arquitetos com base nas técnicas e materiais adequados a condição do programa e do sítio.

O termo "ecologia" é utilizado nos memoriais dos projetos dos anos 1980 e gradativamente substitui a "flexibilidade" dos anos 1970. Ainda precursor as leis ambientais brasileiras resultantes da ECO'92 no Rio de Janeiro, é possível que esta condição tenha sido impulsionada pela criação da Comissão Mundial sobre o meio-ambiente e Desenvolvimento, criada pela ONU em 1983, após uma década da Conferência de Estocolmo realizada em 1972. Gradualmente o desenvolvimentismo é questionado e o ambientalismo ganha força no discurso e na prática.

Entrevistas e conferências

Para esta parte da análise da metalinguagem na arquitetura são verificadas entrevistas, conferências e discursos que Severiano Porto profere ao longo da sua trajetória profissional. Entre as entrevistas selecionadas de Severiano Porto observa-se as seguintes: "Veja" n°. 112 (1970), "Bom Dia" n°. 3 (1971), "O Turista" n°.11 (1983), "*Summa*" n°.210 (1985), "A construção" n°.1972 (1985), "Projeto" n°.83 (1986), "Sintonia" n°.86 (1986), "*Topos*" n°.02 (1990), "AU" n°.81 (1998), "Entrevista ao autor" (2002), "Mais Arquitetura" (2003), "AU" n°.119 (2004), "TV

⁹⁰ Ibid, [s.n.].

⁹¹ Ibid, [s.n.].

UFAM" (2004) e a "Dissertação de Letícia Neves" (2005). As conferências transcritas e consideradas são: "Discurso⁹² na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas"⁹³ (1973) , "Ciclo de Estudos Amazônicos⁹⁴: Arquitetura na Amazônia"⁹⁵ (1976), "*Problemas Urbanos e habitacionais da cidade de Manaus*" ⁹⁶ (1981) , a palestra "*Arquitetura de Morar na Amazônia*"⁹⁷ (1984) e o "discurso para o título honorífico de Professor Honoris Causa"(2003) na UFRJ⁹⁸.

Se os memoriais descritivos permitem uma análise abrangente sobre a recepção às obras, os argumentos verbais de Severiano Porto possibilitam verificar o discurso do escritório. As falas são classificadas por eixos temáticos, presentes em boa parte das entrevistas, e que condicionam caminhos e decisões dos arquitetos às decisões projetais. O uso de materiais e técnicas construtivas é o foco inicial no universo da pesquisa com abrangência a temas como Amazônia, industrialização, ambientalismo, regionalismo, arquitetura brasileira e ensino.

A Amazônia é a esperança do Brasil e não podemos falhar no que diz respeito ao tratado urbano no trópico e na maior reserva florestal do mundo. Devemos procurar ser o exemplo do novo Amazonas, com soluções adequadas e próprias, cuja meta dominante seja o conforto humano. (TÍTULO de ..., 1973, p.2).

Severiano Porto revela no discurso⁹⁹ que profere na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas como conhece Manaus na década de 1960 e sobre a sua relação com o Arthur Reis. Os filhos do futuro governador do Amazonas são colegas de Severiano no colégio Brasil-América na década de 1940. Além desta relação colegial, Arthur Reis é vizinho do seu pai no Rio de Janeiro. O convite para a realização das obras no Amazonas é realizado após a boa

⁹² TÍTULO de Cidadão Benemérito do Amazonas a Severiano Porto. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 04 de dezembro de 1973, p.2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de agosto de 2017.

⁹³ Realizado na ocasião do recebimento do título "Cidadão do Estado Amazonas", proposto pelo deputado Washigton Stephano e conferido pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em 3 de dezembro de 1973.

⁹⁴ Conferência "Arquitetura na Amazônia" para o Ciclo de Estudos Amazônicos, organizada pela Biblioteca Nacional nos dias 17 de novembro a 2 de dezembro de 1976 no Palácio de Cultura no Rio de Janeiro.

⁹⁵ PORTO, S. Arquitetura na Amazônia. In: DOYLE, P. (org.). Anais da Biblioteca Nacional. Vol. 101. **Ciclo de Estudos Amazônicos** (1976). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional / Divisão de Publicações e Divulgação, p. 216-224, 1981.

⁹⁶ PORTO, S.; OITICICA, C. **Problemas Urbanos e habitacionais da cidade de Manaus**. Transcrição da conferência. Arquivo Pessoal, Manaus, sede do CREA/AM-RR, proferida em 29 de novembro de 1979.

⁹⁷ PORTO, S. Arquitetura de morar na Amazônia. In: OURIQUES, Ernande Vieira. **As artes visuais na Amazônia**. Manaus: FUNARTE, 1985, p.81 a 88.

⁹⁸ PORTO, S. **Pronunciamento em agradecimento ao título de Professor Honoris Causa**. Arquivo. Rio de Janeiro: Acervo Severiano Porto / NPD-UFRJ, [s.n.], 19 de novembro de 2003.

⁹⁹ TÍTULO de Cidadão Benemérito do Amazonas a Severiano Porto. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 04 de dezembro de 1973, p.2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de agosto de 2017.

participação do arquiteto na reforma da Representação Administrativa do Estado na Guanabara realizada em 1964 e também pela visibilidade de outras obras relevantes na zona sul da cidade.

Alguns anos atrás, em 1962, uma oportunidade surgida com o oferecimento de passagens para visitarmos o lugar que desejássemos conhecer do Brasil, escolhemos o Amazonas, mais precisamente Manaus, pois nos parecia um local que dificilmente teríamos a oportunidade de conhecer, em virtude da sua distância, naquela época, bem maior que a de hoje. (...) Em 1964, fui convidado pelo Governador Arthur Reis para executar uma reforma na Representação do Governo do Amazonas, na Guanabara, fato este que marcou o início de nossa vida profissional no Amazonas e que hoje tem o seu momento máximo, ao recebermos o título que nos é oferecido pelo Poder Legislativo. (TÍTULO de ..., 1973, p.2).

A ocasião concede o "Título de Cidadão Benemérito do Amazonas" ao arquiteto. Satisfeito com o reconhecimento afirma que "este ato vai se somar ao de muitos amigos que nestes anos tivemos o prazer e a honra de conviver e que também são responsáveis sem dúvida nenhuma pelo presente momento".¹⁰⁰ As limitações logísticas e o isolamento possibilitam trocas importantes com profissionais de outras áreas do conhecimento e contribuem para uma visão plural da Amazônia que contribui para a trajetória do escritório SMPAA. Cabe destacar o seu convívio com os pesquisadores do INPA e na Universidade do Amazonas.

A falta de cursos de arquitetura e urbanismo no Amazonas dificulta a organização do escritório em Manaus. Diante das demandas profissionais surgidas, principalmente com a repercussão positiva da Residência do Recife, 1762 (Cafundó), novas solicitações - além das existentes no poder público, exigem a contratação de profissionais habilitados para a prática e auxílio em Manaus. A distância e a dificuldade de adaptação dos profissionais formados pela FNA na Amazônia é uma barreira no final dos anos 1960. É neste cenário que inicia a construção do Estádio Vivaldo Lima em 1967.

Só havia desenhistas e engenheiros do Departamento de Estradas e Rodagem do Amazonas e da Secretaria de Obras, além dos engenheiros das poucas construtoras, e nenhum arquiteto. Assumimos não só a elaboração do projeto arquitetônico como também a contratação dos cálculos complementares (estrutural, de elétrica, hidráulica) e especificações, quantitativos e orçamentos, programação do andamento da obra em suas diversas etapas e prazos. Assumimos também a fiscalização global de toda a construção. (TÊTE-À-TÊTE com ..., 2003, p.22).

¹⁰⁰ Ibid, p.2.

Ainda que o regime militar implantado em 1964 represente um rompimento cultural em boa parte do território brasileiro, Arthur Reis - interventor escolhido pelo então presidente Castelo Branco (1897-1967) ao Amazonas, promove uma importante movimentação cultural e econômica no Estado. Convida profissionais do Rio de Janeiro em diversas áreas do conhecimento para auxiliar na reestruturação econômica e cultural do Amazonas. Destaca-se nesse momento a presença de Glauber Rocha (1939-1981) como contratado do Governador para as filmagens de "Amazonas, Amazonas"¹⁰¹ e a apresentação da peça "Morte e Vida Severina"¹⁰² em 1965 no Teatro Amazonas.

Após o período embrionário na Amazônia, a realização de projetos e a construção de importantes obras, o início da década de 1970 apresenta uma outra perspectiva econômica ao Estado - diante do impulso realizado pela Zona Franca de Manaus. A modernização da região entusiasma Severiano:

Definido o tempo de nossa presença aqui, pode-se verificar que mais de dois anos antes da instituição da Zona Franca de Manaus e da sucessão de medidas que transformaram esta região em todos os seus aspectos, já residíamos em Manaus, o que nos deu a oportunidade de ver, sentir e participar com entusiasmo de tudo que começava a ocorrer, como num sonho, vertiginosamente. A apatia, o desânimo e a falta de perspectivas que caracterizava o quadro amazônico de antes de 1967, começava a ser substituído por outro de expectativa, esperança e dinamismo. (TÍTULO de ..., 1973, p.2).

Depois de 25 anos, a modernização pregada por Vargas no "Discurso do rio Amazonas" em 1940 é efetivada com Arthur Reis. A chegada de arquitetos e engenheiros oriundos do Rio de Janeiro na cidade estabelece um campo para a aplicação dos princípios modernistas da FNA. As dificuldades territoriais, logísticas e ambientais encorajam o arquiteto para a necessidade de conhecer e compreender a região, para interpretá-la e posteriormente chegar a intervenções adequadas com os recursos disponíveis. Isso não significa renunciar a modernidade. A imposição de modelos pré-concebidos se mostra equivocada em Manaus desde os tempos da *Belle Époque*. A estética vigente é adaptada aos materiais, ao clima e a mão de obra. Não seria diferente sete décadas depois.

A experimentação de novos materiais e técnicas construtivas é uma condição promovida pelas atividades realizadas na FNA e presente na formação dos arquitetos da turma de 1954. Essas experiências estão presentes nas

¹⁰¹ AMAZONAS, Amazonas. Direção:Glauber Rocha. 15 minutos. 1965. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MvNgJ-Swhps>>. Disponível em: 20 de setembro de 2019.

¹⁰² "Como prova de liberdade que as atividades culturais desfrutavam por aqui, temos o evento de encerramento do Governo: Morte e Vida Severina, peça de João Cabral de Mello Neto, com música de Chico Buarque de Holanda - encenada pelo TUCA.(...) cuja a apresentação estava proibida em todo o país, mas que Manaus aplaudiu sem sustos, em noite memorável do Teatro Amazonas, com a presença do Governador Arthur Cezar Ferreira Reis, sua família, seus amigos, toda a equipe do Governo, convidados e o povo da cidade." (SANTIAGO, 2009, p.179)

residências serranas no Rio de Janeiro, na arquitetura nos pampas no Rio Grande do Sul e nas das praias do nordeste. A adaptação da modernidade ao local é uma premissa da arquitetura brasileira e se realiza independente da materialidade. "Embora vindo da Guanabara, procuramos fazer uma arquitetura adequada à Região, sem a preocupação de trazermos soluções que aprovavam e tinham razão de ser em outras regiões, mas que aqui não necessariamente poderiam se adaptar"¹⁰³. Severiano Porto observa os resultados dessas experiências recentes dos arquitetos cariocas, dos recém-chegados ao Amazonas e a metodologia projetual de Oswaldo Arthur Bratke na realização da Vila Amazonas e Vila Serra do Navio no Amapá para o grupo Indústria e comércio de Minério - ICOMI, inaugurados em 1960. A admiração ao arquiteto paulista é confidenciada na entrevista a José Wolf: "Oswaldo Bratke é um exemplo: antes de construir a Vila Serra do Navio, no Amapá, ele passou por lá três meses só sentindo as condições da região, para depois construir."¹⁰⁴

Os primeiros trabalhos realizados a partir de 1965 são um aprendizado como um laboratório de projetos para uma aproximação com a realidade da mão de obra disponível e sobre a necessidade de reverter uma condição pretensamente desfavorável, em um benefício à arquitetura brasileira:

Atuamos procurando aprender tudo o que o homem da terra nos ensinava, com sua habitação simples, com sua maneira de ver e sentir o clima, com sua maneira de viver, de encarar o rio e suas variações de níveis, de suas casas flutuantes, conhecemos suas madeiras e suas maneiras de usá-las e trabalhá-las espontaneamente. (...) Uma grande preocupação sempre tivemos, a de dar o melhor dos nossos esforços não só na elaboração do projeto como também o apoio necessário a sua execução, ora exercendo a fiscalização, ora procurando o apoio técnico e jurídico com outros colegas. (TÍTULO de ..., 1973, p.2).

A aproximação enquanto arquiteto ao conhecimento do homem amazônico é uma descoberta transformadora na sua trajetória profissional. Se os projetos realizados nos anos 1960 utilizam detalhes construtivos reconhecidos na capital carioca, as dificuldades de execução faz com que sejam gradualmente substituídos e adaptados, com observação dos amplamente utilizados na região.

E assim abordamos em rápidas pinceladas o tema relativo à arquitetura do passado e devíamos começar a falar sobre a arquitetura de hoje, e dessa maneira cometermos o

¹⁰³ TÍTULO de Cidadão Benemérito do Amazonas a Severiano Porto. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, 04 de dezembro de 1973, p.2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de agosto de 2017.

¹⁰⁴ ABRIGO natural - Severiano Porto por José Wolff. **AU**, Editora PINI, São Paulo, n.81, dezembro de 1998. Disponível em <<http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/81/abrigo-natural-23971-1.aspx>> Acesso em: 17 de janeiro de 2019.

erro de sempre, isto é, ignorarmos a arquitetura espontânea do homem local. Esta sim, a mais rica em subsídios relativos à ecologia, identificação e emprego de materiais regionais, sistema construtivo, escolha do sítio e implantação da edificação. Este ponto devia ser o de partida. Nele vamos encontrar várias vezes a tão sonhada e pesquisada casa do Amazonas ou da Amazônia. (PORTO (1976), 1981, p.218).

Esse olhar atento ao canteiro e as soluções construtivas possibilita uma nova instrução: aprender com a sabedoria popular e as soluções construtivas ribeirinhas. Ainda assim, há fidelidade aos princípios dogmáticos da formação na FNA. Nesse aprendizado na Amazônia observa com apreço as duas soluções projetuais para habitações na Amazônia. Para as casas em terra firme o arquiteto sublinha :

Na sua simplicidade e de forma espontânea eleva o piso da construção, constrói os panos verticais de vedação (as paredes) de palha ou de madeira, sem atingir a cobertura, e esta também é recoberta de palha. O piso elevado a protege da umidade e defende de animais, as paredes de palha funcionam como elementos de vedação, isolamento térmico, permitindo também aeração, o vazio existente entre as paredes e a cobertura deixa o ar circular livremente, que dessa maneira elimina o resto de calor transmitido por esta. Estes são os princípios básicos. Simples e evidentes. A tecnologia aplicada é variada, ora usam paus roliços e ora madeira lavrada em sua estrutura: nas paredes; tábuas ou palha, no piso; tábuas ou troncos roliços de palmeiras e na cobertura, a palha. São usados vários tipos de palha e cada um possui o seu sistema próprio de colocação. (PORTO (1976), 1981, p.218-219).

O possível confronto entre "saber acadêmico x saber popular" é superado com tranquilidade por Severiano Porto com uma sabedoria ao encontrar soluções, sem preconceitos, mais adequadas as respostas necessárias para a Amazônia. Para as residências flutuantes, observa:

Outro tipo de habitação é o da casa flutuante, um dos exemplos mais ricos de ecologia e criatividade. Sobre imensas árvores de madeira tipo balsa eles constroem seus pisos flutuantes e sobre os mesmos fazem uma casa convencional que é equipada até com uma pequena caixa com terra para cultivar o seu pé de pimenta e cheiro verde. E ela acompanha o subir e descer das águas, e rebocada, se desloca quando necessário. (PORTO (1976), 1981, p.219).

Clima e materiais locais são citados constantemente em suas afirmações. Em 1971 o arquiteto diz que "Devemos adotar soluções que atendam a insolação, aos ventos, as chuvas, as nossas condições de mão-de-obra, de material de construção e aí incluímos a madeira farta e abundante em nossas matas."¹⁰⁵. Diante do crescimento

¹⁰⁵ ENTREVISTA com: Severiano Porto. **Bom Dia**, [S.I.], Rio de Janeiro: n°.3, 31 de março de 1971, p.34.

demográfico, territorial e econômico vertiginoso que a cidade de Manaus tem com a Zona Franca de Manaus e a falta de planejamento urbanístico que respeitasse as características ambientais presentes na cidade em 1967, observa que " E o Urbanismo adequado a uma cidade do trópico e da Amazônia? Será que no futuro teremos condições de aí habitar sem usarmos aparelhos de ar condicionado em todos os ambientes e automóveis?"¹⁰⁶

Durante os 36 anos em Manaus, Severiano Porto tem participação ativa nos fóruns de discussão da cidade de Manaus. Ainda na década de 1960, Porto afirma que "Do ponto de vista de áreas verdes ou livres, Manaus é uma cidade doente, pois praticamente não há arborização estudada em suas ruas, bem como não existem praças ou parques, em mínimo suficiente para a população."¹⁰⁷ A preocupação com o crescimento urbano descontrolado da cidade é destacado pelo arquiteto em suas apresentações. Em 1973 afirma que "o presente irá definir o futuro da cidade(...), e por isso ele deve ser ousado nas suas proposições, seguro na sua codificação e generoso na sua preservação das áreas verdes, tão necessárias para a amenizar o clima."¹⁰⁸

Ainda que o clima fosse uma das condições determinantes na argumentação de Porto, no discurso concedido em 2003 quando ele recebe o título "Professor *Honoris Causa*", o arquiteto relata uma maneira cíclica e não linear de encarar as condicionantes projetuais .

Região, clima, suas necessidades, características locais tornaram-se mais fáceis de serem sentidas e usadas como mais um importante elemento no ver, sentir, pesquisar, entender, estudar e propor. Não havia uma sequência ou metodologia adotada na busca dos diversos elementos acima. Eles aconteciam normalmente e iam sendo lançados dentro do computador de nossa cabeça, que processava os diversos dados apresentando respostas mais seguras à medida que chegavam as informações. Os estudos e proposições iniciais aconteciam a todo o momento no processo de elaboração sofrendo alterações e complementações no caminho da busca pela solução. (PORTO, 2003,[s.n.]).

O lugar, a preocupação com a regionalidade e a Amazônia são citados frequentemente pelo arquiteto em suas entrevistas, conferências e discursos. Ainda que o local determine a conceituação dos projetos, o escritório SMPAA desenvolve as suas obras utilizando um método - seja na Amazônia ou no Rio de Janeiro. O método não está

¹⁰⁶ PORTO, S. Arquitetura na Amazônia. In: DOYLE, P. (org.). Anais da Biblioteca Nacional. Vol. 101. **Ciclo de Estudos Amazônicos** (1976). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional / Divisão de Publicações e Divulgação, 1981, p.224.

¹⁰⁷ ESTUDO para remodelação do Parque 10 de novembro. **ABA**, Rio de Janeiro, n.º.1, 1969, p.105.

¹⁰⁸ TÍTULO de Cidadão Benemérito do Amazonas a Severiano Porto. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, 04 de dezembro de 1973, p.2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de agosto de 2017.

relacionado a adoção de tipos ou modelos e sim a um comportamento frente aos problemas a serem enfrentados. Diante de um convite de um empresário português interessado em construir um complexo turístico no interior do México, Severiano comenta:

Eu respondi que aceitaria o trabalho com uma condição: passar antes um par de meses vivendo na região (...) para conhecer assim suas características climáticas, a qualidade da mão de obra do lugar, enfim, a "cor local". Ele me disse, então, que só pretendia que eu trabalhasse como estava acostumado a fazê-lo habitualmente, Porém isso, para mim, não era possível. Eu o fiz ver que era necessário que eu passasse lá um período, já que considerava fundamental conhecer a fundo o homem, os materiais e processos construtivos, os recursos locais, sobre o qual podia definir um sistema de vida muito interessante e específica para a região. Eu até insinuei ao meu cliente que talvez seria melhor buscar um arquiteto daquele lugar, que valorizasse tudo isto em seu trabalho. Finalmente se despediu, me disse que voltaria e... nunca voltou. E quanto a mim, se tratou apenas de uma atitude de convencimento frente ao problema. Penso que não tem nenhum sentido fazer um hotel idêntico em Manaus, Acapulco, Miami ou em qualquer parte do mundo. Não creio em uma arquitetura universal; eu tenho simplesmente tenho uma preocupação com o regional. (SEVERIANO Porto: *Arquitetura...*, 1985, p.28, tradução nossa).

Severiano Porto é arquiteto de uma geração que pratica a arquitetura. Arquitetos com dez anos de profissão na década de 1960 são distintos dos profissionais da atualidade com o mesmo tempo de atividade. Ainda que os tempos, a formação e a quantidade de arquitetos são outros, as oportunidades daquela geração são bem aproveitadas e potencializam o desenvolvimento de uma arquitetura com base no racionalismo construtivo. "Arquiteto não faz projeto! O arquiteto faz obra!"¹⁰⁹

Os primeiros anos da atividade profissional de Severiano Porto são intensos e materializados por edifícios ordinários realizados na zona sul carioca. Além da realização dos projetos dos edifícios, tem participação ativa nas etapas da obra. Essas práticas adquiridas na realização dos projetos e das obras estabelecem uma estreita relação do arquiteto com o canteiro. Os estágios em obras durante a faculdade são valorizados e reforçados na sua prática profissional em 1955 na construtora Ary C.R. de Britto:

Foi uma maravilha porque tinha as obras, eu fazia detalhes, ia para a obra. [...] Os mestres eram competentíssimos, porque, antigamente, vinha de pai para filho. Quando vinha o marmorista eu ia para lá e a gente via como é que ele marcava [o traçado dos

¹⁰⁹ PORTO, S. Entrevista à Mirian Keiko Lima. Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 2003. In: LIMA, Mirian. **Modernidade Híbrida na Arquitetura Brasileira: projetos e obras de Severiano Mario Porto Arquitetos**. 2017. 338 f. Tese (Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. p.82.

degraus] como ele desenhava, como a pedra entrava na parede, o pé de galinha quando chegava, assim no patamar, etc. então a gente ia vendo [...]. Eu ia para a obra quando tinha que misturar a tinta, misturava gesso-cola, depois a anilina. (PORTO apud LIMA, 2017, p.80).

A vivência no canteiro desde os anos na FNA ratifica a importância e a estreita relação entre o projeto e a obra ao arquiteto. Se atualmente são vistos como atividades independentes, Porto afirma que projeto e obra são indissociáveis:

Quando você vai falar com o cliente, ou que ele te chama, que vão ao terreno, é obra na etapa de ir ao terreno! Na hora que você vai ter reunião com o contratante, é obra na fase da reunião com o contratante! A fase da proposta é a obra na fase de proposta de projeto! Depois é obra na fase do estudo preliminar, depois na de ante-projeto, [nesta] fase do projeto, você já tem que contatar com todos os calculistas, as outras [especialidades] que vão começar a dar as informações que vão alterar o seu projeto em função do que vem deles, e ao mesmo tempo depois você vai ter que fazer desenhos com eles, para que eles possam dar retorno; hoje com o computador isso é uma maravilha. Antigamente era desenho. [...] e finalmente a obra na fase de fundações, a obra é isso. [...] Tem que entender muito de técnicas construtivas, dos materiais e você não tem que ir para modismo, [...] nenhum material novo invalida os anteriores, o outro, o tradicional. (PORTO apud LIMA, 2017, p.82).

Inseparáveis, projeto e obra ainda evocam uma dimensão ética. A adoção desta visão que identifica a prática do canteiro como parte do processo de projeto traz consigo uma relação vital às técnicas construtivas e aos materiais. Ao perceber a realidade na Amazônia, Severiano adota uma postura experimentalista. Segundo Porto no artigo "Criatividade, correção e beleza em quaisquer arquiteturas":

A mensagem que cada projeto e obra devem levar junto com as necessidades atendidas precisa conter a imagem do correto, do necessário, do algo a mais que o projeto necessita atingir, da realidade econômica e da permanência de vida desejada ao objeto projetado. (PORTO, 1986, p.48)

Em 1986 recorda que "observando, vivenciando, comecei a adaptar o que eu queria fazer com o que eles conheciam."¹¹⁰ Se a geografia e a logística dificultam a utilização de materiais esteticamente reconhecidos em Manaus nos anos 1960, a diversidade e disponibilidade de madeiras da Amazônia, levam Porto a utilizá-las em seus projetos. Por outro lado, como modificar a estética socialmente aceita, se a madeira é considerada um material inferior historicamente em Manaus? O código de posturas de 1920 não autoriza a utilização de materiais

¹¹⁰ PENTEADO, S.; ZEIN, R.; YAMASHIRO, D. A longa trajetória, da efervescência cultural do Rio a Manaus. **Projeto**, São Paulo, n.83, janeiro de 1986, p.49.

"selvagens" em ambiente urbano. O que parece lógico, do ponto de vista da disponibilidade de recursos, é objeto de resistência dos clientes sobre a utilização da madeira nas obras:

Apixonado pela madeira, como todo arquiteto, fomos adaptando o nosso detalhamento às condições locais, às ferramentas usadas e ao tipo de mão-de-obra regional. Começamos a usá-la em coberturas, forros de madeira, beirais longos, e algumas outras tentativas em escolas e residências. Mas era muito cedo. Casa de madeira era usada só por "gente pobre", escolas de madeira, embora com portas e peitoris revestidos de fórmica, podiam ser confundidas com barracos e eram rejeitadas. (PORTO (1976), 1981, p.219).

Ainda que o reconhecimento da trajetória profissional de Severiano Porto tenha uma relação com a madeira, o material não é o ponto de partida no partido arquitetônico. "No caso da arquitetura, temos outras sequelas, como o custo da manutenção. Vivemos, enfim, numa época em que a vida e a arquitetura se situam e refletem a cultura e a tecnologia do momento, em permanente evolução."¹¹¹ A determinação de materiais nos projetos está diretamente relacionada as possibilidades de adaptação as distintas condições do projeto, sejam a madeira, a palha, o telha de fibrocimento e qualquer outro material:

Se a cobertura a ser empregada permite ser usada plana ou com pequeno caimento, será assim empregada; se for de fibrocimento será empregada com um pouco mais de caimento; se for de telha de barro mais ainda e se for de palha bem mais. E assim sucessivamente com todos os materiais de construção. (PORTO (1976), 1981, p.222).

O possível confronto entre o uso de materiais tradicionais frente as novas possibilidades oferecidas pela indústria, o arquiteto se posiciona com liberdade e defende a escolha adequada. Entretanto, a disponibilidade dos novos materiais, não deve inibir o uso dos materiais tradicionais. "Na área médica, o chá de erva-doce era e ainda é muito empregado. E funciona. Hoje você tem o antibiótico de última geração, mas que deixa seqüelas e precisa ser usado com cuidado."¹¹² A condição de mesclar tecnologias recentes frente as técnicas construtivas tradicionais são características que distinguem as obras. Diante deste desafio o arquiteto observa que "devemos nos concentrar na busca de novas respostas tecnológicas a partir dos nossos materiais, dos elementos arquitetônicos de nossa tradição construtiva."¹¹³ Em entrevista a Alberto Petrini, Porto pondera sobre a utilização de materiais tradicionais de forma "coloniosa":

¹¹¹ ABRIGO natural - Severiano Porto por José Wolff. **AU**, Editora PINI, São Paulo, n.81, dezembro de 1998. Disponível em <<http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/81/abrigo-natural-23971-1.aspx>> Acesso em: 17 de janeiro de 2019.

¹¹² Ibid, [s.n.].

¹¹³ SEVERIANO Porto: arquitectura y identidad regional. **Summa**, Buenos Aires, n°.210, março de 1985, p.28.

Quando jovens arquitetos deixam a faculdade se encontram em uma situação de grande indecisão sobre como se comportar profissionalmente. Então pensam que seguir os padrões apontados pelas revistas vão evitar erros e que desta maneira já tem meio caminho realizado. E assim estamos atravessando no Brasil uma fase de arquitetura neocolonial, que nós chamamos de "coloniosa". Bom, esta arquitetura está perfeitamente sincera quando o Brasil era uma colônia, mas hoje demonstra uma total falta de criatividade ainda que utilize materiais locais como a telha cerâmica ou a madeira. (SEVERIANO Porto: *Arquitectura...*, 1985, p.28, tradução nossa).

É importante observar a argumentação do arquiteto ao utilizar o termo "arquitetura universal". A crítica está relacionada a importação de padrões estéticos vigentes no período propagado pelas revistas de arquitetura e catálogo de fornecedores e não a utilização das premissas da arquitetura. A preocupação com a importação de materiais, deriva da sua experiência de canteiro e do conhecimento da mão de obra artesanal, habituada a encontrar soluções, por vezes, no próprio canteiro. A standartização das soluções construtivas e a importação de modelos dos países desenvolvidos são vistas como uma barreira a criatividade dos arquitetos e também da mão de obra. Em tempos difíceis na América do Sul nos anos 1980 com a abertura política e da busca de uma possível identidade sul-americana, a liberdade criativa nas construções é vista por Severiano Porto como vital diante da iminente industrialização na construção civil nos países latino-americanos.

"Importamos projetos. Importamos edificações inteiras, pedra por pedra e as montamos em Manaus." ¹¹⁴ Esta citação realizada na conferência "Arquitetura na Amazônia" realizada no Ciclo de Estudos Amazônicos na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro em 1976 demonstra a preocupação ao analisar as condições para a construção durante o Império na cidade colonizada pelos ingleses, portugueses e italianos. Por mais que na *Belle Époque* seja um contexto diverso do encontrado nos anos 1960, o arquiteto observa as possíveis fragilidades encontradas na construção desses edifícios com a mão de obra disponível e pondera sobre a importação de modelos: "havia uma despreocupação com a proteção externa das fachadas, com a colocação de beirais protetores de suas paredes e empenas, e uso de elementos que permitissem renovação permanente de ar em seu interior."¹¹⁵ Esse olhar atento a tradição - ao mesmo tempo para a atualidade, fundamenta as decisões para a consolidação de uma arquitetura com materiais e técnicas adequadas ao seu tempo.

¹¹⁴ PORTO, S. *Arquitetura na Amazônia*. In: DOYLE, P. (org.). *Anais da Biblioteca Nacional*. Vol. 101. **Ciclo de Estudos Amazônicos** (1976). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional / Divisão de Publicações e Divulgação, 1981, p.224.

¹¹⁵ *Ibid*, p.218

A recepção das obras e as constantes premiações motivam convites para a realização de entrevistas, palestras e conferências de Severiano Porto. É nesse momento que o arquiteto expõe os argumentos que julga convenientes para a realização do trabalho. A Residência Recife 1762 (Cafundó) é uma oportunidade para experimentar a utilização da madeira como uma alternativa econômica à Amazônia. Essa motivação é potencializada após a negação do Estado ao projeto para Escolas pré-fabricadas em madeira no interior do Amazonas. Porto relata a resposta de um oficial que recusa a proposta apresentada em 1965 e está relacionada a imagem arquitetônica idealizada pelo regime militar para o novo ciclo econômico no Amazonas. "Se eu quisesse um barraco, não teria chamado um arquiteto."¹¹⁶ A madeira ainda é uma lembrança do selvagem e primitivo no imaginário da sociedade.

Diante da oportunidade de realizar o projeto da sua moradia, o arquiteto experimenta materiais e práticas que considera adequadas às soluções para a habitação na Amazônia. "(...) as opções me parecem óbvias. Ou usar o sistema americano de ar condicionado - e aí então fazer qualquer coisa, até projetar iglus na região - ou tentar diminuir a luminosidade e criar condições de ventilação com os próprios elementos da arquitetura."¹¹⁷ Experimentar e comprovar na própria casa que uma residência em madeira pode oferecer a mesma modernidade que uma em alvenaria é um cartão de visitas ao arquiteto. Além da modernidade, o menor custo econômico e social. Entretanto é uma oportunidade de mostrar a burguesia local nesse período, que o material não define a modernidade, e sim, estabelece uma escolha do arquiteto frente aos diversos fatores que determinam a arquitetura. Comenta sobre as visitas de curiosos a residência "mas era gente de fora do Estado. Poucos clientes."¹¹⁸

As obras premiadas pelo IAB ainda nessa década e no início dos anos 1970, com destaque aos materiais apropriados e a gradativa participação de Porto na sociedade amazonense, o credenciam como arquiteto da burguesia em Manaus. Ainda assim, o uso da madeira não é comum nessas novas residências com utilização restrita a esquadrias, acabamentos e revestimentos. Além do preconceito estético há preocupação em relação à durabilidade e manutenção. Se as obras realizadas em madeira por Severiano Porto merecem mais curiosidade e interesse pela especificidade estética em relação a outras arquiteturas desenvolvidas, o seu uso é defendido pelo arquiteto ao olhar para a história da arquitetura da cidade. "Veja o Palácio Rio Negro, do governo (Sic) estadual.

¹¹⁶ O ARQUITETO das madeiras. **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n.º.112, 28 de outubro de 1970, p.58.

¹¹⁷ *Ibid*, p.58.

¹¹⁸ *Ibid*, p.58.

Todo o seu interior é de madeira, lavrada em 1910, sem receber nenhum imunizante. Até hoje está perfeito. Com proteção, a madeira dura a vida inteira."¹¹⁹ Na conferência "Arquitetura na Amazônia" o arquiteto apresenta a Residência Cafundó como um exemplo de afirmação local com as novas práticas:

Começamos então com a nossa casa, que fizemos de madeira, bem simples, bem barata, e para nossa família, "bem simpática". Situada numa pequena encosta possuía uma varanda na parte inferior, situando-se na parte superior a cozinha, a sala e 03 quartos. Praticamente todos os painéis de vedação eram de venezianas largas de madeira reguláveis e todas feitas no próprio local da obra. Os quartos também dentro do mesmo sistema eram estreitos e se comunicavam com uma varanda situada na frente da casa. Houve também preocupação em se prever a ventilação cruzada. A cozinha e 03 banheiros foram construídos em alvenaria. Aí moramos 6 anos o meio, naquele tempo fora da cidade e perto de um igarapé (pequeno riacho) com um banho (piscina rústica de água corrente). E começamos a ser visitados. A idéia começava a ser aceita. Nos projetos do Governo usávamos generosos beirais, e entusiasmados com tudo vivíamos intensamente a experiência da Amazônia. (PORTO (1976), 1981, p.219-220).

Após o reconhecimento sul-americano com a Bienal de Buenos Aires em 1985, em entrevista para Silvia Penteadó, Ruth Zein e Denise Yamashiro, o arquiteto acrescenta que "construir uma casa de madeira junto de um igarapé; na época não era costume, apenas as pessoas do povo moravam assim."¹²⁰ Somente nos anos 2000, relata em entrevista à Letícia Oliveira Neves sobre a disponibilidade de peças em madeira que determinam a sua utilização no projeto de uma moradia temporária em um terreno alugado:

Então eu fiz a minha casa assim. Então eu estava com um monte de piso, tábuas de assoalho normal, macho e fêmea, depois também na vertical. E aí eu fui morar nela, tinha até um riacho que passava que a gente tomava banho, tinha uma piscina natural. (PORTO apud NEVES, 2005, p.215).

A premiação do Restaurante Chapéu de Palha em 1967 determina uma maior visibilidade para a utilização de materiais primitivos na região. Sobre a importância dessa premiação para a quebra de determinados paradigmas na cidade, relata em entrevista para a revista "Veja" em 1985 que "antes, madeira e palha eram coisas de gente pobre."¹²¹ Na conferência "Arquitetura na Amazônia" reforça a escolha da madeira e da palha no projeto como uma adequação aos meios disponíveis em Manaus:

¹¹⁹ Ibid, p.58.

¹²⁰ PENTEADO, S.; ZEIN, R.; YAMASHIRO, D. A longa trajetória, da efervescência cultural do Rio a Manaus. **Projeto**, São Paulo, n.83, janeiro de 1986, p.46.

¹²¹ GOMES, L. O artista da Amazônia. **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n°. 879, 1985, p.119.

E começamos a trabalhar com a madeira e a palha de forma simples e rústica. Fizemos o "Restaurante Chapéu de Palha". Construído em fins de 1967, empregamos, em seu sistema estrutural armado em forma de cone, uma árvore característica da região chamada aquariquara, foi recoberto com um tipo de palha (buçu) que resiste até hoje sem ter sido substituída. Na parte inferior foram colocados grandes beirais tipo aba de um grande chapéu, elemento que deu origem ao seu nome. (PORTO (1976), 1981, p.220).

Em 2005, o arquiteto relata para Letícia Neves sobre a habilidade da mão de obra local no manejo de grandes peças e sobre as possibilidades de uso desses materiais tradicionais, e ainda não explorados na construção civil. A dificuldade de conduzir uma obra com baixo orçamento se torna uma oportunidade ao experimentar novas práticas construtivas.

Eu conheci os postes das árvores, porque o secretário de obras era engenheiro eletricista da companhia de eletricidade, e os postes lá duravam muitos anos, tem aquariquara, que dura 80 anos. (...) Pra pegar um pau de 14m de comprimento, uma árvore, pra suspender, pra botar num buraco, eles pegavam no centro de gravidade, botavam uma palha aqui, botavam um tripé e suspendiam. (PORTO (1976), 1981, p.215).

O projeto do Chapéu de Palha é reproduzido no late Clube de Boa Vista no final da década de 1970. Este ato gera um auto de infração no CREA/AM-RR com a comprovação da cópia do projeto sem a devido conhecimento e/ou autorização do arquiteto. Ainda que o parecer tenha sido favorável a denúncia do plágio, o infrator paga uma multa, convertida a uma entidade beneficente.¹²² Severiano Porto argumenta que "é a primeira vez que um modelo regional é copiado de dentro e não de fora."¹²³

Explorar a diversidade de materiais em suas distintas texturas, engates e formas é uma das pautas para o desenvolvimento de projetos do escritório SMPAA na década de 1970. A Igreja Nossa Senhora do Cavaco e a Loja CREDILAR são exemplos da busca por um ressignificado da madeira em edifícios no Amazonas. Construída em 1969, a capela é uma parte da implantação de edifícios públicos realizados pelo escritório na Colônia Agrícola em Rio Preto da Eva/AM. Porto relata na entrevista concedida em 2014 à TV UFAM sobre a experimentação com a telha de cavaco em madeira: "A primeira igrejinha que eu fiz, a da colônia de Rio Preto, foi feita com telha em

¹²² PORTO, S. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

¹²³ ENTREVISTA (2004). TV UFAM. In: ABRAHIM, R. **Poesia na floresta: a obra de Severiano Porto no Amazonas**. Manaus: Reggo Edições, 2014, p.14.

madeira."¹²⁴ Em 2006 relata em entrevista e Letícia Neves que o uso da telha em madeira não é uma exclusividade amazônica e os noruegueses "trabalham com a telha de madeira, mas são grossas, bem pontudas, para segurar a neve"¹²⁵, assim como seringueiros oriundos do nordeste, os imigrantes japoneses a utilizam na Amazônia nos anos 1930¹²⁶, e também é possível verificar a utilização na década de 1940 no interior do Estado do Amapá.¹²⁷

Convidadas pelo então Secretário de Produção em 1969 para projetarmos uma Colônia Agrícola às margens do rio Preto, no quilômetro 78 da estrada Manaus-Itacoatiara, colônia experimental que deveria usar o material e a mão-de-obra local, procuramos através de um dimensionamento compatível aos mesmos dar novas proporções e formas de uso. Na Capela Ecumênica aí situada usamos a madeira aquariquara em sua estrutura, que fazia lembrar uma letra A e recobrimos todo o conjunto de cavaco (lascas de madeira tiradas também no local). Esta capela foi construída no sistema de mutirão e até os móveis que foram por nós desenhados foram construídos com seções de paus roliços. (PORTO (1976), 1981,p.220).

A outra obra relevante desse momento de uma afirmação de diversidade de materiais é a construção da loja CREDILAR. A loja de departamentos vende produtos importados e está localizada na esquina aos fundos do Teatro Amazonas. A madeira é exposta como um *showroom* com utilização diversa e demonstra o potencial construtivo da madeira amazônica. Em publicação realizada pela "Veja", "Severiano constrói uma loja no centro de Manaus, com 8 m de altura (dois andares), área de 1.300m², colunas de madeira (25x50 cm). Custo da construção: 320 cruzeiros por metro quadrado. Em concreto, ficaria por mais de 500."¹²⁸ Nesse edifício, é possível observar nos elementos de arquitetura, a proposta de mudança dos arquitetos na sociedade com a utilização da madeira - em busca de uma racionalidade logística e não identitária. Ainda sobre este edifício:

E, no nosso aprendizado constante, nos maravilhávamos com a habilidade no manejo do machado e da enxó pelo caboclo. E, quando convidados por importante grupo de empresários locais, projetamos e construímos uma loja, na esquina da avenida principal de Manaus, com mais de 50 metros de fachada somente nesta avenida, próxima ao Teatro Amazonas, toda em madeira lavrada com peças de seção de 25x50cm com até 11 metros de comprimento, tendo sido colocado em seu interior um painel fotográfico

¹²⁴ Ibid, p, 14.

¹²⁵NEVES, L. O. **Arquitetura bioclimática e a obra de Severiano Porto: estratégias de ventilação natural**. 2006. 232 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2006, p.215.

¹²⁶ PORTO, S. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

¹²⁷ RIBEIRO, B. A. **Vila Serra do Navio: Comunidade urbana na Selva Amazônica: Um projeto do arquiteto Oswaldo A. Bratke**. São Paulo: Editora Pini, 1992.

¹²⁸ O ARQUITETO das madeiras.**Veja**, Editora Abril, São Paulo, n°.112 , 28 de outubro de 1970, p.58.

mostrando como se abatia, preparava e transportava a madeira na floresta. Identificamos cada tronco com o seu nome regional e o seu nome científico, fornecido pelo INPA. (PORTO (1976), 1981, p.220).

Sobre a diversidade de materiais, a inauguração do Estádio Vivaldo Lima em 1971 é um marco simbólico das obras realizadas pelo Estado e demonstra a nova condição econômica resultante dos recursos oriundos da Zona Franca de Manaus. Acredita-se naquele momento que o futebol possa auxiliar no processo de integração da capital amazonense as demais praças no Brasil. Este ato simbólico é parte da estratégia militar para a desejada integração nacional. É uma obra inovativa no Amazonas, pela escala e diversidade de usos e tratamentos ao concreto armado. Severiano relata em entrevista a revista "Bom Dia" como ocorre a escolha do terreno:

O assunto do Estádio nos foi apresentado pelo Coronel Theomístocles Trigueiro e pelo Dr. Ivo Amazonense Moura de Oliveira, então diretor do DER/AM e Secretário de Viação e Obras Públicas do Estado do Amazonas. Fomos levados ao "distante" local do Estádio e lá sentimos que o mesmo se prestaria muito bem para uma solução simples e econômica. Sentimos a solução na hora pois no interior do terreno os barrancos nos mostravam qual o caminho a ser seguido. (ENTREVISTA com..., 1971, p.32).

Ao confirmar a construção do estádio, os arquitetos realizam pesquisas e visitas aos Estádios João Havelange em Uberlândia, Mineirão e Maracanã. Observam as características desses exemplares e avaliam as soluções adequadas para a execução de um estádio em Manaus, considerando a escassez de recursos financeiros, a mão de obra especializada e falta de recursos para os acabamentos finais.

No Rio de Janeiro, tem uma arquibancada que não enche nunca. No Mineirão, tinha tudo novo, quando fui lá, dias antes, eu disse: "Como vocês conseguiram esse milagre? O Maracanã nem acabou e vocês com teto, luminária, tudo de gesso, etc." Severiano, nós temos um mundo de área fechada, mas o que nós fizemos não foi como no Maracanã, que é todo em concreto armado, porque aí o dinheiro acaba e não dá para fazer o acabamento..." No Vivaldo Lima tivemos que vir de dentro para fora, mas o que se fez ficou pronto." (ENTREVISTA (2004)..., 2014, p.13).

Uma obra com essa escala e características, no início dos anos 1970, não se justifica em madeira. A escolha do material não é uma atitude estética, arbitrária ou política. É técnica. Considerando as pesquisas realizadas nesses estádios, as conversas com o médico Wilson Goés¹²⁹, e as características específicas necessárias para este tipo de construção, o arquiteto se muda para Manaus para fiscalizar a obra e adapta com auxílio dos engenheiros Sérgio

¹²⁹ ENTREVISTA (2004). TV UFAM. In: ABRAHIM, R. **Poesia na floresta: a obra de Severiano Porto no Amazonas**. Manaus: Reggo Edições, 2014, p.13.

Serzedelo Machado e Wilber Guedes um importante documento para a fiscalização da obra: o caderno de encargos. Os engenheiros cariocas utilizam esse documento para o controle da execução do cronograma e o pagamento das etapas realizadas para a construção de agências do Banco do Brasil em várias cidades brasileiras.¹³⁰ Porto implanta esse controle nas obras públicas no Amazonas. Sobre a solução do projeto do estádio, o arquiteto relata que:

O Estádio Vivaldo Lima pela sua forma simples, com uma solução que o integra perfeitamente ao seu terreno e seu formato original, o torna diferente dos demais estádios que necessitam de estruturas para suas arquibancadas e suas vias de acesso, formando geralmente grandes espaços vagos que se tornam dispendiosos e dificultam sua execução. (ENTREVISTA com...,1971, p.32).

Em 2004 afirma que diante dos desafios tecnológicos para uma tarefa daquela envergadura, "a obra passou por mais de vinte etapas até chegar o nível que está hoje."¹³¹ De 1965 até 1971, alterações no projeto para a realização da obras são necessárias. As marquises metálicas são colocadas somente na reforma realizada em 1994 e concluídas em 1997.

As marquises, por exemplo, na época em que foram concebidas não existiam aquelas máquinas para bombear concreto, o que poderia ter facilitado a execução da obra. Optou-se pela estrutura metálica, que ficou lindo e deu para concluir. (ENTREVISTA (2004)..., 2014, p.13).

A Residência Recife 1435 é um marco. Recebe o "Prêmio Marcelo Roberto" pelo IAB/GB em 1971 e a obra efetiva a transição de uma estadia transitória para permanente. O arquiteto projeta a casa para "além de atender às condições ecológicas da região, pudesse integrá-la quase que espontaneamente ao terreno, com as colunas de troncos de Maçaranduba e Itaúba saindo diretamente do gramado que chega até as paredes."¹³² Porto lembra recorda a construção experimental:

Sendo necessária a mudança de nossa primeira residência, construímos uma segunda também em madeira, porém usando novo dimensionamento e processo construtivo diferente. Usamos troncos aplicados de forma natural com 50cm de diâmetro, peças de madeira lavradas e no piso do 2.º pavimento pranchas de 3 polegadas de espessura. Vários detalhes e soluções que empregamos nesta casa também iriam funcionar como

¹³⁰ PORTO, Severiano. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

¹³¹ ENTREVISTA (2004). TV UFAM. In: ABRAHIM, R. **Poesia na floresta: a obra de Severiano Porto no Amazonas**. Manaus: Reggo Edições, 2014, p.13.

¹³² PORTO, S. **Memorial Descritivo. Residência do Arquiteto**. Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, 1971.[s.n.].

experiência. Um jardim interno, com a cobertura interrompida em seu trecho, permite, juntamente com os elementos vazados e tipo de janelas empregadas, uma ventilação permanente. Os vidros usados foram de cor amarela e com isso reduzimos a luminosidade e o calor em seu interno. À casa se integra a vegetação exterior, em sua maioria seringueiras, numa comunhão fácil e espontânea. (PORTO (1976), 1981, p.221).

O habitat é objeto de um olhar atento ao amazônida. O novo aprendizado com quem "sabe fazer", amplia as experimentações projetuais com a mistura de materiais primitivos, com materiais industriais, assim como técnicas construtivas tradicionais com as modernas. Aproveitar a mão de obra disponível com as características que as diferenciam é verbalizada por Porto para a revista "*Summa*":

Minha casa, por exemplo, veio diretamente da selva. Estes homens fazem também barcos enormes; (...) A maioria destes barcos são construídos na praia por pessoas que não sabiam sequer desenhar a planta.(...) Isso, traduzido em arquitetura, significa uma força de trabalho muito rica, recursos muito bons que se tem à sua disposição. (SEVERIANO Porto: *Arquitectura...*, 1985,p.26, tradução nossa).

A liberdade de trabalhar o habitat nesta residência é condicionada a um específico entorno imediato. O crescimento demográfico de Manaus e a falta do planejamento urbano adequado modifica o microclima no século XX. Desde 1971, o asfalto nas ruas, a impermeabilidade do solo, a poluição promovida pelo crescente número de automóveis, o corte de árvores do entorno imediato gradativamente modificam o ambiente urbano. A potência do habitat na Recife, 1435 com a interação entre a arquitetura e o meio é prejudicada por essas mudanças, e, se torna uma fragilidade. Severiano afirma que "até a minha casa que era toda aberta e havia um vento cruzado fresco, eu tive que fechá-la e usar ar refrigerado quando mudei o meu escritório para lá, porque houve uma considerável mudança no clima".¹³³ Sobre a sensibilidade dessa arquitetura e a dependência ao florestamento do entorno imediato para o correto funcionamento da obra, o arquiteto justifica:

Vendi, já foi demolida, e o proprietário que comprou, era um advogado, pediu que eu fizesse uma justificativa de vender, e pôr abaixo qualquer obstáculo. Eu cheguei em Manaus, em 65, tinha orvalho na minha rua até lá em cima. Era neblina até em cima. Lá em casa, eu morava 200m abaixo tinha um rio. Chegava macaco, preguiça, chegava jacaré dentro do quintal da gente. Aquilo tudo de manhã era neblina, tinha até um orvalho, toda noite era orvalho. Depois disso tudo, minha casa que eu fiz é toda furada, toda de elemento vazado, aqui em cima tinha madeira que chove, tem um jardim interno do lado de lá, na sala (mostra um desenho). Aqui era sala de televisão, aqui era

¹³³ ENTREVISTA (2004). TV UFAM. In: ABRAHIM, R. **Poesia na floresta: a obra de Severiano Porto no Amazonas**. Manaus: Reggo Edições, 2014, p.10.

mesa de jantar, aqui era a sala de estar, umas varandas aqui fora, e aqui era um jardim interno, aqui em cima aberto, chovia aqui dentro, elemento vazado. Eu fiz o escritório aqui nessa sala e botei um "sprinter" alto, imenso, de potência, porque o calor era muito grande. E como todas as minhas janelas eram de madeira, aqui 15cm de afastamento, e tinha aqueles vidrinhos 'jalousie'. E amarelos, para reduzir a luminosidade, então a casa era fresca, antigamente, não sentia falta de ar condicionado, era só veneziana. Depois ficou um horror de calor. A cidade mudou, tudo mudou, então não tem mais sentido aquela casa toda aberta, precisa fechar tudo. Foi então que aconteceu. (PORTO apud NEVES, 2006, p.212-213).

Além das obras residenciais e de edifícios governamentais, a participação do escritório SMPAA ocorre também em peças da infraestrutura da cidade. O projeto para os reservatórios elevados da COSAMA em 1973 tem o cuidado paisagístico na busca de uma solução que reduza o impacto dos volumes na paisagem da cidade. "Eu fui contratado pela firma construtora que tinha que apresentar o projeto; a firma apresentando o projeto contava mais ponto no julgamento, não era o preço, era o projeto, uma vez que todos ficariam em pontos elevados."¹³⁴ Um edifício com a função de estocar água, exige determinadas decisões e soluções que determinam a solução ao projeto. Severiano Porto afirma:

Nestes projetos procurou-se uma integração dos imensos volumes elevados com o sítio, que necessariamente deveriam localizar-se em pontos urbanos de grande evidência, usando uma solução semelhante para os 5 reservatórios iniciais, de capacidade que variavam de 5.000m³, 3.500m³ e 2.500m³. Eles se integraram perfeitamente à paisagem urbana sem agredi-la como era esperado. E como podemos ver não se limitou somente à madeira o nosso trabalho. (PORTO (1976), 1981, p.221-222).

No tocante às suas experiências com grandes obras no Estado do Amazonas, a partir da inauguração do Estádio Vivaldo Lima, a adequação dos materiais é expressa nas suas entrevistas. Ainda que as premiações dos projetos no IAB tenha impulsionado o reconhecimento da madeira como material nobre a ser utilizado na arquitetura na Amazônia, a escolha dos arquitetos por materiais apropriados é fundamentada nas obras institucionais e em maior escala. Porto relata que na Central de Abastecimento do Amazonas (CEASA) "usamos coberturas de chapas metálicas tirando proveito de suas características técnicas de poucos apoios e grandes balanços."¹³⁵ Ainda sobre o CEASA, o arquiteto comenta sobre a pesquisa realizada e a dinâmica da logística do funcionamento:

¹³⁴ Ibid, p.20.

¹³⁵ PORTO, S. Arquitetura na Amazônia. In: DOYLE, P. (org.). Anais da Biblioteca Nacional. Vol. 101. **Ciclo de Estudos Amazônicos** (1976). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional / Divisão de Publicações e Divulgação, 1981, p.222.

Nas centrais de abastecimento, por exemplo, ao ver alguns vagões vazios perguntei: "Por que esses vagões estão fechados?" "Ah, porque isso para os grãos e , agora, os agricultores deixaram de trazer grãos para cá há alguns anos, e agora tudo isso está parado". Quando desenvolvemos a CEASA daqui, procuramos estudar uma forma de conseguir uma solução adequada para os grãos e para o embarque. Mas Manaus não tinha isso, a produção era modesta e de várzea, vinda do interior e fornecida por japoneses. Havia a necessidade de ir lá buscar para depois distribuir. Então não deu certo, a CEASA acabou sendo um entreposto de frigoríficos, com produtos que vêm de fora, de qualquer maneira. Quando concebemos a solução, pensamos em flexibilizar os espaços permitindo uma diversidade de usos com pequenas adaptações, então essas coisas não passavam na minha cabeça. As soluções foram decorrência das visitas e pesquisas. (ENTREVISTA (2004)..., 2014, p.12-13).

A sede da SUFRAMA é simbólica como um marco da industrialização no Amazonas. A partir de 1967, a Autarquia Federal representa a maior parte dos recursos financeiros do Amazonas e alavanca o desenvolvimento no Estado. Diante das incertezas do novo modelo econômico adotado para o Amazonas, o arquiteto afirma: "quando a Zona Franca de Manaus foi criada, ninguém acreditava que o projeto pudesse dar certo"¹³⁶. Essa insegurança é presente até a instalação das primeiras indústrias no início dos anos 1970. Porto afirma que "o partido arquitetônico deveria refletir a imagem de solidez do órgão, transmitindo a intenção definitiva do Governo Federal de desenvolvimento e industrialização da região."¹³⁷ A imagem da permanência deveria ser reforçada com os materiais e técnicas escolhidas pelo projeto arquitetônico. A planta é flexível na concepção e "deveriam, ainda, permitir uma flexibilidade no arranjo de seus espaços. Essa questão forma o ponto de partida para a elaboração do projeto"¹³⁸. A planta flexível é característica comum em edifícios administrativos e o escritório SMPAA recorre a essa solução universal para a SUFRAMA. Porto afirma sobre a adaptabilidade do projeto a distintas condições:

Porque a SUFRAMA eu não sabia como é que ia ser o layout deles, o negócio estava começando. Então eu fiz uns grandes vazios, com 7500 metros, e permitindo que eles fossem acompanhando as necessidades. (...) Finalmente pegou fogo tudo isso aqui porque houve uma necessidade de sumir com alguns papéis irregulares. Aí eles me chamaram e aí a gente fez tudo em concreto, e hoje ela é lindíssima. Eu gosto muito dela. Você vê concreto, você vê estrutura metálica. (PORTO apud NEVES, 2006, p.212-213).

¹³⁶ GOMES, L. O artista da Amazônia. **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n.º. 879, 1985, p.119.

¹³⁷ SEDE da SUFRAMA. **CJ Arquitetura**, [S.l.], Rio de Janeiro, n.º. 8, 1975, p.19.

¹³⁸ *Ibid*, p.20.

A apropriada escolha dos materiais é novamente mencionada por Severiano Porto nesse projeto. A imagem de uma possível identidade amazônica com o uso de um material específico é novamente descartada diante de todas as expectativas e necessidades simbólicas que este edifício representa. :

Para o projeto da SUFRAMA, não pensei em usar madeira, embora seja na Amazônia, pois entendi que deveria ser transmitida uma mensagem de maior solidez, permanência e forte presença do governo. (SEVERIANO Porto: *Arquitectura...*, 1985, p.26, tradução nossa).

O arquiteto retoma essa temática anos mais tarde, quando questionado sobre a pertinência da escolha dos materiais na sede da SUFRAMA, frente ao significado desse edifício ao Amazonas no início dos anos 1970. A fábula dos "Três Porquinhos"¹³⁹ é adaptada dos contos folclóricos para um livro em 1853 pelo escritor australiano Joseph Jacobs, com a residência de palha, madeira e tijolo. Essa metáfora se aplica ao significado perene de uma sede que não será temporária, ou se acaba como uma ventania qualquer. Nos anos 1970, o imaginário brasileiro da floresta distante e até inóspita ao homem é provocado pelas reportagens nos periódicos de variedades semanais. Há necessidade de provar através da arquitetura que o Amazonas pode ser um importante centro industrial e assim garantir a consolidação do Pólo Industrial de Manaus.

Se a gente fizer isso, não vamos transmitir para a Europa e para os demais países que isso aqui é uma coisa séria. Se fizéssemos de madeira, as pessoas iriam ver como coisa temporária, ninguém iria acreditar que o governo iria fazer uma Zona Franca. (ENTREVISTA (2004)..., 2014, p.11).

A proposta de uma macrocobertura que abriga as partes do edifício é adequada. Outro aspecto relevante dessa solução é a independência formal entre a cobertura e a compartimentação. Isso possibilita a otimização do cronograma de execução da obra, diante das distintas frentes de trabalho - artesanais e industriais, que podem ser planejadas com a possibilidade de constituir um canteiro protegido no período das chuvas, e também, com o sombreamento desejado no períodos das secas. Severiano destaca a solução climática dessa macrocobertura:

Temos na sede da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA, no Distrito Industrial, uma outra edificação, que procura atender às condições do clima e as necessidades do programa. Com a cobertura inteiramente independente das paredes e tetos, e usando módulos de 15 x 15m de concreto armado, procurou-se, através de uma tiragem de ar na parte

¹³⁹ OLIVEIRA, A. **Os três porquinhos**. [S.l.]: Lpc, 2020. Disponível em: <<https://www.baixelivros.com.br/infantil/os-tres-porquinhos-alfredo-oliveira>>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

superior de cada unidade tipo clarabóia, criar condições favoráveis ao clima da região. (PORTO(1976), 1981, p.222).

Observa também, outras formas de transmissão do calor e como devem ser enfrentadas para melhorar a qualidade do projeto. "Havia, também o problema da luminosidade excessiva que, aqui, é um fator de aquecimento, que seria neutralizada com a colocação de brises que não foram executados na primeira versão do prédio.¹⁴⁰ Os brises são colocados na reforma do projeto e reinaugurado em 1998. Um incêndio ocorre em 1994 e permanece apenas a estrutura de concreto. Diante desse fato, e pela suposta de "queima de arquivo" de documentos oficiais no edifício é solicitado ao arquiteto, um projeto de reconstrução do edifício com a substituição das divisórias leves por alvenaria. Desse sinistro, apenas permanecem a estrutura e a macrocobertura em concreto. A fábula dos "Três Porquinhos" continua no imaginário. Posteriormente, Porto relata sobre as decisões para a tiragem do ar quente da cobertura, em função do partido escolhido e pela necessidade de atender com a mesma qualidade os espaços mais profundos da planta:

Começamos com módulos de quinze metros mas, como tínhamos seis módulos seguidos, que davam setenta e cinco metros, o ar quente tinha que percorrer uma distância muito grande e acabava abaixando e atingindo o ambiente. Fizemos então aquela coifa a cada quinze por quinze metros que serve de exaustor para o ar quente e dá uma suavizada na temperatura. (ENTREVISTA (2004)..., 2014, p.11)

Essas experiências realizadas no início dos anos 1970 apresentam o arquiteto alcançando uma maturidade profissional com obras realizadas em diferentes escalas, programas e no atendimento diverso de demandas. Não importa adotar uma linguagem ou escolher um material. Porto enfrenta as diferentes condições e realidades para exercer uma arquitetura com qualidade projetual. O repertório acumulado na realização dos projetos é perceptível no canteiro e qualifica as decisões projetuais dos novos trabalhos. No projeto para o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) demonstram a origem das estratégias que são utilizadas no campus da Universidade do Amazonas.

Fomos responsáveis por sua implantação e o projeto de todas as suas unidades iniciais (mais de 20 prédios). Eram unidades administrativas, laboratórios, alojamentos, residências, caixa d'água elevada, garagens, etc. Procuramos um sistema bastante simples, modulado, com beirais bastante amplos e todos os blocos orientados de acordo com as necessidades da região. A implantação procurava preservar ao máximo a vegetação nativa tipo capoeira e os caminhos internos circulavam de maneira pouco

¹⁴⁰ ENTREVISTA (2004). TV UFAM. In: ABRAHIM, R. **Poesia na floresta: a obra de Severiano Porto no Amazonas**. Manaus: Reggo Edições, 2014, p.11.

rígida. Os princípios de ventilação da cobertura e dos cômodos foram aplicados permitindo resultados bastante agradáveis do ponto de vista de conforto e de aparência externa. (PORTO (1976), 1981, p.220).

Ao realizarem o projeto do campus da Universidade do Amazonas (UFAM) em 1973, os arquitetos observam as estratégias de implantação realizadas no INPA e a flexibilidade proposta para a sede da SUFRAMA. A relação de vizinhança da Universidade com o INPA motiva a preservação de uma área com aproximadamente 600,00 ha de floresta urbana. "Só derrubamos as árvores estritamente necessárias para a construção das unidades."¹⁴¹. Para a realização do projeto, Severiano Porto monta uma comitiva com professores da Faculdade de Tecnologia e realizam visitas técnicas a outras Universidades brasileiras em operação, com o objetivo de pesquisar soluções adequadas aos laboratórios em Manaus.

Para fazer o projeto da Universidade do Amazonas, nós visitamos, com os professores do Instituto de Tecnologia, a USP e o IPT em São Paulo, depois fomos a São Carlos, onde tínhamos oito professores do Amazonas fazendo pós-graduação, e visitamos os laboratórios, trocamos ideias, trabalhamos com as vivências, soluções e críticas. (ENTREVISTA (2004)..., 2014, p.11).

A variada gama de soluções tipológicas da Universidade é realizada com economia de meios, com a escolha de técnicas construtivas que se repetem em diferentes edifícios. A utilização da macroestrutura e de painéis divisórios leves, é absorvida da experiência na sede da SUFRAMA, com materiais e técnicas distintas. A flexibilidade é ponto chave da proposta diante da dinâmica de uma Universidade. "Eu não faço projetos intocáveis. Este nasceu para ser dinâmico como deve ser uma Universidade"¹⁴² Sobre o partido, o arquiteto comenta em 1976, sobre o primeiro projeto que o escritório realiza em 1973. O ambientalismo está na pauta da decisão projetual, ainda que se buque uma harmonia com a desejada pré-fabricação:

A implantação da edificação deverá verificar-se evitando ao máximo o uso de equipamentos de terraplenagem, com o sacrifício do menor número possível de árvores e acomodando os vários blocos no suave declive do terreno, permitindo dessa maneira uma ventilação em todos os blocos do conjunto. A solução adotada prevê vários blocos separados por jardins e ligados por passarelas de circulação. Estes blocos serão construídos num sistema de pré-fabricação que deverá permitir a construção por etapas e inclusive atender à necessidade de ambientes especiais de laboratórios e salas com equipamentos sensíveis. Os jardins internos e a imensa área coberta com "ripados" que

¹⁴¹ GOMES, L. O artista da Amazônia. **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n°. 879, 1985, p.119.

¹⁴² Ibid, p.119.

fica integrada ao Centro Comunitário funcionarão como museu botânico de plantas amazônicas, permitindo aos usuários uma familiarização com as plantas e seus nomes usuais e científicos. (PORTO (1976), 1981, p.221).

A escolha pela pré-fabricação é a decisão do escritório SMPAA ao projeto do campus. Após CEASA, INPA e SUFRAMA, a possibilidade de implantar repetições com determinada lógica construtiva em edifícios pavilhonares, é uma realidade dentro do programa para as atividades da Universidade. Por outro lado, dificuldades junto a liberação dos recursos necessários para a realização das obras interrompem o projeto.

Em 73 nós fizemos um pré-fabricado, a universidade. Nós não conseguimos financiamento no BID, tanto que eu levei cinco arquitetos pra Brasília pra participar dessa reunião do BID, que ia financiar um monte de universidades brasileiras. E nós não fomos, primeiro porque só a turma que ganhou, já tinham as suas próprias universidades, o dinheiro foi só pra elas mesmo. (PORTO apud NEVES, 2006, p.211).

Ainda sobre a interrupção do trabalho, Severiano Porto observa que a insegurança do Ministério da Educação na década de 1970 está amparada na impossibilidade de utilização dos possíveis recursos destinados à obra até o final do ano fiscal, em razão do período das chuvas amazônicas. Essa dificuldade motiva a mudança da técnica construtiva da macrocobertura e das diferentes tipologias propostas no *masterplan*, para a utilização dos perfis laminados em aço, produzidos nos estaleiros navais de Manaus.

Na época em que nós estávamos concebendo o projeto da Universidade, por exemplo, em 1973, a equipe do Ministério da Educação manifestou certa preocupação com a capacidade de gestão financeira dos recursos destinados à obra.; ele temiam que nós não fossemos capazes de usar os valores determinados pelo cronograma. Isso me fez pensar e foi quando eu comecei a considerar o uso da estrutura metálica para o projeto. (ENTREVISTA (2004)...,2014, p.11).

Diante dessa condição, Porto relata sobre uma alteração do projeto a partir de 1978, para viabilizá-lo junto ao Ministério da Educação, e desta forma, garantir os recursos necessários para o início das obras do campus. Há alterações na forma de implantar os edifícios no terreno com uma adequação a topografia natural do terreno, dialogando ao sistema estrutural proposto e sem a necessidade de movimentos de terraplanagem. Além da maior adaptação do projeto ao terreno, a macrocobertura também é modificada com um novo desenho em 1980. O edifício se acomoda a topografia, os telhados se desencontram, e promovem uma desejada troca de ar:

Ao longo dos anos de 73 até 79, ia sempre o pessoal do Ministério da Educação lá, e falava – Se eu der pra vocês x mil, vocês não tem como gastar em um ano, porque essa verba tem que terminar no fim do ano, e vocês não têm condições. Porque lá tem o período da chuva e tem o período da seca pra trabalhar. Aí aquilo ficou dentro de mim. Aí, sabe de uma coisa, eu fui lá em Volta Redonda. Aí eu pensei – A gente faz a laje toda, sem cortar o terreno. Toda vez que tivesse um desnível no terreno de 50cm, então a gente fazia isso. Agora aí eu imaginei... Fazia isso, aqui ficavam os parafusos pra entrar a base do pilar (Severiano mostra uma foto). E aqui tinha esse assim... Do lado de cá estava a segunda coluna. E este é do telhado mais alto, este é do telhado mais baixo. Então nós fazíamos isso aqui e depois era só armar, isso já chegava, estava esperando, parafusava aqui, armava, cobria, aí trabalhava. Ficou bem firme, até hoje. Com isso a gente fez um negócio flexível demais, acompanhando sempre o desnível. Tem uma rampa de 50cm, a rampa pro deficiente físico é mais suave, vai mais na frente. Aonde pára tem um degrau, aonde o aluno salta tem cadeiras pra deficientes. O próprio obstáculo impede que deficiente vá estudar em uma faculdade, numa PUC, talvez na USP. Mas nós fizemos assim. Então a vantagem foi essa, porque virou um padrão forte, muito bom pro clima. (PORTO apud NEVES, 2006, p.211-212).

A solução estrutural é mista com uso do concreto armado nos invólucros e de perfil laminados e de chapa dobrada em aço na macroestrutura. Do *masterplan* são realizados as seguintes tipologias: edifício pedagógico, salas de aula, laboratórios, auditório e aéreas de convivência. O projeto é racional e econômico. "O resultado é que a UFAM tem o menor custo de construção e de manutenção de uma universidade brasileira, muito abaixo dos custos médios pagos pelo Ministério da Educação".¹⁴³

Porto informa algumas alterações ocorridas nos edifícios para a utilização da climatização artificial a partir do século XXI. A mudança climática provocada com o aumento da população em Manaus e suas consequências diante da falta de um planejamento urbano adequado, modificam a condição urbana, ainda que a área da Universidade esteja em uma ilha verde com 600,00 ha. De cerca de 250.000 habitantes no início dos anos 1970 para uma estimativa de 2.200.000 habitantes em 2019, conforme dados do IBGE, a cidade muda, assim como os hábitos dos habitantes. Mesmo dentro deste oásis urbano, os usuários do campus, do século XXI, não estão mais adaptados ao clima da cidade, em razão de estarem habituados a frequentarem ambientes refrigerados.

O arquiteto Michael Laar realiza pesquisas em Manaus entre 2007 a 2012¹⁴⁴ e constata em levantamentos realizados com estudantes universitários que eles vivem em média 18 h por dia em ambientes climatizados. Desta forma, não conseguem mais se adaptar as condições ambientais do lugar, e mesmo em edifícios com significativa

¹⁴³ ENTREVISTA (2004). TV UFAM. In: ABRAHIM, R. **Poesia na floresta: a obra de Severiano Porto no Amazonas**. Manaus: Reggo Edições, 2014, p.10.

¹⁴⁴ LAAR, M. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Manaus, 05 de março de 2012.

redução da temperatura, exigem o uso do ar condicionado. Enquanto o equipamento, nos anos 1970, é pouco acessível e utilizado em ambientes institucionais e de prestação de serviços, a partir dos anos 1990, gradualmente, se torna um objeto acessível ao consumo. Ainda com essa mudança de comportamento dos usuários, o projeto resiste:

Mesmo que hoje tenhamos que instalar ar refrigerado, a manutenção das ilhas de vegetação entre os blocos permite que a umidade do ar se mantenha alta, ao contrário do resto da cidade que se tornou quente e seca. (ENTREVISTA (2004)..., 2014, p.11)

Os edifícios da CEASA, do INPA, da sede da SUFRAMA e do setor norte do campus da Universidade têm em comum princípios que demonstram a evolução projetual a partir das próprias obras. No caso dos edifícios em madeira, a continuidade de determinados princípios e a evolução ao longo das obras continua em pauta. É possível observar a evolução das decisões projetuais na Igreja Nossa Senhora do Cavaco, Residência Schuster, Pousada na Ilha de Silves e no Centro de Proteção Ambiental em Balbina.

Após experimentar a telha de cavaco em madeira na Igreja Nossa Senhora do Cavaco em Rio Preto da Eva, Severiano Porto retoma a utilização desse material na residência de final de semana do topógrafo Robert Schuster. A casa está situada em junto ao igarapé do Mariano em Manaus. "Uma casa solta do chão"¹⁴⁵, verticalizada, com a proposta de ocupar o mínimo possível o solo. O terreno é ocupado com árvores de grande porte. A topografia é a típica dos igarapés amazônicos, descendente em direção às águas.

Isto aqui está em Manaus, o rio está logo ali embaixo, um braço do rio, é de um topógrafo austríaco (...) Então eu fiz essa casa, fiz uma área central vazia, aqui era vazio até em cima, do lado tinha a cozinha, do lado de cá ficavam os quartos, e isso aqui em cima. Só que era tudo aberto. Eu conhecia o Schuster, e foi até uma das coisas bacanas que eu fiz, ali é a escada, ali em cima ficava a caixa d'água, caixa de fibrocimento, e os quartos eram do lado de cá, e ali dentro então tinha um vazio grande, continuação, não tinha parede, nada. Está vendo aquelas janelinhas ali? Ali era a sala de almoço, e naquela parte fechada de alvenaria, em cima da madeira, ali é a cozinha, e embaixo tinha a sala de estar. Essa casa era tudo aberto, o vento passava pra lá e pra cá, tranqüilo. (PORTO apud NEVES, 2006, p.210).

Severiano Porto comenta sobre o papel do arquiteto ao construir casas. Garantir sob medida um produto personalizado: "Nosso trabalho é como o de um alfaiate: construir uma casa é como fazer uma casa sob

¹⁴⁵ ECOLOQUITURA. **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n°.538, 27 de dezembro de 1978, p.48.

medida."¹⁴⁶ Porto cita algumas particularidades sobre a Residência Schuster em um ambiente rural em Manaus: "Schuster, eu digo nas conferências que fiz sua casa mas eu não moraria nela, porque tem aquele quarto que você não quis fechar, tem morcegos e outros bichos, tem tudo."¹⁴⁷ Mais tarde, comenta sobre a conservação da casa em 2005 "Mantiveram, ela está bem tratada. Porque ela não é no centro, é na beira do rio e bem longe."¹⁴⁸

Cabe destacar o projeto realizado pelo arquiteto Roberto Moita (1963) em 1992. Robert Schuster vende a casa ao retornar para a Europa e o novo proprietário necessita de uma ampliação significativa do programa da casa para atender as novas necessidades. Roberto Moita é contratado e mantém a integridade do edifício com a construção das partes do programa em volumes anexos com perfis laminados em aço e alvenaria, mais próximos ao igarapé. Moita apresenta a intervenção e solicita a autorização de Severiano Porto para executar a obra, que a concede com um documento oficial. Segundo Roberto Moita,¹⁴⁹ a telha de cavaco da cobertura é trocada em razão dos danos provocados ao longo dos anos. Diante da limitação imposta pela legislação ambiental, o cavaco amazônico é substituído pelo cavaco de eucalipto comprado no Paraná. Além dessa substituição, dois pilares da residência, precisam ser parcialmente substituídos em função do recalque da estrutura. Essa mesma patologia dos pilares ocorrerá também em Silves e Balbina.

Os vãos com 2,50 m com peças robustas em madeira lavrada permitem a supressão das tesouras da cobertura. São repetidos na Pousada na Ilha de Silves e posteriormente no Centro de Proteção Ambiental de Balbina. A solução de mão francesa utilizadas para ampliar os beirais também se repetem nas três obras. O projeto para a Pousada na Ilha de Silves tem início em 1965, como o Hotel de 10 quartos para caça e pesca na região do município de Autazes/AM. O final dos anos 1960 são intensos pela nova perspectiva do Estado do Amazonas. Neste período, com a iminente construção do Hotel Tropical - então projeto do Sérgio Bernardes, se discute a necessidade de novos hotéis no interior do Estado para possibilitar aos turistas uma maior relação com a região. Sobre essa situação, Severiano relata a conversa que tem com Aristides Queiroz, proprietário da pousada, sobre a escolha do hotel em Autazes/AM para ser construído em Silves/AM.

¹⁴⁶ GOMES, L. O artista da Amazônia. **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n°. 879, 1985, p.119.

¹⁴⁷ ENTREVISTA (2004). TV UFAM. In: ABRAHIM, R. **Poesia na floresta: a obra de Severiano Porto no Amazonas**. Manaus: Reggo Edições, 2014, p.16.

¹⁴⁸ NEVES, L. O. **Arquitetura bioclimática e a obra de Severiano Porto: estratégias de ventilação natural**. 2006. 232 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2006, p.213.

¹⁴⁹ MOITA, R. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Manaus, 10 de novembro de 2015.

Em 1965/66 quando o Karl, um alemão que fez a primeira etapa do estádio, disse que tinha que ter hotéis para levar os turistas para conhecerem a região, eu fiz o projeto da pousada dos Guanavenas, em Silves [em Autazes], que foi publicado na Revista ABA - Arquitetura Brasileira do Ano, de 66/67. Quando o dono do hotel quis fazer Silves, disse que queria um coisa regional. Eu mostrei a revista e ele disse que queria aquilo. (ENTREVISTA (2004)..., 2014, p.14).

O projeto é realizado para Autazes em 1967 é retomado em Silves com alterações. Passa de 10 para 14 quartos e incorpora a experiência das obras realizadas nesses anos na Amazônia, e em especial, pela Residência Schuster. "Na ilha de Silves, era preciso integrar o turista à paisagem amazônica, majestosa e rústica ao mesmo tempo."¹⁵⁰ Sobre essas alterações, o arquiteto também observa sobre a necessidade de adaptações em razão do repertório ao longo da sua experimentação e "nós já tínhamos a experiência do encaixe, de conjugar vigas de concreto apoiada nos pilares de madeira para depois subir a alvenaria de tijolos e assim [evitar] barulho, etc. Assim a gente vai crescendo, acumulando experiência. Isso ocorreu em Silves."¹⁵¹ Enquanto as obras realizadas no interior do Amazonas têm uma escala menor, a oportunidade da construção da pousada determina outra abrangência e um desafio maior na logística da construção.

O arquiteto precisa, portanto, se preparar para as solicitações que irão surgir em muito maior escala e que vai exigir dele maiores conhecimentos técnicos. Concebendo obras através de projetos, precisa de um conhecimento mais profundo de técnicas construtivas (novas e tradicionais) e materiais de construção, sem prejuízo das demais matérias constantes do seu curso atual, a fim de que tenha melhores condições e segurança para atuar dentro da realidade do mercado de trabalho. (PORTO apud PENTEADO;ZEIN;YAMASHIRO,1986, p.48).

A distância entre Manaus e Silves dificultam as visitas periódicas ao canteiro e determinam algumas alterações realizadas pelo proprietário da pousada ao longo da execução das obras. "Depois disso, o Queiroz passou a aplicar outras soluções que não se integraram, mas aquela primeira fase a gente fez."¹⁵² A climatização dos quartos é determinada como uma das exigências necessárias para a classificação internacional no ramo da hotelaria em 1984. A experiência em Silves, sobre a importância logística na construção civil é fundamental para a sua argumentação sobre a necessidade da utilização dos recursos do local. As esquadrias na pousada são feitas com

¹⁵⁰ GOMES, L. O artista da Amazônia. **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n.º. 879, 1985, p.119.

¹⁵¹ ENTREVISTA (2004). TV UFAM. In: ABRAHIM, R. **Poesia na floresta: a obra de Severiano Porto no Amazonas**. Manaus: Reggo Edições, 2014, p.14.

¹⁵² Ibid, p.14.

madeira da região de São Gabriel da Cachoeira¹⁵³, distantes a 1.100,00 km de Silves. Nos "projetos feitos para o interior, o mais importante é a especificação de materiais e quantidades, pois se falta alguma coisa, é preciso esperar muito tempo para que ela chegue, todas as distancias são muito grandes."¹⁵⁴

A construção da Usina Hidrelétrica de Balbina no início dos anos 1980 promove a construção de mais uma *company town* na Amazônia. Após a polêmica envolvendo a construção da BR-174 e os conflitos com Yanomamis nos anos 1970, a inundação do lago pela barragem compromete terras dos Waimiri Atroari. Paralelo a essa condição social, o problema ambiental também é grave. A construção de uma hidrelétrica em planície amazônica é contestada por Severiano Porto.

Aquilo foi só pra evitar briga. Porque ia inundar um mundo danado numa região que não tem altura. O máximo que podia ter de água eram uns 20m aqui, então não tinha água nenhuma, ela produz um percentual bem pequeno das necessidades de Manaus, insignificante quase. E o resto é termelétrica.(PORTO apud NEVES, 2006, p.214).

A dimensão inundada do lago de Balbina é duas vezes maior que o de Itaipu e a geração de energia não chega a 2% da energia gerada pela usina trinacional. Diante desse desastre ambiental e tecnológico, se faz necessária a construção de centro de pesquisas que ajude a mensurar os impactos na região. A contratação de um personagem que represente a região e o ambientalismo para a realização deste projeto é estratégica:

Quando chegou o Albino, da Eletronorte, que era uma pessoa que ja tinha morado em Manaus e disse: Severiano, eu quero que você faça o projeto lá do Centro de Proteção Ambiental da Hidrelétrica de Balbina, porque como é a primeira hidrelétrica que esta sendo feita na Amazônia, vamos ter que acompanhar o impacto ambiental que ela vai gerar, e então, queria que você usasse a madeira que quiser, que seja livre para criar. (ENTREVISTA (2004)..., 2014, p.14).

O escritório SMPAA desenvolve a sua obra prima na Amazônia. A liberdade das formas é uma novidade no acervo dos arquitetos e as soluções estruturais empregadas são calculadas pelo Engenheiro Francisco Anastácio Cantisani¹⁵⁵ em um edifício com quase 6.000 m² em madeira. Esse acúmulo de experiências desde a Igreja Nossa

¹⁵³ QUEIROZ, A. **Depoimento**. Entrevista à Bruna Lopes e Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Silves, 10 de fevereiro de 2017.

¹⁵⁴ PENTEADO, S; ZEIN, R.; YAMASHIRO, D. A longa trajetória, da efervescência cultural do Rio a Manaus. **Projeto**, São Paulo, n.83, janeiro de 1986, p.48.

¹⁵⁵ CANTISANI, F. **Depoimento**. Entrevista a Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 08 de março de 2017.

Senhora do Cavaco, Residência Schuster e Pousada na ilha de Silves se materializam em Balbina. Severiano descreve essa passagem:

Quando veio Balbina tudo foi feito de maneira mais livre, eu podia botar quantos pilares eu quisesse sem precisar fazer tesoura, as passarelas iam se desenvolvendo de maneira livre, os beirais não precisavam ter relação com a cumeeira e , enfim toda a estrutura ficou diferente. Mas isso é porque a gente veio crescendo, porque, no início, eu nunca ia pensar neste tipo de solução. São todas essas experiências que vai ficando dentro da gente, então como era para ser livre, era para ser solto. (ENTREVISTA (2004)..., 2014, p.14).

A envergadura deste edifício em madeira e a sua construção por uma construtora habituada a trabalhar com concreto armado em obras de infraestrutura são desafios presentes para a execução da obra. Enquanto nos demais edifícios executados em madeira pelo escritório no Amazonas, a equipe de mão de obra e o projeto estão sob controle de Severiano Porto, esta é a primeira oportunidade em que uma construção em madeira é construída por terceiros. Se as formas são livres elas estão calculadas e regidas pela perspectiva do cálculo estrutural e da geometria e apresentam o conhecimento acumulado no beneficiamento da madeira local. Diante das diferenças entre as duas técnicas construtivas e das particularidades do projeto, Severiano Porto indica a convocação do seu mestre de obras, Elias Imbiriba, para auxiliar a equipe técnica da construtora, na execução da obra.

A Andrade Gutierrez, no início, teve dificuldades. O responsável entrou porta adentro e disse: Severiano, você fez a planta toda no computador, tudo certinho? E eu disse: "Não, eu não fiz." "Mas tem que fazer, aliás, eu nem sei os níveis". Eu disse: "Olha, vê a planta, porque o terreno vai caindo, esse laboratório está aqui, esse, mais embaixo, esse, mais embaixo ainda...olha, vê o desenho lá." Ele insistiu: "Mas tem que ser plotado no computador, todo certinho." "Olha, não precisa, pois não estamos trabalhando com estrutura metálica, estamos trabalhando com madeira, e árvore nunca é reta, é assim; então não é rígido. Se fosse metálico, tinha que ser preciso. Lá não, você vai botar, vai girar em função da própria peça, do sistema de trabalho que você está tendo..." Ele ainda ficou em dúvida. Aí eu tinha uma rapaz que tinha feito minha casa e a pousada de Silves. Eu telefonei para o mestre e ele foi para Balbina e nunca mais teve problema. Inclusive, fabricavam as telhas todas no local. Tinha até que ter uma área de fabricação, porque tem que pegar o tronco, lascar, mergulhar em óleo queimado para dar mais absorção e resistência. Então foi assim: o Elias foi para lá, com toda uma experiência de trabalhar e ele tinha muito conhecimento das madeiras, inclusive sobre as resistências das espécies que não são as comerciais. Temos um mundo de madeiras nossas que são resistentes, mas não tem realmente uma pesquisa, porque comercialmente o pessoal nunca ouviu falar de madeira, não vai comprar. E foi por aí , com muita madeira conhecida e outras não comerciais, que se fez tudo aquilo. (ENTREVISTA (2004)..., 2014, p.15).

Se por um lado o escritório realiza obras em concreto armado e aço na Amazônia, as realizações em madeira despertam maior atenção por parte da crítica especializada. Independente da escolha da técnica construtiva e dos materiais empregados é possível afirmar que os arquitetos permanecem com a mesma conduta projetual. O processo para a realização dos projetos não parte da escolha do material, e sim, a escolha é uma consequência das condicionantes dos distintos programas, sítios e orçamentos.

Ainda que Severiano Porto não seja reconhecido pela sua atuação acadêmica, o professor tem uma trajetória destacada, seja pela tradição familiar, com os pais educadores e também pela sua atuação no curso de Engenharia Civil na Faculdade de Tecnologia da Universidade do Amazonas - conforme apresentado no "O resgate da trajetória". O arquiteto defende um posicionamento nacionalista sobre a arquitetura e a formação no Brasil. "Vivemos lendo livros estrangeiros, e queremos entrar nos padrões europeus. Não nos libertamos disso nem na BA/85, onde se precisou convidar europeus e japoneses para não ser uma simples bienal."¹⁵⁶ Esses argumentos são importantes para a compreensão das ideias e realizações. Sobre a história da arquitetura brasileira, Porto como os demais arquitetos modernos formados nos anos 1950, olha com reticências para a arquitetura dita "de estilo". Sobre a *Belle Époque* em Manaus, observa a diferença dos tempos e as respostas necessárias em cada época:

E podemos vê-las nas fotos destes períodos e em edificações que ainda permanecem como testemunho da época. (...) São lembranças do passado. São testemunhos de uma época em que o conhecimento da ecologia não se tornava desesperadamente necessário como nos dias atuais, em face da explosão demográfica, do crescimento urbano e de todos os problemas deles decorrentes. (PORTO (1976), 1981, p.218).

A geração de arquitetos formada nos anos 1950 na FNA tem como uma das referências o professor Paulo Santos (1904/1988). Como era comum naquele momento, além das suas atividades acadêmicas, Paulo Santos conduz uma das principais construtoras cariocas: "Pires e Santos" com o também professor da FNA, Paulo Pires. Severiano Porto é aluno de Santos na cadeira "Arquitetura no Brasil" em 1953¹⁵⁷ onde realizam uma logística inversa no redesenho de obras patrimoniais. Essa visão patrimonial relacionada ao canteiro é defendida por Porto: "É

¹⁵⁶ DEPOIMENTOS latino-americanos. **Projeto**. São Paulo, n°.77,1985, p.48.

¹⁵⁷ LIMA, Mirian. **Modernidade Híbrida na Arquitetura Brasileira: projetos e obras de Severiano Mario Porto Arquitetos**. 2017. 338 f. Tese (Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. p.73.

importantíssimo para o arquiteto [o canteiro de obras] e ao mesmo tempo difícil de conseguir. Mas, quando se tem conhecimento profundo da obra, tem-se mais segurança no projetar."¹⁵⁸

Esta compreensão da necessidade de conhecer os processos da construção para a qualificação no ato do projeto, também passa pelo reconhecimento dos precedentes históricos. O fato de reconhecer o valor histórico das edificações, principalmente da *Belle Époque* em Manaus, não o impede de reconhecer as deficiências existentes na importação de modelos. Sobre essa condição, expressa sua opinião sobre a apropriação ao clima: "entretanto havia despreocupação com a proteção externa das fachadas, com a colocação de beirais protetores de suas paredes e empenas, e uso de elementos que permitissem renovação permanente de ar em seu interior, etc".¹⁵⁹

Ao chegar em Manaus, no período da retomada econômica do Estado, há um saudosismo exacerbado à arquitetura eclética relacionada a uma pretensa proximidade com a Europa. Esse embate entre a aceitação da arquitetura moderna brasileira, da super valorização do ecletismo e da memória afetiva presente no resgate à arquitetura colonial faz o arquiteto observar algumas passagens de Lucio Costa em "Muita construção, alguma arquitetura e um milagre"¹⁶⁰:

Em contrapartida possuímos um belo exemplar da fórmula milagrosa, nacional, de soluções de projetos arquitetônicos, o tão famoso e atual estilo "colonial". Reflete toda "pujança" da anticriatividade, da não-integração ao momento presente, da eliminação da personalidade regional da edificação e do receio da opinião pública na aceitação de novas fórmulas. Refugiam-se no colonial porque ele agrada e porque bem ou mal ele é aceito e querido. (...) A preocupação maior é de agradar, de apresentar soluções que assombrem, que dêem nome e renome, em vez de um trabalho sério, coerente e integrado, procurando a integração total, isto é, a arquitetura, integrada no tempo e no espaço. E ela seria receita como todas as que assim procederam e que permanecem vivas e atuais, como a dos egípcios, gregos, romanos e até mesmo do nosso colonial. (PORTO (1976), 1981, p.222-223).

Ao relatar a sua argumentação sobre a arquitetura produzida em Brasília, Porto comenta que na "mais moderna cidade brasileira, exemplo de um urbanismo atual e que tristemente em torno de um lago se constróem

¹⁵⁸ PENTEADO, S.; ZEIN, R.; YAMASHIRO, D. A longa trajetória, da efervescência cultural do Rio a Manaus. **Projeto**, São Paulo, n.83, janeiro de 1986, p.49.

¹⁵⁹ PORTO, S. Arquitetura na Amazônia. In: DOYLE, Plínio (org.). Anais da Biblioteca Nacional. Vol. 101. **Ciclo de Estudos Amazônicos** (1976). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional / Divisão de Publicações e Divulgação. 1981, p. 218.

¹⁶⁰ COSTA, L. Muita construção, alguma arquitetura e um milagre. **Correio da Manhã**, Caderno Urbanismo e Construções, Rio de Janeiro, p. 1, 15 jun. 1951. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de março de 2020.

residências "coloniais". Sentimos aí que a arquitetura de uma maneira geral esta desorientada."¹⁶¹ O episódio envolvendo a substituição do projeto realizado pelo arquiteto Sergio Bernardes para o Hotel Tropical em Manaus na década de 1960 é lembrado pelo arquiteto com lamento. Após realizar dois projetos, os contratantes decidem implantar o estilo colonial ao hotel e solicitam a adequação o que leva Bernardes a abandonar a demanda. O resultado do projeto é comentado por Porto:

E em Manaus já temos o colonial do ano de 1976, em forma de hotel, luxuoso, com muita vegetação, ele impressiona e agrada a quem chega, porém poderia estar em Foz do Iguaçu, no Brasil Central ou no Nordeste brasileiro, pois ele não diz nada em relação à Amazônia e seu paisagismo não situa o hotel num barranco da Amazônia, fazendo mais parecer que estamos numa ilha muito bem tratada na baía de Guanabara. (PORTO (1976), 1981, p.222-223).

Diante da consolidação de uma arquitetura como resultado das necessidades de um programa elaborado e condicionado pelas características econômicas e do sítio, Severiano defende a arquitetura moderna brasileira. Ainda que nos discursos esta defesa seja velada, os fundamentos estão presentes nos princípios norteadores dos projetos. Em entrevista concedida à Letícia Neves, o arquiteto define arquitetura como:

Arquitetura é um conjunto de fatores que se entrelaçam e se agrupam de acordo com as necessidades de um programa, as condições específicas de uma área, os recursos da sua região, suas condições ecológicas, tecnologia a ser empregada, antiga, regional e todas as demais existentes em sua época, recursos financeiros, etc. Tudo isso ordenado, transformado em espaço de maneira sensível, lógica, técnica e bela.(PORTO, apud NEVES, 2006, p.207).

A década de 1980 marca o reconhecimento latino-americano da obra do escritório. Ainda que tivesse recebido prêmios na década anterior, os anos 1980 são marcados pela abertura política no continente e um entusiasmo regionalista. Em reportagem realizada pela revista "Projeto" com diversos arquitetos, Severiano Porto relata a importância de Vicente Wissenbach na divulgação da arquitetura brasileira a partir da década perdida e sobre a realidade diversa no país, considerando as especificidades para a realização dos projetos:

O que caracterizou a década de 80 foi a grande divulgação da produção arquitetônica de todas as regiões do Brasil. O marco mais significativo do fato acima foi a Mostra da Arquitetura Brasileira Atual, que aconteceu em Buenos Aires, em 1983[sic], onde cerca

¹⁶¹ PORTO, S. Arquitetura na Amazônia. In: DOYLE, Plínio (org.). Anais da Biblioteca Nacional. Vol. 101. **Ciclo de Estudos Amazônicos** (1976). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional / Divisão de Publicações e Divulgação. 1981, p. 223.

de 300 arquitetos brasileiros apresentaram mais de 1000 trabalhos sobre temas diversos, realizados em vários pontos do território, permitindo, pela primeira vez, que se tivesse uma idéia geral do que estava sendo produzido no país, em termos de arquitetura.(ARQUITETOS de..., 1990,p.170).

Diante da premiação máxima da *Bienal de Arquitectura de Buenos Aires* em 1985, o arquiteto se torna uma referência latino-americana. O pensamento regionalista vigente na época é observado por Severiano Porto. Embora defenda a utilização e a observação do lugar como ponto de partida dos projetos, a sua visão é mais pragmática sobre as consequências dessa atitude, enquanto ação do arquiteto e não como a adoção de um novo estilo. "O pessoal fala como se eu tivesse descoberto a pólvora, mas foi um processo tão natural que me espantei quando isso começou a despertar tanto interesse, e algumas vezes até admiração. E na verdade, é apenas o resultado de um comportamento profissional coerente."¹⁶²

A realização de uma arquitetura coerente com as possibilidades do lugar é enfrentada por Porto como consequência de um comportamento profissional e não como uma premissa projetual."Não foi um processo deliberado [sobre fazer uma arquitetura amazônica], mas um comportamento natural decorrente das possibilidades e das necessidades da região."¹⁶³ Essa condição evita o folclore ou caricatura da arquitetura e determina como fundamento e ponto de partida para as decisões projetuais, a interpretação criteriosa sobre o cliente, o programa, o sítio, as técnicas e meios disponíveis e o orçamento disponível.

Eu acho que a arquitetura deve começar pelas soluções e processos de construção mais simples. Somente depois disso podemos alcançar o uso de tecnologias mais avançadas, se as necessidades do programa o exigirem. Por outro lado, deve ser integrado à região, ao clima, aos recursos de construção do local e, além disso, ser consistente com o nosso tempo. A definição e o uso de modelos e estilos devem deixar de ser uma preocupação, sendo substituídos pelo uso correto dos materiais. (SEVERIANO Porto: *Arquitectura...*, 1985,p.54, tradução nossa).

Esta posição relacionada a uma atitude profissional frente aos problemas da arquitetura para a definição de um projeto é utilizada por Porto para algumas observações sobre a formação dos novos arquitetos nas escolas de arquitetura. O arquiteto critica a formação distanciada das premissas básicas da construção, e naquele momento, idealizando soluções tecnológicas incompatíveis com a realidade brasileira. Observa que há um certo

¹⁶² PENTEADO, S; ZEIN, R.; YAMASHIRO, D. A longa trajetória, da efervescência cultural do Rio a Manaus. **Projeto**, São Paulo, n.83, janeiro de 1986, p.48.

¹⁶³ Ibid, p.48.

distanciamento na formação das condições básicas da profissão, como na escolha dos materiais apropriados: "Nunca forcei usar madeira quando não devesse ser esse material. O arquiteto tem que usar de tudo, e saber usar. Há uma grande deficiência no ensino, hoje, que não prepara o arquiteto para a realidade que ele deveria enfrentar."¹⁶⁴

Sobre a condição relativa ao uso da madeira há um desconhecimento de técnicas primitivas que não são abordadas nas faculdades e ignoradas pelos jovens arquitetos. "a investigação de todos esses processos construtivos mais simples, que sempre funcionaram bem, não é abordada na faculdade; É um assunto que não é estudado e, como resultado, acaba sendo esquecido."¹⁶⁵ A crítica ao internacionalismo das escolas nos anos 1980 e 1990 e manifestado por Porto:

Saí da Universidade sem pai nem mãe; não há pesquisas, investigação, faltam laboratórios. Para se projetar corretamente, no entanto, é necessário conhecer os materiais, a técnica, entender o clima, a cultura das várias regiões do País, e isso não se ensina mais nas escolas. Não existe uma arquitetura de mão única, mas uma arquitetura própria do lugar. Aliás, a cultura indígena faz isso com sabedoria, e tem muito a nos ensinar, em termos de habitação e até de sobrevivência.(ABRIGO natural...,1998.[s.n.]).

Com uma postura experimentalista na utilização de técnicas e materiais apropriados, Porto sugere sobre a possibilidade da Universidade servir como um laboratório na formação e atualização profissional. Os profissionais desenvolvem em conjunto, com professores e alunos, pesquisas aplicadas nos laboratórios, sejam elas relacionadas as técnicas construtivas, materiais disponíveis ou projetuais, e realiza uma analogia ao que ocorre com os profissionais da área da saúde:

A Universidade deveria ter laboratórios para pesquisas de arquitetura, para podermos errar menos. Senão estaremos sempre usando os clientes como cobaias. Se um médico pede mil exames para dizer que você não tem problema algum, por que o arquiteto não pode pedir testes? Se temos dúvidas, como esclarecê-las sem pesquisas? (PORTO apud PENTEADO;ZEIN;YAMASHIRO,1986, p.49).

¹⁶⁴ Ibid, p.49.

¹⁶⁵ SEVERIANO Porto: arquitectura e identidad regional. **Summa**, Buenos Aires, nº. 210, março de 1985, p.26.

03_A REVISÃO DO EMPENHO CRÍTICO

Esse trabalho não tem a pretensão de consolidar um inventário com as publicações realizadas sobre a obra de Severiano Porto. O propósito é destacar alguns autores com contribuições bibliográficas que possam auxiliar na construção do estado da arte e com a argumentação da tese. O universo das citações é amplo e diverso. A seleção realizada apresenta ensaios críticos, entrevistas realizadas pelo autor e trabalhos acadêmicos.

Entre os ensaios críticos são observados trabalhos de abordagens diversas que versam desde a construção de uma sociedade brasileira, passando pela fundamentação crítica e teórica da arquitetura, assim como para a obra do de Severiano Porto. São observadas contribuições de Abílio Guerra, Alan Colquhoun, Alexander Tzonis, Ana Lucia da Costa, Arthur Reis, Beatriz Santos de Oliveira, Carlos Eduardo Comas, César Naselli, Cesar Oiticica, Cristián Fernández Cox, Elisabete Rodrigues de Campos, Fernando Lara, Gilberto Freyre, Haifa Sabbag, Haroldo Pinheiro, Henrique Mindlin, Hugo Segawa, Joaquim Cardozo, Jorge Czajkowski, Jorge Francisco Liernur, Kenneth Frampton, Liane Lefavre, Lucio Costa, Luiz Amorim, Leandro Tocantins, Luiz Carranza, Luiz de Miranda Correa, Maria Alice Junqueira Bastos, Marina Waisman, Marlene Acayaba, Mirian Keiko Rovo Lima, Monica Salgado, Paula Porto, Paulo Bruna, Roberta Camila Santiago, Ruth Zein, Sergio Buarque de Holanda, Sylvia Ficher, Vicente Gagliardi, Walter Gropius, e Washington Stephano.

As entrevistas realizadas durante a tese oportunizam um olhar diverso sobre as obras realizadas por Severiano Porto. Entre os entrevistados se destacam arquitetos que trabalham nos escritórios em Manaus e no Rio de Janeiro com Severiano Porto e Mario Emilio Ribeiro, clientes e familiares dos arquitetos e também com críticos de arquitetura - que nas décadas de 1970, 1980 e 1990 difundem as obras. São considerados os depoimentos de Abílio Guerra, Aristides Queiroz, Arnaldo Gomes da Costa, Aurélio Michiles, Beatriz Santos de Oliveira, Bruno Padovano, Carol Vasques, Cesar Oiticica, Daniel Alfaia, Elisabete Rodrigues de Campos, Francisco Anastacio Cantisani, Hugo Segawa, José Braga, Josélia Alves, Juan Villa, Jussara Derenji, Luciana Vecchietti, Maria Thereza Guerreiro, Marlene Acayaba, Mirian Keiko Rovo Lima, Orion Carolino, Pedro Vasques, Paula Porto, Phelipe Daou, Roberto Dantas, Roberto Moita, Roberto Thompson Motta, Sylvio de Podestá, Thiago de Mello e Vicente Wissenbach.

As investigações acadêmicas iniciam com a dissertação "Severiano Mário Porto: a produção do espaço na Amazônia"¹ concluído em 1998 por Kyung Mi Lee na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de

¹ LEE, K M. **Severiano Mário Porto: A Produção do Espaço na Amazônia**. 1998. [S.l.]. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

São Paulo. Lee apresenta uma visão panorâmica com as obras premiadas e mais conhecidas. Em 2003, Daniela Favilla apresenta no Instituto de Artes da Universidade de Campinas "O regionalismo crítico e a arquitetura brasileira contemporânea: o caso de Severiano Porto"², para obtenção do título mestre. O trabalho apresenta uma abordagem contextualista da obra de Porto amparada no conceito de Kenneth Frampton.

Mirian Keiko Luz Ito Rovo de Sousa Lima conclui o mestrado em 2004 no Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Keiko estagia com Severiano e Mario Emilio no Rio de Janeiro e posteriormente realiza o trabalho "O lugar da adequação em Severiano Porto: Aldeia SOS do Amazonas"³. A autora pondera sobre regionalismo e racionalismo na obra do arquiteto e desenvolve um estudo de caso sobre sua obra em Manaus.

A dissertação "Arquitetura bioclimática e a obra de Severiano Porto: estratégias de ventilação natural"⁴ é apresentada por Letícia Neves em 2006 para obtenção de título de mestre no Programa de Pós-Graduação da Escola de Engenharia de São Carlos. O trabalho expõe uma abordagem ambiental da obra e analisa o desempenho térmico do setor norte do campus da Universidade, SUFRAMA e Aldeias SOS Manaus. Destaca-se uma entrevista transcrita realizada durante o trabalho com o arquiteto Severiano Porto.

Em 2015, Aristóteles de Siqueira Campos Cantalice apresenta a tese "Descomplicando a Tectônica: Três arquitetos e uma abordagem"⁵ no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano na Universidade Federal de Pernambuco. O trabalho possui uma abordagem tectônica de Acacio Gil Borsóí, José Filgueiras Lima - Lelé e Severiano Porto.

² FAVILLA, D. **O regionalismo crítico e a arquitetura brasileira contemporânea: o caso de Severiano Porto**. 2003. 147 f. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

³ LIMA, M K. L. I. R de S. **O lugar da adequação em Severiano Porto: Aldeia SOS do Amazonas**. 2004. 216 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

⁴ NEVES, L. O. **Arquitetura bioclimática e a obra de Severiano Porto: estratégias de ventilação natural**. 2006. 232 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2006.

⁵ CANTALICE, A. de S. C. **Descomplicando a tectônica: Três arquitetos e uma abordagem**. 2015. 304 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

Em 2017, Mirian Keiko retoma a investigação sobre Severiano Porto no doutorado e apresenta "Modernidade Híbrida na Arquitetura Brasileira: projetos e obras de Severiano Mario Porto Arquitetos"⁶ no Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A tese apresenta um excelente histórico sobre os arquitetos Severiano Porto e Mario Emilio Ribeiro, assim como uma descrição fundamentada sobre a formação na FNA, e o ambiente encontrado pelo escritório SMPAA no Rio de Janeiro. Keiko destaca em um estudo de caso o projeto para o Hotel SESC Baía da Pedras em Mato Grosso e o relaciona a um conceito de uma modernidade híbrida, considerando o universo das obras construídas. Cabe sublinhar nesse trabalho, a linha de tempo com os projetos realizados pelo escritório SMPAA, construído pela autora com fotos e desenhos do Acervo Severiano Porto.

Os trabalhos mais recentes são realizados por pesquisadoras e arquitetas formadas no Amazonas e Roraima. Em 2019, Gisele Bahia Lins apresenta a dissertação "O etnoconhecimento e a arquitetura de Severiano Porto",⁷ no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Universidade Federal do Amazonas. No mesmo ano, Arielle Luckwü Mendes conclui o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia na Universidade Federal do Amazonas com o trabalho "Arquitetura bioclimática na Amazônia: Um estudo da obra de Severiano Mario Porto no setor Norte do campus da UFAM"⁸ Em 2020, a roraimense Ayana Dantas de Medeiros elabora "A obra de Severiano Mário Porto na Cidade de Boa Vista: Um Olhar com enfoque bioclimático"⁹, no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Essas autoras amazonenses e roraimense são formadas na região norte e e apresentam uma abordagem antropológica e ambiental. Durante a pós-graduação participam de eventos organizados pelo NAMA e apresentam comunicações em seminários.

⁶ LIMA, M. K. L. I. R. de S. **Modernidade Híbrida na Arquitetura Brasileira: projetos e obras de Severiano Mario Porto Arquitetos**. 2017. 338 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

⁷ LINS, G. B.. **O etnoconhecimento e a arquitetura de Severiano Porto**. 2019. 155 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

⁸ MENDES, A. L. **Arquitetura bioclimática na Amazônia: Um estudo da obra de Severiano Mario Porto no setor Norte do campus da UFAM**. 2019. 202 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia na Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

⁹ MEDEIROS, A. D. de. **A obra de Severiano Mário Porto na Cidade de Boa Vista: Um Olhar com enfoque bioclimático**. 2020. 150 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

Desse universo bibliográfico composto pelos ensaios críticos, entrevistas realizadas pelo autor e trabalhos acadêmicos se observa uma preponderância maior em cinco eixos temáticos: **protagonismo, história, meio-ambiente, regionalismo e materialidade**. As contribuições autorais de variada natureza merecem um destaque para um possível diálogo ou confronto com as hipóteses propostas na tese.

Um certo **protagonismo** de Severiano Porto na arquitetura do Amazonas também é evidenciado em publicações e relatos que valorizam a sua contribuição no novo momento econômico a partir da operação da Zona Franca de Manaus. Em 1969, Vicente Gagliardi publica a revista "Arquitetura Brasileira do Ano (ABA)" e o número 1 é curiosamente dedicado ao Amazonas. O arquiteto Cesar Oiticica relata no artigo "Amazonas - experiências do clima e materiais na habitação popular"¹⁰ as experiências iniciais dos arquitetos convidados por Arthur Reis e evidencia a participação de Severiano Porto:

Com as primeiras vivências locais dos arquitetos chegados a Manaus a partir de 1965, surgiu o interesse pela definição mais precisa das condicionantes de uma arquitetura que estivesse de acordo com o clima que utilizasse materiais da região. Suas experiências iniciais não lograram grande êxito nesse sentido, mas, pouco a pouco, com maior compreensão da região e da realidade, conquistaram algumas vitórias que podem ser consideradas importantes. A obra, nesses dois anos e meio de Amazonas, do Arquiteto Severiano Porto, evidencia essas conquistas e é um exemplo de identificação progressiva do arquiteto com a realidade amazonense. (OITICICA, 1969, p.74).

O editorial "A nova arquitetura do Amazonas"¹¹ assinado por Vicente Gagliardi na revista ABA - 1, faz um retrospecto histórico da formação da cidade e realça a miscigenação na formação dos amazonenses. Reis escreve o artigo "O mundo amazônico - Terra, floresta, Água e Terra".¹² Gagliardi enaltece o trabalho realizado pelo interventor Arthur Reis na contratação de arquitetos do Rio de Janeiro. Severiano Porto é elogiado como um expoente desses profissionais.

Severiano Porto, sem dúvida, está se transformando no inventor da arquitetura amazônica, tendo assimilado valores regionais, iniciando uma verdadeira revolução na arte da construção do Amazonas, revolução que vinha sendo sistematicamente

¹⁰ OITICICA, C. Amazonas - Experiência do clima e materiais na habitação popular. In: GAGLIARDI, V. **1 ABA - Arquitetura Brasileira do Ano/Rio de Janeiro, GB/1967-68**. Rio de Janeiro: ABA-CAB, p. 74-77, 1969.

¹¹ GAGLIARDI, Vicente B. A nova arquitetura no Amazonas. In: GAGLIARDI, Vicente B. **1 ABA - Arquitetura Brasileira do Ano/Rio de Janeiro, GB/1967-68**. Rio de Janeiro: ABA-GB, p.13-19, 1969.

¹² REIS, Arthur. O mundo amazônico - Terra, floresta, Água e Terra. In: GAGLIARDI, Vicente B. **1 ABA - Arquitetura Brasileira do Ano/Rio de Janeiro, GB/1967-68**. Rio de Janeiro: ABA-GB, p.26-47, 1969.

reclamada por Arthur Reis, Leandro Tocantins, Gilberto Freyre e Luiz de Murano da Cunha em conferências, livros, artigos de jornal ou de revistas especializadas. Os projetos de residências particulares, de autoria desse jovem arquiteto, que podemos considerar como iniciador da nova arquitetura no Amazonas, projetos cujo ponto de partida foi o de sua própria casa, vêm revelando aos amazonenses uma nova maneira de viver, um modo mais inteligente de habitar no trópico. (GAGLIARDI, 1969, p.16).

Se a nova arquitetura no Amazonas é financiada pelo Estado, a sua difusão se torna uma propaganda ao regime militar em periódicos de variedades e também nas revistas de arquitetura. O reconhecimento do IAB nas premiações anuais com o Estádio Vivaldo Lima em 1965, com o Restaurante Chapéu de Palha em 1967, com a Residência Recife, 1435 em 1971 e com os Reservatórios elevados da COSAMA em 1972 tornam o arquiteto Severiano Porto uma personalidade em Manaus. Em 1973, as premiações de arquitetura de edifícios em Manaus e a sua participação ativa como arquiteto no governo e na sociedade local estimulam um reconhecimento maior. Assembleia Legislativa do Amazonas concede o título de "Cidadão Benemérito do Amazonas" e o Deputado Washington Stephano, autor da propositura, afirma que Porto "trouxe para a nova terra a força do seu gênio e a solidez de uma formação técnica bem alicerçada." ¹³ Se a aprovação externa é essencial para a valorização no Amazonas, a consagração na Bienal de Buenos Aires em 1985 é necessária para o reconhecimento nacional.

A professora Ruth Verde Zein, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, é uma reconhecida crítica de arquitetura e pesquisadora sobre a arquitetura latino-americana. Participa da revista "Projeto" e do "SAL" nos anos 1980 e tem contribuição diferenciada no olhar atento à arquitetura de Severiano Porto. Autora de ensaios referenciais para a construção desta tese, Ruth Zein reforça o argumento do arquiteto chileno Enrique Browne no artigo "Severiano Mário Porto: um arquiteto brasileiro moderno"¹⁴ e destaca essa necessidade de um olhar estrangeiro para a consagração na América Latina.

Em um estudo sobre a América Latina, o arquiteto chileno Enrique Browne constata que, entre nós, a consagração internacional costuma preceder o reconhecimento em sua própria região da obra de nossos arquitetos (...) Mas ao serem elevados à categoria de "ídolos"arquitetônicos, nem sempre os motivos coincidem lá e cá. Recortadas de seu contextos, suas arquiteturas têm um sabor exótico, surpreendente, excepcional, reforçado pelo desconhecimento da produção arquitetônica de seus países, e pela

¹³ STEPHANO, Washington. Discurso do propositor que concede o Título de Cidadão Benemérito do Amazonas a Severiano Porto na Assembléia Legislativa do Amazonas. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 4 de dezembro de 1973, p.2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

¹⁴ ZEIN, R.V. Um Arquiteto Brasileiro: Severiano Mário Porto. **Projeto**. São Paulo, n. 83, p. 44-45, janeiro de 1986.

abordagem eminentemente privilegiado de aparências que seus trabalhos recebem. (ZEIN, 1986, p.44).

Por um outro lado, há também um certo ufanismo no enaltecimento de uma produção arquitetônica com discurso social, ambientalista e a exaltação a um indivíduo como um iluminado. Zein ainda demonstra uma certa inquietação aos "mal informados" que valorizam a produção arquitetônica de Porto apenas pela excentricidade da geografia ou pelo uso de materiais.

Mas o trabalho de Severiano Porto nada tem de exótico, nem de folclórico, exceto para os mal-informados. (...) Uma arquitetura que se insere harmoniosamente no meio em que é produzida, dialogando criativamente com sua realidade, não é exótica. O emprego desse termo, no presente caso, sugere, isso sim, parâmetros exóticos de julgamento, externos à realidade que pretendem criticar." (ZEIN, 1986, p.45).

A valorização do indivíduo é uma característica artística. A trajetória profissional de Severiano Porto em Manaus é um reflexo da sua personalidade desbravadora, mas também pela parceria com Mario Emilio Ribeiro - o coordenador da equipe de arquitetos no Rio de Janeiro. Em 1954, Walter Gropius (1883-1969) profere uma conferência na abertura do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos realizado em São Paulo e destaca o papel do trabalho coletivo na "indústria construtora". Severiano Porto, Mario Emilio Ribeiro e Roberto Thompson Motta estão na plateia dessa conferência. Na ocasião, Gropius afirma:

Estou convencido de que também na indústria construtora o trabalho coordenado de equipe se tornará a tendência principal. Isso acarretaria mais uma vez ao arquiteto do futuro, que é por vocação o coordenador das muitas atividades concernentes à construção, a oportunidade de se tornar o 'Mestre Construtor' – se estivermos prontos a fazer as alterações necessárias na atitude e no treinamento. É claro que ele atingirá pessoalmente ao alto desígnio histórico de sua profissão, de integrar pelo seu trabalho todos os componentes sociais, técnicos e estéticos, num todo compreensivo, e humanamente atrativo, dependendo somente da sua visão criadora. [...] a missão histórica do arquiteto sempre tem sido a de conseguir a coordenação completa de todos os esforços para elevar o ambiente físico do homem. Se este desejar ser fiel a esta missão tão alta, terá de treinar a geração futura em conformidade com os novos métodos de produção industrial, em lugar de restringir-se ao trabalho na platônica prancheta isolada da criação e da construção. (GROPIUS, 1954, p.47).

A necessária adequação ao meio é solicitada por Arthur Reis e tem como base o regionalismo proposto por Gilberto Freyre. Henrique Mindlin (1911-1971) apresenta no artigo "Gilberto Freyre e os arquitetos"¹⁵ na revista "Guanabara" em 1962. Nesse artigo, Mindlin motiva uma visão social do arquiteto:

É preciso considerar a fundo o papel do arquiteto em nossa época para fazer justiça à contribuição que traz Gilberto Freyre ao seu trabalho. Em uma cultura como a nossa de tão movimentada transição, a arquitetura e o urbanismo não podem ficar reduzidos à simples expressão obediente da época - nem a sua função pode se restringir à mera tradução, em termos plásticos, ou seja, tridimensionais, de exigências de toda ordem impostas de cima e aceitas passivamente, sem objeção e sem crítica. Muito pelo contrário, a arquitetura e o urbanismo devem tornar-se fatores atuantes e poderosos no desenvolvimento construtivo desta fase de transição. (MINDLIN, 1962,p.7).

Enaltecer a um personagem possibilita a propagação de exaltações mais exacerbadas. Severiano Porto não é o primeiro arquiteto moderno na Amazônia e tampouco um precursor no uso da madeira na arquitetura brasileira. Carlos Eduardo Comas ilumina em sua tese com a análise do Park Hotel em Nova Friburgo de Lucio Costa, além de outras experiências realizadas por arquitetos na região serrana no Rio de Janeiro. Esses exemplos precedentes a chegada de Porto em Manaus somados a outros apresentados em "A recuperação do precedente" permitem afirmar que os materiais não definem a modernidade. Na Amazônia, Comas observa que "Vital Brazil utiliza estruturas de madeira, material local de primeira qualidade, nos projetos para os aeroportos de Manaus (1944) e de Belém (1945). A complementação se faz com materiais facilmente transportáveis e existentes no local, como o arenito especificado para as empenas."¹⁶

Na condição de analisar a arquitetura e não exaltar o personagem, Ruth Zein destaca a apropriação de Porto dos precedentes modernos como tradição brasileira. Menos exaltação e mais constatação:

Sua postura relembra uma das mais interessantes características da arquitetura moderna brasileira: a adaptação de postulados genéricos, advindos dos mestres europeus, ao sítio, clima, materiais e até ao jeito nossos. Pertence a uma tradição que produziu obras como o Hotel de Friburgo, de Lúcio Costa, a casa de Oswald de Andrade, de Oscar Niemeyer, a caixa d'água de Olinda, de Luis Nunes, para citar os mais conhecidos. (ZEIN, 1986, p.45).

¹⁵ MINDLIN, H. Gilberto Freyre e os arquitetos. **IAB-Guanabara**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.4, p.7-11,1962.

¹⁶ COMAS, C. E. D. **Precisões brasileiras: sobre um estudo passado da arquitetura e urbanismo modernos**. A partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & cia, 1936-1945. Tese de Doutorado. Universidade de Paris VIII - Vincennes - Saint Dennis, Paris, 2002, p.259.

O segundo eixo temático apresentado nessa compilação de referências destaca Severiano Porto como um personagens na construção da **história** da nova arquitetura no Amazonas. Essa construção está diretamente relacionada a publicidade estatal. Leandro Tocantins (1919-2004) tem um papel fundamental na construção desse ambiente propício para a nova arquitetura. Formado em Direito e em Comunicação Social no Rio de Janeiro é autor de importantes livros sobre a história na Amazônia. Em 1953 é convidado para ser assessor de Arthur Reis na SPVEA em Belém e em 1964 é indicado por Reis para ser o Representante do Estado do Amazonas no Rio de Janeiro. É um articulista para a divulgação das ações do Amazonas no Rio de Janeiro, assim como da nova arquitetura em Manaus.

É um dos colaboradores da revista "Arquitetura" do IAB e publica alguns artigos no periódico sobre a arquitetura na Amazônia. Em "Arquitetura e Paisagismo na Amazônia"¹⁷ exalta a cultura vernacular "vejam-se as barracas da população pobre, herança do taperi indígena. Muito embora elas aparentem falta de conforto jamais agridem a natureza, sempre se harmonizam com os ventos, com a vegetação, com a água, com o tipo de solo."¹⁸ Tocantins desembaraça espaços de destaque em periódicos de variedades nas revistas "O Cruzeiro" e "Manchete" sobre Manaus e abre a curiosidade e o interesse nacional sobre a Amazônia. As discussões sobre habitação e meio-ambiente que potencializam nos anos 1960, aliadas a articulação estatal potencializam um ambiente favorável a recepção das obras do escritório SMPAA.

A engenheira Roberta Camila Santiago migra do Rio de Janeiro a Manaus, a convite de Arthur Reis, para se juntar ao grupo de profissionais para a construção da nova história do Amazonas. Em 2006 publica o livro "Manaus 1965: da floresta e das águas"¹⁹ e descreve o ambiente efervescente encontrado no Estado e o papel da publicidade estatal na divulgação das ações do Governo. Destaca a importância de Tocantins e de Luiz Miranda Corrêa (1935-2009), arquiteto e também colaborador na revista "Arquitetura".

A divulgação dos atos do governo, todos voltados para modificar a situação existente e desenhar um novo caminho, ficou a cargo do DEPRO - Departamento de Turismo e Promoção do Estado, sob Luiz Maximiliano de Miranda Corrêa Neto, e da Representação do Estados na então Guanabara, dirigida pelo escritor paraense Leandro Tocantins.

¹⁷ TOCANTINS, L. Arquitetura e Paisagismo na Amazônia. **Arquitetura, IAB/GB**, Rio de Janeiro, n.41, p.31 - 38, 1965.

¹⁸ Ibid, p.31.

¹⁹ SALGADO, R. C. **Manaus 1965: Da Floresta e das águas**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas - SEC, 2009.

Juntos trabalharam nesse sentido, criando e marcando a imagem de um Amazonas positivo e moderno. (SANTIAGO, 2009, p.178).

Luiz Miranda Corrêa é amazonense, arquiteto formado na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), e colaborador na Revista Arquitetura. Escreve artigos como "A arquitetura na Amazônia"²⁰, "Os problemas habitacionais no trópico brasileiro"²¹, "Arquitetura contemporânea em Manaus"²²e "O porto de Manaus"²³. O alinhamento a um passado glorioso e a necessidade de uma arquitetura atenta ao seu meio é exaltado nessas publicações de Tocantins e Miranda Corrêa. "É tempo dos arquitetos, engenheiros da Amazônia brasileira, criarem um estilo identificado com as necessidades do trópico. Criarem uma arquitetura identificada com a terra, com o clima, com o homem, usando matéria prima local."²⁴ Em paralelo, Gagliardi desqualifica a arquitetura construída ao período anterior a Arthur Reis:

A revolução que Lucio Costa, Oscar Niemeyer e tantos outros, inspirados nos conceitos renovadores de Le Corbusier, fizeram no sul do País, teria que repercutir na distante e decadente cidade amazônica. As poucas construções públicas ou particulares, construídas entre 1940 e 1964, como os monstruosos edifícios do extinto IAPETEC e da Secretaria da Educação e Cultura, forma pobres imitações do que se fazia no centro-sul brasileiro. (GAGLIARDI, 1969, p.14).

Esse ambiente é favorável à divulgação de uma nova arquitetura no Amazonas. A base para a discussão é fomentada pelas contribuições precedentes de historiadores e sociólogos, além da crescente preocupação com **meio-ambiente** nos anos 1960. Esses ingredientes contribuem para o discurso de uma arquitetura atenta ao lugar, e abrem manifestações de exaltação a uma **regionalidade**, inicialmente conveniente aos interesses de divulgação das ações do Estado, mas também adequada a um discurso de uma arquitetura supostamente autêntica.

²⁰ MIRANDA CORRÊA, L. A arquitetura na Amazônia. In: **Arquitetura**. Rio de Janeiro: IAB/GB, n.17, dez. 1963.p.3-6. MIRANDA CORRÊA, L. A arquitetura na Amazônia. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.17, p.3-6, dezembro de 1963.

²¹ MIRANDA CORRÊA, L. Os problemas habitacionais no trópico brasileiro. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.30, p.32-33, novembro de 1964.

²² MIRANDA CORRÊA, L. Arquitetura Contemporânea de Manaus. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.30, p.40-42, novembro de 1964.

²³ MIRANDA CORRÊA, L. O porto de Manaus. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.30, p.45, dezembro de 1965.

²⁴ Id, 1963, p.4.

Lucio Costa publica "Razões da nova arquitetura"²⁵ em 1934 e trilha o caminho para a nova arquitetura no Brasil. A suposta desvinculação da industrialização com a tradição é facilmente combatida no texto pelo autor. Costa afirma que o internacionalismo é recorrente na história da arquitetura:

O internacionalismo da nova arquitetura nada tem de excepcional, nem de particularmente judaico - como, num jogo fácil de palavras, se pretende -; apenas respeita um costume secularmente estabelecido. É, mesmo, neste ponto, rigorosamente tradicional. (COSTA (1934), 2003, p.50).

Sergio Buarque de Holanda (1902-1982) publica "Raízes do Brasil"²⁶ em 1936 e defende a necessidade de superação da cultura colonialista. Afirma que "o país não pode crescer pelas suas próprias forças naturais: deve formar-se de fora para dentro, deve merecer a aprovação dos outros."²⁷ Freyre observa sobre a necessidade da atenção as diferenças no extenso território brasileiro em "Casa Grande & Senzala":²⁸

Que existem no Brasil consideráveis diferenças de região para região e até de sub-região para sub-região ou de província para província, nenhum estudioso de ciência social familiarizado com a situação do nosso país é capaz de negar. Somos, há anos, dos que vêm procurando pôr em destaque não só tais diferenças com a conveniência de as conservarmos, em vez de nos submetemos a qualquer espécie de nacionalismo anti-regional que tenda a esmagá-las ou anulá-las. Mas o estudo das diferenças não nos deve fazer abandonar, em estudos sociais, o do espaço social, dentro do qual podem estender-se complexos sociais, ou de cultura, de configuração própria e até caprichosa. (FREYRE (1933), 2006, p. 73)

A Amazônia passa a ter mais espaço nas publicações a partir dos anos 1950, quando a habitação se torna uma das principais discussões sobre a urbanização brasileira. O engenheiro calculista Joaquim Cardozo (1897-1978) escreve em 1955 "As casas sobre as palafitas"²⁹ e versa sobre o conhecimento popular e a construção na Amazônia. No artigo exalta o primitivismo e a necessidade de adequação da arquitetura as condições físicas e ambientais do local. Além das condições ambientais, o discurso da adaptação ao homem é observado.

²⁵ COSTA, L. Razões da nova arquitetura. In: XAVIER, A.(org.). **Depoimento de uma geração - arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, p.39-52, 2003.

²⁶ HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1976.

²⁷ Ibid, p.166

²⁸ FREYRE, G.. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Global Editora, 2006.

²⁹ CARDOZO, J. As casas sobre palafitas do Amazonas. In: Macedo, D.M.; Sobreira, F.J.A. (Orgs.). **Forma estática - forma estética : ensaios de Joaquim Cardozo sobre Arquitetura e Engenharia**. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, p.115-116, 2009.

Assim como existem, entre nós, a música popular, uma pintura e uma escultura que traduzem os sentimentos mais primitivos da nossa gente, existem também, um arquiteto do povo – uma arte de construir que, atendendo às contingências de acidentes topográficos diversos e às dificuldades econômicas das populações mais humildes, é quase sempre realizada com espontaneidade singular, caracterizando-se, sobretudo pelo emprego de materiais de fácil aquisição e mais adequadas à aplicação local [...] Às margens do Amazonas, como se evidencia pelas fotos aqui exibidas, floresce na hora presente uma das mais vivas arquiteturas deste gênero: as casas sobre palafitas, dos habitantes ribeirinhos do grande rio, revelam a extraordinária capacidade construtiva dessa gente, em face da enorme variabilidade do nível das águas. (CARDOZO, 1955, p. 42-43).

Ainda que a abordagem sociológica seja importante para a realização da arquitetura há um certo exagero nessa abordagem ao ponto do negacionismo da própria Disciplina. Esse fenômeno ocorre, em parte pela falta de perspectiva nas Faculdades a partir de 1968 com a cassação de professores nas escolas de arquitetura no Brasil e um certo desânimo na atuação do arquiteto ao regime em vigência. Ruth Zein alerta para esse fenômeno em 1983 com o artigo "Arquitetura brasileira pós-Brasília: um roteiro"³⁰ onde chama a atenção sobre a sua formação na FAU/USP e para a necessidade de focarmos na Disciplina. O texto permanece atual e mostra como o ato de projetar está cada vez mais frágil nas escolas de arquitetura.

Aficionados em sociologia, os quais pretendiam dar nenhum valor tanto a essa história quanto a esse projeto, e partir para a realidade - o que na prática significava visitar favelas, fazer pesquisas, tabular dados e escrever longos discursos acerca disso tudo sem nada propor, já que as propostas só poderiam vir após mudanças estruturais na economia política. Entre a arquitetura inequívoca e a negação da arquitetura, pouco sobrava, exceto uma das duas. Começamos então - falo no plural porque é um trabalho indissolúvelmente ligado a um esforço coletivo - a questionar algumas ideias. A primeira é que desejávamos pensar e escrever e falar sobre arquitetura - e não de sociologia ou economia, ou apenas fazer esboços geniais com lápis 6B. (ZEIN, 2001, p.75)

Diante dessa constatação, vamos à arquitetura. Em 1982, Vicente Wissenbach publica o livro "Arquitetura moderna brasileira"³¹ autoria de Sylvia Fisher e Marlene Acayaba. O livro é resultado de um artigo para a *Concordia University* publicado em "*International Handbook of Contemporary Developments in Architecture*"³² em 1981. No verão de 1978 as duas arquitetas viajam pelo Brasil e visitam Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Fortaleza como uma

³⁰ ZEIN, R.V. Arquitetura brasileira pós-Brasília: um roteiro. In: ZEIN, R.V. **O lugar da crítica: Ensaios oportunos de Arquitetura**. Porto Alegre: Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, p.17-24, 2001.

³¹ Fisher, S.; ACAYABA, M. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.

³² SANDERSON, W. (ed.). **International Handbook of Contemporary Developments in Architecture**. Westport, CONN.: Greenwood Press, 1981.

descoberta pessoal do universo variado da arquitetura brasileira. Sylvia Ficher ainda visita Curitiba e o livro também apresenta obras de Brasília e Porto Alegre. Em relação a Amazônia, o livro apresenta a obra de Severiano Porto "é cada vez mais urgente a determinação de princípios que possam orientar a construção no sentido de se adaptar ao meio ambiente."³³ Ao abordarem as obras de Porto destacam "a pesquisa daqueles elementos construtivos que amenizam as imposições do clima equatorial."³⁴ Ao abordarem sobre as tendências regionais após 1960, as autoras afirmam:

Simultaneamente à construção de Brasília, devido à industrialização que se estende a todo o país, a linguagem arquitetônica de origens comuns vai se enquadrar em um novo contexto: diferenças econômicas, climáticas, tecnológicas e de programa conduzem a um processo de regionalização. Enquanto é possível falar de uma arquitetura tropical que se estenda do Rio de Janeiro a Fortaleza e Manaus, o contraste entre o Sul industrializado e o Nordeste rural e pobre reflete diferenças sociais insuperáveis. A arquitetura por todo o país perde seu caráter monumental, a cidade como um todo se torna um foco de interesse e os arquitetos passam a atuar no planejamento. O papel demiúrgico do arquiteto carioca, construtor de novas cidades, desaparece. Deixa de existir uma expressão dominante para a arquitetura brasileira, a qual vai dar lugar a uma produção diferenciada cuja lógica deve ser procurada em cada região. (FICHER; ACAYABA, 1982, p.48).

Hugo Segawa é professor e pesquisador da Universidade de São Paulo. Autor de livros e artigos sobre a arquitetura brasileira escreve em 1988 o capítulo "Os materiais da Natureza e a Natureza dos materiais"³⁵ publicado por Vicente Wissenbach no livro "Arquiteturas no Brasil/ Anos 1980"³⁶ e estabelece uma relação entre a regionalidade, economia e a ecologia. "Na década de 70 vimos a retomada de uma postura amparada num discurso "ecológico" e econômico frente à opção por materiais regionais."³⁷. Esse trabalho motiva a realização na década seguinte do livro "Arquiteturas no Brasil: 1900-1990"³⁸ com a apresentação de diversas modernidades no Brasil. O livro é organizado em 9 capítulos. Em "Desarticulação e rearticulação? 1980-1990" argumenta sobre uma arquitetura amazônica:

³³ Ficher, S.; ACAYABA, M. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982, p.107.

³⁴ Ibid, p.107.

³⁵ SEGAWA, H. Os materiais da Natureza e a Natureza dos Materiais. In: SEGAWA, H.; SANTOS, C.; ZEIN; R. **Arquiteturas no Brasil/Anos 80**, Sao Paulo: Projeto, 1988. p.34-46.

³⁶ SEGAWA, Hugo; SANTOS, Cecília; ZEIN; Ruth. **Arquiteturas no Brasil/Anos 80**, Sao Paulo: Projeto, 1988.

³⁷ SEGAWA, Hugo. Os materiais da Natureza e a Natureza dos Materiais. In: SEGAWA, Hugo; SANTOS, Cecília; ZEIN; Ruth. **Arquiteturas no Brasil/Anos 80**, Sao Paulo: Projeto, 1988. p.37.

³⁸ SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. 2.ed. São Paulo: Ed.Universidade de São Paulo. 1999.

A arquitetura amazônica antes referida surge mais por uma percepção de contexto que por uma vontade de tipificar alguma manifestação arquitetônica. São manifestações que coincidem com alguma preocupação pós-moderna, mas não têm origem nesse fenômeno internacional. Tampouco voltam-se a uma busca específica de identidade. (SEGAWA, 1999, p.193).

Ainda que Alexandre Tzonis e Liane Lefaivre tenham publicado em 1981 o artigo "*The grid and the pathway*"³⁹ é com Kenneth Frampton que o regionalismo ganha visibilidade na América Latina. Em 1983 ele publica "*Towards a Critical Regionalism: six points for an architecture of resistance*"⁴⁰ e apresenta uma reação a modernização nos países desenvolvidos e se torna uma importante referência bibliográfica na América Latina. O regionalismo crítico permite uma série de desdobramentos na busca por uma identidade na arquitetura latino-americana.

O termo Regionalismo crítico não pretende denotar o vernáculo do modo como este foi, outrora, produzido espontaneamente pela interação combinada de clima, cultura, mito e artesanato, mas antes pretende as "escolas" regionais recentes, cujo objetivo principal tem sido refletir os limitados elementos constitutivos nos quais se basearam a servir eles. Entre outros fatores que contribuíram para a emergência de um regionalismo desse tipo encontram-se não somente uma certa prosperidade, mas igualmente um certo tipo de consenso anticentrista - em última instância, uma aspiração por uma forma de independência cultural, econômica e política. (FRAMPTON, 2000, p.381-382).

Em tempos de abertura política, aproximações entre os países latino-americanos e uma certa euforia cultural, a Bienal de Arquitetura de Buenos Aires de 1985 marca o início do SAL. Com a participação de arquitetos de vários países do continente e com discussões acerca da produção latino-americana, as primeiras duas edições ocorrem junto a Bienal - e posteriormente de forma autônoma e itinerante, possibilitam outras reflexões importantes sobre a regionalidade. Entre as manifestações destacadas, cabe destacar dois autores: os chilenos Enrique Browne e o Cristián Fernández Cox. Enquanto Browne defende uma outra modernidade, "*Si en Europa la preocupación era cómo modificar las instituciones para adecuarlas a la transformación experimentada por la sociedad, en América Latina la preocupación fue como alterar la sociedad para adecuarla al modelo imaginado de instituciones modernizadas.*"⁴¹, Cox apresenta uma modernidade apropriada:

³⁹ TZONIS, A.; LEFAIVRE, L. The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. In: **Architecture in Greece**. Athens, p.164-178, 1981.

⁴⁰ FRAMPTON, K. Toward a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In: FOSTER, Hal (org.). **The Anti-aesthetic : Essays on Postmodern Culture**. Port Townsend, WASH: Bay Press, p?, 1983.

⁴¹ BROWNE, E. **Otra arquitectura en América Latina**. México: Ed. Gustavo Gili, 1988, p.48.

Apropiada en cuanto hecha propia, vivimos en un mundo intercomunicado, y la principal ventaja de ser subdesarrollados como nosotros, es que podemos aprender de las invenciones y experiencias probadas por los que van más adelantados. A condición, precisamente de que hagamos una discriminación previa a partir del digestor crítico de nuestra identidad y que convenga a nuestra realidad, sepamos adaptarlo armónicamente, a fin de hacerla propia.

Apropiada en cuanto a adecuada a la realidad, que se trate útil a ella, a su servicio, desde ella, consistente con ella, armónica a ella.

Apropiada en cuanto propia, tenemos abundantes particularidades que son objetivamente propias, y a las que solamente es posible responder con soluciones propias, peculiaridades en que la experiencia norteamericana o europea, posiblemente nos servirán de muy poco. (FERNÁNDEZ COX, 1988, p.65).

Nessa busca por uma identidade na arquitetura na América Latina, a obra de Severiano Porto se torna uma referência regional. A caracterização da madeira em parte das obras ganha destaque nessa discussão identitária, e Severiano Porto se torna um personagem icônico a partir das exposições, palestras e premiações. O destaque ao homem e a busca de ídolos regionais o consagram como um arquiteto da madeira. Tzonis e Lefavre destacam a sua obra como um exemplo de identidade :

For Severiano Porto, working in Manaus, in the Amazon of northern Brazil, this is prevents an architect being seduced by already existing practises of architecture and applying them without consideration in a situation alien from the one they have originated in. His regionalism originates not from hostility towards the outside world of his region but from respect of needs and opportunities at hand. Regionalist architecture is defined by the appreciation of the identity and uniqueness of the problem rather than the solution. (LEFAIVRE ; TZONIS, 2001. p.10).

O inglês Alan Colquhoun escreve em 1992 o artigo "O conceito da regionalidade".⁴² No ensaio versa sobre a atribuição de um valor exagerado ao regionalismo em tempos de industrialização:

A ideia da regionalidade é apenas uma dentre uma série de conceitos de representação arquitetônica e dar-lhes importância especial significa seguir uma tradição crítica já muito trilhada, que não tem mais a relevância que pode ter tido no passado. (COLQUHOUN, 1992, p.17).

⁴² COLQUHOUN, A. O conceito da regionalidade. **Projeto**, São Paulo, Projeto, n. 159, p. 77-?, dezembro de 1992.

Comas assegura em "O esgotamento do Regionalismo"⁴³ a superação das discussões identitárias na arquitetura levantadas na década de 1980 e a necessidade da busca pela qualidade no projeto :

Discussões formais e informais apontaram o esgotamento das bandeiras do regionalismo e da identidade, se correlacionadas com a ideia de uma única arquitetura latino-americana. Imposições doutrinárias estão em baixa, a pluralidade de caminhos constitui um fato, triunfa a atitude mais empírica e pragmática diante das demandas de uma realidade contraditória que mescla elementos tribais e cosmopolitas. Cresce a convicção de que a noção de conceptualismo precisa se redefinir; mais que adotar um contexto, o arquiteto latino americano é frequentemente chamado a criar um contexto inovador, mesmo quando o caso envolva restauração. (COMAS, 1993, p.25).

O rótulo de arquiteto da Madeira é atribuído a Severiano Porto a partir das premiações recebidas com as obras Restaurante Chapéu de Palha, Residência Recife 1435, Residência Schuster, Pousada na Ilha de Silves e Centro de proteção ambiental de Balbina. Considerando o universo das obras premiadas, também são agraciadas obras com outras **materialidades** como: os Reservatórios elevados da COSAMA, a Sede da SUFRAMA, a Residência João Luiz Osório e o Setor norte do campus da Universidade. Rotular o arquiteto a um único material é uma simplificação e um desconhecimento da trajetória plural que o escritório SMPAA tem na Amazônia, ou ainda pior, qualificá-lo de forma pejorativa, como se a madeira denote um menor valor projetual. "Se a própria madeira utilizada na construção era elemento de distinção social",⁴⁴ as obras premiadas em madeira do escritório SMPAA são consideradas menos qualificadas que a de outros arquitetos e escritórios em concreto. Por outro lado, as obras premiadas em madeira de Severiano Porto são as mais lembradas entre as suas premiadas, pois trazem contribuições significativas à arquitetura brasileira. Essas contribuições vão além de outras formas de beneficiamento, engates e cortes da madeira. São subsídios à arquitetura.

A escolha de materiais e técnicas construtivas não é vernácula na obra de Severiano Porto. É uma apropriação de costumes de diferentes povos e culturas na Amazônia. Sejam dos indígenas, dos europeus e também dos asiáticos. No final da década de 1960, o arquiteto Cesar Oiticica, enquanto presidente da COHAB-AM sugere a formação de um laboratório de pesquisas de materiais regionais⁴⁵ para a experimentação de diferentes técnicas e materiais

⁴³ COMAS, C.E.D. O Esgotamento do Regionalismo. In: **AU**, PINI, São Paulo, n. 48, p. 25-?, jun/jul de 1993.

⁴⁴ FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Global Editora, 2006, p.332.

⁴⁵ OITICICA, C. **Depoimento**. Entrevista a Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 14 de julho de 2016.

disponíveis na floresta, e também, a experimentação de materiais de outras localidades no ambiente da floresta. Nesse contexto observam a telha em madeira utilizada na colônia dos japoneses no interior do Amazonas:

A poucos quilômetros de Manaus, ao longo da estrada Manaus - Itacoatiara, encontra-se uma cooperativa agrícola de imigrantes japoneses, que prosperaram no correr dos anos e que abastecem grande parte da capital de verduras e aves, e cuja cultura principal é a pimenta do reino. Suas moradias e galpões são bastante simples, ecológicos e, em alguns casos, obras-primas de arquitetura popular. Sua característica fundamental é a cobertura em cavaco de madeira. As paredes, via de regra, são treliçados de caibros roliços e palha, constituindo paredes ventiladas, A cobertura tem sua durabilidade assegurada desde que de madeira de lei, e a palha utilizada na resistirá melhor do que quando usada para o telhado. "(OITICICA, 1969, p.76)

Em 1986, a ampla experimentação e a falta de pré-julgamentos são características relacionadas por Ruth Zein. "A ausência de preconceitos quanto a materiais, tema, local aliada à pesquisa responsável de caminhos e propostas, produz resultados variados e adequadas a cada circunstância. Não há que temer, da parte de Porto, um surto impositivo de novas fórmulas de projeto."⁴⁶

A arquiteta Marina Waisman tem uma contribuição ímpar na arquitetura argentina e latino-americana. Em 1989 escreve com Cesar Naselli " *10 arquitectos latinoamericanos*"⁴⁷. Entre os arquitetos selecionados estão Severiano Porto e Mario Emilio Ribeiro. Waisman apresenta uma análise arquitetônica incomum nos textos da época das obras Residência Recife 1435, Sede da SUFRAMA, Agência Manaus do BASA, Residência Schuster, Setor norte do campus da Universidade, Centro de Proteção Ambiental de Balbina e Pousada da Ilha de Silves. Os autores refletem sobre o uso dos distintos materiais e técnicas construtivas:

El insistente uso del material y las técnicas locales responde a la convicción del arquitecto de que frente al inmenso repertorio tecnológico de nuestro siglo, frente al impresionante desarrollo industrial, debemos colocarnos en una postura de elección crítica: uno debe pensar cuándo, cómo y dónde debe usar o no determinada solución técnica. Por lo cual, junto al sabio y rico uso de la madera, encontramos en su obra el hormigón, los materiales metálicos, el ladrillo, cuando así lo aconsejan las circunstancias o el carácter de la obra.(WAISMAN; NASELLI, 1989. p. 188).

⁴⁶ ZEIN, R. Um Arquiteto Brasileiro: Severiano Mário Porto. **Projeto**. São Paulo, n. 83, janeiro de 1986, p.45.

⁴⁷ WAISMAN, M.; NASELLI, C. **10 Arquitectos Latinoamericanos**. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes, 1989.

O arquiteto e professor argentino Jorge Francisco Liernur é outro reconhecido historiador da arquitetura latino-americana. É um dos curadores da exposição "*Latin America in Construction: Architecture 1955-1980*"⁴⁸ com Carlos Eduardo Comas, Barry Bergdoll e Patrício Del Real. Liernur destaca o papel da materialidade de Porto no Brasil e a característica de aproveitamento dos recursos disponíveis na construção civil para a sua arquitetura:

Simon Velez in Colombia, Juvenal Baracco in Peru, and Severiano Porto in Brazil have constructed buildings out of wooden poles, straw, adobe bricks, and knots that are provocatively disdainful of modern industrial components. Can these designers withdraw from the rule of character? Are the same criteria applicable to the millions of houses needed, to the branches of international banks, or to a metropolitan stadium? (LIERNUR, 1995, p.11).

O arquiteto e professor Paulo Bruna da Universidade de São Paulo (USP) tem uma carreira versátil consolidada com a autoria de edifícios referenciais em São Paulo e também pela publicação de artigos e livros e atuação acadêmica. Em 2003 escreve "Severiano Porto"⁴⁹ e analisa que o processo construtivo em localidades remotas determina a escolha de materiais e a realização dos projetos do escritório SMPAA.

To design, construct and supervise building work in the interior of the Amazon region is extremely difficult: only bricks and newly felled green timber from the forest are available there; all other materials have to be transported by boat from Manaus, which may take months. In these conditions Porto achieved a style of architecture of great strength and originality, adapted to the region through careful study of the indigenous inhabitants, climatic conditions and the appropriate use of local technology and materials. (BRUNA, 2003, [s.n]).

A pesquisadora Maria Alice Junqueira Bastos é professora e pesquisadora na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em 2003, Maria Alice publica o livro "Pós-Brasília: Rumos da arquitetura brasileira"⁵⁰. O livro apresenta um panorama histórico da arquitetura brasileira e considera a materialidade como parte da revisão moderna realizada na década de 1980. A autora apresenta os projetos do Setor norte do campus da Universidade, do Centro de Proteção Ambiental de Balbina e argumenta:

⁴⁸ BERGDOLL, B.; COMAS, C. E. D.; LIERNUR, J. F.; DEL REAL, P. **Latin America in Construction: Architecture 1955 - 1980**. New York: MoMA, 2015.

⁴⁹ BRUNA, P. J. V. Severiano Porto. **Grove Art Online**. Oxford University Press, January 2003/01. Disponível em: <<https://www.oxfordartonline.com/groveart>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2019.

⁵⁰ BASTOS, M.A.J. **Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Nos anos de 1980, a arquitetura desenvolvida por Severiano Porto e Mário Emilio [sic] Ribeiro passou a ser vista como uma importante referência nas discussões sobre tendências e caminhos para a arquitetura nacional. [...] Sua arquitetura se enquadrava numa das discussões mais importantes travadas no continente, a revisão da arquitetura moderna, pela introdução de características culturais, construtivas, climáticas, em seus postulados genéricos.(BASTOS, 2003, p.153).

Haifa Yazigi Sabbag contribui com textos importantes sobre a arquitetura brasileira. Enquanto editora da revista AU promove reportagens sobre a obra de Severiano Porto. Em 2012, escreve o artigo "Jorge Glusberg, o fomentador da arte, cultura e arquitetura latino-americana"⁵¹ e apresenta uma visão ampliada dessa simplificação da conexão do arquiteto a materialidade: "A preocupação de Severiano na Amazônia centrava-se não somente no emprego dos materiais, mas no aproveitamento dos ventos, na proteção máxima contra o sol e nas condições topográficas."⁵²

Em 2010, Maria Alice se une a Ruth Zein para a publicação do livro "Brasil: arquiteturas após 1950"⁵³. A abordagem do livro é um panorama geral com uma cronologia posterior a "Arquitetura Contemporânea no Brasil"⁵⁴ publicado por Yves Bruand. O livro é dividido em seis partes e a obra do escritório SMPAA é citada em "Diálogos (1955-1965)", "Pós-Brasília (1965-1975)", "Crise e renovação". São apresentadas as obras das Escolas pré-fabricadas para o Amazonas, Residência Recife 1435, Sede da SUFRAMA, Pousada na Ilha de Silves, Setor norte do campus da Universidade e o Centro de Proteção Ambiental em Balbina. Nas Escolas, a logística construtiva determina a escolha dos materiais:

Uma proposta de Severiano Porto, de escolas pré-fabricadas em madeira, em Manaus e, de lá, transportadas para o interior, onde seriam montadas em diferentes tamanhos, conforme a demanda. Severiano propôs ainda que as escolas fossem elevadas do chão, sobre sapatas de concreto ciclópico simplesmente apoiadas no solo.(BASTOS ; ZEIN, 2010. p.100).

⁵¹ SABBAG, H. Y. Jorge Glusberg. O fomentador da arte, cultura e arquitetura latino-americanas. In: **Drops**, São Paulo: Portal Vitruvius, ano 12, n. 053.05, fev. 2012 Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/12.053/4147>>. Acesso em: 13 de outubro de 2015.

⁵² Ibid.

⁵³ BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

⁵⁴ BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

Se "o edifício para a SUFRAMA faz uso extensivo do concreto armado"⁵⁵ e o setor norte do campus da Universidade utiliza o concreto na estrutura portante dos invólucros e perfis laminados em aço na estrutura da macrocobertura, as demais obras apresentadas no livro são todas em madeira.

Hugo Segawa publica o livro "*Arquitectura latino-americana contemporánea*"⁵⁶ em 2005. No capítulo "*Tropicalismo o barbarie*" apresenta obras na floresta, no mar e no deserto no continente e destaca os projetos da Pousada na Ilha de Silves e Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Relata sobre a madeira como representação de uma suposta atribuição estilística:

Cuando Severiano Porto y Mário Emílio Ribeiro surgieron en la línea frontal de la arquitectura brasileña a inicios de la década de 1980 (...), ambos fueron saludados como "pos modernos", en la línea "neovernácula". Un juicio derivado de la inusitada arquitectura de madera en la Amazonia, inicialmente con la posada de la isla de Silves y luego con el centro de protección ambiental de Balbina, pero el tiempo se encargó de deshacer algunos malentendidos. Primero: la generalización de la posmodernidad para todo lo que no se encuadraba en los padrones vigentes. Segundo: la "novedad" de la producción de Porto y Ribeiro llevaba ya entonces casi veinte años de experimentación con la madera; ni siquiera se trataba de arquitectos jóvenes. A fin y al cabo, esta arquitectura tenía antecedentes en la modernidad brasileña de la década de 1940; es decir, nada tan moderno como Severiano Porto y Mário Emílio Ribeiro.(SEGAWA, 2005, p.91).

A madeira, que de uma certa forma aprisiona o personagem a um determinado rótulo, também assegura resultados técnicos significativos aos trabalhos desenvolvidos. Em 2016, a professora do curso de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ Monica Santos Salgado coordena uma pesquisa sobre o possível atendimento a certificações ambientais de desempenho térmico do Centro de Proteção Ambiental de Balbina. A pesquisa utiliza a modelagem tridimensional do edifício realizada no Trabalho Final de Graduação de Marco Aurélio Cunha⁵⁷ e realiza uma visita de medição ao edifício no Amazonas com o seguinte resultado:

Evidencia-se, portanto, que o Centro de Proteção Ambiental Balbina, projetado e construído na década de 1980 – ou seja, muito antes das certificações ambientais chegarem ao Brasil – apresenta grande potencial para obter a certificação ambiental

⁵⁵ BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010. p.151.

⁵⁶ SEGAWA, H. **Arquitectura latinoamericana contemporánea**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

⁵⁷ CUNHA, M. Preservação do patrimônio arquitetônico: reconstrução digital do CPA Balbina - Arq. Severiano Mario Porto. Trabalho de conclusão (graduação). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

conforme processo AQUA-HQE, pois atenderia à maioria dos requisitos em nível "superior" ou "excelente", indo além do mínimo exigido pelo referencial." (SALGADO et al, 2016. p.50).

A macrocobertura, seja ela em madeira, concreto ou fibrocimento, garante uma proteção mais ampla que uma abordagem meramente ambiental. "A solução de uma cobertura estruturalmente independente sobreposta às áreas fechadas solicitadas pelo programa é recorrente na arquitetura de Severiano Porto."⁵⁸ Esse recurso não está relacionado a um único material, mas a uma estratégia projetual para a proteção da quinta fachada. Em 2014, Luís Carranza e Fernando Lara publicam o livro "*Modern Architecture in Latin America: art, technology, and utopia*"⁵⁹ com uma visão panorâmica sobre a arquitetura no continente latino-americano de 1903 e 2002 e o enquadramento dessas obras nas três temáticas propostas pelos autores. O Centro de Proteção Ambiental de Balbina está inserido em "*Technology*". Os autores descrevem o edifício e a macrocobertura em madeira:

The structure, designed to house a research center near a Balbina hydroelectric dam, has a meandering wooden roof structure (made, more specifically, of scrapped wood used as tiles; this technique is called cavaco in Portuguese). The curvilinear forms of the structure alternate in height as much as in width and connect a series of spaces below. Some of the spaces are open, such as meeting rooms, and others are fully enclosed and air conditioned, such as the laboratories.(CARRANZA; LARA, 2014, p.307).

Marina Waisman e Cesar Naselli descrevem em "10 arquitectos latinoamericanos" as macrocoberturas da SUFRAMA e da Universidade realizadas pelo escritório SMPAA. Na Universidade, a cobertura em fibrocimento é descrita da seguinte forma :

Dadas las características de la obra - su gran extensión de unos 45.000 m2 cubiertos, y el área boscosa en que está emplazada - no era posible utilizar sistemas constructivos tradicionales, de modo que se optó por una estructura metálica, con cubiertas de fibrocimento pintadas de blanco para reducir las variaciones de temperatura, y dobles techos con cumbrera metálica, que permiten el paso del viento.(WAISMAN; NASELLI, 1989. p.194).

⁵⁸ BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 250.

⁵⁹ CARRANZA, L. E.; LARA, F. L. **Modern Architecture in Latin America: Art, Technology, and Utopia**. Austin:University of Texas Press, 2015.

Na sede da SUFRAMA, realizada em pleno desenvolvimentismo, os autores descrevem algumas circunstâncias que levam Severiano Porto e Mario Emilio Ribeiro a optarem pelo concreto armado ao invés da "esperada" madeira ou algum outro material disponível:

En 1967 se crea en Manaus una zona franca, un puerto libre como polo de desarrollo, que se acompaña con un gran parque industrial. Para el proyecto de la feria permanente [Severiano Porto] decidió no utilizar madera, por entender que se debía transmitir un mensaje de gran solidez y permanencia, de fuerte presencia gubernamental. De ahí que diseñara una cubierta de hormigón, en forma de "pirámides" de aristas curvas que van techando módulos repetibles con lo que se hace posible el crecimiento del conjunto. Una abertura superior en cada uno de los módulos da salida al aire caliente y estimula la circulación. (WAISMAN; NASELLI, 1989. p.190).

O estado da arte permite o cruzamento das informações obtidas em " O registro da vivência", com a " A revisão do empenho crítico". Esse cruzamento de informações, aliados ao olhar para arquitetura em "O retorno à obra paradigmática" contribuem para sugestão de novas perspectivas, confrontamentos de afirmações e novas perguntas para futuras pesquisas sobre a obra de Severiano Porto e a construção da arquitetura [moderna] na Amazônia.

04_A RECUPERAÇÃO DO PRECEDENTE

As construções indígenas são consideradas exóticas e selvagens desde os desbravadores europeus. Pero Vaz de Caminha as descreve na expedição de Pedro Álvares Cabral em 1500 como "tão compridas como essa nau capitania. E eram de madeira, e das ilhargas, de tábuas, e cobertas de palha; de razoada altura e todos em uma só casa, sem compartimento."¹ Do período colonial das grandes descobertas, expedições e narrativas pela América até o século XVII se destacam os relatos de: Palmier de Gonneville (1503-1504), Jean de Léry (1555-1557), Francisco Orellana (1541-1542), Hans Staden (1548-1551), Pedro Teixeira (1637-1639) e Bartholomeo Barreiros de Atayde (1647).²

A partir do final do século XVIII, expedições naturalistas desbravam as terras da colônia portuguesa com destaque para a viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira às capitanias Grão Pará, Rio Negro, Cuiabá e Mato Grosso entre 1783 e 1793. A viagem ao Rio Negro conta com a participação do arquiteto Antônio José Landi, como um dos desenhistas da expedição naturalista. Landi é professor de arquitetura e perspectiva no Instituto de Ciências de Bolonha e se torna importante personagem do barroco brasileiro, com obras icônicas no Pará e no Amazonas. O desenho da Maloca dos índios Curutu no rio Apaporis expressa o pertencimento ambiental aliado a geometria pura, e o uso de técnicas primitivas com materiais biodegradáveis. Se torna uma descoberta para a arquitetura moderna brasileira, como uma gênese pré-colombiana. Landi descreve outras palhoças no Diário de Viagem ao rio Marié:

Entramos em uma planície de 300 passos e de muito menor largura com 8 palhoças, as quais eram fechadas com folhas entrançadas e para penetrar nelas preciso era inclinar a cabeça até o chão, sendo assim constituídas essas palhoças, a fim de estarem aí mais livres os habitantes. A casa principal era redonda, e feita de tabuinhas, como o são as capoeiras de galinhas, e também tinha a porta baixa. (LANDI, 1755 apud FERREIRA, p.567).

Ainda que o Forte de São José da Barra do Rio Negro seja um marco da fundação de Manaus em 1669, a consolidação da cidade é lenta. Em 1808, o "Lugar da Barra passa a ser definitivamente a sede da Capitania do Rio Negro, se eleva a Vila em 1832, e se torna cidade somente em 1848. Em 1850 com a independência do Grão Pará é

¹ CAMINHA, P.V. de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

² DERENJI, J. Do descobrimento ao século XIX. In: MONTEZUMA, R. **Arquitetura Brasil 500 anos**, 2002. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, p.24-63, 2002, p.26-32.

criada a Província do Amazonas. Essa separação é um marco econômico e arquitetônico, pois representa a consolidação econômica do ciclo da borracha no Estado e o início da arquitetura da *Belle Époque*.

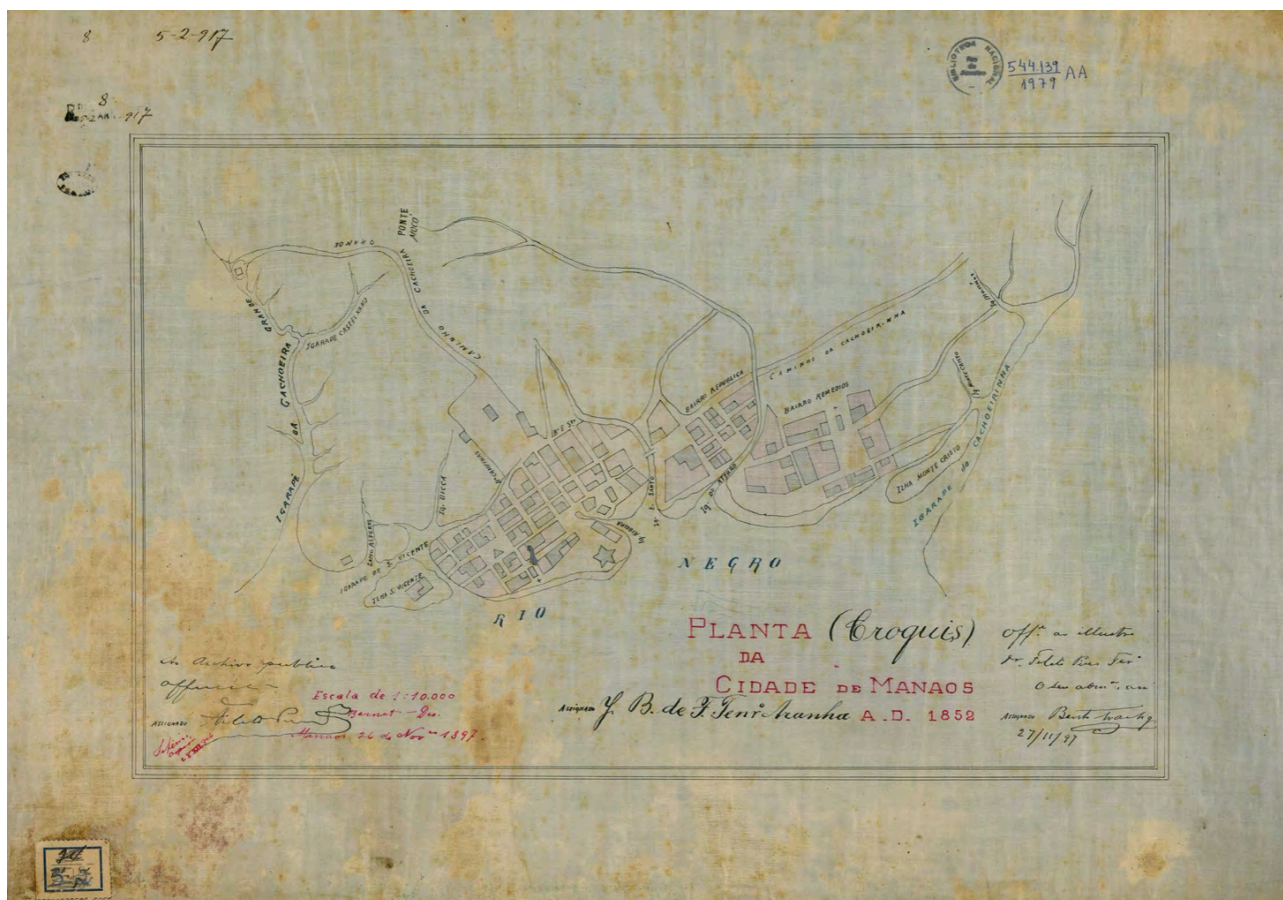


Figura 01 - Planta da cidade de Manaus, 1852.
Fonte: [S.l.] 1852.

A planta da cidade de Manaus, realizada em 1852 na administração de Tenreiro Aranha (1798-1861) apresenta uma geografia distinta e desafiadora para a urbanização. Da independência da Província no período imperial até a Proclamação da República em 1889, se destacam edifícios neoclássicos como: a catedral Nossa Senhora da Conceição (1858-1878), a Prefeitura Municipal (1874-1884), o Ginásio Amazonense (1880-1886), o Palacete Provincial (1867-1874) - além do eclético Mercado Adolpho Lisboa (1882-1883) e (1902-1906).³ O eclétismo se intensifica com a República e tem no Governo de Eduardo Ribeiro (1862-1900) um impulso para novas obras públicas na cidade. O Teatro Amazonas (1882-1896), o Palácio da Justiça (1894-1900), o Prédio da Alfândega (1900-1906), a Biblioteca Pública (1904-1906), e o Reservatório do Mocó (1893-1899) são algumas referências desse período. Em seu governo é constituída pelo Engenheiro Militar João Miguel Ribas a "Carta Cadastral da

³ MESQUITA, O. *Manaus: História e Arquitetura - 1852-1910*. Manaus: Editora Valer, 2006, p.58-94.

cidade de Manãos e dos Arrabaldes" em 1893⁴, mas a consolidação deste traçado ocorre ao longo das próximas três décadas.

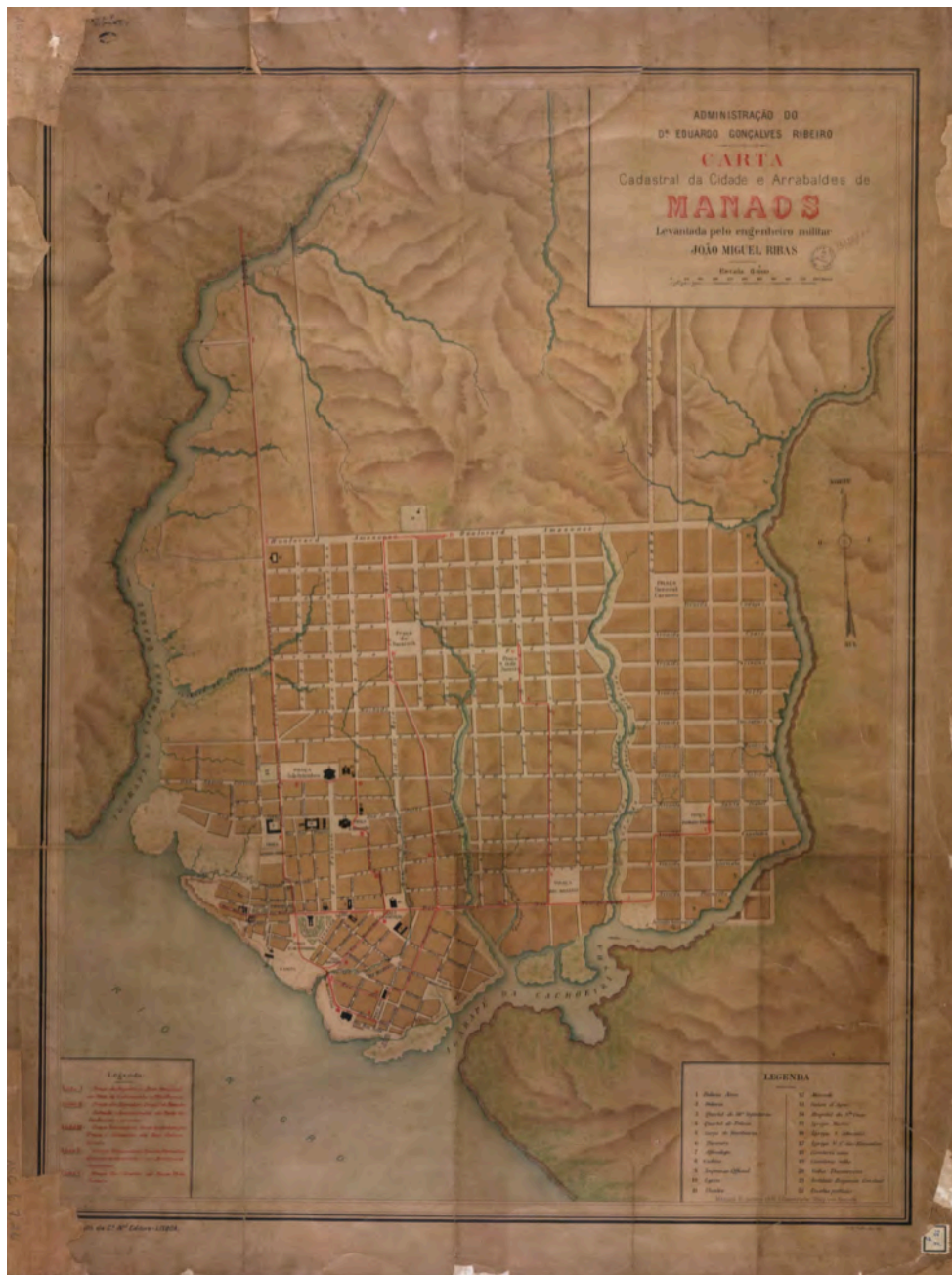


Figura 02 - Carta cadastral da cidade e arrabaldes de Manaus, [entre 1892 e 1896].
Fonte: RIBAS, [entre 1892 e 1896].

O ciclo econômico da borracha entra em colapso em 1911 quando os ingleses levam mudas da seringueira para suas colônias asiáticas. No decênio 1901-1910 a borracha representa 28% das exportações na balança comercial

⁴ "Carta Cadastral da cidade de Manãos e dos Arrabaldes". Lisboa [Portugal] : Lith. Ca. Nal. Editora, [entre 1892 e 1896]. Disponível em: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=83489>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

brasileira e atinge o seu ápice em 1912 com aproximadamente 40%.⁵ Na Malásia a *Hevea brasiliensis* se adapta bem e em pouco tempo, se torna uma realidade diante das dificuldades encontradas na produção da borracha da Amazônia.

No século XX, duas importantes personalidades visitam Manaus e registram suas impressões sobre a cidade: Euclides da Cunha (1866/1909) - entre 1904 e 1905, no auge do ciclo da borracha e Mário de Andrade (1893/1945) em 1927. Euclides da Cunha visita o Amazonas após testemunhar e relatar a Guerra de Canudos. Apresenta uma Amazônia ainda sobre o efeito do contraste dessas duas paisagens:

É, sem dúvida, o maior quadro da Terra; porém chatamente rebatido num plano horizontal que mal alevantam de uma banda, à feição de restos de uma enorme moldura que se quebrou, as serranias de arenito de Monte Alegre e as serras graníticas das Guianas. E como lhe falta a linha vertical, preexcelente na movimentação da paisagem, em poucas horas o observador cede às fadigas de monotonia inaturável e sente que o seu olhar, inexplicavelmente, se abrevia nos sem-fins daqueles horizontes vazios e indefinidos como os dos mares. (CUNHA, 1922, p.1).

Em suas cartas, Euclides da Cunha define o homem na Amazônia como um "*intruso impertinente*" em uma região em "*opulenta desordem*", mas ainda assim, "*a gente é boa*"⁶.

Em que pese ao cosmopolitismo excessivo desta Manaus - onde em cada esquina range um português, rosna um inglês ou canta um italiano - a nossa gente ainda os domina com as suas formosas qualidades de coração e a mais consoladora surpresa do sulista está no perceber que este nosso Brasil é verdadeiramente grande porque ainda chega até cá ... (CUNHA, 1905 apud GALVÃO; GALOTTI, 1997, p. 250-251)

Em relação a Manaus o autor a classifica como "*ruidosa, ampla, mal-arranjada, monstruosa e opulenta capital dos seringueiros*"⁷. Relata os contrastes entre as vestimentas do homem civilizado e dos tapuios e define Manaus como uma "*cidade meio caipira, meio européia, onde o tejuar se achata ao lado de palácios e o cosmopolitismo exagerado põe ao lado do ianque espigado... o seringueiro achamboado, a impressão que ela nos incute é a de uma*

⁵ PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 239.

⁶ GALVÃO, W.; GALOTTI, O. (org.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: Editora da USP, 1997, p.250.

⁷ Ibid, p. 249-250.

maloca transformada em Gand."⁸ Relata os desafios climáticos para o habitat na Amazônia e uma incompreensão com os relatos do naturalista inglês Henry Walter Bates:

Neste perpétuo banho de vapor todos nós compreendemos que se possa vegetar com relativa vantagem, mas o que é inconcebível, o que é até perigoso pela soma de esforços exigidos, é a delicada vibração do espírito e a tensão superior da vontade a cavaleiro dos estimulantes egoísticos. É possível que uma maior acomodação me faça pensar de outro modo, mais tarde. Neste momento, porém – em que a pena me escorrega dos dedos inundados – não sei como traduzir o *glorious clime* de Bates. Não há exemplo de um adjetivo desmoralizado (felizmente em inglês!). (CUNHA, 1905 apud GALVÃO; GALOTTI, 1997, p. 252).

Quase duas décadas depois de Euclides da Cunha, e em um período menos vigoroso, Mário de Andrade troca uma série de correspondências com Manuel Bandeira (1886/1968) - na ocasião da sua viagem à Amazônia em 1927. Ele descreve a sua impressão em um "*Turista Aprendiz*" na chegada em Manaus após a estada em Belém. "*No Norte, a gente acaba se esquecendo do calor, tão cotidiano como o dia. Vantagem da imutabilidade.*"⁹

Em seus escritos, apresenta uma agenda diária com as respectivas atividades, as especificidades da culinária regional, relata o Teatro Amazonas como "*mistura agressiva de riqueza falsa e desleixos de acabamento.*"¹⁰ Descreve o tronco da árvore acariquara como "*um pau curiosíssimo, diz-que mais resistente que ferro, todo aberto em furos alongados.*"¹¹ Quando retorna a São Paulo em junho de 1927, afirma em entrevista a Bandeira que Manaus "*é uma deliciosa mulher de duas idades.*"¹²

Manaus já foi uma virgem linda. Hoje é uma mulher fecunda que ainda traz na sua atualidade a presença do passado. Nos tempos áureos da borracha, viveu se enfeitando: vosso teatro, vosso monumento à abertura dos portos amazônicos, vosso palácio Rio Negro ainda são as joias desse tempo leviano. Depois... jucurutu agourenta regongou nos vossos telhados. A borracha brasileira decaiu. Mas pelo que vejo e me contaram, administrações mais previdentes surgiram afinal e Manaus já vai passando de virgem de luxo a mulher fecunda. (ANDRADE, 2000, p.404-405).

⁸ Ibid, p. 255-256.

⁹ ANDRADE, M. de. **O turista aprendiz**. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes. Brasília: IPHAN, 2015, p.408.

¹⁰ Ibid,p.170.

¹¹ Ibid,p.170.

¹² Ibid,p.404.

Da segunda década do milênio até a década de 1930 são realizadas obras públicas previstas no plano de Eduardo Ribeiro, sejam os arruamentos, os trabalhos de conexão urbana ora com pontes ou aterramentos de igarapés e principalmente a lenta conclusão dos edifícios públicos. Desta forma, é incorreto afirmar sobre um hiato arquitetônico¹³ ou estagnação urbana. As obras públicas iniciadas permanecem em andamento e a arquitetura passa por um período de transição, seja pela adequação aos novos orçamentos e posteriormente para uma nova modernidade.

A Semana da Arte Moderna de 1922 é um marco na consolidação de uma arte brasileira com a floresta amazônica como objeto de artistas vanguardistas. Se durante a *Belle Époque* a Amazônia tem transferências culturais com predomínio de artistas italianos, portugueses e ingleses, no século XX há uma mudança vetorial para a América do Norte. Em 1927¹⁴, o americano Henry Ford inicia uma odisséia amazônica. A *Ford Motors Company* adquire junto ao Governo do Pará terras para a produção própria de borracha na calha do rio Tapajós e contrói "vilas" nas atuais cidades de Fordlândia e Belterra. A imposição de um "modelo fordista", seja na mudança de costumes locais, nas tipologias, nos materiais adotados nas habitações, assim como na implantação de uma monocultura na Amazônia fracassam. Vale destacar a realização, além dos planos urbanísticos e demais edificações, o hospital de Fordlândia realizado pelo "arquiteto de Detroit", o americano Albert Kahn.¹⁵

A Revolução de 1930 permite uma nova perspectiva à Amazônia. Álvaro Botelho Maia (1893-1969) é nomeado como interventor do Estado por Getúlio Vargas (1882-1954) em 1930. Em 1933 é sucedido por Nélon de Melo (1899-1989), mas retorna em 1935 e permanece no comando até 1945. Com a interrupção da política do "café com leite" e uma maior diversificação da economia do Amazonas com a exploração diversificada de produtos da floresta, o Estado realiza uma série de ações alinhadas a política de integração do território proposta por Vargas e consequente implantação de uma arquitetura estatal no Amazonas.

¹³ CERETO, M. **Arquitetura de massas: o caso dos estádio brasileiros**. 2003. 307 f. Dissertação (Mestrado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004, p.192.

¹⁴ GRANDIN, G. **Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2010, p.15.

¹⁵ Ibid, p.195.

A nova arquitetura idealizada por Lucio Costa (1902-1998) tem a receptividade e o ambiente necessário para a sua incubação¹⁶ com a promoção e institucionalização proposta por Vargas. Gilberto Freyre (1900-1987) escreve em 1926 o "Manifesto Regionalista", e em 1933, o clássico "Casa Grande & Senzala". Com a Revolução de 30, são canceladas as Caixas de Aposentadorias e Pensões – CAP's, criadas em 1910 e substituídas pelos Institutos de Aposentadorias e Pensões – IAP'S ligados as categorias profissionais. Em 1932 é criado o Ministério do Trabalho, da Indústria e do Comércio, afirmando o caráter trabalhista do governo e promovendo a industrialização no país. Em 09 de outubro de 1940, Vargas visita Manaus e diante do interventor Álvaro Maia e das classes conservadoras do Amazonas celebra "Discurso do Rio Amazonas" e destaca : *"onde tudo quanto se tem feito, seja agricultura ou indústria extrativa, constitui realização empírica e precisa transformar-se em exploração racional."*¹⁷ O discurso encoraja os amazonenses para as mudanças emergentes.

Em 1941, o rumo do conflito mundial é alterado após o ataque japonês a base naval americana no Havaí e motiva a entrada do Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Em março de 1942, Vargas celebra os Acordos de Washington com o presidente Franklin Roosevelt (1882-1945) e determina o alinhamento do Brasil aos Aliados.

¹⁶ COMAS, C. E. D. Moderna (1930 a 1960). In: MONTEZUMA, R. (org.). **Arquitetura Brasil 500 anos**: uma invenção recíproca. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002, vol.1, cap.3, p.186.

¹⁷ VARGAS, G. Discurso do Rio Amazonas. **Revista Brasileira de Geografia**, IBGE, Rio de Janeiro, volume 4, número 2, p.259-260, 1942.



Figura 03 - Pouso, Álvaro Vital Brazil, 1942.

Fonte: Jean-Pierre Chabloz, 1942. Acervo Chabloz - Museu de Arte da Universidade do Ceará.

A exposição *Brazil Builds – Architecture New and Old 1652-1942*, realizada no MoMA em Nova York em 1943, proporciona uma nova visibilidade à arquitetura brasileira. Entre as obras antigas, o Teatro Amazonas¹⁸ representa a arquitetura da borracha e os laços dessa nova relação. Como consequência direta à Amazônia, a retomada da produção da borracha em escala global para atender aos Aliados, proporciona um novo panorama para Manaus. Cerca de 60.000 soldados da borracha¹⁹ migram da seca nordestina para um suposto eldorado amazônico nos seringais abandonados no interior do Amazonas pelo Serviço Especial de Mobilização dos trabalhadores para Amazônia (SEMTA).

¹⁸ GOODWIN, P. **Brazil Builds: Architecture new and old 1652 - 1942**. New York: The Museum of Modern Art, 1943, p.24.

¹⁹ LIMA, F. A. de O. **Soldados da borracha: das vivências do passado às lutas contemporâneas**. Manaus: Editora Valer, 2013, p.73.

As experiências realizadas por Álvaro Vital Brazil (1909-1997) como Diretor Técnico do SEMTA são importantes para a consolidação de uma arquitetura com os princípios modernistas da sua época com a união de recursos humanos e materiais disponíveis no local. O uso da palha e madeira rústica e de técnicas construtivas reconhecidas e consagradas nos pousos²⁰, construídos para o descanso aos nordestinos em deslocamento, são um contraponto aos exemplos arquitetônicos precedentes na Amazônia. A adoção da rede de armar é um olhar a cultura local e tratada como mobiliário determinante no dimensionamento do projeto.

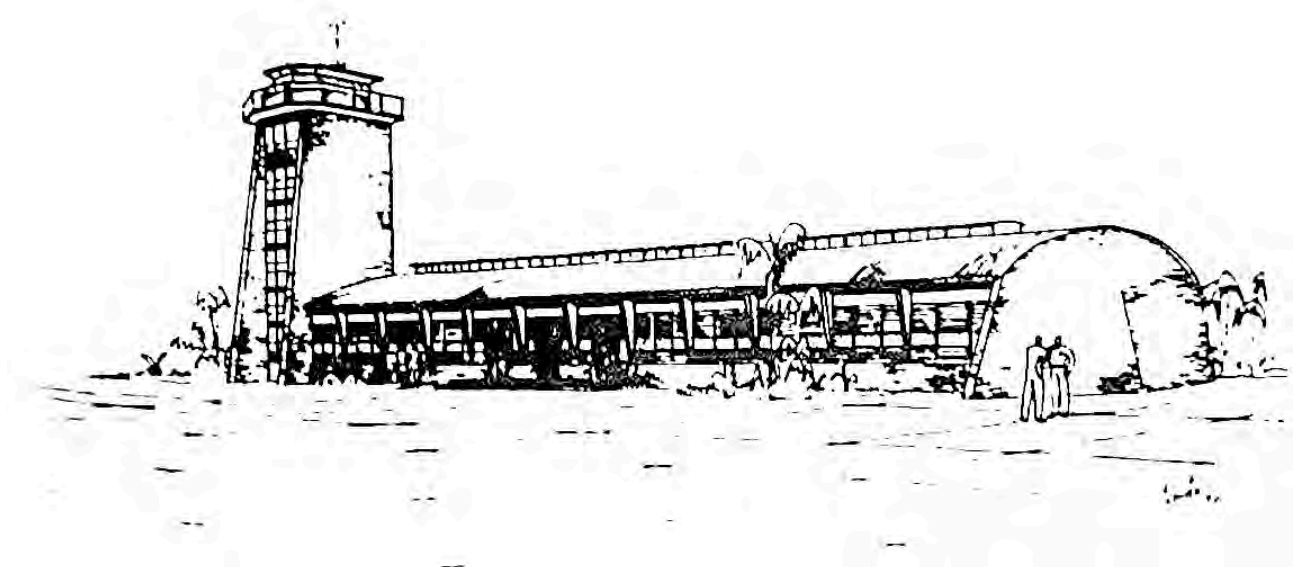


Figura 04 - Base aérea de Manaus, Vital Brazil, 1944.
Fonte: BRAZIL, 1986, p.51.

Vital Brazil também é o responsável pelos projetos da Base Aérea de Manaus (1944) e do Aeroporto de Belém (1945).²¹ O cuidado com a ventilação permanente, o uso de elementos construtivos industrializados e a utilização de estrutura em madeira estão aliados a uma nova linguagem arquitetônica e proporcionam um novo olhar sobre as possibilidades de uma arquitetura na Amazônia. A nova arquitetura "selvagem e industrial" confronta a "modernização com higienização" proposta para Manaus e Belém no início do século.

A postura de Vital Brazil para uma arquitetura adequada ao ambiente tem fundamentação moderna. A adaptação da arquitetura moderna brasileira ao sítio e as suas particularidades a diferenciam do que é denominado *International Style*. É possível ser universal sem perder a sensibilidade. Sejam nos *pousos* construídos com técnicas

²⁰ VITAL BRAZIL, Álvaro. **50 anos de arquitetura**. São Paulo: Editora Nobel, 1986, p.44-49.

²¹ Ibid, p.50-54.

construtivas consagradas no lugar, ou nos *pousos* às aeronaves que exportam o *ouro negro* aos Aliados, a nova arquitetura brasileira difundida por Lucio Costa caminha a passos curtos na Amazônia.

Sem a pretensão de se estabelecer um edifício pioneiro que determine um possível início da arquitetura moderna no Amazonas, são destacadas obras referenciais que caracterizam um período de transição da paisagem urbana e passagem da arquitetura figurativa à abstrata. Entre esses edifícios há um ponto em comum entre eles que os distingue aos demais do período: o lote-quarteirão com uma menor ocupação com os edifícios. Seja a ocupação periférica ao lote com pátios ou pontual com amplos recuos, essas novas arquiteturas se destacam no tecido urbano consolidado da cidade.

Em 1937, o senador do Amazonas Cunha Mello²² (1891-1962) assegura junto ao Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema (1900-1985) a implantação da Escola de Aprendizes e Artífices no Amazonas.²³ O terreno situado em um quarteirão compreendido ao sul pela rua 7 de setembro, ao leste pela Duque de Caxias, ao oeste pela rua Visconde de Porto Alegre e ao norte pelo Beco Emílio Moreira está próximo a ponte metálica do Educandos e lindeiro a penitenciária de Manaus. O projeto é atribuído ao arquiteto Carlos Henrique de Oliveira Porto.²⁴ Cabe salientar que em *Brazil Builds* é publicada a Escola Industrial de Nova Iguaçu/RJ do arquiteto, um projeto posterior ao desenvolvido em Manaus.

²² Tio-avô da arquiteta e pesquisadora Ceça Guimaraes.

²³ O IMPALUDISMO no Estado e o Edifício da Escola de Aprendizes Artífices. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.6, 28 de março de 1937. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

²⁴ *Ibid*, p.6.

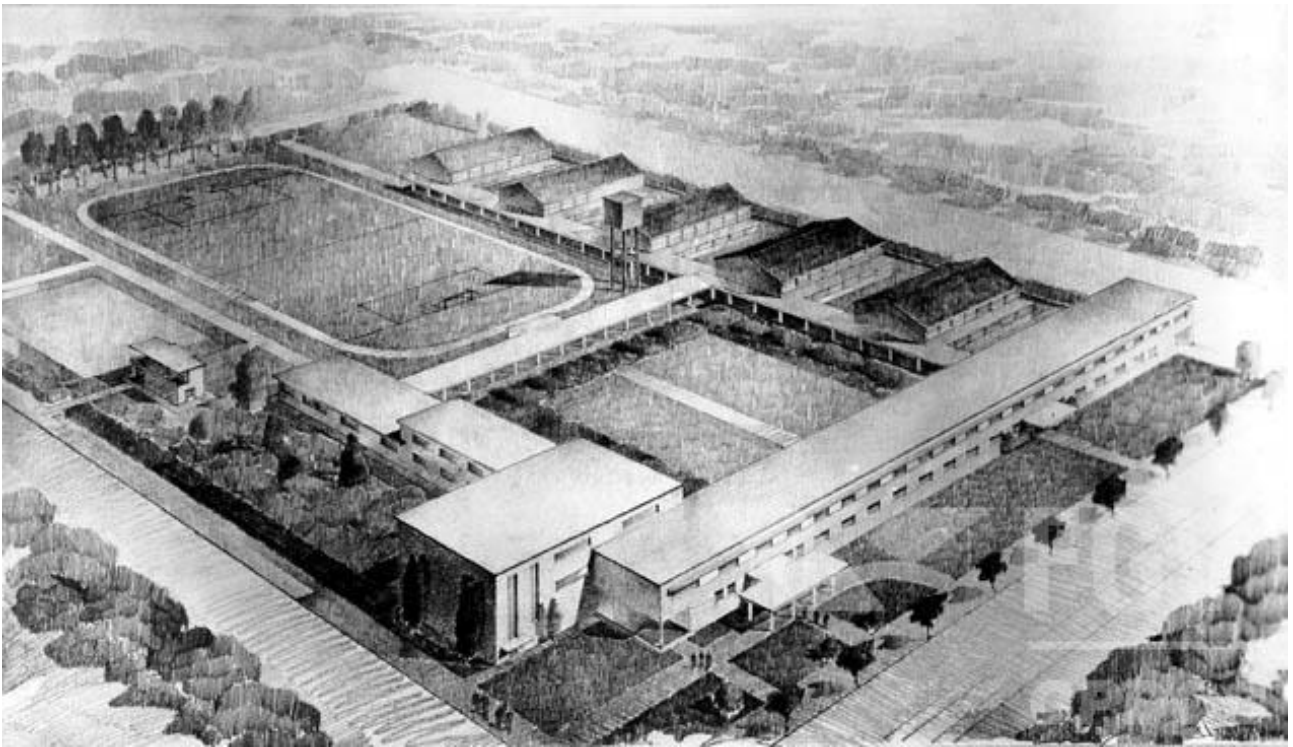


Figura 05 - Escola Técnica de Manaus, Carlos Porto, [1937?].
Fonte: Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC-FGV.

O partido é organizado com as distribuições de edificações periféricas ao lote com a configuração de pátios para recreação e para as instalações esportivas. O acesso ao conjunto ocorre ao sul, junto a rua 7 de setembro, com dois blocos justapostos implantados com estrutura portante em concreto armado e laje plana. Os blocos com dois pavimentos estão orientados com a maior dimensão sobre o eixo leste-oeste. A conexão entre os edifícios periféricos ocorre com circulações cobertas por lajes em concreto aparente e constituem uma espécie de ágora com edifícios instalados ao sul, leste e oeste e as instalações esportivas ao norte. A Escola é construída pela Construtora Leão, Ribeiro e Companhia²⁵ e inaugurada em 10 de novembro 1941 com a presença de Getúlio Vargas e Gustavo Capanema²⁶. Posteriormente é transformada em Escola Técnica do Amazonas e atualmente é o Instituto Federal do Amazonas.

²⁵A CONSTRUÇÃO do edifício Escola de Aprendizes Artífices. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.1, 2 de novembro de 1937,. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

²⁶ IFAM. **A instituição**. Site. Disponível em <http://www.ifam.edu.br/legado/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=54>. Acesso em: 15 de dezembro de 2017.



Figura 06 - Atlético Rio Negro Clube, Aluizio Araújo, [entre 1942-1952].
Fonte: Enciclopédia dos municípios brasileiros, IBGE.

O arquiteto Aluizio Araújo desenvolve o projeto em 1938 para a sede do Atlético Rio Negro Clube inaugurado em 1942²⁷. O quarteirão compreendido pelas ruas Epaminondas e Praça da Saudade (leste), Ramos Ferreira (sul), Luiz Antony (oeste) e Simão Bolívar (norte). O partido localiza o edifício na porção leste do quarteirão, com a fachada principal voltada à praça e centralizada ao seu eixo longitudinal. Essa condição garante a monumentalidade ao edifício. A linguagem arquitetônica não é abstrata, mas apresenta características modernizantes. A planta tem organização simétrica, definida pela sala de espelhos em formato oval com pé-direito duplo com balcões circundantes. Aluizio Araújo ainda realiza no mesmo ano o projeto da sede da Associação Comercial do Amazonas (ACA) na rua Guilherme Moreira.

²⁷ MELLO, M. E. A. de S. **O império comercial de J.G. Araújo e seu legado para a Amazônia (1879-1989)**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010, p.13.



Figura 07 - Hotel Amazonas, Paulo Antunes Ribeiro, [1955?].
Fonte: Acervo Marcel Gautherot, Instituto Moreira Salles.

A Base Aérea de Manaus se torna estratégica para as rotas de hidroaviões nos países amazônicos e uma escala aos a jato na rota Paris - Lima. Com a crescente demanda por leitos diante dessa movimentação, os hotéis da *Belle Époque* não atendem mais as novas exigências. Em 1947 o arquiteto Paulo Antunes Ribeiro (1905-1973) é contratado pelo empresário Adalberto Ferreira do Valle (1909-1963), presidente da Prudência Capitalização, para realizar o projeto de um hotel em Manaus. Nesse mesmo ano, Ribeiro desenvolve com Diógenes Rebouças (1914-1994) o projeto do Hotel da Bahia em Salvador (inaugurado em 1951).

O terreno do Hotel Amazonas tem a poligonal triangular em forma de quarteirão e é limitado pelas ruas Floriano Peixoto (sul), Marcílio Dias (noroeste) e Theodoro Souto (nordeste) lindeiro ao porto de Manaus. Junto à rua Marcílio Dias está a Praça Tamandaré (atual Adalberto Valle). O partido é organizado com um bloco único com planta em "T" com oito pavimentos mais um subsolo. Nos espaços residuais entre o edifício e a poligonal do terreno e na laje de cobertura, são desenhado jardins amazônicos por Roberto Burle Marx (1909-1994). A barra está orientada sobre o eixo leste-oeste com 11 módulos de 3,60 m por duas faixas de 4,50 m. Nas quatro plantas com os leitos acima do pilotis são distribuídas 11 suítes ambientadas com tapeçarias de Roberto Burle Marx e climatizadas com "modernos" aparelhos de ar condicionado. As varandas em balanço, debruçam ao rio Negro, e protegem os quartos do sol na fachada sul. A circulação ao norte é linear e contínua ao longo da barra e conecta na perna menor do "T", os espaços de apoio ao funcionamento do hotel e a circulação vertical (incluindo elevadores). No térreo, o pé-direito é duplo com a recepção, administração, sala de leitura, espaços comerciais e um bar com piscina. No subsolo estão os espaços técnicos das caldeiras e lavanderia. O tradicional "*Mandys Bar*", fica em um pilotis sobre o térreo. O hotel é inaugurado em 07 de maio de 1951²⁸ com uma programação comemorativa de três dias²⁹.

²⁸ PARAÍSO plantado dentro do inferno. **O Cruzeiro**, Editora Diários Associados, Rio de Janeiro:, n°.30, p.55, 12 de maio de 1951.

²⁹ BENCHIMOL, Saul. **Depoimento**. Entrevista com o Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. Manaus, 04 de junho de 2017.

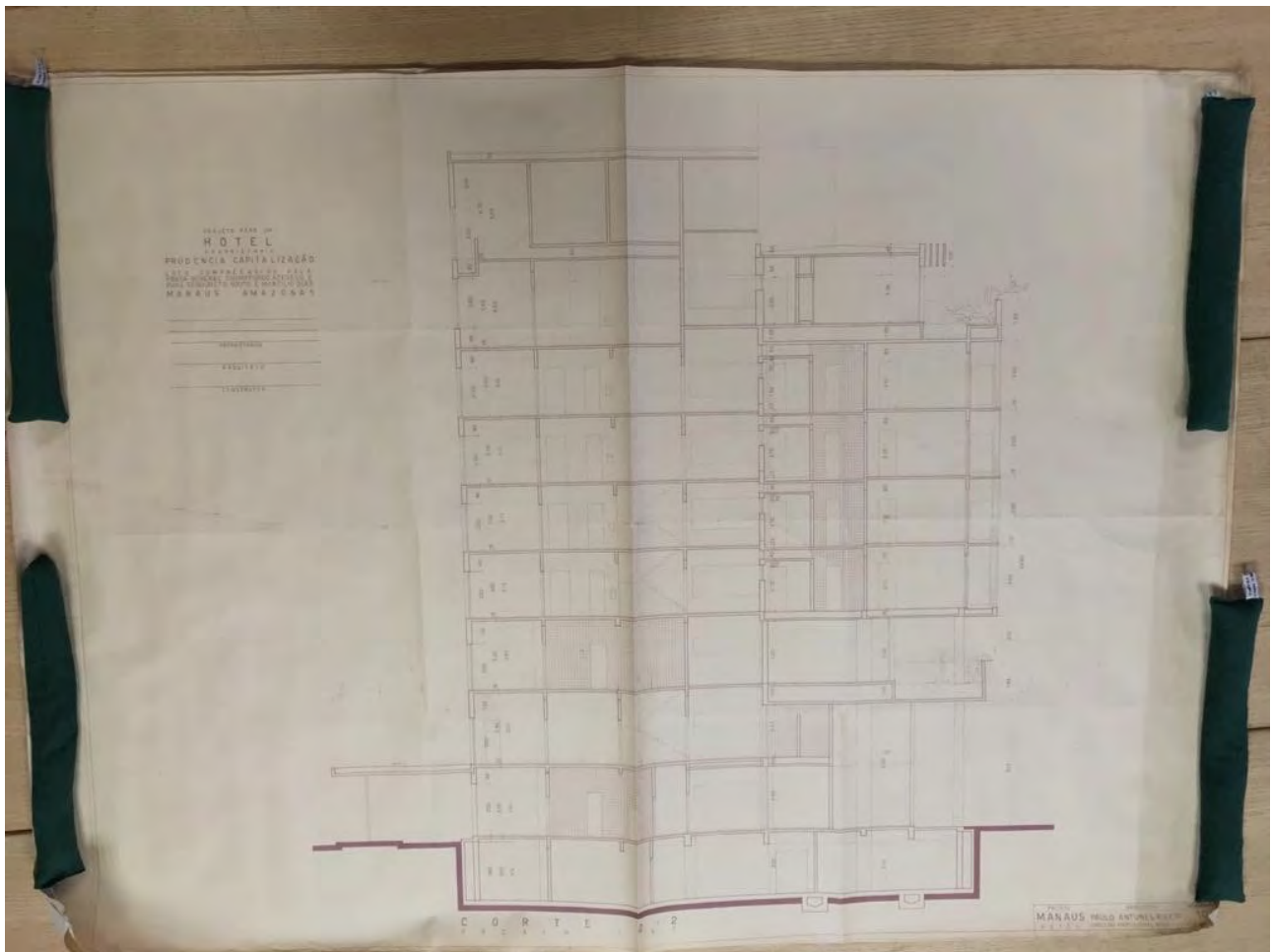


Figura 08 - Hotel Amazonas, 2018.
Fonte: *Institut Français d'architecture (IFA)*

O edifício é a primeira obra moderna da Amazônia a ser publicada em revistas como "Arquitetura e Engenharia n.º.16 "em 1951, "*L'architecture d'aujourd'hui* n.º.42-43" em 1952, "Habitat n.º.4" em 1951, e "Módulo n.º.1" em 1955. Os arquivos originais do projeto do hotel de Paulo Antunes Ribeiro estão no *Institut Français d'architecture* (IFA) em Paris. O responsável pela construção do edifício é o Engenheiro Luiz José da Costa Leite³⁰ que também executa simultaneamente o edifício do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Estivadores e Transportes de Cargas (IAPETEC) em Manaus. Atualmente o antigo hotel funciona como um condomínio residencial.

Em 1947 o IAPETEC define pela construção de um edifício residencial em Manaus para atender aos beneficiários da região. O projeto de autoria desconhecida é construído pelo Engenheiro Costa Leite.³¹ O quarteirão é definido pelas ruas 7 de setembro (norte), General Vitorino (leste), Visconde de Mauá (sul) e Vivaldo Lima (oeste). Junto ao lote-

³⁰ CRÔNICA Social. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, p.2, 5 de fevereiro de 1950,. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

³¹ *Ibid*, p.2.

quarteirão no limite norte, está a Praça Dom Pedro II (atual Paço Municipal) com as edificações da antiga Prefeitura de Manaus (atual Museu da Cidade), Palácio Rio Branco e Comando do Exército.



Figura 09 - IAPETEC, Autoria desconhecida, [1951?].
Fonte: Corrêa Lima, Acervo Eduardo Braga, Instituto Durango Duarte.

O edifício multifuncional com dez pavimentos tem a sede do Instituto no primeiro andar e apartamentos disponíveis para locação aos beneficiados do IAPETEC. Posteriormente os apartamentos são utilizados também para fins comerciais e institucionais. O edifício é inaugurado em 1951 e considerado o primeiro *skyscraper* de Manaus. O IAPETEC passa a significar aos manauaras um sinônimo de edificação em altura. Em 1977, após mudanças na denominação do Instituto, se realiza uma ampla reforma com autoria desconhecida e se mantém a estrutura em concreto armado com a demolição das alvenarias existentes para novas compartimentações. São instalados novas circulações verticais, balcões e brises metálicos plugados como uma carenagem ao edifício. Atualmente o edifício funciona como sede do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) e mantém as características do *retrofit* realizado no final da década de 1970.

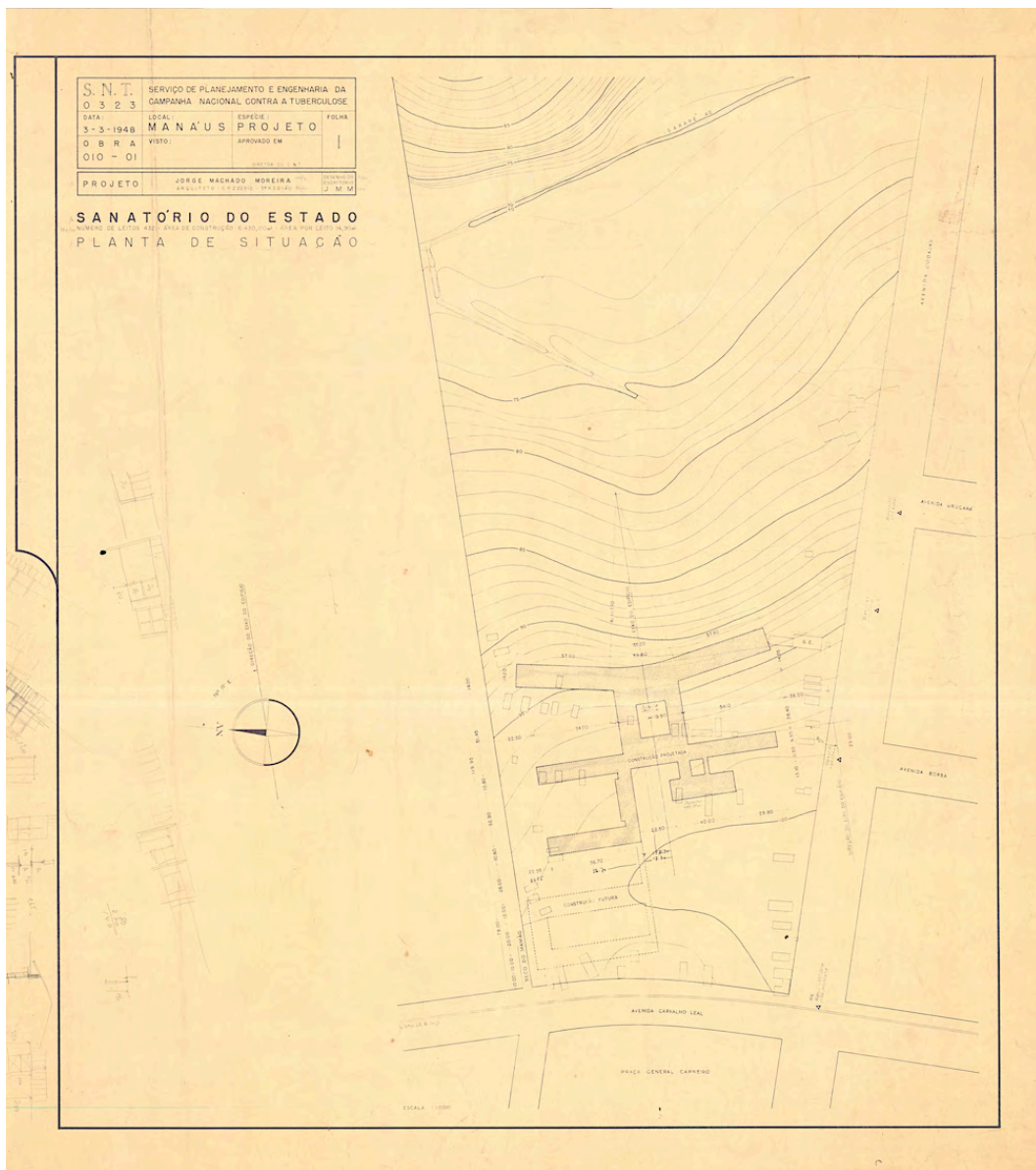


Figura 10 - Sanatório, Jorge Machado Moreira, 1948.
Fonte: Acervo Jorge Moreira, NPD-UFRJ.

A política sanitária de integração nacional iniciada no Governo Vargas e os acordos de Washington exigem a construção de instalações de saúde pelo governo brasileiro para garantir a saúde aos trabalhadores nos seringais e o combate as doenças tropicais. Diante desse desafio, o arquiteto Jorge Machado Moreira (1904-1992) desenvolve projetos de Sanatórios, entre eles o de Manaus, para o tratamento da tuberculose.

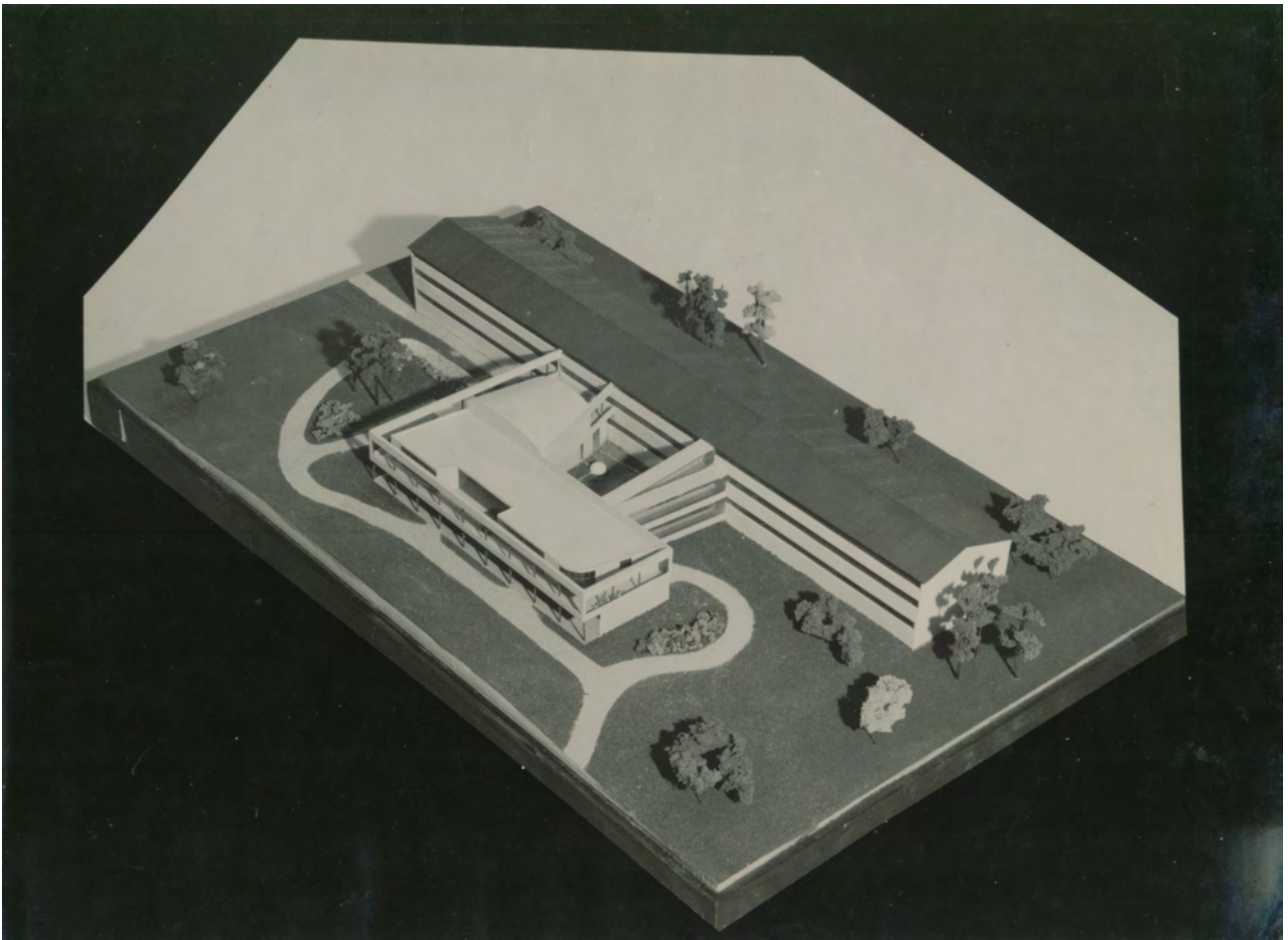


Figura 11 - Sanatório, Jorge Alfredo Guimarães Ferreira, 1948.

Fonte: Acervo Jorge Ferreira, Departamento de Arquivo e Documentação/ Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ.

O projeto com 6.430,00 m² com capacidade para 432 leitos é realizado entre em 1947 e 1948 e se localiza no quarteirão compreendido pelas Avenidas Carvalho Leal (oeste), Codajás (sul) com ao Beco do mamão (norte - atual rua Araújo Filho) e ao Igarapé do 40 (nordeste - Atual Rua Marquês da Silveira). É construído pela firma Mario Noveli em alvenaria de solo-cimento.³² O arquiteto Jorge Ferreira (1913-2006) participa da equipe de Jorge Moreira e desenvolve o projeto de duas das alas da implantação. No terreno trapezoidal com declividade de 30,00 m da avenida Carvalho Leal até o igarapé do 40, os edifícios estão afastados a 80,00 m da via e mantêm a privacidade necessária para a função hospitalar. Ainda que a declividade seja mais acentuada próxima ao igarapé, são distribuídas as funções em quatro alas orientadas no eixo norte-sul na parcela mais plana do terreno. A obra é concluída em 31 de janeiro de 1950 e inaugurada somente em junho de 1953³³ em razão da falta de

³² BATISTA, D. O Sanatório Adriano Jorge. In: BATISTA, Edith Limongi (org) et all. **Artigos & Crônicas**. Manaus: EDUA, p.186-196. 2016, p.185.

³³ Ibid, p.196.

equipamentos hospitalares.³⁴ Atualmente funciona como Fundação Hospital Adriano Jorge. O hospital tem ampliações e novas construções ao longo dos anos que desconfiguram a implantação original.

Apenas alguns raros edifícios isolados, da era arranha-céus, estão rompendo a paisagem extremamente homogênea do casario maciço e raso de Manaus. É assim que o edifício do Iapetec e o Hotel Amazonas, com suas linhas ultramodernas, contrastam sobremaneira com a fisionomia precocemente envelhecida do grande entreposto da Amazônia Ocidental (...) Salvo os dois grandes edifícios modernos, o que já aludimos, o centro de Manaus ainda é o mesmo que foi descrito pelo geógrafo Paul Walle. (AB'SABER, 1953, p.38).

O Geógrafo Aziz Nacib Ab'Saber (1924-2012) visita a cidade em 1953 pelo Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) e descreve a sua paisagem social. A interpretação de arquitetura moderna por Ab'Saber é expressa pela verticalidade das edificações e uma substituição estilística. Os exemplos mostrados neste período demonstram uma visão mais abrangente e plural, onde não se discute mais elementos de arquitetura. Além dos cinco pontos de Le Corbusier: (1887-1965) planta livre, pilotis, fachada livre, terraço jardim e janela em fita - o *brise-soleil*, a menor ocupação do edifício no lote, as novas tecnologias empregadas, a abstração formal, o olhar atento aos precedentes modernos e a relação com o sítio são alguns dos atributos da arquitetura moderna brasileira. A mudança da paisagem não ocorre apenas na verticalização americana³⁵ descrita por Philip Goodwin (1885-1958) no *Brazil Builds*, possibilitada pelo uso do concreto armado e do uso dos elevadores: a mudança é latente.

Com o término da Segunda Guerra Mundial e a perspectiva de retomada das relações internacionais com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945, há uma nova desmobilização da produção em larga escala dos seringais amazônicos. Parte dos soldados da borracha migram a Manaus em busca de sobrevivência. Com o novo governo Vargas, em 1952 é fundado o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e se iniciam estudos científicos no Amazonas com pesquisadores de diversas localidades.

A criação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) institui a Amazônia Legal e estabelece novas estratégias para promover a economia na região. Em 1957 é criada a Zona Franca de Manaus, mas é regulamentada somente em 1967. A estruturação institucional é acompanhada da movimentação cultural. Se a Semana de Arte Moderna revoluciona a cultura brasileira em 1922, o Clube da Madrugada desperta a vanguarda

³⁴ Ibid, p.195.

³⁵ GOODWIN, P. **Brazil Builds: Architecture new and old 1652 - 1942**. New York: The Museum of Modern Art, 1943, p.81.

artística no Amazonas em 1954³⁶. Os fundadores Saul Benchimol (1934), Luiz Bacellar (1928-2012), Farias de Carvalho (1930-1997), Theodoro Botinelly, Fernando Collyer, José Pereira Trindade, Francisco Baptista, João Bosco Araújo, Antônio Gurgel do Amaral, Celso Mello, Humberto Paiva e Camilo Souza iniciam uma movimentação cultural em Manaus com publicações, exposições e intercâmbios artísticos. As primeiras reuniões ocorrem sob um "mulateiro" na praça Heliodoro Balbi.

A década de 1950 é marcada pela construção dos aeroportos nas principais capitais. Os empresários Adalberto Vale e Isaac Benayon Sabbá (1907-1996) propõem ao presidente Getúlio Vargas uma parceria público-privado para a construção do terminal de passageiros e a transformação de Base Aérea Militar para o Aeroporto de Ponta Pelada em Manaus. O aeroporto é construído pelo Engenheiro Trajano Mendes e inaugurado em 20 de janeiro de 1954³⁷. Não há informações sobre a autoria do projeto arquitetônico. O aeroporto é desativado em 1976 com a inauguração do "Aeroporto Supersônico Eduardo Gomes" realizado pela Hidroservice, com a participação de Rodrigo Brotero Lefèvre (1938-1984), e retoma as funções de Base Aérea Militar. No início desse século é realizada uma reforma que descaracteriza o edifício.



Figura 12 - Aeroporto de Ponta Pelada, Autoria desconhecida, [1954?].
Fonte: Enciclopédia dos municípios brasileiros, IBGE.

Os empresários Isaac Sabbá, Moisés Israel e Artur Soares de Amorim idealizam a refinaria de Manaus e contratam a empresa *Southwestern Engineering Company* (SWECO) de Los Angeles em 1955 para a realização o projeto de

³⁶ PÁSCOA, L. **As artes plásticas no Amazonas: o Clube da Madrugada**. Manaus: Editora Valer, 2011, p.85.

³⁷ MONTEIRO, M. Y. **Roteiro Histórico de Manaus**. Manaus: EDUA, 1998, p. 544-545.

implantação.³⁸ A Refinaria de Manaus é inaugurada em 1956 e junto com a de Manguinhos no Rio de Janeiro, são as duas primeiras refinarias particulares do Brasil. Em 1971, a PETROBRÁS assume o controle acionário e muda o nome para Refinaria de Manaus - REMAN.



Figura 13 - Edifício-sede do DER-AM, José Bina Fonyat Filho, [entre 1960-1970].
Fonte: Desconhecido, Cartão Postal, [entre 1960-1970].

Em 1955 José Bina Fonyat Filho (1918-1977)³⁹ recebe a encomenda para a realização do projeto do edifício-sede do Departamento de Estradas e Rodagens do Amazonas (DER-AM). A Praça General Carneiro, em frente ao Sanatório projetado por Jorge Moreira, é o local escolhido pelo Estado para a construção. A poligonal do terreno é definida pelas avenidas Carvalho Leal (ao leste), Codajás (ao sul), Presidente Vargas (ao oeste) e lindeiro ao Cinema Ypiranga (ao norte). O partido é definido por um edifício em barra em pilotis, com três pavimentos e terraço-jardim. O edifício é locado no centro da antiga praça e sobre o eixo norte-sul. Essa disposição, divide a praça em duas parcelas na implantação. Enquanto a parcela para avenida Carvalho Leal tinha um caráter transitório, junto a avenida Presidente Vargas tem um caráter da permanência. Em ambas se destacam as belas marquises com um desenho livre. A solução encontrada por Bina Fonyat para as esquadrias leste e oeste permite uma variedade de

³⁸ EM FEVEREIRO a inauguração da Refinaria de Manaus. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.5, 7 de setembro de 1955. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.

³⁹ FONYAT FILHO, José Bina. **Currículo**. Arquivo Pessoal. Rio de Janeiro: [s.n.], 10 de agosto de 1975. Paginação irregular.

possibilidades ao usuário⁴⁰. O edifício é inaugurado em 26 de janeiro de 1960⁴¹ e reconhecido como Palácio Rodoviário. Em 1971 é reformado o terraço-jardim e adaptado para ser a residência do Governador. No início dos anos 2000 é novamente reformado para o funcionamento da Escola Superior de Ciência e Saúde da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), com alterações nas fachadas e a demolição das marquises.



Figura 14 - Palácio do Rádio, Israel Galman, 1965.
Fonte: CORREA, 1965, p.41.

O Palácio do Rádio está situado na avenida Getúlio Vargas no centro da cidade. A pedra fundamental é lançada em 4 de dezembro de 1957⁴² e inaugurado em 1963. A autoria do projeto arquitetônico não está documentada, mas se acredita na possibilidade do arquiteto romeno, então radicado em São Paulo, Israel Galman (1922-1986)⁴³. No

⁴⁰ FONYAT FILHO, J. B. Veneziana e vidro – a ocorrência. **Acrópole**, São Paulo, n°. 251, setembro de 1959, p. 396. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/251>>. Acesso em: 13 de março de 2020.

⁴¹ PÔVO prestigiou o ato do Palácio Rodoviário. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, p.5, 27 de janeiro de 1960. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2016.

⁴² AMANHÃ será o lançamento da pedra fundamental do Palácio do Rádio. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, p.5, 3 de dezembro de 1957. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2016.

⁴³ LORES, R. J. **São Paulo nas alturas: a revolução modernista da arquitetura e do mercado imobiliário nos anos 1950 e 1960**. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2017, p.224.

térreo estão dispostas a recepção e duas lojas além de 10 plantas com dois apartamentos por andar. Galman também projeta o Palácio do Comércio, inaugurado em 1977.

A obra de Gilberto Freyre motiva um novo olhar sobre a construção e a habitação. Em 1950, Lina Bo Bardi (1914-1992) publica o artigo "*Amazônas, o povo arquiteto*"⁴⁴ e destaca a capacidade construtiva com soluções criativas na arquitetura na Amazônia. Em 1955 a Indústria de Comércio e Minérios (ICOMI) tem a concessão para a exploração de uma jazida de manganês no Amapá. Para isso é necessária a construção da Vila Serra do Navio, uma estrada de ferro com cerca de 200 km para o escoamento da produção, e a Vila Amazonas junto ao porto de Santana no rio Amazonas. Oswaldo Arthur Bratke (1907-1997) vence a concorrência para a realização do projeto e relata uma postura social e pragmática sobre a arquitetura na Amazônia:

Como era um lugar que eu não conhecia...Queria conhecer, verificar os costumes da população, para fazer uma coisa que ajudasse as pessoas a ter uma vida decente, correta e a cidadão fosse desfeita depois. Minha proposta foi inicialmente estudar o assunto em profundidade para depois apresentar um projeto que fosse eficiente, de modo que não se jogasse dinheiro fora. Eles gostaram da minha ideia e fechamos o contrato.(BRATKE, 1995 apud SEGAWA; DOURADO, 2012, p.238).

⁴⁴ BO BARDI, L. *Amazônas, o povo arquiteto*. *Habitat*, São Paulo, nº. 1, p. 68-71, out/dez 1950.



Figura 15 - Vila Serra do Navio, Oswaldo Bratke,[1960?].
Fonte: SEGAWA ; DOURADO, 2012, p.236 e 237.

A imersão de Bratke na Amazônia proporciona o conhecimento necessário para a adequada racionalização do projeto e da construção. A pesquisa realizada pelo arquiteto é ampla e abrange desde o dimensionamento da população das duas vilas até o seu mobiliário. Além do projeto, toda a logística para a construção, considerando as limitações de recursos no local.⁴⁵ As vilas são inauguradas em 8 de janeiro de 1960⁴⁶ e merecem destaque na sala *hors concours* na VIII Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo em 1965.⁴⁷

⁴⁵ SEGAWA, Hugo. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. São Paulo, 11 de dezembro de 2015.

⁴⁶ SEGAWA, H. ; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke: a arte de bem projetar e construir**. São Paulo: PW Editores, 2012, p.268.

⁴⁷ **CATÁLOGO DA VIII BIENAL DE SÃO PAULO**. São Paulo: Bienal de São Paulo, 1965. p.423. Disponível em: < <https://issuu.com/bienal/docs/name6dc084>>. Acesso em: 22 de agosto de 2020.

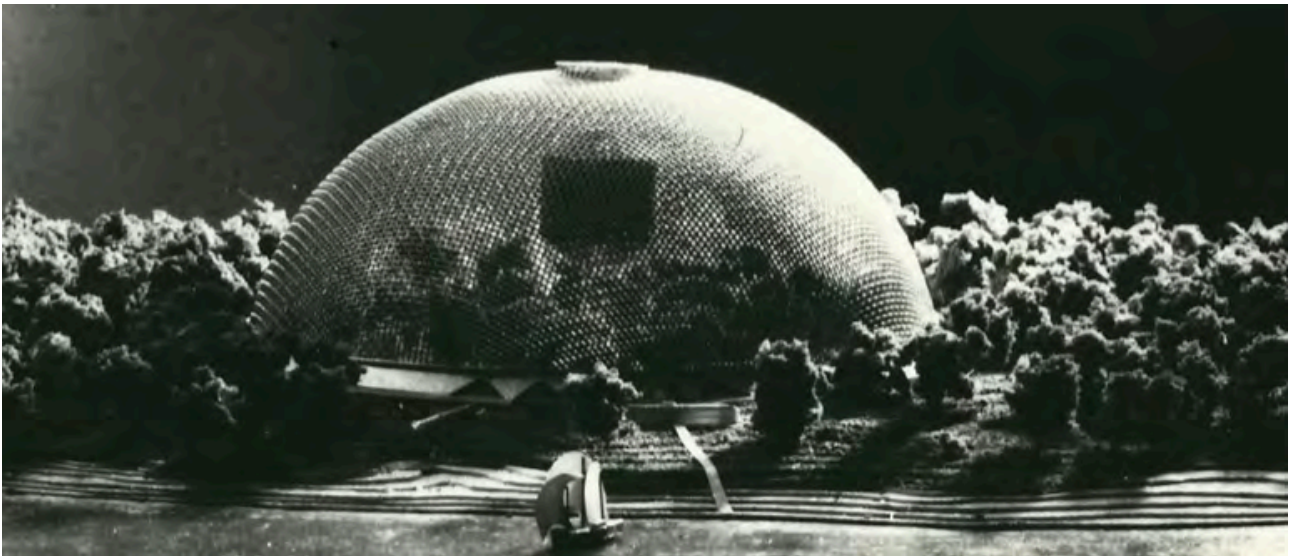


Figura 16 - Hotel Tropical Manaus, Sergio Bernardes, 1963.
Fonte: Acervo Sergio Bernardes, NPD-UFRJ.

O arquiteto Sergio Bernardes (1919-2002) recebe a demanda da Companhia Tropical de Hotéis, pertencente ao grupo Viação Aérea Rio Grandense (VARIG) para o desenvolvimento de um hotel em Manaus. O arquiteto realiza um primeiro projeto em 1963⁴⁸ com uma proposta de uma calota hemisférica com 300,00 m de diâmetro com o abrigo de uma parcela da floresta e cinco edifícios inscritos na forma circular. O arquiteto ainda realiza um segundo projeto em 1968⁴⁹, com mudanças na forma da cobertura e disponibilidade dos edifícios. "A Tenda" não é construída, pois a Companhia Tropical de Hotéis VARIG opta pelo uso de uma linguagem historicista e contrata a construtora Adolpho Lindemberg⁵⁰ para a realização de um novo projeto.

⁴⁸ BERNARDES, Sergio. **Hotel Tropical**. Primeira versão (1963). Disponível em: <<https://www.bernardesarq.com.br/memoria/tropical-de-manaus-primeira-versao/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018.

⁴⁹ BERNARDES, Sergio. **Hotel Tropical**. Segunda versão (1968). Disponível em: <<https://www.bernardesarq.com.br/memoria/tropical-de-manaus-segunda-versao/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018.

⁵⁰ HOTEL Tropical começará a funcionar em setembro. **Jornal do Comercio do AM**, p.5, Manaus, 05 de julho de 1975. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 7 de junho de 2016.

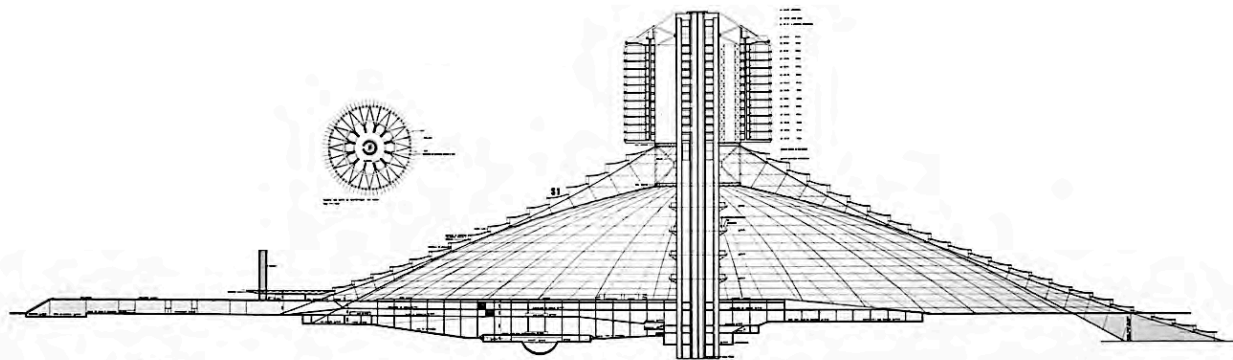


Figura 17 - Hotel Tropical Manaus, Sergio Bernardes, 1968.
Fonte: Acervo Sergio Bernardes, NPD-UFRJ.

Se os soldados da borracha são abandonados nos seringais amazônicos após o término da Segunda Guerra Mundial, resta a eles a busca por melhores condições de vida e sobrevivência em Manaus. A indisponibilidade de recursos para a própria moradia designa uma ocupação espontânea nas águas do rio Negro. A localidade escolhida é em frente ao Largo dos Remédios, nas imediações do Mercado Adolpho Lisboa. As habitações em madeira cobertas com palha e telhas metálicas, se aglomeram de forma espontânea, lado a lado, unidas por pontes sinuosas que determinam passeios dentro rio. Essas construções são flutuantes e se adequam a subida e descida do rio Negro ao longo do ano. A relação com a água é intensificada pelas canoas e barcos atracados e possibilitam uma conexão com o meio ambiental e econômico. Muitas dessas construções tem uso misto e permitem um comércio intenso para cerca de 11.400 habitantes.⁵¹

⁵¹ CODEAMA, Comissão de Desenvolvimento Econômico do Estado do Amazonas. **Os flutuantes de Manaus. Estudos específicos. Relatório de pesquisa.** Manaus: Setor de publicações, 1966, Ano 2 no.13, p.16.



Figura 18 - Cidade Flutuante, [entre 1960-1965].

Fonte: Desconhecido, Cartão Postal.s.d.

Essa ocupação desagradava a burguesia, pela proximidade e principalmente pela interferência do uso misto no comércio da região. A imagem do primitivo é associada ao uso da madeira, assim como a relação do material com a classe social. As supostas condições insalubres provocada pela falta de infraestrutura adequada as moradias e a degradação social são os motivos que determinam o afundamento da cidade flutuante em 1965 no governo Arthur Cesar Ferreira Reis (1906-1993).



Figura 19, 20 e 21 - Cidade Flutuante, 1958.
Fonte: Acervo Marcel Gautherot, Instituto Moreira Salles.

Essa cidade informal sobre as águas é retratada por Marcel Gautherot (1910-1996) em 1942, 1944 e 1955⁵² e posteriormente outros fotógrafos o repetem e reproduzem nos periódicos semanais "O Cruzeiro", "Manchete" e também na revista "Arquitetura". O filme "O Homem do rio"⁵³ de 1964 apresenta filmagens no local com uma inusitada continuidade de cenas entre Manaus, Rio de Janeiro e Brasília. Além dos periódicos e do cinema, na literatura é bem descrita e parcialmente ambientada a cidade flutuante no romance premiado *Dois Irmãos*⁵⁴, como a simbiose entre o primitivismo descrito pela pulsante cidade flutuante e pela modernidade da cidade oficial, como um cenário de um passado glorioso e um futuro sombrio. Os personagens e irmãos gêmeos Yaqub e Omar são a metáfora da semelhança siamesa desses dois mundos antagônicos.

⁵² GAUTHEROT, M. **Norte**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009, p.25.

⁵³ O HOMEM do Rio. Direção: Philippe de Broca. 1h52 min°. 1964. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WjoVKukiw2c>>. Acesso em: 7 dez. 2016.

⁵⁴ HATOUM, M. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



5_0 RETORNO À OBRA PARADIGMÁTICA

Para a compreensão da problemática da tese é necessária essa abordagem ampla do estado da arte. Conforme verificado em "O registro da vivência" as publicações dos projetos em periódicos possibilitam a imersão no universo das obras a serem investigadas. O critério para a seleção é a recepção e a disponibilidade de informações necessárias no Acervo Severiano Porto no NPD-FAU/UFRJ para uma adequada análise arquitetônica. As obras mais publicadas são: Pousada da ilha de Silves, Setor norte do campus da Universidade, Sede da SUFRAMA, Residência Recife, 1435, Centro de Proteção Ambiental de Balbina, Residência Robert Schuster, Escola de música do SESI em Fortaleza, Reservatórios elevados da COSAMA, Estádio Vivaldo Lima, Restaurante Chapéu de Palha, BASA e Sede da PORTOBRÁS.

Em "A revisão do empenho crítico" se identificam os assuntos mais abordados pelos autores: protagonismo, história, meio-ambiente, regionalismo e materialidade. Além disso, há uma visão diversificada nos trabalhos acadêmicos com abordagens histórica, ambiental e antropológica, mas ainda pouco dedicada a análise arquitetônica.



Figura 01 - Distribuição geográfica das obras.
Fonte: Google Earth. Manipulado pelo Autor, 2020.

Todos os projetos identificados pela recepção estão disponíveis no acervo no Rio de Janeiro. Observa-se uma inconsistência documental na Escola de música do SESI em Fortaleza. O projeto arquitetônico disponível no acervo está graficado com a cobertura em estrutura metálica. Além disso, o título indicado no selo refere ao "SESI

Parangaba" e não ao "SESI da Barra"¹. As plantas de fôrmas da empresa Estruturas de Cerâmica, Projetos e Construções Ltda (EDEC) de Eladio Dieste e Eugénio Montañez estão disponíveis nos arquivos, mas não permitem aferir com precisão o projeto arquitetônico. Os Reservatórios elevados da COSAMA são edifícios utilitários com um programa reduzido e implantação em diversos pontos de Manaus. Considerando o caráter de peça de infraestrutura urbana e uma implantação baseada em critérios alheios a Disciplina, a abrangência da análise se torna comprometida em comparação com os demais exemplares. Decide-se pela exclusão desses dois edifícios dos estudos de caso. Por outro lado, uma obra que não teve a mesma recepção na crítica especializada é incluída pelo olhar atento do autor ao inventário. A Residência Recife, 1762 - Cafundó é a primeira experimentação do arquiteto na Amazônia e representa uma espécie de manifesto para a sua arquitetura. Desta forma, ela está entre as 11 obras analisadas neste capítulo.

O cruzamento entre as informações dos documentos no acervo, com as entrevistas realizadas com pesquisadores, críticos, arquitetos, clientes e também as concedidas por Severiano Porto, potencializam "O retorno à obra paradigmática". São observadas na análise arquitetônica a implantação, a relação com o sítio, a compartimentação e a organização das partes, as técnicas construtivas, os materiais, os recursos disponíveis de forma a comprovar o seu alinhamento a uma tradição moderna brasileira e em especial a escola carioca. As obras selecionadas de Severiano Porto e do escritório SMPAA são [re] analisadas em "O retorno à obra paradigmática". É uma nova oportunidade para [re] visar essas arquiteturas e analisá-las sob uma abordagem formalista.

¹ Ao consultar os colegas Bruno Braga e Ricardo Paiva da Universidade Federal do Ceará, se chegou a conclusão que foram realizados dois projetos distintos em Fortaleza: um em Parangaba e o outro na Barra.



Figura 02 - Distribuição geográfica das obras.
Fonte: Google Earth. Manipulado pelo Autor, 2020.

A Amazônia abrange aproximadamente 60% do território nacional. As suas especificidades geográficas, econômicas e culturais impossibilitam a generalização de uma produção arquitetônica linear. As capitais amazônicas são distantes e pouco conectadas e cada Estado tem as suas semelhanças e diferenças, ainda que estejam no mesmo bioma. O Amazonas é um Estado que se caracteriza pela área predominante de floresta inundada, com complicada extração e aproveitamento das madeiras e do solo. Essa condição aliada ao início da Zona Franca de Manaus em 1967, concentra o desenvolvimento na sua capital e garante a preservação da floresta frente a ameaça da expansão de territórios para criação de gado e plantação de soja.

Os Estados do Pará, Rondônia e Acre tem predomínio de floresta de terra firme e são alvos permanentes de queimadas. Roraima é uma reserva de minérios e apresenta um relevo distinto dos demais Estados. A floresta abrange parte do Tocantins além do Maranhão e Mato Grosso transgredindo os limites da Região Norte e configurando a área delimitada como Amazônia Legal - implantada em 1953 por Getúlio Vargas para favorecer o desenvolvimento econômico desfavorável em relação ao restante do território brasileiro.

O Estado do Amazonas apresenta uma configuração semelhante a uma Cidade-Estado no momento em que Severiano Porto inicia as suas atividades em 1965. Atualmente essa condição é semelhante. A dicotomia urbano x rural pode ser renomeada para Manaus x floresta, considerando uma cidade industrial com um passado eclético super valorizado e uma modernidade entendida com a mudança urbana provocada pela implantação das

indústrias na cidade. Essas indústrias garantem a sustentação econômica de seus habitantes e o abastecimento ao Brasil e Países latino-americanos com eletrônicos, motocicletas e produtos de informática. É uma cidade semelhante as demais capitais brasileiras, com seus problemas urbanos e sociais, e distinta pela floresta em sua periferia, que dificulta a logística e a infra-estrutura.

É importante observar a condição distinta equatorial que determina uma mudança no paradigma arquitetônico moderno na Amazônia. A fachada contra-luz, ao sul, consagrada pelo Edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro e repetida opostamente no hemisfério norte, não se aplica na latitude equatorial. Em Manaus o sol se posiciona em parte do ano para a fachada norte e na outra metade ao sul. A ventilação é insuficiente considerando o posicionamento de Manaus e do Estado do Amazonas em um região de baixa pressão no continente sul-americano. Esse *locus* estabelece uma estética distinta, pela necessidade de proteção ao edifício do sol e das chuvas e também pela exigência de um aproveitamento máximo da ventilação. Essas condições permitem um novo cenário para a implantação dos dogmas da escola carioca, aprendidos por Severiano Porto na FNA.

Vamos aos projetos !

5.1_ Estádio Vivaldo Lima (1965/1971 - 1994/1995). Demolido em 2010.

Os estádios de futebol são arquiteturas realizadas para a prática esportiva e construídos a partir da década de 1930. A tipologia não é propriamente moderna e remete a uma origem greco-romana - teatro e estádio grego e/ou anfiteatro e circo romano. Os esportes são intensificados e massificados a partir da Revolução Industrial. A saúde da mente e do corpo é incorporada pelos pedagogos como Educação Física por Thomas Arnold (1745-1862) no Reino Unido e por Friedrich Ludwig Christoph Jahn (1778-1852) na Alemanha. Pierre de Frédy (1863-1937), o Barão de Coubertin reinstituiu as competições esportivas internacionais em 1896 com as Jogos Olímpicos de Verão em Atenas¹.

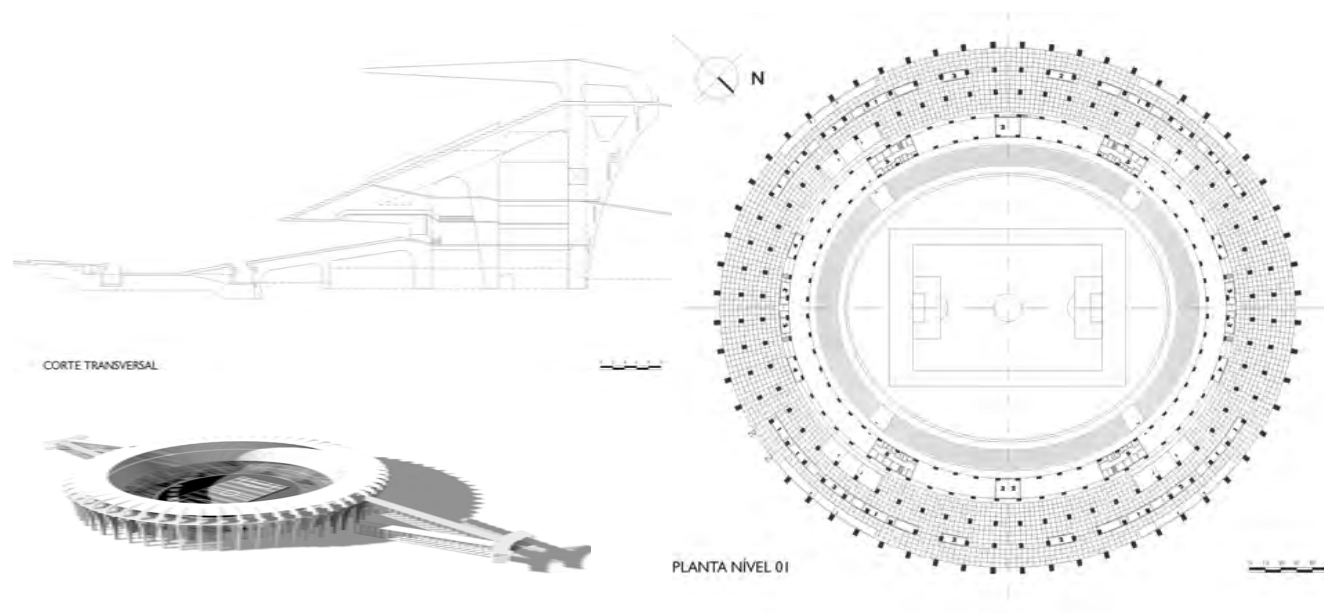


Figura 01,02 e 03 - Estádio Maracanã - Redesenho.
Fonte: CERETO, 2004, p.122, 123 e 128.

A popularização do futebol como esporte de massas ocorre no século XX. A construção dos complexos esportivos nas cidades se torna uma necessidade urbana para as práticas educativas, competitivas e também para manifestações cívicas e políticas. A arquitetura de massas é impulsionada pelos regimes totalitários a partir dos anos 1920. Com a instituição da Copa de Mundo de Futebol em 1930 pela Federação Internacional de Futebol - FIFA é criada a tipologia exclusiva para a prática de futebol. A Era Vargas marca a instituição da Escola Nova com Gustavo Capanema (1900-1985) e a promoção de concursos e projetos para a construção de estádios no Rio de

¹ CERETO, Marcos. **Arquitetura de massas: o caso dos estádio brasileiros**. 2003. 307f. Dissertação (Mestrado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004, p.24.

Janeiro e São Paulo. Destaca-se neste contexto os projetos para o Estádio Municipal de Santos² (1935) de Gregori Warchavchik (1886-1972), Estádio do Pacaembú (1938/1940) de Ramos de Azevedo (1851-1928) e Estádio Nacional (1941) de Oscar Niemeyer no Rio de Janeiro. A Segunda Guerra Mundial interrompe a Copa do Mundo de Futebol por doze anos e retoma em 1950 no Brasil. O Maracanã (1941-1948/1950), projeto de Pedro Paulo Bernardes Bastos (1900- [S.I.]), Raphael Galvão (1894-1964), Antonio Dias Carneiro e Orlando Azevedo³ se torna um ícone deste momento.

A necessidade de adequar o edifício as transmissões da televisão a partir da década de 1950 determinam mudanças no programa de necessidades. Além dos novos espaços é necessária uma atenção maior com a iluminação do campo, seja ao público presente no estádio como também aos tele-espectadores. A partir destas novas necessidades surgem outras referências internacionais como o Estádio Olímpico da Cidade Universitária (1950/1955) de Augusto Pérez Palacios (1909-2002), Jorge Bravo Jimenez (s.d.) e Raul Salinas Moro (s.d.); o Estádio Olímpico de Roma (1953/1960) de Marcello Piacentini (1881-1960) e Pier Luigi Nervi (1881-1979); o Estádio Nacional em Tóquio (1958) de Mitsuo Katayama (1918-1985); e o Estádio Azteca (1962/1966) de Pedro Ramírez Vázquez (1919-2013) e Rafael Mijares Alcerreca (1924-2015) na cidade do México. As características comuns aos primeiros três estádios são a continuidade visual das arquibancadas no interior e nos três últimos a grelha estrutural como pele do edifício nas fachadas panorâmicas.

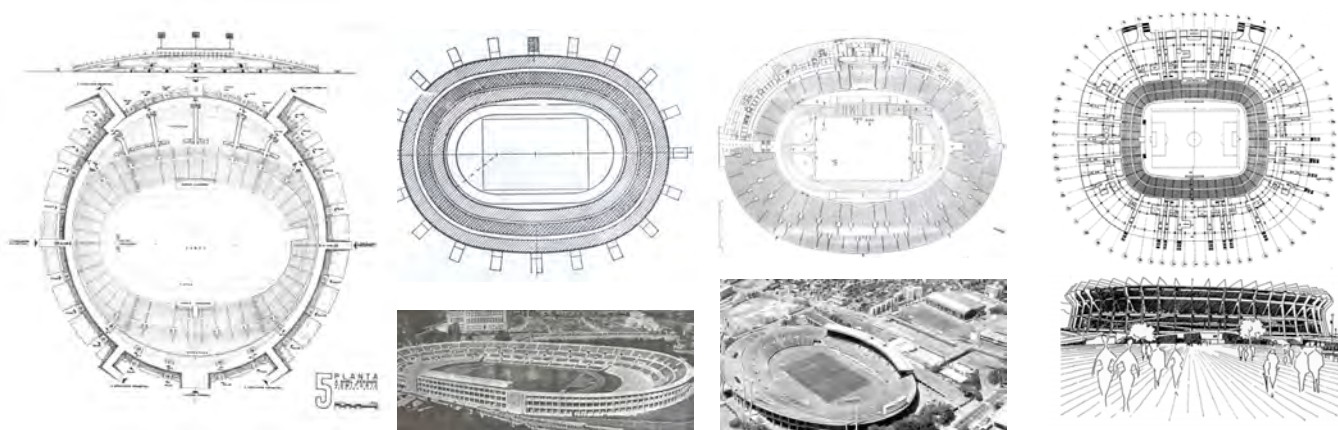


Figura 04, 05, 06 e 07 - México, 1952 | Roma, 1960 | Tóquio, 1958 | México, 1966.

Fonte: GONZÁLEZ FRANCO, 2014, p.35 | CAMPANINI, 1950, p.141 | ORTNER, 1957, p. 157 | MARTÍNEZ, 2002, p.215.

² ESTÁDIO Municipal de Santos. **Acrópole**, São Paulo, n°.60, p.409-412, abril de 1943. Disponível em <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/60/31>>. Acesso em: 12 de março de 2019.

³ MINDLIN, H. **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999. p.196.

Na década de 1930, os jogos de futebol ocorrem em Manaus no antigo Parque Amazonense. O campo também é conhecido como Prado, e é construído na *Belle Époque* em 1906 para o hipismo. A partir de 1918 é também utilizado para partidas de futebol. Em 1958⁴, a necessidade da construção de um estádio moderno para os jogos é manifestada pelo Governador Plínio Ramos Coelho (1920-2001)⁵. Em 1964 o interventor Arthur Reis retoma o discurso de Coelho e cria um grupo de estudos. Este grupo é presidido pelo chefe da Casa Militar e da Polícia Militar, o Cel. Themistocles Henrique Trigueiro⁶. O governo do Amazonas lança um edital para receber propostas para o Estádio Vivaldo Lima. A chamada pública determina a entrega do anteprojeto para um estádio com 40.000 espectadores até o dia 15 de dezembro de 1964⁷ com o seguinte programa: um campo de futebol, um "campo" para basquetebol, futebol de salão e voleibol, uma pista de atletismo e área para estacionamento de veículos. O projeto vencedor é assinado pelo arquiteto Severiano Porto com a colaboração de Mario Emilio Ribeiro e Murillo Lagares Silva.



Figura 08 - Arena da Amazônia.

Fonte: Google earth, 2020.

⁴ PTB Futebol Clube no Estádio Vivaldo Lima. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 29 de julho de 1958, p.8. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

⁵ GRUPO de Estudo para construção do Estádio de Manaus. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 25 de novembro de 1964 p.4. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 15 de março de 2020.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

O anteprojeto apresentado na concorrência do edital para a construção do estádio de Manaus não está no Arquivo Severiano Porto - NPD/UFRJ. Contudo em abril de 1965 a equipe de arquitetos apresenta um outro estudo com um programa mais enxuto ao que estava proposto pelo edital. Não é possível afirmar se este é o anteprojeto apresentado em dezembro de 1964 ou se é uma nova proposta após a escolha do Grupo de Trabalho. As demais atividades previstas no edital são contempladas em um novo projeto lindeiro ao estádio: a vila olímpica do Amazonas (1970-76/1978-88). Ela parte de uma sugestão de Porto⁸ ainda em 1966 quando o projeto da construção usava como o modelo o Estádio do Maracanã e o ginásio do Maracanzinho.

Em 1965 o projeto recebe uma menção honrosa pelo IAB-GB na categoria B-6 - Edifícios para fins desportivos e recreativos⁹. É o primeiro reconhecimento de um edifício do norte do Brasil no prêmio iniciado dois anos antes. A premiação é utilizada pela imprensa local para sensibilizar a opinião pública para a importância da sua execução.



Figura 09 - Estádio Vivaldo Lima, 1966.
Fonte: Acervo Moacir Andrade.

⁸ PORTO, Severiano. **Depoimento**. Entrevista realizada por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

⁹ ESTÁDIO Vivaldo Lima. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n°44, 1965, p.?.

O local para o estádio é afastado do centro da cidade e ermo. A ampliação do perímetro urbano de Manaus para além do cemitério São João - limite geográfico determinado no Plano de Eduardo Ribeiro, é promovido pelos novos loteamentos na cidade. O estádio fica na AM-1, estrada iniciada em 1957 e inaugurada por Reis em 1965. O terreno para a realização do projeto tem uma cratera no centro. Naquele momento, o espaço é utilizado como um depósito de lixo, devido as suas características e determinado pelas escavações realizadas para aterros nos bairros da Compensa e Alvorada¹⁰. O resultado destas operações determinam uma topografia resultante¹¹ propícia para acomodação de arquibancadas sem o emprego de grandes vãos em concreto armado, considerado no anteprojeto pela equipe de arquitetos liderada por Severiano Porto.

O terreno disponível pelo edital é praticamente plano com a topografia resultante das movimentações de terra com 581,00 x 270,00m. O norte está alinhado ao sentido longitudinal com a AM-1 ao leste. O sítio determina a estratégia do partido com o aproveitamento da condição topográfica para acomodar o edifício no talude e evitar problemas com os acabamentos das fachadas e grandes vãos. Porto relata esta estratégia fruto das suas visitas de pesquisa e entrevistas realizadas aos arquitetos e engenheiros das obras dos Estádios Maracanã e Mineirão. A necessidade de concluir a obra para a inaugurá-la pode se tornar uma dificuldade com futuras reduções no orçamento no momento crítico dos acabamentos. Esta prática é comum em obras públicas motivada por cronogramas políticos. A urgência política pode proporcionar uma rusticidade indesejada à obra com mais dificuldades para ser será acabada posteriormente.¹²

A escolha da técnica e dos materiais e o seu grau de rusticidade são importantes para a definição do partido. O concreto armado como acabamento não é usual em Manaus nos anos 1960 e gera uma preocupação maior na adoção de grandes vãos em um edifício nesta escala. A hipótese da verticalização do partido determina estruturas aparentes no interior e no exterior do estádio. Entre as razões que determinam uma maior cautela com o uso do concreto armado estão a pouca habilidade da mão de obra com esta técnica, a importação do cimento e dos vergalhões no Amazonas e pelo uso do seixo rolado para o efeito de retração no concreto - com desempenho inferior ao da brita. Enterrar o edifício no solo "como uma tartaruga" é a estratégia do partido adotado. Essa

¹⁰ CERETO, M. **Arquitetura de massas: o caso dos estádio brasileiros**. 2003. 307 f. Dissertação (Mestrado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004, p.197.

¹¹ CERETO, M. Estádios brasileiros de futebol: Uma reflexão modernista? In: SEGAWA, H. (org.). **Anais do 5º Seminário DOCOMOMO Brasil: Arquitetura e Urbanismo Modernos: Projeto e Preservação**. São Carlos: USP, 2003. Disponível em <<http://docomomo.org.br/course/5-seminario-docomomo-brasil-sao-carlos/>> Acesso em: 13 de fevereiro de 2020.

¹² PORTO, Severiano. **Depoimento**. Entrevista realizada por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

estratégia não é inovativa. Oscar Niemeyer enterra o edifício no concurso para o Estádio Nacional em 1941. O campo de futebol está a 13 metros mais baixo do nível da ruas com a justificativa de reduzir rampas para o acesso as tribunas e também o custo da obra.¹³ A escolha do partido permite também uma aproximação ao estádio da cidade universitária - UNAM, que sedia os Jogos Pan-americanos em 1955 e a abertura das Olimpíadas da Cidade do México em 1968. Esta escolha arquitetônica garante ao estádio o aspecto externo com uma significativa redução de revestimentos nas fachadas externas e uma redução volumétrica que minimiza o impacto urbano.



Figura 10 e 11 - Estádio da cidade universitária - UNAM, s.d. | Estádio Vivaldo Lima, 1967
Fonte: GONZÁLEZ FRANCO, 2014, p.36 | Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1969.

A implantação é tripartida. O edifício está posicionado ao centro da gleba - na maior das três partes em razão da hierarquia e da dimensão. Fica mais afastado da AM-1 para configurar uma esplanada de acesso. É circundado por vias que distribuem o trânsito dos veículos ao estacionamento e definem as três partes na implantação. A orientação longitudinal do campo de futebol é sobre o eixo norte-sul e configura a disposição das arquibancadas com o perímetro fechado determinados pela elipse.

¹³ COMAS, C. E. D. Niemeyer e o Maracanã: 1936-2011. **Arquitexto**, UFRGS, Porto Alegre, n.17, 2011 p. 24.



Figura 12 - Estádio Vivaldo Lima, 1969.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

A topografia resultante condiciona a acomodação das arquibancadas no talude e localiza a concentração da maior parte do programa de necessidades ao leste e oeste do edifício. Esta polarização é funcional e reduz consideravelmente a área construída com a eliminação de lajes para a circulação ao longo de toda a elipse. A cota da AM-1 (+4.00) é o ponto mais baixo do terreno e utilizada para marcar o nível do campo de futebol com 108,00 x 70,00m. Sendo assim, o acesso popular ocorre junto ao edifício pórtico e nas rampas que distribuem o público aos outros setores do estádio.

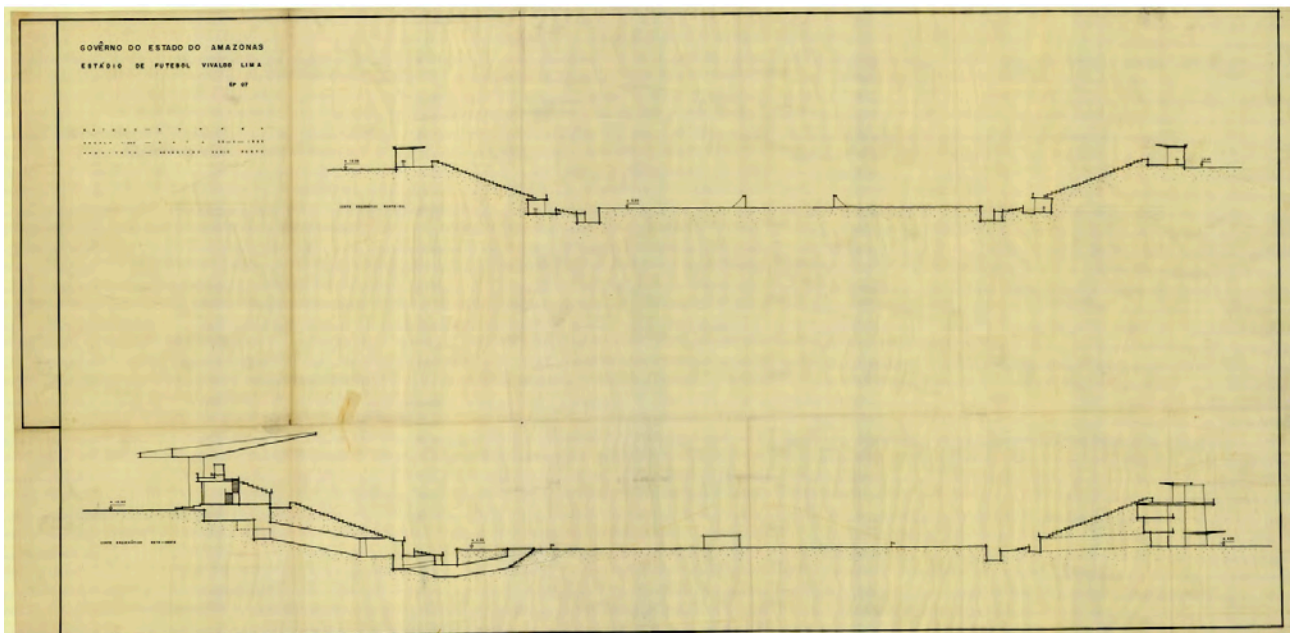


Figura 13 - Estádio Vivaldo Lima. Anteprojeto, 1965.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

Basicamente a solução formal se resume a um anel fechado com setenta e dois módulos estruturais de 8,75m. Os eixos estruturais convergem ao centro da elipse que coincide com o centro do campo. As arquibancadas estão sobre os taludes e são divididas em doze setores separadas por escadas. Cada uma destas partes está modulada em 6 módulos estruturais. A vedação do estádio é feita com um muro em alvenaria com 4,60m de altura revestido com tijoleta cerâmica. Este muro é pautado pelos pilares da modulação que sustentam a laje em concreto armado com 5,00m de vão. Sob este abrigo organizados como "frente e fundo", estão bares e sanitários ao interior e bilheterias e controle de acesso com catracas no exterior. Estes conjuntos são justapostos aos dois portões de acesso dispostos simetricamente ao eixo longitudinal. Esta altura linear determinada pela laje e o muro é homogênea nas cabeceiras e no leste com a exceção da tribuna superior destinada as cadeiras no oeste com uma cobertura com superfície de revolução com lajes plissadas em concreto armado. Esta cobertura não foi executada em sua totalidade por dificuldades técnicas da operação. No edifício-pórtico ao leste há uma variação em razão do desnível, mas permanece a cota da laje e os alinhamentos do conjunto. O desnível é vencido com rampas a partir do edifício-pórtico que acompanham o corpo do estádio e vencem a altura do talude.

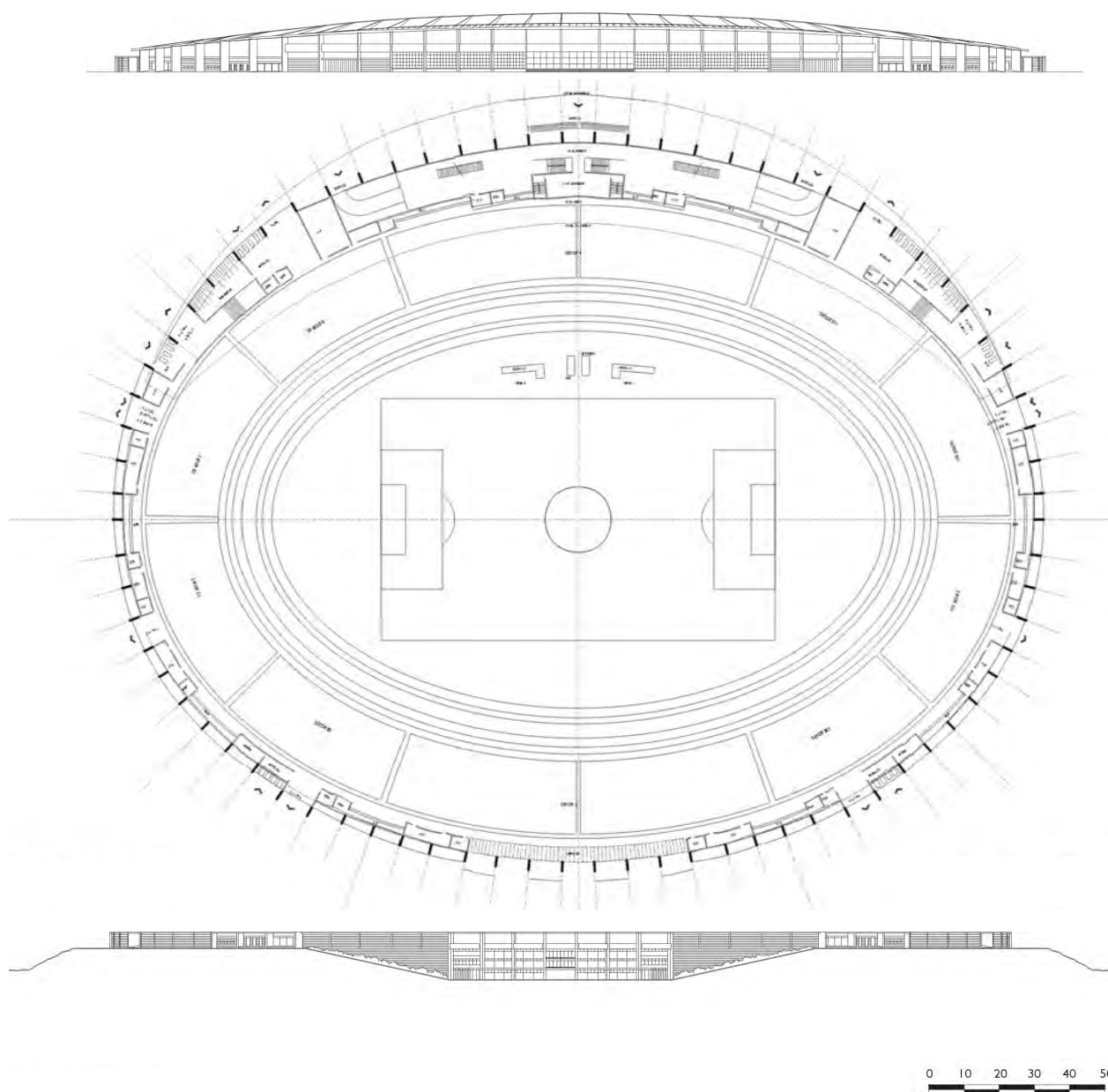


Figura 14, 15 e 16 - Estádio Vivaldo Lima. Redesenho.
 Fonte: CERETO, 2004, p. 206, 203 e 205.

O primeiro anel - a geral¹⁴, tem capacidade para 16.700 espectadores em pé. São cinco patamares com 0,90 x 0,20 m e distante a 3,30 m do plano do campo de futebol por um fosso com 3,50 m de altura. O fosso recebe a contribuição da tubulação da drenagem em espinha de peixe no campo e conecta a rede pública de águas pluviais. São quatro acessos (um em cada quadrante), quatro conjunto de bares e oito sanitários (quatro femininos e quatro masculinos). O segundo anel - as arquibancadas, tem capacidade para 30.000 espectadores sentados. São vinte e seis patamares com 0,90 x 0,32 m e distantes a 12,20 m do plano do campo de futebol. São quatro acessos (um em cada quadrante), oito conjunto de bares e dezesseis sanitários (oito femininos e oito masculinos). A tribuna

¹⁴ PORTO, S. **Memorial Descritivo. Estádio Vivaldo Lima**. Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, 1971. [s.n].

superior - estão as cadeiras cativas e tem capacidade para 3.000 espectadores sentados. São treze patamares com 0,90 x 0,32 m e distantes 39,00 m do plano do campo de futebol. São dois acessos por escadas, dois conjunto de bares e três sanitários (dois femininos e um masculino).



Figura 17 - Estádio Vivaldo Lima.
Fonte: CERETO, 2004, p.200.

O edifício-pórtico está ao leste junto a AM-1 e inscrito na forma do estádio. A construção está em sete módulos da estrutura radial e configura o invólucro do estádio. Neste ponto, o talude se dilui e estabelece um desnível de 8,50 m. A relação com a estrada (atual avenida Constantino Nery), no nível +4,00 m, ocorre por uma esplanada configurada em praça de esportes, com mastros de bandeiras e o acesso monumental ao edifício.



Figura 18 e 19 - Estádio Vivaldo Lima.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ | CERETO, 2004, p.203..

Os oito pilares com 3,00 x 0,20 m são em ordem colossal e configuram um pórtico com 13,25 m de altura. O entablamento é estabelecido com uma pérgola em concreto sobre a circulação superior nas arquibancadas e por quatro varandas projetadas sobre a estrutura. As varandas funcionam como mirantes para a praça de esportes. Neste pórtico é inserida uma marquise com pé-direito de 2,80 m e 4,00 m de vão - sendo destes 1,00 m em balanço. A marquise acompanha a curvatura da elipse nos cinco módulos centrais e tem a sua seção variável e

reduzida próxima ao momento fletor zero no balanço da estrutura. A marcação da marquise estabelece a escala humana no acesso monumental e marca o acesso do público no edifício-pórtico.



Figura 20 - Estádio Vivaldo Lima. Entablamento.
Fonte: CERETO, 2004, p.202.

O bloco construído é justaposto ao talude no alinhamento dos sete módulos da estrutura radial da elipse. Tem uma estrutura portante convencional com pilares em concreto armado com a vedação com painéis em madeira. O programa é distribuído em três níveis: no primeiro estão os acessos as gerais, controle das catracas, bilheterias, departamento médico, ambulatório e enfermaria. O departamento médico tem uma conexão direta aos vestiários por meio de um corredor que acompanha o fosso na cabeceira sul e encaminha o atleta para algum procedimento de emergência. O ambulatório conta com equipamentos de Raio-X, salas para atendimento médico e serve como ambulatório para atendimento a população dos novos loteamentos no entorno imediato. O segundo pavimento é destinado a setores administrativos para as federações esportivas do Amazonas e no terceiro pavimento estão os alojamentos para delegações esportivas.

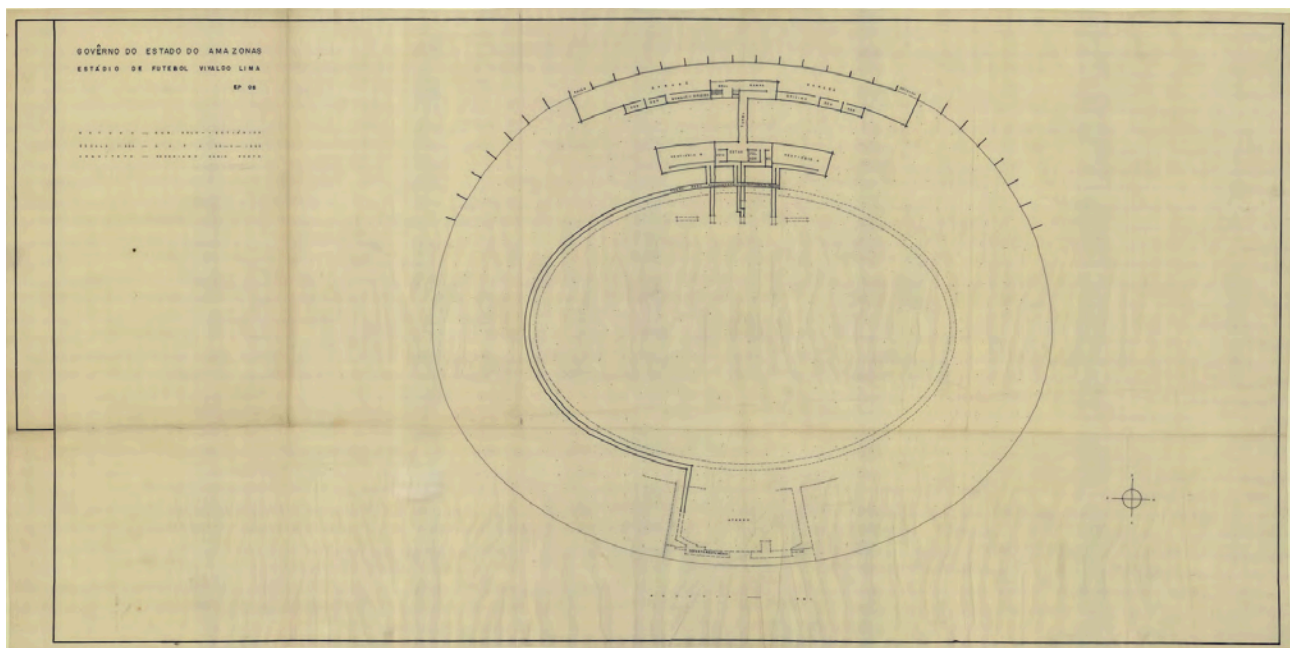


Figura 21 - Estádio Vivaldo Lima. Anteprojeto, 1965.

Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

Na ala oeste, a configuração da tribuna com as cadeiras ocupam 15 módulos estruturais da elipse. Neste edifício ocorre o acesso nobre do público e também dos atletas. O projeto adota a mesma inclinação das arquibancadas e estabelece uma continuidade visual do conjunto. Ainda assim, há uma circulação com 5,00 m aos fundos das arquibancadas e um desnível de 2,75 m entre os dois setores do estádio. A continuidade visual da arquibancada é utilizada na *Tribuna América* no Estádio Centenário (1928/1930) do arquiteto Juan Antonio Scasso (1892-1973)¹⁵ e nos estudos realizados por Le Corbusier para um estádio para 100.000 espectadores em 1938¹⁶.

¹⁵ CERETO, M. **Arquitetura de massas: o caso dos estádio brasileiros**. 2003. 307 f. Dissertação (Mestrado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004, p.122.

¹⁶ BILL, M.; JEANNERET, P.; DAKIN, A. J. **Le Corbusier & P. Jeanneret: oeuvre complète, 1934-1938**. Editions Girsberger, 1951, p.92.

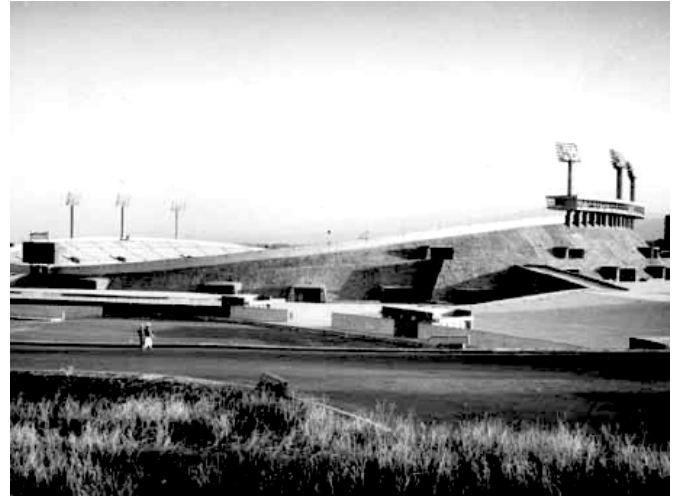
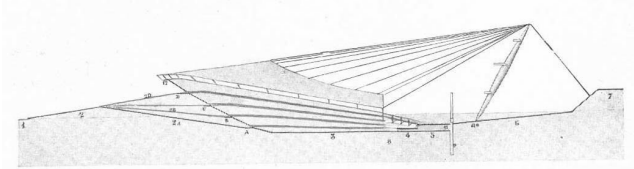


Figura 22, 23, e 24 - Estádio Centenário, 1929/1930 | Estudos Le Corbusier, 1938 | Estádio da cidade universitária UNAM, 1950/1955.
Fonte: CAMPANINI, 1950, p.66. | BILL, 1951, p.92. | GONZÁLEZ FRANCO, 2014, p.37.

A proposta formal permite a continuidade visual e não a sobreposição de arquibancadas. Essa escolha facilita a solução estrutural com um sistema de 16 pórticos e evita os balanços nas tribunas, já que as lajes são apoiadas em cortinas de concreto com forma trapezoidal a cada módulo estrutural. O ajuste entre a estrutura e a compartimentação é facilitada pelo nível do aterro da rua (+12,50 m). A diferença de nível entre a entrada nobre e edifício-pórtico garante a unidade volumétrica das arquibancadas. Além da condição formal proporciona a utilização do subsolo nas arquibancadas no setor oeste e o aproveitamento do espaço resultante sob a tribuna das cadeiras.



Figura 25 - Estádio Vivaldo Lima. 1995.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

Este setor do estádio exige uma articulação criteriosa dos fluxos diante de distintos públicos. A condição de acesso e uso do edifício aos espectadores e aos atores do espetáculo é análogo ao anfiteatro romano. As delegações acessam o estádio com o ônibus e descem em uma rampa até o nível +7,00 m. Esta circulação funciona como estacionamento para os veículos das delegações. Neste espaço estão 4 depósitos, espaço destinado para casa de bombas, reservatório inferior e o acesso ao hall. O hall distribui para o nível +13,00 m e ficam a entrada social e também se desce em rampa ao nível +2,00 m, com os dois vestiários das delegações, a sala para os juízes, sala para a polícia militar e espaço de estar. Estas partes do programa são iluminadas e ventiladas por janelas que ficam junto ao fosso. O hall nobre é um amplo salão sob as tribunas com a função de "ver e ser visto". Com onze módulos estruturais, se acessa por escadas simétricas as tribunas e no mesmo nível as arquibancadas.



Figura 26 - Estádio Vivaldo Lima. Hall nobre, 1995.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

A obra é um marco inaugural de um novo ciclo econômico no Amazonas. Ainda que não seja o ponto de partida da arquitetura moderna no Estado, materializa na personalidade do arquiteto Severiano Porto o início da modernidade promovida pela ditadura militar. Esta possibilidade da primeira grande obra construída pelo escritório SMPAA no Amazonas mostra que as decisões projetuais são universais e baseadas em modelos

consagrados de estádios para a solução do projeto em Manaus. Não há uma pretensão inovativa ou identitária, mas o compromisso profissional de resolver o problema da melhor forma possível. Sem a extravagância formal que a oportunidade poderia conferir a outros arquitetos, a solução é racional e carioca com um olhar atento as boas referências da arquitetura moderna. A qualidade projetual não deve ser mensurada pela rusticidade do concreto aparente empregado ou pelo uso da madeira como vedação no edifício-pórtico, mas pelo controle do projeto e da obra como um todo. É um exemplo de arquitetura de estádios.



Figura 27 e 28 - Estádio Vivaldo Lima. Torneio Juvenil Infantil, 1967 | Reinauguração, 1995.

Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

A escala da obra com soluções técnicas adequadas e até então inéditas na construção de estádios brasileiros representa os desafios para as diversas etapas da construção. São propostas distintas licitações para cada uma das etapas de forma a não comprometer o todo na consolidação de algum problema entre contratante e contratada. Severiano Porto fiscaliza a obra para o Amazonas e relata sobre as diferentes empresas na execução:

Em 1966, janeiro, começamos a primeira etapa da obra que foi campo, fosso e túneis com a firma COINTER LTDA. Em meados do ano, com o conhecido problema da "PLANENGE", que havia vencido a concorrência da segunda etapa do Estádio, a obra sofreu uma interrupção e somente em 1968 é que novamente a COINTER reiniciou os trabalhos relativos a construção do fosso, e a execução da drenagem e preparação da base do gramado. Em 1969 finalmente, em setembro, começaram os serviços finais do Estádio, nesta oportunidade com a firma Irmãos Prata S.A. (ENTREVISTA com..., 1971, p.33).

Porto adota o caderno de encargos para auxiliar a fiscalização das obras no Amazonas. Este relatório dissecou as distintas etapas da construção e serve como instrumento para a fiscalização da obra realizar os pagamentos parciais. O arquiteto desenvolve em conjunto com os engenheiros Milber Fernandes Guedes e Sergio S. Machado

que implantam uma sistema semelhante para a construção das obras de agências do Banco do Brasil em diversos Estados. O caderno de encargos é adotado pelo Amazonas e fundamental para a concretização das obras públicas.



Figura 29 - João Havelange nas obras. 1967.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

O presidente da Confederação Brasileira de Desportos - CBD Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange, o João Havelange (1916-2016) é contemporâneo de Severiano Porto dos tempos de pólo-aquático no Rio de Janeiro e é convidado para acompanhar as obras do estádio em distintas ocasiões. Além disso é consultado¹⁷ pelos arquitetos durante a realização do projeto. O arquiteto articula as visitas e ocorre um amistoso da seleção brasileira de futebol contra a seleção do Amazonas em 5 de abril de 1970. Nesta ocasião, o estádio está em obras, mas ocorre uma pré-inauguração com um jogo contra o selecionado do Amazonas. A inauguração oficial ocorre em 7 de março de 1971¹⁸ em um torneio de clubes nacionais com a presença de João Havelange e do presidente da FIFA Stanley Rous (1895/1986).

¹⁷ ENTREVISTA (2004). TV UFAM. In: ABRAHIM, R. **Poesia na floresta: a obra de Severiano Porto no Amazonas**. Manaus: Reggo Edições, 2014, p.13.

¹⁸ FESTA da Gratidão. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 4 de março de 1971, p.6. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de março de 2020.

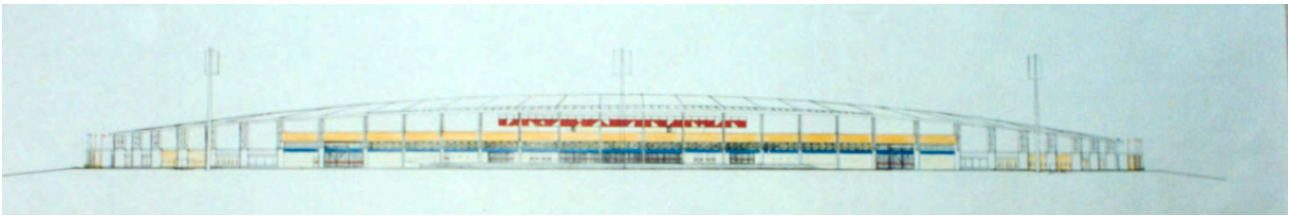


Figura 30 - Estádio Vivaldo Lima. Reforma, 1995.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

Em 1994 Severiano Porto é contratado para realizar a conclusão da obra. A cobertura mantém o desenho original do projeto de 1965, mas é adotada uma nova técnica construtiva com vigas e telhas metálicas. Além da cobertura é realizada a conclusão das cabines de imprensa com painéis industriais e perfis metálicos. O estádio adquire novas cores em razão da tecnologia empregada e revestimentos adotados. A fachada oeste tem a maior intervenção devido a construção da cobertura e alguns grafismos com motivos indígenas são incorporados aos projeto. A rusticidade dos acabamentos é modificada com a reforma. Se a obra de 1971 prima pelo acabamento rigoroso do concreto armado, a reforma apresenta o uso das cores e a exploração da estética do aço. O estádio é reinaugurado em novembro de 1995.



Figura 31 e 32 - Estádio Vivaldo Lima. Reforma, 1995.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

Em 2007¹⁹ o Brasil é escolhido pela *Fédération Internationale de Football Association* - FIFA para ser a sede da Copa do Mundo de futebol em 2014. A partir de então, inicia a disputa política entre Estados e cidades para sediarem a competição. A definição da sub-sede da copa na Amazônia determina uma dificuldade ao Amazonas na concorrência direta com o Pará: o Estado não tem clubes na séries A, B e C do campeonato brasileiro. O governo do Amazonas contrata dois projetos para viabilizar a candidatura de Manaus. O primeiro com o Escritório do arquiteto

¹⁹ FIFA oficializa o Brasil como sede da Copa de 2014. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 de outubro de 2007, p.6. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2007/10/341044-fifa-oficializa-brasil-como-sede-da-copa-do-mundo-2014.shtml>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020.

Héctor Vigliecca²⁰ (1940) para uma adaptação do Estádio Vivaldo Lima as exigências da FIFA. O segundo projeto resulta na contratação do Escritório *GMP Architecten*, responsável pela construção de estádios na Copa de 2006 na Alemanha e em 2010 na África do Sul, para realizar a demolição do estádio²¹ e a construção de um novo.



Figura 33 - Estádio Vivaldo Lima. Reforma, 1995.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

Ao ser indagado sobre a necessidade da demolição do Estádio Vivaldo Lima para receber os jogos da Copa do Mundo, Severiano Porto demonstra a sua insatisfação. Se em 1973 recebe o título de cidadão amazonense e considera esta a sua maior homenagem,²² após a decisão da demolição do estádio afirma categoricamente: "Nunca mais volto a esse Estado".²³

²⁰ PADOVANO, Bruno. **Depoimento**. Entrevista realizada por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal, São Paulo, 19 de outubro de 2015.

²¹ CERETO, M. Severiano Porto: The World Cup lost. In: TOSTÕES, A. *et al* (ed.). **Proceedings of the 13th International Docomomo Conference -Expansion & Conflict**. Seoul: Docomomo Korea, 2014, p.136-139.

²² PORTO, S. Obra pioneira [entrevista a Vânia Silva]. **AU**, Editora PINI, São Paulo, v.19, n.119, 2004. Disponível em: < <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/119/artigo23371-1.aspx>>. Acesso em: 15 de março de 2020.

²³ ARQUITETURA: Amazônia comemora 50 anos de Severiano Porto. **Jornal A Crítica**. Manaus, 21 de fevereiro de 2016, p.?. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/especiais/news/arquitetura-amazonia-comemora-50-anos-de-severiano-porto>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.



Figura 34 - Estádio Vivaldo Lima. Reforma, 1995.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

5.2_RECIFE, 1762 - RESIDÊNCIA DO CAFUNDÓ (1966-1967). Demolida em 1983¹

Severiano Porto inicia a trajetória profissional em Manaus em 1965, mas somente em 1967 se muda com a família para a cidade. A mudança ocorre pela confirmação do início das obras do Estádio Vivaldo Lima frente a necessidade da presença do arquiteto para acompanhar e fiscalizar as diversas etapas da construção para o Governo do Estado do Amazonas. Não seria mais possível, manter a residência no Rio de Janeiro e apenas trabalhar em Manaus. Assim, no final de 1966, deixa de ser hóspede no Hotel Amazonas para construir uma moradia e viver na cidade com a sua esposa Gilda e o filho Mário.

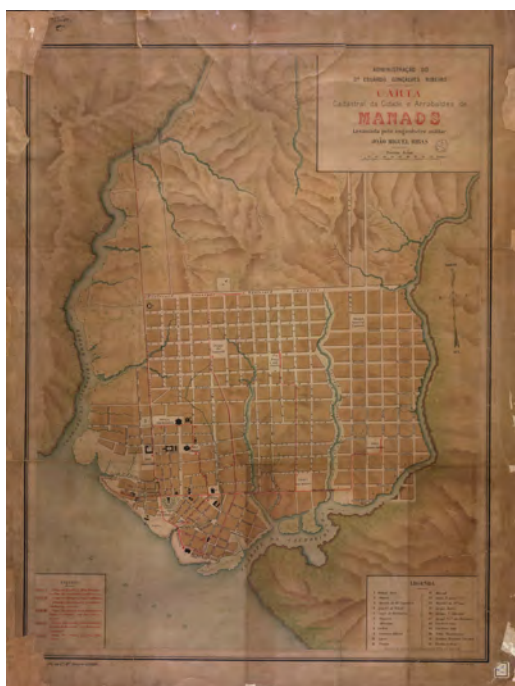


Figura 01 e 02 - Plano de Eduardo Ribeiro, 1895 | Plano Viário do Plano Diretor de Antony & Pereira da Cunha Arquitetos Associados, 1965.
Fonte: Arquivo Nacional, 1895 | GAGLIARDI, 1968

Construir a moradia em Manaus tem um propósito a Severiano Porto. O arquiteto já havia realizado até esta data a Residência Nélio Lima (1963/?) na região serrana no Rio de Janeiro, além de edifícios residenciais construídos no Rio de Janeiro e em Niterói/RJ. A possibilidade de projetar e construir uma residência para si é uma experiência projetual desafiadora, mas também permite fomentar novas encomendas, uma vez que a região está em transformação, seja pela mudança cultural promovida pelo Governador Arthur Reis e pela economia em ebulição com a migração de trabalhadores de várias regiões do Brasil - promovida pelo funcionamento da Zona Franca de Manaus. A burguesia manauara se desloca em marcha do centro histórico em direção a um norte "moderno".

¹ Não há comprovação documental sobre a data da demolição.

Novos loteamentos são implantados nas cercanias do estádio e do Balneário do Parque 10 e possibilitam novas oportunidades para moradias. Esses loteamentos são da Companhia de Habitação do Amazonas com a coordenação do arquiteto Cesar Oiticica.

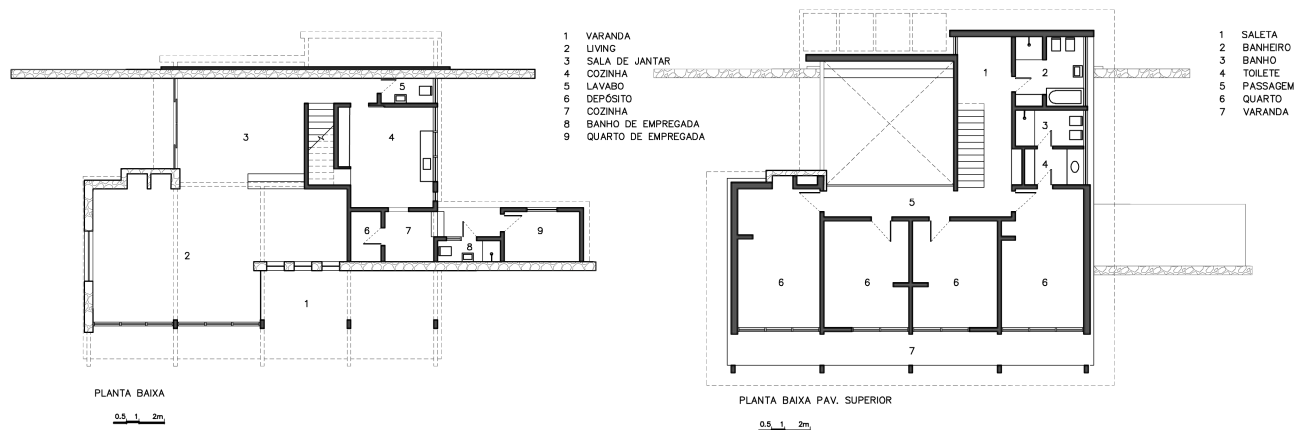


Figura 03 e 04 - Residência Nélio Lima, 1963 | Teresópolis/RJ.
Fonte: CERETO, 2020.

Severiano Porto projeta a sua casa em um terreno cedido por um amigo² na rua Recife, 1762, próximo ao Balneário do Parque 10 - junto ao igarapé do Mindu, a ser reformulado em 1967 com projeto de sua autoria. Segundo a reportagem "O arquiteto das madeiras" da Revista "Veja" em 1970 constrói a casa em um terreno cedido de um amigo. A reportagem indica que é um investimento em publicidade. O terreno está a 6,00 km do rio Negro e fica próximo ao estádio em construção. Neste terreno há um braço deste igarapé com uma contenção que permite o represamento das suas águas e usufruto como uma piscina natural. Condições distintas das usuais para uma casa burguesa em Manaus, mas ideais para uma casa moderna na Amazônia.

Vale observar três aspectos relevantes sobre as motivações e circunstâncias deste projeto. Em primeiro lugar, a adaptação familiar. O arquiteto mantém desde a sua formatura uma rotina profissional relevante no Rio de Janeiro. Manaus é uma cidade promissora, com boas perspectivas, mas também com incertezas. O início da construção do Estádio Vivaldo Lima, as novas demandas do setor público e o promissor início da Zona Franca de Manaus motivam a sua mudança com a família à região norte. A construção de uma habitação temporária é uma decisão acertada, pelas incertezas profissionais e por uma possível dificuldade de adaptação familiar. Nos anos 1960, a geografia distancia Manaus do Rio de Janeiro e as dificuldades logísticas tornam esta diferença ainda maior.

² O ARQUITETO das madeiras. **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n.º.112, 28 de outubro de 1970, p.58.



Figura 05 e 06 - Recife, 1762. Foto da época da construção, s.d. | Piscina natural com as águas do igarapé, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

O segundo aspecto relevante é o rompimento de paradigmas sobre a moradia na Amazônia. Com o apogeu da borracha amazônica na segunda metade do século XIX, a arquitetura neoclássica do Império e Eclética da Velha República são impostas à cultura local. Durante a *Belle Époque*, o código de posturas de 1872 proíbe a utilização da madeira e da palha no perímetro urbano, pois considera estes materiais selvagens com prejuízo ao embelezamento urbano proposto para a cidade de Manaus. Os igarapés são considerados obstáculos geográficos ao plano de Eduardo Ribeiro de 1895 e aterrados para uma expansão sanitária com a construção de *boulevards*. O estilismo é regra na ocupação urbana de Manaus. Os igarapés são considerados pântanos, insalubres e para o saneamento urbano. Morar junto ao “banho” não é convencional e não é urbano. É comum apenas aos ribeirinhos e às comunidades do interior do Estado. Morar junto ao rio Negro remete à Cidade Flutuante, desmanchada pelo Governador Arthur Reis em 1965 com marcas profundas na burguesia local. Ainda que a Recife, 1762 tenha uma estrutura de planta convencional e burguesa, a atitude de morar junto ao igarapé é transgressora. Vale ressaltar a residência do arquiteto Jorge Derenji, de 1965, em Belém. Nesta casa, o arquiteto gaúcho modifica o zoneamento e rompe com tradição local ao eliminar as diferenças entre os espaços destinados aos funcionários e aos moradores. A transgressão de Porto é ambiental e não programática.

O terceiro ponto é o autofinanciamento da obra com a necessidade de reduzir custos e otimizar a logística da construção. O terreno é emprestado e limita maiores investimentos com estruturas permanentes. Nos anos 1960 não há produção de cimento e ferro na cidade. A primeira fábrica de cimento em Manaus é a Nassau em 1986.³ Os materiais são importados da Venezuela e do sudeste. A pedra arenito da região não é adequada ao concreto. A

³ CANTISANI, Francisco. **Depoimento**. Entrevista realizada por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal, Manaus, 8 de março de 2017.

escolha da técnica construtiva adequada é base fundamental para a realização do projeto.



Figura 07 - Recife, 1762.
Fonte: Google earth, 2020.

O arquiteto Severiano Mario Porto, indo residir temporariamente em Manaus, e querendo construir sua casa rapidamente, a baixo custo e de acordo com as condições ecológicas da região, resolveu levantá-la utilizando a madeira como material básico. (...) O arquiteto informa que, apesar disso, e do fato da região amazônica ser rica em madeiras, das mais variadas espécies e características, a construção com este material não é bem aceita como padrão decente de moradia. (GAGLIARDI, 1969, p.122).

Ainda que estes pontos colaborem com algumas decisões projetuais, é importante destacar a experiência fracassada no desenvolvimento do projeto para as Escolas Pré-fabricadas (1965) em madeira ao Governo do Estado do Amazonas. As experimentações com a madeira na região serrana do Rio de Janeiro aliadas a disponibilidade do material na Amazônia são insumos perfeitos para Severiano Porto nas demandas à arquitetura local. O preconceito com a utilização da madeira em obras é descrito pelo arquiteto:

Quando eu cheguei em Manaus, que eu comecei a fazer minha primeira casinha, eu fiz bem simples. Porque eu tinha feito umas escolas pré-fabricadas, que o governo não construiu nenhuma. Eu doei, logo no início, em 65, para o governo. Foi publicado na revista do IAB de pré-fabricação, e eles não construíram. Passou um mês, dois meses, seis meses, e eu perguntei – Poxa, seu secretário, por quê? Ele disse – É que o secretário do planejamento disse que vão dizer que a revolução está construindo barracos.(PORTO, 2005 apud NEVES, 2005, p.215).

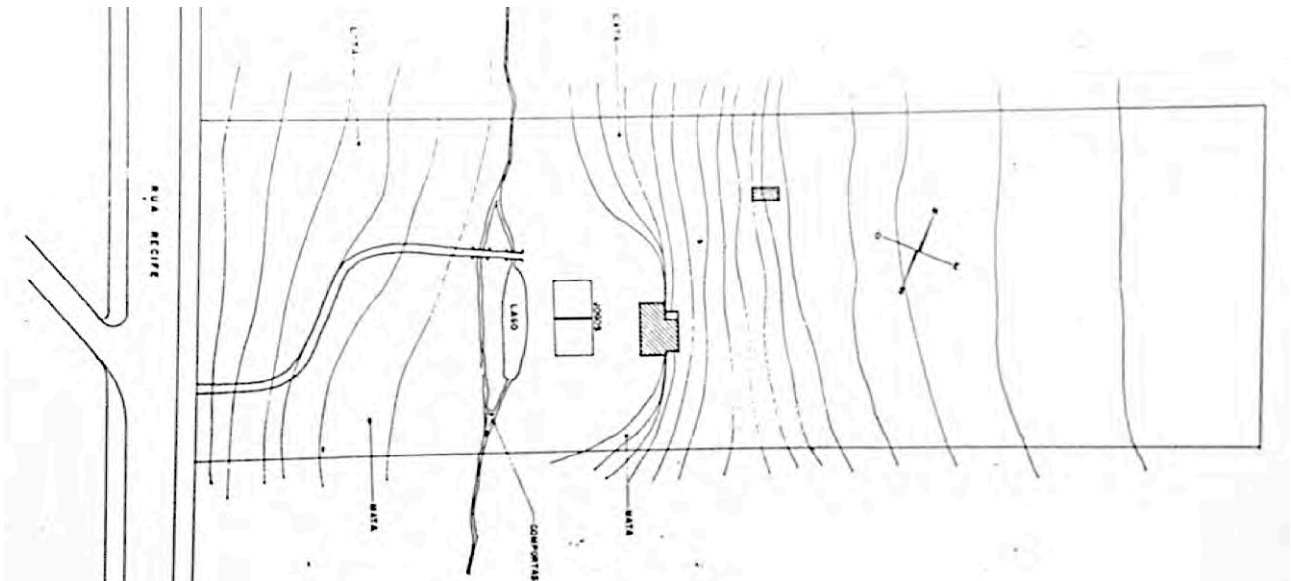


Figura 08 - Recife, 1762. Implantação.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, 1966 - NPD/UFRJ

O sítio é amplo (120,00 x 360,00 m) orientado no eixo longitudinal em sudoeste-nordeste. Tem vegetação densa e características topográficas comuns aos sítios com igarapés em Manaus. O entorno, em 1967, é ermo, com sítios próximos, clubes e balneários junto ao igarapé do Mindu. A topografia é como um vale, definida pela depressão bilateral até o curso da água, na qual fica a porção modificada e aterrada do lote e duas parcelas assimétricas para sudoeste (rua Recife) e nordeste (porção maior do terreno). A parte mais baixa do terreno está a 6,00 m abaixo da rua Recife, com o curso d'água em frente à área de jogos da residência. Na parte mais alta, na porção nordeste, o terreno está 9,00 m mais alto em relação a rua Recife.

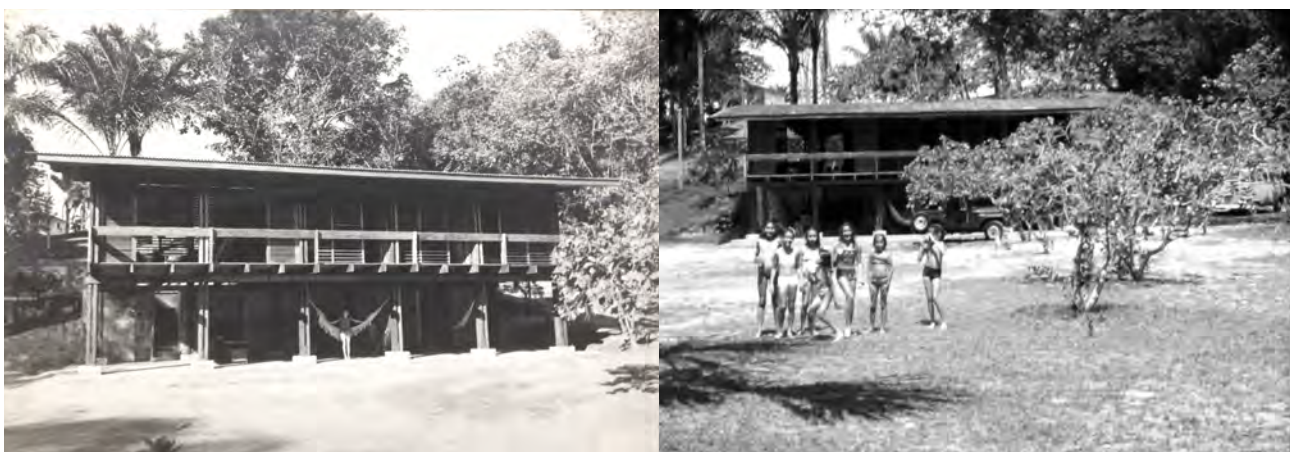


Figura 9 e 10 - Recife, 1762.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, s/d - NPD/UFRJ

No local há preexistências. Uma contenção em parte do terreno realizada pelo muro de arrimo em pedra jacaré e

comportas para o controle e desvio das águas do braço do igarapé. Neste muro de arrimo, há um cômodo em alvenaria de pedra, incorporado ao projeto da residência. A baixa ocupação do lote com as edificações propostas é imperativa ao programa residencial em razão da extensa dimensão do lote. A escolha da localização da residência é determinada pelas preexistências e pela clareira na vegetação existente. Esta situação, aliada a topografia e a altura das copas das árvores, com cerca de 30,00m, possibilitam uma excelente privacidade aos moradores e sombreamento ao lote. O acesso ocorre pela rua Recife em um traçado sinuoso e um percurso romântico entre as árvores, ao descer da rua até uma ponte no curso d'água, na qual se acessa a parte mais baixa e plana do terreno, destinada às atividades de lazer e também à residência.



Figura 11 e 12 - Recife, 1762.
Fonte: Acervo Severiano Porto, s/d - NPD/UFRJ

A casa está alinhada ao eixo noroeste - sudeste com ocupação em fundo do vale. Ainda em 1967 é incorporado ao projeto, na parte nordeste e mais alta do terreno, uma casa pré-fabricada em madeira - sem pretensões estéticas, para abrigar o escritório. A orientação da residência não é favorável, mas pertinente à preexistência e paisagem natural. A escolha do arquiteto por uma técnica construtiva mista com madeira, pedra e alvenaria cerâmica é adequada aos recursos disponíveis e para uma rápida execução. O zoneamento do edifício distribui a área social no térreo, no pilotis, integrada ao terreno, ao lago e a quadra de vôlei. O andar superior é distribuído simetricamente com o setor íntimo (estar íntimo e dormitórios) e os serviços (cozinha, copa e banheiro). A composição também é definida em dois blocos distintos: o bloco com dois pavimentos em madeira, com o pilotis e a parte social e íntima da casa e a bloco em alvenaria de pedra e tijolo com a parte de serviços.

A tipologia do sobrado não é inovadora. Há referências formais diretas ao Park Hotel (1944/1945) de Lucio Costa⁴. O acervo de fotografias de Severiano Porto apresenta registros fotográficos do hotel serrano com destaque aos encontros das peças em madeira. Outra referência formal é a Tange House (1951/1953) do arquiteto japonês Kenzo Tange (1913-2005). Outra analogia possível a esta obra é ao caráter temporário e logístico do Catetinho oferecido por Oscar Niemeyer a Juscelino Kubitschek para suas atividades e recolhimento durante as suas visitas ao canteiro de obras da nova capital federal. A escolha do material adequado a uma necessidade funcional tem precedentes históricos na arquitetura brasileira.

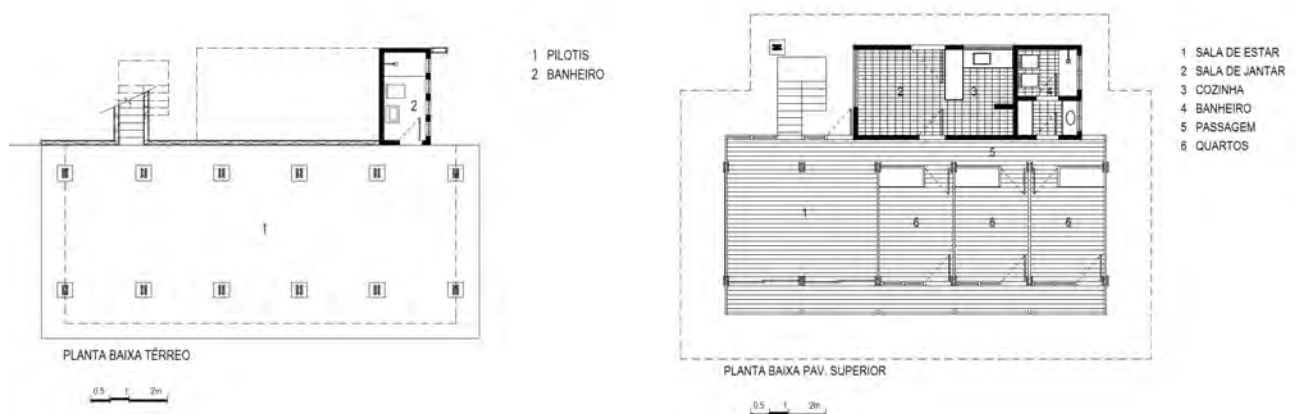


Figura 13 e 14 - Recife, 1762. Planta térreo | Planta segundo pavimento.
Fonte: CERETO, 2020⁵

Há uma polarização entre os dois blocos da casa integrados pela circulação longitudinal. Esta polarização também é na cobertura em duas águas independentes - alvenaria e madeira, com diferença de alturas e igualmente no ajuste à topografia com o muro de contenção. Se um dos blocos da casa expressa pela técnica construtiva uma modernidade com a pré-fabricação em madeira, o outro se ilustra com a tradição construtiva na alvenaria cerâmica para se adequar as preexistências, as necessidades da infra-estrutura e de acomodação ao terreno. Curiosamente a tradição construtiva, representada neste projeto é a alvenaria cerâmica e não a madeira da Amazônia.

A genealogia deste projeto nos remete a algumas afirmações. É inevitável a semelhança na setorização da planta com a Residência Nélio Lima. Recife, 1762 revisa o projeto de Teresópolis e mostra como o arquiteto utiliza as suas experiências anteriores no desenvolvimento dos novos projetos. Além do hotel serrano de Costa e da Residência

⁴ CERETO, M. Park Hotel e Recife 1762: relação íntima entre o pitoresco e o moderno. In: **Anais do IV ENANPARQ**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <<https://enanparq2016.files.wordpress.com/2016/09/s28-02-cereto-m.pdf>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

⁵ Auxiliado em 2016 pela discente Luiza Santos do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Amazonas.

Nélio Lima, vale observar ainda o projeto não construído para Monlevade (1934), com a união de técnicas - sejam modernas ou artesanais, para o projeto das habitações. É possível observar uma relação acadêmica entre o *espaço servido e servente* formalizada por Louis Kahn⁶ (1901-1974) nos dois blocos constituídos na composição arquitetônica. Em 1957 num discurso na *Royal Architectural Institute of Canada*, Louis Kahn expôs o seu conceito "*served and service space*". De forma provocativa, o espaço servido é o nobre com o uso abundante da madeira. O setor de serviços, em alvenaria. Lucio Costa utiliza essa estratégia no Park Hotel em Nova Friburgo, porém não como provocação e sim como caracterização. Muito mais que transgredir, Severiano Porto busca unir a modernidade com a tradição.

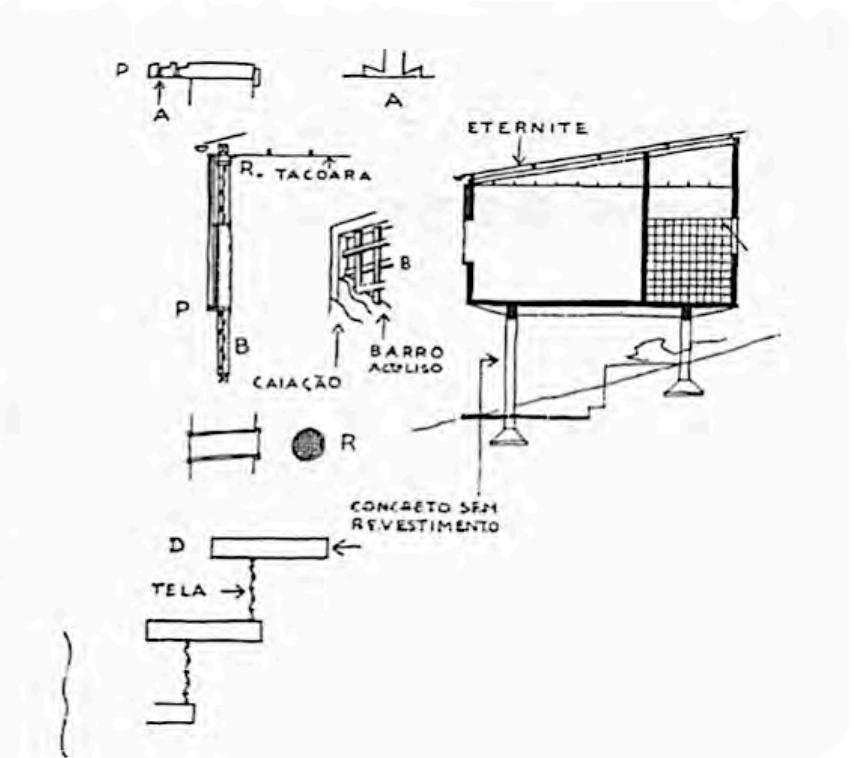
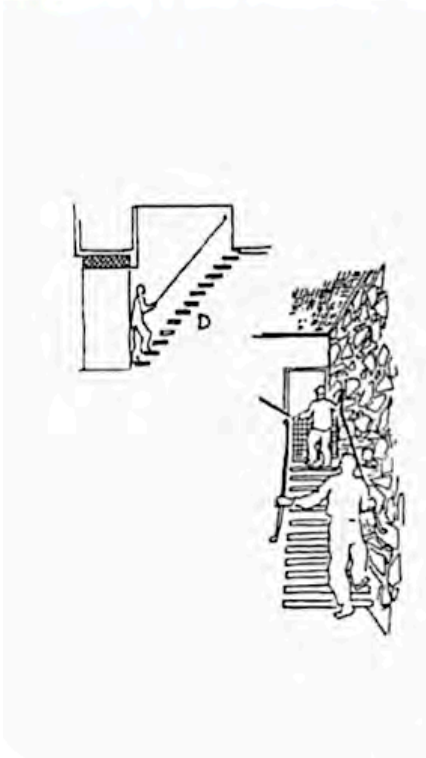
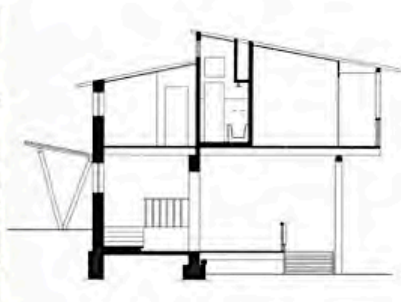


Figura 15, 16, 17, 18 e 19 - Park Hotel Nova Friburgo (1940/1944) e Monlevade (1934)
 Fonte: WISNIK, 2001, p.81. | COSTA, 1995, p.98 e 93.

⁶ LATOUR, A. **Louis I. Kahn: Writings, lectures, interviews**. New York: Rizoli International Publications, 1991, p.79-80.

Há uma relação franca e direta da casa com a natureza. É possível observar essa condição na Casa de Vidro (1950/1951) de Lina Bo Bardi. O setor social é moderno com planta e fachada livre. A ala íntima e a de serviços são tradicionais com compartimentação rígida e referências ao período colonial. Enquanto os setores social e íntimo se voltam ao lago, à quadra de vôlei e ao convívio, o setor de serviços é recluso e voltado à mata em aclave. No térreo, um pilotis em madeira marca a transição entre o espaço de convívio social da residência com o de uso privado. Os blocos de fundação de concreto são semienterrados em um rústico contrapiso de concreto. As peças em maçaranduba são dispostas lado a lado e fixadas aos blocos por pinos metálicos e constituem os cinco módulos (2,50 x 3,75 m) do bloco principal, em madeira. Severiano Porto considera o muro de arrimo e um cômodo existente que é transformado em banheiro e vestiário às atividades ligadas ao lago artificial e a quadra esportiva. O estar social junto ao pilotis é aberto e coberto, marcado pelas redes de armar com ótimo funcionamento para uma casa na selva.

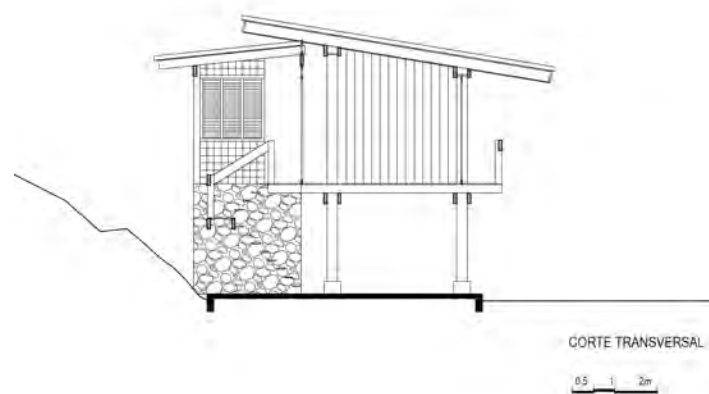


Figura 20 - Recife, 1762. Corte transversal.
Fonte: Autor, 2020

Aos moradores e aos íntimos, o acesso pela escada permitem ascender ao segundo pavimento. A escada em dois lances com sentidos contrários marca a transição espacial entre o ambiente externo e interno. A chegada ao segundo pavimento ocorre no estar social (que se torna diante do pilotis, um estar íntimo). Ao ingressar no estar se acessa a varanda que mantém a visibilidade existente ao ambiente do pilotis, com integração visual. No bloco principal em madeira no segundo andar, a compartimentação em planta celular responde a modulação estrutural disposta no pilotis e distribui a sala de estar (íntimo) ao noroeste com dois módulos e os três quartos dispostos linearmente, lado a lado, em um módulo cada. A primeira versão do projeto (1966) prevê apenas dois quartos. A estruturação era similar ao projeto construído com os dois blocos da casa. A escada fica em uma posição entre a cozinha e o banheiro. A planta construída tem uma estrutura clara e simples com a varanda e a circulação como

faixas de integração entre as partes do programa. Há contraste formal entre as "fachadas opostas"⁷ determinado pela paisagem. Esta condição é observada por Carlos Eduardo Comas no Park Hotel em Nova Friburgo/RJ de Lucio Costa.

O pilotis sustenta dois balanços: ao sudoeste com a varanda e a nordeste com a circulação que a conecta ao setor de serviços. Uma varanda contínua em balanço de 1,00 m voltada ao lago integra a casa à paisagem, protegida pela cobertura em uma água com telhas Vogatex em balanço de 1,20 m. Em contraponto, o balanço com a circulação longitudinal entre os setores íntimo e de serviços tem 0,80 m. O louro é utilizado com aplicação de verniz a base de poliuretano. As peças são serradas industrialmente.

As esquadrias não têm vidros, mas réguas reguláveis de cedro com acrílico leitoso. O movimento das réguas, nas portas que dão acesso à varanda no estar e dormitórios, permitem a ventilação cruzada em todos os ambientes. O piso, o forro, as paredes dos quartos e dos armários são realizados em tábuas de friso. Embora lírico o bloco principal em madeira tem o rigor da pré-fabricação. Vale observar a importância das arquiteturas da vila Serra do Navio no Amapá (1955/1960), de Oswaldo Arthur Bratke para Severiano Porto, registrado em entrevista.⁸

No bloco em alvenaria cerâmica, estão os compartimentos que necessitam de instalações hidráulicas e sanitárias. As paredes são rebocadas e pintadas em branco. Um painel decorativo em azulejo português marca o acesso pela escada ao segundo andar. Sobre o muro de arrimo e do cômodo existente, estão distribuídos linearmente a copa, cozinha e um banheiro compartimentado. Este bloco é coberto com telhas industriais em uma água com forro em tábua de friso. O bloco de alvenaria cerâmica representa a tradição construtiva.

A escolha da madeira está relacionada a velocidade da construção e permite minimizar as dificuldades logísticas e da mão de obra disponível. O valor do custo final para uma obra de uma residência em um terreno de terceiros é fundamental. O uso de peças pré-fabricadas em madeira se torna uma boa alternativa para ao projeto, frente as incertezas neste momento de adaptação. Em caso de um possível retorno ao Rio de Janeiro, o investimento poderia ser restituído. Posicionar a madeira como riqueza e exportá-la como material nobre para a construção civil é imperativo na imagem do Estado que o Governador Arthur Reis expõe e está alinhado ao espírito da época, com a

⁷ COMAS, C.E.D. Arquitetura moderna, estilo campestre. Hotel, Parque São Clemente. **Arquitextos**, São Paulo, ano 11, n. 123.00, Vitruvius, ago. 2010 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.123/3513>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

⁸ PORTO, Severiano. **Depoimento**. Entrevista realizada por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

valorização do meio-ambiente.

O próprio Banco Nacional de Habitação (...) em seus programas habitacionais no Amazonas, não utilizou a madeira na construção de unidades residenciais de baixo custo, apesar de ser este o material de que estão construídas, praticamente todas as casas populares da região. O arquiteto atento a essa contrafação, resolveu construir sua própria residência em madeira, numa tentativa de desfazer o falso conceito que cerca esse material em Manaus. Construindo a sua casa dessa forma, o arquiteto conseguiu um preço por metro quadrado 25% abaixo do obtido nas casas construídas pela COHAB-AM, no mesmo período.(GAGLIARDI,1969, p.122).

A casa do arquiteto na rua Recife, 1762 apresenta o trabalho de Severiano Porto em Manaus e provoca reflexões sobre a importância do pensamento moderno do arquiteto frente aos novos desafios da região e o desenvolvimento econômico que ocorre com intensidade nos anos 1970. A experimentação projetual, um olhar atento às referências consagradas e a percepção local sobre o papel do arquiteto na Amazônia são fundamentais para o surgimento de novas demandas profissionais. O edifício curiosamente se torna uma referência urbana na cidade e pela proximidade da moradia com o igarapé fica popularmente conhecida com a "Casa Cafundó" pela distante e bucólica localização. Segundo o jornalista e fundador da TV Amazonas, Phelipe Arce Daou (1928-2016):

Era uma pequena casa com todo o conforto. Era funcional. Falavam que Manaus era muito quente e ele fez uma casa que o vento circulava por dentro dela. E se esfriava, ele fechava e não passava o vento. Assim é o Severiano. (DAOU, 2016, [s.n.]).

Após a conclusão desta casa, o arquiteto é contratado em 1968 para desenvolver outros três projetos residenciais, e pavimenta a sua trajetória e permanência na Amazônia. A casa Recife, 1762 além de custar 25% mais barato que as construções realizadas em alvenaria no mesmo período pela COHAB-AM materializa um ideal construtivo. O pensamento moderno de um arquiteto "carioca" na periferia dos grandes centros na busca por soluções adequadas com a mesma qualidade, mas com outros recursos. A modernidade das soluções, do planejamento da construção, na escolha dos materiais e das técnicas construtivas demonstram diferentes caminhos da arquitetura moderna brasileira e a sua importância no desenvolvimento do Brasil. As peças em madeiras utilizadas nesta casa são comerciais. Cedro, Maçaranduba e o louro são utilizadas nos anos 1960 nas construções em Manaus. O caráter transitório da moradia e as peças disponíveis⁹ para a construção determinam a utilização das peças disponíveis no momento da obra.

⁹ Ibid, [s.n.].

Roberta Camila Santiago retrata em 2009 o ambiente da residência no livro "Manaus 1965: da floresta e das águas"¹⁰. Os profissionais recém chegados a Manaus se encontravam na casa de Severiano Porto para atividades recreativas e sociais. Roberta descreve o banho no igarapé e as varandas:

Nós, recém-chegados nos adaptamos logo a esses diferentes e ótimos tipos de lazer. Frequentadores habituais do banho do Bosque Clube, e o de Gilda e Severiano Porto - que construía a sua casa à beira de um dos afluentes do Mindu - , onde, além da piscina natural de água muito fria e do jogo de vôlei, havia o papo nas redes da varanda. Era o nosso clube particular. (SANTIAGO, 2009, p.135).

O arquiteto permanece em Cafundó até 1971, quando finaliza a construção da sua nova moradia em Manaus: Recife, 1435. A residência na rua Recife, 1762 é demolida em meados da década de 1980. A experiência adquirida em construir a própria habitação marca um momento de reflexões e maturação de uma carreira embrionária na Amazônia. As peças delgadas da madeira serrada determinam problemas acústicos, seja pela dilatação do material com a mudança da temperatura e pela insuficiência de massa na espessura das peças. Mario Porto, filho de Severiano e Gilda, relata este inconveniente em sua lembranças desta casa¹¹. No início deste século é construído um shopping center nas imediações em uma área adjacente ao curso d'água e ocasiona o término do braço do igarapé. O Cafundó agora é urbano e os banhos de outrora ficam nas lembranças daqueles que vivenciaram esta primeira aproximação de Severiano Porto com a moradia e a construção na Amazônia.

¹⁰ SANTIAGO, R. C. **Manaus 1965**: Da Floresta e das águas. Manaus: Governo do Estado do Amazonas - SEC, 2009.

¹¹ PORTO, Paula. **Depoimento**. Entrevista realizada por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 2015.

5.3_RESTAURANTE CHAPÉU DE PALHA (1967 - 1967). Demolido em 1986.¹

Em 1965, o Governador do Estado do Amazonas Arthur Reis contrata o escritório carioca Antony e Pereira da Cunha Arquitetos Associados para o desenvolvimento do Plano Diretor de Manaus. O plano tem como diretriz uma cidade polinucleada para 800.000 habitantes estruturada pela setorização urbana com 5 planos setoriais: Viário, Cultural, Turístico, Industrial e Habitacional. Entre os equipamentos sugeridos no Plano Diretor no Plano Turístico está a criação de um restaurante regional.



Figura 1 - Zoneamento do Plano Diretor de Antony & Pereira da Cunha Arquitetos Associados, 1965.
Fonte: GAGLIARDI, 1968, p.52.

Ainda que um restaurante regional não seja objeto do Plano de Antony & Pereira da Cunha, o Zoneamento do Plano Diretor integra a Villa Municipal, ao traçado estabelecido pelo Plano de Eduardo Ribeiro, e permite o funcionamento de atividades comerciais no antigo loteamento. O terreno escolhido em 1967 para o Restaurante Chapéu de Palha fica neste local. Projetada em 1901 e inaugurada em 1912, a Vila Municipal fica no limite norte do plano de Eduardo Ribeiro, próxima ao cemitério municipal São João. O loteamento prevê terrenos amplos e permitem a construção de residências soltas no lote.

¹ Baseado no artigo CERETO, M.; ESPINOSA, V. Chapéu de Palha: a madeira na arquitetura de Severiano Porto. In: **Revista da Academia Amazonense de Letras**, AAL, Manaus, n. 36, p.15 a 30, 2017.

O restaurante pertence a dois jovens funcionários públicos: José Braga e Claudio Figliolo. Figliolo atua no setor administrativo com o Secretário José Braga, no Governo Arthur Reis. Sem experiência empreendedora, decidem investir na culinária regional para o atendimento aos turistas. Em entrevista concedida ao autor, José Braga afirma que não utiliza sequer de pesquisa técnica no final da década de 1960, pela nitidez do crescimento de fluxo turístico devido a implantação da Zona Franca de Manaus e a escassez de restaurantes apropriados². Os sócios escolhem a temática da regionalidade como elemento caracterizador do restaurante e de afirmação da cidade diante das novas demandas turísticas. Acompanham o trabalho de Severiano Porto para o Estado do Amazonas e escolhem o arquiteto para a realização do projeto em razão do destaque pela sua prática profissional em Manaus. Na primeira reunião entre os proprietários e Severiano Porto, o arquiteto apresenta um croquis do edifício com a analogia formal a um sombreiro mexicano, símbolo da Copa do Mundo de futebol de 1970, realizada no México.

Conforme afirma José Braga em entrevista ao autor, com esse desenho, os sócios vão ao Banco do Acre e apresentam a proposta de negócio que é aprovada sem avalista. A obra é financiada pelo *Bank of Boston* sem recursos dos proprietários. Em razão deste croqui surge o nome do restaurante: Chapéu de Palha. Após a aprovação do financiamento, Severiano Porto e os clientes procuram terrenos disponíveis para locação e ofereçam as condições necessárias para a adaptação do projeto. É priorizado o bairro Adrianópolis, antiga Vila Municipal, pela proximidade aos hotéis na cidade. Esses parâmetros condicionam as escolhas do arquiteto para a realização do projeto. A obra tem rápida execução, baixo custo, fácil emprego de materiais e uso da mão de obra disponível. O restaurante Chapéu de Palha é inaugurado no dia 24 de fevereiro de 1968³. Transforma-se em atração turística da cidade de Manaus pela culinária regional e pela inovação arquitetônica na utilização de materiais e de tecnologias construtivas reconhecidas como amazônicas. Além do cardápio regional, o restaurante promove importantes eventos culturais e sedia lançamentos das empresas da Zona Franca de Manaus.

² BRAGA, José. **Depoimento**. Entrevista a Marcos Cereto e Vasilka Espinosa. Manaus, 07 de outubro de 2016.

³ AMANHÃ a inauguração do Chapéu de Palha. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 23 de janeiro de 1968, p.8. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 de junho de 2016.



Figura 2 - Restaurante Chapéu de Palha, s.d.
Fonte: Acervo Correa Lima.

O Chapéu de Palha é premiado na Categoria B-6 para Edifícios para fins recreativos em 1967 no III Premiação Anual do Instituto de Arquitetos do Brasil - Estado da Guanabara - IAB/GB com o seguinte parecer do júri: "é um projeto que pela simplicidade bem sugere as origens e tradições locais"⁴.

José Braga e Claudio Figliolo permanecem com o empreendimento até 1971. Um novo proprietário mantém o estabelecimento em atividade, mas os eventos culturais e sociais mudam para o restaurante flutuante do Hotel Tropical. Em 1986, o edifício é demolido⁵ diante da valorização imobiliária no bairro Adrianópolis. A falta de manutenção apropriada prejudica o imóvel e apresenta diversos problemas a construções em madeira e palha. Nesse ano é apresentado o projeto de um apart-hotel de 18 andares para o local. Diante das dificuldades econômicas nos anos 1980, Afrânio Souza - o proprietário do terreno, contrói um posto de gasolina⁶.

⁴ CHAPÉU de Palha. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n° 68, 1968, p.7.

⁵ DESTRUÍDO Chapéu Premiado. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 02 de novembro de 1986, p.8. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 de junho de 2016.

⁶ EMBARGO e atuação. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 12 de abril de 1990, p.6. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 de junho de 2016.

Com a demolição do edifício, Severiano Porto afirma, "Quem perde como vem perdendo sempre é a memória da cidade que a cada dia, tem menos elementos que a identifiquem".⁷ Severiano Porto na mesma entrevista registra a falta de manutenção como determinante para a demolição e que um novo uso seria possível para manter um edifício com reconhecimento da sociedade.



Figura 3 - Restaurante Chapéu de Palha.

Fonte: Google earth, 2020.

O terreno do Chapéu de Palha se localiza em Adrianópolis em uma esquina entre as ruas Fortaleza e Paraíba (atual Humberto Calderaro). Este "lote" é um fragmento de um terreno maior que é disponibilizado à locação pelos proprietários em 1967. É plano e retangular (50,00 m de comprimento e 30,00 m de largura) e tem área total de 1.500,00 m². O comprimento está disposto no eixo norte-sul com vegetação esparsa na porção sul do lote. Oitis, mangueiras e jameiros são algumas espécies identificadas pelas fotografias. O terreno está bem localizado para os ventos predominantes, mas as maiores dimensões para a distribuição das partes estão dispostas às orientações com maior radiação térmica. Em Manaus, o quadrante nordeste é desejado pela ventilação natural. A escolha do lote é condicionada pelo partido do sombreiro.

⁷ DESTRUÍDO Chapéu Premiado. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 02 de novembro de 1986, p.8. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 de junho de 2016.



Figura 4 e 5 - Restaurante Chapéu de Palha. Quiosques, s.d.
 Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

Os acessos ao restaurante ocorrem por ambas as ruas, mas a hierarquia está junto a rua Fortaleza. Ao ingressar pela citada rua se encontram seis quiosques menores distribuídos, na área sul do terreno, em planta circular similar ao edifício principal. No limite leste, na rua Paraíba, há um alinhamento de espécies arbustivas e configuram um certo fechamento ao terreno aberto. Desta forma, o acesso pela rua Paraíba também é possível, mas apresenta elementos que dificultam a entrada franca e assim permitem um maior isolamento aos quiosques. A largura do lote disposta na rua Fortaleza é tripartida no projeto.



Figura 6 e 7. Restaurante Chapéu de Palha, s.d.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ

Na porção central no eixo do terreno está o acesso pavimentado em tijolo com o edifício principal alinhado ao eixo visual. A largura de 30,00 m na menor porção do lote é repetida na maior, na qual o eixo do círculo do edifício principal é posicionado. Os quiosques estão dispostos nas outras duas porções com a vegetação existente e "enquadrados na geometria" em simetria latente. Observa-se nas fotografias que a solução tripartida do projeto não é aplicada. Acredita-se que o ajuste é realizado pelo arranjo das árvores e provavelmente pelo orçamento necessário para a maior pavimentação. A pavimentação em tijolo aparente do projeto é substituída por uma peça

hexagonal e pré-moldada em concreto no local. Os quiosques com 4,50 m de diâmetro e 15,90 m² de área coberta são apoiados por um único pilar central em acariquara com uma estrutura radial em madeira na cobertura para o cobrimento em palha. O mobiliário nos quiosques é rústico e fixo, dispostos de forma concêntrica à mesa circular - fixada ao pilar e com um banco coletivo com uma abertura que permite o acesso. Esses quiosques estão localizados conforme a disposição das árvores existentes no lote e são utilizados para happy-hour ou para drinks e snacks aos clientes que aguardam uma mesa disponível no edifício principal. Esta organização das partes do restaurante não é inovativa. É típica, mas incomum em Manaus na década de 1960.

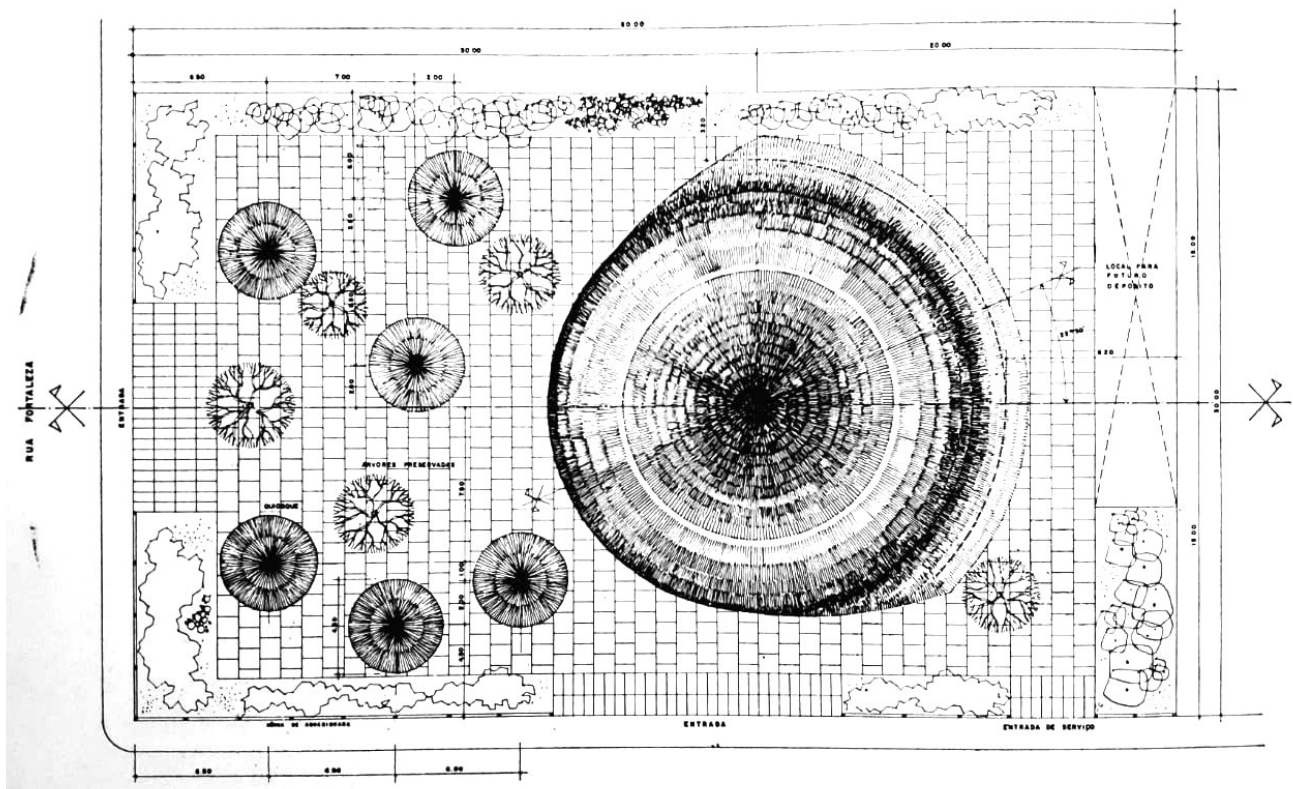


Figura 8 - Restaurante Chapéu de Palha. Implantação, 1968.
 Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

O edifício principal tem aproximadamente 430,00 m² com planta circular e distribui as partes do programa a partir de círculos concêntricos. O primeiro raio tem 10,20 m de diâmetro e define o salão de refeições. Neste círculo, de forma equidistante, estão os 16 pilares, inclinados a 55° do solo. Os pilares são em acariquara e possuem aproximadamente 0,20 m de diâmetro. São fixados em uma sóculo com base trapezoidal em concreto armado. Os pilares são conectados por vigas em acariquara em menor diâmetro, e formam três cintas em distintas alturas. Estas vigas estão a 2,50 m, 4,60 m e 6,70 m de altura. No "plano" das vigas, há hastes de madeira contraventadas para estabilizar o esforço horizontal. A partir do espaço principal, o segundo raio com de 13,00 m, ao norte do terreno,

está o setor de serviços. A ambientação interna do edifício também é rústica e artesanal com mesas em madeira, cadeiras de vime e luminárias em formato de chapéu de palha.

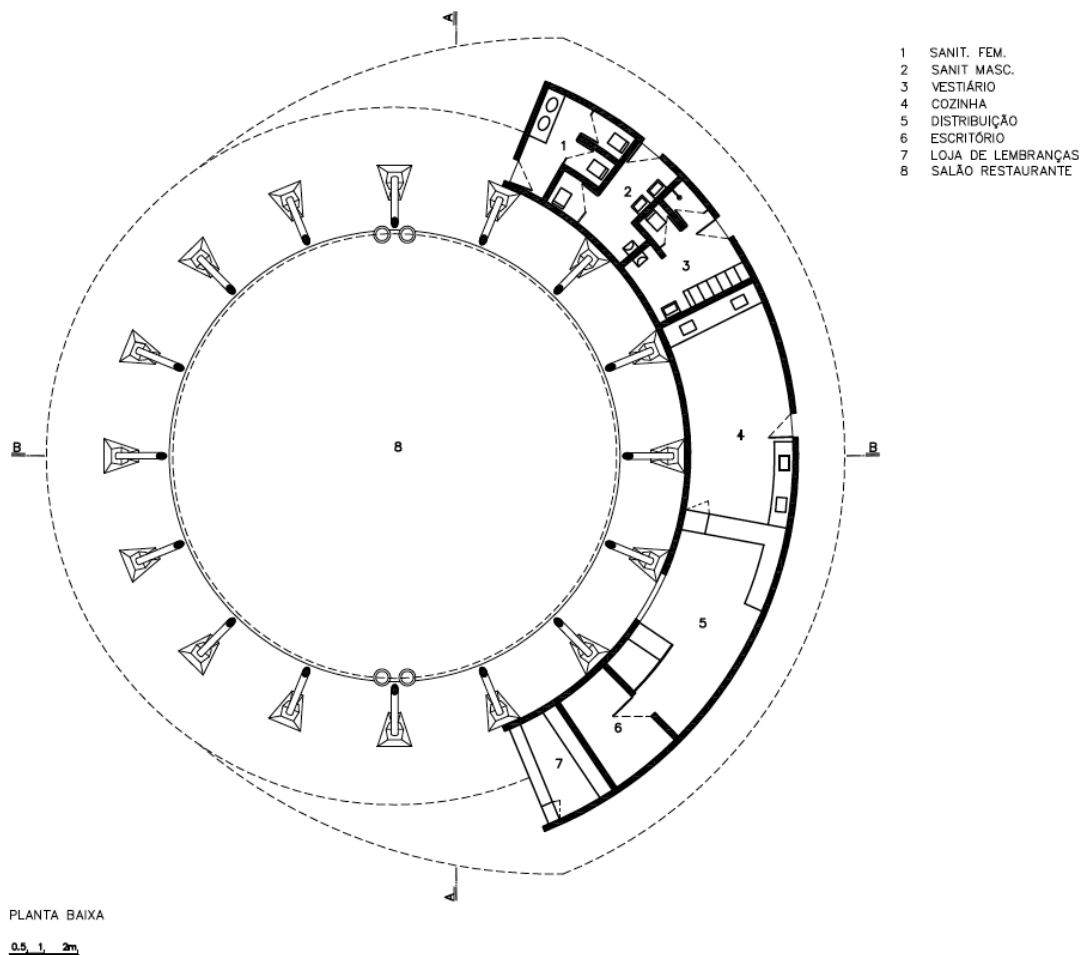


Figura 9 - Restaurante Chapéu de Palha. Planta.
Fonte: Autor, 2020⁸

Na porção norte do edifício principal está o setor dos funcionários construído em tijolos cerâmicos com seis furos aparentes e contra-fiados. Acima de 2,10 m da alvenaria são dispostas esquadrias em madeira de 0,50 x 0,70 m e acompanham o desenho circular. A planta em meia-lua é composta pelos sanitários masculino e feminino, vestiário para os funcionários, cozinha e distribuição dos pratos, escritório e loja com lembranças. O acesso para este setor não ocorre diretamente ao salão principal. Há um amplo passador na distribuição dos pratos para o funcionamento do restaurante e nas extremidades a loja para atendimento aos clientes e o sanitário feminino. Na circulação periférica externa ao edifício estão as portas e o acesso as demais partes deste setor.

⁸ Auxiliado em 2017 pela discente Vasilka Espinosa do curso de arquitetura e urbanismo da UFAM.

Ao entrar no edifício principal há um pé direito variável - na parte mais baixa, a 2,60 m, na estrutura da calha e 12,20 m no cume. O formato cônico da cobertura é marcado pelas pernambancas e os contraventamentos aparentes em acariquara da estrutura de cobertura e a palha. No ponto mais alto, os 16 pilares se encontram e há um tirante metálico para garantir a rigidez e a estabilidade do conjunto. O vergalhão desce da junção dos pilares até 7,60m do piso. Nessa extremidade do tirante, a haste se abre como um guarda-chuva invertido e cada ramificação se conecta a cada um dos pilares de acariquara.

A superfície é cônica da cobertura até se encontrar a estrutura da calha, a 2,60 m do chão. Neste encontro se configura um novo plano inclinado e define um outra água da cobertura, em sentido oposto, com uma inclinação de 18° até 3,90 m da altura do piso. Isso ocorre em uma parcela do círculo do edifício. Sobre o setor dos funcionários, a cobertura tem a mesma inclinação mas está em duas águas, em razão da maior área a ser coberta. Nas abas do chapéu, são colocados tirantes metálicos para assegurar a estabilidade. A água das chuvas é conduzida por correntes que chegam a cilindros em concreto armado com 0,60 m de diâmetro, dispostos dois a dois de forma simétrica no salão principal.

A utilização de materiais de construção *in natura* é observada na história da arquitetura e remete às formas primitivas ao construir um abrigo. O abade jesuíta Marc-Antoine Laugier publica em 1752 "*Essai sur l'architecture*" e enfatiza a visão racionalista da arquitetura, materializada na ilustração do frontispício da Cabana Primitiva em 1755⁹. O uso da planta circular amplia a implantação de edifícios em distintos lugares em paisagem natural e é bem aceito com a utilização de materiais primitivos. Esta relação entre natureza, homem e sociedade pode ser catalisada com a publicação de Alexandre Rodrigues Ferreira com a obra "*Viagem filosófica pelas províncias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-1792)*." A representação naturalista da maloca dos índios Curutu no alto rio Negro, em planta circular, é retratada com precisão¹⁰. Viollet le Duc registra a cabana primitiva de Vitruvius no século XIX e reforça na ilustração a planta circular como uma relação primitiva entre a forma arquitetônica e a natureza.

⁹BIERMANN, V. *et al. Teoria da Arquitetura*. Do renascimento aos nossos dias. Lisboa: Taschen Editora, 2003, p.310.

¹⁰ FERREIRA, A. R. *Viagem Filosófica ao Rio Negro*. Manaus: EDUA, 2007, p.23.

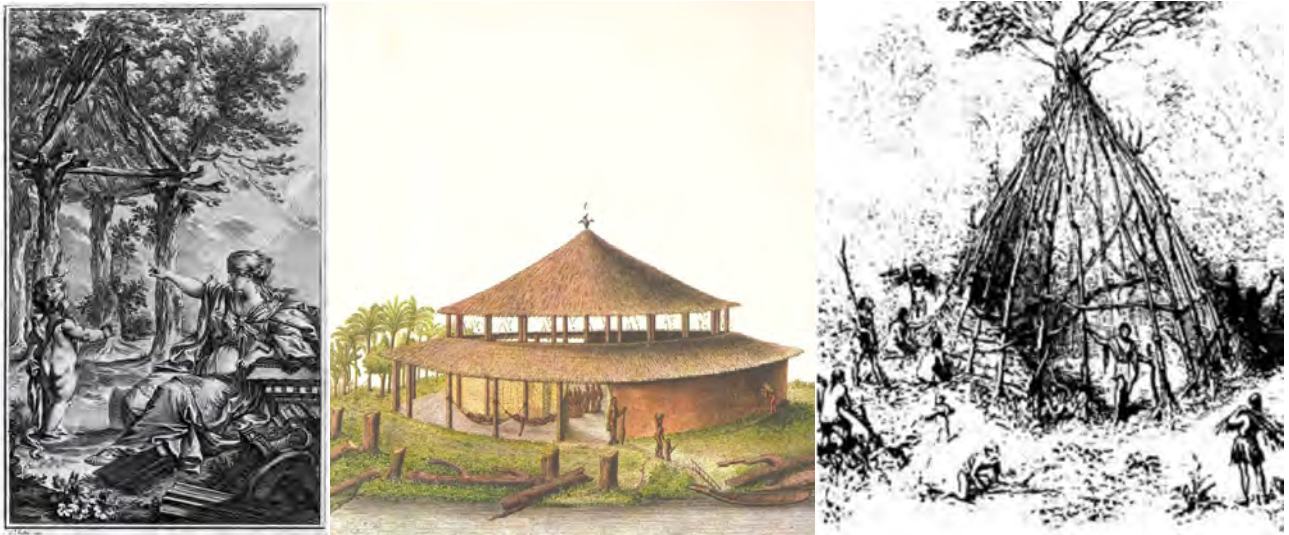


Figura 10, 11 e 12 - Cabana Primitiva de Laugier | Maloca dos índios Curutu por Alexandre Rodrigues Ferreira| Cabana Primitiva de Viollet Le Duc.
Fonte: BIERMANN, 2003, p.310. | FERREIRA, 2007, p. 23. | VIOLLET LE DUC, 2009, [s.n].

Um partido sem terreno determina escolhas arquitetônicas ao arquiteto. A planta circular é uma estratégia adequada à adaptação do partido às distintas possibilidades no anteprojeto, sem perder a essência. Esta geometria permite ajustes ao edifício para adequá-lo em implantações com diferentes terrenos e possibilita uma amplitude de recursos para efetivar os ajustes necessários e adequações ao clima equatorial, como os ventos predominantes e a orientação solar. Ainda que o Restaurante Chapéu de Palha possa permitir um olhar superficial sobre a utilização de um primitivismo estilístico, pelo uso dos materiais ou pelo nome do estabelecimento comercial, uma análise mais cuidadosa demonstra que o projeto é racionalista e moderno. Desde a sua concepção, na definição de um projeto sem terreno, na escolha dos materiais disponíveis aos recursos dos clientes, na solução estrutural escolhida e no detalhamento do projeto executivo, o partido original referencia o sombreiro mexicano e não a um chapéu de palha.

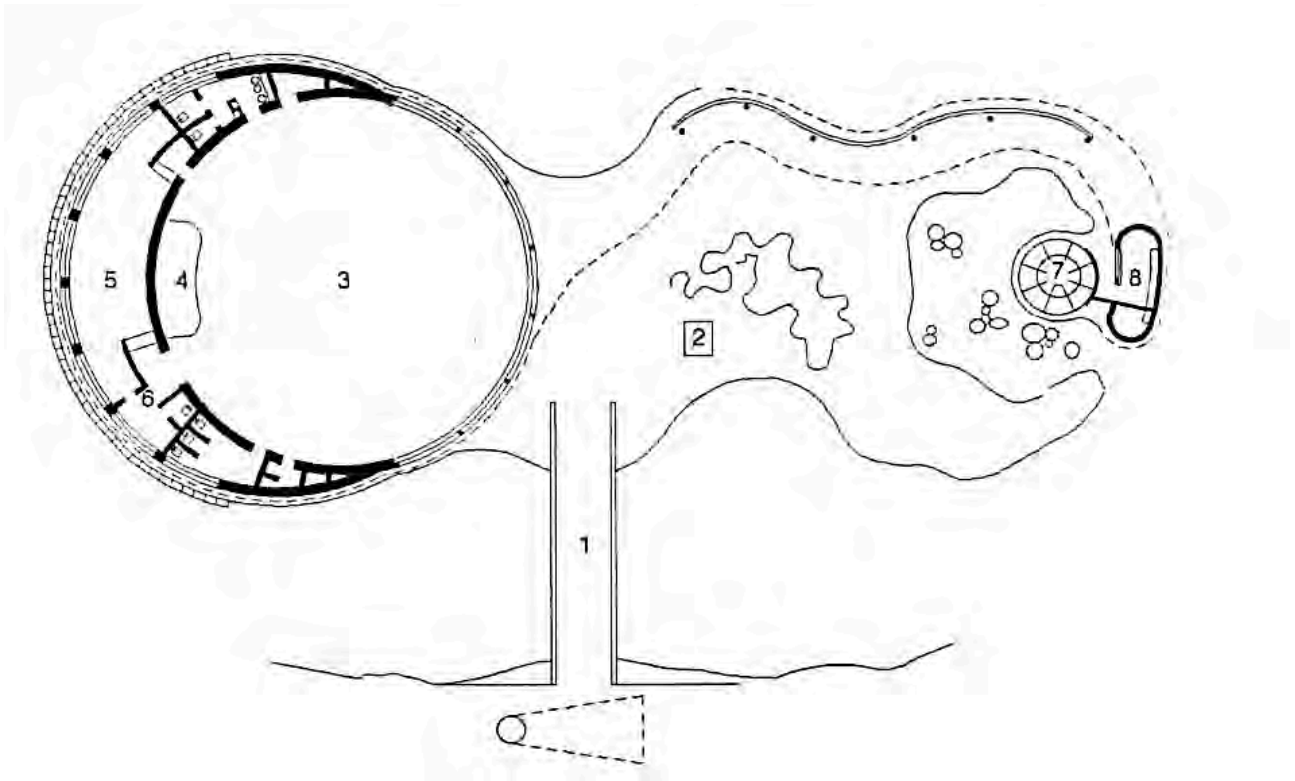


Figura 13 - Casa de Baile. Oscar Niemeyer (1942).
Fonte: MINDLIN, 1999, p.188.

Há referenciais visíveis na solução adotada por Oscar Niemeyer para a Casa de Baile na Pampulha (1942/1943) com o Restaurante Chapéu de Palha. Ainda que as condições de sítio e climáticas sejam bastante distintas, o partido e a disposição dos "espaços servido e servente" são semelhantes. Severiano Porto, como bom mineiro, bebe dessa fonte e mostra como a sua formação modernista na Faculdade Nacional de Arquitetura é presente em diferentes pagos.

A primeira experiência construtiva com os materiais nativos da região permite ao arquiteto algumas reflexões sobre o desenvolvimento dos projetos na Amazônia. A razão materializada nos desenhos técnicos, a utilização de materiais naturais e a mão de obra disponível necessitam de ajustes para a construção estar em harmonia. Da mesma forma, as ilustrações naturalistas ou a analogia formal ao sombrero mexicano precisam ser, construídas. O racionalismo estrutural é preciso como resultado do projeto arquitetônico como comprovam os desenhos arquitetônicos e o detalhamento do projeto.



Figura 14, 15 e 16 - Restaurante Chapéu de Palha, s.d.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, s.d. - NPD/UFRJ

Por outro lado, o contato mais próximo à mão de obra local e com os materiais da região, permitem ao arquiteto uma avaliação sobre novas maneiras de unir e fixar os distintos materiais, diferentes dos detalhes consagrados no Rio de Janeiro, conforme o modo de construir e trabalhar dos homens da floresta. Os detalhes construtivos com os encaixes projetados pelo arquiteto são incompreendidos pela mão de obra. É o início de um caminho próprio para a arquitetura na Amazônia do arquiteto. Severiano Porto demonstra nesta obra um comportamento diferenciado que independe de lugar, região ou condição. É inerente a qualidade arquitetônica e construtiva e inicia uma nova arquitetura em Manaus que permite afirmar que um arquiteto é determinante e o projeto é ponto de partida.

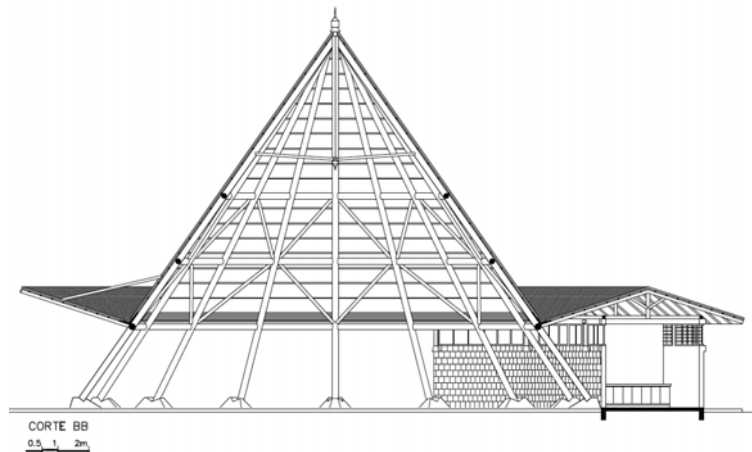


Figura 17 - Restaurante Chapéu de Palha. Corte.
 Fonte: Autor, 2020¹¹

¹¹ Auxiliado em 2017 pela discente Vasilka Espinosa do curso de arquitetura e urbanismo da UFAM.

5.4_SEDE ADMINISTRATIVA DA PORTOBRÁS (1969/1975).

As conexões litorâneas brasileiras facilitam os negócios da colônia portuguesa no século XVI e determinam a ocupação inicial e a logística na costa atlântica. A interiorização da capital federal é manifestada em 1821 por José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) e materializada por Juscelino Kubitschek na inauguração de Brasília em 1960. Neste interim, Getúlio Vargas inicia a interiorização do país na década de 1930, com a "Marcha para o oeste".

Das grandes expedições à Amazônia desde o século XVII até a década de 1950, os caminhos pelas águas integram o país. Nos primórdios o transporte aéreo brasileiro tem uma rota "litorânea" desde Iquitos no Peru, cruzando o rio Amazonas e percorrendo o litoral atlântico até Rio Grande/RS por intermédio das estações hidroviárias. Há importância vital do rio Amazonas na conexão entre o Pacífico e o Atlântico no continente. A implantação das turbinas à jato nas aeronaves durante a Segunda Guerra Mundial gera uma nova autonomia aos voos. Aliada a nova tecnologia, a construção das pistas de pouso em locais estratégicos neste período paulatinamente substitui os hidroaviões pelas aeronaves. As estações hidroviárias espalhadas nos rios e no litoral perdem a sua função. O aeroporto pode se distanciar das vias aquáticas e as rotas aéreas não necessitam mais do apoio das águas.

A conexão entre os rios no interior do país não é tão simples como a litorânea. Em 1943 é criado o Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais - DNPRC, com a função de supervisionar qualquer obra em cursos d'água no Brasil¹. A integração da bacia do Amazonas e a bacia do Plata é objeto de um estudo preliminar realizado em 1954 pelo engenheiro Paulo de Menezes Mendes da Rocha (1887-1967) e representa a possibilidade de uma "segunda costa no continente"². As diferenças no relevo brasileiro exigem desafios à engenharia e dificultam uma integração fluvial. Em 1963³ o Ministério dos Transportes extingue o DNPRC e cria o Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis - DNPVN, uma autarquia federal com a responsabilidade de supervisionar as atividades portuárias no Brasil. As instalações no Porto de Manaus não atendem mais a demanda necessária e em 1969 é definida a

¹ DECRETO-LEI Nº 6.166, DE 31 DE DEZEMBRO DE 1943, disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-6166-31-dezembro-1943-416432-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 10 de maio de 2020.

² ESCOLA Politécnica da USP. **Dr. Paulo de Menezes Mendes da Rocha - 1943-1947**. Site. Disponível em: <<https://www.poli.usp.br/institucional/diretoria/galeria-de-diretores/prof-dr-paulo-de-menezes-mendes-da-rocha>>. Acesso em 18 de setembro de 2019.

³ LEI Nº 4.213, DE 14 DE FEVEREIRO DE 1963. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Leis/1950-1969/L4213.htm>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

construção de uma nova sede⁴. Em 1975 o presidente Ernesto Geisel extingue o DNPVN e funda a Empresa de Portos do Brasil S.A - PORTOBRÁS⁵.

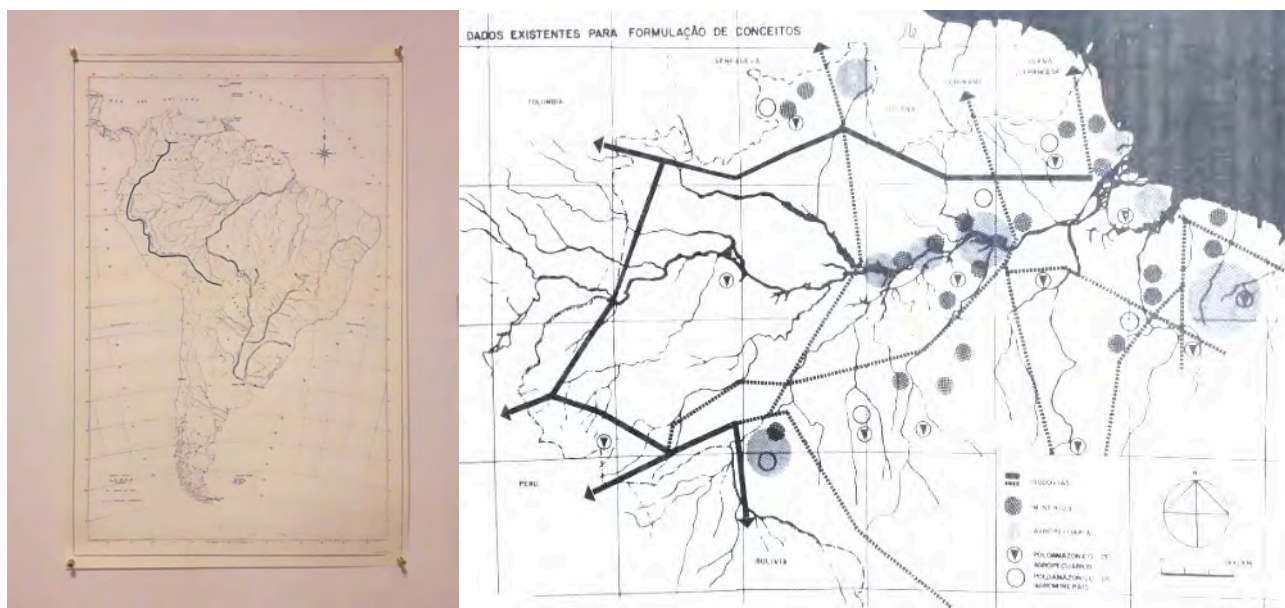


Figura 1 e 2 - Interligação das bacias do Plata e Amazonas - Paulo de Menezes da Rocha, 1954 - Ocupação Paulo Mendes da Rocha - Itaú Cultural, 2018 | Modelo Hidráulico da Amazônia - Sérgio Bernardes, 1977
Fonte: CERETO, 2020. | LIC, 1977.

Se a intensidade das obras de infraestrutura nos primeiros anos da ditadura militar no Amazonas é marcada pela construção de usinas termelétricas no Estado, a crise petrolífera em 1973 abala a credibilidade do modelo da Zona Franca de Manaus. A industrialização ainda está em processo de implantação no Amazonas e é questionada pela viabilidade energética. A partir de 1975 o ritmo das grandes obras reduzem de forma gradativa na região e projetos de maior envergadura são interrompidos. Neste momento de retração, o Laboratório de Investigações Conceituais - LIC, chefiado por Sérgio Bernardes no Rio de Janeiro, propõe em 1977 o Projeto Brasil⁶. O estudo prioriza a continuidade das discussões anteriores sobre as conexões entre os rios brasileiros. A ligação fluvial entre o estado do Amazonas e o então território de Roraima⁷ compete a PORTOBRÁS. Esta conexão passa pelo rio Branco e pelo

⁴ DNPVN facilitará navegação longo do rio Madeira. *Jornal do Comercio do AM*, Manaus, 15 de julho de 1970, p.2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 08 de maio de 2020.

⁵ DECRETO Nº 76.925, DE 29 DE DEZEMBRO DE 1975. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20150206031515/http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=191322&norma=206117>>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

⁶ LIC-SBA. **Bônus Patrimoniais/Capitalização do Solo Urbano**. Rio de Janeiro: Laboratório de Investigações Conceituais/Sérgio Bernardes Associados, 1977, p.33.

⁷ Sérgio Bernardes realiza o plano urbanístico parcialmente implantado em Caracará e o edifício da Prefeitura Municipal, inaugurado em 1979. O Escritório Severiano Porto Arquitetos Associados constrói uma residência e o Reservatório e Mirante de Caracará (1975/1976).

porto de Caracarái/RR⁸ e em razão das corredeiras que impedem a navegação a partir deste porto em direção a Boa Vista, a conexão viária ocorre por estrada até capital macuxi. Esta logística complexa é facilitada com a conclusão da rodovia BR-174 em 1978, com a conexão de Manaus à Boa Vista e posteriormente à Venezuela. Ainda que a estrada estivesse concluída após as diversas batalhas entre os militares e os *Waimiri Atoaris*, a substituição das pontes de madeira pelas de concreto, e, a piçarra pelo asfalto ocorre somente em 1998.



Figura 3 - PORTOBRÁS.
Fonte: Google earth, 2020.

A escolha do local para as novas instalações da PORTOBRÁS é condicionada a disponibilidade de áreas pertencentes ao Exército em Manaus. As glebas ocupadas pelos militares na área urbana estão localizadas em maior parte na zona oeste da cidade, entre a praia da Ponta Negra e o centro histórico. Em 1969, o sítio é ocupado pelo Grupamento de Elementos de Fronteira⁹ na antiga estrada da Ponta Negra (atual avenida Cel. Teixeira) no extremo oeste destas terras, lindeiro a um condomínio residencial e nas margens do rio Negro. A área é ampla com 37,00 ha.

⁸ NASCIMENTO, C. *et al.* Caracarái e o olhar de Sérgio Bernardes sobre Roraima. **Revista Amazônia Moderna**, UFT, Palmas, v. 2, n.3, p.84-105, novembro de 2018. Disponível em <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/amazoniamoderna/article/view/6208>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

⁹ REGIÃO Mendonça Furtado: 12ª Região Militar. **Histórico**. Site. Disponível em: <<http://www.12rm.eb.mil.br/historico.html>> Acesso em: 10 de maio de 2020.

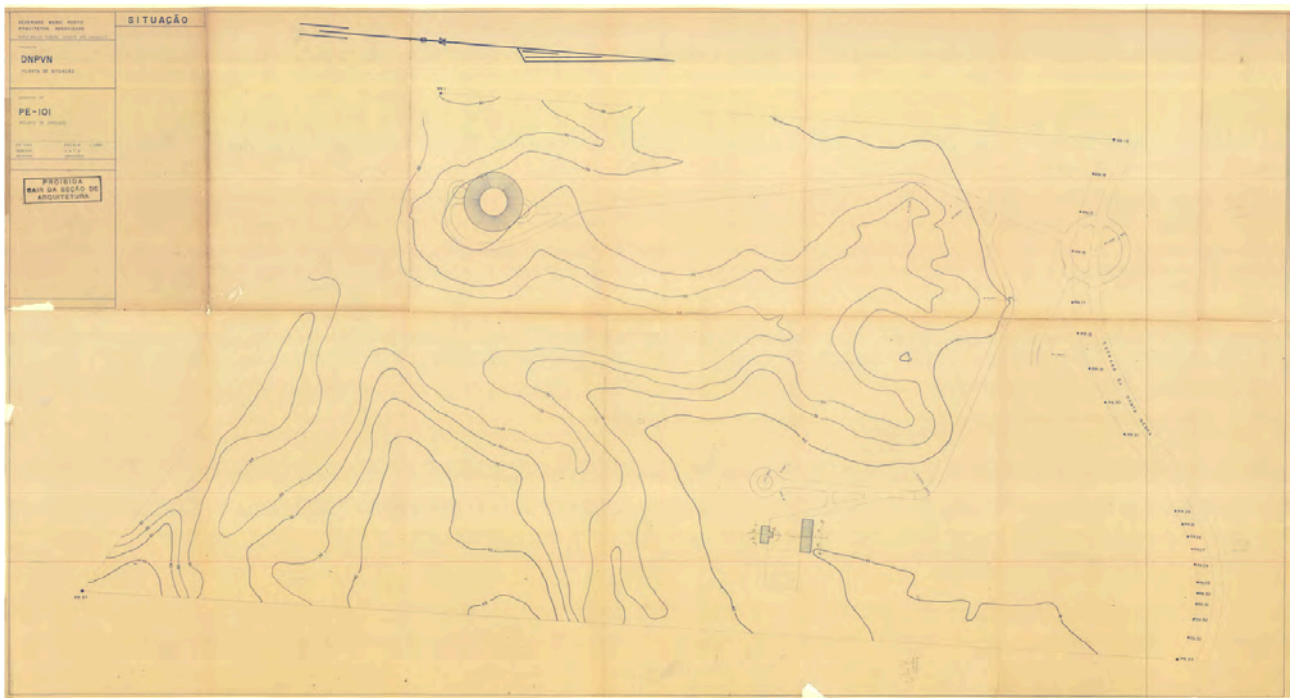


Figura 4 - PORTOBRÁS. Planta de situação com curvas topográficas, 1969.

Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A poligonal do terreno tem forma similar a um trapézio com o rio Negro ao sul e a avenida ao norte. A topografia é descendente em direção ao rio, da cota 40,00 m para a 25,00 m no sentido longitudinal. No sentido transversal há um vale na cota 25,00 m que impede a utilização de boa parte do terreno em razão do charco. Esta geografia amazônica divide a implantação em dois meridianos. A sazonalidade do rio Negro demarca uma praia no período da vazante. No período da cheia permite que barcos fiquem atracados. O programa de necessidades para o projeto abrange uma sede administrativa, escola, alojamento, setor residencial, hotel de trânsito, escritório, garagem, estação de rádio e clube. Somente parte destas instalações são construídas conforme o projeto realizado.



Figura 5 - PORTOBRÁS, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto

O projeto realizado por Severiano Porto e equipe do escritório SMPAA é estruturado com a ocupação parcial ao redor do pântano por duas vias paralelas e longitudinais ao terreno, situadas nas margens leste e oeste. A ocupação do terreno com as partes do programa ocorre na margem do rio, próxima a avenida e ao longo das vias de acesso ao terreno. A estratégia do partido geral abrange os platôs existentes. O zoneamento das atividades é separado em públicas e privadas aos servidores. Na entrada ao leste estão distribuídas as atividades destinadas as facilidades dos servidores militares, como o setor residencial, o hotel em trânsito e o clube. A entrada ao oeste, com acesso público restrito, está a sede administrativa. A mata no centro do terreno é preservada pela condição topográfica e garante a necessária privacidade visual entre o público/privado. Uma via perimetral une os dois acessos e distribui as outras atividades do programa como a escola, o alojamento, o castelo d'água, a central de energia e os depósitos.

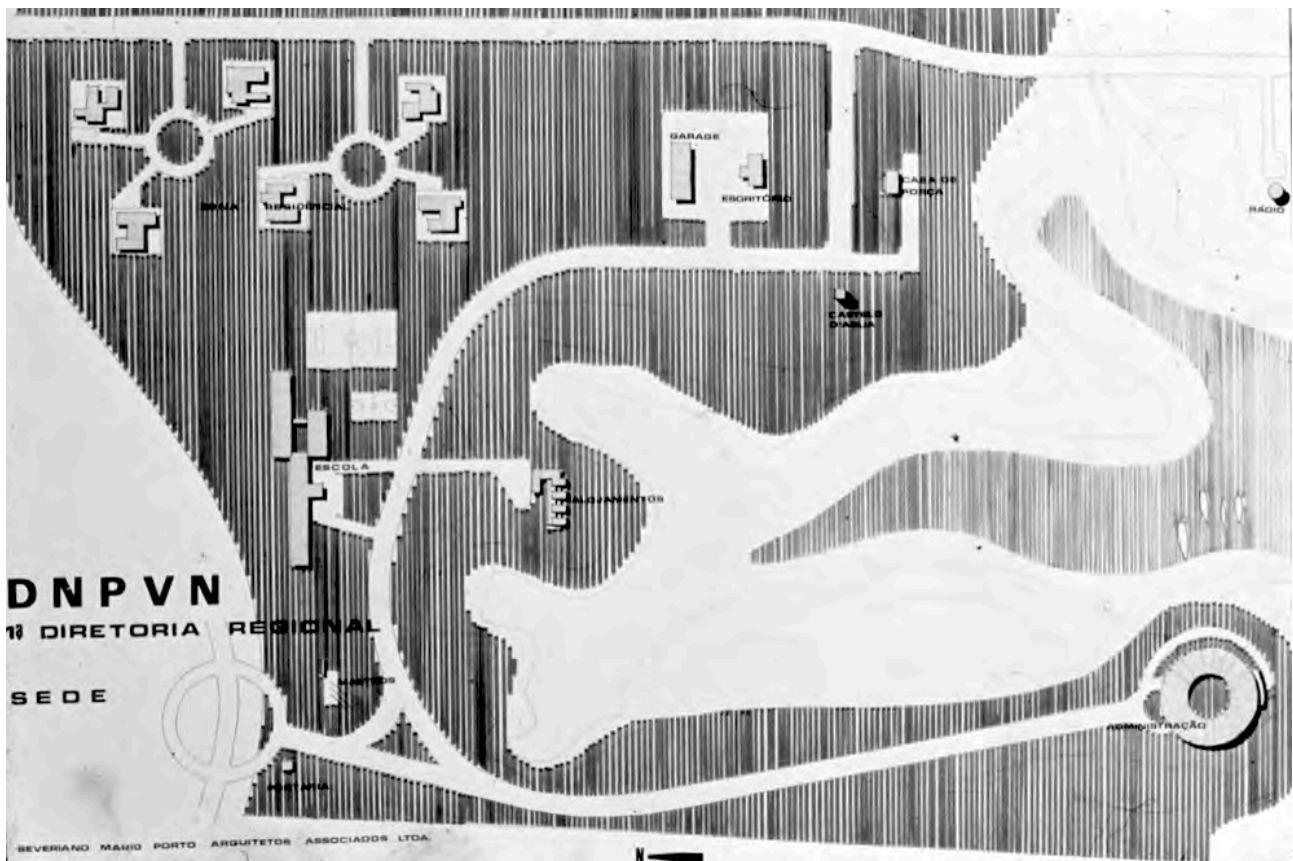


Figura 6 - PORTOBRÁS. Implantação, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

As cheias e vazantes dos rios amazônicos definem mudanças na paisagem e estabelecem condições específicas para a ocupação da orla, ora pelos beiradões - barrancos formados pelas falésias no rio Negro, ora pelas dificuldades de ocupação em terrenos baixos. A solução palafítica e os flutuantes são as mais utilizadas pelos ribeirinhos para as habitações. Além disso, as praias nos períodos de estiagem dificultam a logística fluvial. Por outro lado, a construção de um edifício junto ao rio é uma atrativo paisagístico e não experimentado por Porto em tempos remotos de legislação ambiental.

A sede administrativa está contígua ao rio Negro em uma posição particular: uma península na porção oeste da gleba. Esta condição permite uma aproximação ao rio Negro e facilita a conexão modal. Inserir o edifício como um marco representativo na orla da cidade aproxima o escritório das experiências realizadas por Sérgio Bernardes. Anos antes de elaborar o Projeto Brasil, em 1962 o arquiteto carioca é contratado pela Companhia Tropical de

Hotéis¹⁰ para elaborar os projetos de hotéis na Paraíba e no Amazonas. Estas propostas partem da integração a paisagem por geometria simples e planta circular.

Em João Pessoa, o Hotel Tambaú (1966/1970) é implantado em um banco de areia¹¹ entre a avenida Almirante Tamandaré e o mar. O eixo do edifício está alinhado a avenida Olinda entre as praias de Tambaú e Manaíra e cria uma conexão visual com a cidade. A inserção na paisagem é materializada pelo talude verde, voltado à cidade e pelo plano inclinado marcado pelos pilares em concreto armado, voltado ao mar. O partido circular tem a ocupação do anel externo com os apartamentos, enquanto o pátio é ocupado com espaços recreativos, administrativos e com a torre d'água com um marco visual.

No Amazonas, Sérgio Bernardes realiza dois projetos para o Hotel Tropical Manaus. Ainda que o edifício esteja na margem do rio Negro, ambos os projetos são mais introspectivos que o Hotel Tambaú. O primeiro projeto (1963) é organizado sob uma calota hemisférica com 300,00 m de diâmetro, com um edifício cilíndrico e suspenso no centro da composição com os 400 apartamentos. É uma referência a Geodésia de Richard Buckminster Fuller (1895/1983) desenvolvida nos anos 1950. Uma segunda versão do projeto é realizada em 1970, com a alteração da cúpula geodésica para um cobertura cônica, com o cilindro dos apartamentos externo a ela. Ambos os projetos são paradigmáticos e marcantes na construção de um imaginário amazônico de arquitetura universal e são manchetes dos periódicos semanais com expectativa na sociedade. Em 1970, a Companhia Tropical de Hotéis decide implantar o estilo neoclássico em Manaus o que determina a inevitável saída de Sérgio Bernardes da elaboração do projeto.

A implantação de um edifício em uma península não é uma novidade na arquitetura brasileira. O Hotel Tambaú de Bernardes em João Pessoa é uma referência não somente pelos aspectos arquitetônicos, mas pelas relações entre os dois escritórios. Assim como Mario Emilio Ribeiro trabalha com Sérgio Bernardes no início da trajetória profissional na década de 1950, o arquiteto Vicente Más Gonzalez (1939) integra a equipe carioca no

¹⁰ PAIVA, R. *et al.* Tropical Hotel de Manaus (1963) de Sérgio Bernardes: turismo, utopia e modernidade. In: MOREIRA, F. D. **Anais do 11º Seminário Docomomo Brasil**. O campo ampliado do movimento moderno. Recife:UFPE, 2016.. Disponível em <http://seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/sessao%2017/DOCO_PE_S17_PAIVA_PAULA_MACIEL.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

¹¹ ROCHA, G; TINEM, N. ; COTRIM, M. Hotel Tambaú, de Sérgio Bernardes. Diálogo entre poética construtiva e estrutura formal. **Arquitextos**, São Paulo, ano 18, n. 206.00, Vitruvius, jul. 2017 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.206/6627>>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

desenvolvimento do projeto do hotel na Paraíba. "Paquito" se forma em 1968 na FNA e se muda no mesmo ano a Manaus para trabalhar no escritório SMPAA¹².



Figura 7, 8 e 9 - Hotel Tambaú | Hotel Tropical Manaus- versão 1 | Hotel Tropical Manaus - versão 2, s.d.
Fonte: Acervo Sergio Bernardes - NPD/UFRJ

Para Severiano Porto, a primeira oportunidade de construir um edifício junto ao rio Negro é mais uma experimentação na Amazônia. Se a maré interfere na arquitetura construída na orla, na Amazônia as restrições são maiores. No rio Negro a oscilação das águas é vertical e atinge 12,00 m. Diante deste cenário, o escritório recorre ao cotograma do Porto de Manaus, com as medições dos níveis históricos das cheias desde 1902. Segundo Porto, "a escolha da cota de referência é definida pela cota da cheia de 1953¹³, acrescida de 1,00 m."¹⁴ Esta instrução é aplicada ao projeto e o edifício é implantado no platô da cota 35,00 m .

O partido do edifício em forma geométrica simples tem pequenas adições na planta circular com ocupação em anel periférico e pátio interno. O terreno inclinado exige uma base regular. Uma base radial é constituída com um muro de contenção em concreto armado e revestido com pedra Jacaré em cantaria. Esta contenção parte do nível mais baixo ocupado e configura um pavimento até o piso de acesso aos visitantes, elevado a 1,20 m. A fachada é tripartida com o embasamento em pedra, os pilares em concreto armado com vedações em painéis em madeira e o entablamento discreto marcado pelos buzinotes salientes na platibanda em concreto armado.

¹² LIMA, M. **Modernidade Híbrida na Arquitetura Brasileira: projetos e obras de Severiano Mario Porto Arquitetos**. 2017. 338 f. Tese (Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017, p.117.

¹³ Até a data da entrevista, a cheia de 1953 foi a mais intensa no rio Negro. O nível das águas chega em 29,69 m. Em 2012 a enchente chegou a 29,97m.

¹⁴ Porto, Severiano. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

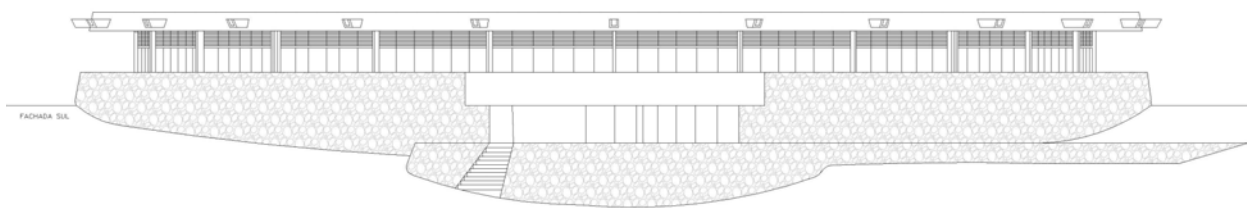


Figura 10 - PORTOBRÁS. Fachada sul, 2017.

Fonte: Autor¹⁵, 2017.

A ligação do edifício com a avenida ocorre a cerca de 600,00 m do acesso oeste, após o ingresso na portaria de identificação e controle, conforme o rito protocolar. A sede administrativa é projetada para acesso por automóvel ou barco. Pela via oeste se chega ao acesso norte, destinado ao público visitante, com uma rotatória e um *porte-cochère* que permite o ingresso protegido das intempéries. Uma bifurcação na via leva e ao rio na cota 29,00 m e a outra ao acesso sul, na cota 32,00 m. Esse desnível apresenta um subsolo escavado em parte do edifício com uma garagem e uma escada reservada que permite o acesso privado ao gabinete do Diretor. O acesso de visitante é oposto ao quadrante sul com a varanda panorâmica. O alinhamento destas duas polaridades estão rotacionadas em relação ao eixo da via, e se ajustam sobre o eixo norte-sul.

O edifício administrativo tem um programa convencional com hall de visitantes, recepção, sala de reuniões, biblioteca, mapoteca, escritórios, copa e banheiros, gabinete do Diretor, garagem e depósitos. O edifício circular tem 56,80 m de diâmetro e um vazio interno concêntrico com um raio com 12,75 m. A estrutura é porticada e independente em concreto armado. São 28 módulos radiais e equidistantes formados por dois pilares de 0,20 x 0,60 m separados por vãos de 9,00 m no eixo. No interior e no exterior, circulações radiais com 3,00 m de largura distribuem as partes do programa sob a laje em balanço. A flexibilidade da planta é uma característica do projeto e adequada ao uso administrativo. A planta é celular com compartimentação realizada pelos painéis em madeira com módulos a cada 1,25 m. Esta condição garante a adaptabilidade da planta a diferentes configurações e a permanência da edificação com certa integridade. Para garantir a flexibilidade da planta as instalações elétricas e hidráulicas estão dispostas sobre a laje de concreto com um shaft radial localizado no meio do vão da estrutura. As instalações sanitárias ficam dispostas no piso junto aos banheiros, únicos ambientes em alvenaria.

¹⁵ Auxiliado em 2017 pela discente Luiza Santos do curso de arquitetura e urbanismo da UFAM.

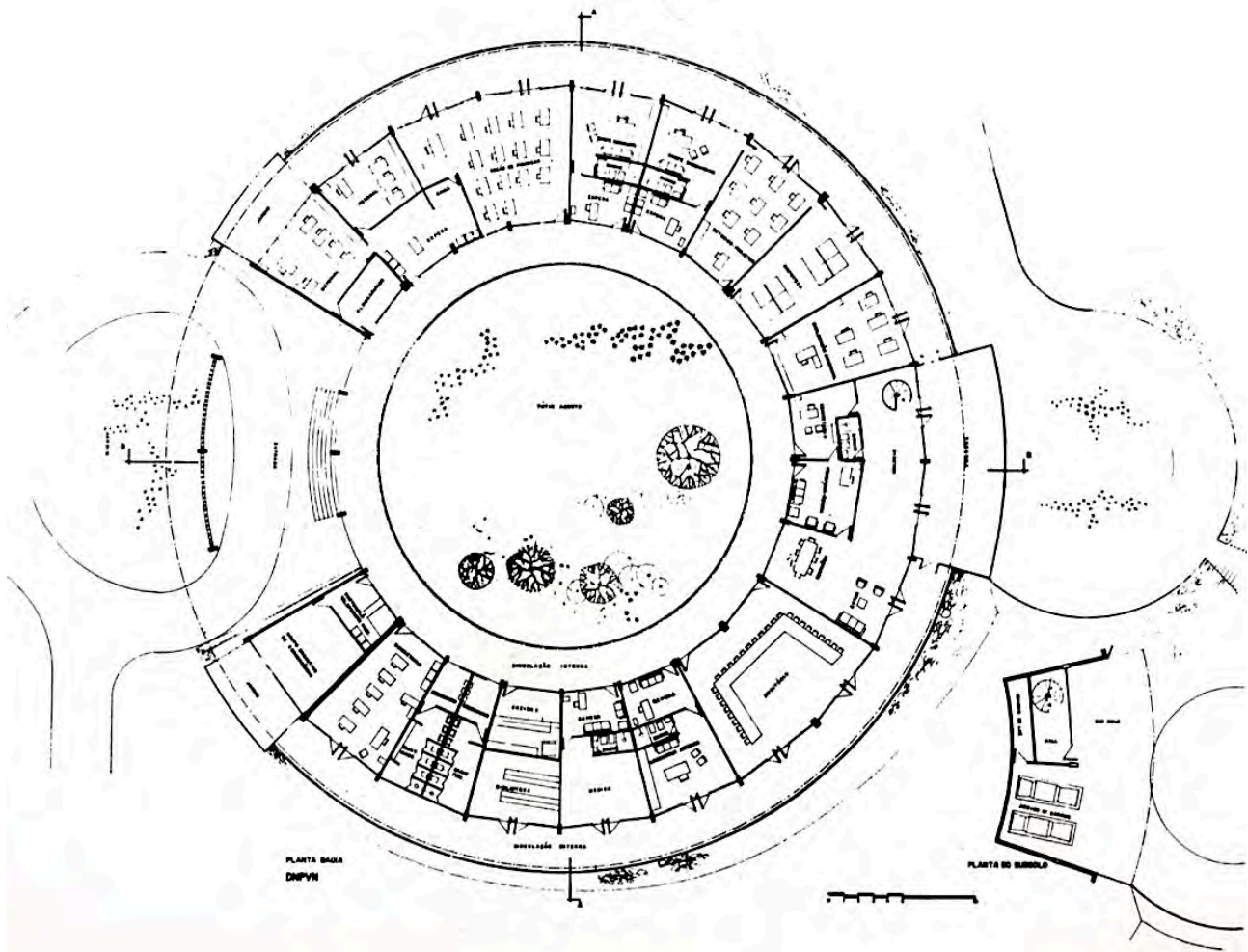


Figura 11 - PORTOBRÁS. Planta, s.d.
 Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

O acesso ao público ocorre na abertura perimetral nos quatro módulos estruturais ao norte. Entre os dois módulos centrais são instalados dois painéis de piso a teto de cobogós cerâmicos de 0.20 x 0.20 m. Nos outros dois módulos laterais estão dispostos os vãos para o ingresso e a saída do veículo. O desembarque ocorre em um ambiente protegido e se acessa uma escada revestida com a pedra Jacaré com seis degraus para o nível da circulação social e do pátio interno. A escada é alinhada aos dois módulos estruturais correspondentes aos painéis com elementos vazados. A entrada ainda é marcada por dois jardins projetados sobre o muro de arrimo que avançam a projeção do edifício com balcões em concreto armado. Estes jardins estão ao fundo do almoxarifado e do arquivo e ficam simetricamente dispostos nos dois primeiros módulos.

A planta é organizada em duas circulações: uma é social - de acesso direto contígua ao pátio interno; e a outra é restrita e reservada aos servidores como uma varanda compartilhada com vista panorâmica do rio Negro. A compartimentação das partes do programa de necessidades é determinada pelos módulos estruturais. Ao leste da

planta estão dispostos no primeiro módulo, após o ingresso na circulação social, o almoxarifado e armazenamento de materiais. Na sequencia são três módulos destinados a finanças e caixa, com acesso a varanda compartilhada. Dois módulos com os escritórios e um banheiro privativo em alvenaria integram as atividades administrativas. Nos próximos três módulos estão dispostos a sala de projetos, a mapoteca e a sala de estudos. No oeste da planta, o arquivo está no primeiro módulo seguido da sala da secretarias, sanitários feminino e masculino (em alvenaria), cozinha e refeitório e o auditório em dois módulos.



Figura 12 e 13 - PORTOBRÁS. Circulação social | Circulação restrita - Varanda Compartilhada, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto

O gabinete do Diretor está no quadrante sul em três módulos. O espaço é restrito com uma recepção e a sala do diretor. Uma escada helicoidal permite acesso ao subsolo com duas vagas de automóvel e um pequeno depósito. No gabinete há um amplo espaço para reuniões e recepções com vista panorâmica ao rio Negro. A continuidade da varanda compartilhada permanece no espaço do gabinete, mas com o devido controle de acesso em ambos os lados. No eixo visual da planta há uma sacada em concreto armado em dois módulos estruturais e emoldura a composição. A sacada e os elementos vazados no acesso principal se conectam em uma simetria latente. O gabinete do Diretor, tem conexão direta com a varanda compartilhada em ambos os lados, sem a obrigatoriedade de acessar a circulação social. O acesso privativo do Diretor a todos os subordinados é proporcionado pelo projeto através da varanda compartilhada. A hierarquia militar se mostra como um fator determinante para a escolha da planta circular. A funcionalidade das circulações necessárias para o funcionamento da autarquia é tão importante quanto o apelo paisagístico.

A compartimentação com os painéis em madeira ocorre no alinhamento dos pilares. Os ambientes têm forma trapezoidal com espaçamentos distintos nas vedações nos vãos junto a circulação social e a varanda comunitária.

Esta compartimentação permite distintas maneiras de ocupação, mas o vão entre os pilares possibilita a instalação de sete painéis de 1,25 m com a altura do pé-direito (3,00 m). Esta sistematização das dimensões e dos elementos de vedação é uma condicionante da industrialização prevista no projeto. A vedação e a compartimentação do edifício são realizadas com painéis em madeira com características distintas nas duas fachadas. O louro é utilizado nas esquadrias.



Figura 14 - PORTOBRÁS, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto

Ainda que o sistema estrutural seja porticado, são instaladas vergas entre os pilares de modo a separar a vedação em duas partes e garantir o alinhamento dos painéis sem faceteamento. A primeira parte tem 2,10 m de altura, seguido pela verga com 0,15 x 0,30 m. A segunda parte tem 0,60 m de altura e é padronizado nas duas fachadas com réguas móveis para a ventilação higiênica. A geometria da planta e das salas auxilia a ventilação cruzada. Junto a circulação social são utilizados três painéis com réguas móveis e uma porta de abrir revestida com uma folha em fórmica branca. Na varanda compartilhada a configuração é diferente. São seis painéis com o painel inferior em fórmica branca e o painel superior em vidro translúcido. Os aparelhos de ar condicionado são instalados em ambientes específicos na primeira parte no painel inferior e estão ocultos pelo alinhamento com o guarda-

corpo do muro de contenção revestido em pedra. Esta configuração estabelece outra hierarquia à planta: os ambientes climatizados são relacionados a patente militar.



Figura 15 - PORTOBRÁS, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto

É possível observar uma polaridade formal entre a sede administrativa da PORTOBRÁS e a primeira versão do Hotel Tropical de Bernardes. Ainda que ambos tenham a planta circular, a polaridade é na escala urbana. Ela ocorre pelo fato de ambos os projetos estarem em cabeceiras opostas na praia da Ponta Negra. Enquanto a sede administrativa está no leste, o Hotel Tropical Manaus está ao oeste da praia. Porto está atento ao projeto realizado por Bernardes em 1963 e observa uma oportunidade de diálogo entre os edifícios, como dois marcos nesta linearidade da paisagem da praia. Ainda assim, cada qual com a sua hierarquia. Se a cúpula geodésica demonstra a alta tecnologia e a sofisticação de um hotel internacional, a sede administrativa da autarquia é austera na paisagem amazônica.



Figura 16 e 17 - Teatro Amazonas | Palácio da Justiça, 2020.
Fonte: CERETO, 2020.

O projeto da sede administrativa da PORTOBRÁS está no contexto da produção brasileira nos anos 1970. A utilização do concreto armado, a preocupação com a industrialização da construção civil e a flexibilidade da planta são exemplos de estratégias utilizadas pelo escritório que o inserem neste contexto nacional. Por outro lado, o uso do embasamento em pedra na sede administrativa permite observar um significado mais amplo neste projeto. A boa arquitetura é atemporal e não está relacionada a períodos ou estilos. Ser moderno é também aprender com a história da arquitetura. O escritório conhece os exemplares arquitetônicos da *Belle Époque* e observa os pódios em pedra Jacaré no Teatro Amazonas e no Palácio da Justiça. Ambos os edifícios estão elevados sobre o solo em uma geometria criada que representa a intervenção humana sobre o ambiente selvagem na floresta. Edifícios humanistas que se elevam sobre um ambiente considerado selvagem aos olhos da burguesia do final do século XIX e representam a materialização de uma sociedade ideal na arquitetura. Este ato humanista da valorização do projeto arquitetônico como artefato criado pelo homem amplia a monumentalidade destes edifícios icônicos em uma espécie de "acrópole" que separa o público que utiliza o edifício, do público que o admira.

A sede administrativa da PORTOBRÁS reproduz este significado como um monumento que se admira pelo rio, como um farol no mar, indicando o caminho das águas. A metáfora com o ecletismo permite afirmar uma vontade projetual de experimentar sem preconceitos e estabelecer conexões pretéritas com um período no qual há protagonismo na Amazônia. Se em uma ponta da praia o Hotel Tropical de Sérgio Bernardes exala um requinte tecnológico, a sede administrativa da PORTOBRÁS deve apresentar uma sofisticação projetual.

5.5_RESIDÊNCIA RECIFE, 1435 (1971-1971). Demolida em 2003.

Após um período de adaptação pessoal e profissional em Manaus, Severiano Porto se torna um importante ator do desenvolvimento do Estado do Amazonas no anos 1970. A sua atividade profissional e o comprometimento com o desenvolvimento abrem novas frentes de atuação e possibilitam a sua participação e engajamento na esfera municipal, estadual e federal. Após a construção da primeira residência - Recife, 1762 em 1967 e da inauguração do estádio Vivaldo Lima em 1971, o arquiteto se consolida na cidade com uma trajetória profissional de sucesso na Amazônia, comprovada pelos diversos prêmios e condecorações.

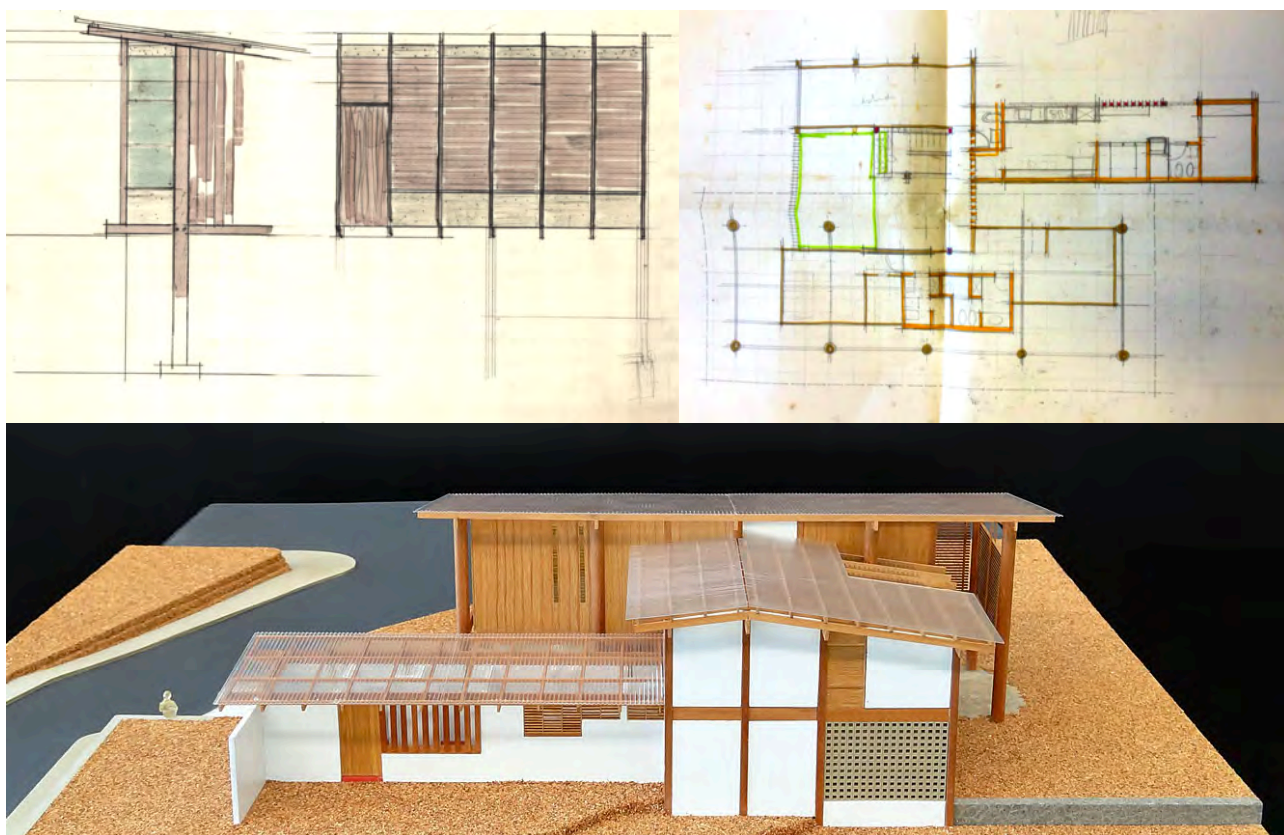


Figura 1,2 e 3 - Recife, 1435. Estudos, 1971 | Maquete, 2005.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, s.d. | OLIVEIRA, 2005.

As experiências acumuladas nesses seis primeiros anos de atuação na região proporcionam ao arquiteto um amadurecimento e uma expertise para desenvolver uma arquitetura com mais qualidade. Desde as escolhas projetuais, na pertinência das técnicas escolhidas, na definição dos materiais adequados até a gestão da obra nas diversas etapas da construção. Esta postura contribui para o seu reconhecimento na região e no Brasil. Em 1971 são

63 projetos¹ realizados na Amazônia². Passado o momento das dúvidas e incertezas à adaptação em Manaus, as crescentes oportunidades de trabalho definem a sua permanência na região norte.

Como gratificação de uma demanda profissional, Severiano e um dos seus sócios em Manaus, o Engenheiro Arnaldo Gomes da Costa recebem dois terrenos na rua Recife, a mesma via da primeira residência. Os lotes estão no lado oposto da Recife, 1762 e mais próximos ao centro da cidade. Ao contrário da residência no Cafundó - os lotes são urbanos com dimensões convencionais e inseridos em um loteamento com outras casas construídas. Severiano escolhe o terreno que está na esquina obtusa entre a avenida Mário Ypiranga (antiga rua Recife, 1435) com a alameda Luis Mendes (estrada Velha do Mindú).



Figura 4 - Recife, 1435.
Fonte: Google earth, 2020.

Em uma poligonal irregular, o terreno é resultado da união de um leque e dois retângulos, e tem área aproximada de 650,00 m². A topografia é simples. A casa está implantada com certa reserva em relação à principal via, rua Recife, favorecida pelo talude, e permite uma boa privacidade. Há seringueiras nesta parcela do terreno, e elas garantem um sombreamento eficiente para o sol da manhã. A orientação da fachada principal e o alinhamento do corpo da residência no eixo norte-sul exige um cuidado rigoroso com a proteção da fachada leste e a redução da carga térmica. Alinhar a forma do edifício na pior orientação é uma condição da geometria do terreno. Por outro

¹ Segundo o Índice do Acervo do arquiteto Severiano Mário Porto do NPD-FAU/UFRJ.

² Embora tenha utilizado a madeira como revestimento em boa parte dos trabalhos, utilizou como técnica construtiva apenas nos seguintes projetos: Escolas pré-fabricadas (não construídas), Secretaria da Produção (em parte dos edifícios), Residência Recife, 1762, Chapéu de Palha, Pousada para Caça e Pesca (não construída), Casa de Cultura, Igreja Nossa Senhora do Cavaco e na Granja da Polícia Militar.

lado, esta condição permite maximizar os ventos dominantes no quadrante nordeste, privilegiando o setor social, o setor de serviços e a suíte do casal.

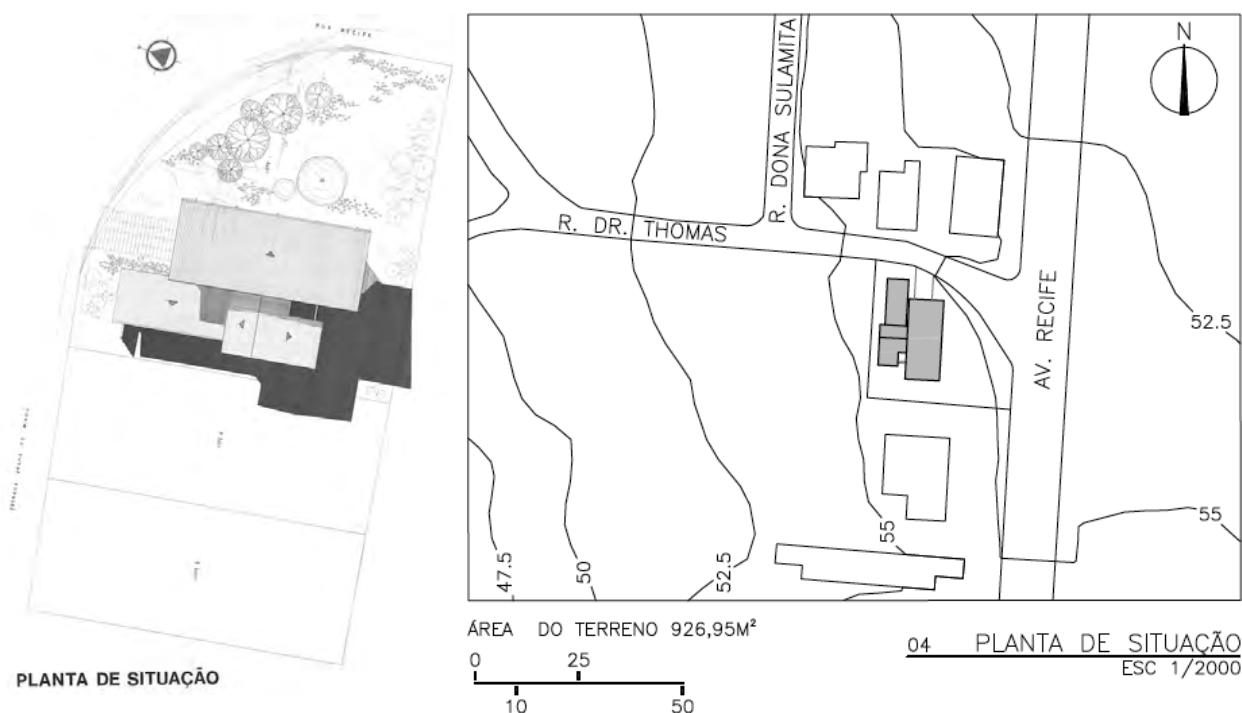


Figura 5 e 6 - Recife, 1435. Implantação.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/1971 | OLIVEIRA, 2005, s.n.

O volume do edifício é simples, mas os fechamentos e as porosidades estabelecem uma determinada complexidade. As relações entre a planta e o volume não são diretas. Formalmente se pode organizar o edifício em três partes: um "paralelepípedo" ao leste - alinhado ao eixo norte-sul, com dois pavimentos (área íntima e estar social); o segundo "paralelepípedo" ao oeste- alinhado ao eixo norte-sul , térreo (serviços); e um "cubo" que articula os dois paralelepípedos, com dois pavimentos (estar íntimo, sala de jantar, jardim interno e escritório). Os dois paralelepípedos têm cobertura em uma água e o cubo em duas águas. Geometricamente não são puros. Esta relação é ambígua, pois o arquiteto identifica os volumes pela experiência espacial com a utilização de elementos opacos e translúcidos, porosos e estanques em espaços descobertos e cobertos, abertos e fechados , interno e externo. Não há leitura volumétrica literal relacionada a setorização ou a planta.

No primeiro paralelepípedo ao leste do terreno, a estrutura da cobertura é independente das vedações. Este recurso permite a criação de um filtro para uma maior proteção da fachada leste e oeste ao sol e a chuva. São dez colunas colossais em itaúba com 0,40 m de diâmetro separadas a 4,20 m no sentido norte-sul e 5,20 m no sentido leste - oeste e sustentam a cobertura em uma água com telhas industriais inclinadas em 13 °. Na fachada leste, um beiral

com 2,50m protege as réguas horizontais em cedro das águas da chuva que unem as colunas. A fachada sul também tem a proteção com as réguas em cedro entre as colunas, mas um beiral menor: com 1,00m. A fachada norte tem uma solução diferente: o deslocamento o volume em madeira que protege o acesso à casa no térreo e se alinha na fachada oeste às colunas colossais.

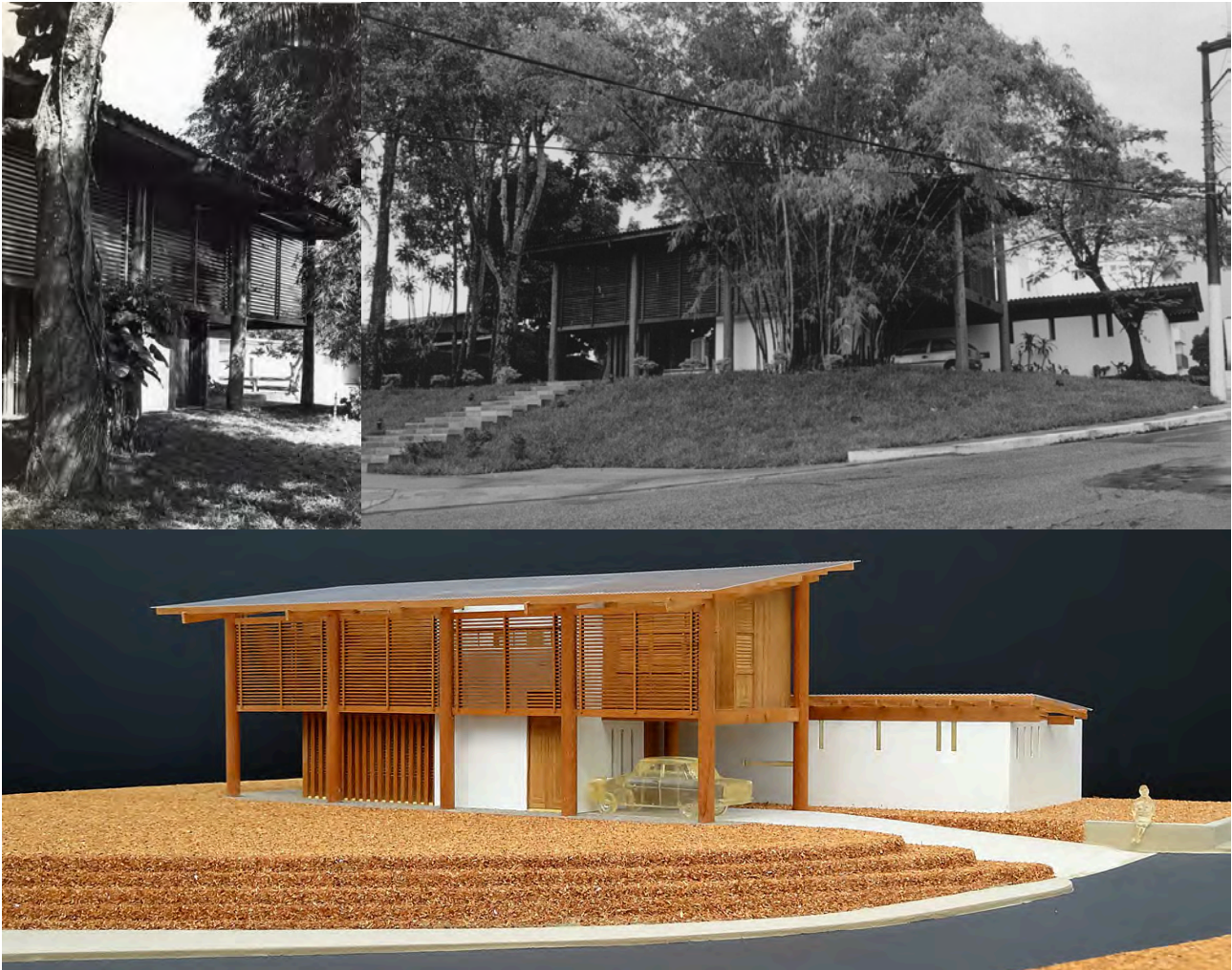


Figura 7, 8 e 9 - Recife, 1435. Fachada leste, 1971. | Maquete, 2005.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD-UFRJ /1971 | Acervo Severiano Porto - NPD-UFRJ /2002 | OLIVEIRA, 2005, s.n.

O segundo paralelepípedo ao oeste do terreno é paralelo ao primeiro, mas desalinhado. A estrutura é portante. A planta é térrea e tem o invólucro em alvenaria cerâmica a 2,20 m de altura, rebocadas e pintadas de branco. Os espaços entre as alvenarias e o plano inclinado da cobertura é fechado com muxarabis em madeira e têm - no sentido longitudinal, peças em maçaranduba com alturas distintas para garantir a inclinação em 13 ° do telhado. A parede norte deste setor tem a dimensão maior que o invólucro. Este recurso garante a privacidade para estender roupas em varais e também assegura a proporção áurea do plano. Na planta deste volume estão dispostos o lavabo

(integrando com o cubo), a cozinha, despensa, área de serviços, banheiro de serviços e quarto de empregada. O beiral tem 0,80 m na fachada leste e norte e 1,20 m junto a fachada oeste no ponto mais baixo do telhado.

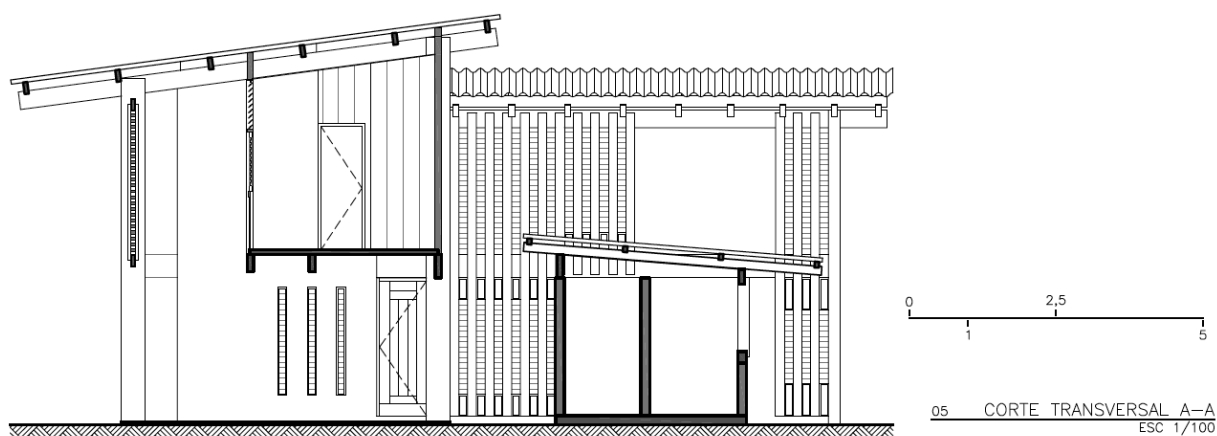


Figura 10 - Recife, 1435. Corte AA'.

Fonte: OLIVEIRA, 2005, s.n.

O cubo se integra aos dois paralelepípedos desalinhados e definem a composição da casa. O volume está inscrito no paralelepípedo ao leste com dois pavimentos e gera a penetração no seu interior das duas colunas colossais em itaúba da coberta: uma sobre o jardim e a outra entre os lances da escada em madeira. O contato com este volume é passivo. A pele ao sul está recuada em relação ao alinhamento da vedação do paralelepípedo ao leste e está dividida em cinco partes iguais. As três primeiras partes são moduladas em quatro colunas em concreto e preenchidas com cobogós - com vinte e duas fiadas por oito linhas de elementos vazados de concreto (0,20 x 0,20m). As duas últimas partes na pele ao sul configuram uma ala em dois pavimentos com pilares e vigas em maçaranduba e vedação, ora em alvenaria rebocada e pintada de branca, ora em elementos vazados em concreto. No fechamento no térreo da pele sul são utilizadas três folhas de correr nas portas com marchetaria.

No pavimento superior é utilizada a alvenaria e um painel em madeira com uma janela com réguas ventiladas em cedro de abrir. A fachada oeste do cubo tem a mesma dimensão do sul, mas não apresenta uma rígida modulação. O fechamento também é variável com porosidade e vedação. A fachada norte do cubo é porosa e formada por doze pilares em maçaranduba lavrada, com seção quadrada com 0,30 m de lado e com basculantes em vidro amarelo de piso a teto. Ao contrário dos dois volumes anteriores e estruturantes da composição, a cobertura do cubo tem duas águas inclinadas em 13 ° e uma particularidade: sobre o jardim não são colocadas as telhas somente as terças em madeira. Entre as terças são instalados vergalhões que impedem sinistros e também contribuem com o travamento

da cobertura. Esta condição potencializa a experiência espacial e sensorial e transforma o espaço do interior do cubo em um átrio amazônico.



Figura 11 e 12 - Recife, 1435. Átrio Amazônico.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD-UFRJ /s.d.

A distribuição da planta é conservadora. No térreo estão o setor social e de serviços e no segundo pavimento as duas suítes e o escritório / ateliê do arquiteto. O ingresso à casa ocorre pela alameda Luis Mendes ao passar pelo pilotis e o abrigo para carro no intercolúnio. Ao ingressar no hall, à esquerda, a sala de estar, em frente a escada e o jardim interno. Com um giro de 90° para direita, o plano vertical é formado por nove peças de maçaranduba lavrada com 0,30 m em seção quadrada e espaçadas com basculantes em vidro amarelo de piso a teto com a marcação da conexão com a sala de jantar, com o estar íntimo e a direita com o setor de serviços. A utilização de basculantes em cor amarelo atenuam a forte luminosidade equatorial nos ambientes expostos a luz solar e a ventilação cruzada é facilitada com os elementos vazados em concreto ao fundo do jardim interno e a cobertura sem telhas neste espaço.

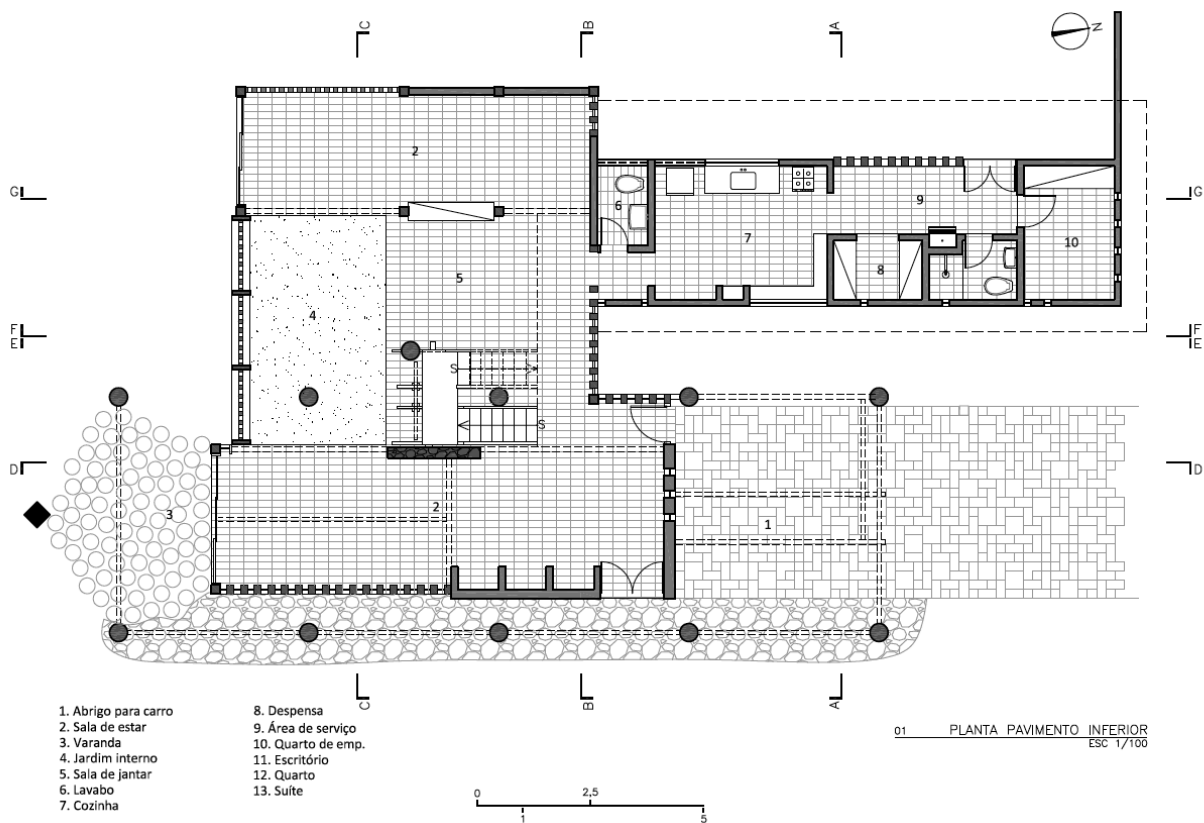


Figura 13 - Recife, 1435. Planta térreo.

Fonte: OLIVEIRA, 2005, s.n.

A sala de estar tem 3,00 m de largura por 9,80 m de profundidade, e apresenta uma amplitude visual ao exterior e interior nas demais partes do térreo. O piso é cerâmico em amarelo queimado (0,30 x 0,15m) e acentua a luminosidade âmbar no interior do espaço. Além desse fator, qualifica a luz branca equatorial. Junto a esquerda, se dispõem três nichos³ em alvenaria para armários e dezoito peças de maçaranduba lavrada com as basculantes de vidro amarelo de piso a teto. Ao fundo da sala de estar está uma porta de correr com três folhas em madeira com acesso à varanda, com piso em fatias de toras de árvores.

A escada em madeira é escultórica, tem dois lances em sentidos opostos e espaçados entre si de forma a inserí-la na modulação estrutural das colunas colossais da cobertura. Os sete degraus não tem espelhos e são distribuídos em cada lance com largura de 1,00 m e estão inseridos em duas peças laterais em madeira que os apoiam ao patamar e nos pavimentos. As seções das peças, dos degraus e do patamar são robustas e fixadas com entalhes e pinos. O patamar está apoiado nas quatro peças laterais dos lances. Estas peças distribuem a carga em uma viga em madeira que está apoiada em um pilar abaixo do patamar. Esta viga distribui o apoio da escada no pilar e no muro em pedra - entre o estar íntimo e o jardim interno. O apoio das peças laterais do lance da escada no segundo

³ Estes nichos estão inseridas as subidas e descidas das instalações hidrossanitária dos banheiros que estão logo acima, no pavimento superior.

pavimento é junto a viga em madeira colocada na extremidade ao longo da circulação. Um tirante em madeira abraça esta peça e é fixado a estrutura da cobertura, de modo a garantir a estabilidade do conjunto.



Figura 14e 15 - Recife, 1435. Escada.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD-UFRJ /s.d.

O jardim interno é um vazio descoberto e une visualmente os setores da casa e pavimentos. Esse átrio amazônico permite uma analogia ao comensalismo - com a associação acertada entre o natural e o industrial, entre os elementos de arquitetura e a natureza construída pelo arquiteto e como resultado desta conexão, o espaço - e particularmente neste caso, um ambiente. O átrio amazônico permite uma conexão ao pátios propostos por Bernard Rudofsky e Rino Levi na década de 1940 em São Paulo e remetem ao conceito de inscrição do jardim em uma poligonal regular do edifício, ora delimitado por uma fechamento virtual no plano vertical, ora no plano horizontal e também nos dois. Segundo Comas, Rudofsky "intercala pátio e construção coberta, isolando a edificação da rua com muros e vegetação". Na Residência Arnsteins (1939-1941) "térrea e sem telhado aparente, os jardins constituem parte de seus ambientes internos".⁴ Rino Levi utiliza este recurso geométrico nas Residências Milton Guper (1951/1952)⁵ e Castor Delgado (1958/1959)⁶. Levi em "A Arquitetura e a Estética das cidades" de 1925, defende que "a nossa fluorescente vegetação e todas as nossas inigualáveis belezas naturais podem e

⁴ COMAS, C. E. D. **Precisões brasileiras: sobre um estudo passado da arquitetura e urbanismo modernos**. A partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & cia, 1936-1945. Tese de Doutorado. Universidade de Paris VIII - Vincennes - Saint Dennis, Paris, 2002, p.205.

⁵ ANELLI, R. *et al.* **Rino Levi. Arquitetura e Cidade**. 2 ed. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2019, p.146.

⁶ *Ibid*, p. 210.

devem sugerir aos nossos artistas alguma coisa de original dando início às nossas cidades uma graça de vivacidade e de cores, única no mundo".⁷

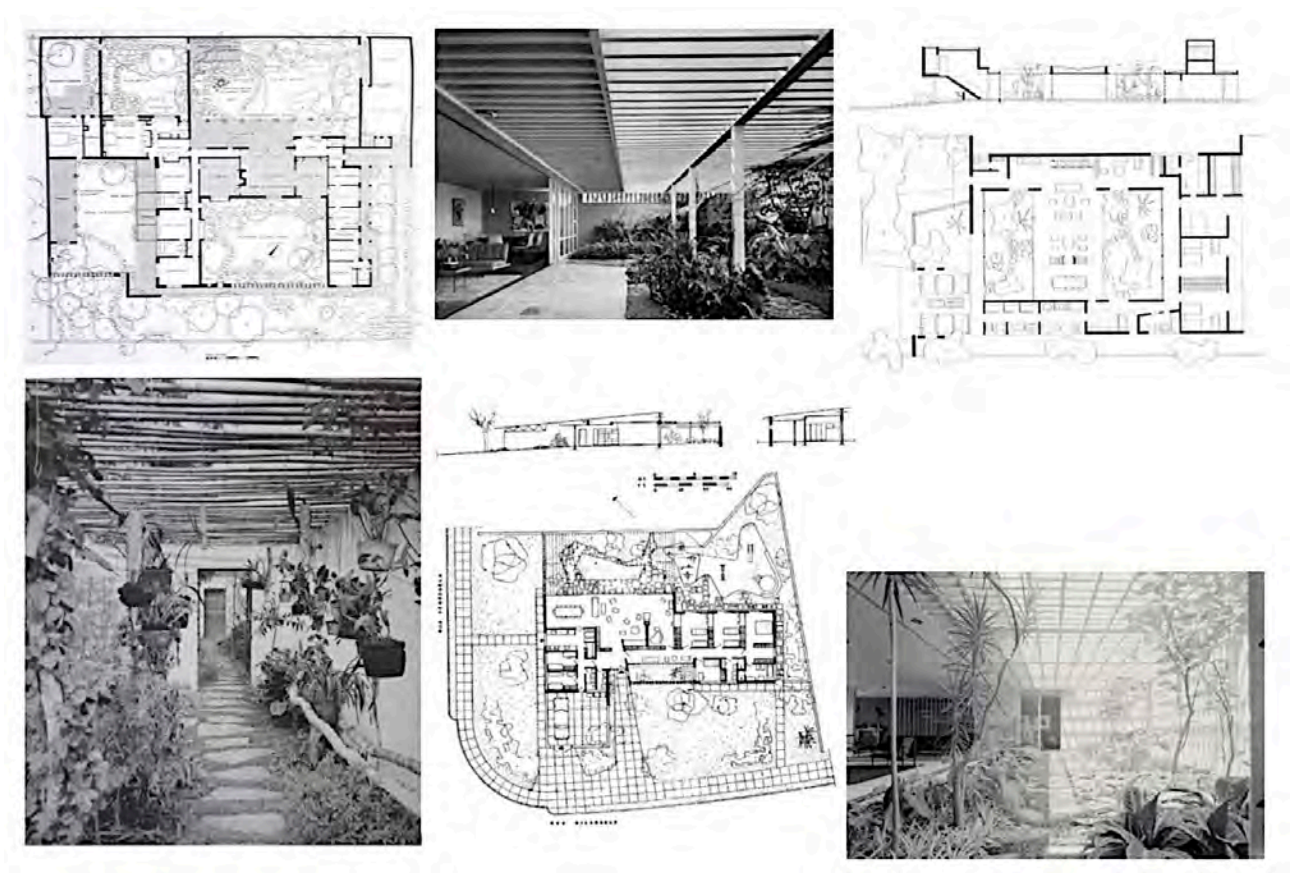


Figura 16, 17, 18, 19, 20 e 21 - Residência Arnstein (1099/1941), Residência Milton Super (1951/1952) e Residência Castor Delgado.
Fonte: GOODWIN, 1943 | Acervo Digital Rino Levi FAU PUC Campinas, s.d.

O fechamento do cubo com elementos vazados em concreto e com vergalhões entres as ripas da cobertura, configuram o espaço do jardim interno, e determinam uma singular solução amazônica, com distintas espécies desde samambaias suspensas por correntes na cobertura em diferentes alturas, a forração e espécies arbustivas que remetem a biodiversidade da floresta amazônica.

A sala de jantar fica entre a escada, o estar íntimo e o jardim interno. É limitada pelo piso em cerâmica amarelo queimado do térreo em um quadrado com 3,00 m de lado com o mesmo piso. Está em um espaço que tem o pé-direito duplo e assim como a escada é visualizada por todos os setores. O estar íntimo tem 2,50 m de largura por 7,50 m de profundidade, e assim como a sala de estar, a escada e o espaço para a mesa de jantar, tem o piso

⁷ LEVI, R. A arquitetura e a estética das cidades. In: XAVIER, A. (org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2003, p.39.

amarelo queimado e configuram os limites do jardim interno. Voltada ao oeste, é mais fechada e apresenta elementos vazados em concreto em parte da fachada.

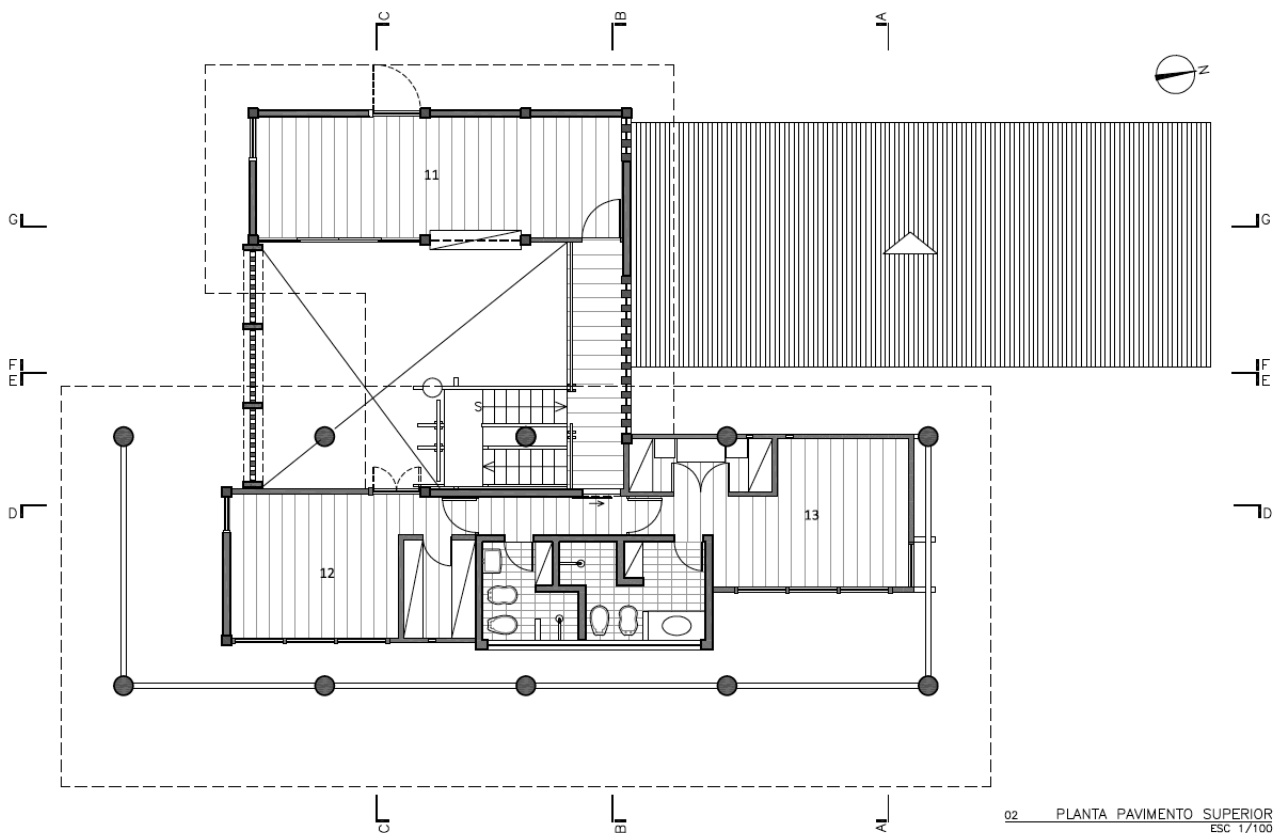


Figura 22 - Recife, 1435. Planta do segundo pavimento.
Fonte: OLIVEIRA, 2005, s.d.

Junto ao sul tem a conexão ao exterior da residência com a mesma estratégia da sala de estar: Porta com três folhas em madeira - em marchetaria. Ao norte, no canto da fachada oeste, estão quatro pilares em maçaranduba lavrada com as basculantes de vidro amarelo de piso a teto. Esta condição amplia a iluminação deste espaço mais fechado e também a ventilação cruzada, ou pelas portas em madeira, ou diretamente no jardim interno.

O setor de serviços é conservador e segregador, seja pela composição arquitetônica e pela planta. Esta mesma estratégia se repete do projeto da Residência Recife, 1762: um volume separado, em barra, com outra técnica construtiva. A disposição das partes no setor define o ingresso por um hall que encaminha à cozinha ou ao lavabo. Em todo o setor de serviços é utilizado o mesmo piso do setor social, uma economia de meios. Em sequência, a cozinha - e com o mesma dimensão, a área de serviço com acesso ao exterior, despensa e o banheiro de serviço. Ao fundo desta conexão, o quarto de empregada. A transição do setor de serviços para o exterior é definida pelo beiral que protege a circulação.

No segundo pavimento se encontra a circulação como uma galeria, e a direita os dormitórios enquanto na esquerda está o escritório. Com vão de 5,60 m, é uma ponte debruçada sobre o jardim de inverno e faz a transição entre as duas alas. É apoiada em duas vigas em madeira. A da extremidade é atirantada e também estabiliza o lance da escada. O piso é em tábuas de aguano com 1,00 x 0,30 m e 0,15 m de espessura, de maneira a eliminar a necessidade de apoios intermediários, transversalmente - como se o piso estivesse "armado" em uma direção. O percurso na circulação é pautado pelas peças em maçaranduba e os basculantes em vidro, na relação entre a luz, a sombra e a ventilação cruzada.

Um porta de correr determina a entrada aos dois dormitórios. Ao ingressar se encontra o volume em alvenaria com os dois banheiros. Cabe destacar que somente nesta parte da casa são utilizadas lajes em concreto armado: para os banheiros e para a caixa d'água, acima do banheiro da suíte. À esquerda uma suíte e à direita uma pequena circulação que leva ao banheiro e ao outro dormitório. Ambos os aposentos têm closet e apresentam dimensões reduzidas. Esta compartimentação em espaços reduzidos minimiza o consumo do ar condicionado e também permitem a utilização da rede de armar. O módulo com 3,00 m para armar as redes é sugerido por Álvaro Vital Brazil nos pousos construídos aos soldados da borracha em 1943 e utilizado nas casas da COHAB-AM, presidida por Cesar Oiticica - no bairro da Raiz em 1965, projeto de Antony e Pereira da Cunha Arquitetos. Os ventos predominantes no quadrante nordeste permitem a desejada ventilação cruzada.

A suíte do casal tem maior privacidade que o dormitório. Voltada para fora, com relação as fachadas norte, leste e oeste. O banheiro fica ao leste e o closet (1,10 x 2,75 m) protege parcialmente o oeste. Nessa fachada são instaladas duas esquadrias seteiras com basculantes em vidro, uma no closet e outra no dormitório. Longitudinalmente é dividida em duas partes, ocupadas pelo closet e o dormitório. A área útil tem dimensões em 3,00 x 2,75 m. Os painéis são compostos com esquadrias e tábuas de vedação. Os painéis de vedação são artesanais em pranchas de sucupira preta, amarela e vermelha. Os painéis com as esquadrias da fachada leste são em cedro e divididos verticalmente em três partes: até o guarda corpo são em marchetaria, a segunda parte são painéis móveis que correm para baixo com contra-peso e a terceira parte são régua móveis que permitem a ventilação. Na fachada norte, uma solução tripartida com painéis com as esquadrias e painéis de vedação em proporção um para dois.



Figura 23 e 24 - Recife, 1435. Quarto. Mario Porto
 Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD-UFRJ /s.d.

O dormitório de Mario Porto é voltado ao jardim interno. Ainda que tenha janelas para as fachadas leste e sul, a relação com o vazio remete a uma varanda com as duas janelas de abrir sobre o átrio amazônico. Esta "varanda" está junto a circulação do dormitório o que garante a privacidade. O dormitório tem 3.00m x 3.50m e uma área útil maior que a suíte em razão da necessidade de uma escrivaninha para os estudos. Assim como a suíte, tem os painéis de vedação em sucupira preta, amarela e vermelha. Os painéis com as esquadrias são similares ao da suíte na fachada leste. Na fachada sul, a mesma solução tripartida da fachada norte, com o painel da esquadria em três partes : marchetaria, folha de abrir e réguas móveis.

O escritório tem 2,50 m de largura por 7,50 m de profundidade e está na ala oeste do segundo pavimento. Enquanto o térreo apresenta a continuidade espacial dos ambientes na ausência de compartimentações no setor social, a relação do setor íntimo com o espaço de trabalho do arquiteto não é direta. A solução das fachadas sul e oeste determinam as aberturas, ainda que aqui não tenham elementos vazados em concreto. Há uma contato vital com o jardim interno, mais direta que o dormitório. Enquanto o dormitório se abre com uma janela de abrir em duas folhas como uma sacada ao jardim interno, no escritório esta conexão é estabelecida com as quatro folhas da esquadria em madeira e vidro e permitem a flexibilidade e a amplitude visual entre o setor social e o jardim interno.



Figura 25 e 26 - Recife, 1435. Severiano no escritório.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, s.d.

Se as duas alas no segundo pavimento apresentam uma relação mais introspectiva e conservadora na disposição da planta, o átrio amazônico configura a integração espacial e a modernidade. A ventilação cruzada é permanente. A luz filtrada pelos elementos vazados ao sul, a luz direta do zênite pelos caibros da coberta e a luz amarela provocada pelas venezianas de vidro ao norte são transformadas em distintas paletas de cores nas madeiras empregadas, na pedra, na alvenaria branca, no piso amarelo e na vegetação do jardim. Os vidros amarelos são comprados na Zona Franca de Manaus e importados da antiga Tchecoslováquia.⁸

O mobiliário da casa é produzido pelos carpinteiros na obra e dialoga com outros produtos encontrados na Zona Franca de Manaus⁹ no início dos anos 1970. Há contraste entre a tradição e a modernidade. Segundo o arquiteto, as madeiras são retirados das proximidades do terreno e lavrados no local e recebem pequenos ajustes para adequar as medidas da obra, sem nenhum tipo de tratamento de serrarias¹⁰. Para os móveis são utilizados outros acabamentos e acolchoados. Na construção da casa, os moradores do loteamento ficam perplexos ao observarem a quantidade de madeira na fachada e imaginam um outro uso¹¹. A casa é inaugurada em novembro de 1971.

⁸ CASA do arquiteto. **Casa Cláudia**, Editora Abril, São Paulo, n. 135-a, p.22-25, dezembro de 1972, p.22.

⁹Ibid, p.24.

¹⁰ PORTO, Severiano. **Depoimento**. Entrevista a Marcos Cereto. Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

¹¹ Ibid, [s.n.].



Figura 27 - Recife, 1435. Severiano e Gilda Porto.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, s.d.

O projeto da Recife, 1435 representa uma mudança na trajetória de Severiano Porto. De arquiteto carioca começa a se tornar um arquiteto amazonense. Após receber o título de Cidadão Amazonense pela Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas em 1973, se autodenomina um "arquiteto amazonense". A possibilidade de construir uma segunda casa para si, agora em caráter de permanência é o laboratório ideal para novas experimentações com as práticas observadas nestes anos na Amazônia, com um olhar atento às suas referências projetuais com a segurança para trilhar um outro caminho à arquitetura brasileira. No Memorial Descritivo apresentado na Premiação do IAB em 1971, Severiano comenta:

Aproveitando nossa experiência de anos de trabalho na Amazônia, quando sentimos de perto as dificuldades do "Homem" no trato da madeira e na sua aplicação em peças de acabamento trabalhoso e esmerado, partimos para a utilização generosa e franca da madeira lavrada, isto é, da madeira sem o beneficiamento das serrarias e com seções maiores do que as normalmente utilizadas. (PORTO, 1971, [s.n.]).

A escolha das madeiras deixa de ser rígida e passa a atender a disponibilidade do lugar. As madeiras utilizadas na residência são retiradas da proximidade da obra pelos carpinteiros. O emprego de diferentes madeiras na

construção representa uma significativa ampliação do vocabulário do arquiteto. Além da maçaranduba, cedro, e acariquara já utilizadas em outros projetos utiliza a itaúba, a sucupira vermelha, a sucupira amarela, a sucupira preta, o mogno, o louro aritu e a macaúba. Não há uma precisão sobre o tipo da madeira em cada parte da casa. A especificação é feita conforme a localização: madeiras de base, de corpo e de cobertura. Para cada uma destas partes, uma série de espécies podem ser utilizadas, conforme as suas características, cores e absorção. A biodiversidade da floresta amazônica precisa ser observada na elaboração dos projetos. Não é sustentável a escolha de uma única espécie para um pilar ou uma viga. Na floresta, não há um plantação de itaúba: elas estão distribuídas no território.

Marina Waisman e Cesar Naselli destacam a Residência Recife 1435 no livro "*10 arquitectos latinoamericanos*"¹². Os autores referencia a qualidade ambiental dos espaços com a vegetação permanente e estratégias de proteção ao sol e as chuvas:

Su nueva casa propia le dio oportunidad para poner en práctica varias ideas acerca de la adecuación de la arquitectura a la tecnología y al clima locales. La casa, que se construyó en apenas cinco meses y medio, tiene una estructura de columnas de árboles de la región de la que cuelgan los entrepisos. Todas las paredes son abiertas, de tal modo que se permite al viento entrar y salir por aberturas superiores: la circulación del aire por el interior de sus edificios es una preocupación constante sobre la que [Severiano Porto] vuelve una y otra vez. Un patio interior cubierto con una pérgola favorece esta circulación. Vidrios amarillos reducen la fuente luminosidad, y los parasoles están diseñados en modo de proteger de la lluvia y el sol pero dejar pasar el aire. Se utilizaron distintos tipos de madera según la función - las columnas, por ejemplo, se hicieron con el tipo de árboles que se usa para la construcción de barcos - La sala de estar, con su abundante vegetación, colabora con el acondicionamiento del ambiente.(WAISMAN; NASELLI, 1989, p.188).

Se a escolha da madeira é flexível, a dimensão delas também pode ser variável. O fato de não utilizar a serraria industrial no corte das peças e sim a motosserra no sítio próximo ao canteiro, faz com que a precisão das peças deixem de ser milimétrica. Isso não preocupa Severiano Porto. Os detalhes utilizados e produzidos no escritório no Rio de Janeiro precisam ser revistos e modificados. O número de desenhos do projeto arquitetônico reduzem significativamente em relação ao projeto da primeira casa.

¹² WAISMAN, M.; NASELLI, C. **10 Arquitectos Latinoamericanos**. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes, 1989.

Outra condição fundamental desta transição é o aumento da bitola das peças. Em razão dos engates nas peças que os ribeirinhos estão acostumados a trabalharem na carpintaria naval é necessária a utilização de peças robustas, de forma a não ocorrerem rompimentos nas fixações o que modifica a estética vigente. Ainda que as estruturas em madeira possuam condições semelhantes ao cisalhamento à estrutura metálica, os engates determinam um novo dimensionamento à estrutura em madeira. O superdimensionamento em função das conexões aproxima a dimensão das peças em madeira as dimensões do concreto armado, a estética vigente na arquitetura brasileira no início dos anos 1970.

O arquiteto recebe o Prêmio Marcello Roberto pelo IAB-GB na categoria Habitação Unifamiliar em 1971 e amplia o debate sobre a diversidade da arquitetura moderna brasileira. O parecer relata: "excelente proposta do autor, coerente, elaborada com vocabulário brasileiro, com uso adequado de materiais, respeitando o meio ambiente, sem se alienar de técnica contemporânea"¹³. A residência foi publicada em revistas internacionais e brasileiras e projeta Severiano Porto para uma nova etapa em sua trajetória profissional. Carlos Eduardo Comas relata em um entrevista concedida em 2001 que "as duas coisas interessantes na década de 70, para mim, são a CEASA no Rio Grande do Sul e a Casa do Severiano Porto no Amazonas, sintomaticamente duas obras fora do eixo Rio-São Paulo. E violentamente combatidas pelo eixo Rio-São Paulo."¹⁴ Este combate mencionado por Comas é materializado no apelido pejorativo dado por alguns arquitetos paulistas a Severiano Porto como o "arquiteto das madeirinhas". Além de provocativo e preconceituoso esta denominação provocação demonstra um profundo desconhecimento do universo da obra. Comas também destaca que "*La estructura de madera adquiere connotaciones regionalistas en la casa de Severiano Porto en Manaus.*"¹⁵

Após viver trinta e um anos na casa, Severiano Porto retorna a Niterói em 2002 e a vende. O arquiteto relata ao autor em 2002: "A casa não funciona mais. A cidade mudou, diminuiu a umidade. Teria que fechar tudo e colocar ar condicionado. Não faz sentido."¹⁶ Com a iminente demolição para a construção de um novo empreendimento imobiliário a Construtora Cristal é sensível ao valor arquitetônico da casa e atende a um pedido do IAB-AM para a realização da catalogação das peças e preservação com a possibilidade de reconstruí-la em outro terreno para uma

¹³ PARECER do júri. **IX Premiação Anual do IAB/GB**. IAB/GB, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1971, [s.n.].

¹⁴ COMAS, C. E. D. Um Depoimento. **Arquitexto**, UFRGS, Porto Alegre, n.2, 2002, p.15.

¹⁵ COMAS, C.E.D. ; ADRIÀ, M. **La casa latinoamericana moderna**: 20 paradigmas de mediados de siglo XX. Barcelona: GG, 2003, p. 26.

¹⁶ PORTO, Severiano. **Depoimento**. Entrevista a Marcos Cereto. Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

futura sede do instituto. Ainda que a casa não tenha uma desmontagem industrial, as peças em madeira e os elementos vazados de concreto salvos da demolição são desmontados, catalogados e colocados em um container e doados ao IAB-AM para a reconstrução. Mesmo que a casa não tenha sido realizada com técnicas que permitissem a sua total desmontagem, houve um certo esforço para recuperar a sua memória "material". O container sumiu. O IAB-AM não sabe informar o local onde estão as peças da casa.

5.6_SEDE DA SUFRAMA (1971/1974 - 1995/1998)

A Zona Franca de Manaus é criada em 1957¹ por Juscelino Kubitschek, mas somente efetivada em 1967² com Humberto Castelo Branco durante o regime militar. Inicialmente prevista como um porto livre o projeto é idealizado pela SPVEA e prevê a ocupação de uma área com 200,00 ha junto ao rio Negro, e "como área complementar da zona franca"³, a Ilha de Marapatá na entrada de Manaus no rio Negro. A SUDAM extingue a SPVEA e é constituída em 1966⁴ como estratégia da operação da Amazônia. O Artigo 2º do Decreto-lei de 1967 define que o "Poder Executivo fará, demarcar, à margem esquerda dos rios Negro e Amazonas, uma área contínua com uma superfície mínima de dez mil quilômetros quadrados, incluindo a cidade de Manaus e seus arredores, na qual se instalará a Zona Franca."⁵ O mesmo Decreto-Lei em seu Artigo 36 designa que um "Plano Diretor da Zona Franca e o orçamento-programa da SUFRAMA serão aprovados pelo Ministro do Interior e considerado àquele como empreendimento prioritário na elaboração e execução do Plano de Valorização Econômica da Amazônia."⁶

Os dez anos que separam a criação e a implantação da Zona Franca de Manaus são marcados por uma série de mudanças urbanas na cidade. O desenvolvimentismo corrente no país tem um novo olhar para a Amazônia. Essa mudança é materializada no dimensionamento da área destinada à Zona Franca de Manaus previsto nas duas leis. Nessa década há um aumento de 31 vezes da área prevista. Dentro da área urbana o local disponível com as características necessárias para o funcionamento é junto a orla do rio Negro e ao leste da cidade, após o aeroporto de Ponta Pelada. Atualmente, os bairros Distrito Industrial I (tem 1.168,59 ha) e Distrito Industrial II (tem 5.137,69 ha) correspondem a 10% da área urbana de Manaus⁷.

¹ LEI Nº 3.173, DE 6 DE JUNHO DE 1957, disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l3173.htm>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

² DECRETO-LEI Nº 288, DE 28 DE FEVEREIRO DE 1967, disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0288.htm#art48§2>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

³ LEI Nº 3.173, DE 6 DE JUNHO DE 1957, disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l3173.htm>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

⁴ LEI Nº 5.173, DE 27 DE OUTUBRO DE 1966, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5173.htm>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

⁵ DECRETO-LEI Nº 288, DE 28 DE FEVEREIRO DE 1967, disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0288.htm#art48§2>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

⁶ Ibid.

⁷ MANAUS. Prefeitura de Manaus. Lei n. 1.401, de janeiro de 2010. Dispõe sobre a criação e a divisão dos bairros da cidade de Manaus, com estabelecimento de novos limites, e dá outras providências. Diário Oficial do Município de Manaus. Manaus, 14 jan. 2010. Disponível em: <<http://implurb.manaus.am.gov.br/bairros-de-manaus/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.



Figura 1 e 2 - Mapa de bairros de Manaus - Distrito Industrial I e II. | Foto aérea de Manaus
Fonte: Prefeitura Municipal de Manaus, 2010 | Google Earth, 2020.

O primeiro plano para o Distrito Industrial de Manaus é realizado em 1967 pelo escritório Antony & Pereira da Cunha - Arquitetos Associados, chefiado pelos arquitetos Luiz Carlos Anthony e Fernando Pereira da Cunha. O escritório realiza a convite do Arthur Reis o Plano Diretor de Manaus em 1965. O plano de 1967 é estruturado por uma Avenida Parque - com o igarapé Japiim e áreas verdes. A *parkway* organiza a gleba com a distribuição dos 50 lotes industriais, áreas verdes e previsão de loteamento residencial (COHAB). O segundo plano é publicado em 1973 e realizado por H. J. Cole + Associados⁸ com um zoneamento mais abrangente e mudanças no sistema viário.⁹ Fernando Chacel (1931-2011) faz o projeto da Praça Francisco Pereira da Silva (Bola da SUFRAMA) em 1976. A Avenida Parque desaparece e o igarapé é canalizado. O sistema viário é consolidado pelas vias estruturantes e secundárias. O edifício-sede da SUFRAMA aparece como um ícone deste plano. Outros dois planos são realizados posteriormente. Em 1980, SMPAA realiza o Plano Diretor Integrado e projeto de infraestrutura urbana do Distrito Industrial¹⁰ com a expansão do loteamento industrial para 3.797,00 ha. Em 2002, os arquitetos Marcos Cereto (1974), Antonio Carlos Silva (1954) e Carlos Antonio Barbosa (1964-2020) coordenam o Plano de Melhoramentos do Distrito Industrial de Manaus¹¹ com projetos de praças e parques, modificações e ampliação do sistema viário, reordenamento do loteamento e um novo sistema de orientação e sinalização indicativa.

⁸ Chefiado pelo arquiteto Harry James Cole (1930-1990) formado pela FNA em 1954 na mesma turma de Severiano Porto e Mario Emílio Ribeiro. O escritório foi indicado pelo paisagista Fernando Chacel (1931-2011) que realizava um projeto para preservação da vegetação do entorno prejudicada pelos processos erosivos do plano original. Ver em : LUCCHESI, M. C. HJ Cole + associados - planejamento e empreendimentos (1970-1980). **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, v. 5, n. 1, p. 201-226, 12 jun. 2013. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635093>> Acesso em 8 de junho de 2020.

⁹ DUARTE, D. **Manaus entre o passado e o presente**. Manaus: Editora Mídia Ponto Comum, 2009, p.53.

¹⁰ PORTO, S. **Plano Diretor Integrado e projeto de infraestrutura urbana do Distrito Industrial** (1980). Acervo Severiano Porto. Rio de Janeiro: NPD/UFRJ.

¹¹ ARAÚJO, C.; CERETO, M.; SILVA, A. Plano de Melhoramentos para o Distrito Industrial de Manaus. In: FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **5a Bienal Internacional de Arquitetura e Design de São Paulo**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2003, p.248.

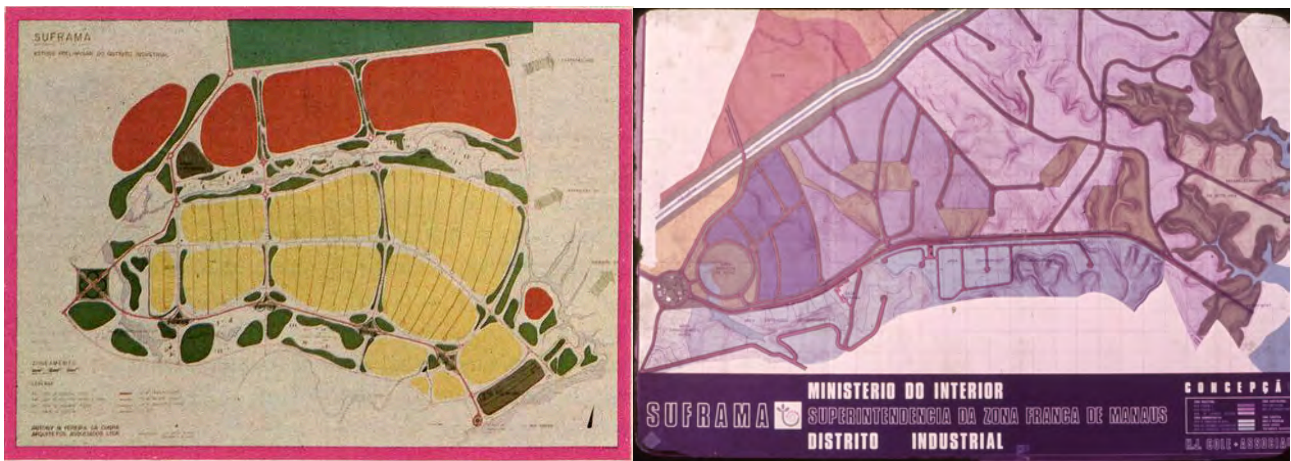


Figura 3 e 4 - Plano de Antony & Pereira da Cunha Arquitetos Associados, 1967 | Plano de HJ Cole + Associados, 1972.
 Fonte: Revista Manchete, 1969 | Acervo Severiano Porto.

A dicotomia entre a cidade tradicional materializada no centro histórico e a ocupação romântica na periferia do plano de Eduardo Ribeiro tem um novo ingrediente: o Distrito Industrial de Manaus. Entre o campus universitário da atual UFAM e o Aeroporto de Ponta Pelada, essa nova morfologia urbana e a sua importância para a economia transformam a cidade a partir dos anos 1970. O contraste entre os grãos das distintas malhas na cidade e a complicada jurisdição pelas três esferas administrativas representam uma série de dificuldades que permanecem até os dias atuais. Aliado a esses fatores, a complicada gestão do transporte público, as invasões de áreas federais para moradia e os problemas ambientais são grandes desafios para essa urbanização. Esta "ilha" representa em 1967 praticamente 20% da área urbana, segrega a cidade e contribui para a ampliação do perímetro urbano. Em 2015¹², Manaus tem 427,00 km² e tem a oitava maior área urbana do país com uma densidade de 158,06 hab/km²¹³. A partir de 1972, as primeiras indústrias são instaladas em Manaus: a Companhia Industrial Amazonense e a Springer¹⁴. Rapidamente as indústrias de componentes eletrônicos ocupam os lotes do plano e com a inauguração do Aeroporto Supersônico Eduardo Ribeiro,¹⁵ na região norte do município em 1976, se estabelecem também fora do Distrito Industrial em um novo vetor de ocupação industrial nas suas proximidades.

¹² IBGE. **IBGE apresenta Panorama de urbanização no Brasil**. Site. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21494-ibge-apresenta-panorama-da-urbanizacao-no-brasil>> Acesso em: 27 de abril de 2020.

¹³ IBGE. **Cidades**. Site. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>> Acesso em: 27 de abril de 2020.

¹⁴ SUFRAMA. **Histórico**. Site. Disponível em: <http://www.suframa.gov.br/zfm_hist_implantacaodi.cfm> Acesso em: 03 de junho de 2020.

¹⁵ Esse projeto é realizado pela Hidroservice com participação do arquiteto Rodrigo Brotero Lefevre (1934/1984).



Figura 5 e 6 - Imagens das obras do Distrito Industrial I, 1971.
Fonte: Acervo Severiano Porto.

Neste cenário fabril, as indústrias da Zona Franca de Manaus se caracterizam pela Engenharia de Produção com plantas baseadas na montagem. O lote para a instalação da sede administrativa da SUFRAMA está em um setor para entidades governamentais em via paralela a BR-319. O terreno tem uma poligonal com uma forma similar a um triângulo e originalmente previsto para uma esquina. As dimensões aproximadas do terreno são 350,00 m de largura por 220,00 m de profundidade. A topografia apresenta desníveis de até 12,00 m, com o caimento mais acentuado nas extremidades da poligonal. Um platô define a ocupação do edifício no lote. A vegetação existente é retirada no momento da urbanização, assim como nos demais lotes do Distrito Industrial, previstos pelo plano de Antony & Pereira da Cunha - Arquitetos Associados.



Figura 7 - Processo erosivo no Distrito Industrial I, 1971.
Fonte: Acervo Severiano Porto.

A demanda para a realização do projeto parte do convite do Ministério do Interior representado por Floriano Pacheco - primeiro superintendente da SUFRAMA. Em 1972 Severiano Porto já leciona como professor da disciplina de Arquitetura e Urbanismo no curso de Engenharia Civil na Faculdade de Tecnologia da Universidade do Amazonas (atual UFAM). Já tem reconhecimento e prestígio local como arquiteto com as recentes premiações com a sua segunda residência (1971/1971) e o Restaurante Chapéu de Palha (1967/1968). No imaginário do Superintendente da Autarquia Federal, a solução em madeira seria a ideal e empregada por Severiano Porto para a sede da SUFRAMA. No entanto, o arquiteto descreve no memorial descritivo da sede da SUFRAMA para a XII Premiação anual do IAB como ocorre a escolha da técnica construtiva:

A sede administrativa da SUFRAMA deveria transmitir, em seu todo, a intenção firme e definitiva do Governo (sic) Federal de desenvolvimento e industrialização da Região. Deveria ser portanto uma solução que refletisse solidez e tecnologia atual permitindo, por su vez, uma flexibilidade no arranjo sos seus espaços. (...) Procurou-se evitar uma extensa coberta com teto plano convencional, que somente permitiria a saída da massa de ar aquecido do seu interior pelas extremidades, adotando-se uma solução modulada, ou seja, uma sucessão de troncos de pirâmides ocas, com

arestas arqueadas, que funcionam como coifas distribuídas em toda a extensão da área coberta.(PORTO, 1974, [s.n.]).



Figura 8 - Sede da SUFRAMA.
Fonte: Google earth, 2020.

O partido arquitetônico é análogo a produção industrial. Embora a modulação na arquitetura seja mais reconhecida com um princípio acadêmico, no edifício-sede da SUFRAMA é reutilizado na composição como adequação à escala urbana. Essa escala é nova e diferente da vivenciada em Manaus nos anos 1960. Ela é materializada no desenho do plano para o Distrito Industrial realizado por H.J. Cole + Arquitetos Associados, com a inserção da implantação da sede da autarquia como uma estrutura primária - representativa pela importância econômica da SUFRAMA para a Amazônia. O edifício administrativo tem a composição definida pela repetição de módulos da macrocobertura como se fossem uma linha de produção. O seu interior é livre e permite possíveis mudanças no layout com a adoção de divisórias leves adequadas ao uso administrativo. Essa repetição estabelece um determinado controle e um possível crescimento contínuo, comum em edifícios dessa natureza, mas controlado pelos arquitetos com a decisão projetual.

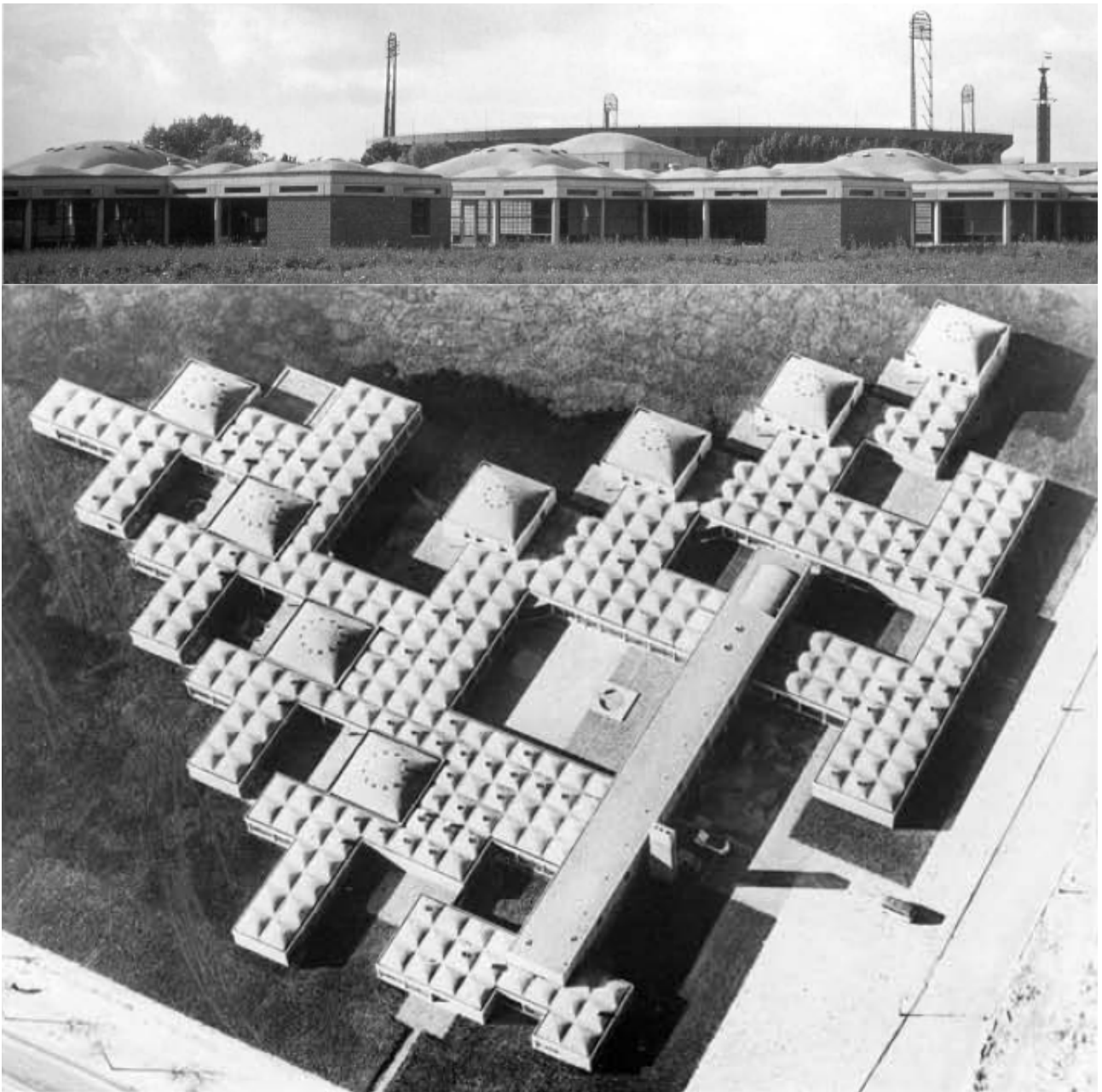


Figura 9 e 10 - Orfanato de Amsterdam, Aldo Van Eyck.
Fonte: LIGTELIJN, 1999, p.134.

Essas reflexões presentes no Plano de 1973 por H.J. Cole + Arquitetos Associados e incorporados por Porto no edifício-sede da SUFRAMA apresentam relações com os debates realizados a partir dos anos 1960 sobre as contestações ao XI CIAM em 1959 em Otterlo na Holanda. H.J. Cole + Arquitetos Associados representa o edifício da SUFRAMA no projeto do loteamento do Distrito Industrial e demonstra além da importância, a sua escala urbana e a relação entre a arquitetura e a cidade. O *Total Space* de Jaap Bakema (1914-1981) e o estruturalismo holandês de Aldo Van Eyck (1918-1999) e Herman Hertzberger (1932) são determinantes para a construção das bases para relação entre o objeto arquitetônico e o Plano do Distrito Industrial como partes indissociáveis. Nesse contexto se destacam duas referências que apresentam possíveis caminhos ao escritório SMPAA : o Centro Judaico em Trenton

(1954/1959) de Louis Kahn com a repetição das cúpulas construídas na Casa de Banhos e o Orfanato de Amsterdam (1955/1960) de Aldo Van Eyck com a apropriação espacial do intervalo chamado "*in between*".

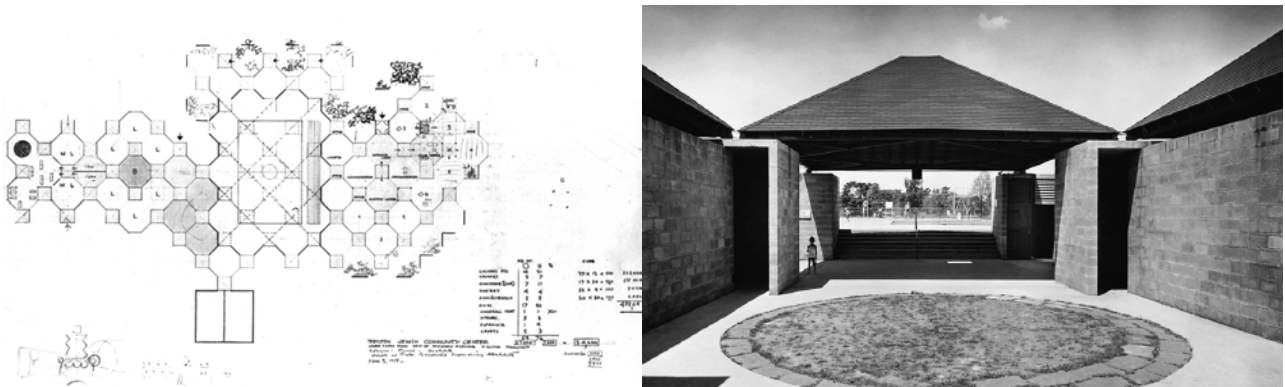


Figura 11 e 12 - Casa de Banhos do Centro Judaico de Trenton, Louis Kahn.
Fonte: ORLEANS-BÓRBON, 2013, p.77.

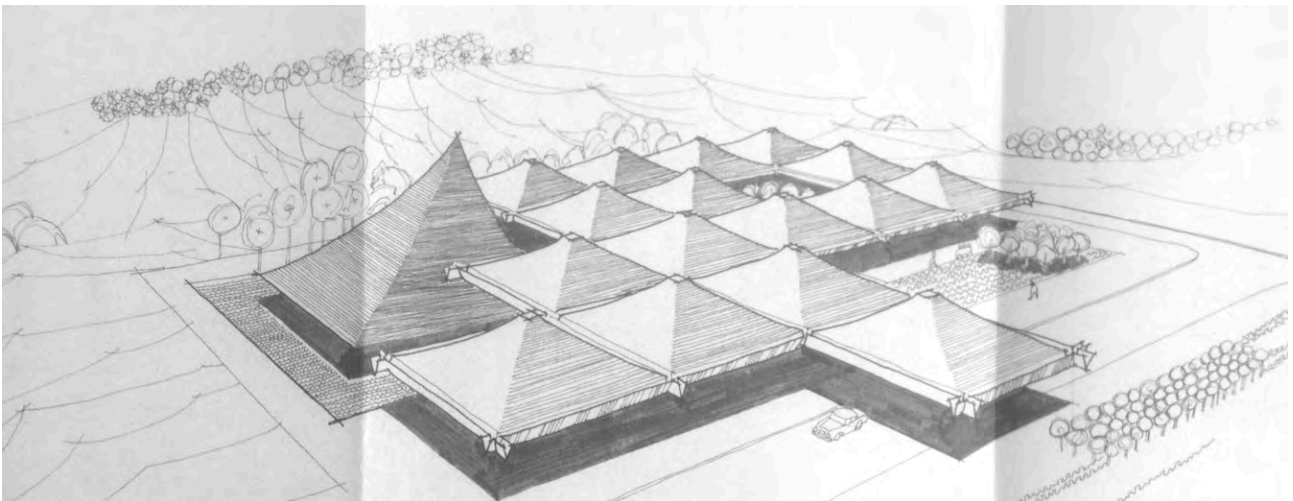


Figura 13 - Sede da SUFRAMA. Estudo Preliminar de março de 1971.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O estudo preliminar apresentado pelo escritório em março de 1971 expressa as discussões estruturalistas para a sede da autarquia. Neste estudo são 16 módulos de 15,00 x 15,00m e uma cobertura especial ao anfiteatro. Esta proposta é alterada em julho com a ampliação da área do edifício em razão da incorporação das atividades de apoio aos funcionários, materializada na nova proposta apresentada neste mesmo ano, dessa vez com 32 módulos. A proposta final substitui o anfiteatro por um auditório. A macrocobertura é mantida, cobre também ao auditório com mais dois módulos e garante a equivalência da hierarquia das partes na composição final.

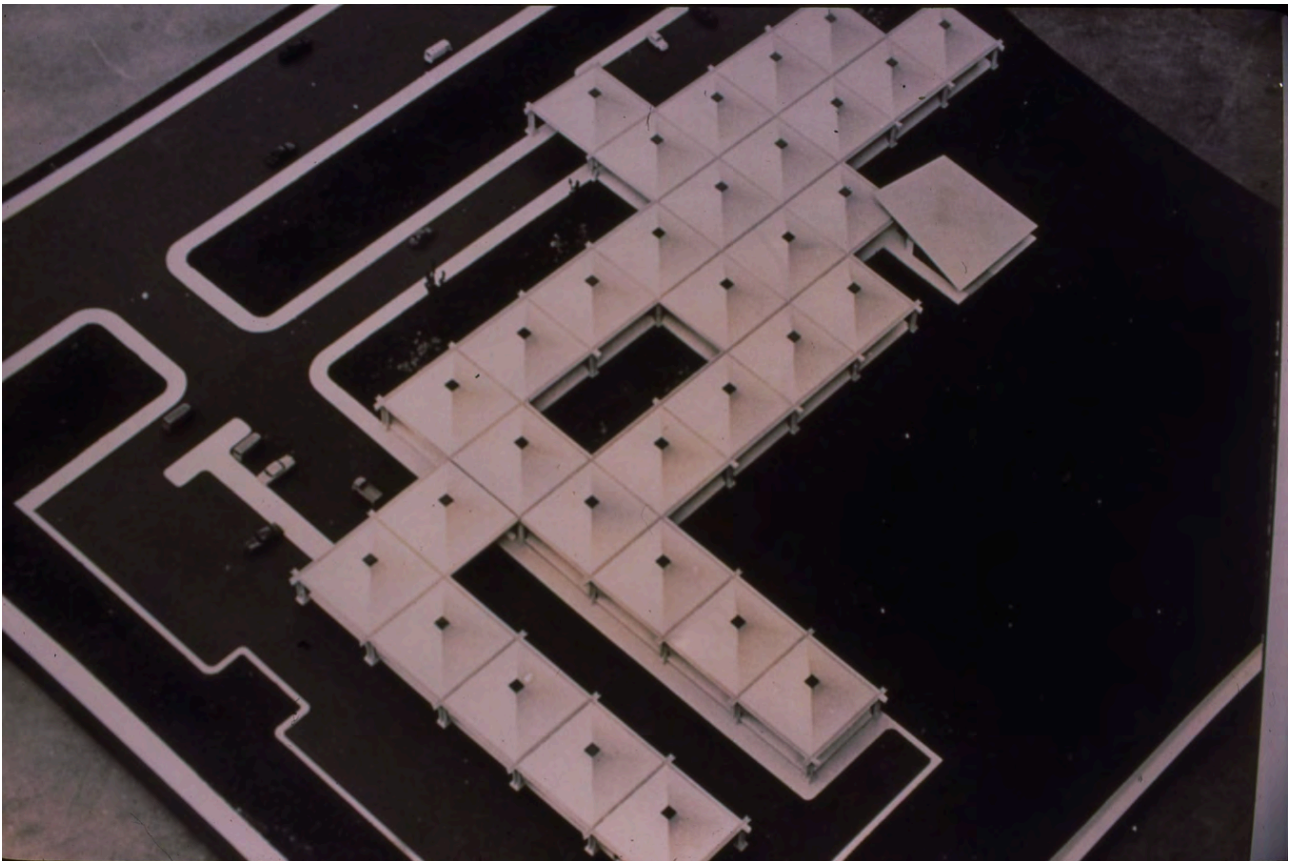


Figura 14 - Sede da SUFRAMA. Maquete do Estudo preliminar de julho de 1971.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

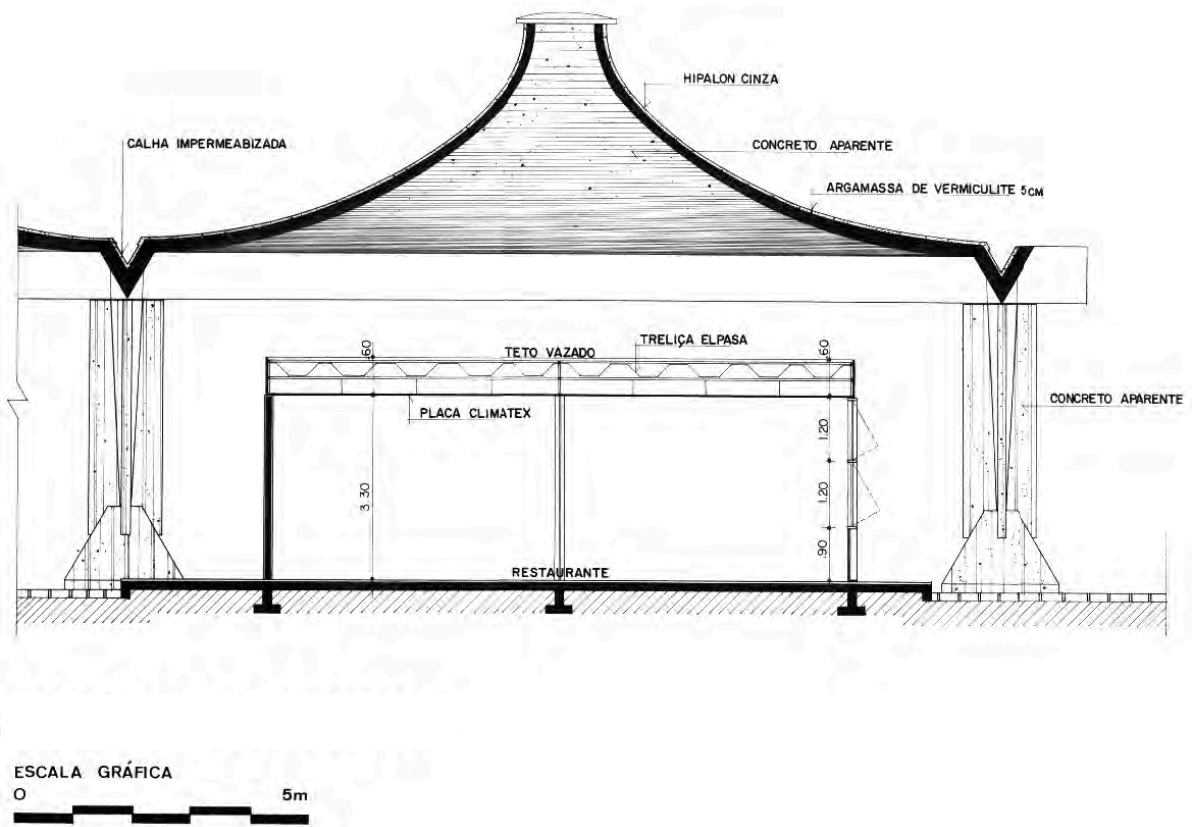


Figura 15 - Sede da SUFRAMA. Corte.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O projeto apresentado pelo escritório em 1972 é organizado em 34 módulos de 15,00 x 15,00m. Cada módulo é composto por quatro pilares, quatro vigas calhas, uma cobertura com tronco de pirâmide oco com base quadrada e arestas arqueadas (todos em concreto armado moldado in loco) e uma clarabóia. O cálculo estrutural é realizado pela Navarro Adler Projetos Estruturais. Os pilares tem seção cruciforme com largura de 0,20 m inscritos em um quadrado de 1,35 x 1,35 m com uma protuberância crescente da base até a viga calha. Os tubos de queda pluvial têm 200 mm e estão inseridos no eixo dos pilares. Os pilares tem o comprimento de 4,00 m e definem a altura entre o piso e a base da viga calha. O contato do pilar com o solo é dividido em duas partes: a primeira é uma pirâmide cortada com base quadrada que encaixa no pilar cruciforme. A dimensão superior é 0,60 x 0,60 m e na dimensão inferior, inscreve o pilar. A segunda parte é um sóculo em concreto armado, piramidal com base quadrada cortada e com a dimensão superior de 1,35 x 1,35 m, a inferior com 2,00 x 2,00 m e altura de 1,00 m. É colocada em baixo da primeira parte da base do pilar e se adequa a topografia nas diferentes localidades no terreno com o bloco de fundação.

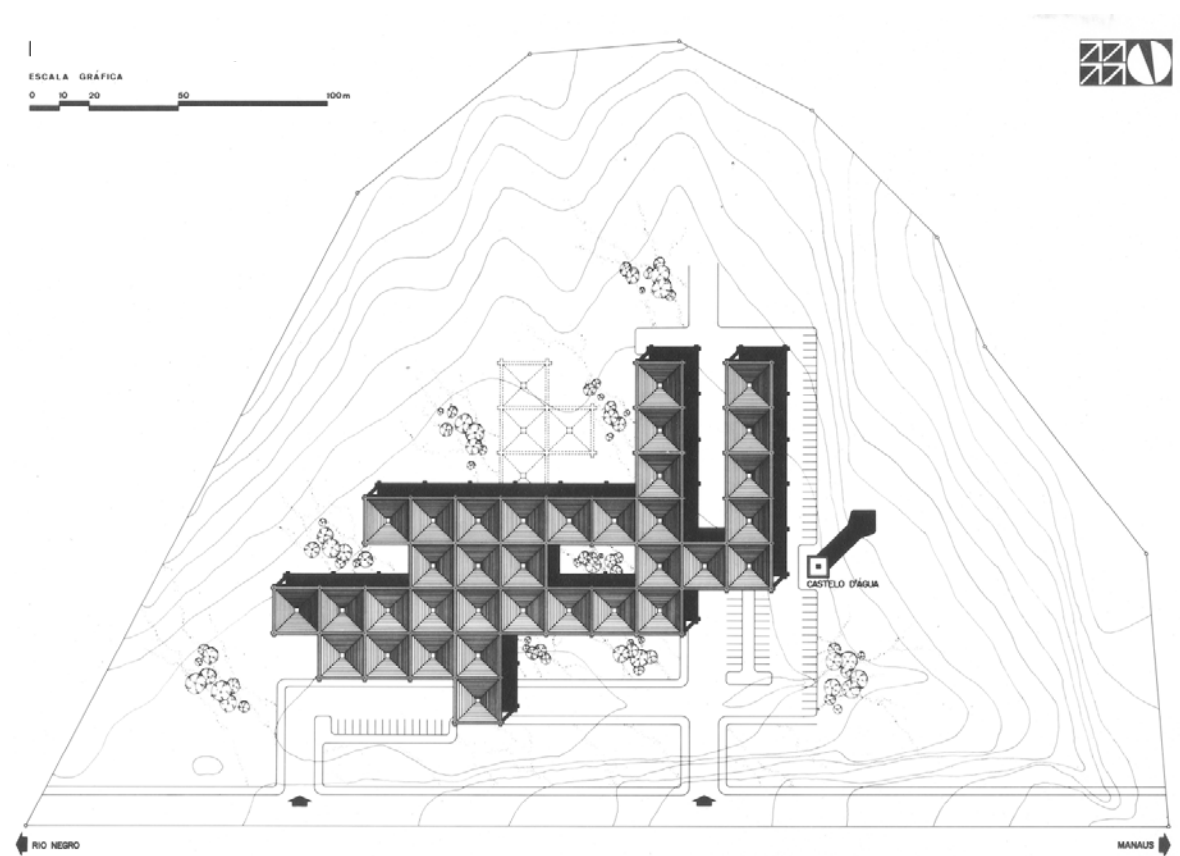


Figura 16 - Sede da SUFRAMA. Implantação.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

As vigas calhas são nervuras entre os módulos que definem e configuram a estrutura formal do edifício. Possibilitam o escoamento pluvial aos tubos de queda inseridos em cada um dos pilares e também apresentam

gárgulas nos módulos que estão no perímetro do edifício. A nervura é salientada pela seção transversal em "V" e tem altura e largura de 1,00 m. São projetadas a 1,00 m do plano do módulo. A cobertura piramidal é uma casca de

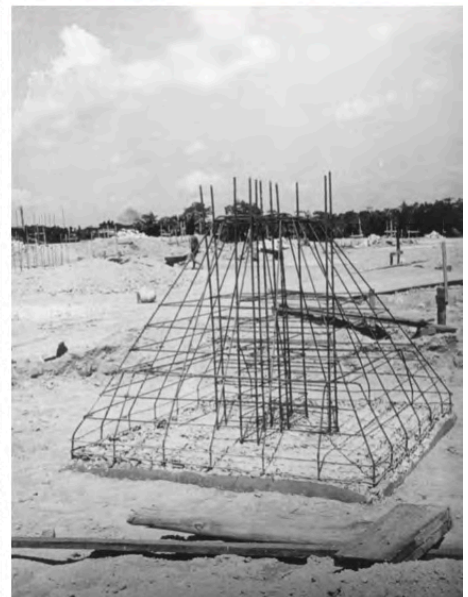
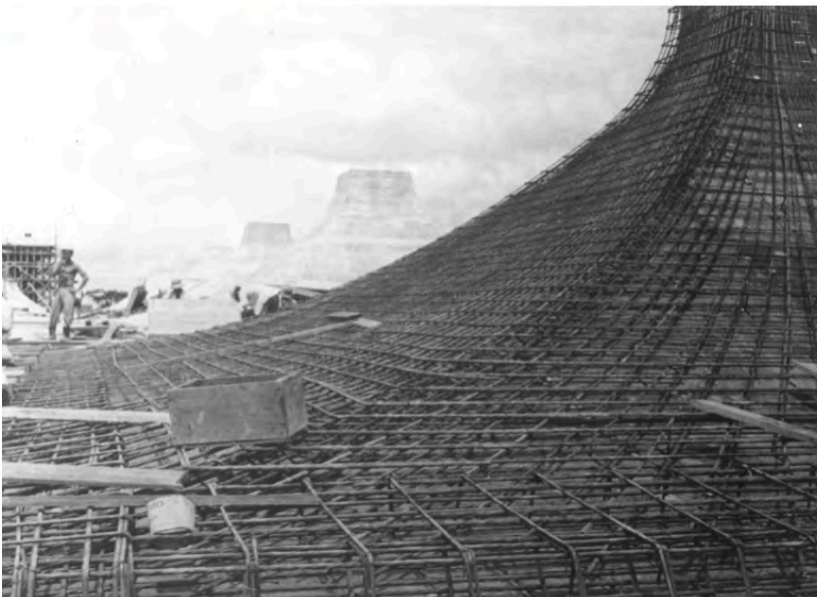


Figura 17, 18 e 19 - Sede da SUFRAMA. Vista Aérea, 1973. | Sede da SUFRAMA. Armaduras da Macrocobertura, 1973 | Sede da SUFRAMA. Armaduras do sóculo, 1973.

Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

concreto com a espessura variável - 0,30 m junto a nervura, 0,15 m na clarabóia e uma altura de 3,50 m. É um sistema de exaustão para a retirada do ar quente do interior do edifício e também garante uma iluminação discreta

ao longo da profundidade da planta. A clarabóia em acrílico translúcido tem 1,00 x 1,00 m e permite a saída do ar quente.

Se a macrocobertura é rígida com uma estrutura em concreto armado moldada *in loco*, o interior é livre e industrial como peças em uma linha de montagem. O módulo para o layout é rígido - 1,25 x 1,25 m e são utilizadas divisórias leves, com caixilhos em alumínio anodizado e placas Climatex - que proporcionam a polivalência do espaço. Estes painéis são divididos em partes opacas e translúcidas e proporcionam a privacidade necessária às atividades administrativas, ampliam a luminosidade e a ventilação dos compartimentos. As divisórias são independentes da macrocobertura e definem um pé-direito em espaços interiores com 3,30 m. O travamento dos painéis é realizado por treliças Elpasa que também têm a função de sustentar o forro em placas Climatex e o teto vazado a 3,60 m do piso. A exaustão do ar quente dos compartimentos à clarabóia possibilita a refrigeração natural destes ambientes.



Figura 20 - Sede da SUFRAMA. Vista Aérea, 1974.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Se a macroestrutura dialoga com a escala da cidade industrial - com módulos de 15,00 x 15,00 m, os painéis industriais são independentes e organizados em 1,25 x 1,25 m. Configuram-se invólucros internos ao edifício,

protegidos e abrigados. Enquanto a macrocobertura relaciona o edifício ao Distrito Industrial e uma nova escala urbana da Manaus dos anos 1970, os invólucros remetem a uma escala tradicional. Essa transição da escala no edifício é materializada pelos vazios - com as circulações entre os invólucros compartimentados com os painéis industriais e nos espaços entre estes volumes e a macrocobertura. Se a macrocobertura e os invólucros são rígidos, a compartimentação no seu interior garante a necessária flexibilidade ao uso pretendido.



Figura 21, 22 e 23 - Sede da SUFRAMA, 1974.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

A planta abrange 11 módulos no eixo leste-oeste e 8 módulos no eixo norte e sul, mas está estruturada para evitar espaços profundos. Ainda que a profundidade potencialize áreas escuras e mal ventiladas, o escritório SMPAA evita a compactação da planta e permite vazios entre os módulos com a inserção de jardins, pátios e circulações que qualificam a ventilação cruzada e a iluminação. Essa estratégia proporciona que os invólucros estejam inscritos nos

módulos da macrocobertura e sempre tenham proteção, sombreamento e ventilação cruzada. A poligonal do terreno e a topografia definem a ocupação ao norte do lote, junto a um platô existente e a ocupação dos módulos da macrocobertura. O programa é amplo e dividido nas seguintes partes: Cultural, Administrativo (Gabinete do Superintendente, Secretária Executiva, Departamentos Técnicos e Direção Técnica), Serviços Gerais, Manutenção e Apoio aos Funcionários.

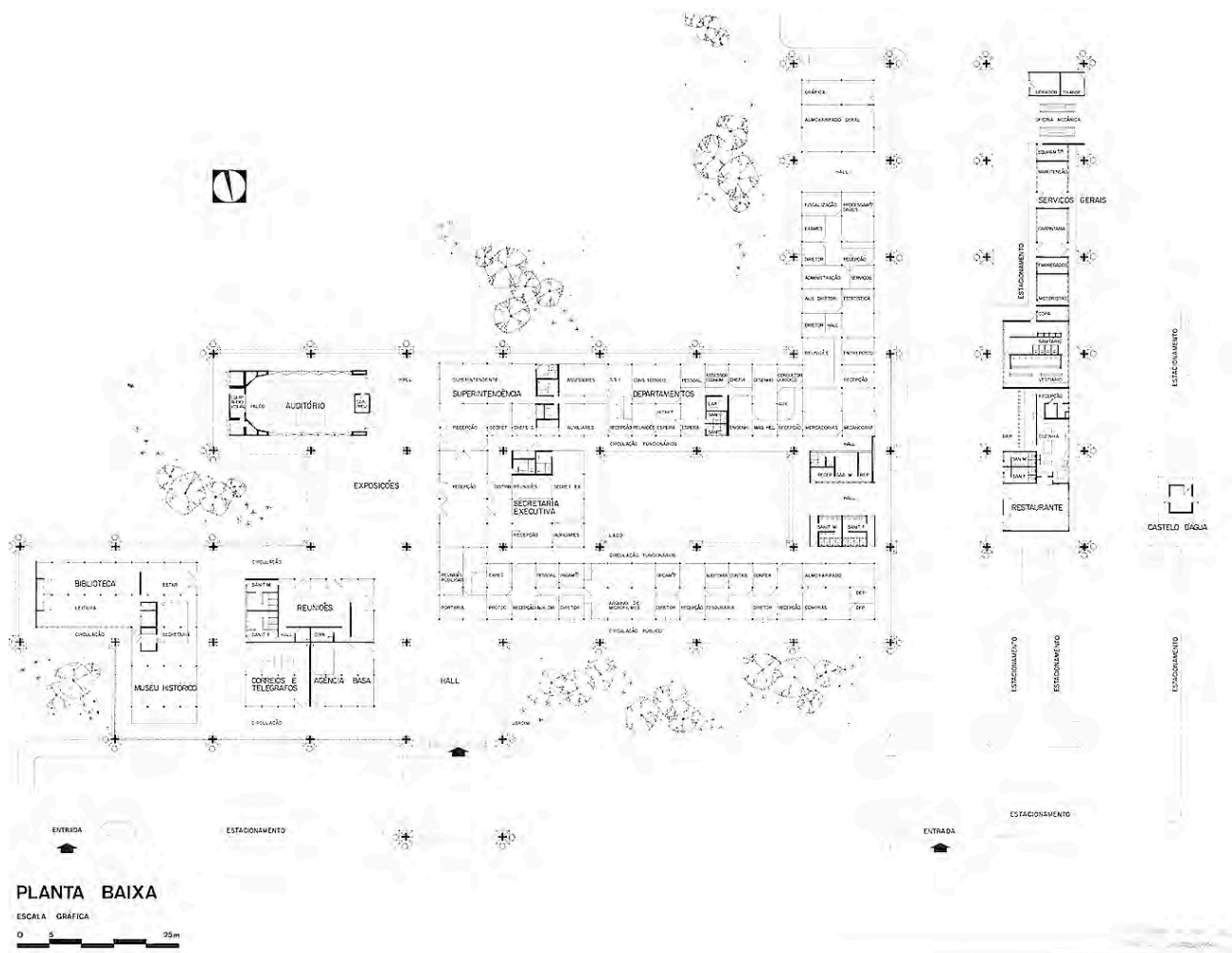


Figura 24 - Sede da SUFRAMA. Planta, 1974.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O projeto proporciona possibilidades distintas de acesso ao prédio, mas pode-se afirmar que são dois os eixos estruturantes e configuram as circulações transversais: o primeiro é mais formal e solene enquanto que o segundo é marcado por uma via de veículos para os serviços internos e restritos. O acesso formal é marcado pelo módulo mais saliente ao norte com um *porte cochère* que cobre parte da via destinada a circulação dos veículos ao estacionamento. Este é o eixo mais profundo da planta com quatro módulos parcialmente ocupados por invólucros. Tem simetria latente entre o Setor Cultural (Social) e Setores Administrativos do edifício (Privado). A ocupação do eixo não é linear e condiciona um percurso sinuoso aos usuários.



Figura 25 - Sede da SUFRAMA. Setor Comercial, *Porte Cochère* e Setor Administrativo , 1974.
Fonte: Acervo Severiano Porto.

O Setor Cultural é constituído por três invólucros distintos: um espaço comercial - com uma agência dos Correios e Telégrafos, uma agência do BASA, conjunto de sanitários e uma sala de reuniões e confraternizações; o Auditório; e o Espaço da Biblioteca e Museu Histórico. Este setor está ao leste da planta e pela razão das suas finalidades utiliza, em parte das suas compartimentações, alvenaria cerâmica aparente. Essa materialidade está relacionada ao uso específico dos espaços e ao caráter formal e solene pretendidos pelos arquitetos no ingresso à autarquia.



Figura 26 - Sede da SUFRAMA. Setor Cultural, 1974.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Em paralelo ao Setor Cultural e separado pelo eixo de circulação principal de acesso está o Setor Administrativo - com maior densidade e ocupação na planta. Neste setor estão dispostas diversas partes do programa de necessidades. O Gabinete do Superintendente e a Secretaria Executiva se relacionam diretamente ao eixo de circulação social e o Setor Cultural. Na disposição longitudinal da planta são subtraídos dois módulos com o propósito de garantir a qualidade ambiental da planta profunda e constituir um lago (não realizado). Esse pátio determina duas alas paralelas no edifício ocupadas por atividades administrativas ao norte e pelos Departamentos Técnicos ao sul.

Na continuidade longitudinal da planta estão dispostos dois invólucros separados e simétricos pela circulação com os sanitários. Neste espaço de transição ocorre o acesso informal determinado pelo segundo eixo de circulação transversal. Outro *porte cochère* determina a mudança do sentido da orientação formal do edifício - agora predominante sobre o eixo norte-sul determinado pela via de veículos. Este módulo possibilita o embarque e desembarque informal e conecta o Setor Administrativo com a Manutenção e o Apoio aos Funcionários. No lado leste desse eixo estruturante e ao lado do módulo com os sanitários na continuidade da subtração, está a Diretoria Técnica distribuída em três módulos e separadas por uma doca do Almoxarifado e da Gráfica no quarto módulo

dessa ala. No lado oeste do segundo eixo estruturante estão nos dois primeiros módulos o Restaurante e o Bar, enquanto nos três restantes são distribuídas as partes constituintes da Área de Serviços. Assim com o Setor Cultural, a área de Serviços e o Apoio aos Funcionários utilizam em parte da compartimentação a alvenaria em tijolo aparente. Os arquitetos projetam a fachada longitudinal com a proporção 1:22. O castelo d'água é disposto ao oeste do conjunto, alinhado ao Restaurante, e verticaliza a composição do conjunto.



Figura 27, 28 e 29 - Sede da SUFRAMA. Circulações, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

A disposição dos invólucros sob os módulos da macrocobertura determinam circulações periféricas aos volumes em todos os setores. Essa condição pode sugerir ao leitor desavisado um excesso de área em uma planta administrativa, mas se justifica pela proteção da radiação solar e das chuvas na pele do edifício. Além disso, potencializam a ventilação cruzada nos invólucros, entre e sobre, pela disposição dos módulos da macrocobertura, e melhoram a exaustão do ar quente à clarabóia.

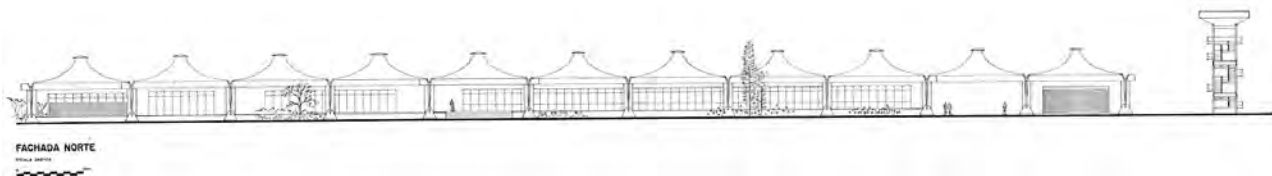


Figura 30 - Sede da SUFRAMA. Fachada norte.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O edifício recebe o Prêmio IAB/GB em 1974 na categoria obra construída. O parecer do júri reconhece as qualidades do edifício:

A distribuição planimétrica apoia-se em um elemento celular agrupado de maneira bastante livre, formando pavilhões e pátios. Sugere ainda a possibilidade de expansões do prédio. As circulações seguem uma trama nítida tornando espontâneo o acesso às diversas funções do programa. A estrutura é o elemento predominante na caracterização formal do prédio. O sistema de ventilação proposto aborda, de modo inusitado, um tema tradicional na arquitetura brasileira e curiosamente negligenciado em décadas recentes: a forma das coberturas determina "chaminés de aeração" na acepção de Miran de Barros Latif, pioneiro na retomada da especulação teórica sobre a ventilação natural dos prédios. (PRÊMIO..., 1975, p.6)

Em 15 de maio de 1994¹⁶ um incêndio consome todos os invólucros do edifício e somente a macrocobertura resiste. A investigação criminal é conduzida pelo médico legista Fortunato Bandan Palhares¹⁷ (1943) e apresenta uma série de inconsistências. O laudo aponta como causa do sinistro um curto circuito. O incêndio elimina documentos do denominado "Escândalo do Açúcar", constatado no mês anterior, e que envolve 76 usinas do interior de São Paulo. Elas faturaram 20 milhões de sacas de açúcar com isenção fiscal e nunca chegaram a Amazônia. Um sonegação de US\$ 2 bilhões.¹⁸ Além disso, o incêndio elimina documentos de empresas do Distrito Industrial de Manaus que também sonegavam impostos.

Em 06 de setembro de 1994 o superintendente Manuel Silva Rodrigues assina um novo contrato com Severiano Porto para a realização da reforma do edifício-sede da superintendência. Segundo Severiano, "finalmente pegou fogo tudo isso aqui porque houve uma necessidade de sumir com alguns papéis irregulares. Aí eles me chamaram e aí a gente fez tudo em concreto, e hoje ela é lindíssima." (PORTO apud NEVES, 2005, p.207).

¹⁶ INCÊNDIO destrói prédio da SUFRAMA no AM. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 16 de maio de 1994, [s.n.]. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/5/16/cotidiano/3.html>>. Acesso em 12 de junho de 2020. 0.

¹⁷ Mais conhecido pela investigação das mortes de Paulo César Farias - o PC Farias e sua esposa Suzana Marcolino.

¹⁸ INCÊNDIO na SUFRAMA pode ter novas investigações. **Diário do Grande ABC**. Santo André, SP, 21 de junho de 1999, [s.n.]. Disponível em <<https://www.dgabc.com.br/Noticia/339971/incendio-na-suframa-pode-ter-novas-investigacoes>>. Acesso em 12 de junho de 2020.



Figura 31, 32, 33 e 34 - Sede da SUFRAMA. Reforma, 1999.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O novo projeto é realizado e entregue em 1995 com a substituição dos painéis industriais por alvenarias em tijolo cerâmico revestidas com pastilhas coloridas da Vidrotil. Em razão da energia fornecida pela UHE Balbina, a cultura do uso do ar condicionado determina a climatização dos ambientes. Brises verticais do tipo asa de avião são colocados sob a viga calha no perímetro do edifício nas fachadas norte, sul, leste e oeste. No pátio são instaladas esquadrias tubulares em malha triangular na cor preta que remetem a ligações moleculares tridimensionais, similares as peles dos trabalhos de Buckminster Fuller, e permitem a ventilação permanente sem o ingresso da chuva. Há uma redistribuição das partes do programa e novos setores são adicionados. O escritório realiza outro projeto para um edifício aos Funcionários da SUFRAMA na parte sul do lote com as atividades destinadas ao Apoio dos Funcionários. Não há expansão da ocupação do edifício nessa reforma e ampliação, mas a ala antes destinada aos Serviços Gerais e Restaurante ao oeste passa a ter dois andares sob os módulos da macrocobertura. A obra é reinaugurada em 1998.



Figura 35 - Sede da SUFRAMA, 2018.
Fonte: FINOTTI, 2018.

A permanência do edifício e sua atemporalidade são resultados das corretas decisões projetuais. Há quase cinco décadas, o edifício é um ícone arquitetônico na Amazônia. A estratégia formal escolhida pelo escritório com a distribuição das partes do programa com equivalência não é comum em prédios administrativos. Normalmente estes projetos apresentam destaques formais a determinadas partes do programa. O escritório SMPAA opta pela equivalência formal determinada pela macrocobertura, o que não significa eliminar a hierarquia dos espaços na planta. O equilíbrio entre as partes compositivas do edifício é marcado pela regularidade da grelha e pela repetição dos invólucros internos. A equivalência também se aplica na definição das elevações sem estabelecer uma hierarquia literal. Ainda que pareça tudo semelhante, são diferentes. Enquanto a macroestrutura é em concreto armado (e chega a resistir ao fogo) o seu interior é volátil e polivalente e permite as necessárias adaptações em programas como esse. Os painéis industriais propostos no projeto de 1972 são substituídos pelos invólucros em alvenaria em 1995, e ainda assim, garantem a flexibilidade interna. A malha rígida definida na cobertura é pauta para a compartimentação, mas não é a diretriz para a organização interna.



Figura 36 - Sede da SUFRAMA, s.d.
Fonte: Arquivo Severiano Porto

Os espaços de transição têm uma importância vital nesse projeto. Possibilitam além da conexão entre as partes do programa o convívio entre os usuários. O invólucro com painéis industriais ou em alvenaria determinam uma configuração fechada aos espaços de trabalho. Entre os diferentes invólucros há espaços que são apropriados pelos usuários com atividades informais. Entre o público e o privado, o formal e o informal essas áreas são abrigadas pela grande cobertura e oportunizam os encontros e as trocas entre os funcionários e os visitantes, com uma vitalidade incomum em plantas administrativas. Se dentro dos invólucros, o trabalho é introspectivo, fora deles há a descontração. Os arquitetos permitem que a desejada sombra ventilada, necessária ao clima amazônico, ocorra justamente *in between*. A macrocobertura que resistiu ao tempo e ao fogo permanece como um ícone do desenvolvimento na Amazônia. É um abrigo.

5.7_BASA (1970-1974/1979)¹

A efervescência econômica promovida pelo "ouro negro da árvore que chora" na Amazônia entra em colapso com a nova geopolítica em razão da eclosão da Primeira Guerra Mundial e se agrava na terceira década do século XX. Se os seringais não representam mais a importância na balança comercial brasileira² do decênio anterior, permanecem em atividade doméstica. O extrativismo na Amazônia se diversifica com a juta e as especiarias da colonização japonesa, a exploração das madeiras amazônicas e a da castanha do Pará. Na Nova República, com Getúlio Vargas o olhar se desvia ao oeste. O sinal desses novos tempos é materializado no "Discurso do Rio Amazonas"³ proclamado por Vargas no grande salão do Ideal Clube em 10 de outubro de 1940 em Manaus com promessas de novos rumos à Amazônia. As relações internacionais entram em colapso com a invasão alemã à França em 1938 e a iminente participação brasileira na Segunda Guerra Mundial se oficializa com a assinatura dos Acordos de Washington em 1942. A escolha de Vargas pelos Aliados muda o cenário na Amazônia e retoma-se a produção em larga escala dos seringais amazônicos. Em 1943 é criado o Banco de Crédito da Borracha, com sede em Belém.⁴

Os acordos bilaterais entre Brasil e Estados Unidos produzem frutos na cultura urbana em Belém e Manaus. Com o término da guerra em 1945, os seringais perdem novamente a sua importância internacional nessa primavera amazônica. O Banco de Crédito da Borracha deixa de exercer a sua função original em 1950⁵. O Governo Federal o modifica para Banco de Crédito da Amazônia S.A. (BANCREVEA) e amplia os financiamentos para outras atividades produtivas. Em 1966 o BANCREVEA passa a ser chamado de Banco da Amazônia (BASA) . Ele se torna o agente financeiro da política de desenvolvimento da Amazônia Legal e após a implantação dos incentivos fiscais da Zona Franca de Manaus, em 1967, o depositário dos recursos provenientes dos incentivos fiscais.

O Banco é o promotor do desenvolvimento na Amazônia. Ao longo de sua trajetória com diversas denominações, é o responsável pelo financiamento do Primeiro Plano de Valorização Econômica da Amazônia realizado em 1953, e

¹ Baseado no artigo CERETO, M.; SANTOS, L.; ESPINOSA, V. Um "Palácio de Cristal" na Amazônia. In. AFONSO, A. (org.). **Modernidade no Norte Nordeste: o diálogo entre arquitetura, tectônica e lugar**. Teresina: EDUFPI/Editora Gráfica Cidade Verde, 2017, cap. 1, p.13-36.

² PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2012, p.237.

³ VARGAS, G. Discurso do Rio Amazonas. **Revista Brasileira de Geografia**, IBGE, Rio de Janeiro, volume 4, número 2, p.259-260, 1942.

⁴ BASTOS, L. *et al.* **Banco da Amazônia 70 Anos**. Belém: PLW Projetos e Linguagens; Banco da Amazônia, 2012, p.76

⁵ *Ibid*, p.92.

tem como fruto a construção da estrada Belém-Brasília. Em 1960, a instituição compra um terreno na esquina da avenida Presidente Vargas com a rua Aristides Lobo em Belém para a construção da sua sede e promove uma concorrência, vencida pelo escritório Marinho & Konder⁶ do Rio de Janeiro.⁷ Mudanças ocorrem no planejamento da construção, e em 1969 em terreno adjacente à Praça da República em Belém, se inicia a construção de projeto realizado pelos arquitetos Leopoldo José Teixeira Leite (1955-1998) e Julio Catelli Filho (1927-1994)⁸.



Figura 1 - BASA, Casa Panhola, 1978.

Fonte: IGHA, 1985, p.18.

Em Manaus, a agência bancária funciona na antiga Casa Panhola, representante do ecletismo do início do século XX. No começo das operações da Zona Franca em 1967, novas instalações são necessárias ao Banco. É preciso uma

⁶ Arquitetos Marcos Konder Netto (1927) e Hélio Ribas Marinho (?).

⁷ BASTOS, L. *et al.* **Banco da Amazônia 70 Anos**. Belém: PLW Projetos e Linguagens; Banco da Amazônia, 2012, p.112.

⁸ *Ibid*, p. 114.

sede compatível com as demandas de atendimento ao público e também como um símbolo do vigente momento econômico e cultural do Estado do Amazonas. Em 1969 o BASA contrata Severiano Porto⁹.

A escolha do lote para a agência em Manaus é estratégica. Localizado na mesma rua da Casa Panhola, o terreno está localizado na rua 7 de setembro, lindeiro ao Paço Municipal. Na diagonal, estão a então Câmara de Vereadores, enquanto a poucos metros a Prefeitura Municipal, o Comando Militar da Amazônia e o Palácio Rio Branco. Além desses edifícios institucionais, a localização é próxima ao Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Empregados em Transporte e Cargas (IAPETEC), de autoria desconhecida, com dez pavimentos, e marco do início da verticalização no centro da cidade no final da década de 1940.



Figura 2 - BASA, Agência Manaus.
Fonte: Google Earth, 2019.

O contexto urbano do terreno na rua 7 de setembro é formado com arquiteturas ecléticas do início do século XX. O terreno tem a poligonal irregular derivada das construções lindeiras. A dimensão aproximada é de 60,00 x 40,00 m, em esquina ao leste com a rua Epaminondas. A dimensão maior do lote está ao sul junto a rua. Ao oeste e ao norte estão construções homogêneas, com a característica vigente da época: casa com porão alto e platibanda com

⁹ Em 1969 o escritório SMPAA desenvolve o projeto da agência do BANESPA – Banco do Estado de São Paulo em Manaus. Essa contratação é possível que tenha ocorrido em razão da experiência de Mario Emílio Ribeiro na realização de projetos de agências bancárias junto ao escritório Henrique Mindlin.

balaústre. A topografia é levemente descendente em direção a esquina no sentido longitudinal, com o caimento de 1,50 m.

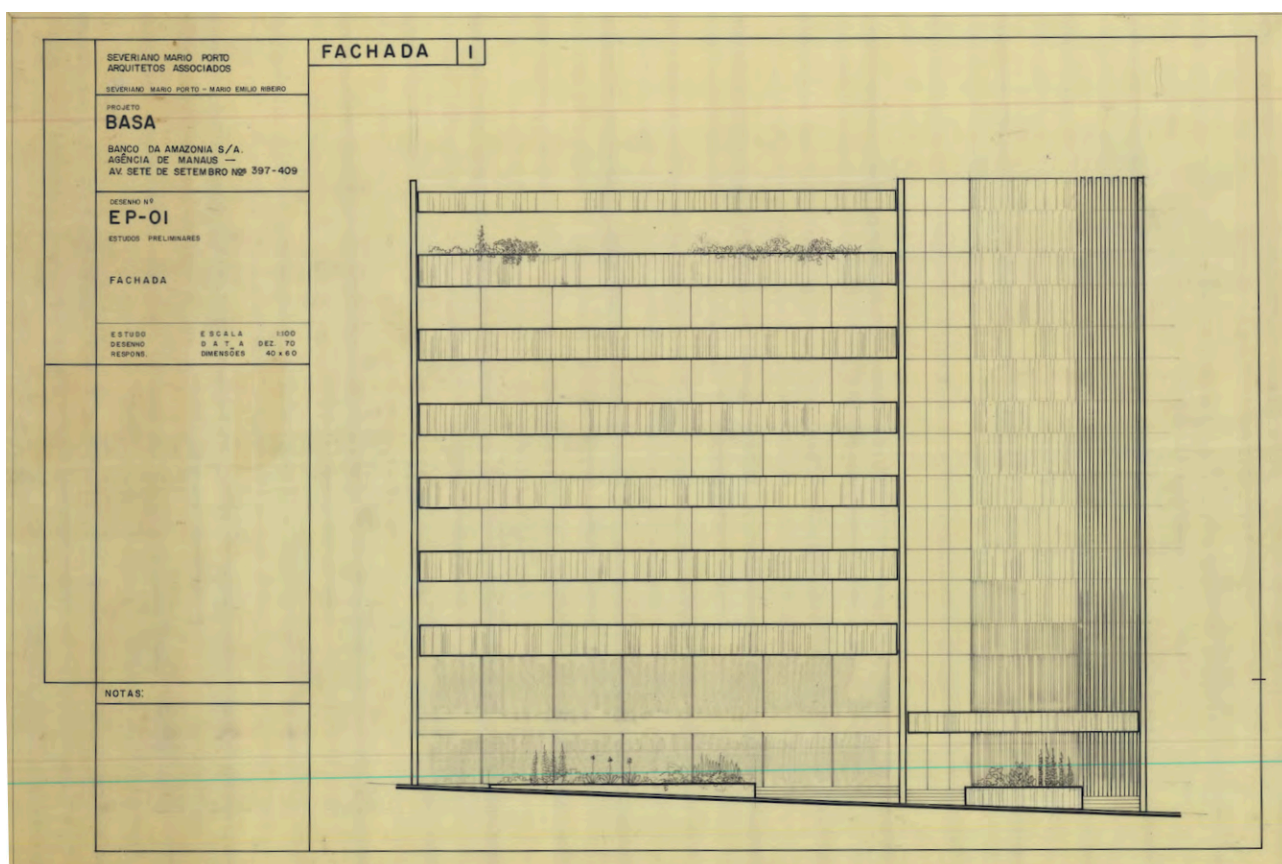


Figura 3 - BASA, Agência Manaus, 1970.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Porto apresenta a primeira versão do projeto em dezembro de 1970. O programa é amplo e distribuído em uma torre com subsolo e 8 pavimentos. A estrutura em concreto armado é distribuída em 5 módulos longitudinais (10,00 x 10,00 m) por dois transversais. Os espaços resultantes entre a modulação estrutural e a vedação do terreno são uma parede medianeira ao oeste e a empena cega no leste. A circulação vertical é posicionada na esquina. São distribuídos dois elevadores sociais e um de serviços alinhados transversalmente ao edifício e se configuram o hall social e o de serviços. Ao norte a fachada está alinhada a estrutura em concreto armado, com exceção de uma parte ao oeste desse plano, que acompanha o polígono do terreno com uma escada de serviços até o terceiro o pavimento. Ao sul estão dispostas varandas em balanço com esquadrias panorâmicas e a agência bancária no térreo e sobreloja, como uma vitrine.

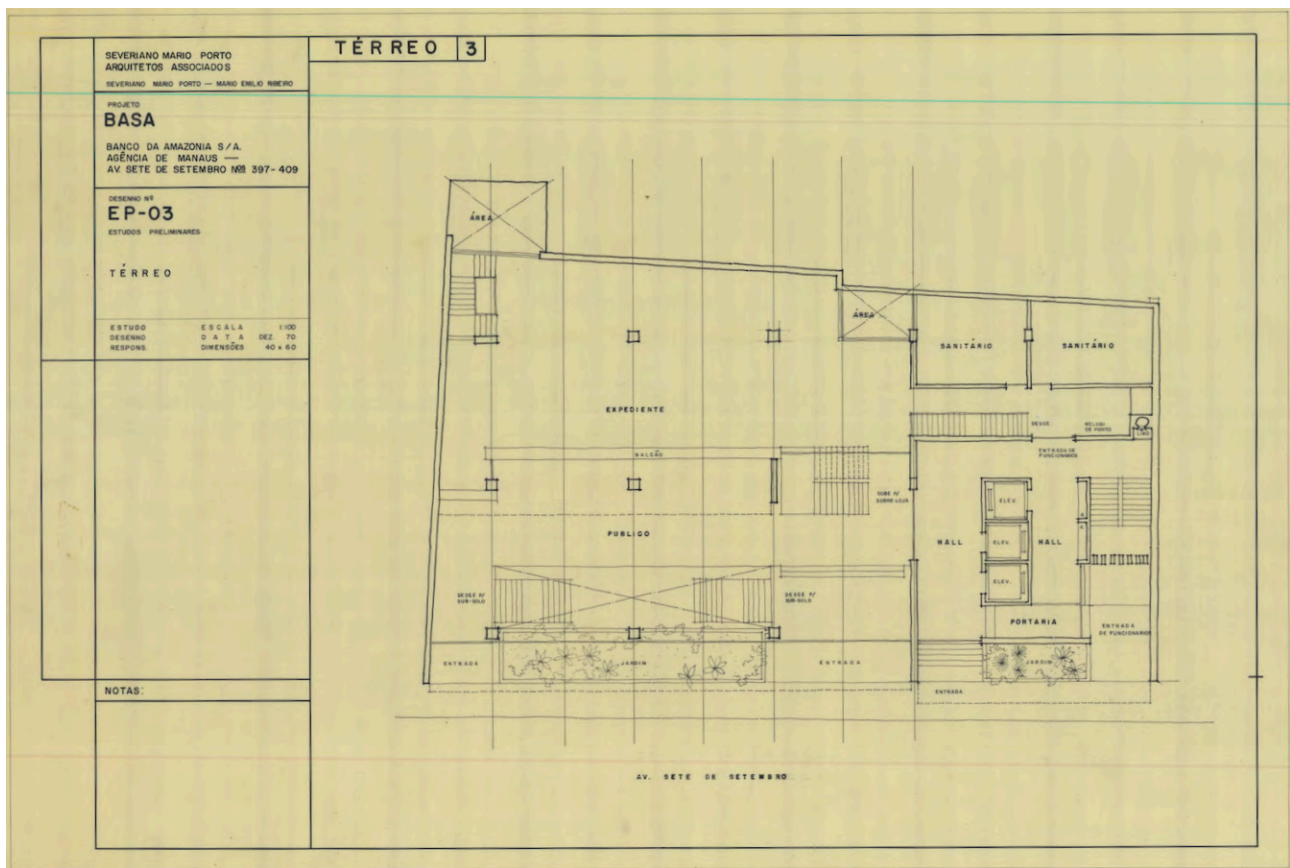


Figura 4 - BASA, Agência Manaus, 1970.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O ingresso ao edifício ocorre em quatro pontos na fachada sul. Os acessos ao oeste são para o ingresso na agência bancária, enquanto os dois ao leste são destinados aos pavimentos superiores do Banco. O caixa forte fica no subsolo. Em um jogo de meio-nível as plantas do subsolo, térreo e sobreloja determinam um vazio junto a vitrine. Ao sul da planta, está a espera aos clientes, enquanto ao norte está o expediente dos servidores. Na sobreloja estão as gerências. Os sanitários e espaços técnicos para o ar condicionado estão inseridos no prisma da circulação vertical. Na planta do terceiro pavimento são distribuídas partes operacionais do Banco. No quarto pavimento estão a biblioteca e setores técnicos. No quinto pavimento, a planta é livre com a disponibilidade para escritórios. No sexto pavimento estão o auditório, com espaços de apoio e o gabinete do Superintendente do Banco. No sétimo pavimento, três Apartamentos para funcionários em trânsito e depósito geral. No oitavo pavimento, além das partes técnicas do edifício, um amplo terraço se abre ao sul com a vista ao rio Negro protegido por uma pérgula.

A construção da sede do BASA em Belém a partir de 1969 prejudica a viabilidade da nova Agência Manaus. Além do orçamento comprometido para a execução de duas torres na Amazônia, a demolição de exemplares da *Belle Époque* no centro histórico de Manaus gera contestações em parte da sociedade manauara. Ainda que exemplares

como o Palácio do Rádio (1957/1961) de autoria desconhecida, o Edifício Cidade de Manaus (1968/1971) do arquiteto Ary Macedo, Manaus Shopping Center (1974/1976) do arquiteto Arnaldo Furquim Paoliello (1927) e o Palácio do Comércio (1970/1977) de Israel Galman (1922-1986) apresentem uma mudança na paisagem urbana, a Lei Municipal 1108 de 1969¹⁰ restringe a construção de edificações em até 04 pavimentos em determinadas ruas da cidade. A justificativa morfológica é garantida por uma condição técnica atribuída a Companhia de Águas do Amazonas¹¹ (COSAMA), que está em andamento com a ampliação do sistema de esgotos da cidade. Severiano Porto afirma em entrevista em 1972 que "edifício em altura não significa progresso e afirma também que a beleza de uma cidade está em suas reservas históricas e sua cultura."¹²

Somente em 1974, outro projeto é apresentado pelo escritório SMPAA. A localização é semelhante a anterior, mas a indisponibilidade do imóvel da esquina entre as ruas 7 de setembro e Epaminondas reduz em 21,00m o comprimento do lote. A legislação urbanística, o depoimento de Severiano Porto sobre a verticalização na cidade e a redução do terreno comprometem a continuidade do projeto de 1970 e determinam um novo olhar ao lote, agora com construções ecléticas de morfologia semelhantes em todos os limites.

O ajuste de novas arquiteturas ao traçado antigo medieval é uma das características das principais cidades no Renascimento. Parte da obra do arquiteto Sebastiano Serlio (1745-1754) é primorosa em arranjos interiores de plantas com a geometria disponível do terreno¹³. A ocupação total do lote no centro histórico é permitida pela legislação urbanística manauense, mas exige arranjos na poligonal resultante com ângulos retos, agudos e obtusos. Além da planta, é necessário encaixar o edifício em medianeiras e dialogar com a linguagem e o gabarito existente das arquiteturas remanescentes da *Belle Époque*. A mudança tipológica do projeto para loja e sobreloja exige um diálogo com a morfologia urbana consolidada. A contextualização urbana da agência bancária é o partido arquitetônico.

¹⁰ Prédios trazem calor à cidade - diz arquiteto. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 09 de junho de 1972. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 20 de junho de 2017.

¹¹ Projeto realizado pelo ESB - Escritório de Engenharia Civil e Sanitária Francisco Saturnino de Brito. Ver em: A grande obra. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 15 de dezembro de 1967. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 08 de maio de 2015.

¹² PRÉDIOS trazem calor à cidade - diz arquiteto. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 09 de junho de 1972, p.2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 20 de junho de 2017.

¹³ PEREIRA, C. C. 1998. **Architectural practice and the planning of minor palaces in renaissance : Italy 1510-1570**. Cambridge, tese de Doutorado em arquitetura, Massachusetts Institute of Technology, School of Architecture and Planning, 1998.

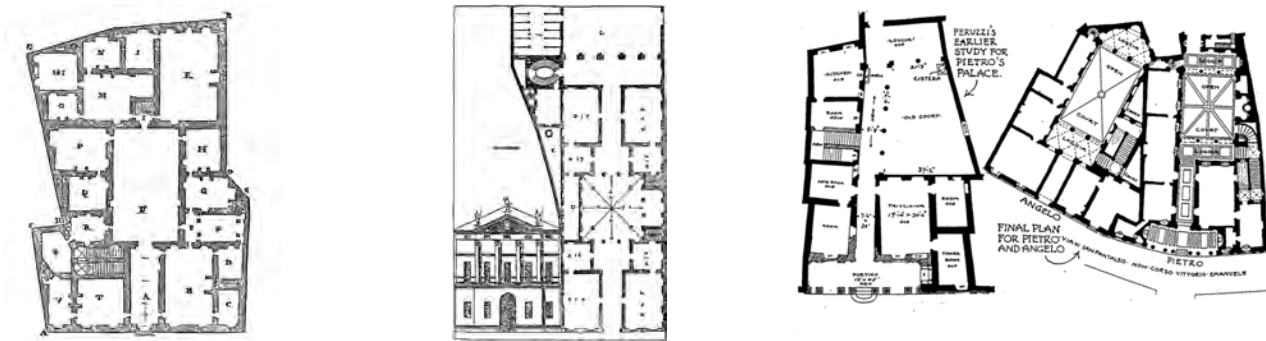


Figura 5, 6 e 7 - *Sito fuori di squadra*, Sebastiano Serlio, s.d. | Palazzo Capra, Andreas Palladio, s.d. | Palazzo Pietro Máximo, Baldassare Peruzzi, s.d.
 Fonte: SERLIO, 1987, p.137. | PALLADIO, 1980, p.247. | PEREIRA, 1998, p.169.

Esse edifício tem um significado simbólico no Amazonas. O BASA materializa o desenvolvimentismo no Estado e é um símbolo do novo ciclo econômico. Manaus se transforma em ponto de interesse turístico no início dos anos 1970 com a propaganda estatal da EMBRATUR nos periódicos semanais, como terra de oportunidades para a instalação de indústrias e para a compra de produtos importados. A Agência Manaus deve contemplar a modernidade do seu tempo com o imaginário amazônico e se vestir a caráter como se revestem os Palácios. Em Manaus, são denominados Palácios no início da década de 1970, edifícios icônicos e representativos na cidade. Além dos ecléticos Palácio Rio Negro, Palácio Rio Branco e Palácio da Justiça construídos na *Belle Époque*, os edifícios modernos são denominados Palácio do Rádio, Palácio Rodoviário, Palácio da Cultura, Palácio do Comércio e Palácio da Fazenda. Nesse sentido, Marina Waisman analisa a materialidade do edifício:

En cambio, en el edificio para el Banco de Desarrollo Regional de Amazonia, del gobierno federal, la madera era casi un símbolo obligado, y aparece no solamente en las celosías para disminuir la luminosidad, sino en el acceso principal, en a forma de grandes troncos que arman un pórtico monumental con lejanos recuerdos corbusieranos. (WAISMAN y NASELLI, 1989,p.190).

A agência bancária repete o vazio da proposta de 1970 em espaço destinado ao público, com pé-direito duplo, junto a vitrine. O ajuste geométrico do terreno a um espaço interno, regular e modulado orienta a setorização da planta. Ao fundo do terreno as imperfeições da geometria são corrigidas em um polígono triangular como um espaço servente com a escada aos funcionários, sanitários, caixa forte, armários e outro vazio resultante das distintas formas - que permite uma analogia ao *poché*. Por ali passam os dutos do ar condicionado. O espaço servido é um salão amplo. A projeção determinada pelo alinhamento do mezanino configura a distinção entre o expediente e o público na planta. O pé-direito duplo se abre a vitrine voltada ao sul. Se a fachada sul permite a transparência nos trópicos, na Amazônia exige a devida proteção pela variação da trajetória do sol em parte do ano.

O piso é revestido em granito cinza. No conjunto, se destaca a variedade de aplicações em madeira, seja nos painéis que revestem os balcões de atendimento, no revestimento de paredes, e no mobiliário artesanal e industrial.

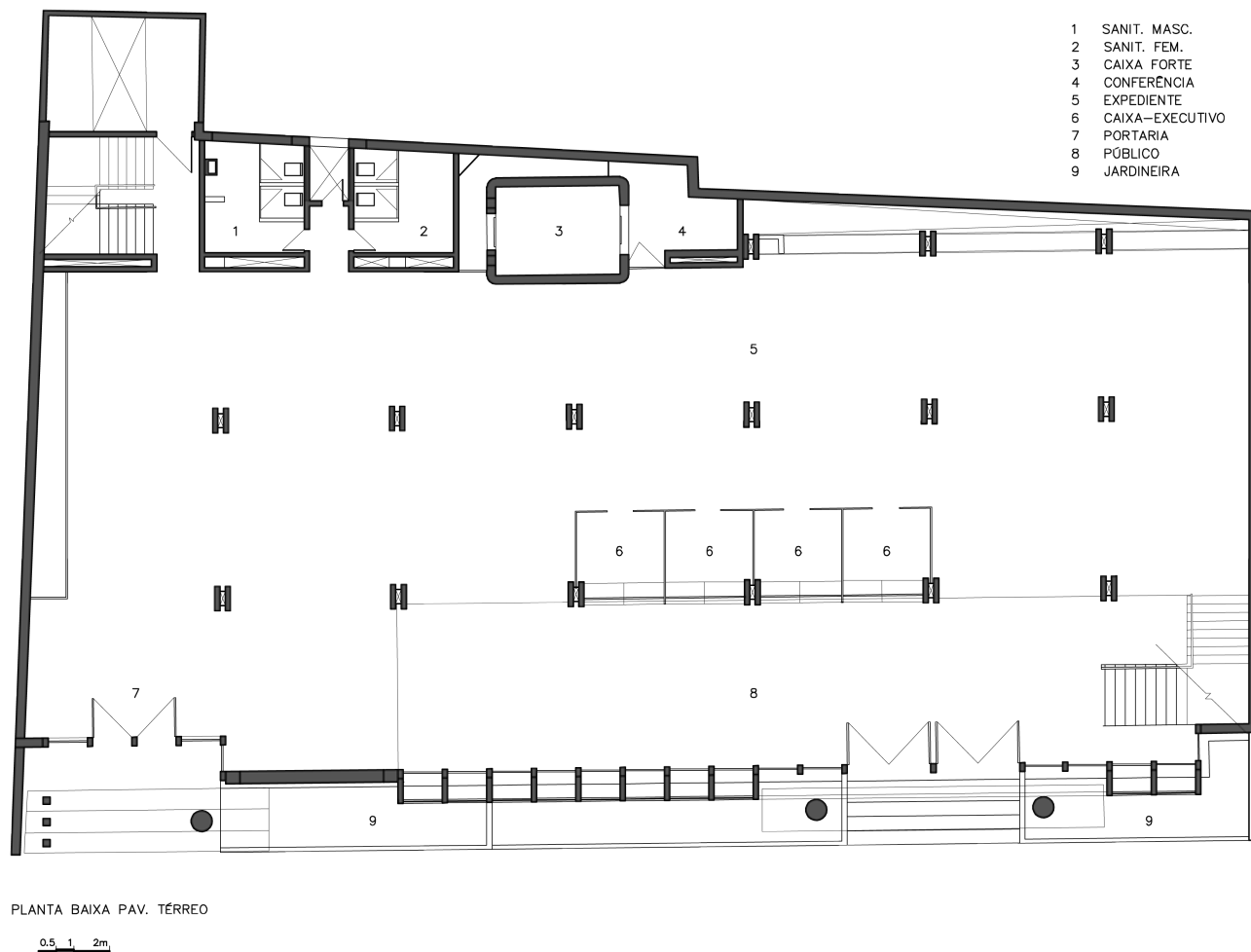


Figura 8 - BASA, Agência Manaus.
 Fonte: CERETO, 2020.

A estrutura portante é em concreto armado e apoia a cobertura com o uso de telhas Kalheta Delta 2 da Brasilit. São 7 módulos estruturais longitudinais espaçados em 5,00 m por 3 módulos transversais. As dimensões dos últimos módulos longitudinais ao norte têm 4,70 m, enquanto ocorrem de forma variada nos módulos transversais. Nas paredes medianeiras, os pilares e vigas em concreto são ocultos pela alvenaria. Ao oeste, um ajuste visual é realizado com o posicionamento dos medidores. O recolhimento das águas pluviais ocorre nas vigas-calha dispostas longitudinalmente sobre os pilares em concreto. Essas peças estão a 6,85 m do nível do piso. A estrutura portante e a cobertura constituem uma macrocobertura. Os pilares em concreto armado têm 0,15 x 0,70 m e são colocados dois a dois, separados longitudinalmente em 0,15 m. Nos espaços entre os pilares, descem os tubos de

queda pluvial. Esses *shafts* são vedados com painéis em madeira, recuados do plano da face do pilar, para o acabamento e as inspeções.

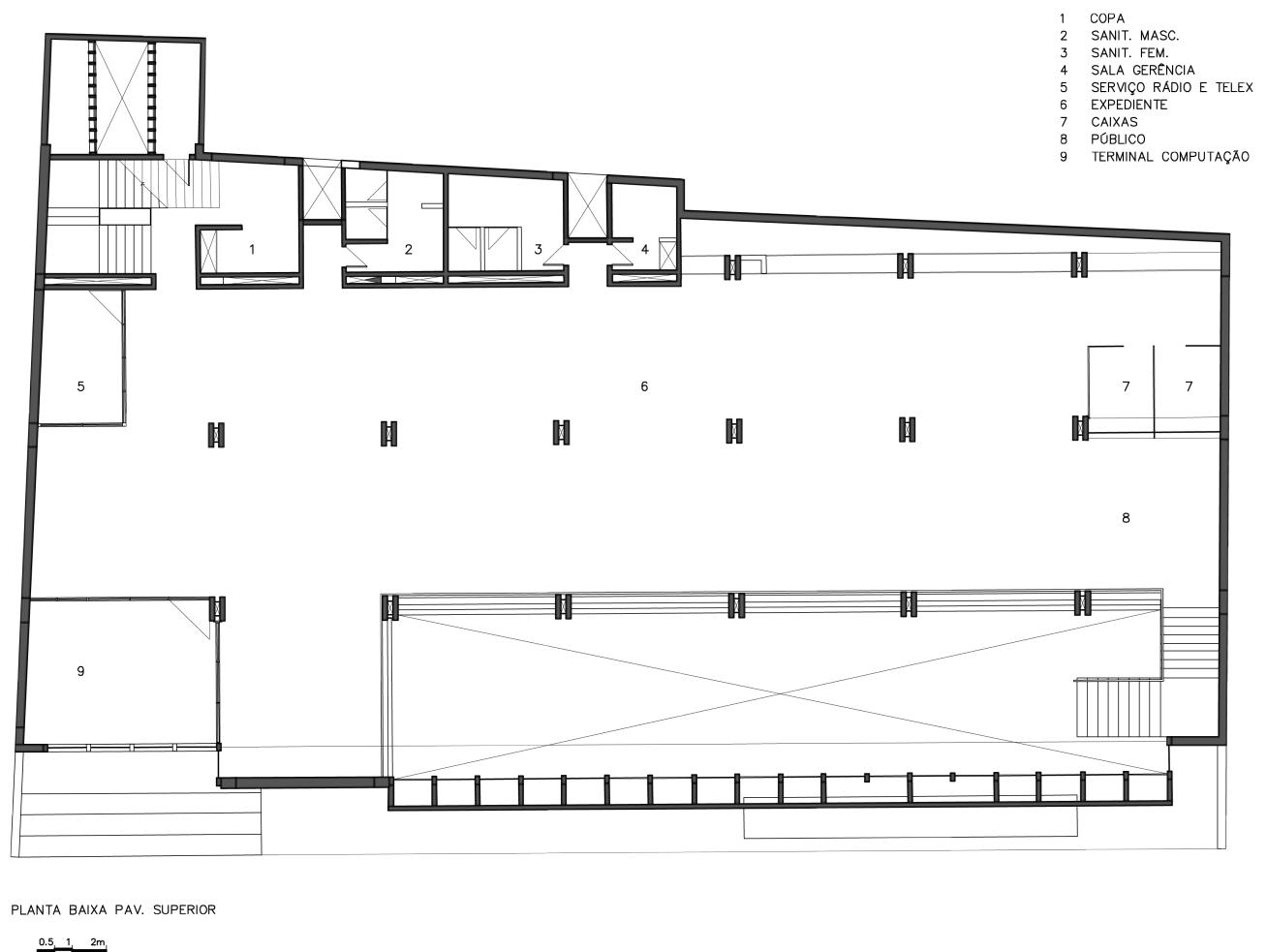


Figura 9 - BASA, Agência Manaus.
Fonte: CERETO, 2020.

Sob a macrocobertura, se insere um volume similar a uma caixa de vidro, estruturado em madeira. A estrutura em madeira sustenta a fachada e o forro. Entre os dois volumes dessa composição há uma defasagem em 1,00 m que é ocupada com muxarabis em madeira para a ventilação da cobertura. Esses painéis estão recuados em relação ao alinhamento em 1,00 m e formalmente separam a macrocobertura da caixa de vidro. As duas estruturas são independentes formalmente. A macrocobertura é ordinária em concreto armado, alvenaria cerâmica, telhas industriais e platibanda com a função da proteção e a conexão com a morfologia urbana. A caixa de vidro é única, tratada como um Palácio em Cristal, protegida pelo macrocobertura e vestida a caráter.

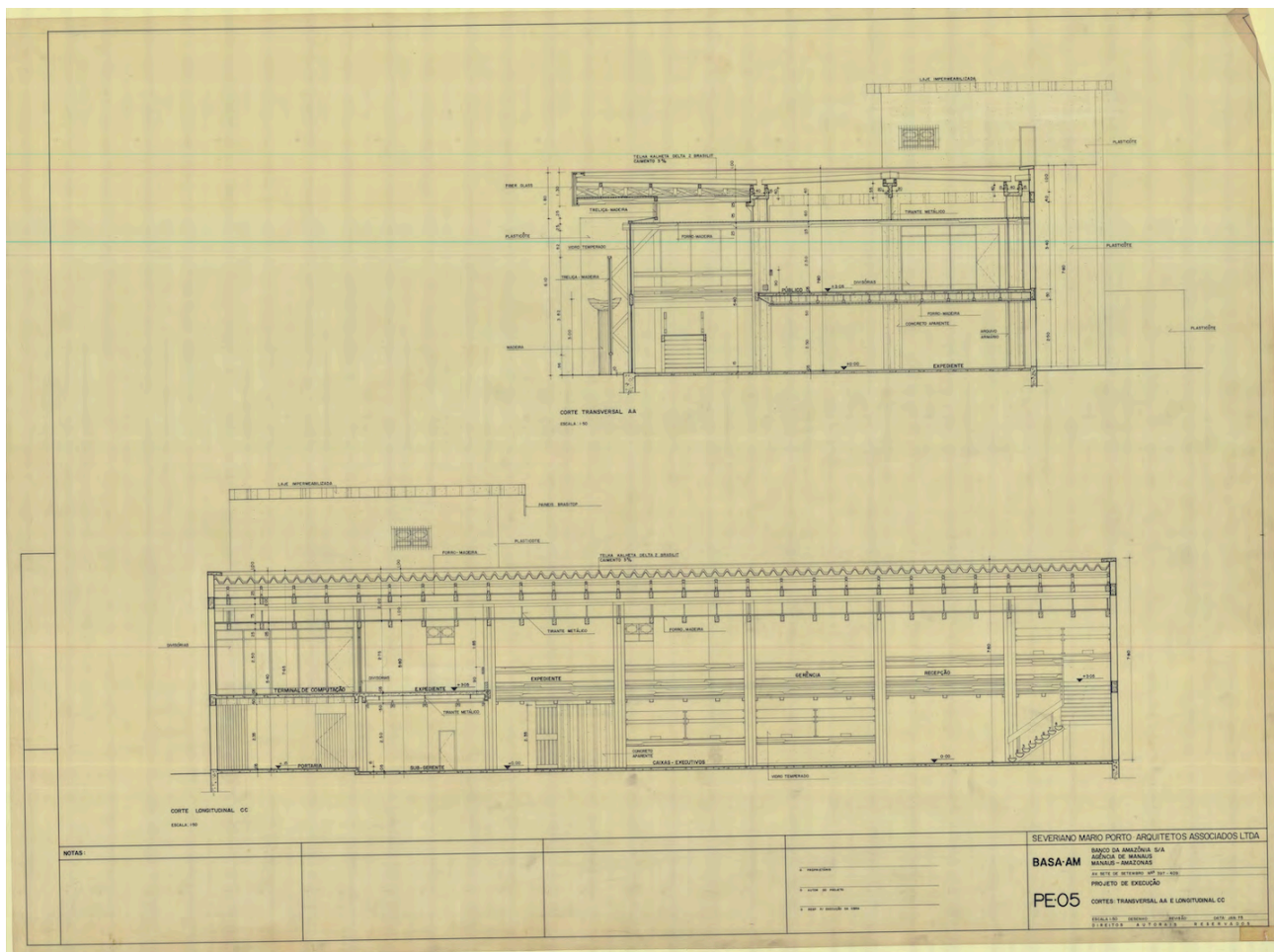


Figura 10 - BASA, Agência Manaus, 1974.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Os acessos são formalmente literais e localizados em dois pontos da fachada sul. O principal é excêntrico ao eixo transversal e distribuído em quatro módulos da estrutura em madeira da caixa de vidro. É marcado pelo pórtico em macacaúba. O pórtico não tem a função protetiva, é apenas figurativo. As colunas *in natura* são superdimensionadas. Dois troncos com 0,60 m de diâmetro estão distantes a 7,00 m e apoiam outro cortado longitudinalmente, em forma de meia-cana, com um diâmetro de 1,20 m e um comprimento de 9,00 m. Essa trave tem 3,00 m de altura e remete a linguagem arquitetônica dos imigrantes japoneses, responsáveis pela produção da juta e das especiarias no Amazonas. Para entrar no edifício, se ascende 5 degraus em uma escada, sob o pórtico, e se ingressa ao salão com pé-direito em 5,55 m com 5 módulos estruturais. O acesso secundário está junto a medianeira oeste e assim como o acesso principal, tem outro pórtico similar, em tamanho menor, respeitando a hierarquia. Nesse caso, se acessa ao interior do edifício no mesmo nível da portaria com pé-direito em 2,50 m.

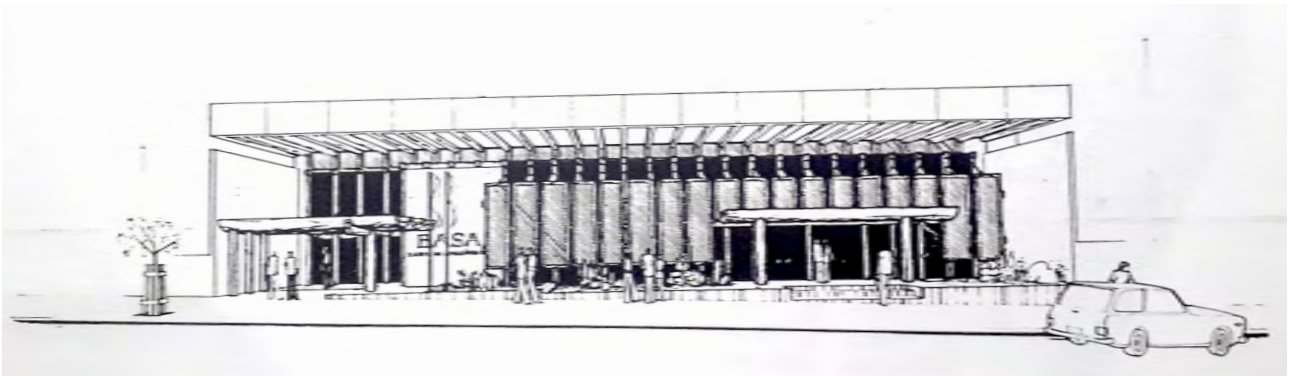


Figura 11 - BASA, Agência Manaus, 1974.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O alinhamento do edifício ao tecido urbano é determinado pelos planos do embasamento e do entablamento. A jardineira separa a caixa de vidro do passeio público, e, de acordo com o desnível da rua, estabelece um plano vertical em concreto aparente como um embasamento. Essa base é interrompida apenas nos dois acessos. A platibanda é constituída por placas em *fiberglass* de 1,25 x 1,30 m, pintadas em verde e alinhadas com rigor ao entablamento das duas construções lindeiras. Esse arranjo na elevação de alinhamento do embasamento e do entablamento garante a continuidade morfológica sem recorrer aos clichês da modernatura das cartas patrimoniais. A caixa de vidro é recuada do alinhamento do tecido urbano pela sua excentricidade. Além da decisão conceitual, esse recuo garante a proteção climática.

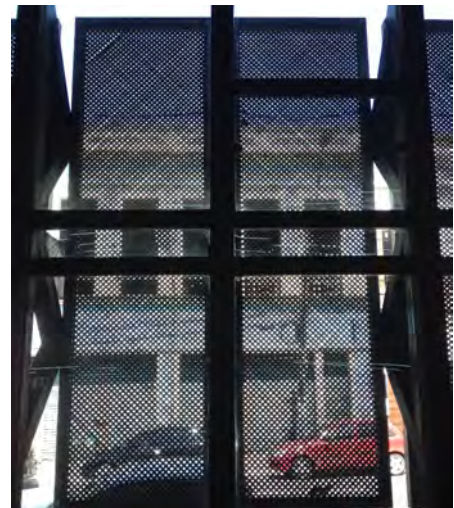


Figura 12, 13 e 14 - BASA, Agência Manaus, 2017.
Fonte: CERETO, 2020.

As paredes medianeiras estão formalmente soltas da platibanda no projeto e permanecem com a mesma altura da caixa de vidro. Esse recurso evidencia a independência formal na composição. O encontro da caixa de vidro com as

medianeiras é feito com trechos de alvenaria cerâmica pintadas na cor branca que possibilitam a passagem de instalações, o arremate e o travamento da estrutura da fachada. Estão recuados em 3,00 m do alinhamento. No acesso secundário, a esquadria permanece no plano da alvenaria e avança 1,00 m em direção ao meio-fio em um painel em alvenaria cerâmica pintado na cor branca - com 4,85 x 5,55 m. Esse painel é destinado a identificação visual do Banco e serve também como fundo para a visibilidade dos três mastros com bandeiras inseridos na jardineira. A fachada é estruturada com peças em madeira de 0,15 x 0,25 m distribuídas em módulos de 1,25 m. Entre elas, são instalados painéis em vidro incolor temperado. Trelições em madeira com a mesma dimensão das peças são fixadas nelas e sustentam os 10 muxarabis com 1,10 x 3,30 m, projetados a 1,00 m do plano do cristal. Sobre o acesso principal, são colocados outros 8 muxarabis com 1,10 x 1,25 m e permanecem alinhados no topo aos demais. Além do sombreamento proporcionado ao Palácio em Cristal, o muxarabi é representativo como a conexão entre a modernidade e tradição consagrada na escola carioca. A sua utilização na Agência Manaus resgata a cultura dos imigrantes oriundos do Oriente Médio, fundamentais no comércio manauense.



Figura 15- BASA, Agência Manaus, 2017..
Fonte: CERETO *et al*, 2017.

Todo o Palácio tem um *Piano Nobile*. A escada principal não é monumental e nem simétrica ao vazio da composição. Ela se encontra de forma discreta na medianeira ao leste. A simplicidade do percurso é materializada no corte rústico das peças em costaneira, com conexões realizadas com pinos metálicos e entalhes. O mezanino mantém a mesma estratégia de arranjo geométrica do térreo. Sobre o mesmo polígono triangular ao fundo da planta, permanecem a escada de serviços e os sanitários. Os demais espaços de atendimento aos clientes estão na planta livre. O guarda-corpo do mezanino apresenta um desenho inovativo nos projetos de Severiano Porto e além da proteção, funciona como duto para a passagem das instalações elétricas. A seção da peça intermediária do

guarda-corpo tem 0,20 x 0,20 m e é composta por quatro painéis em madeira, como uma caixa de passagem na qual se alimentam as tomadas entre os pilares. O forro em macacaúba está fixado nas peças em madeira de 0,15 x 0,25 m, apoiadas na estrutura da fachada e sustentadas por tirantes metálicos fixados nas vigas-calha. Se formalmente a independência entre a macrocobertura e a caixa de vidro são evidentes, estruturalmente não o são.



Figura 16 - BASA, Agência Manaus, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Diferentes formas de beneficiar a madeira estão presentes na Agência Manaus. No exterior do edifício, a variação vai desde o aspecto bruto dos pórticos, ao tratamento com a enxó nas peças usadas na estrutura das fachadas e do forro, até o refinamento dos muxarabis. No interior do edifício aparecem novos tratamentos como os troncos em costaneira na escada, os painéis em marchetaria dos balcões de atendimento, as pranchas verticais utilizadas como revestimento da alvenaria, *shafts* para instalações, divisórias móveis e fixas e mobiliário. O edifício é inaugurado em 09 de março de 1979.

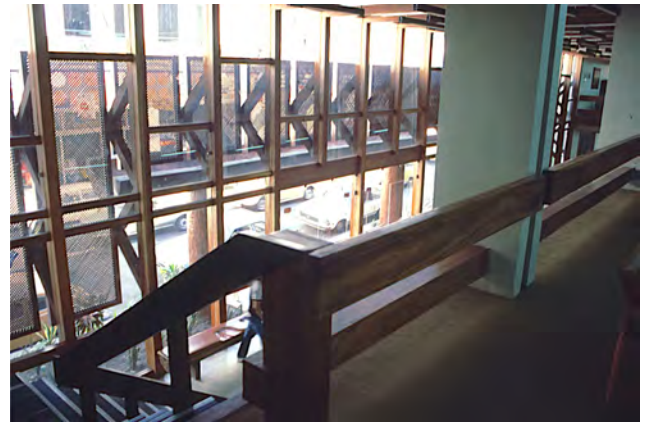


Figura 17, 18 e 19 - BASA, Agência Manaus, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Ainda que a madeira tenha sido explorada em diversas maneiras e técnicas pelo escritório, permanecem preconceitos ao seu uso. No início dos anos 1980 é presente em parte da sociedade amazonense e entre alguns escritórios brasileiros, uma desvalorização do material como algo de menor valor. Particularmente algumas obras realizadas por Severiano Porto são consideradas folclóricas por parte da crítica especializada. A visibilidade internacional proporcionada em Buenos Aires na exposição no *Centro de Artes y Comunicación* (CAYC) em 1983 e na *Bienal de Arquitectura de 1985*, aliada a uma simplificação na análise das obras, rotulam Severiano Porto como o arquiteto da madeira. Por outro lado, Ruth Zein afirma que "não está lançada a moda da "madeirinha, nem ele próprio produziria algo semelhante à agência do Banco da Amazônia, em Manaus, se tivesse que construir em plena avenida Paulista."¹⁴ Como seria o projeto de Severiano Porto nesta latitude?

Em 1975, o escritório SMPAA realiza projetos para outras duas agências do BASA: São Paulo e Rio de Janeiro. Não há documentos do projeto carioca no acervo Severiano Porto. Os desenhos da Agência São Paulo são insuficientes

¹⁴ ZEIN, R. Um Arquiteto Brasileiro: Severiano Mário Porto. *Projeto*. São Paulo, n. 83, janeiro de 1986, p. 44-45.

para uma análise apurada, mas permitem observações comparativas com o projeto da Agência Manaus. O projeto paulistano está situado no centro da cidade, na rua José Bonifácio, 192. O terreno tem aproximadamente 260,00 m² e uma largura de 11,00 m. O projeto é organizado em dois pavimentos, com a distância de piso a piso em 5,80 m. Essa altura permite a inserção do Jirau, nomeado dessa forma no corte, em parte da planta nos dois pavimentos. Ao que tudo indica, são espaços destinados a gerências. É possível observar na documentação o posicionamento dos sanitários, escada e ar condicionado ao fundo da planta, e a mesma estratégia de configurar o espaço ao público e ao expediente dos servidores em uma geometria regular. Na cobertura são locadas a torre de arrefecimento, o reservatório superior e a casa de máquinas. O projeto é estruturado em concreto armado com a transparência da fachada inerente a temática.

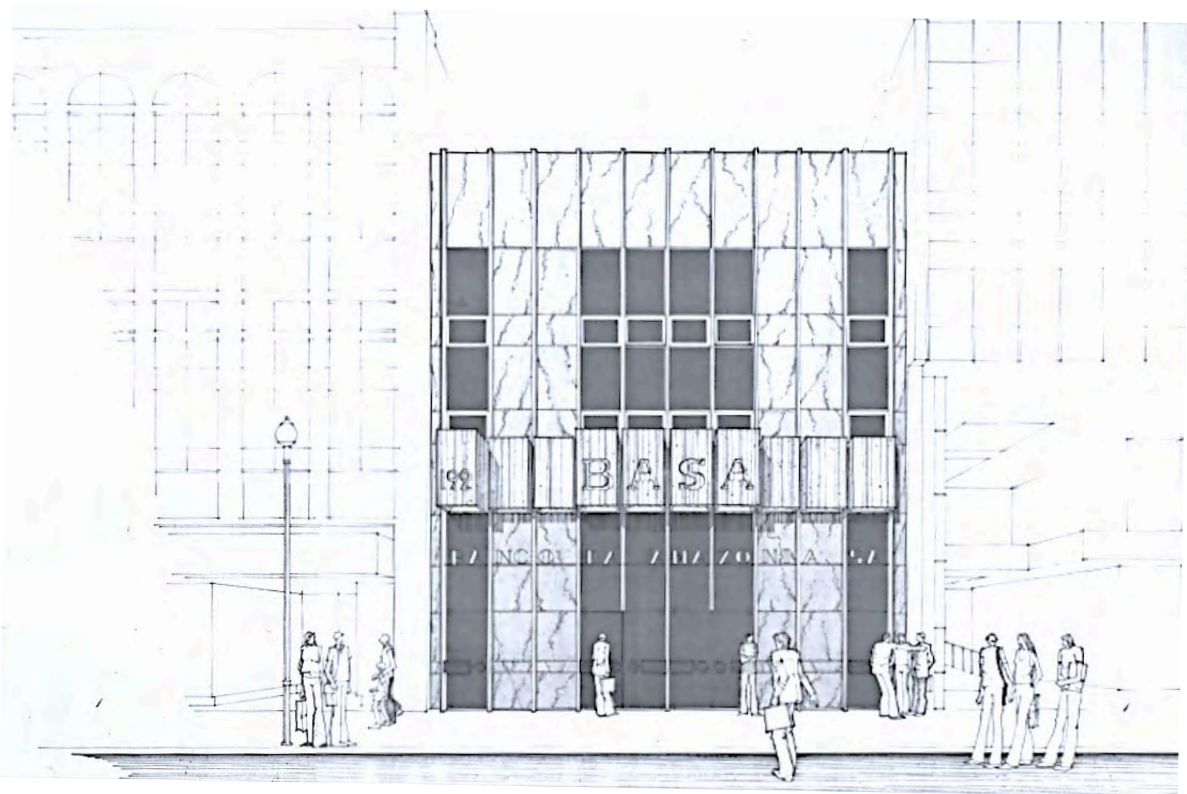


Figura 20 - BASA, Agência São Paulo, 1975.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

A estrutura da fachada em vidro na Agência São Paulo permanece aparente com o ritmo dos montantes em alumínio dispostos em eixos a cada 1,25 m. Enquanto em Manaus, o escritório utiliza peças robustas em madeira para estruturar o vidro temperado, em São Paulo são instalados perfis delgados em alumínio anodizado. A viga de borda da laje é saliente e permite a identificação do Banco no concreto aparente. No coroamento do edifício, no mesmo plano do vidro temperado, são utilizadas placas do granito Juparanã. A fachada tripartida tem uma

composição figurativa com vidro, granito e concreto. O escritório de Severiano Porto projeta ainda outras 11 agências bancárias no Amazonas¹⁵. Seja no Palácio manauense ou no Banco paulistano comprova que é possível adotar soluções universais em geografias distintas com materiais diferentes. Sem perder a ternura.

A agência em Manaus é tombada em 2016 pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas¹⁶. Em 2018 o BASA encerra a operação no edifício e desde então o imóvel está disponível para locação. A análise comparativa entre os três exemplos permite observar lacunas entre o discurso de Severiano Porto e a prática projetual. Os projetos realizados para a Agência Manaus em 1970 e 1974 apresentam discursos antagônicos. A legislação urbanística restritiva ao gabarito no centro da cidade é anterior ao primeiro projeto.

O Palácio em Cristal é um edifício simbólico. Se a contextualização urbana é partido arquitetônico, há excentricidade na materialidade. No centro histórico da *Belle Époque*, a madeira é selvagem. A preciosidade e a originalidade do edifício são reconhecidas pelo gerente da agência que afirma que "é um conjunto tão bonito que viramos atração turística"¹⁷. A racionalidade estrutural entra em contraponto ao espaço figurativo, representado pela marcação de entradas com ícones, pelas emprego eclético de elementos de arquitetura e pelo ajuste visual e geométrico. Parece que o edifício é estruturado em madeira, mas na realidade é somente uma proteção a fachada.

Sylvio de Podestá (1952) e Éolo Maia (1942-2002) manifestam a Severiano Porto no início dos anos 1980, uma certa preocupação com a excessiva utilização de peças superdimensionadas em madeira na Agência Manaus, em contraponto ao discurso ecológico proposto pelo escritório¹⁸. Ainda na questão ambiental, Joaquim Guedes (1932-2008) versa sobre a pertinência de transformar árvores maravilhosas da Amazônia em pilares de edifícios, com complicada fundação, ao invés de utilizar peças industrializadas em concreto armado¹⁹. A justificativa para a

¹⁵ PORTO, Severiano. Curriculum Vitae. **Arquivo Pessoal**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2002.4 v.

¹⁶ LEI n.4950 de 04 DE OUTUBRO DE 2019, disponível em <https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2019/10590/lei_4950.pdf> Acesso em 16 de julho de 2020.

¹⁷ GOMES, L. O artista da Amazônia. **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n°. 879, 1985, p.119.

¹⁸ PODESTÁ, Sylvio de. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Belo Horizonte, 28 de novembro de 2015.

¹⁹ PRIMER Seminario de Arquitectura Latinoamericana: mesa redonda. **Summa**, Buenos Aires, n.214, julho de 1985, p.32.

utilização dos recursos humanos e materiais disponíveis no meio se torna controversa quando usada em um edifício público no centro da cidade. A madeira, que não é adequada à sede da SUFRAMA e nem ao setor norte do campus da Universidade, é para um Palácio.



Figura 21 - BASA, Agência Manaus, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

5.8_RESIDÊNCIA ROBERT SCHUSTER (1977/1978-1981)

Severiano Porto é celebrado no cenário nacional no final dos anos de 1970. As premiações recebidas do Instituto de Arquitetos do Brasil com o Estádio Vivaldo Lima (1965/1971), Restaurante Chapéu de Palha (1967/1968), Residência do Recife, 1435 (1971/1971), Reservatórios elevados da COSAMA (1972/1972) e a Sede da SUFRAMA (1971/1974) mostram um profissional versátil em diferentes escalas e demandas na Amazônia. A mídia especializada apresenta os projetos do "arquiteto amazonense" com uma certa curiosidade, enquanto os periódicos semanais de informação revelam obras exóticas pelo uso da madeira.



Figura 1 e 2 - Robert Schuster em fazenda Baía da Pedras / MT, 1997. | Residência Robert Schuster. Praia.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ apud ROVO, 2017. | OLIVEIRA, 2005, s.d.

Seja em uma pequena residência rural, em um edifício institucional ou em um marco urbano, Severiano Porto demonstra um comportamento próprio independente do programa, orçamento, cliente e sítio: busca a melhor solução possível com os recursos disponíveis - materiais, sociais ou ambientais. O crescimento demográfico e econômico de Manaus na primeira década da Zona Franca de Manaus impulsionam as demandas de projetos ao escritório e são mensurados pelos edifícios projetados neste período na cidade. O escritório realiza 96 projetos de 1970 a 1977 nos Estados do Amazonas, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo e nos Territórios de Acre, Rondônia e Roraima. O arquiteto está em marcha pela modernização da arquitetura na Amazônia, mas também na construção de uma imagem do novo Amazonas: moderno e integrado ao território nacional - bandeiras levantadas pelo Estado. O fim do milagre econômico e a crise econômica marcam o País no início dos anos 1980 e mostram que a integração da Amazônia ao território é superficial e insatisfatória baseada na exploração dos recursos e similar ao extrativismo proposto no período da *Belle Époque*. A desigualdade social, a falta de infra-estrutura urbana e de uma

educação especializada limita o Plano de Integração Nacional e se torna mais uma oportunidade perdida para a região. Os produtos internacionais vendidos na Zona Franca de Manaus servem ao restante do Brasil, assim como a borracha aos ingleses.



Figura 3 e 4 - Residência Robert Schuster. Sítio.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

O topógrafo austríaco Robert Schuster (1930) se muda a Manaus no final dos anos 1950 e se casa com a amazonense Luzia Silva Gonçalves de Alencar (1959). Ele adquire um profundo conhecimento sobre a Amazônia nos trabalhos de campo para a realização de levantamentos topográficos na região e se torna a partir do final dos anos 1960 um dos parceiros profissionais de Severiano Porto. A relação de Schuster com a floresta o motiva para a construção de uma casa de final de semana em 1977.



Figura 5 - Residência Robert Schuster
Fonte: Google earth, 2020.

A bacia do Tarumã-Acú é formada por rios, igarapés e cachoeiras e atrai a população nos finais de semana para as atividades de lazer nas águas ou nas praias. O Tarumã-Açu é um afluente do rio Negro e está no limite oeste da área urbana de Manaus. O terreno da Residência Schuster margeia o igarapé do Mariano, um dos afluentes da bacia, em um lote com 5.790,00 m² e dimensões aproximadas com 60,00 x 100,00 m. Está a cerca de 20 km pelas águas a partir do Porto de Manaus - ou então, cerca de 30 km pelas estradas.

Em 1977 o terreno está em um loteamento rural de sítios com as características peculiares desta região: vegetação de porte, areias brancas e "chão de folhas". A topografia dos terrenos as margens dos igarapés na região de Manaus têm a característica de caimento descendente às águas com áreas inundadas no período das cheias (inverno amazônico) e praias nas vazantes (verão amazônico). O aproveitamento do terreno é garantido pela condição perene determinado pelas cotas de nível 29,00 e 41,00 m, com um aproveitamento máximo da área considerando a cota de referência. Esta condição é fundamental na escolha do terreno, já que o proprietário é um topógrafo. A cota 29,00 m representa uma referência às cheias e vazantes dos rios e igarapés em Manaus. As cheias do rio Negro são medidas desde 1902 e conforme a Agência Nacional de Águas (ANA), a maior registrada ocorre em 2012 com as águas atingindo a cota 29,97 m. Até a década de 1970, se utiliza a cota da enchente de 1953, até então a maior registrada - 29,69 m. Considera-se como cota para a construção 1,00 m acima da cota de referência para a previsão de alagamento nos lotes ribeirinhos no períodos de cheia. Esta cota é muito importante para entender os reais limites de um terreno.

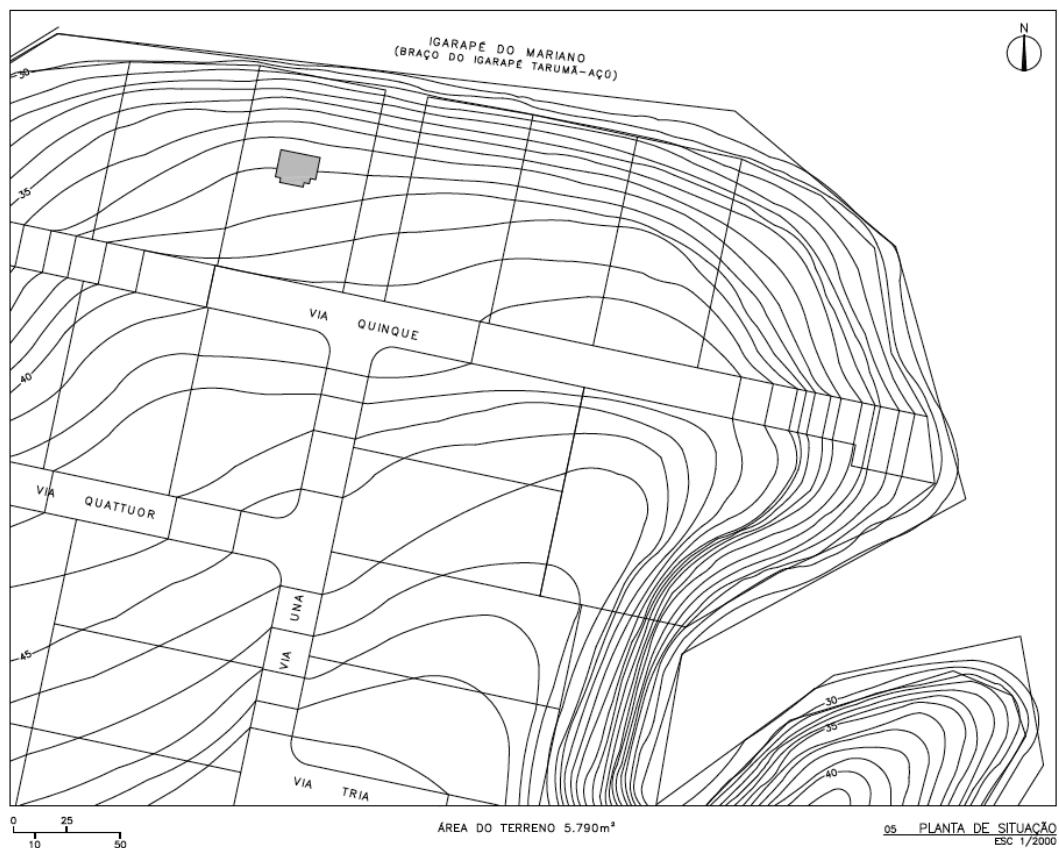


Figura 6 - Residência Robert Schuster. Situação.
 Fonte: OLIVEIRA, 2005, s.d.

A característica topográfica, a vegetação densa e a permeabilidade do solo são condicionantes determinantes ao partido arquitetônico. Uma casa de final de semana permite algumas ousadias ao arquiteto conforme a solicitação do cliente. Os trabalhos de campo do topógrafo Robert Schuster na Amazônia o credenciam para uma casa aberta na mata, adequada às condições climáticas da região, mas também integrada à fauna amazônica. A tipologia "casa na selva" remete a um certo primitivismo característico deste período, iniciado pelo movimento *Flower Power* na década anterior e representado no Brasil com o ambientalismo a partir da década de 1970 - reativos ao desenvolvimentismo, com a busca de outras formas de viver e habitar- não tão novas assim, mas menos industriais. Cabe salientar a imposição dos bangalôs pelos americanos no final dos anos 1920 em Belterra/PA e Fordlândia/PA e posteriormente, nos anos 1940, são aceitos pela burguesia paraense como casas de final de semana. Essa arquitetura também chega ao Amazonas e habita o imaginário da burguesia nos anos 1970.

O crescimento econômico de Manaus promovido pelo ciclo industrial neste período promove a ocupação da área urbana com novos loteamentos residenciais, e aos poucos, eles comprometem a qualidade dos banhos nos igarapés utilizados nos finais de semana. Esta conjuntura motiva a burguesia local a comprar chácaras na região do

Tarumã-Açu em busca de águas limpas para as atividades de lazer. Destaca-se nesta região a Vivenda Verde¹, projeto de loteamento de terrenos para a classe média-alta realizado pelo arquiteto Cesar Oiticica nos anos 1970. Neste ambiente selvagem do terreno na década de 1970, há pouca densidade populacional no entorno.

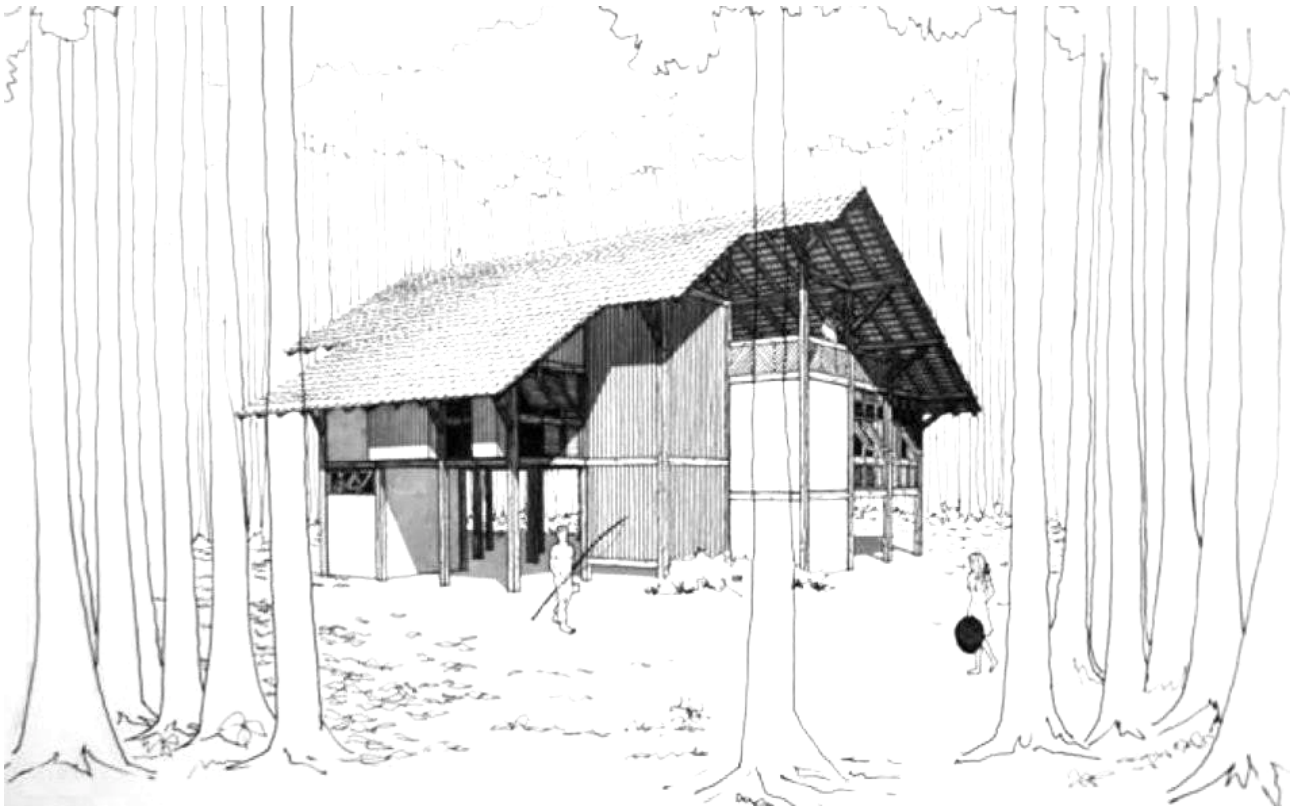


Figura 7 - Residência Robert Schuster. Desenho do arquiteto Roberto Dantas, 1978.
Fonte: DANTAS, 1978, s.d.

As tipologias das casas na Amazônia são palafíticas, flutuantes e em terra firme. No Tarumã-Açu, as casas em terra firme são as mais utilizadas na década de 1970. São térreas, construídas elevadas do solo com tarugamento em pernambucas sobre blocos de pedra ou tijolo, assoalho com tábuas em madeira, vedações com tábuas em madeira na vertical com mata-junta, com coberta em uma ou duas águas com telha industrial. Essas circunstâncias garantem um baixo orçamento para a construção. O programa de necessidades destas residências são básicos: varandas, estar, jantar, dois quartos, um banheiro, cozinha, copa e depósito.

¹ OITICICA, Cesar. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 14 de julho de 2016.

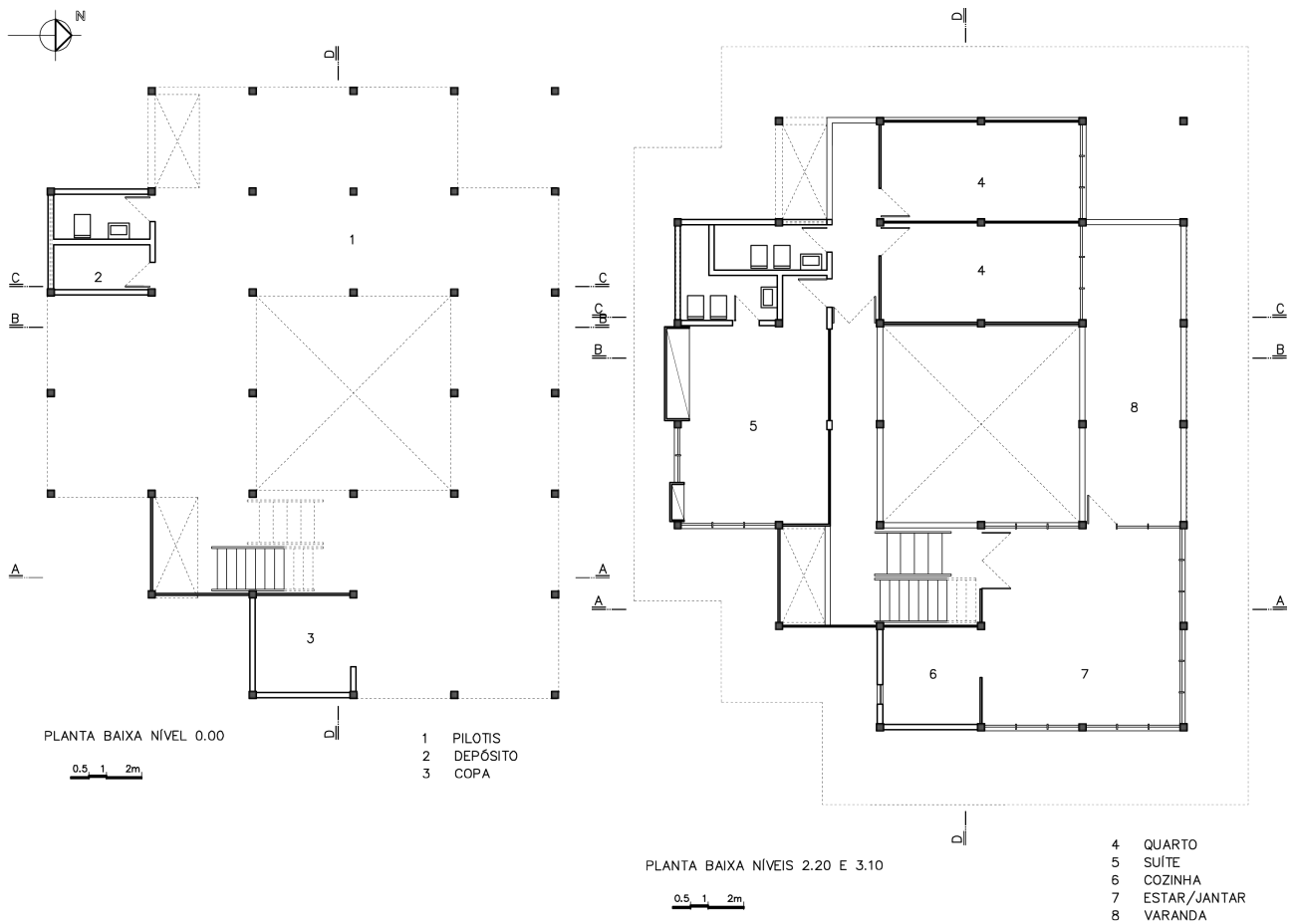


Figura 8 e 9 - Residência Robert Schuster. Sítio.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

Este programa será utilizado como base para a Residência Schuster. Ainda que o programa não seja o mesmo, o sítio sugere alterações a Severiano que propõe uma tipologia "casa na selva". A biodiversidade da floresta amazônica é materializada pelas diversas espécies de árvores de pequeno, médio e grande porte no terreno e determinam uma ocupação pontual, com uma pequena clareira e permitam um acomodamento por entre e embaixo das copas da árvores. O solo arenoso do terreno e as distintas espécies das árvores determinam um cuidado maior no manejo da madeira. As raízes superficiais das árvores determinam a necessidade de uma área maior no solo para a sua sustentação e a absorção dos nutrientes.



Figura 10, 11, 12 e 13 - Residência Robert Schuster. Vistas do nordeste ao oeste.
Fonte: OLIVEIRA, 2005, s.d.

Uma casa térrea exige uma maior ocupação e naturalmente uma necessidade maior de desocupação. Derrubar uma árvore em um terreno com alta densidade arbórea não é uma tarefa simples ou recomendada. A densidade das árvores no terreno é alta e chegam a uma árvore a cada 2,00m. Esta condição não permite que de dentro da casa se visualize o igarapé e tampouco a rua. O corte direcionado na base do tronco com a motosserra é o utilizado pelo caboclo na derrubada das árvores. A escolha das árvores é baseada na altura da copa, no tipo de raiz para minimizar a quantidade de árvores que serão afetadas pela queda e também em como aproveitar o tronco da melhor maneira possível na produção de peças e tábuas. As visadas dos troncos das árvores estabelecem um fechamento virtual à paisagem formados pela visão acumulada dos troncos das árvores. Estes volumes se descortinam ao percorrer o terreno e são um desafio para a inserção da residência na paisagem, de forma a não criar uma barreira. Não se enxerga o céu a partir do chão e a luminosidade é híbrida com diferentes paletas de cores a partir do marrom e do cinza nas superfície cilíndrica dos troncos e no "chão de folhas".

O terreno em declive tem dois momentos distintos ao longo da sua dimensão: a primeira metade, próxima a rua, é praticamente plana com uma declividade suave - quatro metros em cinquenta metros; já na segunda metade,

próxima ao igarapé, a declividade fica perceptível - nove metros nos outros cinquenta metros. O terreno tem dois acessos: terrestre - ao sul e aquático ao norte. O posicionamento escolhido pelo arquiteto ao edifício garante que a casa não seja percebida nos acessos aquático ou terrestre. Ela está entre e sob as árvores com privacidade e sombreamento. Ou seja, não se enxerga a casa da água, da terra ou do ar. Ela está inserida. O edifício é posicionado na segunda metade com a face sul nesta espécie de "cumeeira" do terreno e o orienta com a maior dimensão longitudinal no eixo leste-oeste, mais adequado à paisagem e à orientação solar. A posição da casa no terreno evidencia o declive ao norte e configura as plantas em meio-níveis - ora ao sul (mais alto) , ora ao norte (mais baixo). Este recurso encaixa o edifício no "chão de folhas" e é potencializado por uma cobertura assimétrica em duas águas com cavaco em madeira - de maneira a garantir a adequação do espaço gerado no seu interior à topografia.

Ao contrário da tipologia vigente nas casas de terra firme, Severiano Porto propõe um partido vertical, com a distribuição das partes da residência em diferentes níveis estruturados a partir de um vazio panóptico. O edifício basicamente se apoia no solo com os pilotis em madeira. Cabe salientar que na base dos pilares são utilizadas outras espécies de madeira (como a itaúba) para evitar a umidade na maçaranduba. Não são utilizados blocos de concreto. A relação do encontro do edifício com o solo é condicionada pela quantidade de árvores no terreno, mas também pela busca da melhor permeabilidade do solo a fim de evitar movimentações de terra que possam causar rapidamente a erosão do areal, queda de árvores e o assoreamento do igarapé.

A composição formal do edifício é simples, unitária em um único corpo sob uma macrocobertura. A coberta protege a edificação da radiação solar, das chuvas e neste caso, de folhas e possíveis quedas de galhos ou árvores. Para construir sob as árvores é necessário pensar em uma estrutura portante robusta e resistente a possíveis quedas das grandes árvores. Além de proteger é utilitária e possibilita a construção em abrigo no período das chuvas amazônicas. A casa pode ser dividida em três partes: o vazio na base - ou a planta livre; o conjunto de cubos formados pela grelha estrutural - com a ocupação da maior parte do programa, e os espaços resultantes entre a acomodação da grelha estrutural; e a macrocobertura - fundamental para a proteção, ao conforto térmico (câmara ventilada), mas também funcional - com o espaço para a caixa d'água. A espacialidade é complexa. A estrutura é independente formada pela malha estrutural que define a modulação na planta e a rebate nas elevações em grelhas. Os espaços gerados pelas vigas e pilares são ocupados pelas partes do programa e por vazios em

diferentes alturas que proporcionam uma articulação espacial que remete ao sistema *Dom-ino* de Le Corbusier com a utilização dos recursos disponíveis.

Em relação a leitura formal, ao contrário dos exemplos anteriores (Recife 1762, Restaurante Chapéu de Palha e Recife 1435), na Residência Schuster não se distinguem os setores social, íntimo e de serviços pela volumetria. A setorização pode ser identificada nas alturas do edifício e na disponibilidade das partes do programa nos respectivos níveis. Há de se observar que uma casa de final de semana tem uma integração maior entre os espaços privados e públicos do que uma casa urbana e a restrição a alguns setores não são determinantes. No térreo está o setor de serviços, no primeiro pavimento o setor social, no segundo pavimento o setor íntimo e no terceiro pavimento um mirante - que pode exercer funções de serviços, íntimo ou social.



Figura 14 e 15 - Residência Robert Schuster.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A estrutura em madeira é rústica com corte artesanal realizado com motosserras e beneficiadas com a enxó e o formão em locais próximo ao terreno. A modulação estrutural - 2,50 x 2,50m é rígida e pauta os planos horizontais e verticais em exceção ao encontro com a coberta. A macrocobertura é assimétrica - seja pela posição da cumeeira e também pela inclinação das duas águas. Se o terreno ao sul é mais alto, o telhado tem maior inclinação - 39° e protege duas linhas de módulos, enquanto ao sul tem 29° de inclinação e cobre três linhas. A cobertura também se adapta a topografia - com relação direta entre as duas águas e as duas partes do terreno. A inclinação da cobertura é determinada pelo uso do cavaco, mas o arquiteto utiliza uma inclinação maior que a habitual a fim de evitar as calhas e futuros problemas com a manutenção em uma casa de final de semana pelo acúmulo de folhas. Os planos inclinados são estruturados por caibros e ripas sobre peças em madeiras que substituem tesouras. As terças estão a

cada 0,50 m e as ripas a 0,25 m. A casa tem outra escala e uma monumentalidade não vista nas casas antes construídas pelo escritório em Manaus. A cumeeira está a 11,00 m de altura.

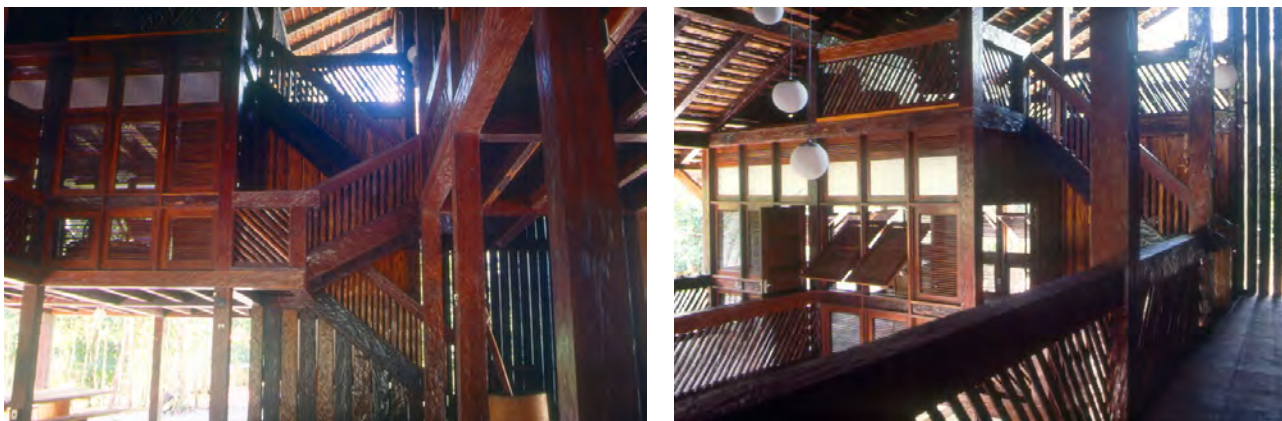


Figura 16 e 17 - Residência Robert Schuster. Vazio Panóptico, 1997.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

Ainda que a modulação predisponha a simetria, os eixos norte-sul e leste-oeste demonstram outras evidências. Ao lado norte do perímetro do edifício, a poligonal é contínua, definida por pilares e pelo beiral. Ao lado sul, a poligonal é descontínua com recortes e fragmentam a forma - sem perder a unidade. No lado oeste da residência, há descontinuidade na poligonal da cobertura e dois planos sucessivos definidos pela modulação, enquanto no lado leste há maior descontinuidade no alinhamento do telhado em três diferentes planos. Os pisos dos ambientes em tábuas são barroteados nas vigas em madeira. A laje em concreto é utilizada apenas nos dois banheiros no segundo pavimento. São utilizadas seis soluções para o preenchimento da grelha no plano vertical: alvenaria em tijolo rebocada e pintada de branco, tábuas em madeira na vertical - com frisos e sem mata-junta, tábuas em madeira macheadas na vertical, painel com esquadrias em madeira pivotante com régua móvel, guarda-corpo em madeira e o vazio.



Figura 18, 19 e 20 - Residência Robert Schuster. Mirante | Frestas | Cavaco.
Fonte: CERETO, 2016,s.d.

A integração entre o edifício e a paisagem é potencializada ao minimizar o contato com o solo e ampliada ao desmaterializar a pele no plano vertical. Se no solo o chão de folhas é pautado, no plano vertical são os troncos das árvores que determinam o rigor. Severiano nos apresenta um novo repertório com uma atenção maior na integração entre o interior e o exterior do edifício não apenas nas visadas ou nas perspectivas, mas também ao pertencimento da arquitetura ao lugar.

O térreo é aberto, sem portas em um pilotis sobre o chão batido - sem piso. Configurado em 26 módulos, com pilares de 0,20x 0,20 m em maçaranduba lavrada sem tratamento de serraria, a planta é compartimentada em apenas três: um ao sudeste ocupado por um lavatório e um depósito; e ao sudeste em outro módulo - o qual se encontra a copa e na continuidade a escada. Os acessos são democráticos e se pode afirmar que há uma distinção na disposição em relação ao acesso terrestre (serviços) e aquático (social). Em razão dos espaços compartimentados e do desenho da poligonal no perímetro da casa há um encaminhamento do usuário para o eixo transversal, em dois módulos de largura, pelo qual se ingressa entre o lavatório, depósito e escada. O usuário que chega pelas águas do igarapé tem o acesso pela maior dimensão longitudinal do edifício com o acesso franco e direto pelos seis módulos.

Ainda que a homogeneidade da modulação possa indicar uma monotonia espacial, as diferentes alturas do teto - resultantes do partido adotado, proporcionam três alturas ao pé direito no pilotis: 2,00 m - sobre os barrotes do primeiro pavimento, 2,90 m no segundo pavimento e no vazio panóptico, de forma variada com a macro-

cobertura, com a possibilidade de visualizar até a cumeeira. O uso livre da planta permite diversas maneiras informais de abranger o espaço. É possível ocupá-lo com uma mesa para comer um peixe assado, com a colocação de redes de armar para seostar, ou cadeiras para uma conversa em roda. Nada fixo. É flexível. Esta condição da flexibilidade no pilotis também é utilitária - na proteção contra os felinos em espaços de permanência e também aos mosquitos. Vale observar que as casas ribeirinhas na Amazônia apresentam a solução móvel do assoalho da casa, seja pela subida das águas - mas também para evitar a altura de ação do mosquito *Aedes Aegypti* - entre 1,00 a 1,50 m de altura em relação ao solo.



Figura 21 - Residência Robert Schuster. Pilotis, 2016.
Fonte: BORBOREMA, 2016.

A escada está inserida em dois módulos transversais, posicionada ao lado do vazio com três lances e está sob a cumeeira do telhado e sobre a inflexão topográfica. A vedação do plano vertical com o exterior é realizada com tábuas em madeira na vertical - com frisos e sem mata-junta, o que gera uma diferente luminosidade ao seu interior e também uma analogia a paisagem natural do terreno, formada pela visão acumulada dos troncos das árvores. O posicionamento da escada é estratégico e garante uma maior privacidade ao setor íntimo da residência. A distribuição dos lances definem as quatro plantas alternadas: térreo, duas voltadas ao norte e uma ao sul.

Se ascende ao primeiro patamar, no nível 2,20m, no qual está o setor social da residência. Este pavimento está disposto em "L", junto as fachada norte e leste - constituído pela cozinha, o estar/jantar e uma varanda. O estar / jantar está formalizado no canto nordeste do edifício com dimensões de 5,00 x 5,00 m - quatro módulos e pé-direito fixo em 2,90 m. Nas quatro faces do espaço são utilizados painéis com as esquadrias em madeira, estruturados em três partes com montantes verticais ao longo do vão do módulo estrutural. Cada esquadria em madeira está dividida em três alturas: do chão ao guarda-corpo, até a altura da porta e depois até o fundo da viga em madeira. A vedação da primeira parte é em painel fixo com réguas móveis em madeira. Na segunda parte da esquadria, um painel móvel e pivotante com réguas móveis em madeira. Esse modelo de esquadria em tipo fortaleza é utilizada pela empresa escocesa Walter Macfarlane² em 1883 no Mercado Adolpho Lisboa, no centro de Manaus. E na terceira parte da esquadria, um painel fixo parte em vidro liso e transparente e parte em venezianas em madeira. As esquadrias e os montantes são em cedro e as peças horizontais no guarda-corpo e na altura da porta são em maçaranduba. Todas essas peças são beneficiadas em serralha.

A cozinha está adjacente a este espaço com o mesmo pé-direito, na face leste da casa e tem dimensões internas aproximadas de 2,40 x 2,40 m - um módulo. As vedações no leste e sul são em alvenaria com uma esquadria de piso a teto na fachada sul. A separação entre a cozinha e a escada é com tábuas em madeira macheadas e parcialmente integrada ao estar / jantar. A varanda está posicionada ao norte, em três módulos longitudinais e medidas aproximadas de com 7,50 x 2,40 m - e tem o pé-direito variável determinado pela inclinação do beiral em direção à cumeeira. O beiral é amplo - 1,75 m e precisa do reforço de uma mão francesa em cada pilar para sustentar o frechal, não alinhado ao plano da varanda, mas balanço - com 0,20 x 0,20m de seção quadrada em maçaranduba. Esta solução exige peças robustas para facilitar o manuseio dos carpinteiros e suas ferramentas com a fixação das peças por entalhe.

² SILVA. G.G.da. **Arquitetura do Ferro no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1986, p.169.



Figura 22 - Residência Robert Schuster. Croquis, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

Se no térreo estão as atividades relacionadas ao apoio da residência e ao uso livre, o segundo pavimento é formal com espaços que constituem o setor social. No terceiro pavimento, no nível 3,10 m, está o setor íntimo. A disposição da planta remete ao um "L" porém rebatida a disposição do pavimento inferior. A circulação, a suíte e o banheiro estão em uma faixa da planta com dois módulos longitudinais, mas a vedação, em madeira na suíte e em alvenaria no sanitário, avança meio módulo e garante a dimensão apropriada à suíte e também a galeria. A circulação tem dois módulos de comprimento por meio de largura com o pé-direito definido pela estrutura do telhado e liga o patamar da escada, o vazio aos espaços da intimidade da casa. O vazio estrutura o espaço em galerias formadas entre a circulação e a varanda no segundo pavimento. A suíte e os quartos não abrem ao vazio e tem painéis em vedação com tábuas macheadas verticais em madeira. Ao término do vazio uma porta isola o acesso aos aposentos e garante a continuidade da circulação em uma varanda com o acesso aos dois dormitórios à direita e do outro lado, o banheiro e a suíte.

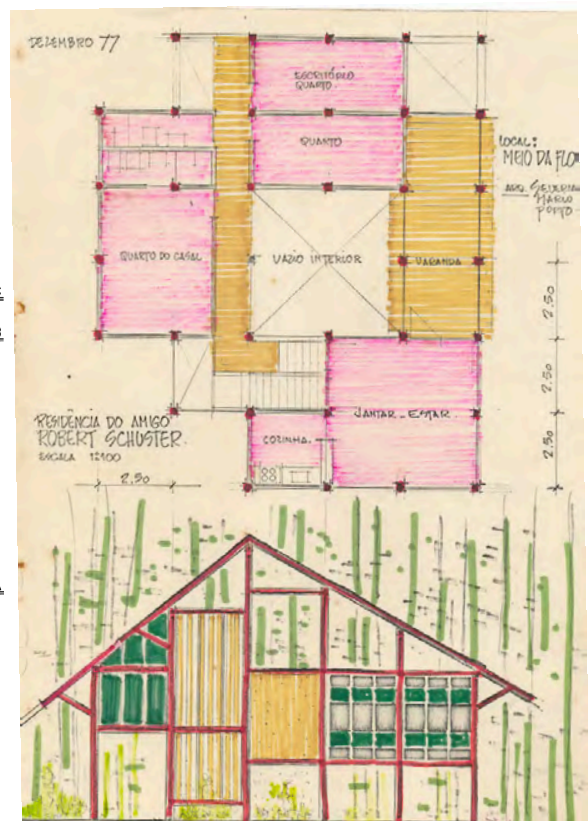
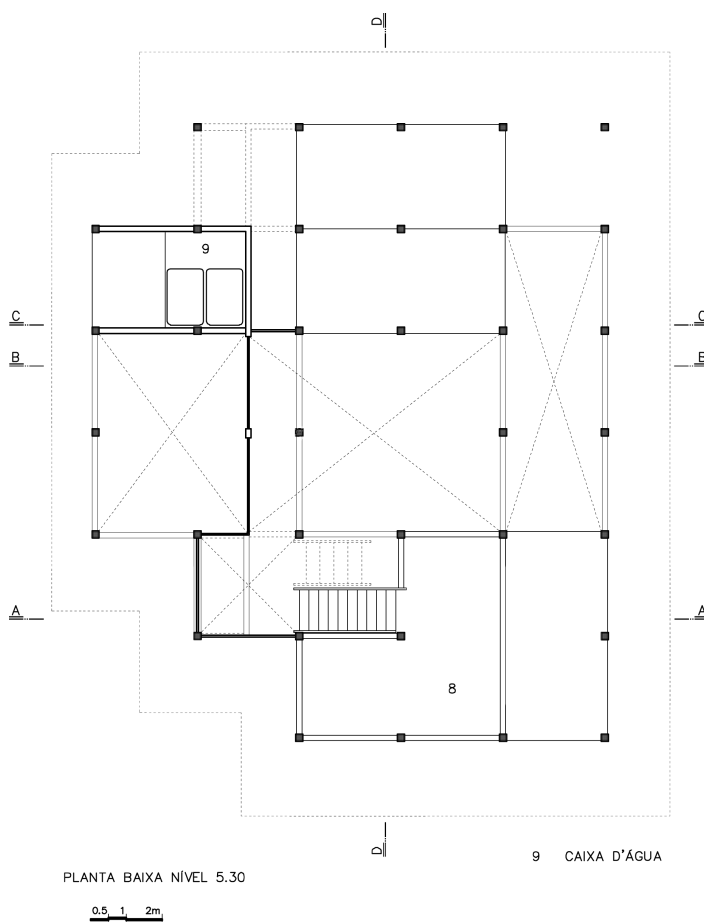


Figura 23 e 24 - Residência Robert Schuster. Planta nível 5.30 m. | Croquis de Severiano Porto, 1977
 Fonte: CERETO, 2015, s.d. | Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

O primeiro dormitório tem 1 x 2 módulos - aproximadamente 2,40 x 4,80 m . A vedação acompanha a solução da circulação com exceção do painel voltada à varanda do primeiro o pavimento, com a mesma solução adotada no estar / jantar. O pé-direito é fixo e acompanha o guarda-corpo do quarto pavimento e tem 2,90 m. O segundo dormitório tem a mesma configuração do primeiro, dois módulos transversais e abre diretamente ao exterior junto as fachadas norte e oeste. O dormitório do casal na suíte está disposto longitudinalmente com 1 módulo e meio por dois - aproximadamente 3,65 x 4,80 m com pé-direito variável e determinado pelo ponto do telhado. A sua posição no quadrante sudeste e a inclinação do telhado define uma distinção para a vedação nos painéis das fachadas sul e leste. Há alinhamento vertical entre os beirais das duas águas da macrocobertura ao norte e ao sul, ainda que os níveis sejam distintos. O desnível entre segundo e terceiro pavimento é o mesmo da altura do guarda-corpo e nesta peça, se alinha a grelha. Desta forma, nos espaços da ala norte do edifício os painéis junto ao beiral têm três alturas enquanto os da ala sul serão alinhados pela porta com dois. Os painéis de vedação da fachada leste são estruturados com montantes verticais e divididos em três módulos com duas alturas. Até a altura do guarda-corpo as esquadrias têm os painéis fixos com réguas móveis e no restante até a altura da porta, os

painéis são móveis e pivotantes com régua móvel em madeira. O espaço resultante entre o plano inclinado da projeção do telhado e a peça em madeira sobre a porta é aberto, sem vedação e protegido da chuva pela beira. Os banheiros acompanham a solução encontrada para as Residências Recife, 1752 e 1435 - separadas volumetricamente pelo material em razão das instalações.

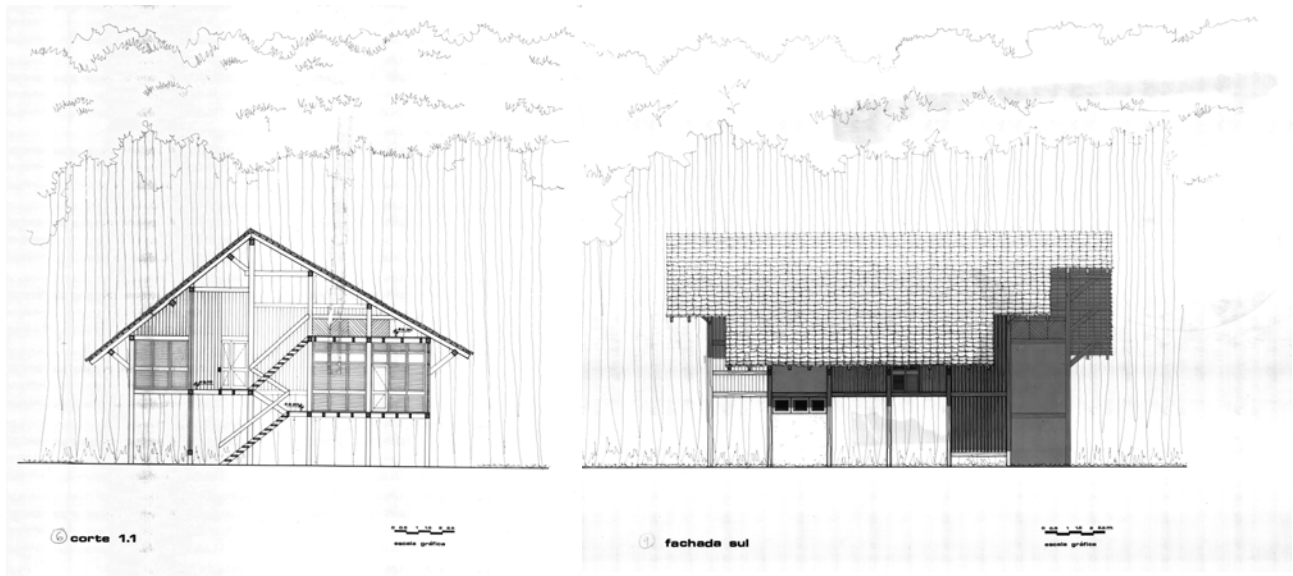


Figura 25 e 26 - Residência Robert Schuster. Corte | Elevação, 1977.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

O quarto pavimento está sobre o estar/social e a cozinha no nível 5,30m. A inclinação da macrocobertura limita o pé-direito do espaço e define uma área útil menor em relação ao segundo pavimento. O espaço do estar/jantar com quatro módulos se reduz para dois, agora no sentido longitudinal. Os espaços de permanência na ala norte são fechados pelo mirante ou por forro, enquanto na ala sul o dormitório da suíte tem no plano inclinado da cobertura. Os banheiros também são fechados com uma laje em concreto que recebe a caixa d'água no nível 5,30m. Neste ático a relação entre o fechamento superior da grelha espacial e o plano inclinado da macrocobertura é um vazio formalmente com o pilotis.

O edifício permite uma analogia ao classicismo na relação existente com o embasamento, colunas e entablamento. O racionalismo construtivo é determinante e baseado em eixos ordenadores (*taxis*), caráter (*genera*) e a coordenação modular (*simetria*) e remete aos princípios da arquitetura moderna brasileira. O uso dos materiais é adequado e coerente com o lugar e os recursos, e o projeto tem a complexidade necessária para uma casa na selva em um cidade em processo de industrialização. A casa na selva se insere na Amazônia com padrões universais e faz do bioma a sua materialização arquitetônica.

A residência de Robert Schuster recebe em 1978 a premiação anual do IAB na categoria B.1 - Habitação unifamiliar em conjunto com o projeto não construído da Residência João Luiz Osório no Pontal do Atalaia em Arraial do Cabo/RJ. O painel de apresentação dos projetos apresenta os dois sítios em diferentes localidades no Brasil e mostra as soluções da arquitetura e clima, o uso de técnicas construtivas e materiais distintos conforme o lugar.

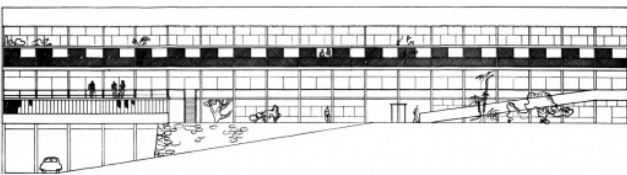


Figura 27, 28 e 29 - Edifício Louveira (1946/1950), Hotel em Ouro Preto (1939/1944) e Residência Schuster (1977/1981) - Planta nível 5.30 | Croquis de Severiano Porto, 1977

Fonte: FINOTTI, 2016, s.d. | GOODWIN, 1943, p.132. | CERETO, 2020, s.d.

Schuster está inserida em um universo de obras icônicas na arquitetura brasileira. Ainda que as particularidades do sítio sejam determinantes para o projeto, há repertório comum na linguagem arquitetônica que a relaciona com obras precedentes na modernidade brasileira. O uso do telhado com duas águas e a utilização da madeira em um período de outra estética vigente aliada ao imaginário da "casa no campo, onde eu possa ficar no tamanho da paz"³, do movimento *hippie* e da ecologia, é materializada em textos na época da sua publicação com uma análise mais figurativa e menos qualitativa do projeto. Há conexões existentes na composição do edifício e relações de

³ "Casa no Campo" é uma música de Zé Rodrix e Tavito interpretada por Elis Regina. Lançada no Álbum Elis em 1972 fez grande sucesso no Brasil nos anos 1970. Ver em: RODRIX, ZÉ ; TAVITO. Casa de campo. Intérprete: Elis Regina. In: REGINA, E. Elis. [S.l.]: Phonagram, p1972. 1 CD. Faixa 11.

linguagem a "imagem da indústria"⁴ como com as esquadrias com o edifício Louveira de Vilanova Artigas (1946/1950) e no muxarabi no guarda-corpo semelhante aos utilizados por Oscar Niemeyer no Grande Hotel (1939/1944) em Ouro Preto.



Figura 30 - Residência Schuster - Vista aérea, por MJR Drone, 2020.
Fonte: CERETO, 2020.

Em 1994, Robert Schuster vende a residência e o novo proprietário contrata o arquiteto Roberto Moita para uma intervenção. O novo programa solicita cinco suítes, marina e uma série de novas atividades. A reforma preserva a casa em sua integridade e as novas partes do programa são dispostas próximas ao igarapé. Em 2017, a residência é novamente vendida - em um contrato de locação com opção de venda, e enfrenta problemas jurídicos e de manutenção. Atualmente se encontra com patologias em razão da ausência da manutenção nas peças em madeira.

⁴ Como Alfonso Corona Martinez define os Elementos de Arquitetura na modernidade como um novo objeto artificial "a imagem da indústria". Nos casos de Artigas e Niemeyer, a indústria da construção civil e em Manaus, a indústria da floresta com a produção no canteiro. Ver em: MARTINEZ, A. C. **Ensayo sobre el proyecto**. Buenos Aires, CP67, 1998. 3 ed. Buenos Aires: CP67, 1998, p.158.

5.9_POUSADA DA ILHA DE SILVES (1968,1978/1984)

A transferência da capital federal do litoral ao planalto central proporciona uma onda desenvolvimentista favorável e novos mercados aos arquitetos brasileiros. Egressos da FNA levam a pauta modernista ao oeste brasileiro, e assim, contribuem de forma efetiva ao processo da urbanização. Nos anos 1960, a implantação da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e a consolidação da Zona Franca de Manaus determinam novos desafios e investimentos para o necessário nivelamento da infraestrutura defasada do Amazonas em relação ao restante do Brasil. A SUDAM é criada pelo Governo Federal em 1966 e substituiu a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA). O primeiro presidente foi Arthur Cesar Ferreira Reis. Neste processo de transferência cultural devido à industrialização que se estende a todo o País, a linguagem arquitetônica de origens comuns se adapta a novos contextos. "Diferenças econômicas, climáticas, tecnológicas e de programa conduzem a um processo de regionalização."¹

Com a criação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) em 1966, a Amazônia é beneficiada com apoio estatal e a implementação de algumas ações que inserem a região no cenário turístico nacional. A publicidade oficial e as frequentes reportagens em periódicos de informação nacionais e internacionais apresentam Manaus como um novo destino turístico brasileiro. A inauguração do Hotel Tropical Manaus em 1976 é um dos marcos para a estatal brasileira e a implementação de voos regulares das companhias aéreas potencializam o acesso à Amazônia. O imponente hotel hospeda turistas de diferentes origens e nacionalidades além de receber convenções das indústrias instaladas no distrito industrial, congressos de diversas áreas com participantes interessados em conhecerem as belezas naturais dos rios e da floresta e também ávidos pelo consumo dos produtos importados inacessíveis em seus lugares de origem.

Em 1978 a série televisiva *Fantasy Island* apresenta um hotel em um ilha tropical paradisíaca no Hawaii. O acesso ao hotel ocorre por meio de um hidro-avião. A série tem sucesso internacional e também no Brasil nos anos 1980. A imagem do Hotel Tropical Manaus, e o turismo no Amazonas representam parte deste imaginário demonstrado na série e catalisam a sua inserção no cenário nacional e internacional. Ainda que em parte folclórico e caricato, a materialização de uma "Ilha da Fantasia" ainda é presente no imaginário dos turistas.

¹ FICHER, S.; ACAYABA, M. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982, p.48.

Se nos anos 1970 o Hotel Tropical Manaus materializa este esforço estatal em abrir as portas do turismo à Amazônia, os voos regulares para Manaus permitem a incrementação ao turismo de pesca em expansão internacional. A pousada no município em Silves, distante 203 km de Manaus representa o início da interiorização da infraestrutura turística no Amazonas e de um novo mercado: o hotel de selva. A motivação realizada por Aristides Queiroz, proprietário da pousada, para a implantação do empreendimento hoteleiro ocorre por uma soma de fatores. Entre elas, um amigo aviador que possui uma pousada no Canadá e leva pescadores no verão e esquiadores no inverno. Esse amigo conhece Silves nos anos 1970 e sugere um hotel para o turismo de pesca.²

A exploração da vocação turística no Amazonas já consta no plano de governo de Arthur Reis na década anterior. O Hotel Amazonas, principal da cidade no momento em que Reis assume o Estado, não atende mais a demanda existente. Há necessidade de mais leitos e qualificação da infraestrutura turística existente e diversificação de opções aos visitantes no Amazonas. Se o desenvolvimento no Brasil passa pela ocupação ao oeste, no Estado³ é necessário expandir as fronteiras da capital e abranger os municípios do interior.



Figura 1 - Pousada da Ilha de Silves.
Fonte: Google earth, 2020.

Em 1967, Arthur Reis solicita ao arquiteto Severiano Porto a realização de um projeto de uma pousada para caça e pesca na região do município de Autazes/AM, no médio Amazonas. O projeto é realizado sem terreno e Severiano

² QUEIROZ, Aristides. **Depoimento**. Entrevista a Bruna Lopes e Marcos Cereto. Silves, 10 de fevereiro de 2017.

³ O Amazonas é o maior Estado brasileiro com 63 municípios. A área dos municípios determinam um isolamento geográfico e o modelo de desenvolvimento implantado em 1967 para a Zona Franca de Manaus estabelece uma condição desigual entre Manaus e as demais cidades. Esta condição de cidade-estado de Manaus é representada pela população estimada de 2.145.444 habitantes, estimados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019 e representa 51,76% da população do estado. Por outro lado, 83% da arrecadação do estado é oriundo da cidade.

utiliza a planta circular e panóptica em um programa pequeno com dez suítes, restaurante, parte administrativa e serviços. "Por não ser um hotel de cidade, em que a chegada e saída de hóspedes se faz a qualquer hora, e devido ainda ao número reduzido de quartos, foi estudada uma solução para que somente uma pessoa, durante o dia ou noite, pudesse atender a todo o movimento do hotel." (GAGLIARDI, 1969, p.112).

O sítio não é determinado no projeto. Tem a típica paisagem bucólica em região de lagos próximo ao rio Madeira. Na descrição do anteprojeto, Porto define como "uma estrutura em troncos de madeira bruta, a cobertura em palha com folha de palmeira e o piso no térreo com seções circulares de troncos com diâmetro variado."⁴ Se a localidade é distante da urbanização, os materiais são primitivos e as técnicas construtivas adequadas a mão de obra do local. As necessidades para a prática da caça e pesca no interior do Estado estabelecem essa condição de um local isolado e a configuração de um edifício determinado por uma planta com geometria simples.

Na parte externa do pavimento térreo, uma enorme varanda, onde durante o dia, o hóspede pode ficar em redes ou cadeiras de descanso. (...) Ao entardecer, quando surge grande quantidade de mosquitos, o hóspede se transferirá para o interior do hotel, todo telado, onde também encontrará local para redes e cadeiras de descanso. (GAGLIARDI, 1969, p.112).

⁴ HOTEL de 10 quartos para região de caça e pesca. **ABA**, Rio de Janeiro, n.º.1, 1969, p.112.

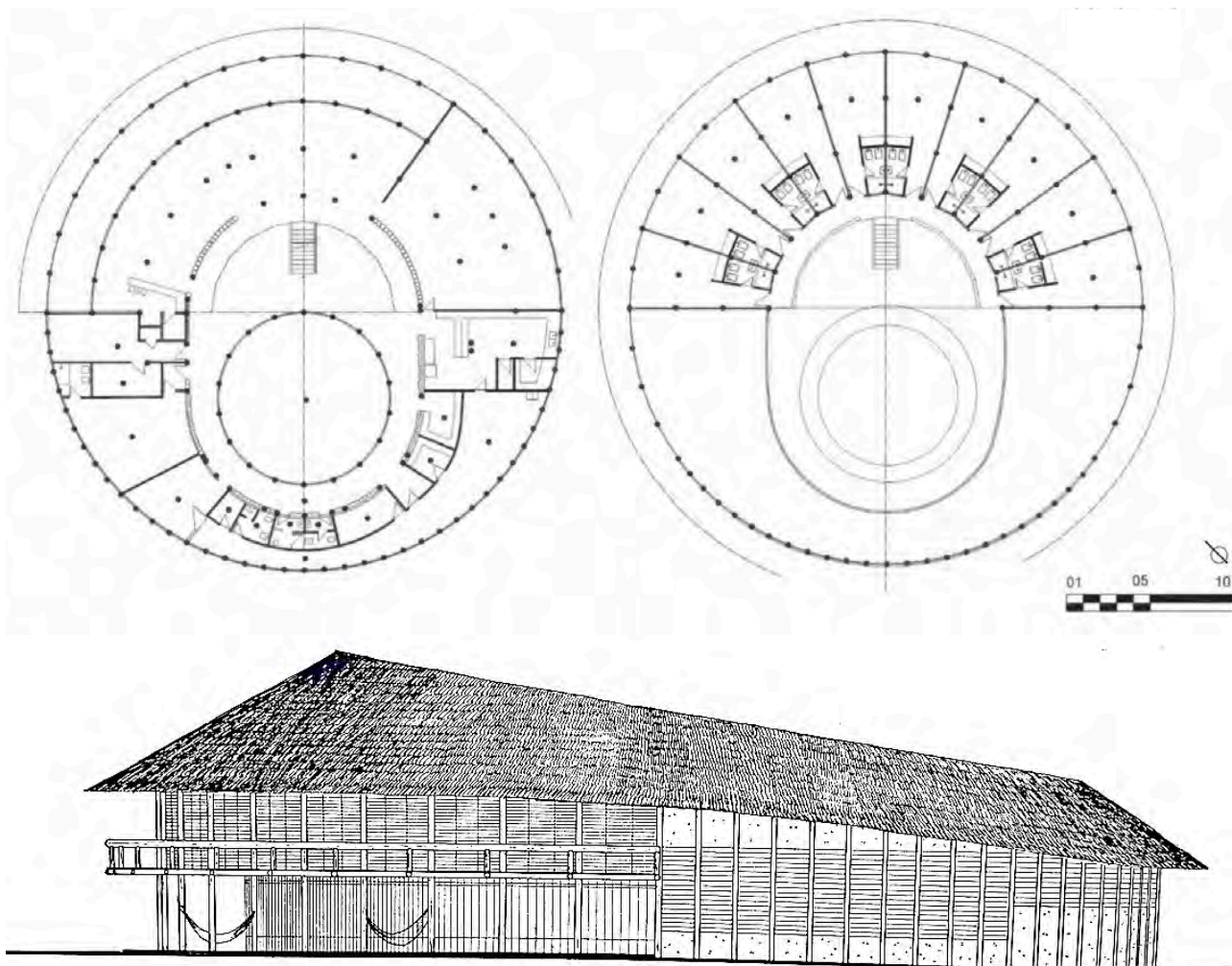


Figura 2, 3 e 4 - Hotel de 10 quartos para região de caça e Pesca em Autazes. Plantas, 2017. | Fachada, 1968.
 Fonte: CERETO, 2017 | GAGLIARDI, 1968.

Em 1979 Aristides Queiroz contrata o escritório SMPAA para a realização de um projeto para a pousada em Silves. O proprietário é apresentado a Severiano Porto pelo Dr. Agobar Garcia, nascido em Silves.⁵ Aristides procura terreno também em Manacapuru/AM, Itacoatiara/AM e Autazes/AM. Os arquitetos retomam o projeto realizado em Autazes/AM na década anterior e o utilizam como base em um outro local. A arquitetura do lugar é relativa. O programa é ampliado pela nova demanda, mas permanecem a tipologia e a estrutura formal da outra localidade. O projeto é realizado com a colaboração dos arquitetos Luis Cesar Monken e Ana Daou. A responsabilidade técnica e supervisão da obra são realizadas por Severiano Porto e a execução é conduzida pelo mestre de obras Elias Imbiriba.

A ilha fica no Lago Canaçari em área do município de Silves. O município é próximo a Itacoatiara, com importância regional pela condição histórica e geográfica na confluência entre os rios Amazonas e Madeira. Silves está a aproximadamente 130km em linha reta de Autazes com características paisagísticas distintas. O terreno tem 91 ha

⁵ QUEIROZ, Aristides. **Depoimento**. Entrevista a Bruna Lopes e Marcos Cereto. Silves, 10 de fevereiro de 2017.

e está na porção sudoeste desta ilha. A topografia predominante do sítio é plana com vegetação nativa. Há um desnível acentuado junto ao lago com taludes acentuados. O prédio circular é o principal da pousada e junto com o bloco social (área da piscina) são construídos em área com pouca vegetação e boa visibilidade para a mata e o lago. O acesso aquático ocorre ao sul pelo porto flutuante. Após subir a escadaria necessária para vencer o talude dentro da mata, se chega ao platô no qual está a piscina. O acesso aéreo ocorre pela pista de pouso com 1.000,00 m de comprimento ao norte do terreno e por um caminho linear, se conecta os usuários pela mata até os bangalôs, e na sequência à piscina. O acesso terrestre ocorre ao leste pela rua Domingos Neves que conecta a malha urbana da sede do município e se ingressa ao edifício principal. Pode-se mencionar que os acessos por água e pelo ar são destinados aos hóspedes e o terrestre ao apoio e serviços, oportuno para a setorização e o posicionamento do prédio.

Com uma área construída aproximada de 1.200,00 m², o programa da pousada é composto por: edifício com planta circular com 14 apartamentos, varandas, hall, estar, bar, restaurante, cozinha, portaria e serviços; um pavilhão em "L" com salão de jogos e bar, em frente à piscina; bangalôs e torre de observação. Além das edificações, o programa distribui quadra de tênis, pista de pouso. E áreas dedicadas à horticultura, granja e cultivo de árvores frutíferas regionais - que são espaços de uso e contemplação dos hóspedes, para o abastecimento da pousada e também da cidade, no sentido norte do terreno.

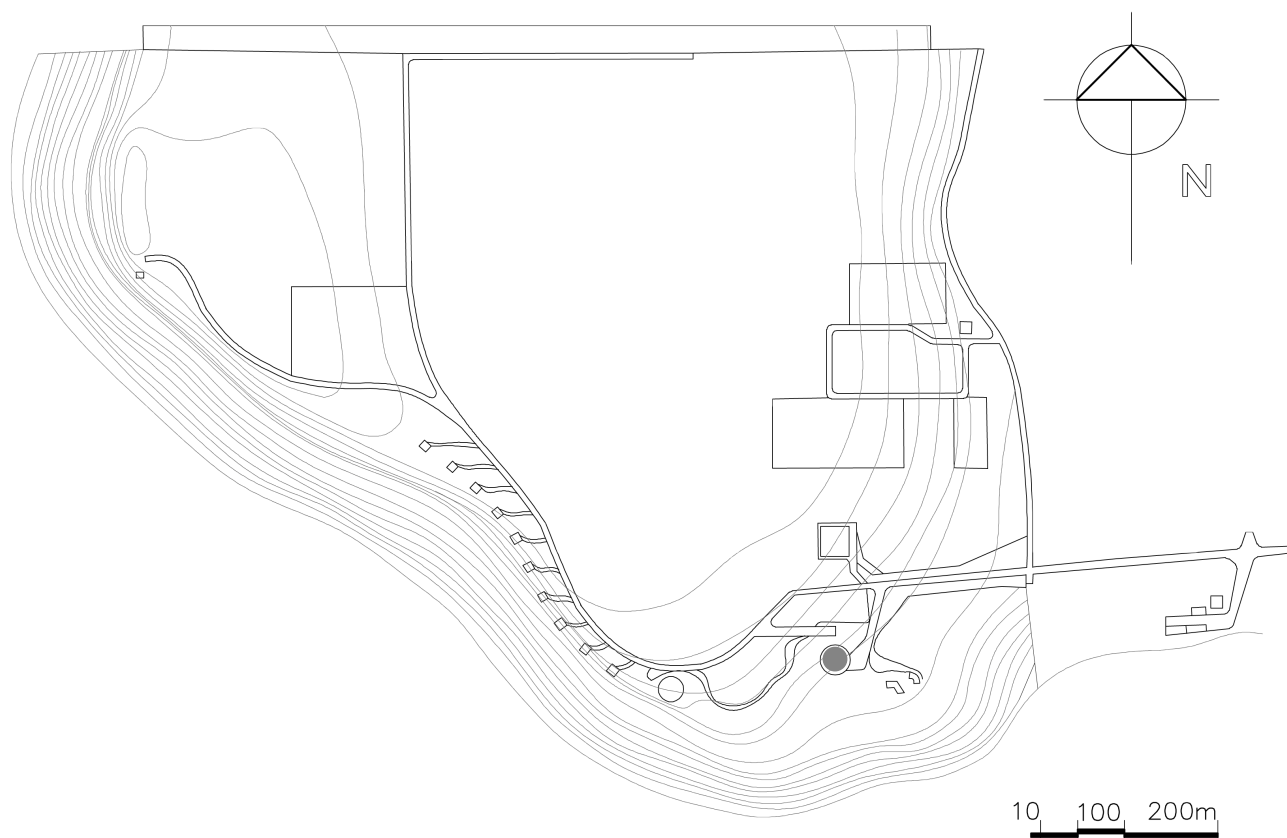


Figura 5 - Pousada da Ilha de Silves. Implantação, 2016.
 Fonte: Autor, 2017.

O edifício principal é em madeira e se destaca na paisagem e no conjunto edificado. A planta circular não é novidade ao escritório. Na Amazônia é uma solução comum nas construções indígenas, mas o desenho da cobertura estabelece uma inovação geométrica com uma sutil conexão. Porto realiza alguns edifícios no então Território de Roraima nos anos 1970. Nesse período a cultura lanomâmi entra em risco com o garimpo ilegal e a construção da estrada BR-174.

O escritório [re] visita a geometria circular empregada no Restaurante Chapéu de Palha (1967/1968) e na sede da PORTOBRÁS (1969/1975), mas a gênese moderna está em Oscar Niemeyer com a Casa do Baile (1942/1943) no Lago da Pampulha em Belo Horizonte. Assim como Niemeyer "toma uma ilhota"⁶ na Pampulha, o escritório ocupa outra em Silves. Se em Belo Horizonte a relação com a água é literal e ao ingressar no edifício "o olho que entra se perde além do edifício, e é convidado a desfrutar da paisagem aquática enquadrada"⁷, em Silves a relação com a água é visual. O edifício é recluso e o olhar ao ingressar no edifício é introspectivo, para o jardim interno.

⁶ COMAS, C.E.D. **Precisões Brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia, 1936-45.** Tese de doutorado, Universidade de Paris VIII - Vincennes-Saint Denis, 2002, p.228.

⁷ Ibid.p.229.



Figura 6 - Pousada da Ilha de Silves, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A geometria simples do círculo se constitui em complexidade nas plantas. A planta do edifício é definida por anéis concêntricos pontuados pelos pilares em madeira bruta. Um outro círculo excêntrico é inscrito na geometria pura. Nesse segundo círculo, menor, está o jardim interno. A tangente do círculo do jardim interno está no centro da forma circular do prédio.

Se a forma resultante da planta permanece com uma geometria simples, ainda que com determinada complexidade, a composição é inovativa. Não há arbitrariedade formal e sim uma consequência hierárquica do zoneamento empregado entre os espaços servidos e serventes. No semicírculo ao nordeste da planta está o setor destinado aos hóspedes (social no térreo e íntimo no segundo andar) enquanto no semicírculo ao sudoeste estão os serviços e o apoio além do jardim interno. Se o espaço servido está configurado com quatro módulos em estrutura radial e dois pavimentos, o espaço servente é térreo com dois módulos variáveis. Simples com complexidade.

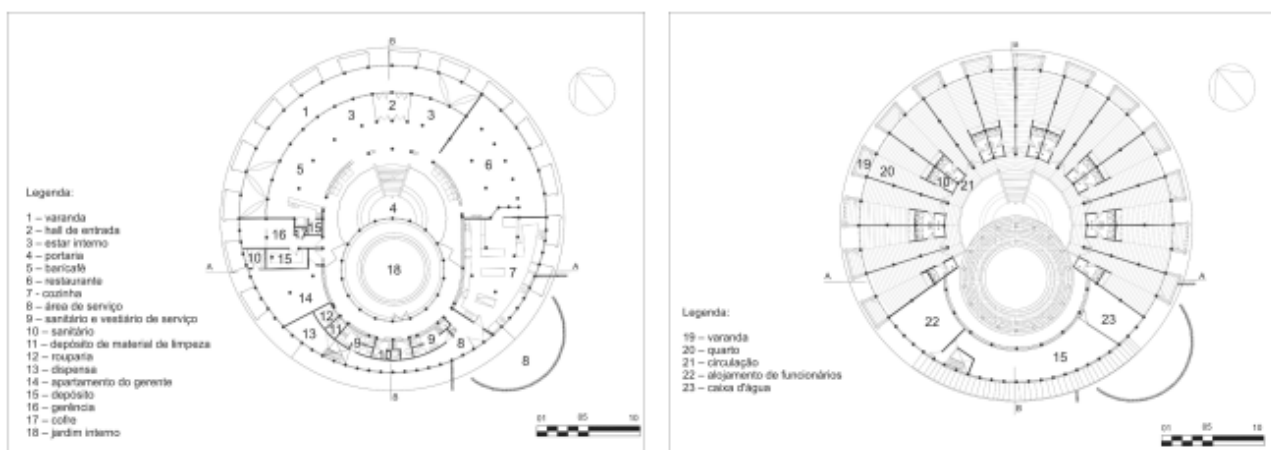


Figura 7 e 8 - Pousada da Ilha de Silves. Plantas legendadas, 2017.
 Fonte: CERETO; LOPES, 2017.

O volume resultante desta operação de ajuste geométrico determina dois pavimentos úteis no semicírculo ao nordeste da planta. Essa diferença de altura configura uma cumeeira inclinada no telhado em cavaco com duas águas. Enquanto no setor dos hóspedes são duas águas simétricas com comprimentos distintos, no setor de apoio também são duas águas, porém assimétricas, de forma a ajustar a geometria dos planos inclinados. Se a planta apresenta excentricidade geométrica e resulta em uma cobertura original, a ambiguidade do projeto é acentuada pela uso da planta livre no térreo e a planta celular nos apartamentos.

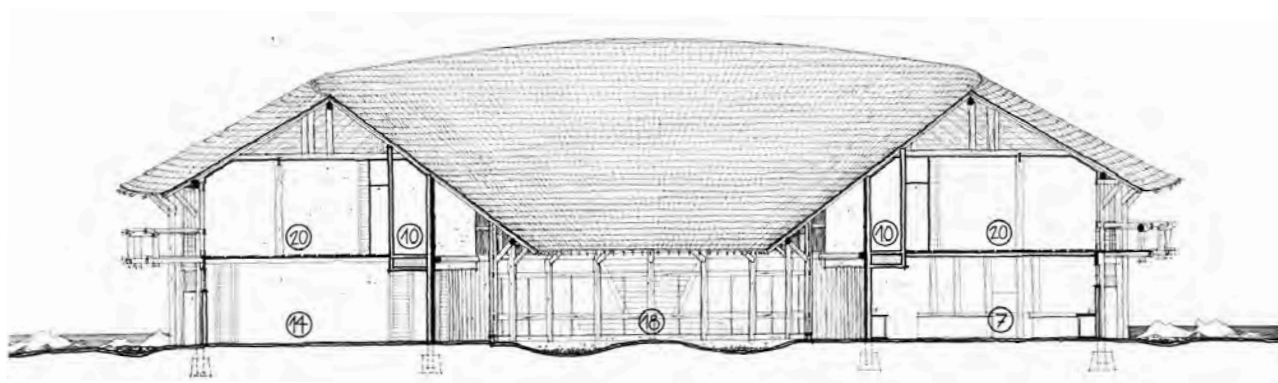


Figura 9 - Pousada da Ilha de Silves. Corte AA, 1978.
 Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

O espaço servido é configurado pelos 04 anéis concêntricos com colunas em madeira rústica espaçadas a cada 2,50 m. O semicírculo setorizado para as atividades aos hóspedes na pousada é constituído por 20 intercolúnios. Em 14 destes, não há vedação e o espaço resultante funciona como uma varanda com cadeiras e redes. Este recuo na vedação também marca o acesso. Há um giro de 45° na planta do térreo. Este recurso é utilizado para estabelecer um eixo visual entre o edifício principal e o pavilhão em "L" do salão de jogos e a piscina. Neste mesmo

alinhamento, em sentidos opostos, se encontra o espaço para estender roupas no setor de serviços, configurado por uma semicircunferência externa ao edifício principal com troncos rústicos dispostos lado a lado, no quadrante sul.

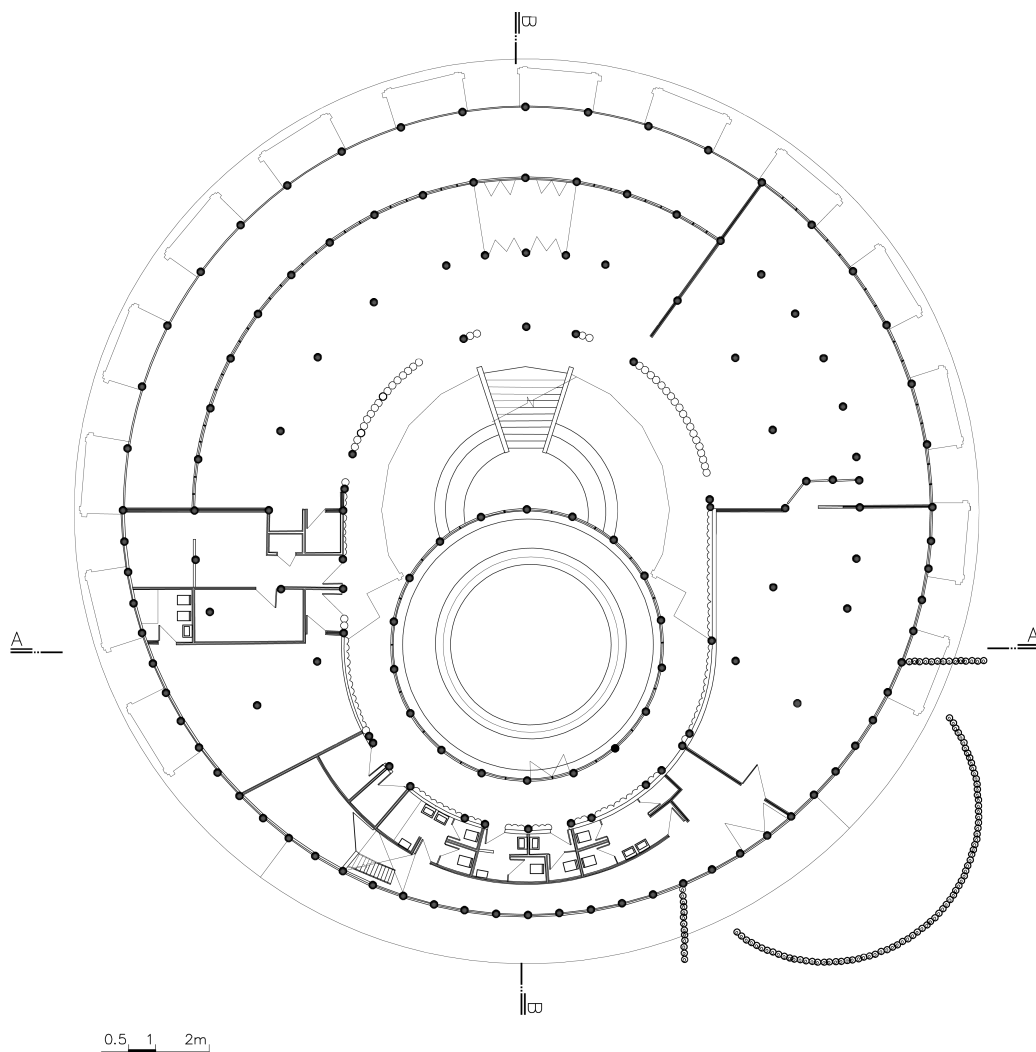


Figura 10 - Pousada da Ilha de Silves. Planta Térreo, 2017.

Fonte: CERETO; LOPES, 2017⁸.

O acesso formal ao prédio ocorre pelo hall enclausurado e posteriormente ao lobby. Neste mesmo eixo estão a escada e o jardim interno. O salão é em planta livre, com 14 intercolúnios e dois módulos em estrutura radial, configurados no estar íntimo, com mobiliário rústico para repouso e convivência. O bar/café é posicionado à direita de quem ingressa, enquanto o restaurante está ao lado esquerdo do conjunto. Próximo ao bar/café está o apoio administrativo com gerência, cofre, depósito e o apartamento do gerente. No restaurante não há varanda. São 6 intercolúnios restantes do semicírculo com três módulos em estrutura radial. Junto ao restaurante e de forma simétrica ao apoio administrativo está a cozinha. No lado oposto ao lobby e no centro da planta está a escada

⁸ Auxiliado em 2017 pela discente Bruna Lopes do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Amazonas.

monumental, sem espelho com três patamares circulares e concêntricos em sua base. A escada é monumental, com lance único em sentido contrário ao percurso de acesso ao edifício. É formada por duas vigas laterais em troncos e 12 degraus tipo costaneira inseridos e entalhados em madeira serrada. Estas vigas são convergentes a geometria e acentuam a perspectiva do jardim interno. A recepção da pousada está contígua a escada e separada do lobby por troncos adjacentes.



Figura 11 - Pousada da Ilha de Silves. Lobby, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

O espaço servente tem o jardim interno na interface com o espaço servente. A gênese da mudança da forma arquitetônica do edifício principal da pousada é um círculo com 10,00 m de diâmetro - a mesma dimensão da profundidade do segundo pavimento. É fechado em seu perímetro - com acesso restrito, com esquadrias em madeira com vidro translúcido e funciona como um viveiro com mudas regionais, araras, papagaios, macacos entre outros animais. Como um peristilo é protegido pelo beiral radial do telhado e moldurado por circulações entre setor social e de serviços da pousada. O setor de serviços se localiza no extremo oposto da circunferência ao salão, voltado ao quadrante sudoeste, com área de serviço, vestiários masculino e feminino, sanitários, depósitos, rouparia e dispensa. Uma escada de serviço permite o acesso privativo ao segundo pavimento, no qual se chega a

um pequeno hall que leva ao alojamento dos funcionários e a um depósito e espaço reservado ao reservatório superior. Assim como os hóspedes, os funcionários visitantes também repousam no segundo pavimento.

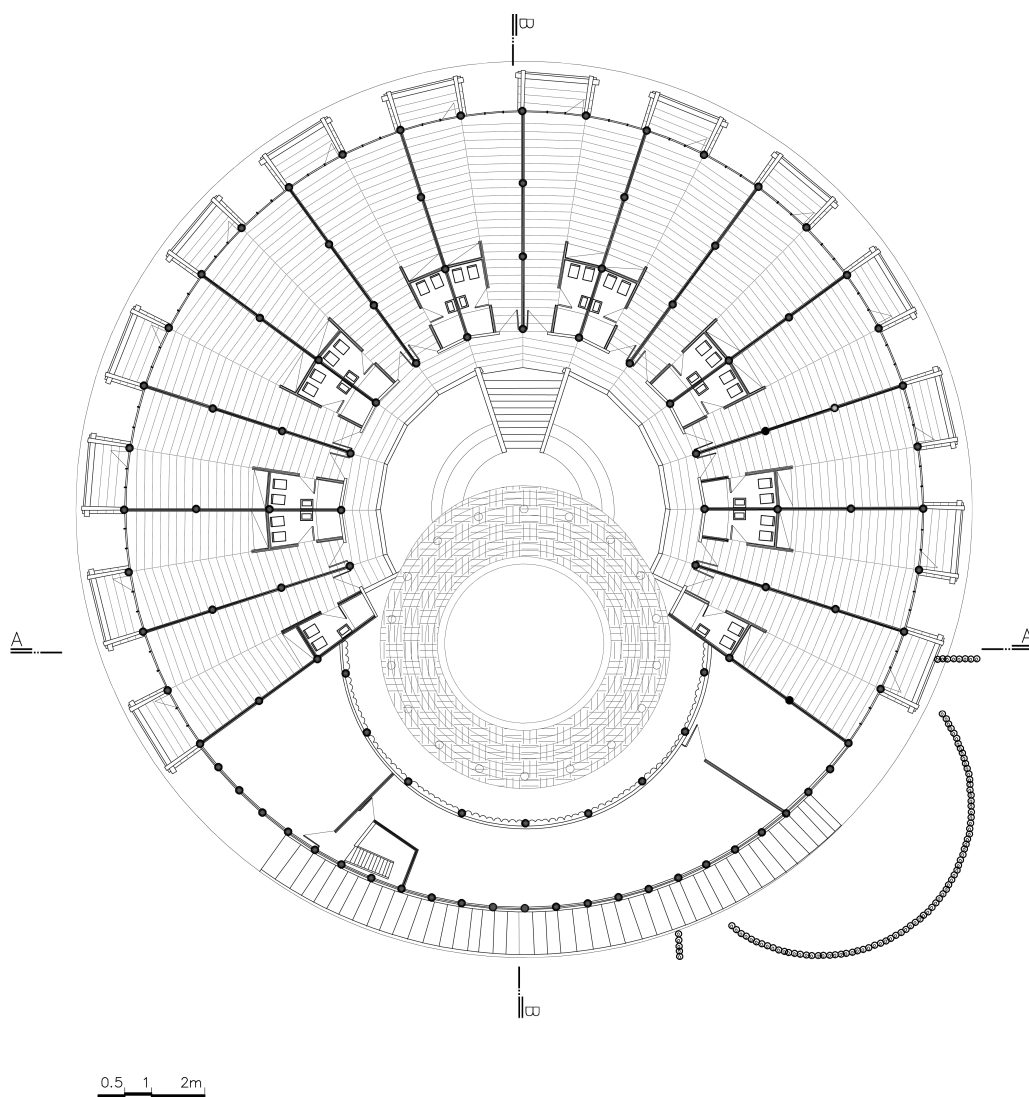


Figura 12 - Pousada da Ilha de Silves. Planta Segundo pavimento, 2017.
Fonte: CERETO; LOPES, 2017⁹.

O edifício tem 30,00 m de diâmetro. A organização parte de uma divisão em três partes semelhantes com 10,00 m. No centro geométrico, um círculo com 10,00 m de diâmetro configura o átrio com a escada. O círculo correspondente ao jardim interno também tem 10,00 m de diâmetro e é deslocado 5,00 m no sentido sudoeste do centro geométrico. Esta condição gera a intersecção das duas circunferências com a predominância do jardim interno e a subtração no espaço do átrio. A dimensão do pavimento junto aos apartamentos tem 10,00 m distribuídos com 1,50 m da sacada projetada da fachada, 7,00 m do dormitório e 1,50 m da sacada interna, no

⁹ Ibid.

átrio, para a circulação. O espaço resultante no setor de serviço é variável devido a forma com dimensão mínima de 5,00 m.

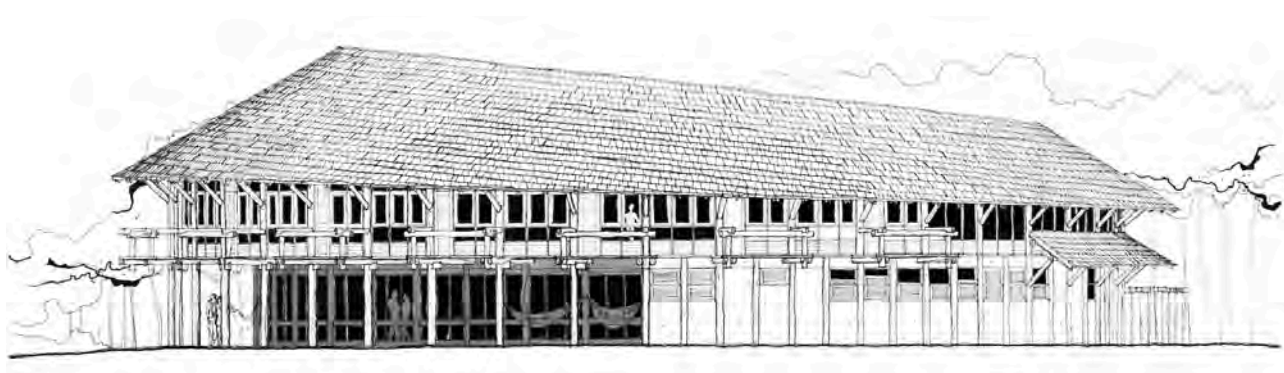


Figura 13 - Pousada da Ilha de Silves. Fachada Nordeste, 1978.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

No segundo pavimento a semicircunferência utilizada no zoneamento no térreo é ampliada para 28 intercolúnios, de forma simétrica, para atender os 14 apartamentos. Com divisão trigonométrica, cada apartamento tem duas fatias em forma trapezoidal. Na base menor do "trapézio", estão o banheiro e o acesso ao apartamento com 1,90m de dimensão total. A base maior tem dois intercolúnios e dimensão total de 5,00 m. A vedação é realizada com esquadria com três módulos com vista panorâmica. Em uma dessas duas esquadrias, há o acesso a sacada com de 2,50 m de largura. Os apartamentos são geminados de forma a otimizar os banheiros (instalações e laje em concreto). A exceção ocorre no último apartamento em cada um dos lados e também nas sacadas externas, que são dispostas de forma alternada. As esquadrias são projetadas sem vidros, com telas e venezianas reguláveis para otimizar a ventilação cruzada. Na conclusão da obra em 1984 elas são modificadas para atenderem a nova categorização hoteleira brasileira, com a exigência de climatização artificial nos quartos. São instalados aparelhos de ar condicionado do tipo gaveta.

O sistema estrutural é experimental e inédito em edifícios em madeira nesta escala no Brasil. Segundo Aristides Queiroz, "as madeiras utilizadas nos pilares e vigas são diversas e foram as encontradas na região, excepcionalmente o cedro, que veio de Tabatinga em peças".¹⁰ Troncos, roletes e madeira lavrada, com tratamento rústico realizado no canteiro sem o trabalho de serraria. As alvenarias externas e internas são em tijolo furado, rebocados e pintados na cor branca. Os lajes em concreto são dispostas nos banheiros e sobre a cozinha. Essas lajes são apoiadas em entalhes feitos nas colunas de madeira. Nas áreas comuns o piso é cimentado com aplicação de

¹⁰ QUEIROZ, Aristides. **Depoimento**. Entrevista a Bruna Lopes e Marcos Cereto. Silves, 10 de fevereiro de 2017.

pó xadrez (vermelho e amarelo), de cerâmica nos banheiros e cozinha, e de madeira nos apartamentos e alojamentos dos funcionários visitantes, com encaixe macho e fêmea. As esquadrias são predominantemente em madeira, com os vãos telados. Observa-se que no térreo a mesma quantidade de colunas no anel externo estrutural e no segundo do semicírculo - 22 colunas. No terceiro e quarto anel este número é reduzido para 11 colunas.

No segundo pavimento esta redução de colunas potencializa a planta celular. A estrutura é porticada, radial e robusta. O uso de madeira bruta fixada com pinos metálicos e entalhe exige um maior dimensionamento das peças (diâmetro aproximado de 0,30 m nas colunas e 0,20 m nas vigas). As colunas são troncos roliços beneficiadas no canteiro com a motosserra e a enxó. São travadas nas colunas com vigas duplas - também roliças e rústicas, que apoiam as tábuas do assoalho de madeira, as alvenarias nos apartamentos e as lajes em concreto dos banheiros com os já mencionados entalhes especiais em madeira.

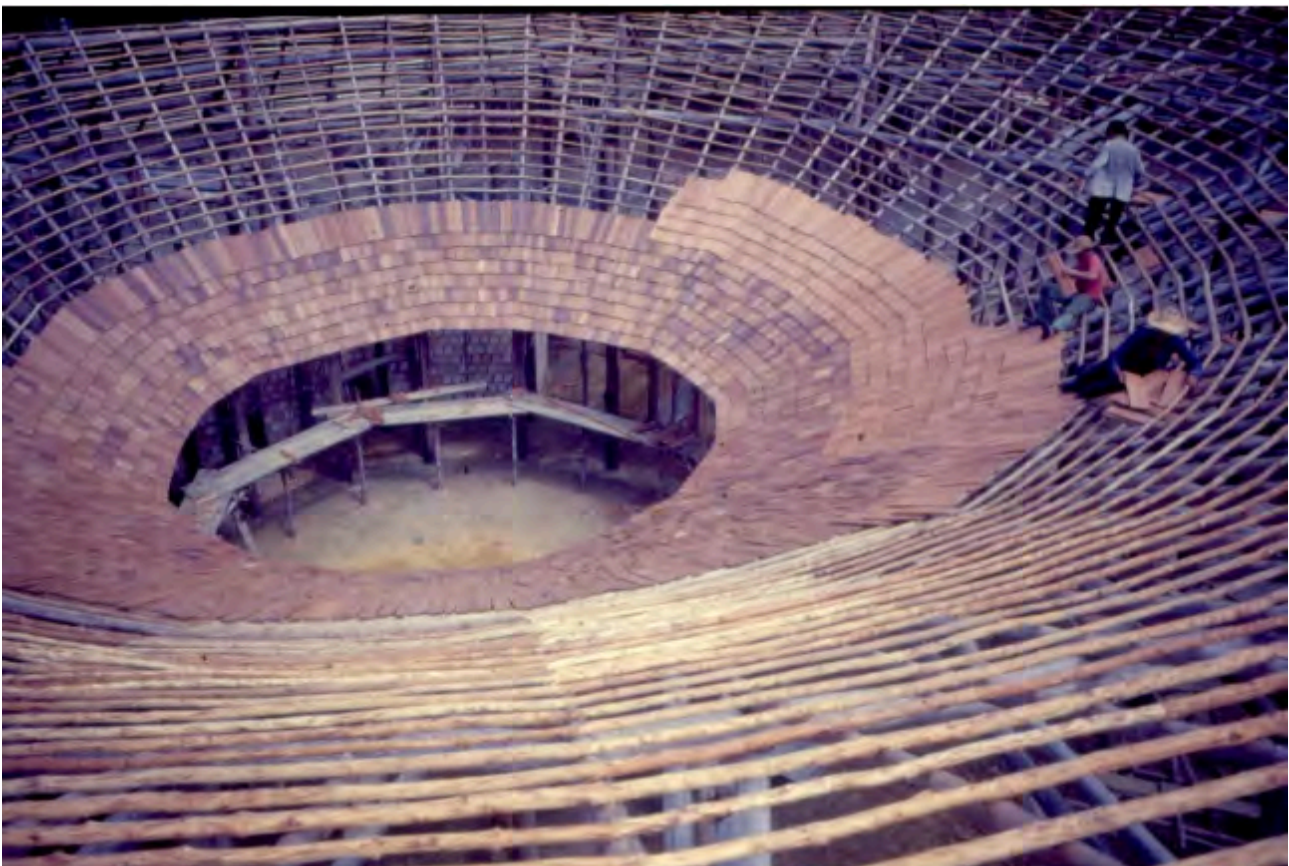


Figura 14 - Pousada da Ilha de Silves. Montagem do cavaco, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

No segundo pavimento estas colunas apoiam a estrutura da cobertura do cavaco¹¹ com a ampla utilização do pendural para as distintas alturas necessárias ao caimento da água. Há também o recurso da mão francesa, para ampliar o balanço das vigas duplas. A estrutura da cobertura é composta por vigas roliças e radiais a cada 2,50 m, terças roliças com diâmetro aproximado de 0,20 m - que acompanham o caimento das águas do telhado e estão dispostas a cada 1,25 m, e ripas também roliças com 0,10 m dispostas a cada 0,30m para fixar a telha em cavaco. A simetria da estrutura na planta dos apartamentos, com o balanço das duas sacadas, define uma rigidez aos pórticos. A disposição radial é uma forte aliada para minimizar os esforços horizontais. Os beirais com 2,00 m são garantidos pelo uso da mão francesa, e, no outro sentido e de forma simétrica, apoiam a peça que estrutura a cobertura junto ao átrio em razão do comprimento distinto das águas da cobertura.



Figura 15 - Pousada da Ilha de Silves. Estrutura em construção, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

¹¹ O cavaco é utilizado pelo escritório na Igreja Nossa Senhora do Cavaco (1969) e na Residência Schuster (1981). A disponibilidade da madeira local durante a construção possibilitou o uso. Segundo Aristides Queiroz, "o cavaco apresentou problemas para a manutenção e tornou-se hospedeiro de insetos e cupins." Nos anos 1990, modificações são realizadas pelo proprietário como a troca por telhas em PVC. Segundo o proprietário, a mudança proporcionou "um alívio na carga da cobertura" suportada pela estrutura, já que o novo telhado era mais leve. Parte da estrutura em madeira do edifício principal estava danificada. Segundo o proprietário, o recalque ocorreu por conta "do apodrecimento dos pilares de madeira, cujo tratamento na fundação não foi o adequado." A madeira estava diretamente no solo, com a aplicação de produtos químicos para proteger dos fungos e uma camada de concreto em volta para fixá-lo. A solução encontrada pelo proprietário para reforçar a estrutura original, sem removê-la, foi a inclusão de pilares metálicos. Aristides informou que as telhas em PVC tiveram um rápido desgaste e não suportaram o calor e as chuvas. Uma nova alteração, após 12 anos foi realizada com a substituição da telha em PVC por telhas tipo Brasilit na cor branca. Novas alterações foram realizadas em 2017 com a troca de forros de roletes em madeira por forro em PVC. Atualmente o edifício se encontra à venda.

A pousada é concluída em 1983. A inauguração do hotel e a sua abertura ao público ocorre somente em 1984.¹² Uma hipótese para essa diferença entre as duas datas seria a necessidade de pequenas alterações na obra, que seriam indispensáveis para atender ao sistema de classificação de hotéis da EMBRATUR. Segundo Aristides Queiroz, "como não houve financiamento, o hotel foi construído aos poucos, conforme o fluxo de caixa. e ocorreram pequenas alterações no final da obra que não comprometeram a ideia original concebida pelo escritório".¹³ Não foi possível identificar outras alterações além das esquadrias devido a climatização artificial. Inicialmente o estabelecimento se chama Hotel para Caça e Pesca do Amazonas e depois Pousada dos Guanavenas nos anos 1990¹⁴, com uma clientela formada em grande maioria por estrangeiros.

O projeto era você ter essa nave mãe, onde você tinha toda uma infraestrutura,(...) em cima nós tínhamos os apartamentos e embaixo nós tínhamos restaurante, cozinha, depósito, gerência, sala de estar, enfim, tinha tudo. Então 14 quartos, 14 era muito pouco pra você manter o equilíbrio financeiro, então nós fizemos outras naves menores em volta, como se fosse uma maloca de índio, assim com as 'casas' menores e tem a principal, e assim foi feito. Logo que eu terminei, eu comecei a implantar exatamente isso, fui fazendo e fui fazendo ao longo do tempo e fui aumentando, e chegou a ter setenta e quatro apartamentos. (QUEIROZ, 2017, [s.n.]).

O desenho da implantação da Pousada da Ilha de Silves realizado pelo escritório prevê a ampliação do complexo com a repetição do edifício principal e a construção de 10 bangalôs ao longo do lago. A repetição e a reprodução do edifício principal são possíveis conexões metabolicistas apreciadas por Severiano Porto. Os bangalôs construídos na pousada não são os projetados pelo escritório assim com não é construída a outra unidade replicante ao edifício.

¹² INAUGURAÇÃO. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.2, 29 de janeiro de 1984. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 26 de agosto de 2020.

¹³QUEIROZ, Aristides. **Depoimento**. Entrevista a Bruna Lopes e Marcos Cereto. Silves, 10 de fevereiro de 2017.

¹⁴ Ibid.



Figura 16 - Pousada da Ilha de Silves. Corte BB, 1978.

Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A pousada da Ilha de Silves favorece ao escritório um novo patamar. Com o prêmio do IAB/RJ em 1982¹⁵, na categoria de obra construída, sua relevante repercussão durante a "Mostra Arquitetura Brasileira Atual" em 1984 e o "*Premio Universidad de Buenos Aires*" na Bienal de Arquitetura de Buenos Aires em 1985, o edifício se consagra como uma referência latino-americana. Naquele momento é exaltado pela sua materialidade e originalidade e não se observa uma discussão com maior densidade sobre a qualidade projetual. A análise formal permite [re] visitá-lo e ressignificar a narrativa identitária idealizada na década de 1980 - ainda que a identidade não fosse um objetivo de Severiano Porto. A obra representa mais que um outro caminho para a arquitetura brasileira: é um bom exemplo da arquitetura moderna brasileira.

¹⁵ No parecer do júri da XXV Premiação Anual do IAB-RJ é mencionado "O júri se sente gratificado diante deste trabalho. É raro o prazer de admirar uma arquitetura tão bem realizada, com tal integração material/linguagem/criatividade/resultados. Parabéns aos arquitetos. O júri chama a atenção para o didatismo das fotografias da fase de construção, e se vê o domínio dos arquitetos sobre o material, e uma linguagem coerente com a Amazônia e desvinculada de estereótipos". Ver em: POUSADA na Ilha de Silves - Amazonas. **Projeto**, São Paulo, n.49, 1983, p.37.



Figura 17 - Pousada da Ilha de Silves, 1978.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

5.10_SETOR NORTE DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE DO AMAZONAS (1973-1980/1986)

A Universidade Federal do Amazonas, antiga Universidade Livre de Manaós, é considerada, historicamente, a primeira brasileira¹. O fato é curioso e questionável do ponto de vista histórico, mas está diretamente relacionado ao período de efervescência cultural na *Belle Époque* em Manaus. Em 17 de janeiro de 1909 é fundada a Escola Universitária Livre de *Manaós*, originária do Clube de Guarda Nacional do Amazonas, destinado às práticas militares. A instituição permite o ingresso aos civis em 1908, e a partir desse momento é renomeada como Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas. A Escola Universitária Livre de *Manaós* mantém as seguintes faculdades: Militar, Engenharia, Ciências Jurídicas e Sociais, Medicina e Ciências e Letras. Em 1913 a Escola muda o nome para Universidade de Manaus e é desativada em 1926, pela crise das *commodities* brasileiras na década de 1920² e especialmente pela queda do preço da borracha amazonense no mercado internacional.

Em 1962, o presidente João Goulart (1919-1976) assina o Projeto de Lei de autoria do Deputado Federal Artur Virgílio do Carmo Filho (1921-1987) e cria a Fundação Universidade do Amazonas³. É considerada a sucessora legítima da Universidade Livre de Manaós. A Universidade do Amazonas - UA é instalada em 1965 e somente em 2002 passa a ser denominada Universidade Federal do Amazonas - UFAM⁴. Em 1965, funciona com unidades isoladas nas Faculdades de Direito, Faculdade de Filosofia, Faculdade de Ciências e Letras do Amazonas e a Faculdade de Ciências Econômicas. O Conselho Universitário aprova a instalação das Faculdades de Medicina, Farmácia, Odontologia e Engenharia em 1965⁵ e diante da nova demanda de cursos, urge novas áreas para a constituição das atividades acadêmicas.

A Lei nº 4.069-A, de 12 de junho de 1962 em seu Artigo 4º define "pela dotação de CR\$ 500.000.000,00 (Quinhentos milhões de cruzeiros) destinados à aquisição de terreno e construção de edifícios indispensáveis à

¹ BRITO, R. M. de. **100 anos UFAM**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011, p.78.

² BRITO, Rosa Mendonça de. **100 anos UFAM**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, p.26 a 35, 2011.

³ LEI Nº 4.069-A, DE 12 DE JUNHO DE 1962, disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4069-a-12-junho-1962-353814-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

⁴ LEI Nº 10.468, DE 20 DE JUNHO DE 2002, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10468.htm>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

⁵ RESOLUÇÃO Nº 10.468, DE 20 DE NOVEMBRO DE 1965, disponível em <<http://conselhos.ufam.edu.br/deliberacoes>>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

Universidade."⁶ Em 1966, o Reitor Jahuary Guimarães de Sousa Marinho (1917-2008) negocia a desapropriação de uma área lindeira ao Hospital Getúlio Vargas, no Boulevard Amazonas no Bairro Adrianópolis, com 2,00 km de frente, para a instalação da cidade universitária. Os arquitetos Joaquim Pereira da Silva Almeida e Dylvarado de Silva e Souza,⁷ da Divisão de Engenharia do Ministério da Educação são encarregados para a realização e apresentam o anteprojeto a comunidade em 08 de maio de 1966.⁸

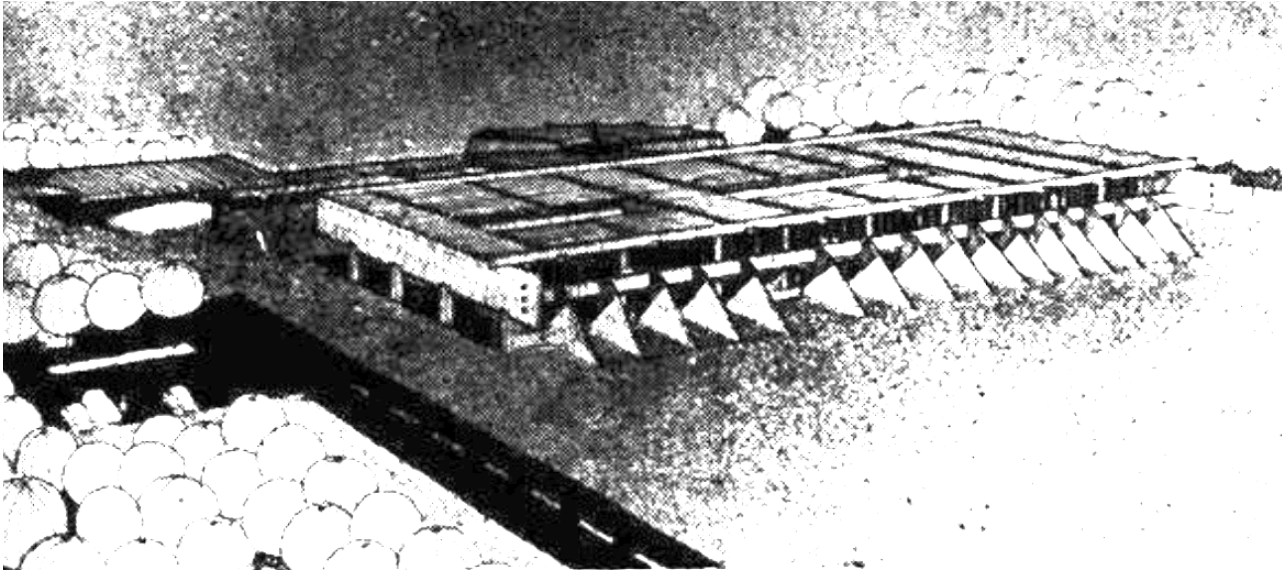


Figura 1 - Projeto para a cidade universitária da UA - Boulevard Amazonas. Divisão de Engenharia do MEC, 1966.
Fonte: VOLTARÁ ..., 1966, p.4.

A Reforma Universitária promovida pelo Regime Militar em 1968⁹ determina modificações na estrutura orgânica das Universidades e são estabelecidos novos critérios para as cidades universitárias. Modificam-se os planos para a construção e levam o Reitor Jahuary Marinho a buscar uma localidade afastada do centro histórico. Uma gleba com aproximadamente 670,00 ha¹⁰ na rodovia do Contorno (atual avenida General Rodrigo Octávio) de propriedade

⁶ LEI Nº 4.069-A, DE 12 DE JUNHO DE 1962, disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4069-a-12-junho-1962-353814-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

⁷ VOLTARÁ a se reunir. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 08 de maio de 1966, p.6. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 08 de maio de 2017.

⁸ UNIVERSIDADE do Amazonas - Convite. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 08 de maio de 1966, p.2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 08 de maio de 2017.

⁹ LEI Nº 5.540, DE 28 DE NOVEMBRO DE 1968, disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

¹⁰ BRITO, R. M. de. **100 anos UFAM**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011, p.92.

do Estado do Amazonas¹¹ e destinada ao Departamento de Correios e Telégrafos¹² é repassada à Fundação Universidade do Amazonas. O local é lindeiro ao Distrito Industrial de Manaus. O projeto dos arquitetos do Ministério da Educação é aproveitado e adaptado ao setor sul do terreno. A construção inicia no final de 1968. Problemas contratuais com a Construtora Carvalho Holsken prejudicam o andamento das obras e levam a paralização dos serviços. Os edifícios são construídos parcialmente e permanecem como ruínas em concreto armado no meio da mata. Deste projeto, apenas o campo de futebol é concluído.



Figura 2, 3 e 4 - Maquete para a cidade universitária para a UA - Mini-campus. Divisão de Engenharia do MEC, 1966. | Ruínas da cidade universitária, 2017.

Fonte: AMAZÔNIA é..., 1968. P.69. | CERETO, 2020.

Diante do impasse legal com a Construtora Carvalho Holsken, o plano para a construção da cidade universitária fica comprometido. Além dessa condição, a falta de recursos e a concorrência com outros Estados brasileiros que realizam as suas novas instalações universitárias ampliam as dificuldades. O setor sul da gleba - denominado Mini-campus, é objeto de construções pavilhonares de data e autoria desconhecida para abrigarem as necessidades emergenciais da Universidade. Essa ocupação emergencial preserva o processo de invasão iniciado em parcela da

¹¹ SANCIONADA Lei do Terreno. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 5 de julho de 1968, p.6. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 26 de junho de 2020.

¹² SUDAM financiará cursos técnicos da UA. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 11 de fevereiro de 1967, p.6. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 26 de junho de 2020.

gleba¹³, hoje denominado como o bairro Coroado. A proximidade com o Distrito Industrial e a falta de moradias transformam essa área pública em local de alto risco.

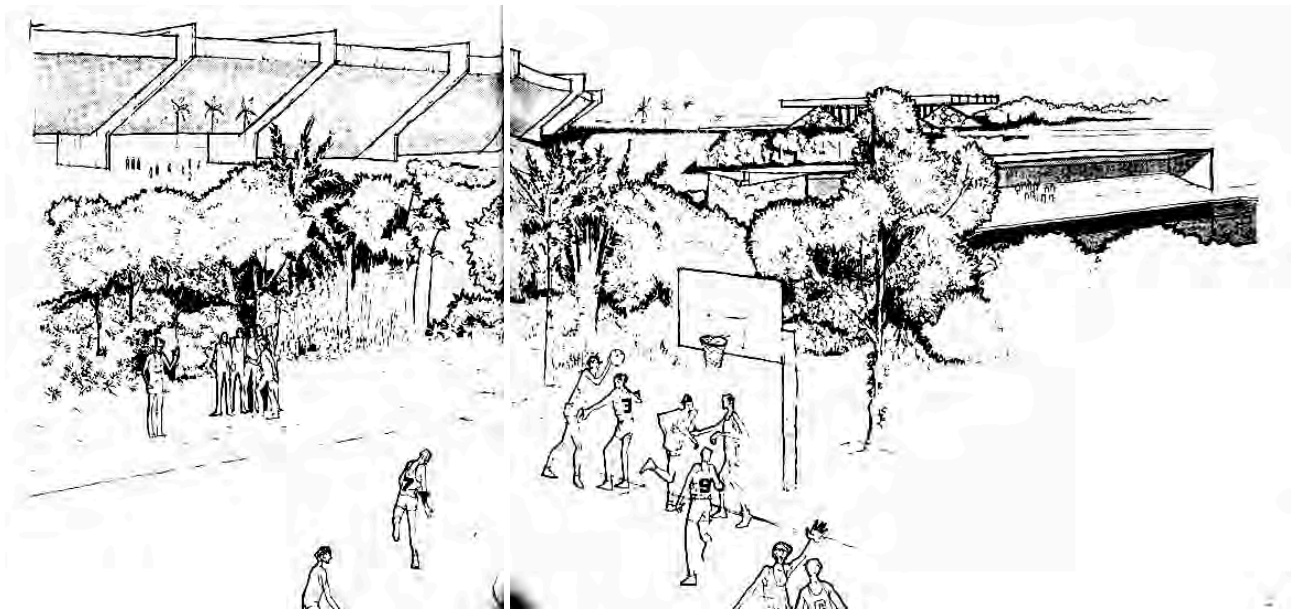


Figura 5 - Centro Esportivo da cidade universitária da UA - mini-campus. Divisão de Engenharia do MEC, 1966.
Fonte: UNIVERSIDADE ..., 1971. P. 204 e 205.

Em 1972, a Universidade busca alternativas para o impasse jurídico e contrata o escritório Wit-Olaf Prochnik Arquitetura e Planejamento Sociedade Limitada para a realização do projeto da Faculdade de Educação Física e o complemento das instalações esportivas. O projeto é organizado por um percurso linear, sobre o eixo nordeste-sudoeste, com a distribuição dos blocos da faculdade. São seis blocos térreos dispostos em barras horizontais, com as circulações internas voltadas ao sudoeste, mas protegidas por cobogós em concreto. O blocos são intercalados com jardins, em forma alternada, até o ginásio poliesportivo. O então Reitor Aderson Dutra viabiliza o financiamento desta construção, e assina em janeiro de 1973, o contrato para a construção do Centro Esportivo quando afirma: "por favor, não destruam a vegetação. Queremos preservar a paisagem bucólica que lá existe."¹⁴ Essa afirmação é uma crítica ao projeto de 1965 que retira a mata existente para a construção dos edifícios. Esse posicionamento diretivo marca um novo posicionamento da Universidade frente ao meio-ambiente nos novos projetos.

¹³ COROADO: 10.000 pessoas esperando pelo despejo. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 10 de maio de 1972, p.4. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 26 de junho de 2020.

¹⁴ UA deu o primeiro passo para construir o Campus. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 10 de janeiro de 1972, p.6. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 26 de junho de 2020.



Figura 6 e 7 - Faculdade de Educação Física da UA - mini-campus. Wit Olaf Prochinik Arquitetura e Planejamento Sociedade LTDA, 1975 | 2017.
Fonte: IBGE, 1975 | CERETO, 2020.

A impossibilidade da construção da cidade universitária e o complemento das instalações da Faculdade de Educação Física, com as obras iniciadas em 1973, exigem da Reitoria novas alternativas para solucionar a necessidade de espaços para os cursos criados em 1965. Parte dos novos cursos já estão com turmas formadas e os reconhecimentos dos cursos pelo Ministério da Educação exigem as instalações apropriadas. O arquiteto Severiano Porto inicia a sua atividade como docente na Faculdade de Tecnologia da Universidade em 1972. Entre 1972 e 1998 ministra a disciplina optativa Arquitetura e Urbanismo, no último ano do curso de Engenharia Civil. Em 26 anos de atuação docente, o professor Porto recebe homenagens dos formandos em 14 oportunidades¹⁵. A expertise com programas universitários é comprovada com a realização do Auditório Dr. Zerbini - inaugurado em 1970 na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Amazonas e do campus da Ciência¹⁶ do Instituto Nacional de Pesquisas Ambientais da Amazônia (INPA), realizado em 1970 e concluído em 1973. Além da experiência comprovada com a prancheta, nesse momento o arquiteto tem importante papel na política profissional. Em 1975 é um dos conselheiros fundadores do recém desmembrado Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA/AM-RR) e ele também está em 1976 entre os fundadores do Departamento do Amazonas do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/AM).

¹⁵ PORTO, Severiano. **Curriculum Vitae**. Arquivo Pessoal, Rio de Janeiro: [s.n.], 2002. 4 v.

¹⁶ MACHADO, P. A. A SEDE DO INPA. **Acta Amazonica**. Manaus:INPA , v. 2, n. 1, p. 3-5, Apr. 1972 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0044-59671972000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de Junho de 2020.



Figura 8, 9, 10 e 11 - Campus da Ciência - INPA.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, s.d.

O bom relacionamento de Porto na sociedade, em conjunto com as obras concluídas e em andamento no Amazonas, contribuem para o convite recebido para a elaboração de um novo projeto à Universidade. Em outubro de 1973 apresenta um primeiro estudo. Essa proposta aborda a consolidação do perímetro da gleba e identifica a área invadida e ocupada por moradias, junto a estrada do Contorno e a estrada do Aleixo. O projeto é macro e global. A gleba tem uma vegetação abundante com 14 nascentes que configuram uma topografia típica na planície amazônica com variações da cota 50,00 m até 90,00 m. Nessa área se observam dois platôs que possibilitam um melhor aproveitamento do terreno: ao sul na cota 80,00 m - no qual estão previstas as instalações do Centro Esportivo e da Faculdade de Educação Física; e ao norte na cota 90,00 m.



Figura 12 - Campus da UA e campus da Ciência.
Fonte: Acervo Severiano Porto, s.d.

O projeto apresenta um sistema viário que interliga o campus universitário a malha urbana da cidade de Manaus, com conexões na estrada do Aleixo, na estrada do Contorno e também ao conjunto habitacional do Japiim - construído em 1971 pela COHAB/AM para atender a demanda do Distrito Industrial de Manaus. O conceito apresentado na proposta do escritório é a integração da gleba à cidade e não o seu isolamento. O programa de necessidades do campus universitário é diferente da cidade universitária de 1965. Neste momento, a Faculdade de Ciências Médicas se consolida junto ao Hospital Presidente Vargas no Bairro Praça 14, próximo ao cemitério São João. As atividades da área da saúde são previstas para aquela localidade. Concomitantemente, neste ano o escritório é convidado para a realização do projeto arquitetônico para a Faculdade de Odontologia e Farmácia, inaugurado em 1980. A mudança de interesse da área do Mini-campus para o setor norte da gleba é justificada no memorial descritivo:

Testemunhando o evoluir da Universidade no sentido do Campus Integrado e coerente com o atual Momento Universitário Brasileiro, encontramos dentro da área, como resíduos de planos anteriores, alguns restos de construções suspensas. As referidas construções situadas junto a Estrada do Contorno, não apresentam condições de amarrarem hoje, o Planejamento e Projeto do Campus. (...) A Estrada do Contorno se transformará brevemente em canal por onde estará o crescimento da cidade, e não faz sentido, considerando as reservas de áreas da Universidade,

fazer com que as suas atividades se situem tão próximas a mesma. O aproveitamento coerente com esta vizinhança será dado as construções interrompidas. Plano anterior, mais recente, previu a situação do Centro Esportivo, ora em implantação, em um dos platôs mais vizinhos a Estrada do Contorno. Este posicionamento foi considerado quando do desenvolvimento do primeiro estudo, em que se procura dar ligação íntima através (sic) de avenida de acesso a mesma e a Estrada do Contorno. (PORTO, 1973, [s.n.]).

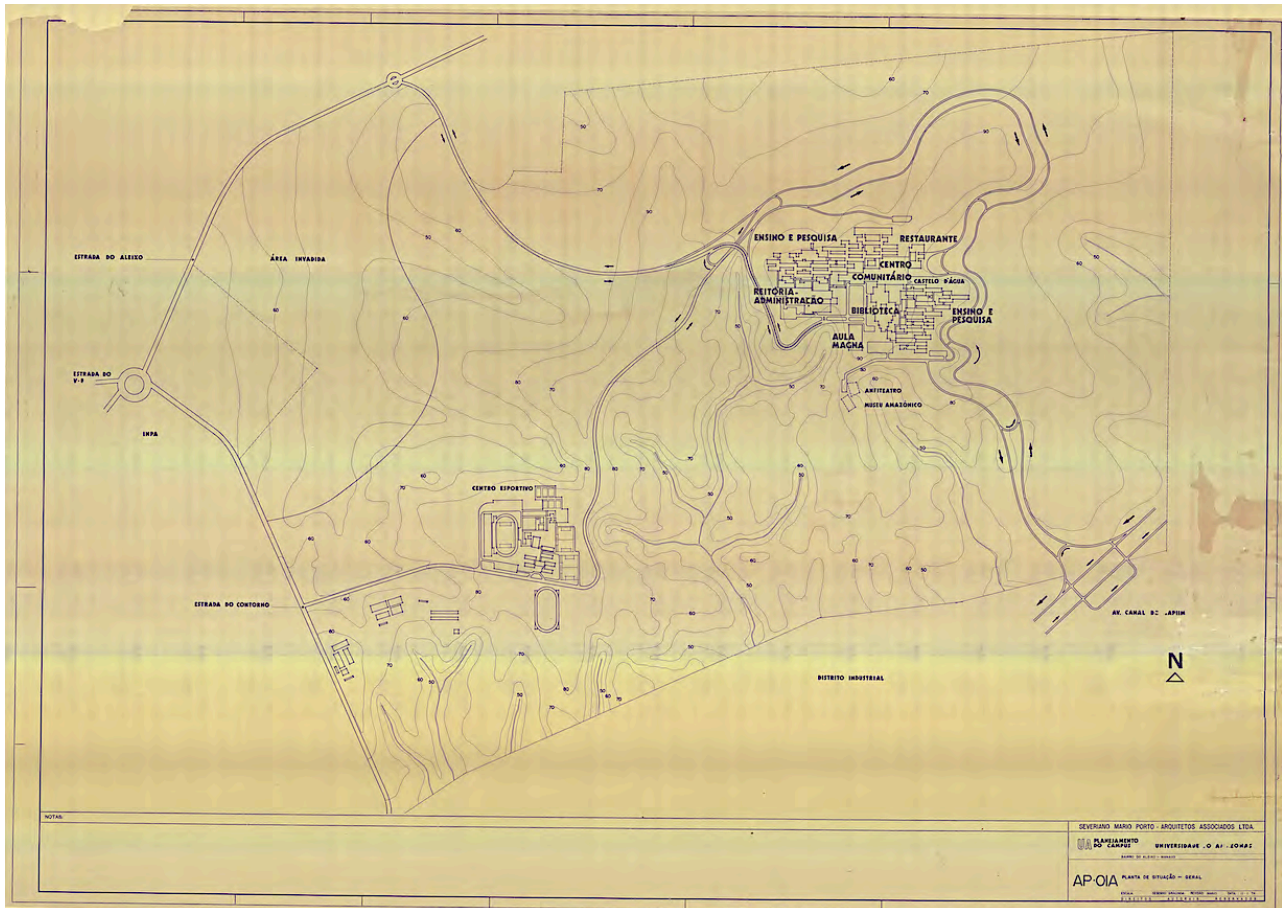


Figura 13 - Setor norte do campus da UA. Situação.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ, 1973.

A mudança amplia a abrangência do campus universitário na cidade. A preocupação urbana com o crescimento urbano é resultado dos novos investimentos potencializados pelo Distrito Industrial. A condição é determinante para o planejamento integrado da área do campus ao Distrito Industrial e igualmente com as habitações originadas por uma invasão na porção oeste. As novas vias projetadas pelo escritório na gleba visam a integração urbana e a conexão com o mini-campus. A preocupação viária é decisiva no projeto com vias acompanhando as curvas de nível do terreno de forma a evitar maiores movimentações de terra e o cruzamento com os cursos d'água. Em relação a preservação e a manutenção das áreas verdes, solicitadas pela Universidade, o escritório interpretá-as como um espaço vivo e presente na paisagem:

Atendo-se a proposta de áreas verdes para o Campus Universitário, elas foram entendidas não como moldura para enquadrar arquiteturas raras, mas como espaço proposto ao uso, enriquecendo os pontos de máximo do conjunto arquitetônico. Um paisagismo que evite o exótico (...) na ideia do museu verde (...) continue no externo das sombras da Arquitetura um encontro com as exigências de clima da região. Assim o todo verde do Campus pode ser entendido como museu, horto e parque urbano abraçando a Arquitetura da Universidade. (PORTO, 1973, p.6).

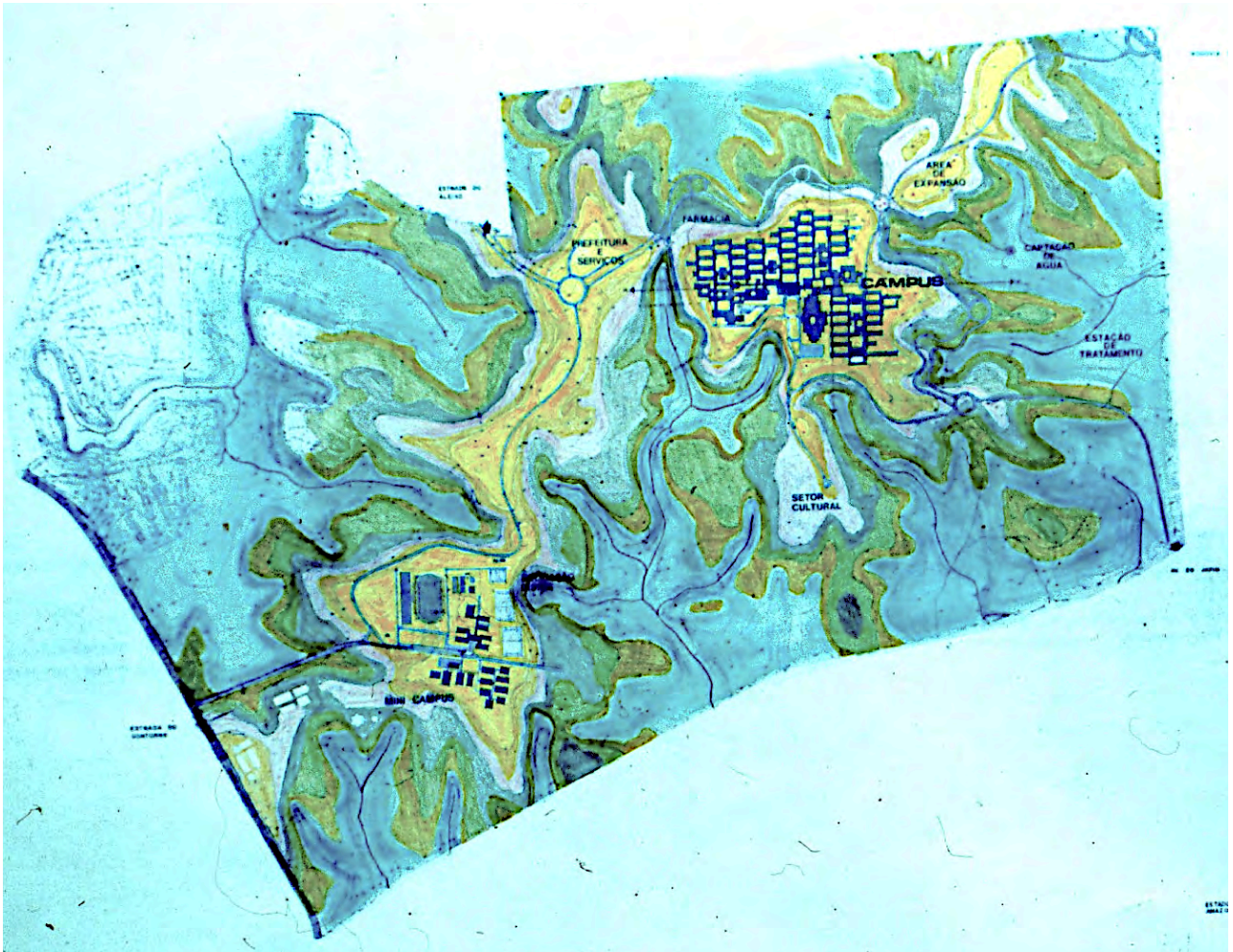


Figura 14 - Setor norte do campus da UA. Topografia e Nascentes.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ, 1979.

A guerra fria, a conquista espacial e a questão habitacional estão presentes nos debates entre os arquitetos a partir dos anos 1950. As propostas teóricas e por vezes utópicas realizadas por coletivos de arquitetos como Team X, os estruturalistas holandeses, o Archigram, o movimento metabolista, além das experiências de Buckminster Fuller sobre o crescimento indeterminado, estão focadas à uma reação ao urbanismo modernista. Essas teorias ainda são debatidas no CIAM e representadas em projetos de Aldo Van Eyck e Kenzo Tange a partir da década de 1960 como o Pavilhão temporário da Escultura em Arnhem (1965/1966) e o Plano para Tóquio (1960).

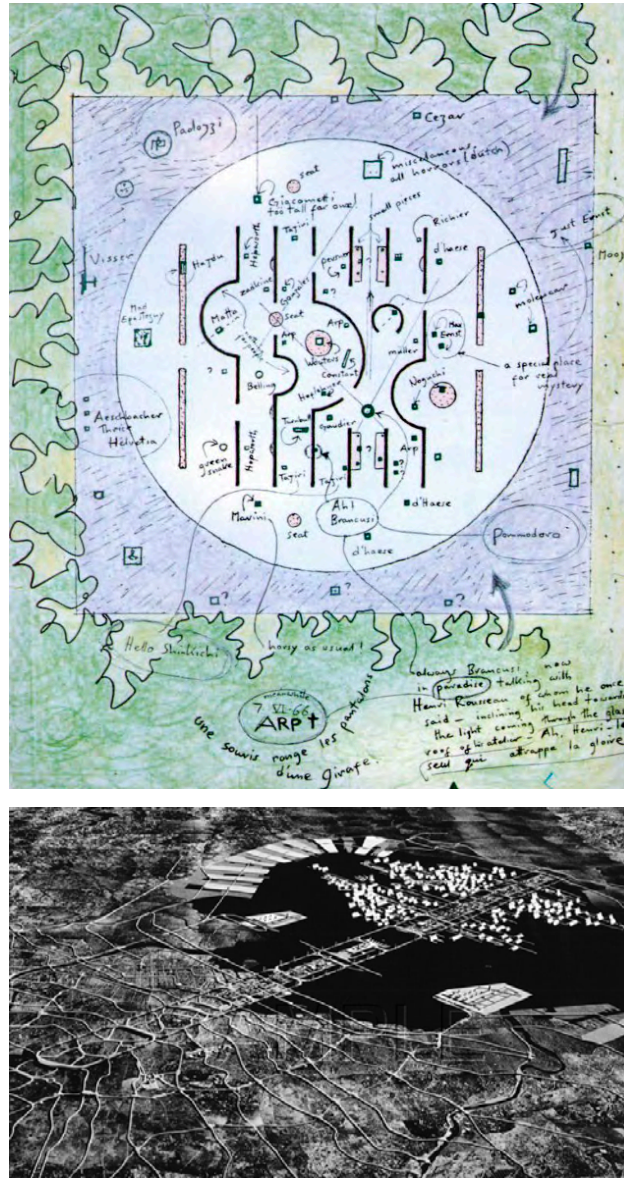


Figura 15 e 16 - Pavilhão temporário da Escultura, Aldo Van Eyck, 1966. | Plano para a baía de Toquio, Kenzo Tange, 1960.
 Fonte: LIGTELTJN, 1999, p.134. | VON DER MÜHL, 1981, p.186.

A cidade contínua está presente no projeto da Universidade Livre de Berlim, na então Alemanha Ocidental, em concurso vencido pelos escritório parisiense Candilis-Josic-Woods em 1963, formado pelos arquitetos George Candilis (1913-1995), Alexy Josic (1921-2011) e Shadrach Woods (1923-1973). Candilis e Woods trabalham no *Atelier des Bâisseurs* de Le Corbusier entre 1948 e 1951. A composição arquitetônica - no que viria a ser convencionalizado *Mat Buildings*¹⁷, propõe um malha regular na implantação em diferentes extratos, com complexidade funcional e hierárquica. A similaridade formal e espacial do conjunto exige um projeto de sinalização eficiente para facilitar a orientação aos usuários. O sistema de deslocamento nas ruas de pedestres é a

¹⁷ SMITHSON, A. How to recognize and read Mat Building: Mainstream architecture as it developed towards the mat building. In: *Architectural Design*, no 9, p. 573-590, 1974.

diretriz da malha regular e a partir desta estrutura cartesiana se determinam a localização das salas de aula e dos espaços de pesquisa. Entre os edifícios, o escritório Candilis-Josic-Woods cria pátios internos e os nomeia como "Pulmões do edifício". A distância entre uma circulação e outra da malha são 65,63 m, ou seja, praticamente um minuto de caminhada¹⁸.

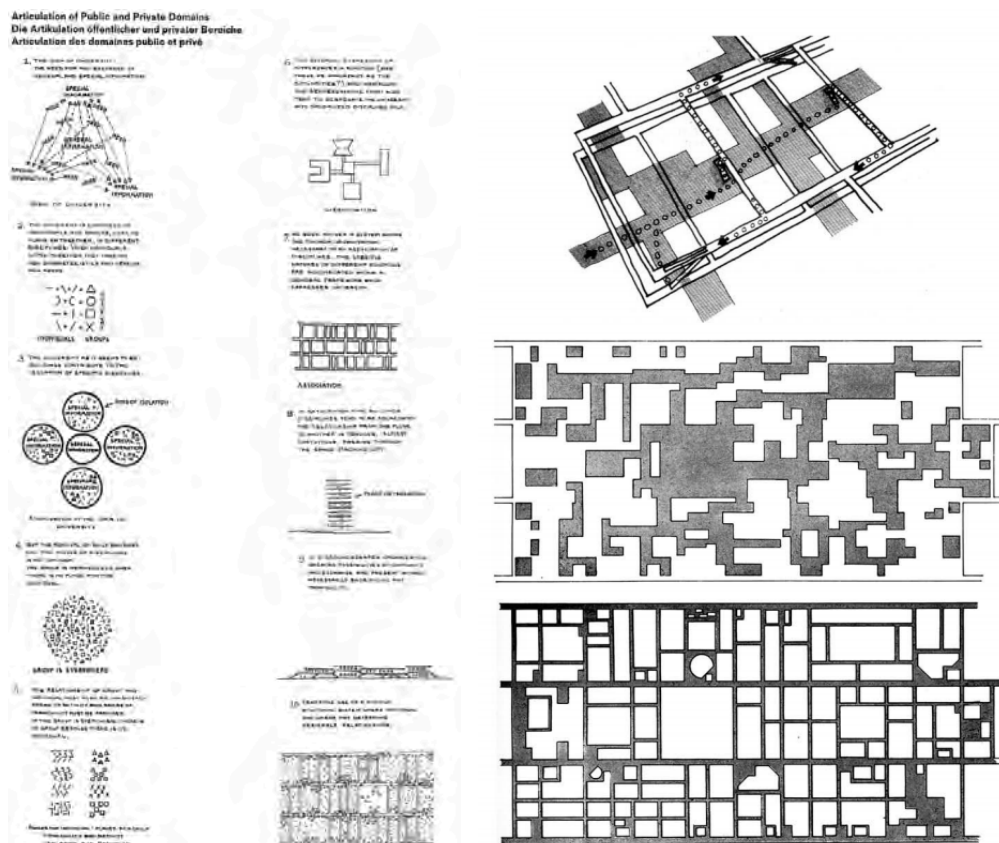


Figura 17, 18 e 19 - Universidade Livre de Berlim, Candilis-Josic-Woods, 1963.
 Fonte: WOODS, 1968, p.208. | ORLEANS-BÓRBON, 2013, p.173.

Anterior a essa experiência franco-alemã, os projetos da cidade universitária do Brasil, realizados em 1936 por Le Corbusier e Lucio Costa no Rio de Janeiro, permitem uma construção temática no País¹⁹. Cabe salientar que o Plano Agache já prevê a cidade universitária na Praia Vermelha. Marcelo Piacentini e Vittorio Mopurgo apresentam anteprojetos entre 1935 e 1938 para a região da Quinta da Boa Vista. Em uma área de 230,00 hectares próximo a Quinta da Boa Vista a axialidade e a disposição formal seriada dos edifícios em relação a orientação solar são premissas importantes para a organização dos dois projetos. Ainda que sejam distintos na solução formal e conceitual, ambos os projetos apresentam premissas e similaridades nas conexões com o traçado tradicional da

¹⁸ ORLEANS-BOURBON, E.F. **Processos Configurativos: de la trama a la noción de campo en los Mat Buildings**. Tesis Doctoral - Escola Técnica Superior de Arquitectura de Madrid da Universidad Politécnica de Madrid, 2013, p.58.

¹⁹ TOGNON, M. **Arquitetura italiana no Brasil: A obra de Marcelo Piacentini**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

zona norte da cidade com a nova geometria. Nas grandes quadras e esplanadas, "a composição serial com elementos repetitivos e a composição de elementos singulares são colocados em linha." ²⁰

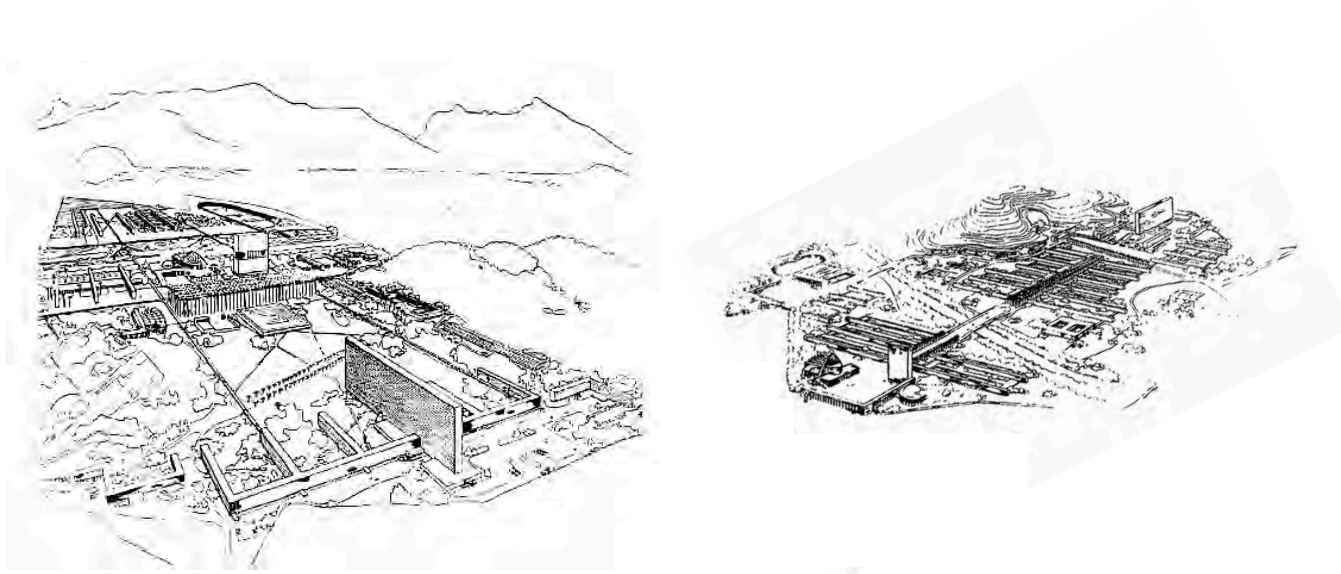


Figura 20 e 21 - Cidade universitária do Brasil. Propostas de Le Corbusier e Lucio Costa, 1936.
Fonte: BILL, 1951, p.43. | COSTA, 1995, p.172.

A vivência dos arquitetos Severiano Porto e Mario Emilio Ribeiro como estudantes na Universidade do Brasil entre 1949 e 1954 possibilita uma crítica ao modelo implantado na ilha do Fundão a partir de 1955. Enquanto na Faculdade de Arquitetura há franca integração e convívio com os diferentes cursos da Escola Nacional de Belas Artes na avenida Rio Branco, com a verticalização proposta por Jorge Moreira na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, há a separação entre os alunos. A distribuição das salas de aula dos anos do curso em diferentes andares são criticadas pelos arquitetos. Os arquitetos também visitam durante a elaboração da pesquisa para a realização do projeto, o campus da Universidade de Brasília, a cidade universitária da USP e o campus em São Carlos/SP. Na Amazônia, o ainda engenheiro Alcyr Meira (1934) coordena o projeto,²¹ com participação do arquiteto Jorge Derenji (1936), e do então engenheiro Milton Monte (1928-2012) e realizam em 1964 o projeto do campus do Guamá para a Universidade do Pará inaugurado em 1968.²²

²⁰ COMAS, C. E. D. **Precisões brasileiras: sobre um estudo passado da arquitetura e urbanismo modernos. A partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & cia, 1936-1945.** Tese de Doutorado. Universidade de Paris VIII - Vincennes - Saint Dennis, 2002. Volume 2, p.113.

²¹ LEITE, C. **Entrevista com Alcy Meira.** [S.l.], [s.n]. Disponível em: <<http://memorialcesarleite.com.br/storage/depoimentos/8kyW1KtAcFynY9XRc58mpoYpyltQNLTDfqq2wKbM.pdf>>. Acesso em: 17 de julho de 2020.

²² DERENJI, J. **Depoimento.** Entrevista a Marcos Cereto.Arquivo Pessoal. Manaus, 17 de julho de 2020.

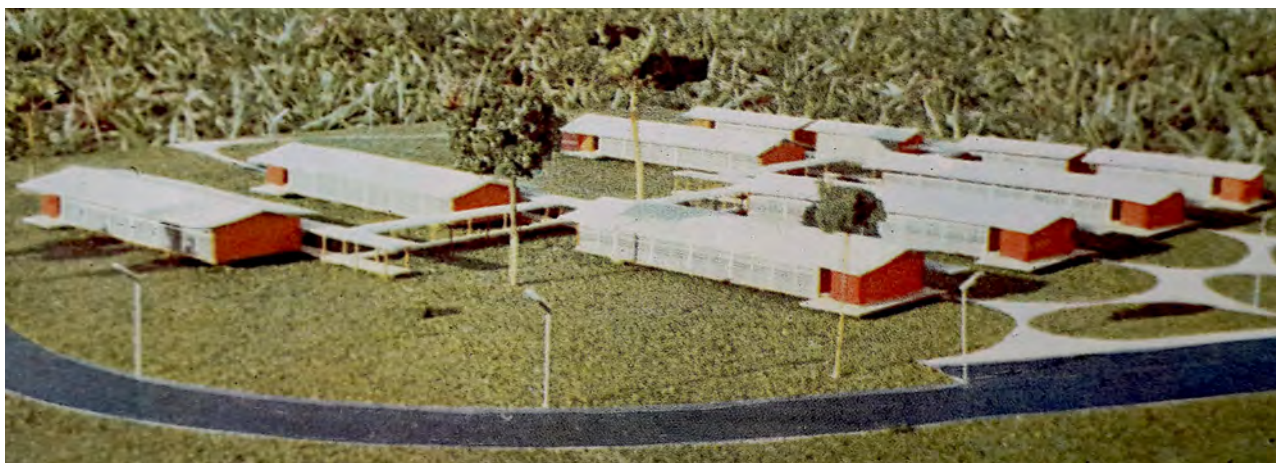


Figura 22 - Campus do Guamá. Alcyr Meira, Jorge Derenji e Milton Monte, 1936.
Fonte: AMAZÔNIA é..., 1968, p.69.

A localização escolhida para as novas atividades da Universidade do Amazonas se concentram no platô norte, na cota 90,00 m, com dimensões aproximadas de 500,00 x 500,00 m. O partido utilizado por Severiano Porto para o campus universitário é delimitado por um sistema viário projetado como o perímetro da ocupação. Essa estratégia abrange a área do platô que pode ser ocupada com os edifícios e também protege as atividades acadêmicas e peatonais do fluxo de veículos. As áreas de futuras expansões da Universidade ficam definidas para além do perímetro do sistema viário. Um sistema de circulações cobertas e axiais são propostas sobre o eixo norte-sul. São dispostos 12 eixos a cada 60,00 m com 5,00 m de largura e configuram um grid que permite a conectividade entre os diversos setores do programa. Esses caminhos são cobertos e garantem a devida proteção aos usuários do sol e da chuva amazônica.



Figura 23 - Setor norte do campus da UA..
Fonte: Google earth, 2020.

A vitalidade desses percursos é determinante. A escolha pela estrutura pré-fabricada em concreto armado no projeto do campus da Universidade demonstra o interesse em propor a industrialização no processo construtivo, inerente ao uso e ao tempo, em tempos de consolidação do Distrito Industrial. A sistematização e a necessidade de baixos custos de manutenção justificam a escolha da técnica construtiva, em contraponto ao desejo dos dirigentes da Universidade com o entendimento de que o ambientalismo esteja relacionado a materialidade. Assim como na sede da SUFRAMA, os contratantes imaginam que os arquitetos respondam a demanda com o uso da madeira.

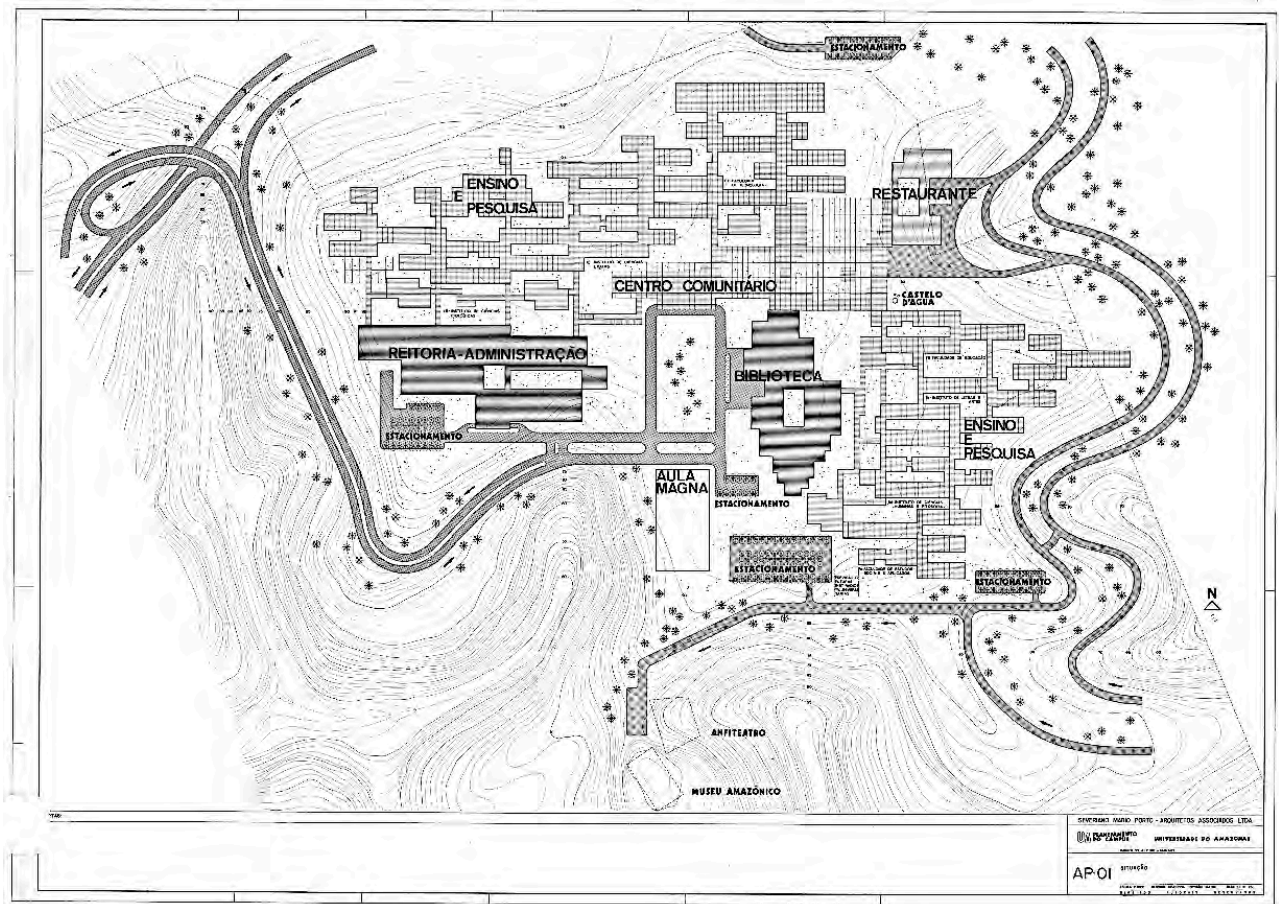


Figura 24 - Setor norte do campus da UA. Planta de Situação, 1973.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Sobre caminhos e conexões entre os blocos no campus universitário, no projeto realizado por Porto para o campus da Ciência no INPA (1970/1973), os arquitetos distribuem os edifícios - considerando os ventos dominantes e a orientação solar, mas sem proteção à intempérie nas conexões físicas entre os edifícios. A justificativa para tal ação passa pelo terreno do campus da Ciência. Ele é bosqueado com árvores de grande porte e o uso com Laboratórios de usos específicos com uma desejada independência entre os edifícios. Os edifícios têm as circulações periféricas, em ambos os lados do edifício no sentido longitudinal, protegidas pelo beiral. Essa solução garante parcialmente a

proteção ao acesso as salas dispostas lado a lado, uma vez que as frequentes chuvas prejudicam o percurso na circulação da fachada norte.

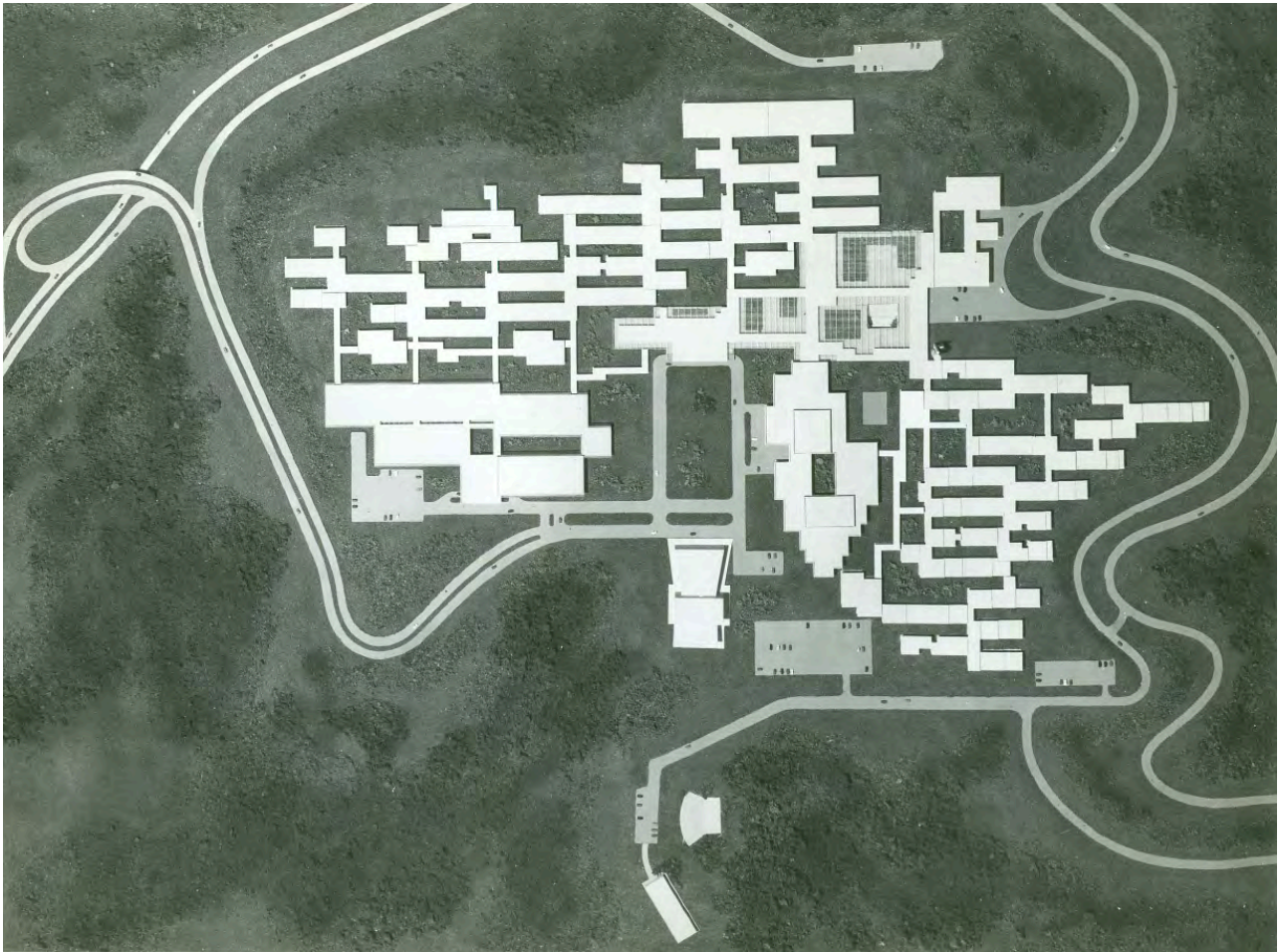


Figura 25 - Setor norte do campus da UA, 1973.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Essas referências e experiências dos arquitetos são fundamentais para a consolidação da proposta apresentada em outubro de 1973 com o *masterplan* da Universidade. A organização setorial do programa de necessidades é expressa no projeto da seguinte forma: centro comunitário, Reitoria - Administração, Restaurante Universitário, Biblioteca e Ensino e Pesquisa. Além desses setores, estão previstos na implantação edificações como Aula Magna, Anfiteatro e Museu Amazônico²³. Os edifícios apresentam repertório comum com sistematicidade e economia de meios. Os elementos de composição utilizados são pórticos em concreto armado (pilares em seção retangular ou cruciforme), vigas-calha em concreto armado, elementos vazados em concreto armado, brises verticais em concreto

²³ Não é possível afirmar que esses projetos foram realizados. Não são encontrados documentos que comprovem a realização destes, seja no Acervo Severiano Porto no NPD/UFRJ como no Acervo da Prefeitura do campus universitário da UFAM.

armado, telhas industriais, pergolados em bambu e compartimentações leves com uso eventual de alvenaria de tijolos cerâmicos nos invólucros.

Todas as arquiteturas são térreas. Se no interior da mata elas são integradas e de tecido, junto ao sistema viário se apresentam em escala monumental, e se destacam pela hierarquia. Essa proximidade a alça viária do setor norte garante maior visibilidade e capilaridade aos setores Reitoria - Administração, Biblioteca, Centro Comunitário e Aula Magna - e se configura um *core* entre a alça viária e a esplanada, que tangencia os três edifícios e determinam uma escala diferenciada do restante do conjunto.

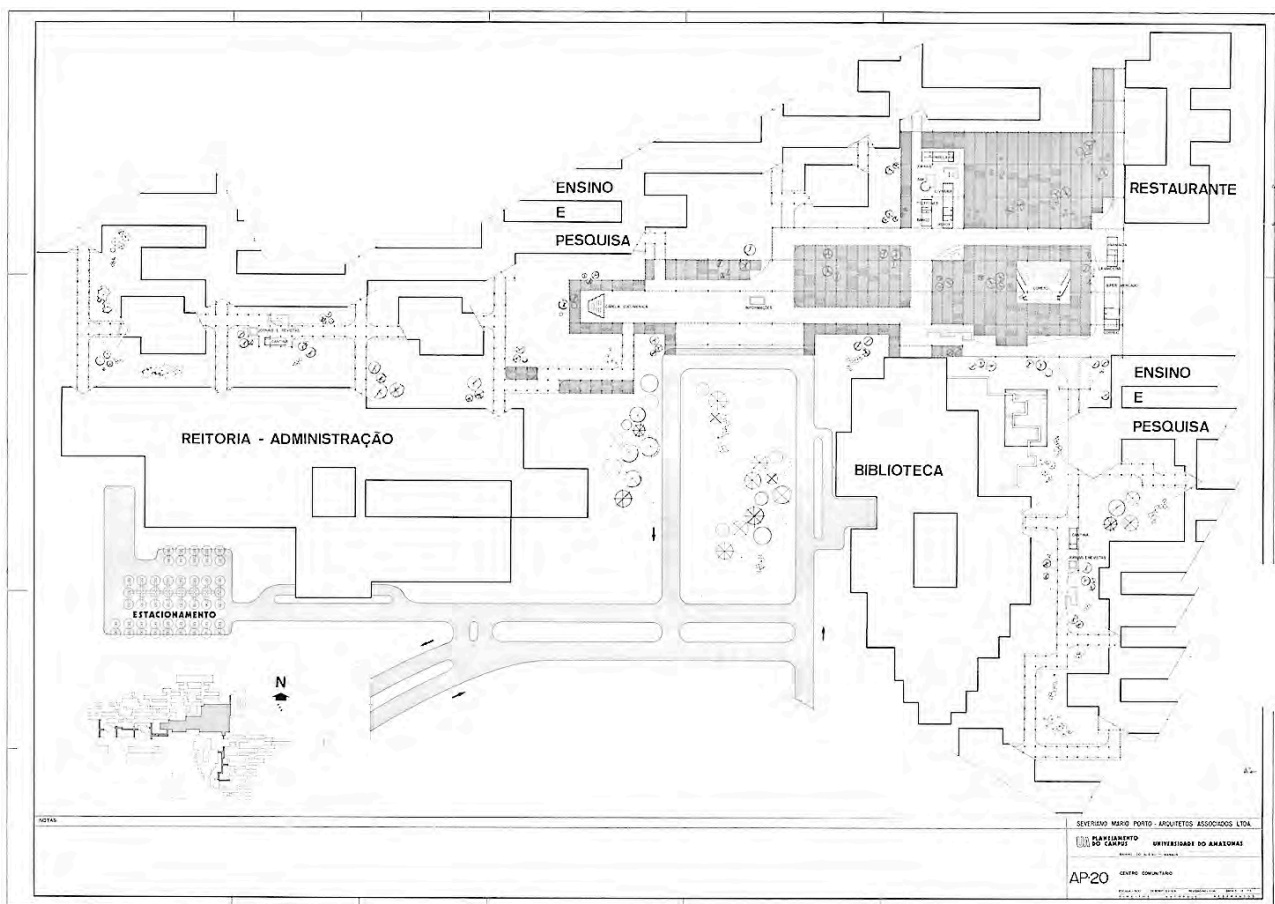


Figura 26 - Setor norte do campus da UA. Centro Comunitário, 1973.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O Centro Comunitário é o espaço de encontro e trocas acadêmicas pelo qual circulam os usuários dos distintos setores. Organizado longitudinalmente sobre o eixo leste-oeste tem uma abrangência de 285,00 x 105,00 m. É definido pela pontualidade no espaço ambulatorio da estrutura em concreto armado, com pilares, vigas calhas com telhas "tipo Kalhetão" intercaladas com pergolados em bambu e espaços vazios. A planta axial remete a uma

nave central, com o uso de dois módulos, e a distribuição de jardins e espaços especiais em naves laterais - lado a lado, em módulos menores e múltiplos, com as circulações protegidas.

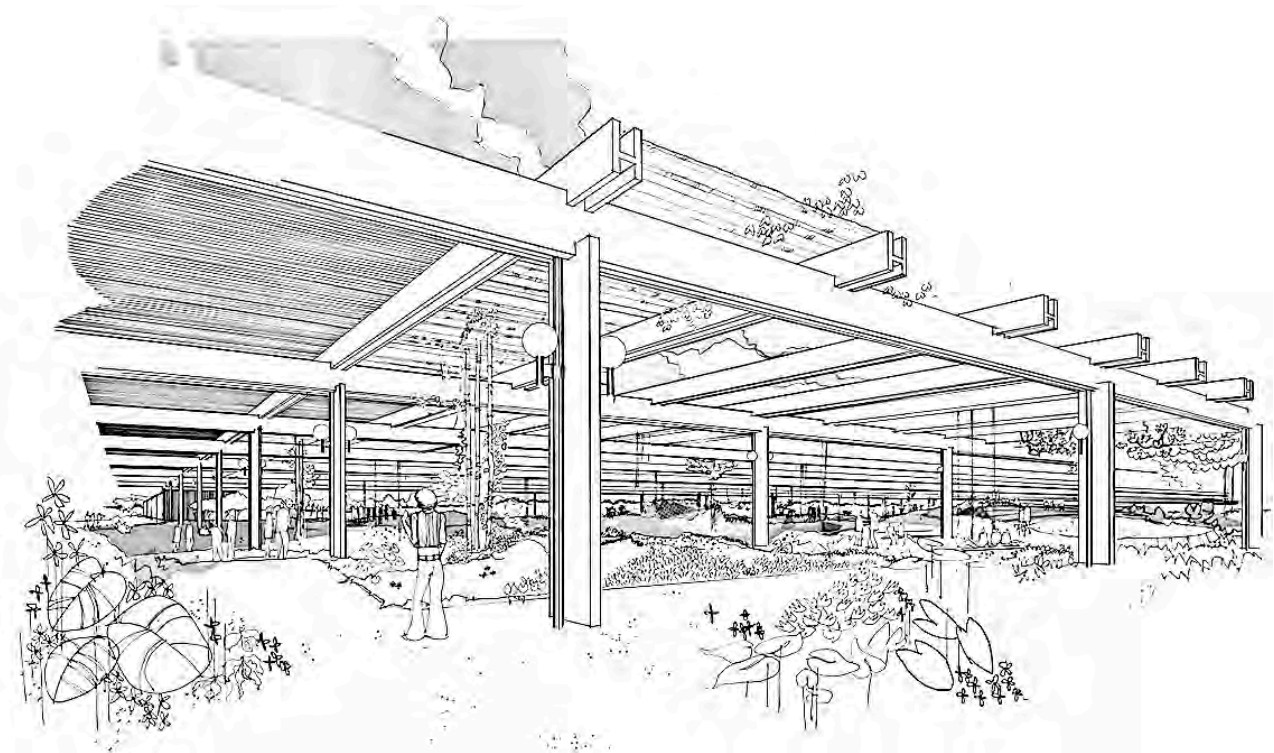


Figura 27 - Setor norte do campus da UA. Centro Comunitário, 1973.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

A Reitoria - Administração está no sudoeste da implantação e tem um programa extenso com as atividades inerentes a sua função. O programa é disperso em blocos com dimensões idênticas, distribuídos em três faixas. Os blocos são dispostos sobre o eixo leste-oeste, com uma dimensão de 250,00 x 90,00 m, intercalados com o cruzamento das circulação a cada 60,00 m. Cada bloco tem uma circulação interna longitudinal com largura de 2,50 m e duas alas simétricas com 10,00 m, com pórticos em concreto armado a cada 5,00 m. As compartimentações são em painéis leves com exceção dos sanitários. Para vencer a profundidade da planta, são propostos jardins entre os blocos, de forma a qualificar a iluminação e a ventilação dos espaços. As fachadas leste e oeste dos blocos, são protegidas com brises verticais em concreto armado, dispostos de forma livre - dentro da modulação de 1,25 m, com um desenho abstrato.

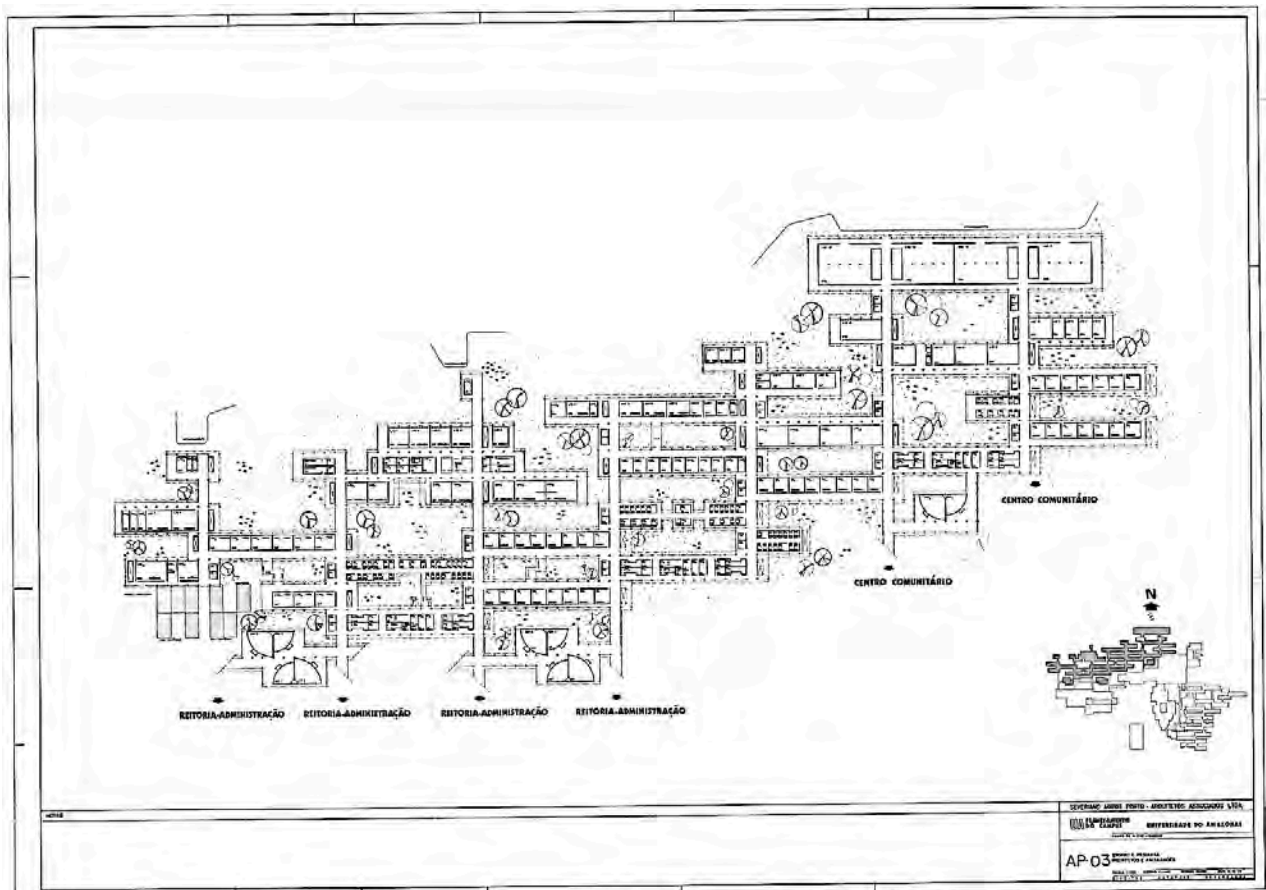
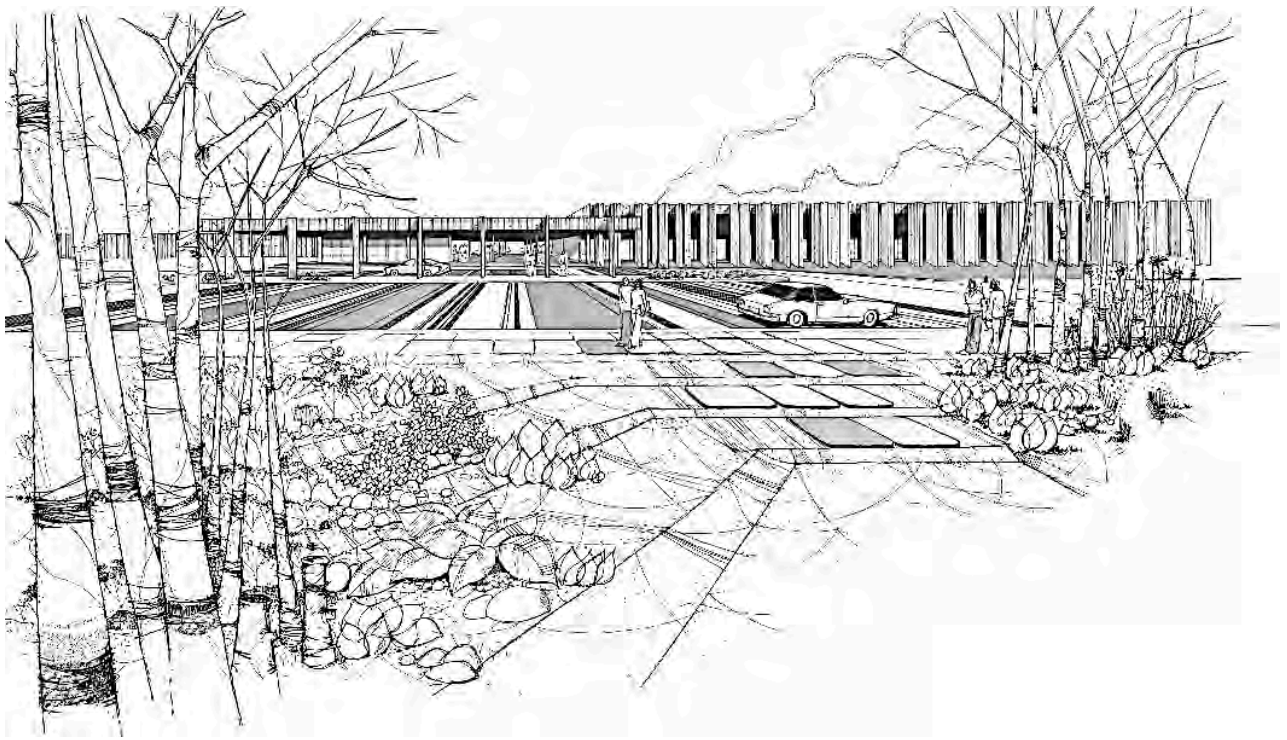


Figura 28 e Figura 29- Setor norte do campus da UA. Reitoria-Administração, 1973.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

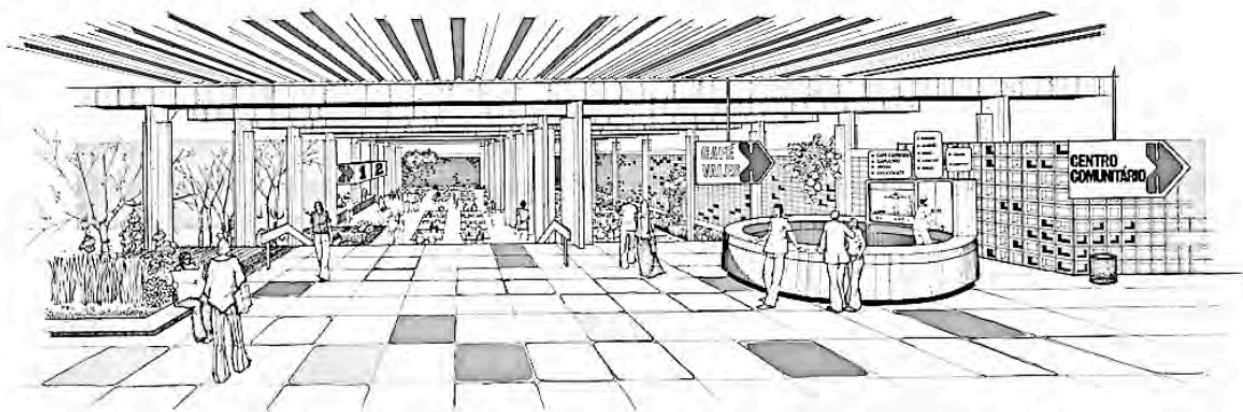


Figura 30- Setor norte do campus da UA. Restaurante Universitário, 1973.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O Restaurante Universitário está localizado ao oeste da implantação. Organizado em três alas e dois níveis é configurado no espaço ao atendimento público (aberto e coberto) e a preparação dos alimentos (fechado e compartimentado). A Biblioteca está em posição de destaque na implantação e é o único prédio do setor norte orientado longitudinalmente sobre o eixo norte - sul.

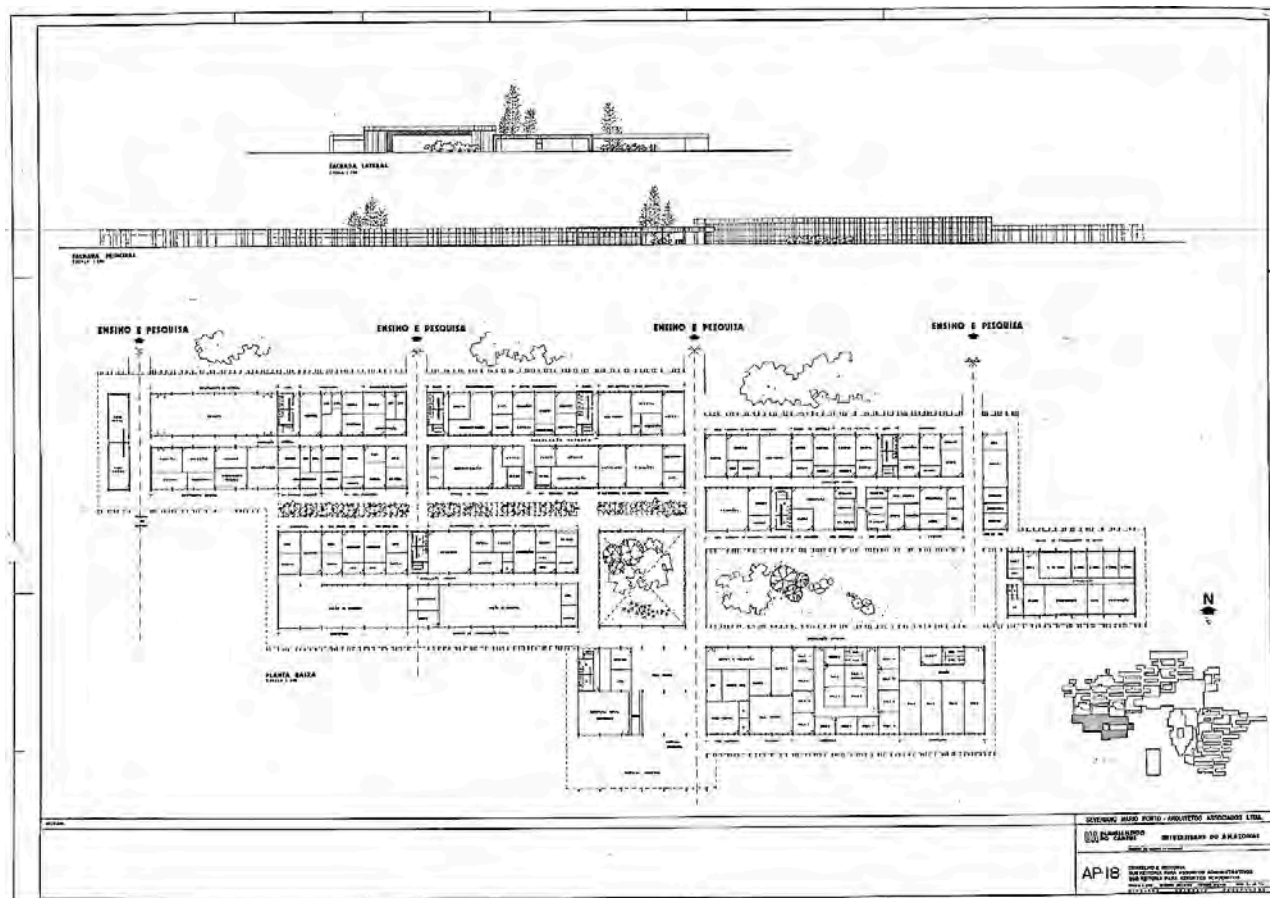


Figura 31- Setor norte do campus da UA. Ensino e Pesquisa - Noroeste, 1973.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O edifício tem 80,00 x 165,00 m com a planta organizada em uma poligonal descontínua, oriunda de adições compositivas. A espinha dorsal do prédio é uma nave tripartida com módulos de 5,00 x 15,00 m. Nesta nave há um pátio central, com pé-direito com 4,00 m, dialogando ao interior do edifício com elementos vazados em concreto. O pátio central também desmembra na nave o Acervo com o setor de Periódicos. Se unem a esta espinha dorsal do edifício as demais partes do programa, com módulos reduzidos (5,00 x 5,00 m) de forma a se localizarem ao oeste as partes técnicos e administrativos da Biblioteca, enquanto ao leste se concentram a maior parte dos Gabinetes de Leitura. O prédio é protegido por elementos vazados em concreto armado distantes a 2,50 m das fachadas leste e oeste e protegidos pela cobertura projetada em 2,50 m com a adoção de platibanda.

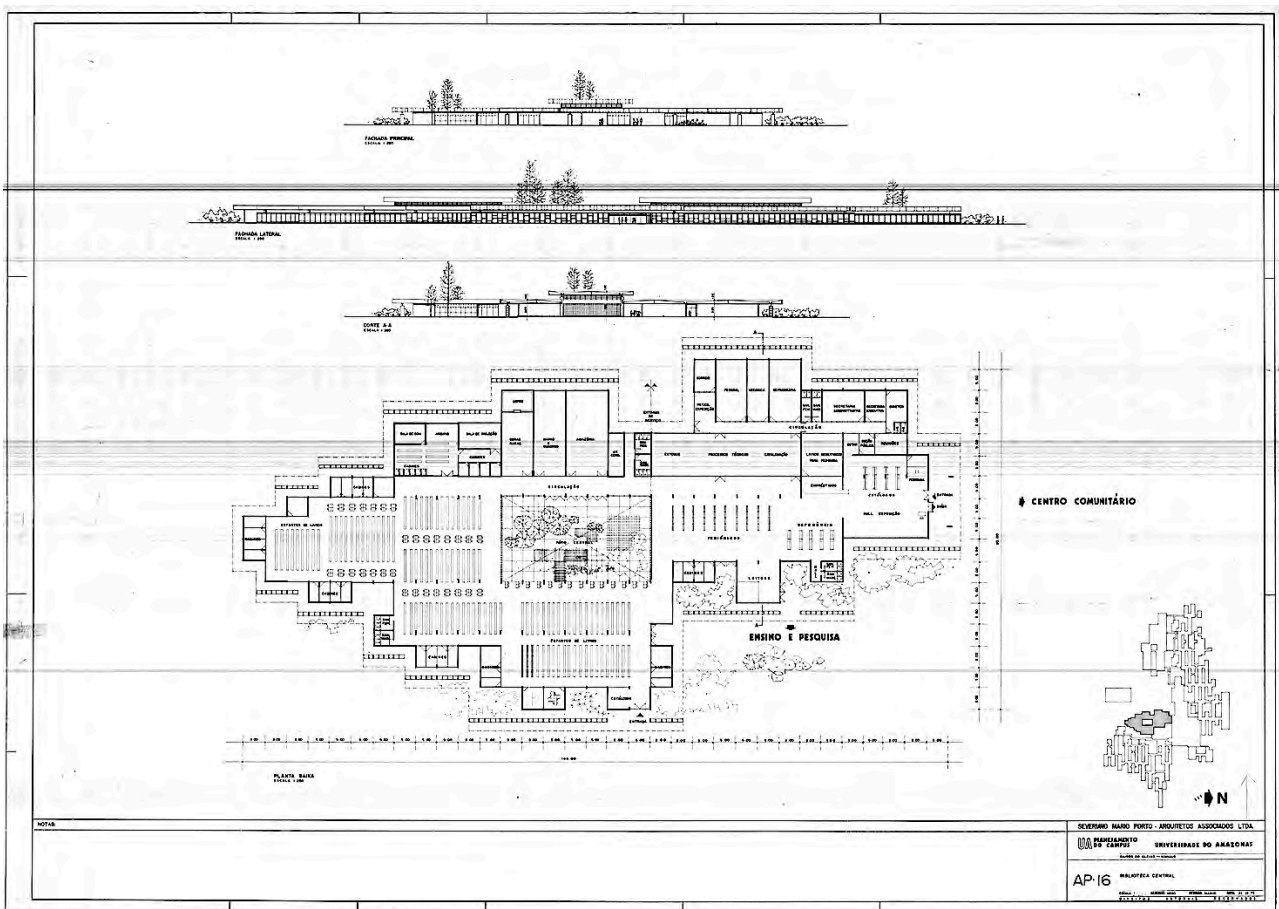


Figura 32 - Setor norte do campus da UA. Biblioteca, 1973.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O setor de Ensino e Pesquisa ao noroeste abrange as seguintes unidades acadêmicas: Instituto de Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Exatas e Faculdade de Tecnologia. Esta área abrange 500,00 x 225,00 m, com 30 blocos e 2 conjuntos de Anfiteatros. Ao sudeste estão a Faculdade de Educação, o Instituto de Letras e Artes, o Instituto de Ciências Humanas e Filosofia e a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas com dimensões aproximadas

de 250,00 x 225,00m, com 27 blocos e 3 conjuntos de Anfiteatros. Em cada uma das unidades acadêmicas da Universidade, Porto propõe 4 tipologias para o atendimento das questões programáticas: Salas de Aula, Administração dos Institutos e Departamentos de Ensino, Salas de Professores e Laboratórios. Além das tipologias estão previstos Anfiteatros inscritos em um quarto de círculo, unidos dois a dois, com distintas possibilidades de locação.

O grid determina a implantação, pautado pelos 12 módulos estruturais entre cada circulação sobre o eixo norte-sul - 60,00 m. As tipologias são encaixadas no grid e apresentam variações dimensionais com flexibilidade e economia de meios. Os edifícios das distintas tipologias estão separados entre si pelos pátios dimensionados conforme a modulação da malha. Há unidade formal e compositiva entre as diferentes tipologias, fato que exige ao escritório a realização de um projeto de Sinalização Indicativa para a orientação dos usuários.



Figura 33 - Setor norte do campus da UA, 1973.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

A semelhança formal e portante entre edifícios com usos distintos proposta no campus da Universidade remete ao projeto de Arne Jacobsen (1902/1971) para o Saint Catherine's College (1959/1964) em Oxford. A repetição de pórticos estruturais e dimensionamentos nos diferentes edifícios em Oxford demonstra uma excelência na correta exploração de elementos construtivos essenciais na composição arquitetônica.²⁴ A expressividade da estrutura é observada no projeto em Manaus, com a adoção de pórticos com vigas em balanço e pilares cruciformes, vigas calhas e a distribuição da planta nas distintas tipologias que se modificam, conforme a necessidade.

²⁴ MAHFUZ, E. Saint Catherine's College. *Summa*, Buenos Aires, n.150, 2016, p.113-115. Disponível em: <<https://digitalportugues.summamashop.com.ar/reader/summa-150?location=1>>. Acesso em: 01 de julho de 2020.

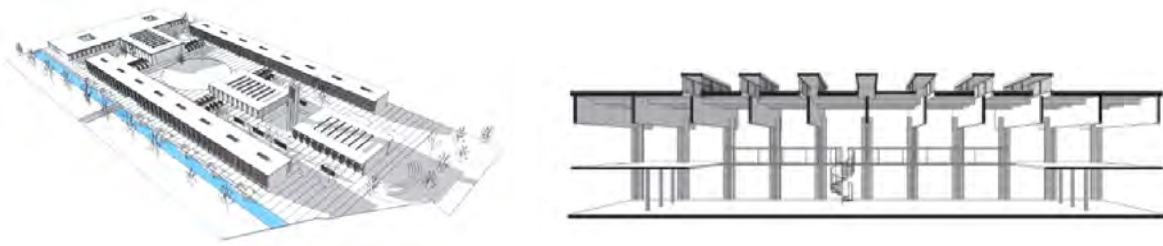


Figura 34 e 35 - Desenhos do Saint Catherine's College. Arne Jacobsen(1959/1964).
 Fonte: MAHFUZ, 2016, p.113 e 115.

A primeira das quatro tipologias do setor norte do campus da Universidade a serem analisadas, os blocos de Salas de Aula são organizados por pórticos em concreto armado com pilares cruciforme. São 14 módulos de 5,00 x 12,50 m. A cobertura em telha "tipo Kalhetão" se projeta em todas as fachadas do bloco em 1,25 m para a proteção. A compartimentação da sala de aula é fixa com a escolha pela alvenaria cerâmica com uma profundidade de 7,50 m e larguras variáveis de 2,50, 5,00, 7,50 e 10,00 m.

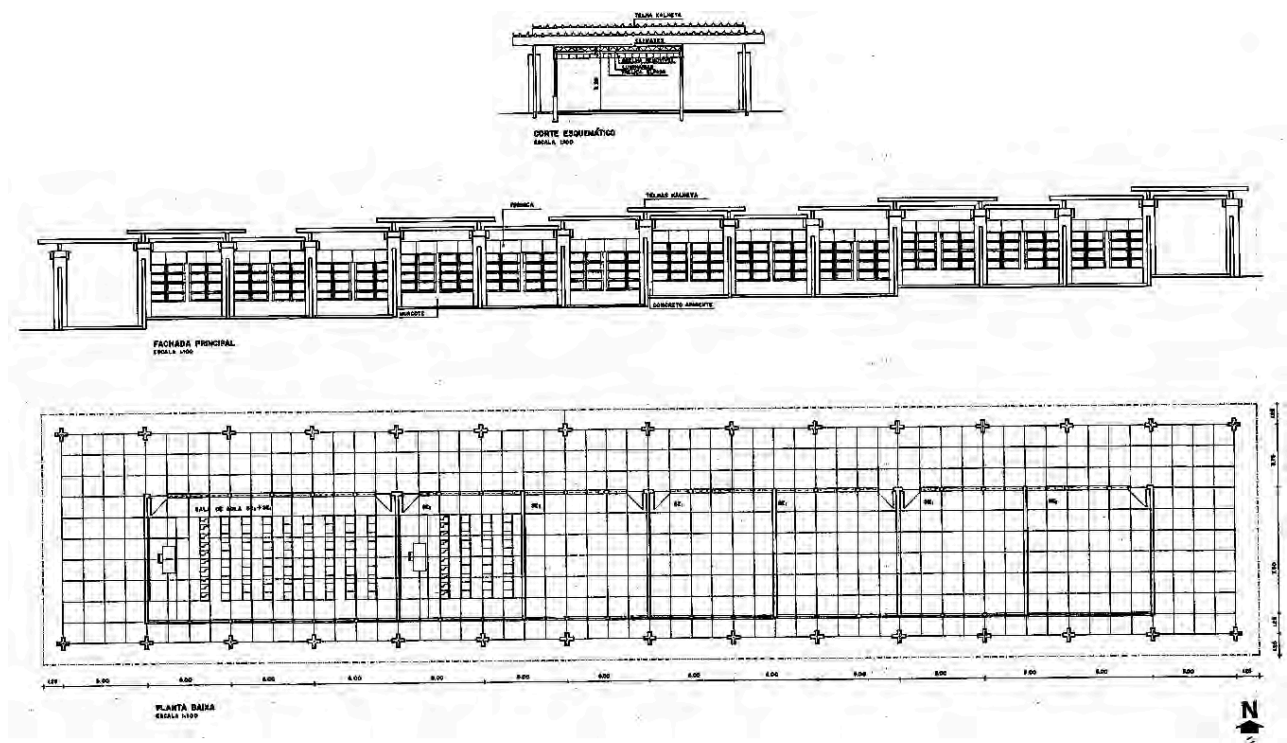


Figura 36 - Setor norte do campus da UA, Salas de Aula, 1973.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O forro apresenta a mesma solução do projeto realizado para a sede da SUFRAMA, com treliças Elpasa e placas Climatex. O pé-direito interno tem 3,20 m enquanto a altura útil da viga nos pórticos em concreto armado são 4,00 m. A circulação é periférica e externa com 3,75 m e se volta ao norte. Os dois últimos módulos do bloco ao

leste e ao oeste, conectam-se com o grid e assim aos demais edifícios do conjunto. Todas as tipologias apresentam planta celular.



Figura 37 - Setor norte do campus da UA, *Quadrangle* do Ensino e Pesquisa, 1973.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

A segunda tipologia, nos edifícios destinados à Administração dos Institutos e Departamentos de Ensino apresentam as mesmas características dos blocos de Salas de Aula. A organização da planta é distinta com a circulação periférica em ambas as fachadas longitudinais com 2,50 m de largura. Ao estabelecer a circulação nas duas fachadas longitudinais, a tipologia possibilita uma maior adaptação ao *masterplan*. A distribuição dos blocos no grid está relacionada a configuração de galerias contínuas formadas entre os diferentes edifícios com a circulação coberta do grid. Ao centro destas circulações está o Pátio Amazônico - como um "pulmão" entre os blocos. A configuração dessas galerias e do Pátio Amazônico são determinadas pela geometria e permite uma analogia ao *quadrangle* das Universidades anglo-saxônicas. A tipologia administrativa-pedagógica tem 13 módulos de 5,00 x 12,50 m. A compartimentação tem as duas empenas cegas em alvenaria cerâmica nas fachadas leste e oeste e por painéis leves nas fachadas norte e sul. Além disso, divisórias leves garantem a flexibilidade no interior da planta. Essa tipologia se repete uma vez em cada Instituto ou Faculdade e estão localizadas na entrada da unidade acadêmica, próximas ao Centro Comunitário.

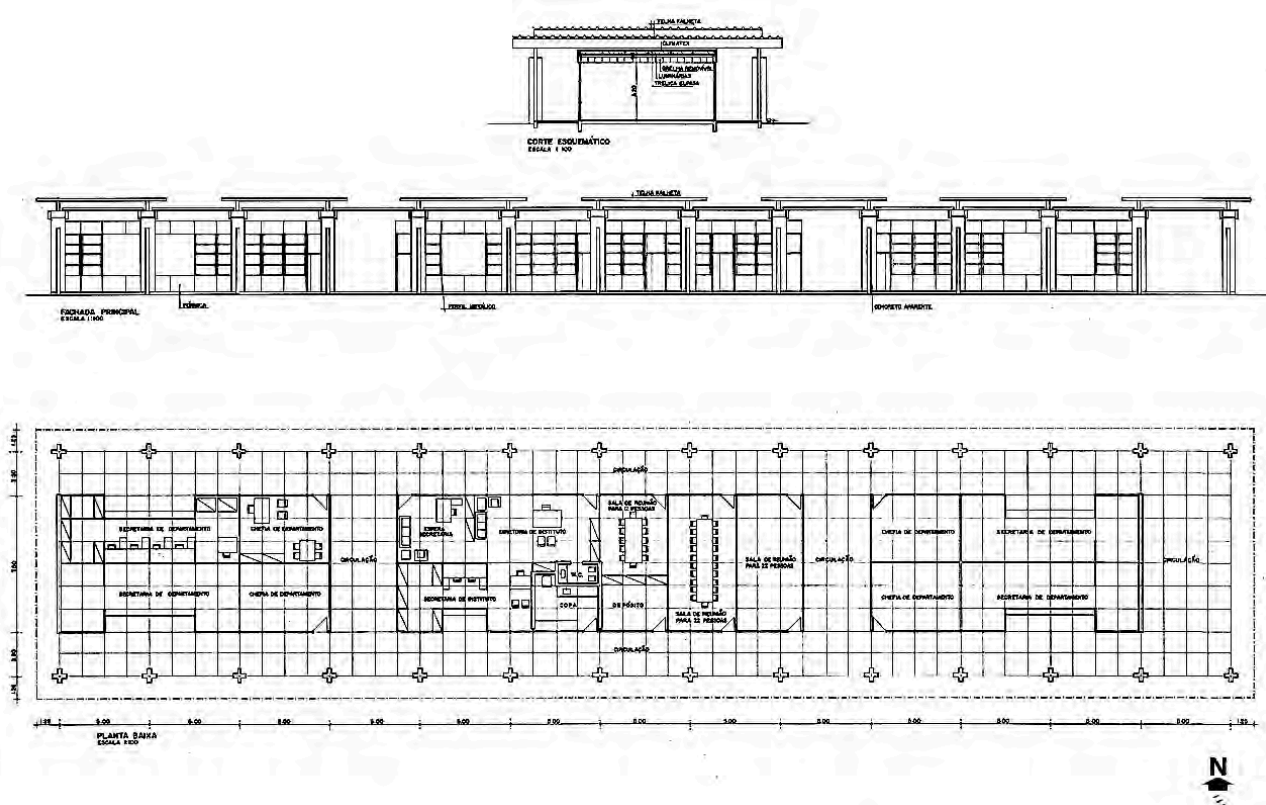


Figura 38 - Setor norte do campus da UA, Administração de Institutos e Departamentos de Ensino, 1973.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

A terceira tipologia do projeto é destinada a Sala dos Professores. Ela mantém as mesmas características das anteriores, mas tem 15 módulos de 5,00 x 12,50 m. Esta tipologia apresenta variações e permitem adaptações na implantação. É possível adicioná-la a um conjunto de sanitários, na interseção de unidades acadêmicas e também variar a quantidade de salas para professores, conforme a necessidade de cada unidade acadêmica. A sala de reuniões também é móvel e possibilita arranjos distintos. Nessa tipologia, a circulação passa a ser central, com uma largura de 2,50 m. A distribuição das partes do programa é simétrica, com salas para professores individuais e coletivas. Junto as fachadas norte e sul são previstas circulações de 1,25 m, com a finalidade de proteção a fachada e também para a configuração do *Quad*. Entre os invólucros e sob a estrutura de cobertura são previstas pequenas praças com bancos para a convivência dos docentes.

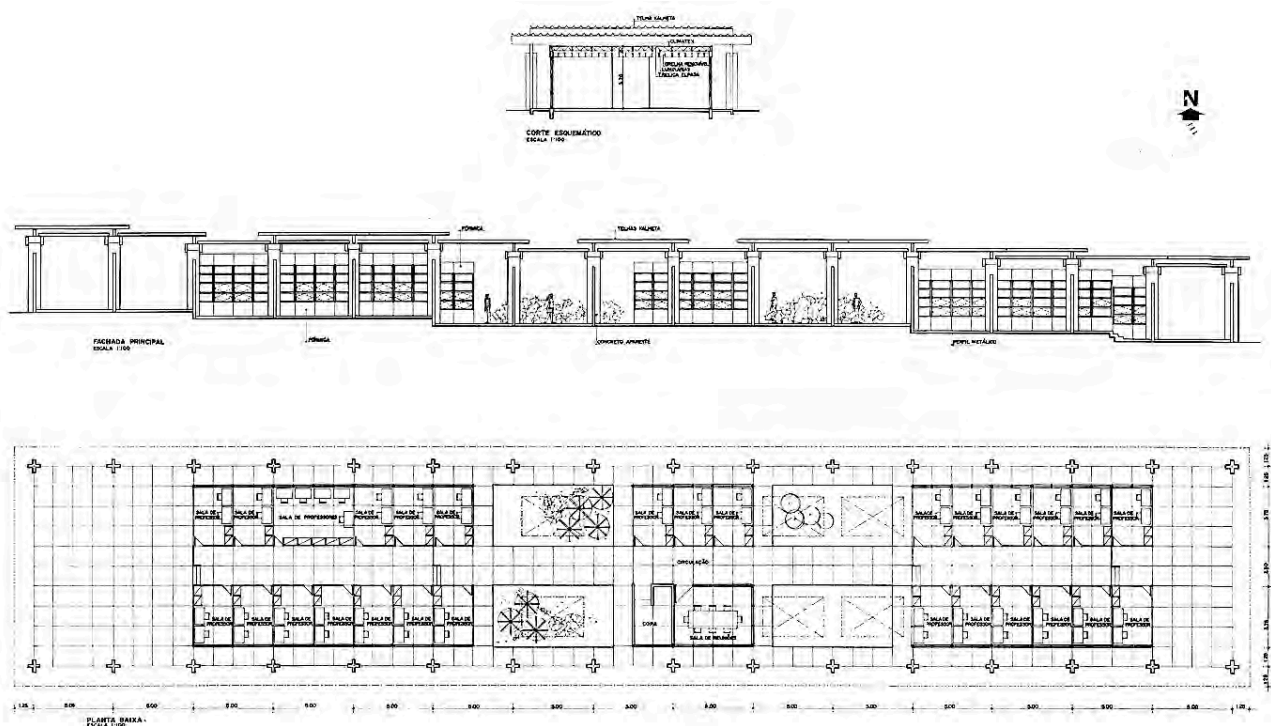


Figura 39 - Setor norte do campus da UA, Salas dos Professores, 1973.

Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Os Laboratórios são a quarta tipologia e permanecem com a mesma configuração definida para o setor de Ensino e Pesquisa, mas apresentam mudanças na circulação periférica. De forma geral, estão localizados na periferia do conjunto em cada unidade acadêmica. Conforme a posição do bloco em relação ao grid, a circulação pode estar ao norte ou ao sul. Esta flexibilidade é determinada pela configuração do *quad*. A circulação é periférica com a largura de 1,875 m até o pilar cruciforme e mais 2,50 m até os elementos vazados. Esta redução dimensional da circulação ocorre em razão do aumento da profundidade dos espaços internos para 10,00 m. Os espaços possibilitam larguras distintas conforme a modulação (1,25 m).

Os Laboratórios podem atingir uma dimensão além dos dois eixos de circulações da malha proposta pelos arquitetos. Nas extremidades ao leste e ao oeste estão inseridos no último módulo, os depósitos e a central de ar-condicionado de cada bloco. Essas atividades de apoio são separadas pela circulação do grid, mas ainda unidas pela mesma cobertura. A climatização artificial é uma particularidade dessa tipologia no campus. São previstas instalações especiais nesses compartimentos, com a previsão de um *shaft* no piso e dos dutos do ar-condicionado no forro. Como a tipologia está no limite do platô do setor norte do campus da Universidade, e junto ao sistema viário, são propostos elementos vazados para a proteção das fachadas lindeiras ao estacionamento.

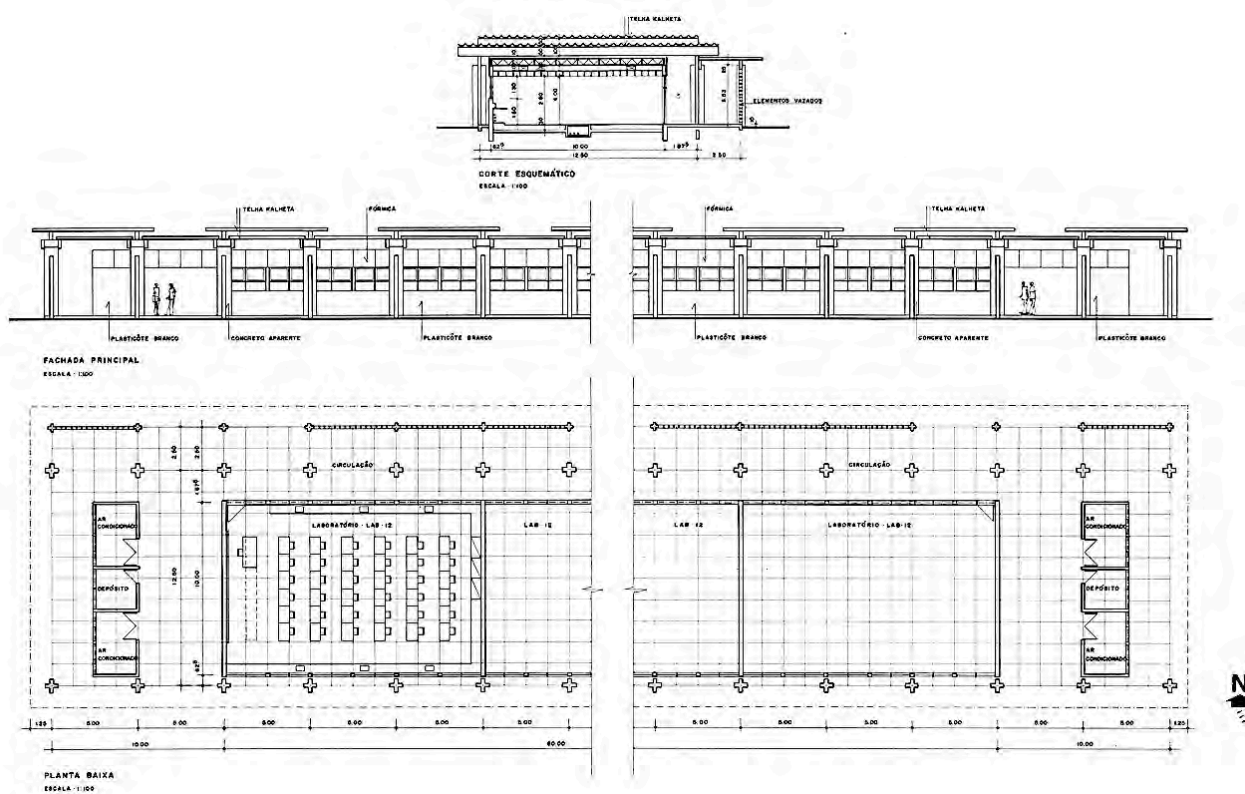


Figura 40 - Setor norte do campus da UA, Laboratórios, 1973.

Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Severiano Porto relata em entrevista à Letícia Neves, sobre as dificuldades econômicas na busca do financiamento para a realização das obras do campus diante da redução do orçamento disponível, a partir de 1973, para obras públicas no Amazonas. Há ampla concorrência com outras Universidade no Brasil pelos recursos para a implantação de campus afastados da cidade.²⁵ O arquiteto informa sobre as dificuldades desse projeto, frente ao calendário para cumprimento do orçamento anual do Ministério da Educação: "Ao longo dos anos de 73 até 79, ia sempre o pessoal do Ministério da Educação lá, e falava - Se eu der pra vocês x mil, vocês não tem como gastar em um ano, porque essa verba tem que terminar no fim do ano, e vocês não têm condições. Porque lá tem o período da chuva, e o período da seca pra trabalhar."²⁶

Em novembro de 1980, Severiano Porto apresenta mudanças no projeto para o setor norte da Universidade do Amazonas. São realizadas alterações no projeto arquitetônico, considerando o orçamento anual disponibilizado para a obra pelo Ministério da Educação, a estação das chuvas na Amazônia e o tempo útil para a construção dos edifícios. A ampliação do prazo útil para construção civil na Amazônia de 6 meses para 1 ano justifica a solução

²⁵ PORTO, S. Entrevista à Letícia Neves (2005). In: NEVES, L. O. **Arquitetura bioclimática e a obra de Severiano Porto: estratégias de ventilação natural**. 2006. 232 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2006, p.211-212.

²⁶ Ibid, p.212.

arquitetônica de um abrigo e possibilita a execução das diferentes etapas construtivas, seja em período de chuvas ou em período de estiagem. A aprovação do Ministério da Educação para a liberação de recursos e a construção do edifício demonstra a experiência dos arquitetos em encontrar soluções possíveis e logísticas adequadas para a construção. Diante do universo das obras públicas inacabadas no Brasil até esse momento, a liberação da obra é uma grande vitória.

A independência entre as partes do edifício, além do aspecto conceitual tem uma justificativa pragmática. A execução por etapas com diferentes equipes de trabalho pode ser realizada com a adoção do abrigo, em condições climáticas adversas. Isso facilita a viabilidade de cumprimento do cronograma com o orçamento anual disponível, com riscos menores para devolução dos valores não executados à União e permite a execução seriada dos edifícios, conforme a disponibilidade de novos recursos.

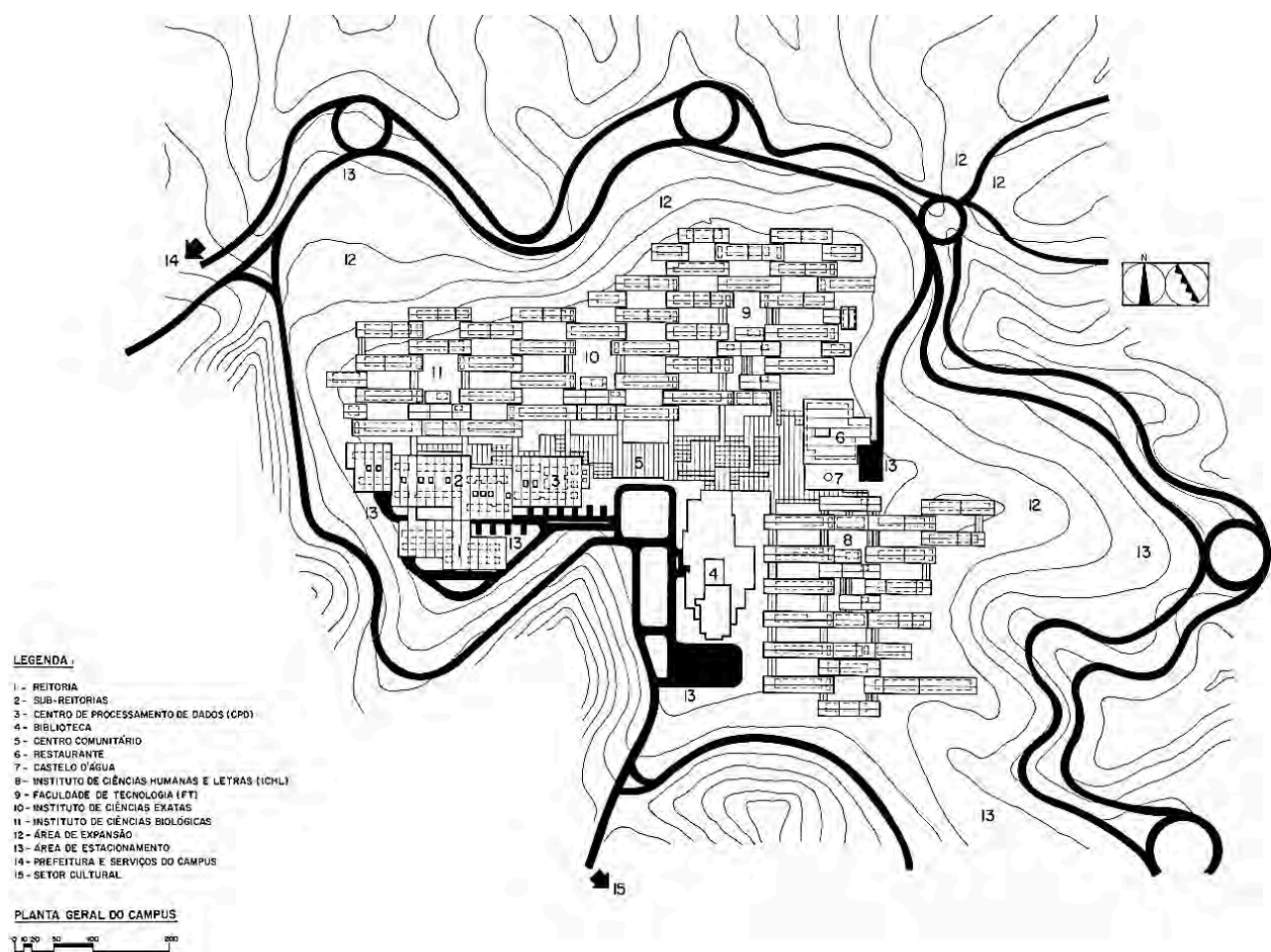


Figura 41 - Setor norte do campus da UA, 1979.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

O projeto mantém a ideia do grid da implantação de 1973 e altera a morfologia dos edifícios no setor de Ensino e Pesquisa. As primeiras mudanças no projeto já ocorrem na apresentação ao Ministério da Educação em 1979. O escritório retira a Aula Magna do *masterplan* e modifica o sentido do *core*. Propõe também um quarto acesso ao campus e uma maior integração urbana ao campus universitário. O novo acesso ocorre pela avenida Grande Circular ao leste da gleba, por onde posteriormente o escritório realizaria o projeto não construído do Hospital Universitário (1991). As dificuldades econômicas no País na década de 1980 se intensificam e somente com o processo de redemocratização em 1985 iniciam as obras no setor norte com a execução do sistema viário e a construção dos primeiros blocos no setor de Ensino e Pesquisa com o Instituto de Ciências Humanas e Letras inaugurado somente em 1986.

O sistema viário do projeto de 1973 é simplificado em razão do custo e a proposta de integração urbana é abandonada. Ao invés dos quatro acessos previstos ao campus universitário é inserido um único que o confina. O acesso único ao campus universitário reduz a necessidade de um maior dimensionamento das vias para o fluxo de veículos, uma vez que o acesso à Universidade não é mais de passagem, mas de permanência. Dessa forma os boulevards projetados com mão única e separados por amplos canteiros e rotatórias são substituídos por uma única via perimetral com mão dupla. Se este confinamento não era previsto no projeto original, permite a preservação de grande parte da vegetação da gleba e a torna o maior fragmento verde em área urbana da Amazônia.

Os setores Centro Comunitário, Reitoria - Administração, Restaurante Universitário, Biblioteca do *masterplan* permanecem com a configuração anterior. O setor de Ensino e Pesquisa é alterado. Um novo grid é proposto com a distribuição das circulações no eixo norte-sul a cada 54,00 m (dividido em módulos 9,00 m) e sobre o eixo leste-oeste a cada 54,00 m (divididos em módulos de 13,50 m). Uma nova distribuição dos blocos se configura tanto na porção noroeste como sudeste, com a redução da ocupação original.

O projeto apresenta uma nova solução ao perfil dos edifícios com a escolha de coberturas com duas águas e lanternim. Além da alteração do desenho, há mudanças na tecnologia construtiva dos blocos, com a adoção de perfis metálicos, oriundos do Estaleiro Rio Negro de Manaus (ERIN),²⁷ para as estruturas de cobertura e concreto

²⁷ COSTA, G. G. da; SILVA FILHO, A. da. Campus da UFAM em Manaus: especificidades da construção. In: NAMA (org.). **I Seminário de arquitetura moderna na Amazônia - I SAMA**. Manaus, Universidade Federal do Amazona, 2016. Disponível em <https://arquiteturamodernanaamazonia.weebly.com/uploads/7/0/0/2/70024539/costa_rodriques_campus_ufam_texto_completo.pdf>. Acesso em 13 de julho de 2020.

moldado *in loco* para os invólucros. A independência entre estas etapas possibilita o abrigo para a execução por etapas, conforme o cronograma financeiro para a execução. No período da estiagem é possível realizar os trabalhos de fundações e cobertura, para garantir a continuidade da construção sob o abrigo durante as chuvas. Essa adoção pela estrutura metálica passa pela visita em 1979 de Severiano Porto a Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda/RJ.²⁸ Todas as tipologias permanecem com a utilização de planta celular.

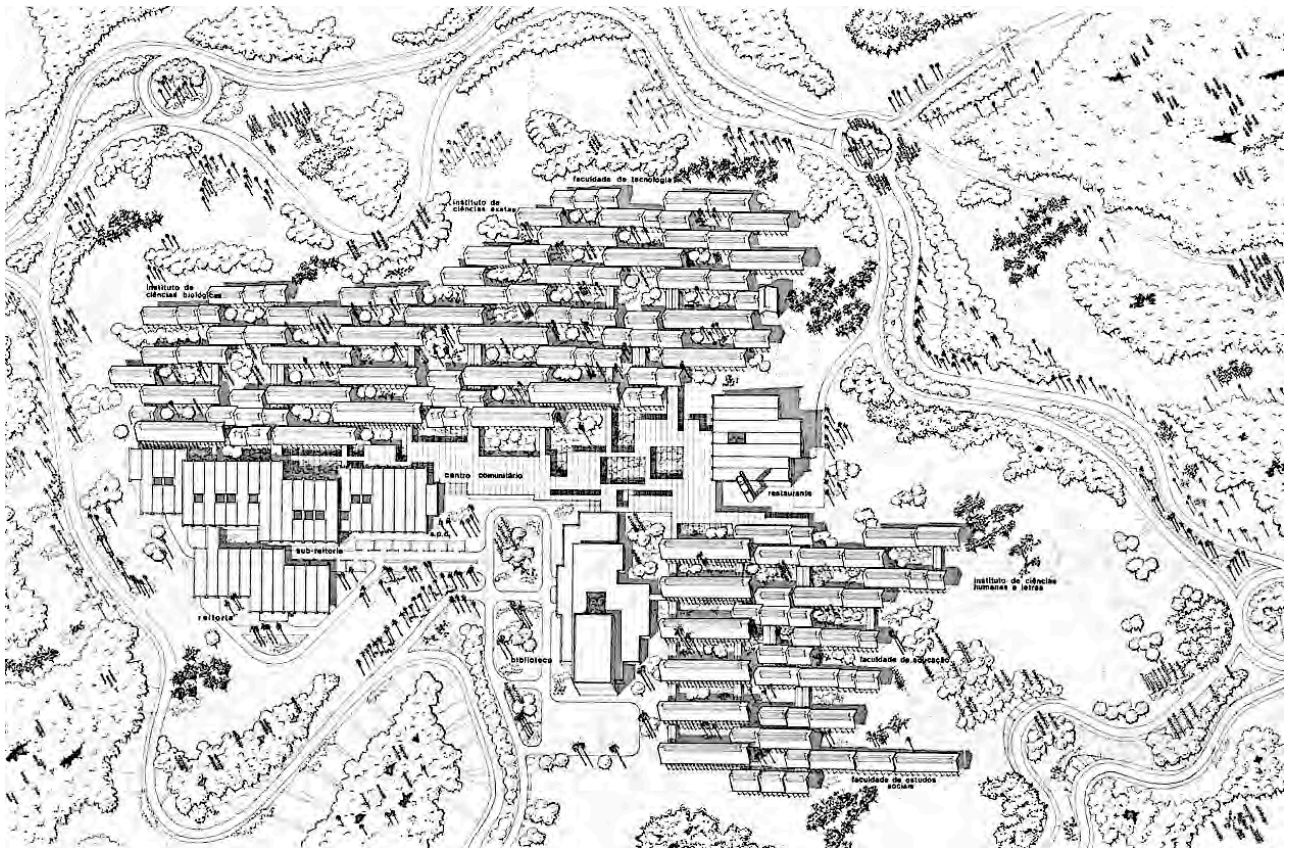


Figura 42 - Setor norte do campus da UA, 1980.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

As alterações de técnicas construtivas materializam as mudanças morfológicas nas tipologias. Se no projeto de 1973, a estrutura é em concreto armado e pré-fabricada, em 1980 ela se torna moldada *in loco* com o concreto armado e industrializada com os perfis metálicos. Os blocos da Administração dos Institutos e Departamentos de Ensino e os destinados a Sala dos Professores são modificados e passam a ter dois pavimentos. Essas mudanças exigem uma atenção especial na locação dessas tipologias em razão dos desníveis. A modulação estrutural nas tipologias térreas (Salas de Aula e Laboratórios) possibilita aos arquitetos a adequação do edifício ao solo, com

²⁸ PORTO, Severiano. **Depoimento**. Entrevista a Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

desníveis a cada 0,50 m, e assim, se evitam movimentações de terra com comprometimento ao substrato orgânico do sítio e o processo erosivo.

Além da preocupação com a permeabilidade do solo, a redução das movimentações no solo auxiliam os custos operacionais da construção. As tipologias térreas são distribuídas nos pontos mais acidentados do platô, enquanto as com dois pavimentos são posicionadas em locais planos. As adequações topográficas das tipologias térreas ao terreno permitem uma movimentação particular na cobertura, de maneira a acompanharem os desníveis do solo e manter a escala longitudinal e dos ambientes internos. Se consolidam nas unidades acadêmicas previstas pelo *masterplan* as três tipologias modificadas - Administrativo, Salas de Aula e Laboratórios e duas novas: Áreas de Lazer e os Auditórios.

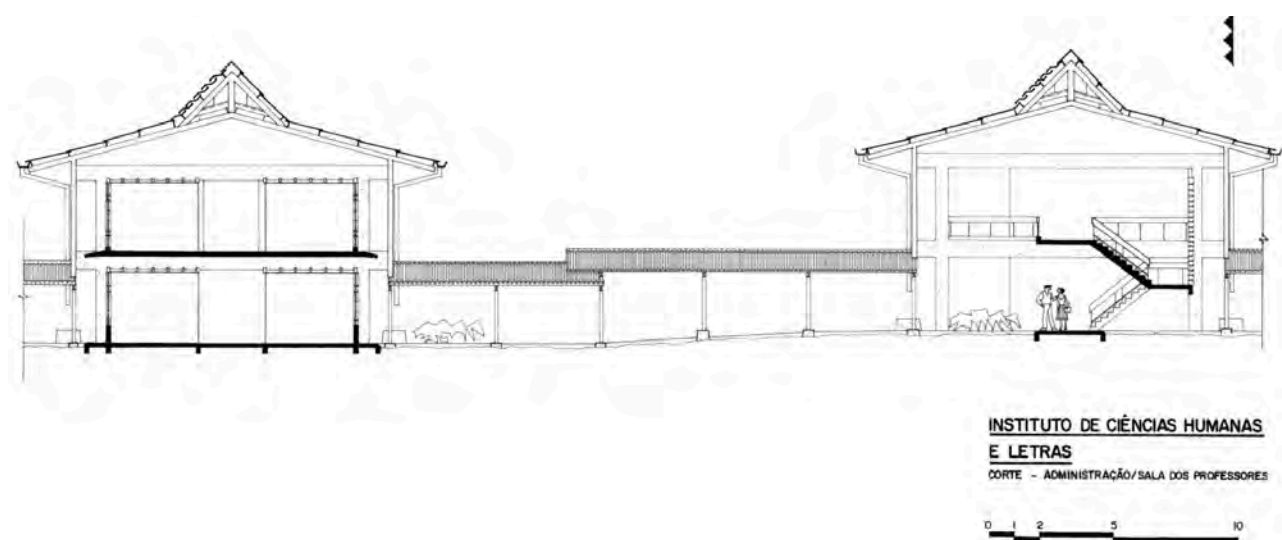


Figura 43 - Setor norte do campus da UA, Administrativo, 1980.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

A tipologia Administrativo é resultado da junção das duas experiências anteriores previstas no projeto de 1973: Administração dos Institutos e Departamentos de Ensino e Salas de Professores. Mesmo com a unificação da denominação Administrativo dessa tipologia realizada pelo Escritório, permanecem as duas possibilidades de organização da planta e também a possibilidade de uma composição entre ambas. A nova dimensão da estrutura do grid é determinada pelas mudanças dimensionais propostas pelos edifícios, em razão das alterações nas técnicas construtivas para a redução do orçamento. O módulo passa a ter 3,60 m. Essa medida permite lajes com espessura de 0,10m, armadas em uma única direção e minimizam o novo orçamento, resultado da verticalização.

A estrutura em concreto armado é porticada com vãos de 10,40m entre os eixos dos pilares (0,50x 0,25 m). Em cada pilar há uma viga em balanço com vão de 0,70 m.

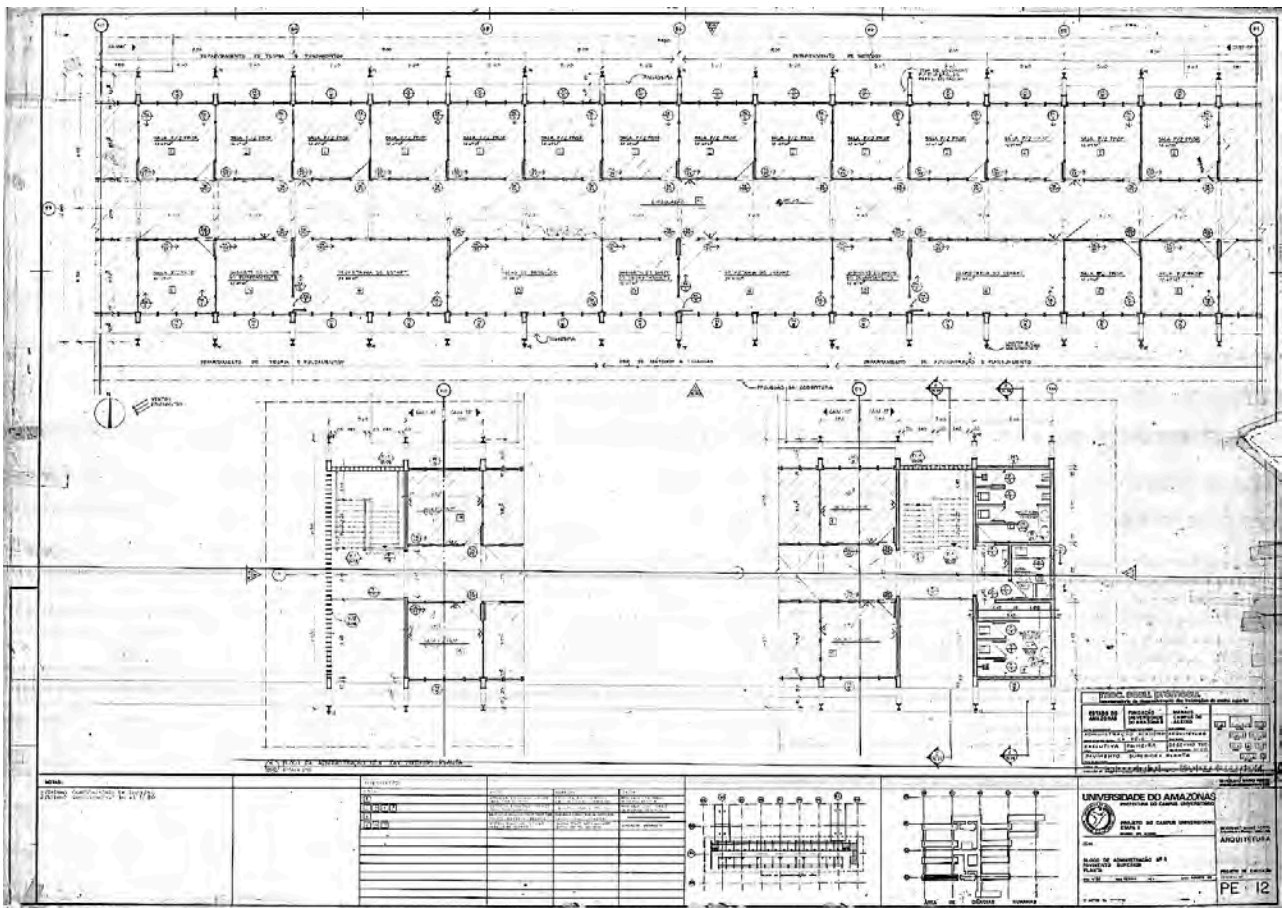


Figura 44 - Setor norte do campus da UA, Administração, 1980.
Fonte: Prefeitura do campus universitário, UFAM, 1980.

Sobre a estrutura em concreto armado há a estrutura metálica da coberta. Ainda que sejam independentes formalmente, as estruturas metálicas e em concreto armado não são independentes. A estrutura metálica está apoiada nas vigas em balanço dos pórticos e funciona como contraventamento horizontal. Perfis laminados em I (0,24 x 0,11 m) são fixados com parafusos em chapas metálicas nas vigas em balanço e vencem o vão de 12,60 m. Esses perfis apoiam outros dois com a mesma dimensão, dispostos como se fossem caibros e inclinados a 15° em módulos de 3,60 m. No encontro entre os "dois caibros", um pendural - com o perfil metálico da mesma dimensão com 1,80 m, configura o lanternim e modifica a inclinação das duas águas resultantes para 45°. O lanternim está ao longo da cobertura com 70,20 m (67 telhas) e está no alinhamento do invólucro. A cobertura do telhado é feita com telhas onduladas Brasilit, pintadas na cor branca. Na água voltada ao sul do lanternim, é instalado um sistema de chapas metálicas dobradas e pintadas na cor branca, que cobrem e proporcionam a exaustão no ático. O escoamento das águas pluviais é realizado por calhas dispostas ao longo da cobertura. Os tubos de queda pluviais

são externos e definem um fechamento virtual no primeiro plano do edifício. Estão dispostos a cada dois módulos, são fixados nos perfis metálicos no segundo pavimento e ficam soltos até o sumidouro no solo. Os sumidouros são cilíndricos e em concreto com diâmetro de 0,90 m e altura de 0,80 m. Coletam a água pluvial para a distribuição na rede do setor norte do campus. O direcionamento dessas águas evita o processo erosivo do solo argiloso do local.



Figura 45 e 46 - Setor norte do campus da UA, Administrativo, Administração, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

A distribuição da planta da tipologia Administrativo tem 19 módulos longitudinais. Em 16²⁹ deles, são distribuídas as atividades fim: Departamentos e Coordenações ou Salas individuais para Professores. As empenas laterais são em alvenaria revestidas com cerâmica vitrificada e as demais compartimentações são em painéis leves. No bloco com uso para Sala para os Professores, o corredor se torna central. No bloco com uso aos Departamentos e Coordenações a circulação é periférica, com 2,70 m de largura e voltada ao sul. Longitudinalmente estão distribuídos no último módulo ao leste (escada) e nos dois últimos ao oeste, as escadas, os sanitários e uma pequena copa. Nos volumes das escadas são utilizados elementos vazados (0,20x0,20x0,20m) como vedação. O piso utilizado no bloco e no restante do setor norte do campus é o ladrilho hidráulico com grafismos geométricos nas cores branca, amarela e preta enquanto nas escadas são utilizadas placas de plurgoma.

²⁹ No pavimento térreo são 14 módulos em razão das duas circulações, em ambos os lados, do grid.

Todos os ambientes apresentam ventilação cruzada. Os painéis industriais e artesanais de vedação externa estão dispostos nas fachadas norte e sul e acompanham a configuração determinada pela tipologia Administrativo. Nos blocos com o uso Departamentos e Coordenações, a vedação para a circulação (ao sul) ocorre, em cada módulo estrutural, com quatro painéis tipo Eucatex com a adoção em cada um destes painéis de duas esquadrias do tipo basculante em Louro. Enquanto o painel é industrial, a esquadria é artesanal. Na fachada norte, um painel artesanal com quatro divisões verticais em madeira, vidro transparente, fórmica branca e amarela estabelece um desenho rebuscado com diversas possibilidades para a ventilação dentro dos ambientes. Nos blocos onde o uso é Salas dos Professores, as divisórias em Eucatex estão junto ao corredor interno e os painéis da fachada norte são rebatidos ao sul com algumas adaptações nas divisões entre o vidro e painéis cegos em fórmica. Ainda que a dimensão dos painéis não siga a risca a modulação industrial, a utilização da madeira no painel de vedação externa, possibilita o ajuste dimensional no painel de fórmica e vidro e garante o ofício ao marceneiro. O forro é em lambri em madeira, com pé-direito útil em 2,90 m. Cada bloco tem beirais e beiras com 1,90 m. A tipologia Administração tem 74,40 x 15,20 m na dimensão de ocupação.



Figura 47,48, 49, 50 e 51 - Setor norte do campus da UA, Administrativo, Administração, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto.

cobertura metálica. O recuo necessário à circulação periférica reduz o comprimento da viga ao sul e define um desenho assimétrico. A cobertura metálica adota a mesma solução para o cobrimento da tipologia Administrativo com uma modulação discordante da estrutura em concreto armado. Em planta, os dois sistemas estruturais não estão alinhados. Os pilares dos pórticos da estrutura metálica estão distantes entre si 12,60 m com um módulo estrutural de 4,50 m. Estes perfis chegam ao solo em sóculos em concreto. A modulação da estrutura em concreto armado estabelece a relação com as conexões entre os blocos, enquanto a modulação da estrutura metálica estabelece a relação com o grid.

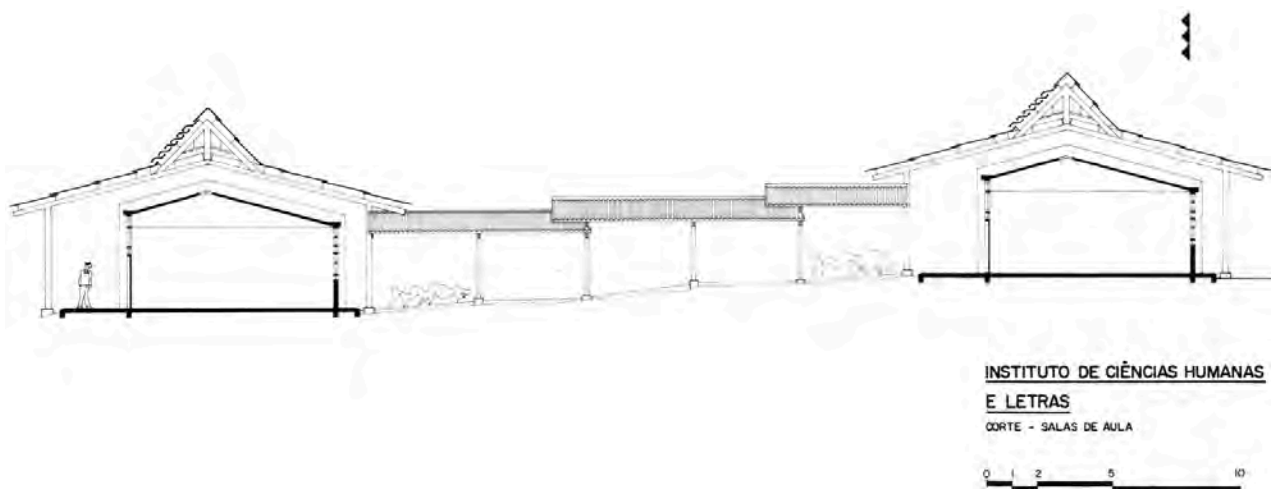


Figura 53 - Setor norte do campus da UA, Salas de Aula, 1980.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Nessa tipologia não há captação das águas das chuvas. Os telhados direcionam as águas ao pátio. As bases dos pórticos metálicos permitem a adaptação topográfica da cobertura ao terreno, com a manutenção do comprimento do perfil e o ajuste na altura do sóculo. O lanternim não é contínuo ao longo do bloco. Conforme o terreno apresenta os desníveis, ele se adapta ao conjunto - com a interrupção de um módulo da estrutura metálica, antes e depois do desnível. Dessa forma, possibilita uma diferença de altura entre as duas coberturas e se intensifica a ventilação pelo frontão aberto. São 13 módulos da estrutura em concreto armado e 14 módulos da estrutura metálica. A estrutura metálica cobre a circulação do grid.

A configuração espacial das Salas de Aula não é um espaço convencional. O plano de vedação superior acompanha o desenho do telhado, com as duas lajes inclinadas. No encontro entre as duas estruturas, na parte mais alta, a laje fica vazada com 4 orifícios de 0,45 x 0,77 m em cada módulo estrutural e permite a exaustão do ar quente. As

compartimentações entre as diferentes salas de aula são fixas, em alvenaria cerâmica, com larguras internas de 6,15 m e 7,05 m, mas podem se adaptar a divisão em quatro partes das esquadrias inseridas no módulo de 3,60 m. A profundidade em 7,95 m é fixa. A largura da circulação periférica é 2,70 m. Os painéis de vedação externa repetem a proposta da tipologia do Administrativo: Abertura total do plano disponível para a ventilação na fachada norte e redução da abertura para a fachada sul - para possibilitar a ventilação cruzada por diferença de pressão e garantir a privacidade às aulas com a circulação periférica. A abertura maior à fachada norte está condicionada aos ventos dominantes oriundos do quadrante nordeste. A circulação ao sul é em razão da proteção das chuvas para este quadrante. O pé-direito interno da sala de aula é variável, com 4,00 m junto aos painéis de vedação externa e 4,60 m no cume. A tipologia Salas de Aula tem 58,50 x 15,20 m na dimensão de ocupação.



Figura 54, 55 e 56 - Setor norte do campus da UA, Salas de Aula, 2016 | s.d.
Fonte: CERETO, 2016 | Acervo Severiano Porto.

Os Laboratórios acompanham as alterações ocorridas nas demais tipologias. A profundidade dos compartimentos, a largura das circulações periféricas e o alinhamento do invólucro ao eixo da cobertura são similares a tipologia das Salas de Aula. O módulo em concreto armado permanece em 3,60 m e o módulo da estrutura metálica em 4,50 m.

A circulação é periférica e sempre está ao sul, o invólucro e a cobertura metálica repetem a mesma configuração. São tipologias semelhantes. As fachadas leste e oeste são cegas com revestimento cerâmicos e a norte e a sul apresentam painéis de vedação externa, trabalhados com a solução de ampliar a ventilação externa. Os módulos das extremidades, nas fachadas leste e oeste, são separados do corpo principal do invólucro pelo grid. Ambos estão sob a coberta, mas separados pela circulação do grid. Nesses módulos separados estão os sanitários e/ou central de ar condicionado.

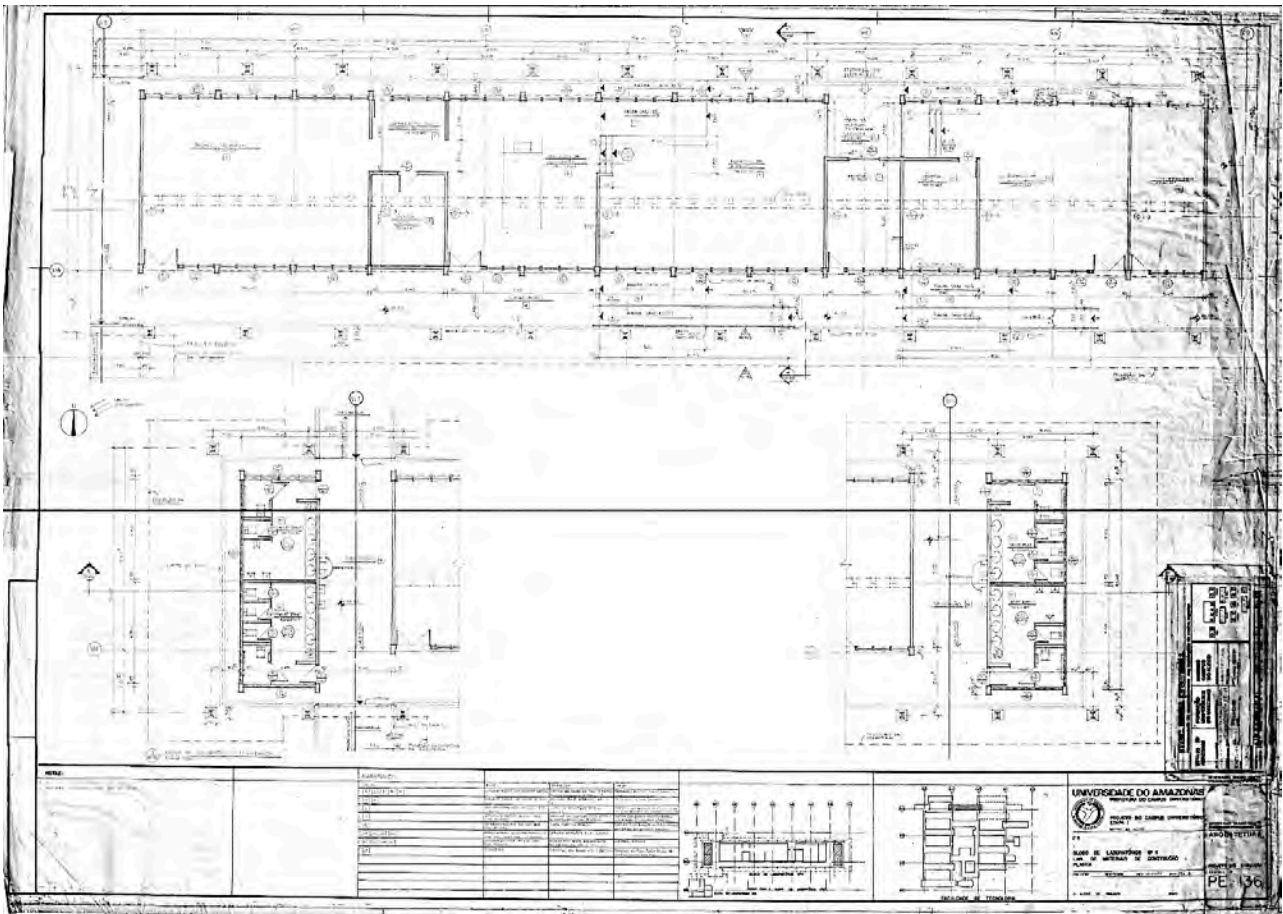


Figura 57 - Setor norte do campus da UA, Laboratórios, 1980.
Fonte: Prefeitura do campus universitário, UFAM.

As mudanças entre os Laboratórios e as Salas de Aula ocorrem na organização da planta com o uso de compartimentações específicas ao uso e em alguns casos instalações e revestimentos especiais. A climatização ocorre nos Laboratórios que exigem a temperatura controlada. Nesses casos, a laje não tem os orifícios no cume e o duto do ar condicionado central fica entre o invólucro e a cobertura. A largura dos Laboratórios é variável com blocos destinados a um único uso e outros compartimentados com diferentes atividades. A tipologia Laboratórios tem 58,50 x 15,20 m na dimensão de ocupação.



Figura 58, 59 e 60 - Setor norte do campus da UA, Laboratórios, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto.

Os Auditórios substituem o conjunto de Anfiteatros previstos no plano de 1973. São referenciais para as atividades onde existe determinada formalidade nas unidades acadêmicas. O projeto mantém a mesma solução da cobertura do setor Ensino e Pesquisa e a disposição do edifício sobre o eixo leste-oeste. A distância entre os pilares metálicos permanece com 12,60 m, assim como os módulos da estrutura metálica continuam com 4,50 m. O invólucro com os dois Auditórios está inscrito sob esta cobertura. Os dois auditórios encontram-se de costas um ao outro, por onde ocorrem os acessos, e também, os serviços de apoio - em espaços independentes como Cabines de Projeção, Central de ar condicionado e Sala para Tradução. Os Auditórios são distintos. Além da capacidade (110 e 90 lugares), o maior tem coxias com camarins e sanitários em ambos os lados do palco. O ingresso ocorre pelos dois

flancos, ao fundo da plateia e se distribuem os níveis descendentes com confortáveis cadeiras atribuídas a Sergio Rodrigues.

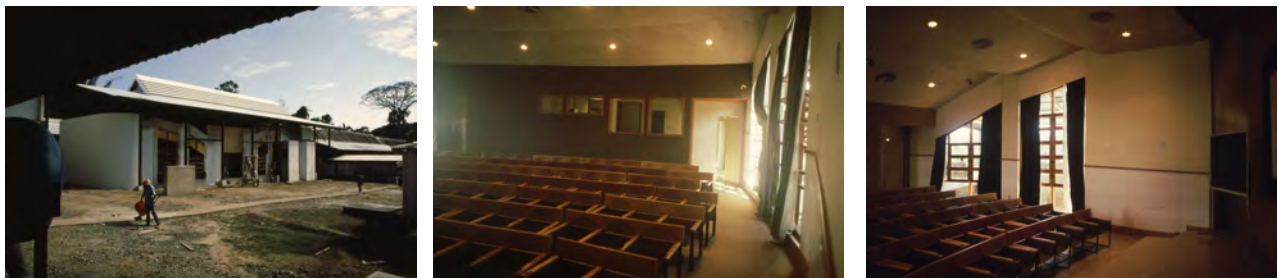
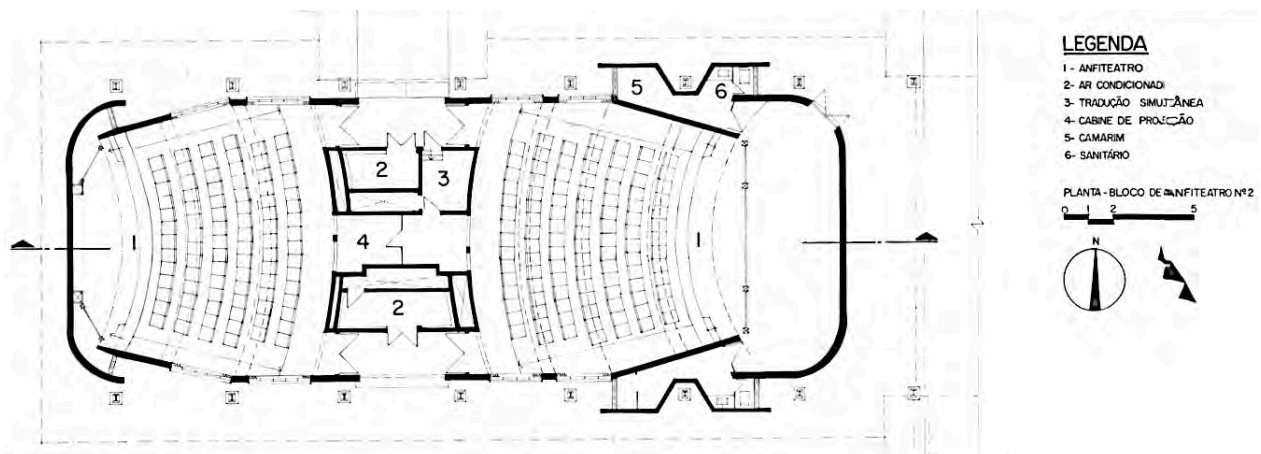


Figura 61, 62, 63 e 64 - Setor norte do campus da UA, Auditórios, s.d.
 Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Nos espaços em frente aos Auditórios são consolidadas o Setor Áreas de Lazer. Esses espaços são foyers abertos e estão sob a cobertura entre os Auditórios e as Cantinas. Essas coberturas são em duas águas e estão dispostas lado a lado. Unem as duas atividades de modo a configurarem um abrigo protegido das chuvas e do sol. Seguem a modulação de 9,00 m da estrutura metálica com pilares distantes a 12,60 m. Essas áreas são configurados de diferentes maneiras, em razão da distribuição dos blocos nas unidades acadêmicas, mas seguindo a diretriz do grid e da modulação estrutural. Estes espaços permitem atividades diversas aos usuários. Acredita-se que diante da construção da primeira unidade acadêmica no setor norte (Instituto de Ciências Humanas e Letras) e da impossibilidade orçamentária para a construção do Centro de Convivência, houve a necessidade de se implantar esse apoio. No *masterplan* de 1973, essas atividades estavam centralizadas em um ponto único no campus. Não há documentação que comprove a substituição do setor Centro de Convivência pelo setor Áreas de Lazer nas unidades acadêmicas. Curiosamente, somente essas tipologias modificadas (Administrativo, Salas de Aula, Laboratórios) além dos Auditórios e as Áreas de Lazer são construídas conforme o projeto. A descentralização promovida com a construção por etapas das unidades acadêmicas com as suas próprias Áreas de Lazer

desmaterializam a ideia original do *masterplan* e de um *core* com o Centro de Convivência, Biblioteca, Reitoria e Aula Magna.

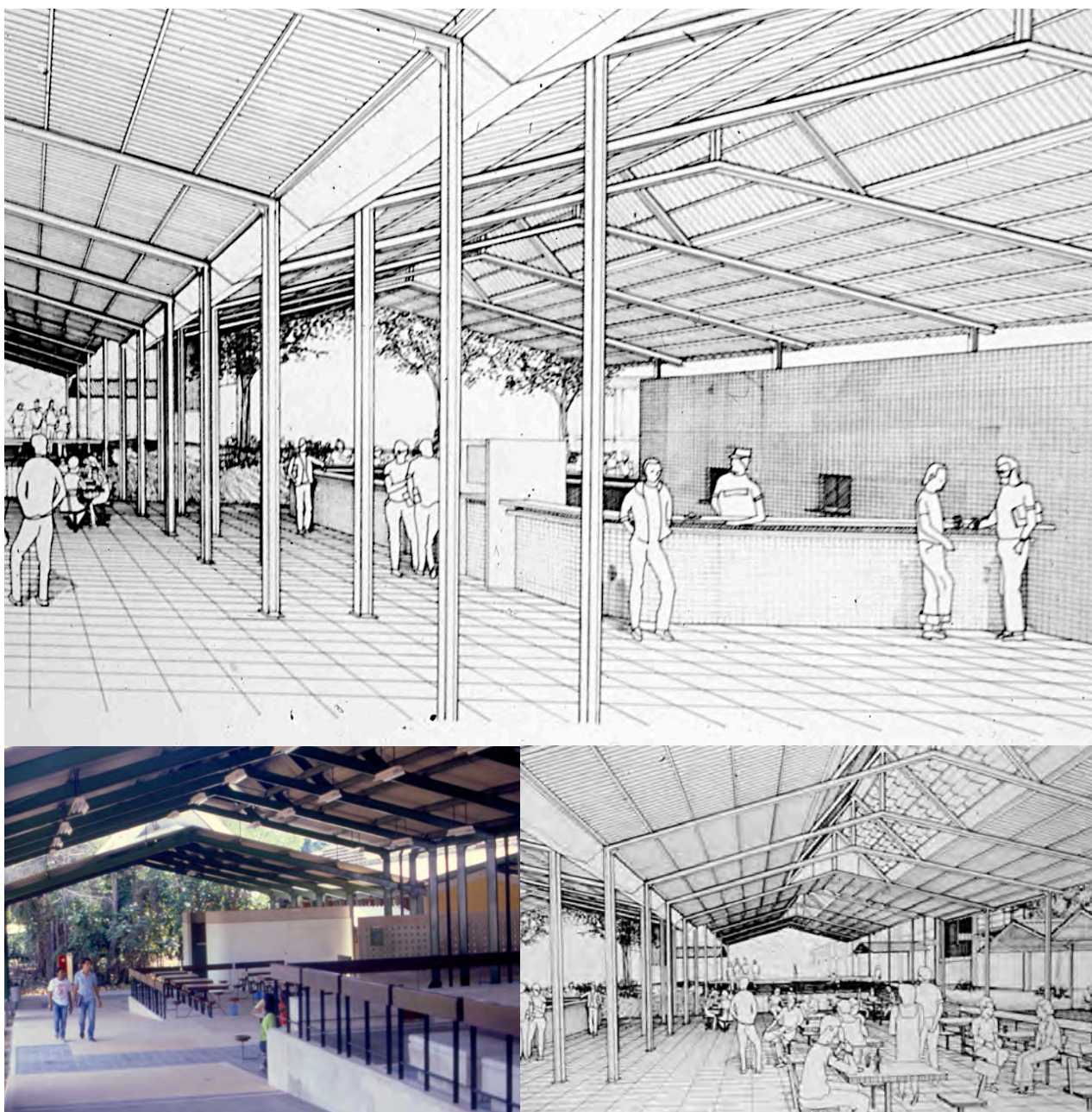


Figura 65, 66 e 67 - Setor norte do campus da UA, Áreas de Lazer, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

Diante do baixo valor por m² para a construção da tipologia Administrativo, da excelência construtiva, do planejamento das instalações e do baixo custo de manutenção³⁰, novos blocos são construídos pela equipe técnica

³⁰ Segundo Orion Carolino, o valor do m² do projeto realizado por Severiano Porto está abaixo do valor para licitação, e, é o menor custo nas universidades federais no Brasil. Da mesma forma, o custo da manutenção predial na UFAM, segundo Carolino, motiva a continuidade da implantação dos novos blocos. Ver em: CAROLINO, Orion. **Depoimento**. Entrevista a Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 25 de setembro de 2015.

da prefeitura universitária. Há uma série de mudanças nos usos desses blocos, inerente a *práxis* pela disputa de espaços entre as unidades acadêmicas. Diante de novos cursos e necessidades a prefeitura universitária promove mutações nesses blocos com a verticalização para até 4 pavimentos, e a adoção dessa tipologia Administrativa para Salas de Aula com a inadequada compartimentação em divisórias leves. Ainda que a identidade formal tenha sido mantida e acompanhado com algum critério o plano de expansão do campus, o conjunto é tombado em 2016 com outras obras atribuídas a Severiano Porto pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em uma ação conjunta com conselheiros do Conselho de Arquitetura e Urbanismo - CAU/AM. No documento é informado que o projeto tombado é o de 1973 e não o que se constrói a partir de 1986. Em 2019 a Universidade solicita a retirada do setor norte do campus da lista de bens tombados pelo Estado do Amazonas sob o argumento do engessamento do seu crescimento³¹.

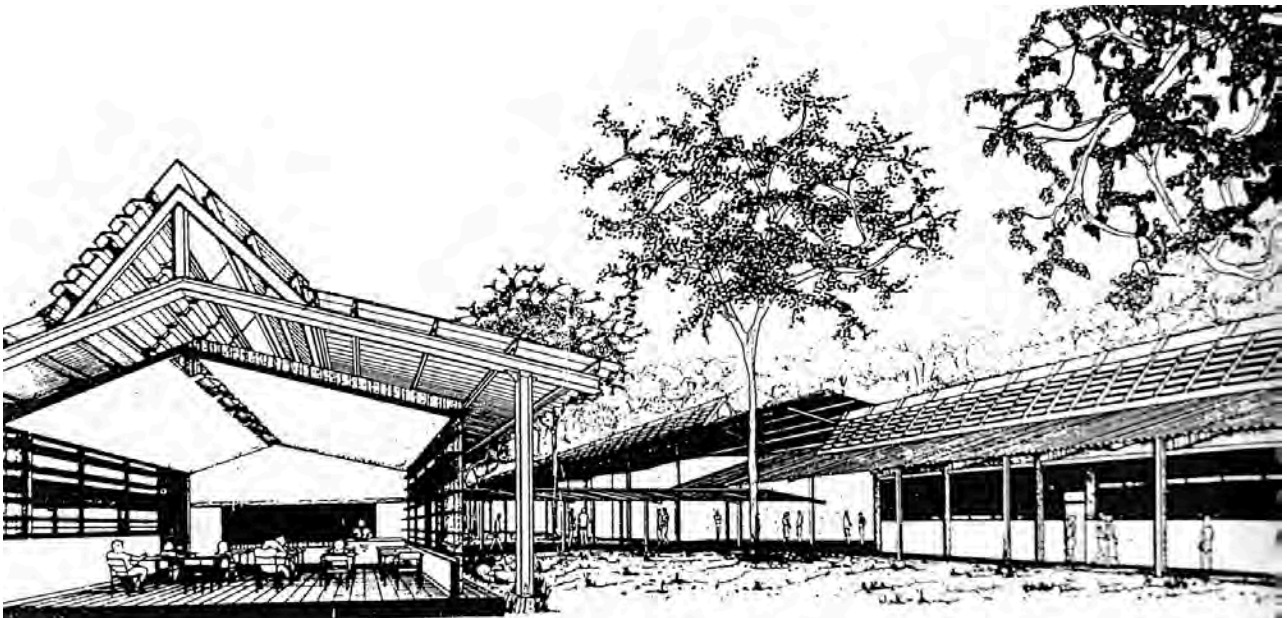


Figura 68 - Setor norte do campus da UA, Salas de Aula e Pátios, s.d.
Fonte: Acervo Severiano Porto, NPD/UFRJ.

As diversas etapas que levam a construção da cidade universitária ao campus universitário contam com a participação de outros escritórios e são fundamentais como substrato para o amadurecimento da obra de Severiano Porto. Se nos países latino-americanos as cidades universitárias representam uma utopia, na Universidade do Amazonas - atual UFAM, representa a utopia de uma cidade amazônica. Ainda que o projeto original não contemple o seu isolamento, a conjuntura preserva a sua área do crescimento urbano de Manaus e a

³¹ LEI n.4950 de 04 DE OUTUBRO DE 2019, disponível em <https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2019/10590/lei_4950.pdf> Acesso em 16 de julho de 2020.

transforma em uma ilha verde urbana. A obra é premiada pelo IAB/RJ em 1987 na categoria na categoria "B" - Espaço de Interação Social em conjunto com o Centro de Proteção Ambiental em Balbina. O parecer do júri destaca o caráter extraordinário das obras da seguinte forma:

Os trabalhos apresentados pelos arquitetos destacam-se não só por seus evidentes valores arquitetônicos excepcionais, mas também, pelo que representam em termos de pesquisa, seja por abrirem horizontes para o desenvolvimento de tecnologias novas, com grande interesse nacional, seja pela busca de uma melhor e mais profunda integração da arquitetura com a natureza equatorial da Amazônia. Sem abrir mão dos mais avançados recursos materiais e técnicos contemporâneos, os arquitetos não vacilam em aproveitar as tradições culturais indígenas no trato da madeira e das estruturas espaciais. No campus universitário de Manaus e no Centro de Proteção Ambiental de Balbina, contraem "espaços que respiram", com uma linguagem plena da modernidade."(PARECER..., 1987,s.n.).

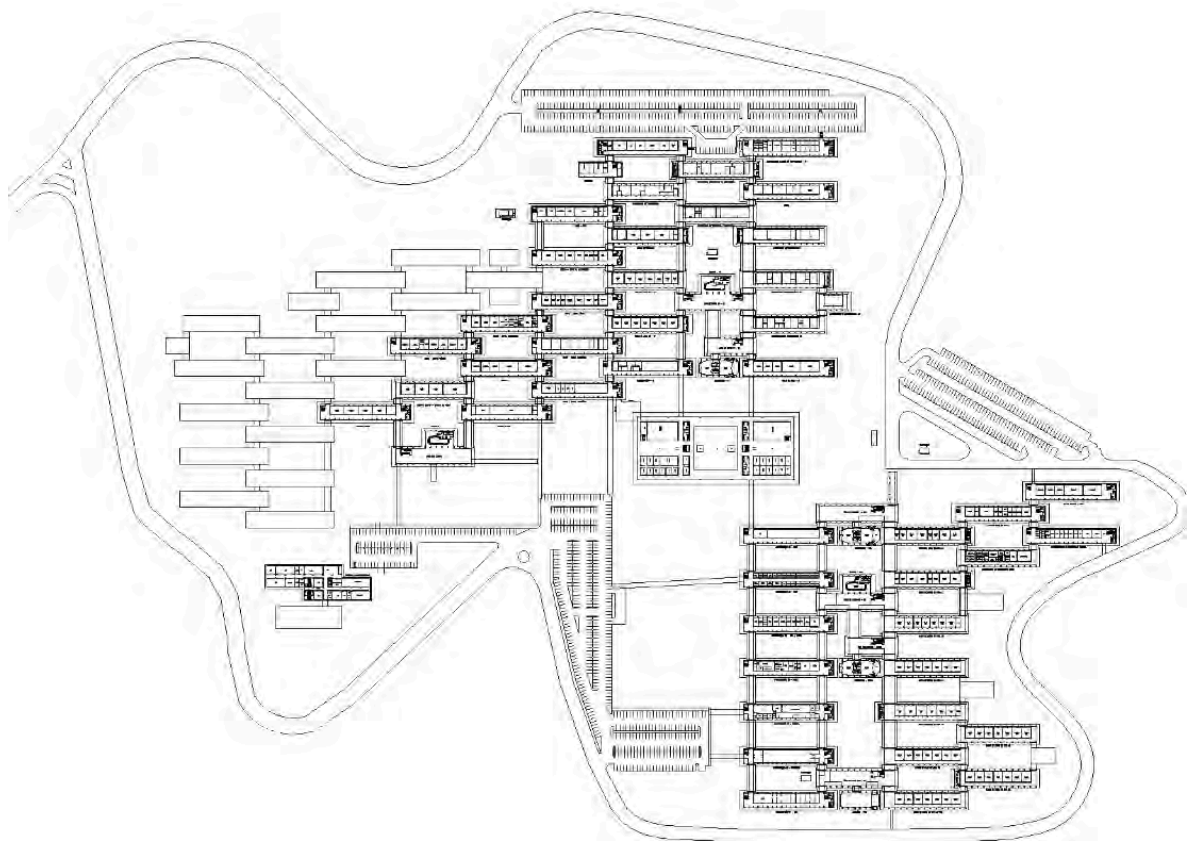


Figura 69 - Setor norte do campus da UA, 2016.
Fonte: Prefeitura do campus universitário, UFAM.

Os conceitos inovadores de outrora como a cidade contínua e o crescimento indeterminado previstos pelos arquitetos permanecem na vitalidade da implantação, ainda que "póstuma". A racionalidade construtiva é determinante na obra com a experimentação de diferentes materiais e técnicas e a adoção de uma proposta de seriação industrial, com economia de meios que permitem manter uma unidade entre os diferentes edifícios e

seus tempos com a continuidade da implantação por terceiros. O aço, o concreto e também a madeira expressam superfícies lisas como um artefato industrial. A água, o vento e a floresta - ora representadas pela fauna, ora pela flora, são rugosos e presentes nessa utopia amazônica e espacialmente unidas aos elementos construídos. A união de superfícies lisas e rugosas mostram a possibilidade da coexistência. Mais que "pulmões que respiram", os edifícios e a área de preservação ambiental são icônicos.



Figura 178 - Setor norte do campus da UA, 1994.
Fonte: SIMÕES, 1994.

A simplicidade das soluções apresentadas nessa obra demonstram um alto grau de acertividade em arquiteturas atemporais que passam despercebidas diante da imensidão da floresta que a circunda. Muito além da preservação da área verde que tanto a faz ser reconhecida, os arquitetos preservam o projeto de arquitetura como bem maior da Disciplina, expresso na implantação acertada, na responsabilidade com o bem público, na relação com o sítio em que se encontram, aliada a escolha dos materiais apropriados para cada particularidade. A ética e maturidade profissional em compreender que uma obra dessa envergadura leva décadas para ser concretizada na Amazônia mostra a sabedoria das corretas decisões arquitetônicas. É uma resistência diante de tantas cinzas.

5.11_CENTRO DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE BALBINA (1985/1988)

A modernização do País é determinada por medidas desenvolvimentistas instauradas a partir de 1930 pelo presidente Getúlio Vargas e intensificadas após a Segunda Guerra Mundial com Juscelino Kubitschek. A construção da nova capital brasileira - Brasília, projetada por Lucio Costa e construída entre 1955 e 1960, é o testemunho mais visível destas políticas implementadas.

Brasília - no centro geográfico do Brasil, oportuniza o desenvolvimento do interior do Brasil com novas conexões rodoviárias e aéreas. A Amazônia é conectada com a nova capital pela rodovia Transbrasiliana, inaugurada em 1959, aproximando Brasília a Belém - capital do Estado do Pará, porta de entrada da Amazônia. A estrada com 1966 km liga as capitais federal e paraense e inicia um novo processo de ocupação e exploração dos recursos da floresta.

As dimensões continentais da Amazônia (cerca de 60% do território brasileiro) isolam as suas principais capitais das demais brasileiras. A partir da década de 1970, novos incentivos governamentais brasileiros motivam migrações em busca de minérios, somados a oferta de terras para o extrativismo vegetal e a política de industrialização. Esse novo ciclo é motivo de polêmicas ambientais e sociais.

A isenção de parte dos impostos para a instalação de indústrias de componentes para montagem de produtos eletrônicos após a consolidação da Zona Franca de Manaus determina a necessidade de ajustes na matriz energética do Estado. Esta mudança é vital para a economia do Amazonas, aquecida desde o início das operações da Companhia de Petróleo da Amazônia em Manaus no ano de 1957. O cenário de uma Amazônia Moderna demanda uma infraestrutura complexa e diferente diante da dimensão e do isolamento determinado pela floresta amazônica ao restante do País.

No entanto, a crise do petróleo de 1973 prejudica o Plano de Integração Nacional promovido pelo presidente Ernesto Geisel (1905/1985) e evidencia as dificuldades energéticas no Amazonas. A crise coloca em cheque o iminente ciclo industrial brasileiro e promove o início da construção de grandes hidrelétricas no Brasil. Enquanto no Paraná é prevista a usina de Itaipu, na Amazônia são propostas as usinas de Tucuruí no Pará e Balbina no Amazonas. Em Manaus, a queima de carvão e o uso do diesel nas termelétricas não são mais adequados para

atenderem a crescente demanda do Distrito industrial de Manaus. A Zona Franca entra em cheque pela sua fragilidade energética.

A padronização escolhida para a geração de energia em diferentes regiões do Brasil nos anos 1970 se mostra ineficiente no olhar contemporâneo. A construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu inicia em 1975 e concluída em 1982. É um projeto binacional na tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e o Paraguai. É a maior UHE das Américas com capacidade geradora de 14.000 MW¹. A UHE Balbina tem o início da sua construção em 1981 e sua conclusão em 1989.²

Em 1975 a cachoeira de Balbina no rio Uatumã - neste momento ainda no perímetro de Manaus, é escolhida como ponto de partida dos estudos para uma possível implantação da hidrelétrica. A articulação política para viabilizar a obra é realizada pelo governador José Bernardino Lindoso (1920/1993). O presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo (1918-1999) reafirma o plano de Médici para a construção da UHE Balbina na carta de posse divulgada em 1979. Em 1981 é criado o novo município Presidente Figueiredo, emancipado de Manaus, como uma homenagem ao presidente que inicia a instalação da UHE Balbina.

Para a construção da barragem sobre o rio Uatumã é necessária uma mobilização expressiva de operários. Em 1981, diante da ausência de conforto e infraestrutura adequada aos trabalhadores, a construtora Andrade Gutierrez constrói o primeiro núcleo habitacional da vila de Balbina aos operários encarregados da construção da barragem. A vila Atroari é em madeira com caráter transitório. Além do núcleo habitacional é construída a infraestrutura e as instalações básicas (sistema viário, rede de esgoto e abastecimento de água, hospital, supermercado e escola). Além disso é construída uma pista de pouso para grandes aeronaves para facilitar a logística da construção. Em 1984 é construído o segundo núcleo habitacional - vila Waimiri. Em alvenaria, este núcleo é destinado aos trabalhadores da operação da usina com 250 casas, além do templo ecumênico, clubes, ginásio, hotel e centro comercial. A qualidade das habitações e o atrativo dos serviços na vila de Balbina são estratégias empregadas para garantir a permanência dos trabalhadores na operação. O projeto arquitetônico com autoria desconhecida, tem habitações com diferentes tipologias, edifícios institucionais, clubes para o lazer. As obras são concluídas em 1988.

¹ ITAIPU BINACIONAL. **Parque Tecnológico Itaipu (PTI)**. Site. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/tecnologia/parque-tecnologico-itaipu-pti>>. Acesso em: 13 de março de 2020.

² ELETROBRÁS. **UHE Balbina**. Site. Disponível em <<https://eletrobras.com/pt/Paginas/Home.aspx>>. Acesso em: 13 de março de 2020.

Os projetos de *company towns* na Amazônia não são uma novidade neste período. Entre as experiências realizadas, cabe destacar no Pará: Fordlândia de Albert Kahn (1869/1942) e Carajás, Nova Marabá e Bacarena de Joaquim Guedes (1932-2008); e no Amapá, a vila Serra do Navio e Vila Amazonas de Oswaldo Arthur Bratke (1907/1997). Ambas as *company towns*, assim como a vila de Balbina, primam por uma infraestrutura atípica em relação as demais cidades do interior da Amazônia.

Em período de dificuldades econômicas na redemocratização brasileira, a construção da hidrelétrica demora 15 anos. A partir de 1985 com o presidente José Sarney (1930) um grande debate ocorre sobre as consequências ambientais geradas pela UHE Balbina e a sua validade é questionada pelo alto impacto ambiental frente a pequena geração de energia. Durante a inundação do lago, não são retiradas as árvores em razão dos custos operacionais e o tempo previsto para esta ação frente ao curto prazo determinado para o funcionamento da usina. Se em 1985 há grande vulto e participação de políticos e personalidades no acionamento do desvio do rio Uatumã³ realizado pelo presidente da República, a inauguração do acionamento da primeira das cinco turbinas UHE Balbina, em 1989, é discreta e melancólica⁴.

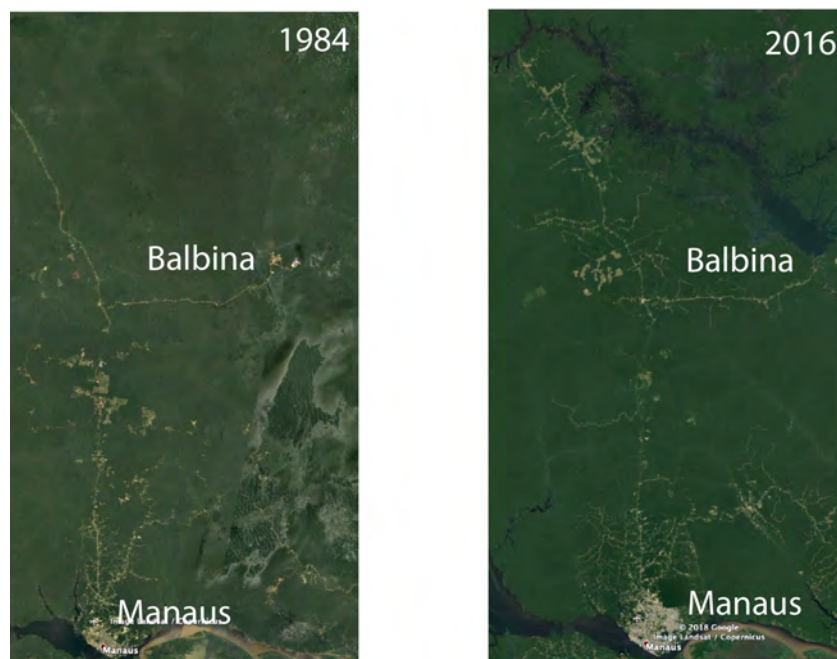


Figura 1 - Mapa comparativo com inundação do Lago de Balbina. 1984-2019.

Fonte: Google earth, 2018.

³ SARNEY quer progresso sem agredir a natureza. **Jornal do Commercio do AM**, p.3, Manaus, 8 de novembro de 1985. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 26 de junho de 2020.

⁴ HIDRELÉTRICA de Balbina será inaugurada amanhã. **Jornal do Commercio do AM**, p.2, Manaus, 07 de fevereiro de 1989. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 15 de março de 2020.

O desastre ambiental é contínuo devido o apodrecimento das árvores submersas e o consequente aumento da acidez da água no lago de Balbina - que demanda acompanhamento permanente. A emissão dos gases de efeito estufa como o Dióxido de Carbono (CO₂) e o Metano (CH₄) pelo apodrecimento das árvores são dez vezes superiores a uma termelétrica com a mesma capacidade geradora por queima de carvão.⁵ Com a construção da barragem no rio Uatumã a partir de 1985 o lago inunda uma área de 2.928,00 km² (mais que o dobro do lago de Itaipu) e tem como capacidade instalada 250 MW de energia⁶. A UHE Tucuruí, com dimensão semelhante a UHE Balbina, tem a capacidade geradora 15 vezes maior.

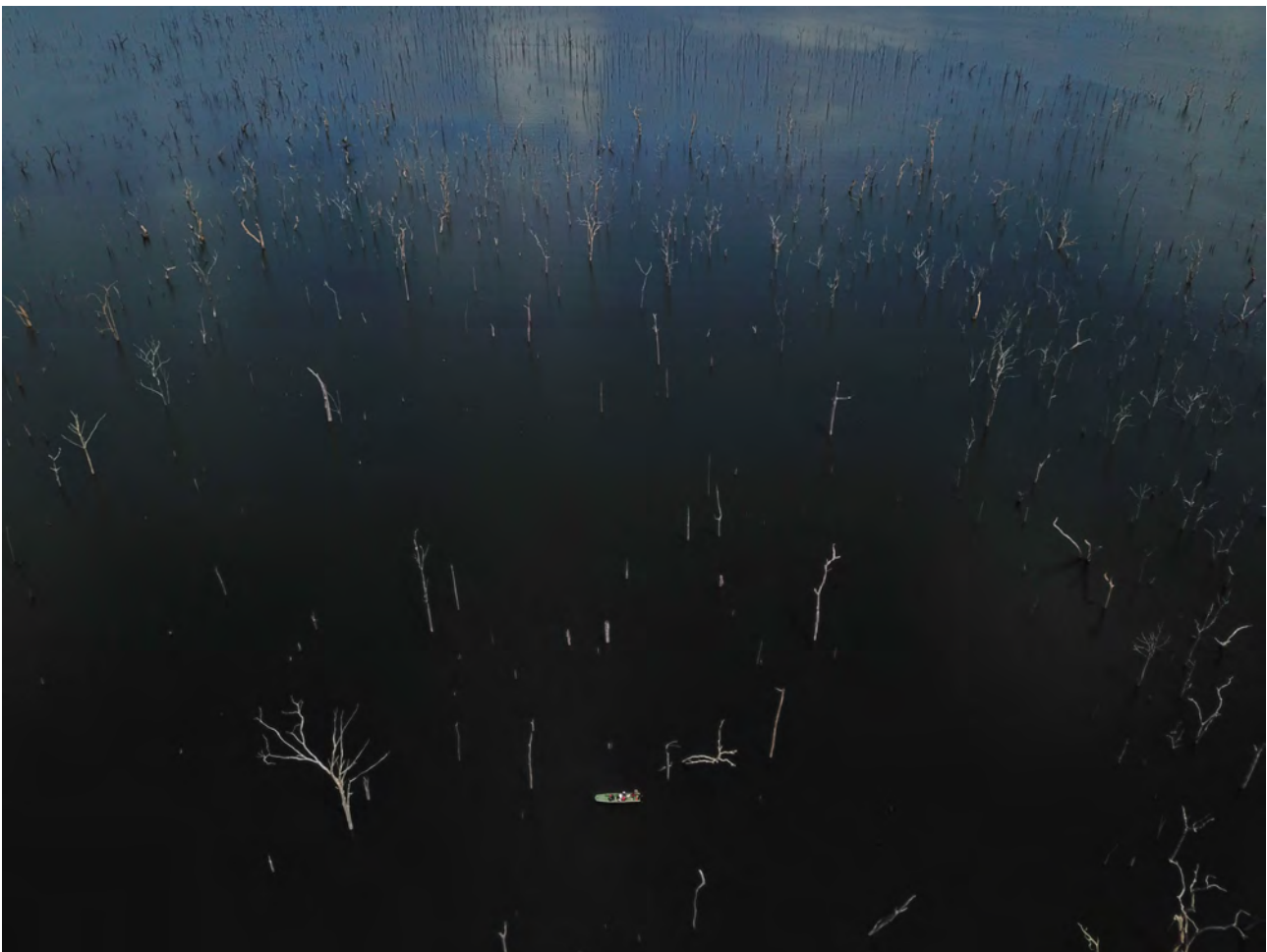


Figura 2 - Lago de Balbina. 2018.
Fonte: FINOTTI, 2018.

A barragem também provoca uma perda arqueológica. Além do desastre ambiental, a inundação ocupa parte da área do povo *Kinja* da tribo indígena *Waimiri-atroari*. Essa tribo   nacionalmente conhecida pelos conflitos com o

⁵ KEMENES, A. **Estimativa das emissões de gases de efeito estufa (CO₂ e CH₄) pela hidrelétrica de Balbina, Amazônia Central, Brasil**. 2006. 96 f. Tese de doutorado, Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia / Universidade Federal do Amazonas, 2006, p.83.

⁶ Ibid, p.22.

exército brasileiro, a partir de 1968, na construção da rodovia BR-174 entre Manaus e Boa Vista. Como medida compensatória aos danos provocados pela barragem é criada em 1990 a Reserva Ecológica do Uatumã com 930.000,00 ha.



Figura 3 - Aldeia Waimiri Atroari.
Fonte: WAIMIRI-ATROARI, 2014, [s.n.].

O resultado energético da UHE Balbina é inexpressivo para a demanda em Manaus, aliado aos impactos ambientais e sociais decorrentes da inundação do lago. Essa condição determina à ELETROBRÁS a construção de um centro de pesquisas para mensurar os danos ambientais e assim contribuir com futuras ações de infraestrutura semelhantes na Amazônia.⁷ Em 1985 a construtora Andrade Gutierrez, especializada em obras de infraestrutura na América do Sul e responsável pela construção da UHE Balbina contrata Severiano Porto para a realização do projeto para o centro de pesquisas. A escolha ocorre pela reconhecida expertise em obras de porte na Amazônia e pela experiência em projetos com instituições ambientais. Assim como em Balbina, em Tucuruí é realizado somente em 2015 um centro de proteção ambiental para mensurar os impactos da construção da hidroelétrica. Em Itaipu é constituído o Refúgio Ambiental Bela Vista em 1984, mas o centro ambiental é realizado nos anos 2000. Das três usinas, Balbina é a primeira a constituir uma edificação própria destinada a pesquisa ambiental.

⁷ Para efeito de comparação, o Lago do Paranoá em Brasília tem 48km². Ou seja, 61 vezes menor do que o Lago de Balbina.



Figura 4 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina, 1985.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

O acesso à vila de Balbina acontece por uma estrada a cerca de 10,00 km da barragem. A transição ocorre por uma rotatória em ascensão para atingir a cota de cume na principal via - avenida Um. Esta via separa a vila de Balbina em duas partes: à esquerda Waimiri e à direita Atroari. Na aproximação ascendente pela estrada, se observa o Centro de Proteção Ambiental - CPA, como um monumento no início da vila. A avenida é um boulevard com uma caixa viária ampla com 50,00 m e canteiro central com 25,00 m. Ao longo da avenida há duas faixas em cada um dos lados destinadas ao loteamento institucional, praças e espaços verdes com cerca de 100,00 m de profundidade.

As habitações na vila Waimiri ficam após o loteamento institucional, dispostas em quarteirões com 100,00 x 150,00 m com 5 unidades em cada lado, e conectadas a avenida por uma rua secundária. As ruas são em *cul de sac*, alternadas e permitem no encontro topológico vias peatonais. Na vila Atroari os quarteirões têm 50,00 m de profundidade, com dimensão variável e estão dispostas em ruas ortogonais. Ao fundo das vilas Waimiri e Atroari estão os clubes destinados a recreação e ao lazer. As habitações e os edifícios institucionais, seja em Waimiri ou Atroari estão orientadas sobre o eixo longitudinal Leste-Oeste.



Figura 5 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina.
Fonte: Google earth, 2020.

A localização do terreno no CPA é estratégica. A vila está no lado Atroari, junto ao acesso da rotatória à avenida Um. O terreno é trapezoidal - 200,00 m ao norte, 270,00 m ao sul, 300,00 m ao oeste e 350,00 m ao leste - com uma área de 70.500,00 m². Os limites do terreno são determinados pela diretriz inclinada da avenida Um ao leste, pela mata densa ao oeste, por uma rotatória de acesso à vila ao sul e o loteamento institucional ao norte. A terraplanagem é realizada para a construção da vila em 1981 e desmata as árvores em seu perímetro. Desta forma, não há preexistências de estrutura vegetal no lote. A topografia do terreno resulta em uma declividade regular e suave, mas perceptível com desnível de 9,00 m no sentido longitudinal do terreno. Os ventos predominantes, indicados nas plantas do projeto, são provenientes do quadrante leste.



Figura 7 - Vila de Balbina, 1985.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

São concebidos dois setores conforme descrito na planta de situação de janeiro de 1986. O setor 1 (área: 2.450,00 m² - não construído) estão as seguintes partes do programa: 1.residência do administrador; 2. 36 espaços destinados a alojamentos com vestiário masculino e feminino - dispostos em 6 módulos independentes); 3. apoio dos alojamentos (cozinha e lavanderia); 4. espelho d'água com peixes; 5. Área de uso múltiplo (pequeno anfiteatro). No setor 2 (área: 3.450,00 m²) são dispostos: 6. recepção, estar, museu, estudos e almoxarifado; 7. laboratório de limnologia; 8.laboratório polivalente I; 9.bloco de sanitários; 10. laboratório polivalente II; 11.laboratório de endemias polivalentes; 12. alojamento de redes; 13. incinerador; 14.lavanderias, manutenção dos jardins, oficina de manutenção dos prédios e material de campo.

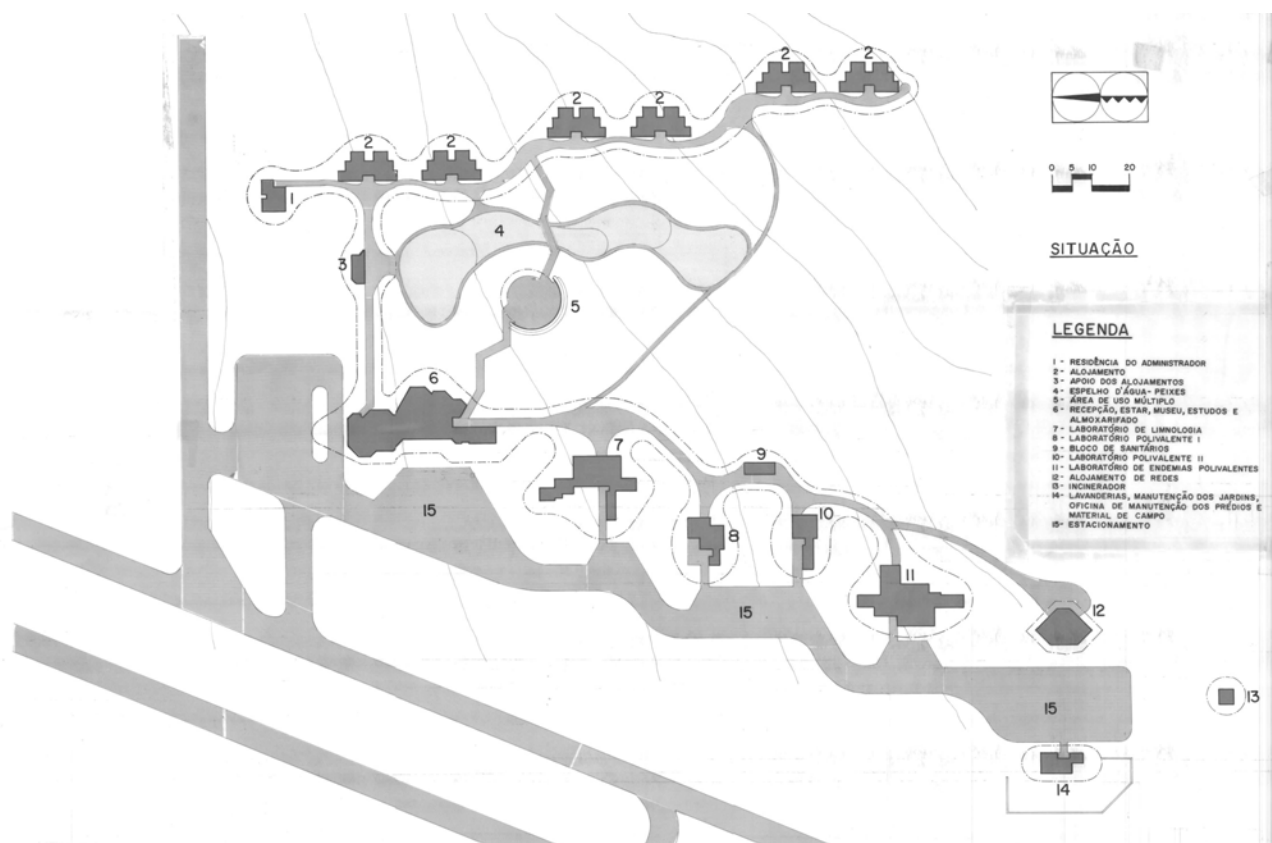


Figura 8 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Planta de situação, 1985.
 Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A monumentalidade, a representatividade federal e a disposição da forma em relação à orientação constituem excentricidades em relação aos demais edifícios da vila de Balbina. A diferença pela relevância é materializada pela sinuosidade da planta e da cobertura - seja pela altura que a distingue das demais edificações, pela materialidade e também pela técnica construtiva. O CPA é o único edifício da vila de Balbina que não está orientado sobre o eixo leste-oeste. Estas estratégias adotadas estão presentes no partido arquitetônico utilizado pelo arquiteto e demonstram a leitura ambiental, social e urbana, mas sobretudo, a condição arquitetônica para o lançamento do projeto.



Figura 9 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Croquis, 1985.
 Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

Porto adota um partido aberto em "U" com as duas alas concorrentes em direção ao norte. O setor 2 dos laboratórios tem como diretriz a avenida Um enquanto o setor 1 - dos alojamentos, está alinhado sobre o eixo norte-sul. O zoneamento preserva a privacidade necessária aos alojamentos, mas também é determinado pelo ventos predominantes e pela característica permeável do partido. Nesta configuração, eventuais odores dos laboratórios não são levados as áreas de uso comum e privado.

O conjunto é definido por uma geometria com alas divergentes e abertas à rotatória de acesso à vila. Porém, a praça interna é convergente a todos os espaços do CPA e tem como ponto focal a área de uso múltiplo. As circulações em ambas os setores estão voltadas para a convivência, e conformam uma *loggia* que conecta as partes do programa e também configura um espaço de transição do espaço público ao de uso restrito. Ambas as alas têm a mesma dimensão (190,00 m no eixo longitudinal). Se a ala do laboratórios acompanha a via e assim apresenta um desnível menor (4,00 m), a ala dos alojamentos tem a diretriz perpendicular as curvas topográficas, com maior desnível (9,00m) e configura o posicionamento de cada um dos alojamentos com 1,00 m de desnível entre cada bloco. Esta condição assimétrica do terreno contribui com o zoneamento empregado considerando as instalações necessárias para a operação dos laboratórios. Da mesma forma, o espaçamento entre os blocos no setor 1 e o desnível entre eles proporciona uma maior ventilação aos alojamentos. No setor 1 há um deslizamento na ala em direção ao norte, e o posicionamento estratégico para a residência do administrador. Esta condição permite um maior controle do conjunto, além da privacidade do seu uso assim como aos alojamentos dos pesquisadores.



Figura 10 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Cobertura Geral, 1985.
 Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

É possível perceber relações analógicas entre o partido do CPA e o adotado pelos jovens arquitetos Lucio Costa, Jorge Moreira (1904/1992), Carlos Leão (1906/1983), Affonso Eduardo Reidy (1909/1964), Ernani Vasconcellos (1912/1989) e Oscar Niemeyer para o Ministério da Educação e Saúde Pública (1937-1943) no Rio de Janeiro. Ainda que as condições de programa e sítio sejam completamente diferentes e distantes é importante observar as semelhanças na configuração do partido arquitetônico que aproxima o olhar de Severiano Porto e seu escritório SMPAA com a sua origem carioca no "marco inaugural de uma arquitetura erudita brasileira."⁸ A adoção da loggia, a saliência do volume da residência do administrador, com a conseqüente marcação da entrada ao edifício pela condição compositiva, e a abertura do pátio para a praça interna são paralelos possíveis de se observar, analisar e confrontar com a disposição dos volumes do Ministério e o seu entorno. Sobre este aspecto, destaca-se em especial a volumetria projetada do auditório do MES com a determinação do acesso e o enfrentamento ao Plano Agache com a configuração espacial da quadra, com espaço construído e o vazio. Seja no estudo inicial realizado pela equipe brasileira e no projeto construído, a reverência de Porto, Mario Emilio Ribeiro e equipe ao edifício icônico da

⁸ COMAS, C. E. D. Uma certa arquitetura moderna brasileira: experiência a reconhecer. In: GUERRA, A. (org.) **Textos Fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira**:v.1. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p.79.

arquitetura moderna brasileira engrandece o projeto em Balbina. "Se o partido da composição soma-se à unidade, proporção e pureza ou simplicidade volumétrica do prédio para estabelecer um contraste ambiental e reforçar, por conseguinte, as denotações monumentais do Ministério."⁹ OCPA de Balbina é análogo por origem, excêntrico por natureza, significativo pela sua existência e testemunha de sucessivos erros ambientais, políticos e econômicos que não devem jamais desqualificar a qualidade do projeto arquitetônico.

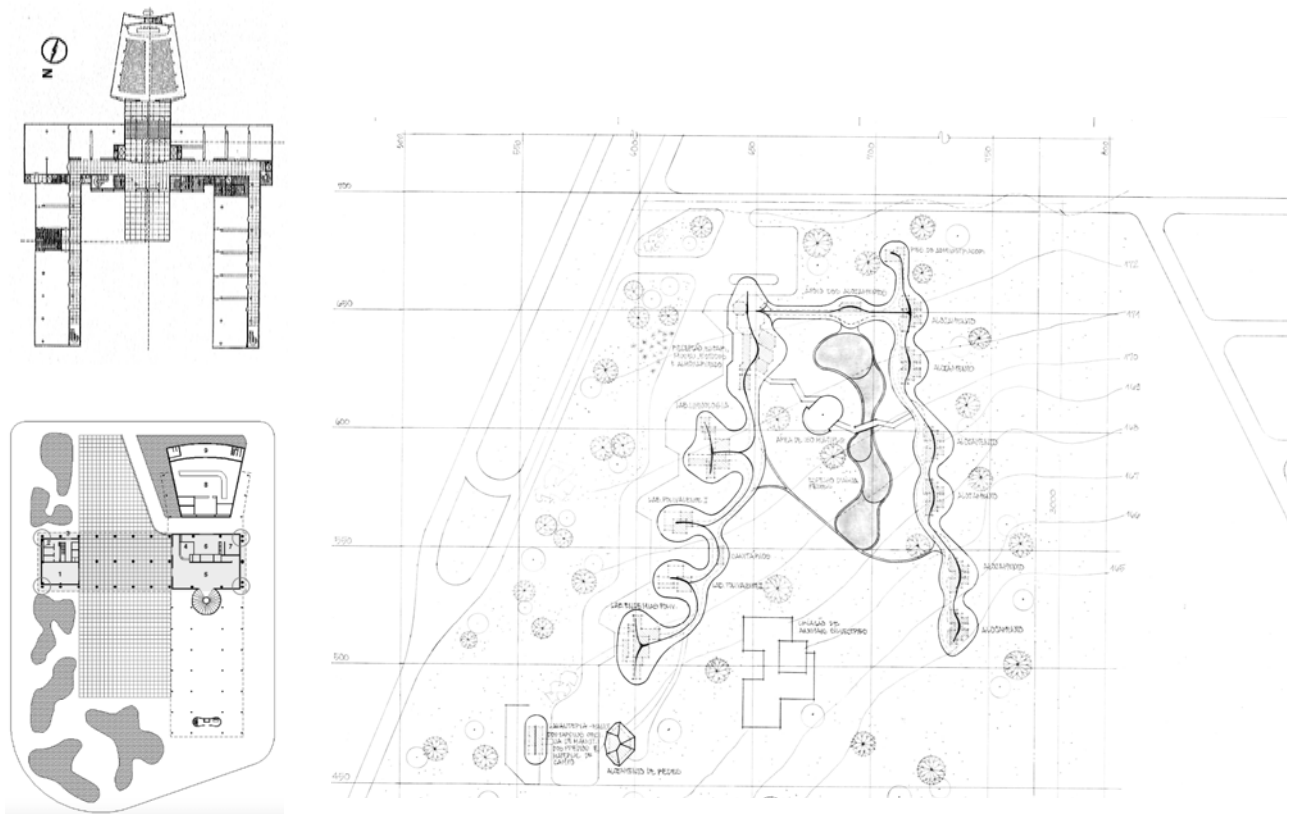


Figura 11, 12 e 13 - Ministério da Educação e Saúde Pública (estudo 1) e projeto definitivo | CPA de Balbina.
 Fonte: COMAS, 2002 | Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A condição solicitada pela ELETRONORTE para a realização do projeto arquitetônico passa pelo aproveitamento irrestrito das madeiras da área do lago inundado¹⁰ para a construção do centro de proteção ambiental. Em 1985 há grande dificuldade em encontrar empresas habilitadas e disponíveis no Brasil para a retirada das árvores do lago, diante do quadro de hiperinflação e da crise econômica brasileira. A construção do CPA se torna necessária para a utilização de parte destas madeiras, mas ainda assim, insuficiente para a imensidão dos recursos disponíveis no

⁹ COMAS, C. E. D. Protótipo e monumento, um ministério, o Ministério. In: GUERRA, A. (org.). **Textos Fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira: v. 1**. São Paulo: Romano Guerra, 2010. p.93.

¹⁰ INDEFINIDA a venda da madeira de Balbina. **Jornal do Comercio do AM**, Manaus, 13 de fevereiro de 1985, p.5. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de agosto de 2017.

lago. Esta condição é imperativa para a escolha da técnica construtiva e dos materiais utilizados. É importante ressaltar esta particularidade e preparar a um olhar desavisado sobre um possível julgamento sobre o uso da madeira e sua sustentabilidade, pelo exagero na escala do edifício, os espaçamentos entre os vãos e na ampla e irrestrita utilização da madeira na obra. O uso da madeira é tecnicamente ecológico. Embora Porto tenha se negado a construir edifícios públicos nos anos 1970 em madeira, diante das futuras dificuldades de manutenção (setor norte do campus da Universidade e sede da SUFRAMA), em Balbina a utilização do material é imperativa pela necessidade de aproveitamento do recurso que seria perdido diante da inundação e do apodrecimento das árvores no lago com conseqüente aumento de emissão de gases de efeito estufa.

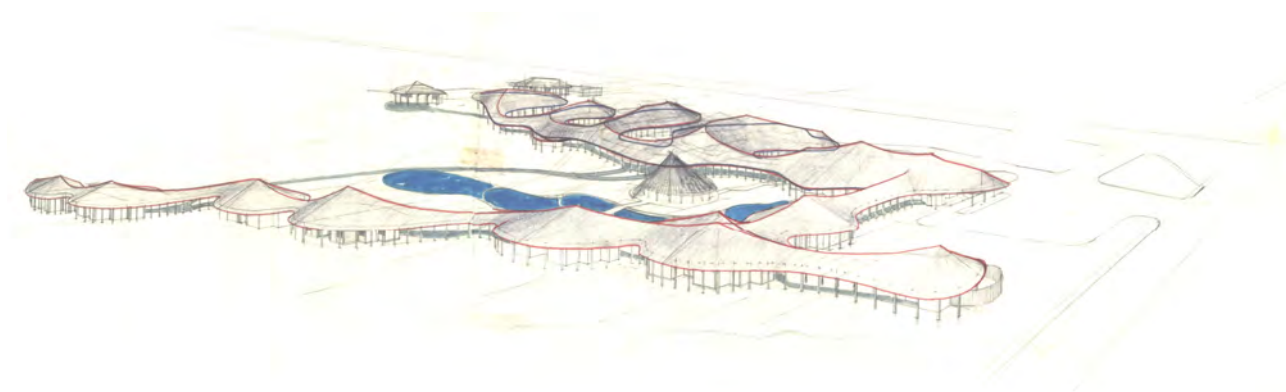


Figura 14 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina, 1985.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A forma do CPA é inovadora e moldada pela macrocobertura com a adoção do cavaco em madeira. "Afim, não vale a pena perder o espetáculo da bela cobertura."¹¹ A cumeeira é sinuosa "em x, y e z" e a distinta coberta abriga e protege os dezesseis edifícios do conjunto. A cumeeira não acompanha uma cota linear. Com variações, permite aumentar ou reduzir o pé-direito conforme a plasticidade projetada. Esta sinuosidade tridimensional - em planta e corte, é reforçada pelas colunas em madeira - ora colossais, ora convencionais.

Na mitologia indígena, os *Waimiri-atroari* surgem de uma chuva de pedra e são abrigados em uma casa com uma coluna alta em madeira que resiste as pancadas da tempestade e abriga as famílias dos ancestrais.¹² A construção da UHE Balbina representa um erro técnico que resulta na redução da população do povo *Kinja* de 3.000 em 1972

¹¹ ZEIN, R. V. Centro de Protecção Ambiental de Balbina. Manaus, Brasil. **Architècti**, Lisboa, Revista de Arquitectura e construção, n.4, abril de 1990, p.14.

¹² FAUSTO, Carlos. **Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil. 2011-2016**. [S.l. , s.n.]. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org>>. Acesso em: 4 de abril 2020.

para 332 pessoas em 1983¹³. A coluna alta está presente no CPA, em cada um dos blocos, como abrigo dos vestígios dos povos indígenas encontrados pelos antropólogos. Há pedras distribuídas junto a fachada oeste com inscrições rupestres encontradas na região da inundação do lago, assim como o museu com diversas peças em Taxidermia. A condição do abrigo dos povos é materializada pela macrocobertura do CPA. As sinuosidade da cobertura e a união das artes do programa estruturadas em um conjunto de edifícios em estrutura radial representam as aldeias distribuídas na floresta unidas pelas árvores da Amazônia representadas pelas colunas em madeira, de diversas alturas e espécies, retiradas da aérea inundada.

Há um forte contraste entre a claridade da abóboda celeste equatorial e a penumbra provocada pela proteção da coberta em cavaco de madeira. Esta estratégia projetual¹⁴ é indígena e estabelece ao usuário um período de transição e adaptação dos olhos, por alguns segundos, para ajustar a pupila ao ingressar no edifício. Esta condição é minimizada pelo adoção do piso cimentado revestido com "pó xadrez" na cor amarela, representando a cor da terra.



Figura 15 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina, 1987.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A circulação segue a diretriz curva e ocorre sob a cumeeira que divide a macrocobertura em diferentes águas. Ainda que o edifício seja organizado em dois setores conectados há variações na forma e no volume ao longo das 14 unidades. As unidades são invólucros com uma cobertura independente. Há uma condição radial nos invólucro -

¹³ OLIVEIRA, J.A. **Cidades na selva**. Manaus: Valer, 2000, p.145.

¹⁴ Esta estratégia indígena é relatada por José Afonso Portocarrero como recorrente nas casas indígenas. Funciona como um defesa da tribo para inimigos eventuais. Portocarrero relatou essa passagem na ocasião da sua conferência no I SAMA em 2016 no auditório Javari na Universidade Federal do Amazonas.

determinado pelas colunas, coberta e partes, nas distintas unidades com diferentes alturas conforme a hierarquia do espaço. O edifício é um conjunto de unidades em geometria regular (planta circular) conectadas pela circulação.

Na aproximação a cada uma das unidades há uma mudança na altura da cumeeira em relação à circulação e ocorrem soluções heterogêneas de lanternim. Pelo lanternim ocorre a exaustão do ar quente do ático e uma reverência a macrocobertura percebida pelo no teto dos ambientes internos nos invólucros, com a oportunidade de observar uma paleta de cores autêntica no fundo das telhas em cavaco. A ambiguidade presente na geometria regular - com a compartimentação de formas aditivas inscritas nos invólucros e distribuídas de forma radial, é determinada pelas colunas em madeira rústica e brutas da macrocobertura, configurando a liberdade na composição arquitetônica e a configuração da planta livre.

Na implantação, ao observar a macrocobertura no setor 2, se observa uma intenção de alinhamento à avenida Um. Ao observar com mais rigor o projeto, se verifica que os laboratórios estão dispostos sob 4 corpos sinuosos e se voltam ao oeste, a partir de ramificações perpendicular da cumeeira - como se fossem pequenos braços de um rio. Esta condição aparentemente arbitrária, poética e análoga as águas na Amazônia é racional e coerente com o alinhamento formal destas partes do edifício de uso permanente sobre o eixo leste-oeste (assim como os demais edifícios da vila). Além dessa operação ser adequada aos princípios defendidos por Severiano Porto nas implantações realizadas no Estado - na relação entre forma do edifício e a insolação, este ajuste diminui a profundidade das plantas dos laboratórios e também permite a ventilação cruzada em todos os espaços. A sinuosidade é racional.



Figura 16 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Circulação, 1987.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

As árvores escolhidas para a construção respeitam a heterogeneidade da floresta. Não é possível construir na Amazônia com um único tipo de madeira, mas com um leque de opções e variedades para viabilizar a extração e a execução. Ao contrário do manejo das serrarias, a extração dos ribeirinhos preserva as espécies pela seleção diversa. As madeiras utilizadas na obra são retiradas do lago em diferentes espécies. São trabalhadas com a motosserra e realizados os acabamentos necessários com a enxó no canteiro, em conformidade com a prática existente dos carpinteiros navais. As seções das peças são roliças e variadas, conforme a disponibilidade do material. As dimensões são maiores que as convencionais, mas amparadas pelo cálculo estrutural. O suposto superdimensionamento é recomendado pelas características de fixação e entalhe entre as peças realizadas pela mão de obra. As especificações são determinadas pela simples seleção de madeiras variadas de terra firme (sucupira, itaúba, cupiúba, andiroba, maçaranduba, louro aritu, angelim pedra entre outras). Para as colunas são recomendadas somente a itaúba e o louro aratu, assentadas sobre uma sapata cilíndrica em concreto armado. As conexões são realizadas com o entalhe e com pinos metálicos ou em madeira e determinaram a necessidade de peças superdimensionadas para evitarem possíveis rompimentos na junção. Para a cobertura há maior liberdade

de espécies e são atribuídas madeiras de baixa densidade enquanto para o telha em cavaco é escolhido a maçaranduba.

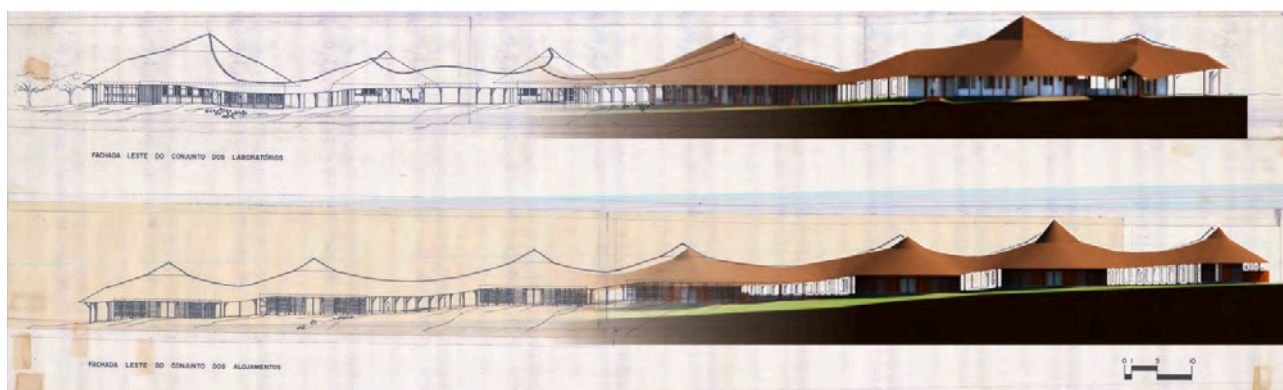


Figura 17 e 18 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Modelagem Digital, 2016.
Fonte: CUNHA, 2016, [S.N.].

O cavaco é uma telha em madeira utilizada pelos seringueiros, imigrantes e ribeirinhos no interior da Amazônia. Com a industrialização é gradativamente substituído por telhas em cimento amianto ou zinco. No entanto, Porto propõe a utilização da telha de cavaco pela necessidade de utilizar a madeira do lago, para reduzir a carga térmica do edifício e pelo caráter monumental e extraordinário da obra. No CPA, as telhas são produzidas artesanalmente no canteiro da obra com o corte longitudinal e plano de seções do cerne da maçaranduba. As peças são variadas com larguras de até 0,20 m e o comprimento de até 0,80 m. Com pelo menos duas camadas de cavaco contrafiadas e o uso de lonas plásticas entre as peças para uma maior vedação, as telhas são fixadas nos caibros com pregos. Ao abrigo da macrocobertura em madeira, a temperatura reduz em 6°C às 12:00h no verão amazônico¹⁵ conforme medições realizadas pela equipe de pesquisa da professora Monica Santiago da UFRJ.

Marina Waisman e Cesar Naselli descrevem a gênese do desenho da cobertura de Balbina. O projeto realizado por Severiano Porto e SMPAA ao edifício do Círculo Militar em Manaus - CIRMMAN (1975) tem a cobertura livre e com a utilização da telha de cavaco em madeira. O projeto não é construído, mas oportuniza uma experimentação inicial de uma cobertura livre e é revisitado na oportunidade da construção do centro de proteção ambiental de Balbina:

La historia del proyecto para el Centro de Protección Ambiental de Balbina es, según cuenta [Severiano Porto], bastante curiosa. En efecto, en cierta oportunidad se le encomendó un proyecto para un club de oficiales del ejército, para el que el

¹⁵ SALGADO, M. et al. **Centro de Proteção Ambiental da Usina Hidrelétrica de Balbina: uma discussão sobre as certificações ambientais para as edificações.** Cadernos PROARQ 26. UFRJ. 2016. p.47. Disponível em: <<http://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/cadernosproarq26.pdf>>. Acesso em 12 de junho de 2018.

arquitecto realizó una investigación sobre un tipo de cubierta circular de madera, de formas sumamente libres. El anteproyecto no fue aceptado por sus destinatarios, evidentemente porque escapaba demasiado a cualquier imagen convencional. Pero en cambio fue favorablemente acogido por el gobierno para el citado Centro, un conjunto de laboratorios que está actualmente en construcción. (WAISMAN; NASELLI, 1989. p.199).



Figura 19 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Cobertura em cavaco, 1986.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

Para realização da análise formal do CPA se divide o setor 2 em 6 aldeias :Aldeia 1 - recepção, estar, museu, estudos e almoxarifado; Aldeia 2: laboratório de limnologia; Aldeia 3: laboratórios polivalentes I; Aldeia 4: laboratórios polivalente II, Aldeia 5: laboratórios de endemias; e Aldeia 6: redário. Embora o CPA seja totalmente aberto, o ingresso formal ocorre ao norte. O desalinhamento entre as duas alas dos setores 1 e 2, encaminham o usuário ao setor 2, ao norte da obra. A alça do estacionamento permite o desembarque sob a cobertura em um *porte-cochère*. Neste ponto ocorre o primeiro volume diferenciado, como uma aldeia indígena. Com dimensões aproximadas de 60,00 x 25,00 m, e o pé-direito variando de 2,40 a 9,00 m, tem 106 colunas dispostas em até sete eixos estruturais com vãos a partir de 2,50 m. A profundidade da planta confere ao lanternim da macrocobertura e dos invólucros um papel funcional para garantir a ambiência dos espaço, seja pela exaustão do ar quente e também pela iluminação.



Figura 20 e 21 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Recepção e circulação central, 1987.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A disposição de planta livre é acentuada pelos invólucros com um diálogo irreverente entre a disposição das colunas e a compartimentação. A recepção ocorre em um salão amplo com 10,00 x 12,00 m com a administração inscrita num polígono chanfrado com 5,00 x 6,00 m em um dos seus quadrantes. A circulação principal é central sob a cumeeira com colunas colossais ao lado dos volumes dos invólucros como se fossem pequenas casas de ribeirinhos. Neste bloco, a um avanço na sinuosidade em direção ao leste em razão dos invólucros com o museu e as salas de aula. Estes volumes sob a macrocobertura estão dispostos em uma floresta de colunas e são cobertos com quatro planos inclinados, forrados com lambri em madeira e com clarabóias com vidro translúcido. Essas delicadas clarabóias permitem internamente a visualização da face interior do cavaco e também o fechamento hermético para a climatização artificial dos ambientes quando necessária. À esquerda estão três salas em forma hexagonal e irregulares com os espaços do museu (5,50 x 8,00 m) e duas salas de aula (5,30 x 6,30 m e 4,70 x 5,00 m). Em simetria latente, uma barra com 3,30 x 25,00 m com espaços ordinários e regulares da área administrativa (copa, depósitos, sanitários, almoxarifado) além do acesso restrito para a equipe de campo na fachada oeste.

Enquanto a estrutura da macrocobertura é em madeira roliça com tratamento artesanal, a estrutura em madeira da cobertura dos invólucros é industrial e plana. As alvenarias são em tijolos de seis furos, rebocadas e pintadas na cor branca. As esquadrias e os acabamentos internos também são beneficiados em serraria e requintados. O dimensionamento dos diâmetros das colunas (entre 0,35 a 0,60 m) e do intercolúnio (entre 2,50 e 5,00 m) são

variáveis e pautam o projeto estrutural realizado pelo engenheiro Francisco Anastácio Cantisani de Carvalho¹⁶. A solução da cobertura é realizada sem treliças, possível pelo dimensionamento dos caibros (entre 0,15 a 0,20 m de diâmetro) espaçados a 0,50 m. O uso das vigas duplas, uma em cada face da coluna, e o pendural que estabelecem as variações nas alturas das peças de cumeeira garantem a liberdade formal.

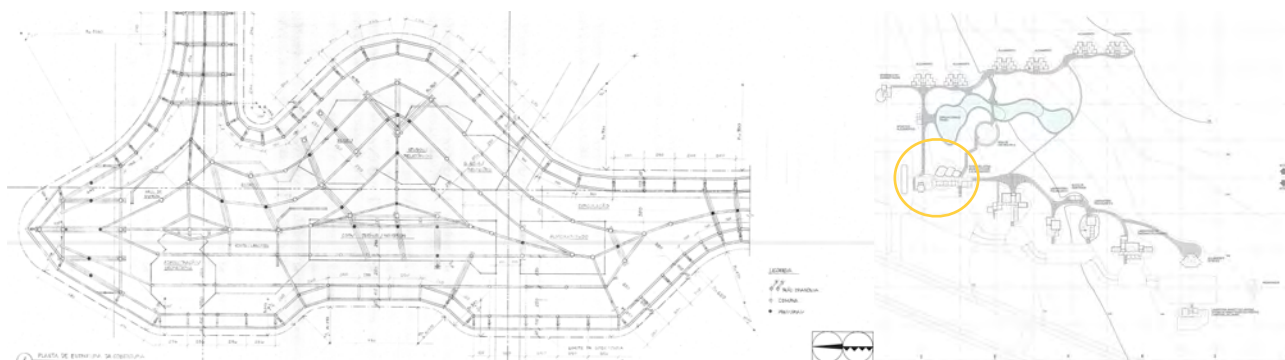


Figura 22 e 23 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Aldeia 1: Planta recepção, estar, museu, estudos e almoxarifado. 1985. | Planta-chave, 2018.
Fonte: Acervo Severiano Porto. NPD/UFRJ | CUNHA, 2016.

Ao se deslocar da Aldeia 1 para a 2, a circulação predominante se torna periférica e configura a *loggia* com uma cumeeira descendente com pé-direito baixo. O percurso é pavimentado com pranchas em madeira, de variadas espécies de 2,00 x 0,30 m x 0,10 m, intercalados com brita de granito do município de Presidente Figueiredo. A cobertura abrange o caminho com beirais de 2,20 m em cada um dos lados. A cobertura se volta ao oeste e orienta o invólucro sobre o eixo leste-oeste. O laboratório de limnologia tem a função de monitorar a qualidade da água do lago de forma a garantir a fauna e a flora remanescentes. Esta segunda aldeia tem aproximadamente 36,00 x 38,00 m e 202 colunas em quatro eixos estruturais. A planta circular é determinada pela cobertura e estrutura, com a inscrição de volumes prismáticos distribuídos em quatro faixas. Estes quatro volumes prismáticos não são arbitrários, mas acompanham as cinco ramificações da cumeeira presentes na coberta e configuram um espaço linear e radial. O programa é composto pela recepção, laboratório físico-químico, limnologia, vestiário, bacteriologia, capela de exaustão de gases, antecâmara, depósito de material radioativo, depósito de uso geral e acesso de serviço pela fachada oeste.

¹⁶ Formado pela Faculdade de Tecnologia da Universidade Federal do Amazonas em 1975 e conclui o Mestrado na USP-São Carlos em estruturas em 1980. Foi aluno de Severiano Porto no curso de Engenharia Civil e colega como docente na Faculdade de Tecnologia.

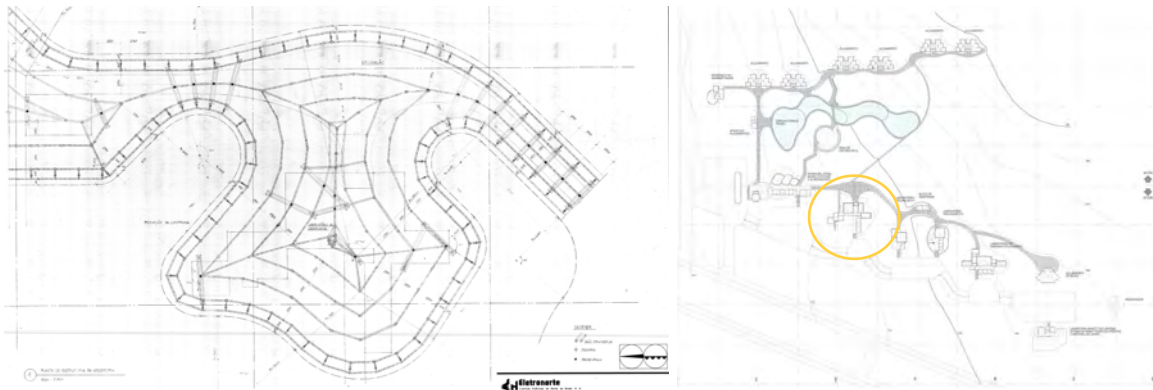


Figura 24 e 25 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Aldeia 2: Planta laboratório de limnologia. 1985. | Planta-chave, 2018.
 Fonte: Acervo Severiano Porto. NPD/UFRJ | CUNHA, 2016.

A circulação entre a Aldeia 2 e a Aldeia 3 tem um percurso de aproximadamente 20,00 m e sua cumeeira se ramifica em duas: uma em direção ao oeste com o laboratório polivalente I (Aldeia 3) e a outra com a continuidade da circulação. A abrangência da Aldeia 3 tem 18,00 x 33,00 m e 92 colunas em três eixos estruturais. Com uma ramificação da cumeeira o programa é composto pelo laboratório, varanda depósitos e acesso de serviço pela fachada oeste. Na continuidade da circulação, o percurso entre os laboratórios polivalentes I (aldeia 3) e II (Aldeia 4) estão afastados aproximadamente 23,00 m. Junto a circulação há um invólucro com sanitários masculino e feminino. A abrangência da Aldeia 4 tem 17,00 x 26,00 m e 72 colunas em três eixos estruturais e uma ramificação da cumeeira com o mesmo programa do laboratório polivalente I.

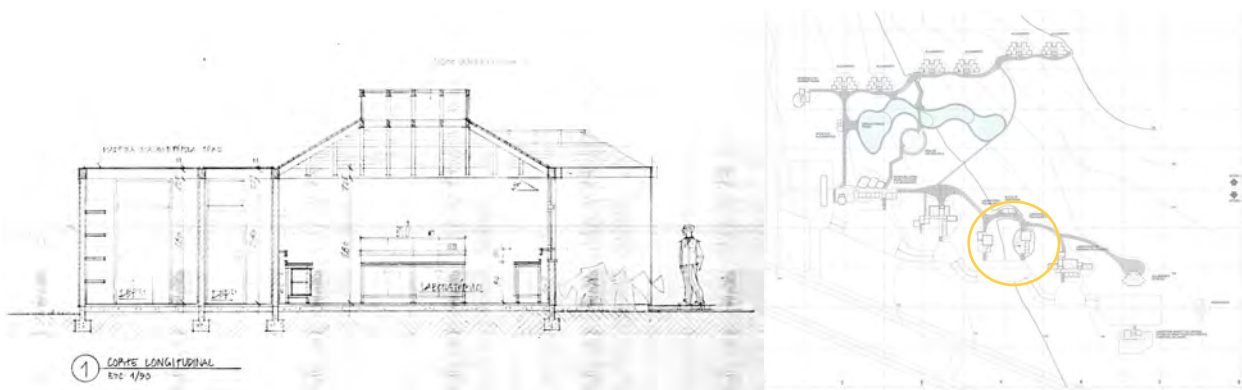


Figura 26 e 27 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Aldeia 3 e 4: Corte laboratórios Polivalentes. 1985. | Planta-chave, 2018.
 Fonte: Acervo Severiano Porto. NPD/UFRJ | CUNHA, 2016.

Uma circulação de 18,00 m leva ao último laboratório abrigado pela macrocobertura - a Aldeia 5. O laboratório de endemias polivalente é distribuído basicamente em três faixas de salas agrupadas e unidas por adição. Esta aldeia tem abrangência de 35,00 x 27,00 m e 130 colunas dispostas em 4 eixos estruturais e duas ramificações da cumeeira. O programa é composto por escritório, inventário, biotério de animais limpos, depósito de ração, laboratório, capela de exaustão de gases, biotério de animais inoculados, varanda, depósitos e entrada de serviço.

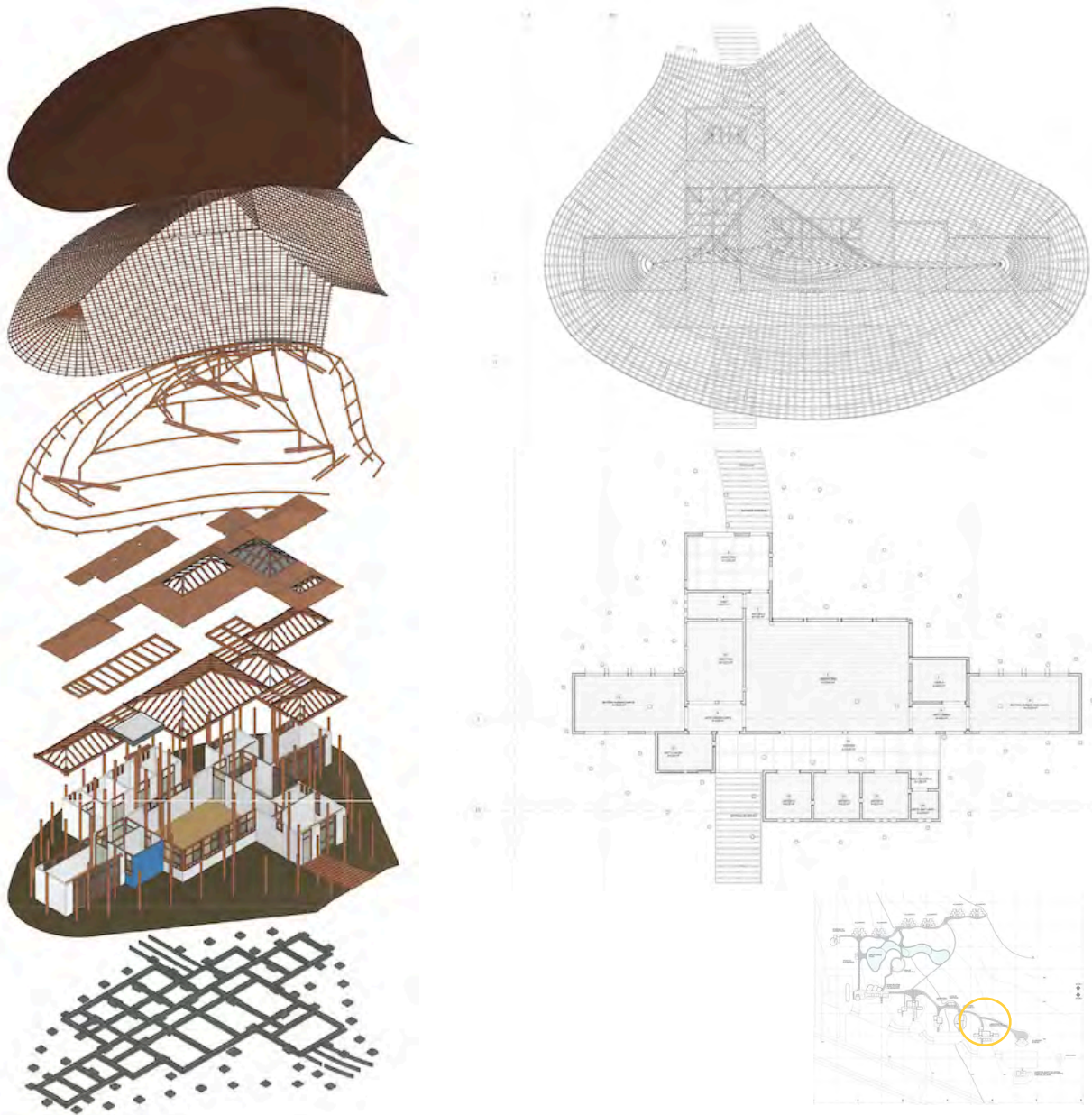


Figura 28, 29 e 30 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Aldeia 5: Laboratório de endemias, 2018.
 Fonte: CUNHA, 2016.

Da Aldeia 5, um caminho descoberto com 55,00 m de comprimento se conecta a Aldeia 6: alojamento de redes. A pavimentação do caminho segue a mesma regra da circulação. Este bloco tem 22,00 x 15,00 m com a cobertura em cavaco de madeira radial, três eixos estruturais e 6 águas. Devido a privacidade necessária ao uso e também pela hierarquia está separado do edifício principal. Ainda assim mantém a unidade compositiva.

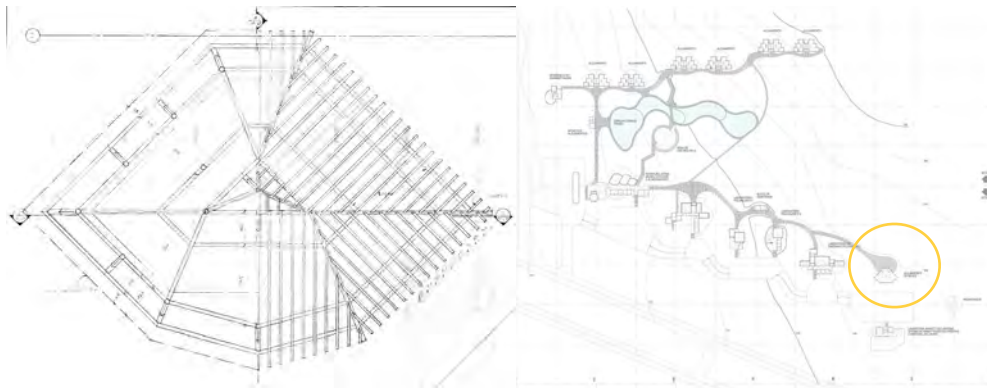


Figura 31 e 32 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Aldeia 6: Redário. 1985. | Planta-chave, 2018.
 Fonte: Acervo Severiano Porto. NPD/UFRJ | CUNHA, 2016.

O setor 1 do CPA não é construído por razões orçamentárias. Ainda assim, cabe a esta análise formal, compreender o projeto realizado como um todo ainda que parte dele não tenha sido realizado. A conexão entre as duas alas ocorre por uma circulação em duas águas, similar a da ala oeste, com 50,00 m de comprimento. Um invólucro com o apoio dos alojamentos está distante a 10,00 m do setor 1 e marca a mudança do caráter do edifício. Enquanto o setor 2 é o espaço fim do CPA, o setor 1 garante o pouso aos pesquisadores. O encontro da circulação com o setor 1 ocorre no eixo do primeiro dos 6 blocos destinados aos alojamentos. Estes blocos são agrupados em três grupos de dois a dois. Os blocos são conectados pela circulação sinuosa voltada ao pátio interno. Estas circulações são rampeadas em razão do desnível de 1,00 m entre cada um dos dois blocos do grupo.

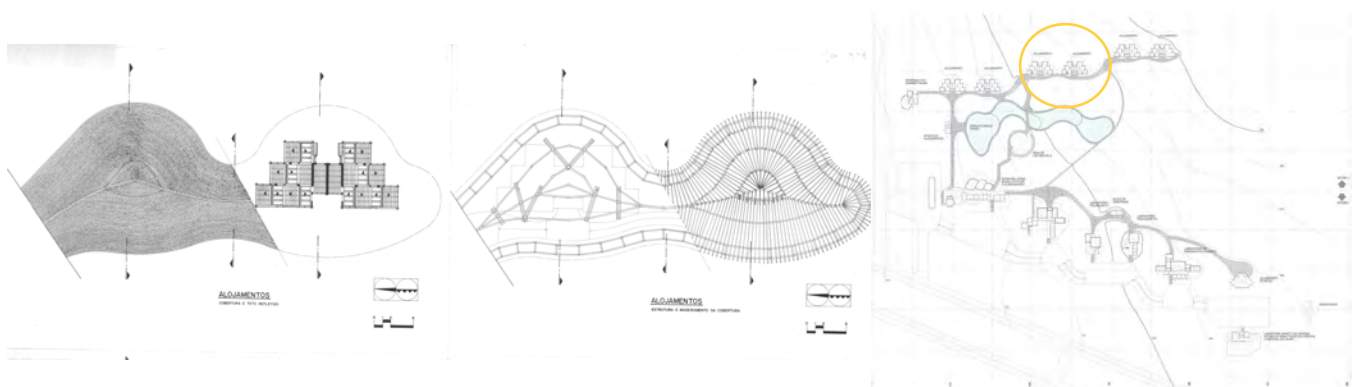


Figura 33, 34 e 35 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Alojamentos. 1985. | Planta-chave, 2018.
 Fonte: Acervo Severiano Porto. NPD/UFRJ | CUNHA, 2016.

O bloco dos alojamentos conta com uma estrutura central em alvenaria, com dois vestiários e dois salões dispostos simetricamente. Cada salão é formado pela adição de três salas (3,60 x 4,80 m) com vedação externa por painéis em madeira e painéis com vidro incolor. Não há compartimentação interna nos alojamentos, apenas os armários

(2,40 x 2,10 m) que dividem visualmente os espaços para garantir a identidade e determinada privacidade para a cada uma das três salas. A capacidade do salão prevê disposições diversas, desde um pesquisador por sala ou até quatro com o uso de beliches. A cumeeira se eleva sobre o bloco de alojamentos e define um pé-direito de 7,00 m no sentido longitudinal da ala leste sobre os sanitários e permite imaginar a possibilidade de ampliações futuras, caso necessitassem de mais leitos.



Figura 36 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Praça entre os laboratórios polivalentes I e II, 1987.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

A implantação (setor 2) ocupa 5% do terreno enquanto o projeto todo representaria 8,3%. A estratégia de baixa ocupação do lote se repete nos projetos de Severiano Porto com a necessidade de um alto índice de permeabilidade do solo com recuos generosos em relação ao entorno imediato para garantir a necessária adequação climática ao edifício. A ambiguidade está presente entre o claro e o escuro, entre o artesanal e o industrial, entre o ambiente aberto e o climatizado. Dialético, como Lucio Costa. Nada mais brasileiro.

Em Balbina, a escala é inédita. A construção de um edifício em madeira com 5.900,00 m² (3.450 m² da ala oeste) representa um desafio à construtora Andrade Gutierrez na década de 1980. A expertise na execução de grandes

obras de infraestrutura e o domínio do concreto armado se tornam insuficientes diante da necessidade de execução do CPA com técnicas regionais tão específicas. Diante deste impasse, para aproveitar o material para a obra disponível no lago de Balbina e a inexperiência construtiva da construtora em obras dessa natureza, Porto indica o carpinteiro naval Elias Imbiriba para ser o mestre da obra e coordenar a execução do edifício. Além dessas atribuições, "Seu Elias" capacita os carpinteiros na região de Balbina para integrarem a equipe e participarem da obra do CPA. A união entre a tecnologia construtiva de ponta empregada pela construtora Andrade Gutierrez e os conhecimentos empíricos e artesanais do homem amazônico são unidas e materializadas no canteiro da obra. O uso coordenado das guias na movimentação e posicionamento das peças da estrutura em madeira está em perfeita harmonia com o manejo da madeira com a enxó pelos carpinteiros. Essa simbiose representa o corolário das experiências iniciadas desde os anos 1960 por Severiano Porto na Amazônia e alcançam um alto grau de sofisticação e modernidade.



Figura 37 e 38 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Construção, 1986.
Fonte: Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ

As políticas de desenvolvimento e ocupação da Amazônia são marcadas pelo confronto entre o homem e a natureza, a modernidade e o primitivo, o construído e o natural. A geração de energia pelas hidrelétricas na planície amazônica comprovam a necessidade de um novo olhar sobre as diferentes possibilidades que a floresta, o primitivo e o natural nos permitem. Assim como a hidrelétrica, o "fordismo" de Henry Ford fracassam na Amazônia com a adoção de soluções lineares em um território heterogêneo.

A visão indígena do pertencimento ao lugar e não da posse é marcada pelas aldeias com a utilização de materiais construtivos biodegradáveis que não permanecem, apenas convivem temporalmente com a floresta, e depois são

absorvidos. As aldeias são construídas e desmontadas conforme a vitalidade do solo. A experiência de Balbina nos mostra um outro caminho possível diante deste confronto histórico de ocupação da região.

Atualmente o edifício encontra-se em ruínas. Está abandonado pela concessionária de energia que não tem interesse no seu uso e na sua preservação. A permanência do edifício está relacionada aos constantes erros em série que marcaram a hidrelétrica de Balbina desde o seu princípio, seja pelo desastre ambiental de grandes proporções com a inundação do lago, pelo deslocamento dos *Waimiri-atroari* das suas terras, pela ineficiente geração de energia e pela construção incompleta de um Centro de Pesquisas no interior da Amazônia.



Figura 39 - Centro de Proteção Ambiental de Balbina, 2018.
Fonte: FINOTTI, 2018.

O fracasso de Balbina, enquanto hidrelétrica na planície amazônica não diminui a qualidade do projeto arquitetônico do CPA, como um ícone sul-americano da década perdida. A preocupação ambiental, a qualidade projetual e construtiva e o compromisso ético na construção são insumos desta obra anterior a visão distorcida e marketista da arquitetura sustentável a partir dos anos 2000. Um bom desenho de implantação aliado a escolha adequada dos materiais e dos meios são qualidades insubstituíveis para um bom projeto de arquitetura na Amazônia, no Alasca ou no Tibete. Não são uma particularidade de Severiano Porto - ainda que tenha maestria, mas

características presentes na Arquitetura Moderna Brasileira. A utilização das distintas espécies de madeira com variadas formas de beneficiamento concedem homenagens distintas a Severiano Porto e Mario Emilio Ribeiro, como premiação de "Personalidade do Ano" em 1987 pelo IAB , o destaque na crítica latino-americana e a participação na edição sobre o Brasil na *L'Architecture d'Aujord'hui* 251 em 1987.



Figura 40 - Centro de Proteção Ambiental, 2018.
Fonte: FINOTTI, 2018.

A conservação e /ou reconstrução do prédio estão condicionadas as novas leis ambientais que impedem o manejo artesanal da madeira e tampouco a permanência das soluções construtivas, com o trabalho artesanal e de canteiro. Ainda que permaneçam no lago de Balbina milhares de árvores, elas não tem mais condições de utilização. "Tudo são apenas ruínas"¹⁷, de uma floresta inundada e de um patrimônio arquitetônico perdido. Como manter um edifício desta envergadura e importância diante de tantas limitações e dificuldades? Assim como os *Waimiri-atroari* nasceram de uma chuva de pedra, resistiram a inundação das suas terras, o icônico projeto do CPA resistirá ao tempo? Diante dos sucessivos erros que marcaram a sua história, o projeto arquitetônico permanecerá intocado

¹⁷ Afirmação de Milton Hatoum sobre a Amazônia. Ver em: PROGRAMA Transa Marieta #1 – Milton Hatoum. Entrevistado por: Abilio Guerra, Augusto Massi y Julia Bussius. Transmissão por meio de Facebook, 20 de abril de 2020, video, 2h20m16. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LY6nFtRLteQ>>. Acesso em 20 de Abril de 2020.

pela sua qualidade, ainda que o edifício possa permanecer como um retrato de um tempo para se aprender e seja absorvido pela floresta. Afinal, não somos donos da terra, apenas pertencemos a ela.



6_ [POR UMA] ARQUITETURA [MODERNA] NA AMAZÔNIA

Arquitetura moderna brasileira continua sendo uma abreviatura consagrada e conveniente para designar a obra de uma escola tributária das explorações da vanguarda europeia do anos 1920, mais atenta ao debate italiano do que geralmente se pensa, abertamente influenciada por Le Corbusier e Mies, evidentemente engajada na superação do *International Style* reconciliando tanto expressão de modernidade e tradição quanto de espírito da época e espírito do lugar, no nome mais geral de cultura latina e no nome mais particular de cultura brasileira. A escola não tem prerrogativa de exclusividade nem quanto às reivindicações de expressão de modernidade nem quanto à expressão de nacionalidade, menos ainda o crédito de representar uma essência de nacionalidade, mas é pelo apelo simultâneo a uma consciência do tempo e do território que ela se determina e se estabelece no período de 1930-45. (COMAS, 2002, p.289).

O capítulo final apresenta algumas considerações inconclusivas neste trabalho. A abordagem a ser apresentada é um contraponto das oito indagações apresentadas em "Do Chuí ao Caburaí", com as novas perspectivas propostas pela tese, observadas por este autor, ao revisitar as obras em "O retorno à obra paradigmática". Longe de se encontrar um novo rótulo ou uma verdade absoluta, o contraponto entre as ideias no epílogo é uma metáfora das arquiteturas analisadas, com o que há de mais moderno e brasileiro.

Em que medida a mitificação do personagem Severiano Porto contribui com a arquitetura na Amazônia?

Heroísmo x Processo de trabalho coletivo

A historiografia brasileira valoriza a genialidade individual artística. Essa prática nos remete ao humanismo renascentista. A publicação de 1550 "*Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architettori*"¹ de Giorgio Vasari (1511-1574) dá ênfase a personalidade dos artistas e os seus ecos permanecem até a atualidade. A idealização do arquiteto está presente em *Beaux-Arts* e se implanta no País a partir da Missão Francesa. A Arquitetura Moderna Brasileira é reconhecida pela genialidade de arquitetos que tiveram um papel protagonista desde a sua "incubação até a mutação"² consolidada na construção de Brasília. Com a mudança da capital federal o processo de ocupação do território pelos arquitetos brasileiros se intensifica em razão das novas demandas profissionais. Essa disseminação em grande parte ocorre com os arquitetos formados na FNA, pela condição de atendimento às

¹ VASARI, G. *Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architettori*. Florenza: Appreffo i Giunti, 1568. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=1dkqTr8sWMkC&hl=pt&pg=GBS.PA11-IA2>>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

² COMAS, C. E. D. Moderna (1930 a 1960). In: MONTEZUMA, R. (org.). *Arquitetura Brasil 500 anos: uma invenção recíproca*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, vol.1, cap.3, p.182 -239, 2002.

necessidades institucionais da antiga capital federal. Ainda que em menor escala, a escola paulista também tem um papel importante nessa nova fronteira, principalmente no atendimento das demandas da iniciativa privada em outros Estados.

A mutação na Arquitetura Moderna Brasileira ocorre também no perfil dos escritórios com a transformação de ateliês em empresas. Essa mudança é necessária ao atendimento das demandas profissionais dos empreendimentos surgidos no denominado Milagre Econômico Brasileiro. A criação da AsBEA é materializada em 1973. O escritório SMPAA participa dessa modificação no cenário arquitetônico com sede em Manaus e filial no Rio de Janeiro, chefiadas respectivamente pelos sócios Severiano Porto e Mario Emilio Ribeiro.

A arquitetura elaborada por Severiano Porto é um processo coletivo de produção realizada concomitantemente em duas cidades. A partir da captação e a prospecção de novos clientes, estão afinados na concepção, no desenvolvimento do anteprojeto, do projeto executivo e dos complementares até a execução da obra. Severiano Porto é o porta-voz do escritório e o principal protagonista. Tem um papel decisivo ao captar os clientes no Amazonas. A personalidade extrovertida e a presença constante em eventos nacionais e internacionais, o torna uma referência latino-americana. Em contraponto, Mario Emilio Ribeiro tem uma personalidade introvertida, mas é o responsável pelo desenvolvimento dos projetos de arquitetura com a equipe de arquitetos no Rio de Janeiro. Ainda que um olhar externo possa interpretar ou até julgar sobre um reconhecimento assimétrico entre os dois arquitetos, é importante observar que entre eles, com personalidades distintas há uma harmonia perfeita com o papel de cada um. Além dos dois sócios e dos arquitetos atuantes nas duas cidades, na sala ao lado no edifício Marquês do Herval, está o colega de formatura da turma de 1954, o então professor da UFRJ Roberto Thompson Motta, responsável pela realização dos projetos de acústica e iluminação. Thompson chefia um dos principais escritórios brasileiros de projetos complementares com abrangência nacional. Cabe salientar que o escritório SMPAA funciona de 1968 a 1989 - nos **períodos da consolidação e consagração** de Severiano Porto.

A expressão da materialidade em obras ordinárias como o Restaurante Chapéu de Palha (1967/1968), as residências Recife 1762 (1966/1967), Recife 1435 (1971/1971) e Schuster (1977/1980) e nas extraordinárias Pousada da Ilha de Silves (1978/1984) e Centro de Proteção Ambiental em Balbina (1985/1988) demonstram que além da capacidade projetual dos arquitetos há a habilidade e maestria da carpintaria naval no beneficiamento da madeira, no preparo do concreto armado e também na utilização dos produtos industrializados - muitos

disponíveis na Zona Franca de Manaus. O processo de trabalho é coletivo e envolve as duas unidades do escritório em tempos de comunicação remota. A produção no canteiro e na indústria são catalisadoras para o êxito na execução das obras.

A trajetória individual do personagem Severiano Porto é histórica e icônica. Enquanto versa sobre arquitetura nas conferências e palestras realizadas no Brasil e no exterior, apresenta a discussão urbanística e ambiental em uma Manaus ainda sem cursos de arquitetura. A mitificação promovida pelo Arquiteto no **período da consolidação** é fundamentada em um discurso amparado na propaganda estatal de uma Amazônia selvagem e intocada - ainda que em plena industrialização e desenvolvimento como o restante do País. A crítica internacional fica eufórica com um exotismo amazônico no **período da consagração** que se mostrou frágil na década seguinte. A atual mitificação regional no **período da aposentaria** se revela frágil e anacrônica, sem considerar de fato as obras e projetos realizados que o distinguem na sociedade com um Arquiteto. Todas essas mitificações, em diferentes momentos, são reducionistas e exclucionárias. Enquanto a primeira mostra uma Amazônia fantástica, a segunda idealiza um personagem pelo lado folclórico e personalista, enquanto a terceira não considera a Arquitetura - apenas a tangencia. As mitificações criadas em torno do personagem Severiano Porto não contribuem em nada com a Arquitetura na Amazônia.

O herói criado pelo regionalismo crítico como uma resistência a um inimigo colonialista o transforma em uma caricatura que não contribui com a verdadeira necessidade de um posicionamento arquitetônico coexistente na periferia. A contraposição a opressão eurocentrista [escola carioca - escola paulista] contra o que é da periferia, deve ser feita pelo diálogo, pela qualidade arquitetônica das obras e não pelo exótico ou folclórico como nos mostra Keith Eggner³. Desmitificar o indivíduo permite um afastamento de possíveis discursos ufanistas relativos a sua importância na Amazônia. Na contramão do discurso de Vasari, essa perspectiva possibilita um novo olhar para uma produção arquitetônica coletiva, com os atores do projeto, do canteiro e da obra, e valoriza ainda mais a trajetória de Severiano Porto. É necessário um [re] posicionamento do personagem com o seu escritório SMPAA no quadro geral da Arquitetura Moderna Brasileira. Como nos ilumina Lucio Costa: "A personalidade, em tal matéria, se não é um defeito, deixa em todo o caso de ser uma recomendação."⁴

³ EGGNER, Keith L. **Placing Resistance: A Critique of Critical Regionalism**. Journal of Architectural Education 55, n° 4, May 2002, p.228-237. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1425724>>. Acesso em 15 de novembro de 2020.

⁴ COSTA, L. Razões da nova arquitetura. In COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995, p.111.

É preciso também desconstruir rótulos sobre um pioneirismo na Amazônia. Em "A recuperação do precedente" se observam os trabalhos desenvolvidos por Álvaro Vital Brazil e Oswaldo Bratke com um olhar atento as particularidades. O Hotel Amazonas de Paulo Antunes Ribeiro é a primeira obra publicada internacionalmente da Amazônia, assim como outros projetos e obras de Manaus apresentam destaque nacional antes da chegada do arquiteto a cidade em 1965. Severiano Porto não é o pioneiro na Arquitetura Moderna Brasileira na Amazônia e nem em Manaus, mas o seu principal personagem. Há uma continuidade das experiências precedentes. Isso não é demérito, é uma qualidade.

A arquitetura realizada por Severiano Porto marca o início da arquitetura moderna na Amazônia?

ESTÓRIA x HISTÓRIA

A Amazônia faz parte do imaginário da sociedade moderna. Das guerreiras Amazonas que nomearam o rio na batalha com o explorador espanhol Francisco de Orellana (1511-1546), passando pelo sonho do "El Dorado" amazônico, a busca por um "paraíso" proporcionado pelos programas federais de migração. A região é rica em lendas e exotismo que constroem parte da sua história. A mítica Amazônia é contada a partir de expedições naturalistas realizadas no século XVI. Somente no século XVIII na expedição chefiada por Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), os relatos descritivos sobre as construções indígenas realizados por Antonio José Landi (1713-1791) iniciam uma catalogação construtiva e das cidades amazônicas da colônia portuguesa. Essa investigação arquitetônica permite a Oscar Niemeyer na década de 1940 relacionar a Casa de Baile na Pampulha com a maloca dos índios Curutu no alto Rio Negro.

O relato descritivo é um recurso utilizado desde os Tratados de Arquitetura. A publicação de textos e a circulação das ideias a partir de Johan Gutenberg (1400-1468) no século XV permitem a difusão da arquitetura clássica no mundo moderno. A disseminação de ilustrações e principalmente da fotografia no século XX contribui com a propaganda internacional da Arquitetura Moderna Brasileira a partir de publicações como "*Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 - 1942*". Se o ditado popular afirma que uma imagem vale mais do que mil palavras, no catálogo a qualidade descritiva dos textos não representam as arquiteturas selecionadas para a exposição no MoMA. Se a descrição perde a importância para a imagem, uma boa fotografia pode modificar a história.

Essa separação entre imagem e texto é potencializada na Amazônia com lendas e *estórias* que politicamente são utilizadas como instrumentos de manipulação, seja ao olhar estrangeiro assim como na utilização das limitações geográficas - para uma falsa ilusão aos seus próprios habitantes. Se as tribos indígenas vivenciam as lendas aprendidas com os seus ancestrais, com uma tênue distinção entre o real e o imaginário, a cultura materialista do colonizador e explorador a modificam em benefício próprio, frente ao desconhecimento ainda presente sobre a história da Amazônia.

Na Arquitetura não é diferente. A obra de Severiano Porto é tratada em parte dos ensaios críticos e trabalhos acadêmicos com um certo afastamento das questões inerentes à Disciplina conforme observados na *Fortuna Crítica*. Nesses ensaios realizados nas décadas de 1970, 1980 e 1990 e nos trabalhos acadêmicos a partir do novo milênio não há uma investigação formalista. Ela ocorre parcialmente, pelo "olhar estrangeiro", considerando as informações apresentadas por Porto e muito pelo significado da Amazônia no imaginário. Para o "olhar interno" há em maior parte dos arquitetos, limitações na formação, sem a aderência necessária à Disciplina que tangenciam as questões arquitetônicas e fortalecem a suposta contribuição folclórica. Esse negacionismo da arquitetura é potencializado pela iconologia com um certo reducionismo histórico e as vezes antropológico da arquitetura produzida.

A análise arquitetônica da obra de Severiano Porto permite a [re] visão e o [re] posicionamento da obra produzida, sem uma pretensão ufanista, mas coerente com a Arquitetura Moderna Brasileira. Esse alinhamento está de acordo ao ensaio "Severiano Porto: um arquiteto brasileiro moderno" de Ruth Zein, publicado em 1986 que introduz um contraponto ao discurso corrente da época, mais folclórico e menos atento as qualidades arquitetônicas da obra. A principal contribuição de Severiano Porto para a Amazônia são as suas obras de arquitetura e não as *estórias* que possam ter sido contadas ou criadas a partir de discursos sobre a relação do homem com a floresta. Se a Cobra Grande abandona a mata e passa habitar as profundezas dos rios, Severiano Porto precisa ser [re] conhecido sob a ótica do bom projeto de arquitetura.

A relação entre a paisagem natural e a construída nas obras de Severiano Porto estabelecem uma inovação ou uma tradição na Arquitetura Moderna Brasileira?

NATURAL x ARTIFICIAL

A especificidade geográfica de Manaus a coloca em uma condição especial entre as cidades brasileiras. Localizada no encontro entre os rios Negro e Solimões está isolada das demais capitais em aproximadamente um raio de 2.000km. A altitude de 90,00m em Manaus expressa o caimento mínimo do rio Amazonas em direção a foz no Oceano Atlântico e as características paisagísticas com áreas de várzea formadas pelos barrancos nos rios, igapós e igarapés. Esse cenário de floresta inundada dificulta a exploração da madeira no Amazonas e localiza a maior parte da ocupação e desenvolvimento na capital do Estado. Além disso, a cidade apresenta características similares as grandes metrópoles brasileiras. A industrialização implantada no final dos anos 1960 e a forte tradição naval - inicialmente com os barcos de madeira e atualmente com estaleiros navais com alta tecnologia, refletem na decisões projetuais de Severiano Porto e são um legado para a arquitetura contemporânea na cidade.

Se o Classicismo greco-romano separa o ambiente natural do construído, a Arquitetura Moderna Brasileira o integra. A "Paris dos Trópicos" materializa a superação da engenharia inglesa ao ambiente natural com a sazonalidade dos rios e igarapés sinuosos, com um traçado axial higienista e a implantação de edifícios icônicos. A *Belle Époque* cria um cenário inerente a modernidade de seu tempo, celebrado por uma economia pulsante e uma burguesia sedenta pelo consumo, prazer e futilidades. A fronteira desse mundo urbano, onde tudo é possível - é a floresta, que a isola.

Se a floresta está no limite, ela não é urbana. O desenho da cidade helênica expressa a integração visual da arquitetura a paisagem. Restam alguns fragmentos florestais no perímetro urbano em Manaus nos anos 1960. O imaginário da cidade no coração da floresta amazônica é desmaterializado pela sua ocupação eclética, com uma morfologia urbana convencional e comum as demais cidades brasileiras. Ainda que os igarapés resistam fisicamente, eles são objetos de saneamento urbano.

As obras analisadas de Severiano Porto apresentam um comprometimento entre o espaço natural e artificial com o a pertinência da permanência, ou então, da reconstrução da paisagem na relação entre a arquitetura e a floresta. As obras analisadas do escritório não apresentam inovação neste binômio na Arquitetura Moderna Brasileira. É

possível uma classificação com três configurações para a relação Natural x Artificial: arquitetura em terrenos sem vegetação, arquiteturas em terrenos com vegetação e arquiteturas sem o terreno.

Obras como o Estádio Vivaldo Lima (1965/1971), Residência Recife 1435 (1971/1971), a sede da SUFRAMA (1971/1974), a Agência Manaus do BASA (1970-74/1979) e o Centro de Proteção Ambiental de Balbina (1985/1988) ocupam terrenos que estavam desmatados pela urbanização como condição precedente de negação da paisagem natural. Na residência do arquiteto Severiano Porto são mantidas e plantadas seringueiras e bambuzais para a proteção da fachada oeste. A forma do edifício é rígida. É construído o átrio amazônico que possibilita vivenciar uma paisagem que não existe mais. Dessa maneira, a natureza pode [co] existir dentro do edifício e na cidade. No estádio, o aproveitamento topográfico do terreno é o partido arquitetônico e proporciona a adaptação da complicada morfologia da tipologia para uma maior integração a paisagem do entorno em consolidação. A geometria é contida e resultado da função. Na sede da SUFRAMA a modulação rígida determina uma forma aberta com uma tímida tentativa de [re] construção da paisagem natural no pátio interno e nos jardins externos. A agência do BASA tem uma morfologia resultante da poligonal do terreno e do tecido urbano. Apresenta uma sutil relação com o paisagem natural construída, na utilização da estrutura vegetal como parte do alinhamento predial ao conjunto edificado. Em Balbina, o edifício tem forma livre e Porto propõem a [re] construção de uma paisagem com um pátio interno amazônico e um lago não construído entre as duas alas do projeto.

Os projetos que apresentam uma maior conexão ao ambiente natural são a Residência Recife 1762 (1966/1967), a Residência Schuster (1977/1980) e o setor norte do campus da Universidade (1973-80/1986). Não há organicidade formal. Nesses projetos a paisagem natural é determinante nas decisões do partido arquitetônico e representam com mais intensidade a relação Natural x Artificial. É importante salientar a localização suburbana dessas obras, no momento em que foram projetadas, no limite do perímetro urbano. A primeira residência do arquiteto Severiano Porto em Manaus tem a forma rígida e está disposta sob as copas das árvores do terreno com localização desfavorável em relação a orientação solar, mas panorâmica a piscina natural do igarapé, com o curso retificado em alvenaria e pedra jacaré. Na Residência Schuster a integração é maior ao sítio com a topografia determinando o partido. O posicionamento escalonado no piso de chão batido no térreo define a distribuição em meio-níveis nas plantas e na composição. A forma também é rígida. No setor norte do campus da Universidade a escala é urbana e possibilita diferentes tipologias, com forma rígida, e diálogos possíveis de uma utópica cidade na floresta.

A terceira classificação das obras estudadas apresenta o Restaurante Chapéu de Palha (1967/1968), a sede da PORTOBRÁS (1969/1975) e a Pousada da Ilha de Silves (1978/1984). A forma circular permite uma maior adaptação na localização do edifício ao espaço natural. Essa característica formal permite uma analogia as construções indígenas. Enquanto o restaurante tem a forma circular e é urbano, a PORTOBRÁS e a pousada estão fora do centro de Manaus e Silves e em terrenos as margens do rio Negro e do lago Canaçari. As duas obras apresentam pátios internos que possibilitam uma [re] construção do ambiente natural. O restaurante está situado em zona nobre em Manaus e apresenta a solução formal como uma analogia ao sombrero mexicano. A planta aberta permite uma relativa interação com o espaço natural do terreno potencializado com o chão de areia branca e as árvores. Na PORTOBRÁS a relação com o rio Negro é direta. No pátio interno, definido pela forma circular, não há uma [re] construção da paisagem natural. Em Silves, a implantação privilegia o terraço da piscina e a área de jogos em relação a lago Canaçari, enquanto o bloco principal, em planta circular, está mais recolhido em direção a vegetação do terreno. O pátio interno é potente como o viveiro e estabelece outro tipo de relação com a paisagem natural construída pelo edifício.

A taxa de ocupação nos terrenos dos edifícios analisados na tese é baixa. Essa estratégia é maximizada em projetos em ambiente rural com índices inferiores a 5% do terreno. Ainda assim, nas obras urbanas, os índices permanecem baixos com a construção de uma paisagem natural construída de forma a qualificar os terrenos com permeabilidade, sombreamento e ventilação. Assim há uma relação vital entre o edifício e o ambiente urbano, com uma arquitetura sensível as possíveis mudanças no entorno imediato.

É possível observar nos edifícios analisados diferentes maneiras de relacionar o binômio Natural x Artificial sem apresentarem uma solução padronizada. Por outro lado, é comum em todas as obras a integração visual do edifício com a paisagem natural ou [re] construída e uma preocupação basilar com uma correta solução da implantação do edifício, seja em um contexto da artificialidade urbana ou na paisagem bucólica rural. Características da Arquitetura Moderna Brasileira.

É possível classificar as obras de Severiano Porto como ambientalistas?

DESENVOLVIMENTISMO x AMBIENTALISMO

A proposta desenvolvimentista para o País iniciada por Getúlio Vargas na década de 1930 prevê a integração do Estado com políticas públicas e a crescente industrialização. A migração do campo para a cidade determina a criação de programas habitacionais pelos Institutos de Previdência para controlar o crescente déficit habitacional. Sejam nas construções de habitações ou em obras que melhoram a infraestrutura do País, o desenvolvimentismo está em marcha. Com o Golpe Militar em 1964 e o Milagre Econômico Brasileiro, as obras na Amazônia representam impactos ambientais e sociais que colocam em questionamento o desenvolvimentismo a qualquer custo.

O ambientalismo ganha visibilidade a partir da década de 1950 e intensidade com os desdobramentos da Guerra no Vietnã pelo movimento *Flower Power*. A Conferência de Estocolmo em 1972 e a crise do Petróleo contribuem para a discussão ambiental na sociedade brasileira, frente a crise energética que contribui para a estagnação do País. Na arquitetura, os efeitos dessa estagnação são percebidos na década de 1980 com a redução das obras públicas no processo de redemocratização, com o fim do Banco Nacional de Habitação em 1986 como financiador dos projetos habitacionais e a *Disciplina em Crise*⁵ na chamada década perdida.

No Estado do Amazonas o desenvolvimentismo é intensificado a partir da década de 1950 com a inauguração de diversos edifícios que contribuem com a infra-estrutura industrial. Tem como marco a implantação da Refinaria de Manaus em 1957. A Companhia de Habitação do Amazonas (COHAB-AM) inicia as atividades com o arquiteto Cesar Oiticica em 1965. A partir do Governo Militar e com o início das atividades da Zona Franca de Manaus são percebidas mudanças significativas na Amazônia. Severiano Porto chega nesse momento efervescente do desenvolvimentismo no Amazonas e o ambientalismo crescente no Brasil.

Se a grande parte das pesquisas acadêmicas e ensaios críticos consideram as obras de Severiano Porto como ambientalistas conforme verificado em "A revisão do empenho crítico", a visão panorâmica do universo dos projetos realizados e a análise dos estudos de caso possibilitam outra perspectiva. O discurso de Porto sobre uma arquitetura bioclimática ou ecológica é adequado e necessário frente as dificuldades que existem no Amazonas no

⁵ COMAS, Carlos Eduardo (org.). **Projeto Arquitetônico: Disciplina em crise, disciplina em renovação**. São Paulo, Editora Projeto, 1986.

início da década de 1970, com frequentes racionamentos energéticos e incapacidade geradora para atendimento das demandas de uma Manaus em franca industrialização. Essa dificuldade persiste ao longo da década e somente é minimizada com o início das atividades da UHE Balbina a partir de 1987. Essa dificuldade possibilita um mercado diferenciado ao arquiteto pela qualidade dos projetos arquitetônicos realizados com edifícios ambientalmente qualificados. Nesse cenário se destacam as obras analisadas Residência Recife 1762 (1966/1967), Restaurante Chapéu de Palha (1967/1968), Residência Recife 1435 (1971/1971), Residência Robert Schuster (1977/1980), Pousada da Ilha de Silves (1978/1984) e Centro de Proteção Ambiental de Balbina (1985/1988).

As obras analisadas são anteriores ao funcionamento das operações da UHE Balbina. Essa abordagem é necessária diante da mudança que ocorre na arquitetura em Manaus a partir da década de 1990 com a ampla utilização da climatização artificial em razão dos valores reduzidos dos equipamentos produzidos na Zona Franca. A instalação imediata em edifícios públicos e paulatinamente nos privados determinam uma desadaptação contínua da população local ao clima quente e úmido da cidade. A partir dos anos 1990, a climatização artificial também ocorre nos automóveis, e a boa arquitetura produzida pelo escritório começa a ser substituída, pouco a pouco na cidade, por uma arquitetura do não-lugar realizada por outros profissionais com a solução restrita a uma cara climatização artificial. Além da mudança do comportamento ambiental da população, o crescimento urbano em Manaus elimina o fenômeno das chuvas diárias e determina uma umidade próxima a 30% nos meses de vazante, similar ao cerrado brasileiro.

Se a indústria compromete o comportamento da população da capital amazonense e a sua capacidade de adaptação ao clima, e ela que vai garantir os empregos e a renda para grande parte da população. As obras institucionais de Severiano Porto contribuem com o desenvolvimentismo na Amazônia. A realização de obras públicas como edifícios institucionais, conjuntos habitacionais e de infra-estrutura possibilitam ao escritório a participação no desenvolvimento nos Estados do Amazonas, Roraima, Acre e Rondônia. Entre as obras analisadas, se destacam a sede da PORTOBRÁS (1969/1975), a Agência Manaus do BASA (1970-74/1979), a sede da SUFRAMA (1971/1974) e o setor norte do campus da Universidade (1973-80/1986). Essas obras apresentam qualidade projetual que asseguram a sua utilização, seja em ambientes ventilados ou climatizados artificialmente.

Entre os exemplos analisados na tese, a taxa de ocupação dos edifícios nos lotes são baixas. A exceção é o BASA pelas características encontradas no centro histórico. Como os edifícios estão "soltos nos lotes", possibilitam uma

qualificação ambiental do entorno imediato e ampliam as possibilidades de ventilação cruzada e permeabilidade do solo, de sombreamento com macrocobertura ou estrutura vegetal. A macrocobertura é uma solução recorrente com caráter funcionalista e ambiental. A grande cobertura no remete as construções indígenas utilizadas pelos Yanomamis, assim como na Moita dos Engenhos no período colonial. Se a Arquitetura Moderna Brasileira propõe o uso do *brise-soleil* como proteção para as fachadas tropicais, no Amazonas, 60%⁶ da radiação solar no edifício vem da cobertura. É preciso proteger a quinta fachada. Além da proteção, a possibilidade de exercer atividades sob sol forte ou chuva intensa no período da construção, possibilita a continuidade da execução da obra nos 12 meses do ano, independente das condições climáticas. Observa-se a utilização da macrocobertura e a proteção da quinta fachada em todas as obras analisadas.

A proteção as paredes não ocorre apenas como consequências do uso do beiral, mas uma atitude frente a preservação construtiva a intempérie nos diferentes materiais experimentados. A proteção das janelas é necessária para evitar a entrada direta da luz solar e das chuvas. Além disso há uma especificidade com essa proteção, para que a ventilação seja possível também durante as chuvas, de forma a não impedir o resfriamento climático natural frente a um possível fechamento. A janela de correr não é especificada em nenhum dos estudos de caso em razão da limitação percentual da ventilação em relação a área de abertura, e pela incompatibilidade de uso em caso de chuvas. São especificadas nos projetos janelas maxim-ar e pivotantes, que permitem uma ventilação ampla.

A utilização da planta celular e da planta livre é alternada e pode ocorrer simultaneamente no mesmo edifício. A estrutura para a macrocobertura pode ser independente ou estar vinculada a estrutura portante dos invólucros. Se a planta é livre no térreo na Residência Recife 1762 (1966/1967), Residência Schuster (1977/1980) e Pousada da Ilha de Silves (1978/1984), ela é celular no primeiro piso, seja na barra ou na planta circular. A relação entre a macrocobertura e o invólucro são estruturalmente independentes na Universidade⁷, SUFRAMA, Residência Recife 1435, Residência Schuster, BASA e Balbina.

As obras analisadas apresentam características que não permitem denominá-las apenas como ecológicas. Ainda que parte dessas obras sejam objetos de desejo das disciplinas de Conforto Ambiental nas escolas de arquitetura, essa prática é anterior ao surgimento da departamentalização na formação dos arquitetos no Brasil, e inerente a

⁶ FROTA, A. B. **Manual de conforto térmico**. São Paulo: Editora Nobel, 2001, p.210.

⁷ Com exceção da tipologia Administrativo.

realização de projetos da escola carioca. Roberto Thompson ensina Física nas Construções na UFRJ e contribui com Mario Emilio Ribeiro nas decisões arquitetônicas no escritório do Rio de Janeiro. Mesmo que Severiano Porto seja consagrado pela qualidade ambiental em obras na Amazônia, o arquiteto tem no Estado o seu principal cliente e contribui com o desenvolvimentismo com arquiteturas variadas.

Se obras como Residência Recife 1762, Restaurante Chapéu de Palha, Residência Recife 1435, Residência Robert Schuster, Pousada na Ilha de Silves e Centro de Proteção Ambiental de Balbina são reconhecidas como ícones ambientalistas, obras como o Estádio Vivaldo Lima, sede da SUFRAMA, BASA e a Universidade são representativas do desenvolvimentismo em marcha.

Essa ambiguidade é materializada no arquétipo com uma estética do calor, diferente da escola carioca ou paulista, e naturalmente incompreendida e considerada exótica. A macrocobertura é um elemento de composição presente em todos os estudos de caso com a funcionalidade do abrigo e da proteção. As arquiteturas são abertas e convergentes, similares a simplicidade de um tapiri com a utilização de materiais industrializados da Zona Franca. A complexidade é expressa na adequação do edifício ao clima equatorial, com o uso de técnicas construtivas diversas e os meios disponíveis em uma cidade industrial na Amazônia. O contraste da profundidade dos sombreamentos no pilotis com a presença da macrocobertura plana, inclinada ou curva no entablamento dialogam com as premissas descritas por Lucio Costa em Razões da nova arquitetura. "Sem ser modernista, mas moderna."⁸

É adequado o rótulo de arquiteto da madeira"?

TECNOLOGIA CONSTRUTIVA x RACIONALISMO ESTRUTURAL

Severiano Porto é o arquiteto da madeira? Essa denominação é difundida internacionalmente a partir dos Seminários de Arquitetura Latino-americana (SAL). As duas primeiras edições são encontros de arquitetos na Bienal de Buenos Aires com o objetivo de encontrar um "horizonte cultural comum a todos eles e independente a produção arquitetônica internacional"⁹. Os seminários distinguem as personalidades da arquitetura no continente e demonstram uma diversidade baseada na busca de uma identidade regional com o vínculo a tecnologia

⁸ Como descrito no PS -1991 no texto publicado em: COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. Sao Paulo: Empresa das artes, 1995, p.116.

⁹ MALUENDA, A. ; MÉNDEZ, P. Arquitectura y espacio urbano. SAL 2013 Bogotá: 28 años y 15 convocatorias de Seminarios de Arquitectura Latinoamericana. **Rita - Revista Indexada de Textos Académicos**, Madrid, nº. 1, p.44-47. 2014. Disponível em <<http://oa.upm.es/49035/>>. Acesso em: 25 de julho de 2020.

construtiva ou materiais empregados. Severiano Porto é mencionado como o arquiteto da madeira, enquanto Eladio Dieste, Luiz Paulo Conde e Rogelio Salmona são os arquitetos da cerâmica e Oscar Niemeyer o arquiteto do concreto armado.

Essa definição simplificada limita o universo de obras realizadas pelo seu escritório conforme demonstrado no "O registro da vivência". É possível observar que em somente 30%¹⁰ desses projetos são utilizados sistemas estruturais em madeira. A maior parte das obras são em concreto armado. Além disso, o escritório realiza outras experimentações ao longo da sua atuação como a cerâmica armada, o aço, o alumínio e sistemas de placas autoportantes que demonstram uma versatilidade pouco conhecida na escolha das tecnologias construtivas, conforme a disponibilidade de recursos humanos e econômicos.

Os estudos de caso comprovam que mesmo nas obras com o sistema estrutural em madeira, existem complementações com outras técnicas e materiais. Essa circunstância está relacionada as instalações hidro-sanitárias, ao condicionamento acústico e a maior durabilidade a intempérie. Na Residência Recife 1762 (1966/1967), Residência Recife 1435 (1971/1971) e no Restaurante Chapéu de Palha (1967/1968), o espaço servidor é em alvenaria com estrutura em concreto armado. Na Residência Robert Schuster (1977/1980) algumas vedações externas são em alvenarias, mas inscritas na grelha da estrutura em madeira. As lajes em concreto armado dos sanitários são apoiadas nos pilares em maçaranduba. A Pousada da Ilha de Silves apresenta um sistema estrutural misto com vigas duplas em madeira para sustentação das lajes em concreto armado nos sanitários e alvenarias nas divisórias dos apartamentos do primeiro andar. Em Balbina, os invólucros são vedados com alvenaria cerâmica.

Em contraponto, as obras analisadas com a utilização de sistemas estruturais em concreto armado apresentam uma materialidade mista, seja pelo revestimento ou a vedação com painéis em madeira. No Estádio Vivaldo Lima são utilizados painéis em madeira na fachada leste, painéis metálicos na fachada oeste, e alvenaria com revestimento cerâmico no perímetro das arquibancadas. Na sede da PORTOBRÁS (1969/1975) e na Universidade (1973-80/1986), as vedações nos intercolúnios são realizadas com esquadrias em madeira e vidro. No BASA (1970-74/1979), os muxarabis e a estrutura da caixa de vidro vestem a estrutura portante em concreto armado.

¹⁰ Verificar o Anexo 1.

A materialidade e o sistema estrutural das macroberturas apresentam soluções variadas. Segundo Porto:

Se a cobertura a ser empregada permite ser usada plana ou com pequeno caimento, será assim empregada; se for de fibrocimento será empregada com um pouco mais de caimento; se for de telha de barro, mais ainda, e se for de palha bem mais. E assim sucessivamente com todos os materiais de construção. (PORTO (1976), 1981, p.222).

As telhas em cavaco, utilizadas na proteção da macrocobertura, têm um sistema estrutural independente em madeira em Balbina (1985/1988), enquanto na Pousada da Ilha de Silves (1978/1984) e na Residência Robert Schuster (1977/1980), estão apoiadas na estrutura portante das compartimentações. A palha é fixada nos travamentos da estrutura em acariquara no Restaurante Chapéu de Palha (1967/1968) independente do invólucro em alvenaria. A telha industrial, seja a metálica ou em cimento amianto estão em sistemas estruturais independentes em vários momentos. Na arquibancada superior do Estádio Vivaldo Lima (1965/1971) com os pilares e vigas metálicos treliçados, na Residência Recife 1435 (1071/1971) com as colunas em ordem colossal em itaúba, nos pilares em concreto armado no BASA (1970-74/1979), nos pilares laminados em aço em ordem colossal nas tipologias das salas de aula, laboratórios, áreas de lazer e auditórios na Universidade (1973-80/1986). Cabe salientar que na tipologia administrativo a estrutura metálica da macrocobertura distribui a carga nos pilares em concreto armado.

Por outro lado, a trajetória profissional de Severiano Porto é de um profissional de obras construídas. Ao contrário dos arquitetos brasileiros da fase heróica dos anos 1940, com mais projetos realizados do que obras construídas, Porto é um dos exemplos da Arquitetura Moderna Brasileira onde o projeto, o canteiro e a construção se fundem na produção de arquiteturas de qualidade. O universo das obras observadas e dispostas no Anexo 1 comprovam a sua afirmação: "Arquitetura é obra" (PORTO apud LIMA, 2017, p.82).

É fato consagrado pelas premiações recebidas, a habilidade e maestria com a madeira nas obras de Severiano Porto, seja ela como revestimento, estrutura portante ou vegetal em suas obras. Nesse sentido qualificá-lo como o arquiteto da madeira é coerente com a produção mais difundida e reconhecida como singular. Contudo, simplificar a trajetória profissional a um único material é não considerar o panorama do universo dos projetos realizados. Nos estudos de caso não há a exclusividade por uma única técnica construtiva como se afirma no mencionado rótulo, mas a complementação com outras mais adequadas.

O aprofundamento realizado nesta tese com o contato com os projetos e as obras permitem outras interpretações. É preciso [re] conhecer que independente do material ou tecnologia construtiva, o racionalismo estrutural é o fundamento e mais relevante que qualquer pretensão identitária. Seja com uso da madeira, do concreto, do aço, da cerâmica - e de forma industrial ou artesanal, os estudos de caso permitem afirmar que Severiano Porto é o arquiteto dos materiais apropriados.

É admissível vincular a organicidade nas obras ao uso das curvas no subúrbio em contraponto as retas no ambiente urbano?

CURVA X RETA

A ambiguidade constatada nos estudos de caso permitem abordagens diversas. A utilização da curva e da reta nas obras é um ponto importante a ser observado. Ainda que a curva e a reta sejam distintas em uma conceituação geométrica, para Porto, a utilização de uma, outra ou ambas é uma questão compositiva. Entre os casos analisados, 04 edifícios são em planta circular e elíptica (Estádio Vivaldo Lima, Restaurante Chapéu de Palha, Sede da PORTOBRÁS e Pousada da Ilha de Silves); 06 exemplares em planta ortogonal (Residência Recife 1762, Residência Recife 1435, Sede da SUFRAMA, BASA, Residência Schuster e Setor norte do Campus da Universidade do Amazonas); e 01 exemplo em planta sinuosa (Centro de Proteção Ambiental de Balbina).

Um edifício não se resume a sua planta. As elevações dos projetos escolhidos permitem classificar os edifícios em três configurações distintas entre os planos de piso e a macrocobertura: 06 edifícios com superfícies planas formadas por linhas retas e planos inclinados (Sede da PORTOBRÁS, Residência Recife 1762, Residência Recife 1435, BASA, Residência Schuster e Setor norte do Campus da Universidade do Amazonas); 03 exemplares com superfícies de revolução com diretriz curva e reta como eixo (Restaurante Chapéu de Palha, Pousada da Ilha de Silves e Sede da SUFRAMA) e 02 exemplares com plano de piso inclinado e macrocobertura com seção variável (Estádio Vivaldo Lima e Centro de Proteção Ambiental de Balbina).

Os vazios entre as macrocoberturas e os invólucros nos edifícios também são distintos. A relação entre os planos derivados da curvas e retas configuram uma geometria variada com superfícies prismáticas ou em revolução. Os edifícios podem ser classificados em 4 configurações: prismáticos (Estádio Vivaldo Lima, Residência Recife 1762, Residência Recife 1435, BASA, Residência Schuster e Setor norte do Campus da Universidade do Amazonas),

cilindro oco (Sede da PORTOBRÁS), cônicos (Restaurante Chapéu de Palha), elipse cônicos (Pousada da Ilha de Silves e Centro de Proteção Ambiental de Balbina).

Separar a análise do plano e do volume permite observar o papel da estrutura portante da macroestrutura na definição da forma arquitetônica, como uma ossatura protegida pelo revestimento e uma carenagem no telhado, seja com a palha, a telha industrial, o cavaco em madeira ou o concreto armado. Por vezes, essa malha se apoia em estrutura independente em outras não. Ainda que a diretriz da superfície possa ser uma curva, a ossatura da macroestrutura é formada por linhas com os componentes estruturais: nos perfilados metálicos no Estádio Vivaldo Lima, nas peças em cedro na Residência Recife 1762, nas peças em acariquara no Restaurante Chapéu de Palha, nas vigas em concreto armado na Sede da PORTOBRÁS, nas peças em itaúba na Residência Recife 1435, nas vigas-calhas em concreto armado na Sede da SUFRAMA e no BASA, nas peças em maçaranduba na Residência Schuster, nas peças em cupiúba na Pousada na Ilha de Silves, nos perfis laminados em aço no Setor norte do Campus da Universidade do Amazonas e nas variadas espécies de madeira leve no Centro de Proteção Ambiental de Balbina.

Nas obras da Sede da SUFRAMA, Pousada na Ilha de Silves e Centro de Proteção Ambiental de Balbina as relações entre curva e reta são mais intensas. Na sede da SUFRAMA, a planta modular e rígida é contrastada com uma sucessão de troncos de pirâmides ocas, com arestas arqueadas da macroestrutura modulada. Na Pousada na Ilha de Silves, a planta é circular com um deslocamento linear do eixo do círculo do jardim interno, e a configuração de um desenho inovativo na macrocobertura gerada por pórticos em madeira como se fossem linhas radiais. No sinuoso Centro de Proteção Ambiental de Balbina, a curva presente na macrocobertura polariza com a linha reta determinante dos invólucros.

Não há vínculo da sinuosidade com a condição urbana ou rural. A curva e a reta estão presentes nas obras em diferentes condições e ambientes de forma racional e pragmática.

É aceitável denominar as arquiteturas de Severiano Porto como parte do regionalismo crítico?

UNIVERSAL x [REGIONAL] REGIONALISMO CRÍTICO X INTERNACIONALISMO CRÍTICO

A Guerra das Malvinas em 1982 expõe a fragilidade sul-americana diante do poderio bélico britânico. No conflito de 74 dias, a derrota argentina expõe um sentimento de fragilidade de uma nação subdesenvolvida, mas

socialmente a derrota determina uma série de mudanças no ambiente político que atingiriam todo o continente. A redemocratização dos países latino-americanos na década de 1980 permite um ambiente cultural propício para encontros e trocas. Ainda assim, a crise econômica atinge a arquitetura brasileira nessa década. A falta de perspectivas profissionais comprometem a continuidade de algumas das empresas fundadoras da AsBEA, entre elas a própria SMPAA. A produção acadêmica passa a ser uma oportunidade para exercer reflexões arquitetônicas diante das dificuldades. Em paralelo a conturbada situação do continente, Paul Ricouer versa sobre a polaridade entre "a cultura enraizada, de um lado e a civilização universal de outro"¹¹. O casal Alexander Tzonis e Liane Lefaivre manifestam uma "resistência à modernização na arquitetura"¹² e posteriormente Kenneth Frampton apresenta o celebrado regionalismo crítico. Para construir uma resistência é preciso eleger os heróis e os vilões.

As revistas de arquitetura "Projeto" e "Summa" são fundamentais na difusão da arquitetura em seus países. Além disso, realizam matérias conjuntas entre elas e com outras revistas estrangeiras. Vicente Wissenbach e Jorge Glusberg são personagens importantes na aproximação cultural entre os dois países. A *Bienal de Arquitectura de Buenos Aires* e posteriormente o SAL estabelecem um fórum necessário e pertinente para discussões acerca da arquitetura no continente. Glusberg se torna um embaixador na difusão da arquitetura latino-americana, seja em exposições na Europa ou no fomento para publicações de ensaios e livros de diversos autores.

Os encontros realizados com arquitetos e pesquisadores, inicialmente relacionados à Bienal de Buenos Aires e a partir da terceira edição de forma independente, são fundamentais para as obras de Marina Waisman, Lala Mosquera e Ruth Zein sobre a identidade e arquitetura no continente. Enrique Browne e Cristián Fernández Cox apresentam contribuições balizadoras que abordam uma "outra arquitetura"¹³ no continente com uma "modernidade apropriada"¹⁴.

Em paralelo ao debate regionalista, Alan Colquhoun desmancha a utopia vernácula em "Regionalismo e Tecnologia"¹⁵ diante do capitalismo internacional moderno com as tradições nacionais arraigadas em instituições e

¹¹ RICOUER, Paul. **História e Verdade**. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

¹² TZONIS, Alexander; LEFAIVRE, Liane. **The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis**. In: *Architecture in Greece*. Athens: 1981. p. 178.

¹³ BROWNE, Enrique. **Otra Arquitectura en América Latina**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1988.

¹⁴ FERNÁNDES COX, Cristián. ¿Regionalismo crítico o modernidad apropiada? **Summa**, Buenos Aires, 1988, p. 63 q 67.

¹⁵ COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e Tradição Clássica: ensaios sobre arquitetura 1980-87**. São Paulo, Editora Cosac & Naify, 2004. P.197-200.

atitudes. Keith Eggenner destaca em "*Placing resistance: A critique of Critical Regionalism*" que o regionalismo crítico é capaz de criar um mito como Luíz Barragan parecer mais uma xamã do que um arquiteto com sofisticação cultural, astuto senso de negócios e aspirações de participar de uma vanguarda internacional.¹⁶ Com Severiano Porto não foi e nem é diferente. A adequação proposta por Jean Louis Cohen com o internacionalismo crítico é coerente pela alteração de uma posição de resistência frente a ameaça de uma modernização homogênea para um diálogo com o capitalismo e inserindo-se nas redes culturais das diferentes cidades e regiões.¹⁷

A Semana da Arte Moderna em 1922 propõe a valorização de uma identidade nacional e a ruptura com a dependência acadêmica, alinhada aos movimentos artísticos da vanguarda européia. Lucio Costa propõe essa mudança na sua tentativa frustrada como Diretor da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) em 1930, mas a partir de "Razões da Nova Arquitetura" (1934) inicia a transformação cultural na arquitetura brasileira. Costa considera que a arquitetura acadêmica é marcada pelo "esforço do homem enquanto a nova arquitetura é resultado da indústria". Com aspecto industrial e ausência de ornamentação ela "rejeita a ideia de um modernismo internacional que se nacionaliza, contrapondo-lhe a ideia de uma expressão local que se internacionaliza"¹⁸. Nessa condição o suposto antagonismo entre a universalidade proporcionada pela globalização de novos sistemas construtivos pela indústria com a identidade estabelecida pelo que é autêntico [co] existem na Arquitetura Moderna Brasileira.

A denominação regionalista para as obras de Severiano Porto é recorrente e comprovada no capítulo "A revisão do empenho crítico". Essa afirmação é parcial e limita as obras realizadas a uma abrangência local, de resistência primitiva, e por vezes, até estilística. Esse rótulo também pode ser classificado como pejorativo, no sentido de classificá-las como algo menor, que não estão com o mesmo desenvolvimento de outras reconhecidas no seu tempo como paradigmáticas. Porto não pretende criar nas décadas em que atua uma nova escola na arquitetura brasileira, mas valorizar uma identidade construtiva, com as particularidades existentes em cada região do País com soluções universais de forma a inseri-las em uma vanguarda internacional. O contraponto da regionalidade no

¹⁶ EGGNER, Keith L. **Placing Resistance: A Critique of Critical Regionalism**. Journal of Architectural Education 55, nº 4, May 2002, p.228-237. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1425724>>. Acesso em 15 de novembro de 2020.p.235.

¹⁷ COHEN, Jean-Louis. **O futuro da arquitetura desde 1889: Um história mundial**. São Paulo, Editora Cosac & Naify, 2013. P. 437.

¹⁸ COMAS, Carlos Eduardo. **Precisões brasileiras: sobre um estudo passado da arquitetura e urbanismo modernos. A partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & cia, 1936-1945**. Tese de Doutorado. Universidade de Paris VIII - Vincennes - Saint Dennis, 2002.Volume 2, p.91.

discurso de Severiano Porto é em relação às arquiteturas do não-lugar que ocorrem de forma desqualificada em Manaus, São Paulo, Paris ou Manacapuru.

As suas obras distinguem a variedade da Arquitetura Moderna Brasileira. É ratificada pela forma como os projetos são realizados em outra latitude com a mesma atitude como um "perfil de arquiteto"¹⁹. Não é a materialidade que define ou as classifica, mas o comportamento dos arquitetos do escritório de Porto nas variadas situações. Severiano Porto reforça essa argumentação ao afirmar que o melhor exercício projetual para estudantes na faculdade seria "desenvolver uma habitação em uma localidade distinta como a Antártica".²⁰ A análise do clima, das técnicas construtivas, dos materiais e dos recursos disponíveis são universais e determinantes em qualquer localidade.

Os estudos de caso comprovam uma complexidade maior nas obras que uma denominação simplista e determinada. Há ambiguidade nos princípios consagrados pela Arquitetura Moderna Brasileira com as particularidades que a diferenciam como especial, não pela materialidade empregada, mas pelo meio como são construídas. Essa condição as promovem a um outro significado: representam os princípios universais presentes na Arquitetura Moderna Brasileira na Amazônia. Acima de tudo, são arquiteturas internacionais.

As obras de Severiano Porto são vernaculares?

ARTESANAL x INDUSTRIAL

As obras realizadas por Severiano Porto apresentam diferenças na materialidade, na escolha da técnica construtiva apropriada, no diálogo com a paisagem natural e em programas para diferentes públicos. Entretanto há uma particularidade comum entre elas: são arquiteturas que transitam entre a primazia da lógica industrial e a sedução do toque artesanal. Estão posicionadas em uma linha tênue que valoriza desde a habilidade do caboclo e do artesão como uma parte responsável pela expressão dos materiais, até a impessoalidade fabril na produção seriada. Seja com o homem no canteiro ou na indústria, as obras analisadas flertam com essas duas realidades amazônicas e permitem afirmar que a ambiguidade as tornam especiais. Não se trata de determiná-las como rústicas ou sofisticadas: são ambas com diferentes gradações.

¹⁹ ZEIN, R.V. Severiano Mário Porto, um arquiteto brasileiro moderno. **Projeto**, Projeto Editores, São Paulo, n.83, 1986, p.45.

²⁰ PORTO, Severiano. **Depoimento**. Entrevista realizada por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

Na Residência Recife 1762 (1966/1967), o tratamento artesanal no beneficiamento dos pilares no pilotis é contrastado com a precisão das peças industrializadas no primeiro andar. O beneficiamento em serraria dos montantes das fachadas, nas tábuas macheadas nas divisórias e no piso nas régua reguláveis em cedro nas esquadrias e contrastado com o acabamento realizado com a enxó nos pilares no pilotis. No Restaurante Chapéu de Palha (1967/1968), a textura natural das palhas na cobertura e da estrutura portante em acariquara são contrapostas com a produção de peças hexagonais e pré-fabricadas em concreto para o piso do salão principal. Na Residência Recife 1435 (1971/1971) são pré-fabricados elementos vazados em concreto para o Átrio Amazônico e utilizadas telhas industriais, assim como colunas colossais em itaúba com aplicação de cera de abelha e pilares desbastados com a enxó e aplicação do verniz naval. Na Residência Schuster (1977/1980), a telha em cavaco tem o corte e a superfície plana assim como as esquadrias e piso macheado, enquanto os pilares e as tábuas de friso são desbastados com a enxó com aplicação de verniz naval. Na Pousada da Ilha de Silves (1978/1984), a rusticidade do piso cimentado em xadrez vermelho ou amarelo, e da estrutura portante em madeira estão em harmonia com o acabamento apurado dos mobiliários nos apartamentos. Em Balbina, a imponente macrocobertura é contrastada com a leve estrutura das coberturas dos invólucros, com peças serradas em madeira com seção industrial vedadas com cristal.

A expressão das fôrmas em azimbre na estrutura em concreto aparente dos pilares no Estádio Vivaldo Lima (1965/1971) dialogam com os perfis metálicos que remetem a grafismos indígenas no Pavilhão Social. A paginação da pedra jacaré no embasamento na sede da PORTOBRÁS (1969/1975) está em conformidade com a precisão da geometria pura definida pela estrutura em concreto aparente. A repetição do módulo rígido executado *in loco* e a macrobertura piramidal em concreto armado aparente, na sede da SUFRAMA (1971/1974), concordam com os painéis industriais nos invólucros para a vedação no plano vertical e horizontal. No BASA (1970-74/1979), a textura do muxarabi e dos painéis em *fiberglass* compõe a estereotomia na fachada em cristal enquanto o troncos em macacáuba dos pórticos contrastam com o acabamento em pintura acrílica nos pilares em concreto armado. Na Universidade (1973-1980/1986), a montagem artesanal das esquadrias em madeira nos intercolúnios na estrutura em concreto armado acolhem os perfis laminados em aço fixados com parafusos usinados de alta resistência na estrutura metálica.

A materialidade que identifica Severiano Porto é também determinante no trabalho de José Zanine Caldas (1919-2001) e Sergio Rodrigues (1927-2014). Zanine não tem uma formação oficial, mas realiza maquetes aos principais escritórios de arquitetura no Rio de Janeiro nas décadas de 1940 e 1950. Funda em 1948 os "Móveis artísticos Z" com a fabricação de móveis à classe média. Torna-se professor de maquetes na UnB e após a cassação em 1964, começa a construir casas no Joá para uma burguesia carioca simpática ao ambientalismo.²¹ Algumas dessas casas reutilizam madeiras reutilizadas, de sobrados demolidos no centro do Rio de Janeiro e ganham visibilidade em tempos de contracultura. É perseguido pelo sistema CONFEA/CREA por exercício ilegal da profissão.

Sergio Rodrigues é reconhecido pelo seu mobiliário autêntico. Formado na FNA em 1951 funda quatro anos mais tarde a loja "Oca" no Rio de Janeiro. O mobiliário é refinado e resultado das experiências anteriores acumuladas em Curitiba e São Paulo.²² A proximidade com o desenho industrial e a fabricação seriada motivam a realização da "Casa individual pré-fabricada"²³ exposta em 1960 no Museu de Arte Moderna (MAM) no Rio de Janeiro.

Zanine privilegia a madeira *in natura*, crua e reaproveitada, enquanto Rodrigues opta pela madeira refinada, cozida e industrializada. Severiano Porto transita nesses dois universos. Se Zanine e Rodrigues são arquitetos da madeira, já vimos que Porto é o dos materiais apropriados. A análise formal realizada na tese demonstra uma paleta de gradação, da rusticidade ao refinamento, por vezes na mesma obra. Ensina-nos que rotular uma produção arquitetônica a uma materialidade, a um modelo de desenvolvimento ou de produção de meios é uma simplificação desnecessária, pelo menos para essa tese, diante da complexidade observada nas obras analisadas do arquiteto. A arquitetura produzida no seu escritório não é cru ou cozida, artesanal ou industrial, ambientalista ou desenvolvimentista. Apenas é o que deve ser.

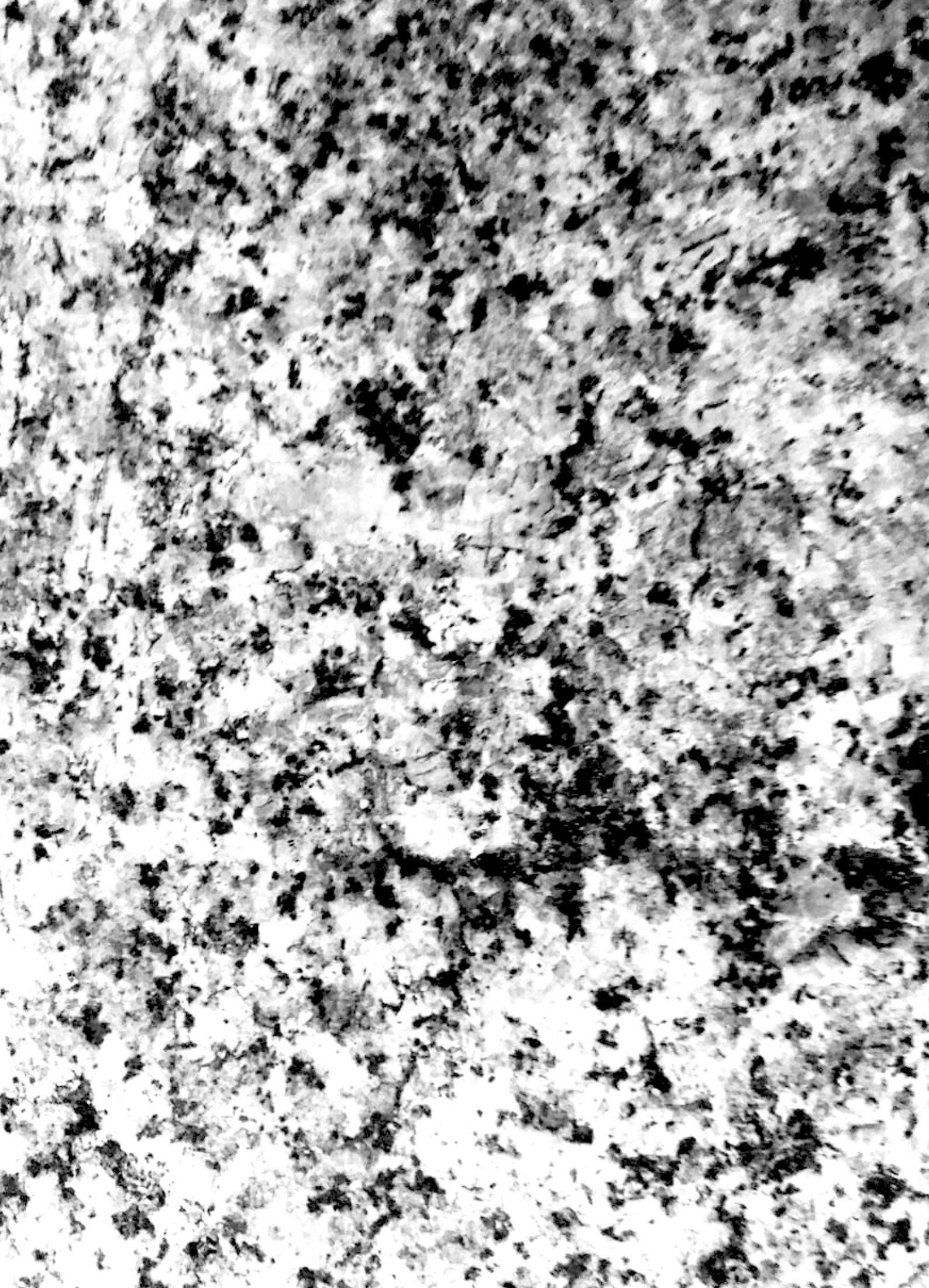
A construção de uma arquitetura que dialoga com o artesanal e o industrial é intensificada com a variedade das texturas nas materialidades empregadas. A mão de obra do caboclo é exercida para a produção em série com materiais naturais, assim como o produto industrializado é personalizado em uma relação harmônica de materiais e técnicas construtivas. Se a mão de obra artesanal da construção naval executa de "voadeiras" a "barcos de recreio" com as madeiras da floresta, ela também se qualifica e executa nos grandes estaleiros da cidade, a construção de

²¹ CATALOGUE d'exposition Zanine, l'architecte et la forêt. Paris: Musée des Arts décoratifs, 1989, p.7.

²² LUZ, A. **Fortuna crítica Sergio Rodrigues**. Rio de Janeiro: Instituto Sergio Rodrigues, 2018, p.66.

²³ PONTUAL, A.; VASCONCELOS, M.; WEYNE, G. **Casa individual pré-fabricada**. Catálogo da exposição. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1960.

"chatas", "puxadores" e iates com a precisão milimétrica exigida pela indústria com o uso de metais. Na arquitetura de Severiano Porto as relações existentes entre a enxada e a chave catraca mostram uma arquitetura adaptada ao meio, não somente pelo clima, mas no pertencimento daquilo que a torna distinta e original. Porto não é vernacular, é erudito.



REFERÊNCIAS

Livros:

- ANDRADE, M. de. **O turista aprendiz**. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes. Brasília: IPHAN, 2015.
- ANELLI, R. *et al.* **Rino Levi**. Arquitetura e Cidade. 2 ed. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2019.
- ARRUDA, Â. (Org); MARAGNO, G.; COSTA, M. **Arquitetura em Campo Grande**. Campo Grande: UNIDERP, 1999.
- BASTOS, Luiza. *et al.* **Banco da Amazônia 70 Anos**. Belém: PLW Projetos e Linguagens; Banco da Amazônia, 2012.
- BASTOS, M.A.J. **Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BASTOS, M.A.J.; ZEIN, R.V. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BATISTA, D. O Sanatório Adriano Jorge. In: BATISTA, Edith Limongi (org) *et al.* **Artigos & Crônicas**. Manaus: EDUA, p.186-196. 2016.
- BERGDOLL, B.; COMAS, C. E. D.; LIERNUR, J. F.; DEL REAL, P. **Latin America in Construction: Architecture 1955 - 1980**. New York: MoMA, 2015.
- BIERMANN, V. *et al.* **Teoria da Arquitetura**. Do renascimento aos nossos dias. Lisboa: Taschen Editora, 2003.
- BILL, M.; JEANNERET, P.; DAKIN, A. J. **Le Corbusier & P. Jeanneret: oeuvre complète, 1934-1938**. Editions Girsberger, 1951.
- BRITO, R. M. de. **100 anos UFAM**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011.
- BROWNE, E.. **Otra arquitectura en América Latina**. México: Ed. Gustavo Gili, 1988.
- BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- CARRANZA, L. E.; LARA, F. L. **Modern Architecture in Latin America: Art, Technology, and Utopia**. Austin: University of Texas Press, 2015.
- CAVALCANTI, L. **Quando o Brasil era moderno: guia de Arquitetura 1928-1960**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- COHEN, J.L. **O futuro da arquitetura desde 1889: Um história mundial**. São Paulo, Editora Cosac & Naify, 2013.
- COLQUHOUN, A. **Modernidade e Tradição Clássica: ensaios sobre arquitetura 1980-87**. São Paulo, Editora Cosac & Naify, 2004.
- COMAS, C.E.D. ; ADRIÀ, M. **La casa latinoamericana moderna: 20 paradigmas de mediados de siglo XX**. Barcelona: GG, 2003.
- COMAS, C.E.D. (org.). **Projeto Arquitetônico: Disciplina em crise, disciplina em renovação**. São Paulo, Editora Projeto, 1986.

- CAMPANINI, R. **Architettura e tecnica degli Impianti Sportivi**. Milão: Antonio Vallardi, 1950.
- CONDURU, R. **Vital Brazil**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2000.
- CORBUSIER, Le (1923). **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CORONA, E.; LEMOS, C. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: Coleção Romano Guerra, 2017.
- COSTA, L. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- CUNHA, E. **À margem da história**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional - Departamento Nacional do Livro, 1922. Disponível em: <https://www.euclidesdacunha.org.br/abl_minisites/media/AMARGEMDAHISTORIA.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2019.
- CURTIS, W. J. **Modern architecture since 1900**. London: Phaidon, 1996.
- DE OLIVEIRA, J. A. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Editora Valer, 2003.
- DUARTE, D. **Manaus entre o passado e o presente**. Manaus: Editora Mídia Ponto Comum, 2009.
- FAUSTO, C. **Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil. 2011-2016**. [S.l. , s.n.]. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org>>. Acesso em: 4 de abril 2020.
- FICHER, S.; ACAYABA, M. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.
- FRAMPTON, K. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **A Genealogy of Modern Architecture**. Comparative Critical Analysis of Build form. Barcelona: Zurick: Lars Müller Publishers, 2001.
- FREYRE, G.(1933) **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Global Editora, 2006.
- FROTA, A. B. **Manual de conforto térmico**. São Paulo: Editora Nobel, 2001.
- GAGLIARDI, V. **1 ABA - Arquitetura Brasileira do Ano/Rio de Janeiro, GB/1967-68**. Rio de Janeiro: ABA-CAB, 1969.
- GALVÃO, W.; GALOTTI, O. (org.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: Editora da USP, 1997.
- GAUTHEROT, M. **Norte**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009.
- GRANDIN, G. **Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2010.
- HATOUM, M. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HOLANDA. S. B. de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1976.

- INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS. **Manaus: memória fotográfica**. Manaus: SUFRAMA, 1985.
- LATOUR, A. **Louis I. Kahn: Writings, lectures, interviews**. New York: Rizoli International Publications, 1991.
- LIGTELIJN, V. **Aldo van Eyck, Works**. Basel, Boston e Berlim: Birkhäuser, 1999.
- LIMA, F. A. de O. **Soldados da borracha: das vivências do passado às lutas contemporâneas**. Manaus: Editora Valer, 2013.
- LORES, R. J. **São Paulo nas alturas: a revolução modernista da arquitetura e do mercado imobiliário nos anos 1950 e 1960**. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2017.
- LUZ, A. **Fortuna crítica Sergio Rodrigues**. Rio de Janeiro: Instituto Sergio Rodrigues, 2018.
- MAHFUZ, E. da C. **Ensaio sobre a razão compositiva**. Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.
- MALUENDA, A.E. **La arquitectura moderna en Latinoamérica**. Antología de autores, obras y textos. Barcelona: Reverté, 2016.
- MARTINEZ, A. C. **Ensayo sobre el proyecto**. Buenos Aires, CP67, 1998. 3 ed. Buenos Aires: CP67, 1998.
- MELLO, M. E. A. de S. **O império comercial de J.G. Araújo e seu legado para a Amazônia (1879-1989)**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010.
- MESQUITA, O. **Manaus: História e Arquitetura - 1852-1910**. Manaus: Editora Valer, 2006.
- MINDLIN, H. **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999.
- MONTANER, J. M. **Arquitetura e crítica**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1999.
- _____. **Depois do movimento moderno. Arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- MONTEIRO, M. Y. **Roteiro Histórico de Manaus**. Manaus: EDUA, 1998.
- NESBITT, K. (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- OLIVEIRA, A. **Os três porquinhos**. [S.l.]: Lpc, 2020. Disponível em: <<https://www.baixelivros.com.br/infantil/os-tres-porquinhos-alfredo-oliveira>>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.
- OLIVEIRA, J.A. **Cidades na selva**. Manaus: Valer, 2000.
- ORTNER, R. **Construcciones Desportivas**. Barcelona: AHR, 1957.
- FERREIRA, A. R. **Viagem Filosófica ao Rio Negro**. Manaus: EDUA, 2007.
- PALLADIO, A. **I quattro libri dell'architettura**. Veneza: Il Polifilo, 1980.
- PÁSCOA, L. **As artes plásticas no Amazonas: o Clube da Madrugada**. Manaus: Editora Valer, 2011.

- PIÑÓN, H. **Teoria do Projeto**. Traduzido por Edson Mahfuz. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.
- PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- RIBEIRO, B. A. **Vila Serra do Navio: Comunidade urbana na Selva Amazônica: Um projeto do arquiteto Oswaldo A. Bratke**. São Paulo: Editora Pini, 1992.
- RICOUER, P. **História e Verdade**. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
- RODRIGUES DE CAMPOS, E.. A arquitetura brasileira de Severiano Mario Porto. **Arquitextos**, São Paulo, ano 04, n. 043.08, Vitruvius, dez. 2003. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.043/631>>. Acesso em: 14 de setembro de 2017.
- SANTIAGO, R. C. **Manaus 1965: Da Floresta e das águas**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas - SEC, 2009.
- SANDERSON, W. (ed.). **International Handbook of Contemporary Developments in Architecture**. Westport, CONN.: Greenwood Press, 1981.
- SANTOS, C.; PEREIRA, M.; PEREIRA, R.; DA SILVA, V. **Le Corbusier e o Brasil**. São Paulo: Tessela/Projeto, 1987.
- SERLIO, S. **I Settimo Libro dell'Architettura**. [S.l.]: Bologna, 1987.
- SEGAWA, H. ; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke: a arte de bem projetar e construir**. São Paulo: PW Editores, 2012.
- SEGAWA, H.; SANTOS, C.; ZEIN; R.. **Arquiteturas no Brasil/Anos 80**, Sao Paulo: Projeto, 1988.
- SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. 2.ed. São Paulo: Ed.Universidade de São Paulo. 1999.
- _____. **Arquitetura latinoamericana contemporânea**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.
- SILVA. G.G.da. **Arquitetura do Ferro no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1986.
- TANGE, K. *et al.* **Kenzo Tange, 1946-1969: Architecture and Urban Design**. New York: Praeger Publishers, 1970.
- TOGNON, M.. **Arquitetura italiana no Brasil: A obra de Marcelo Piacentini**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- TZONIS, A.; LEFAIVRE, L.; STAGNO, B. (Ed.). **Tropical architecture: critical regionalism in the age of globalization**. London: Academy Press, 2001.
- VASARI, G. **Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architettori**. Florenza: Appreffo i Giunti, 1568. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=1dkqTr8sWMkC&hl=pt&pg=GBS.PA11-IA2>>. Acesso em 12 de agosto de 2020.
- VIOLLET - LE -DUC, E. **Dictionnaire Raisoné de l'architecture française de Vie au XVIe siècle**. Project Gutenberg eBook. Salta Lake City: Proofreaders Europe, 2009. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/30781/30781-h/30781-h.htm>>. Acesso em: 13 de setembro de 2020.
- VITAL BRAZIL, Á. **50 anos de arquitetura**. São Paulo: Editora Nobel, 1986.

VON DER MÜHL, H.R. **Kenzo Tange**. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

WAISMAN, M.; NASELLI, C. **10 Arquitetctos Latinoamericanos**. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes, 1989.

WISNIK, G. **Lucio Costa**. São Paulo: Cosac Naify Edições, 2001.

XAVIER, A. (org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2003.

ZEIN, R. V. **O lugar da crítica: Ensaio oportunos de Arquitetura**. Porto Alegre: Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 2001.

Artigos e capítulos de Livros:

AB'SABER, A.N. A cidade de Manaus (Primeiros estudos). **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 15, p18-45, 1953.

ACAYABA, M. A premiação brasileira na Bienal de Buenos Aires. **Projeto**, São Paulo, n.77, p.51-52, julho 1985.

AMAZÔNIA é Brasil. Brasília: Vitória Régia Editora, n.1, 1968.

BO BARDI, L. Amazônas, o povo arquiteto. **Habitat**, São Paulo, nº. 1, p. 68-71, out/dez 1950.

BRUNA, P. J. V. Severiano Porto. **Grove Art Online**. Oxford University Press, January 2003/01. Disponível em: <<https://www.oxfordartonline.com/groveart>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2019.

CARDOZO, J. As casas sobre palafitas do Amazonas. In: Macedo, D.M.; Sobreira, F.J.A. (Orgs.). **Forma estática - forma estética : ensaios de Joaquim Cardozo sobre Arquitetura e Engenharia**. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, p.115-116, 2009.

CERETO, M. Clássicos da Arquitetura: Residência Recife / Severiano Porto. **ArchDaily Brasil**, São Paulo, Outubro de 2016. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/797549/classicos-da-arquitetura-residencia-recife-severiano-porto>>. Acesso em: Acessado 14 Julho de 2017.

_____. Amazônia moderna. A criação do Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia – SAMA. **Drops**, São Paulo, ano 16, n. 102.01, Vitruvius, mar. 2016 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/16.102/5951>>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

_____. Estádios brasileiros de futebol: Uma reflexão modernista? In: SEGAWA, H. (org.). **Anais do 5º Seminário Docomomo Brasil: Arquitetura e Urbanismo Modernos: Projeto e Preservação**. São Carlos: USP, 2003. Disponível em <<http://docomomo.org.br/course/5-seminario-docomomo-brasil-sao-carlos/>> Acesso em: 13 de fevereiro de 2020.

_____. Park Hotel e Recife 1762: relação íntima entre o pitoresco e o moderno. In: **Anais do IV ENANPARQ**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <<https://enanparq2016.files.wordpress.com/2016/09/s28-02-cereto-m.pdf>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

_____. Severiano Porto: The World Cup lost. In: TOSTÕES, A. *et al* (ed.). **Proceedings of the 13th International Docomomo Conference - Expansion & Conflict**. Seoul: Docomomo Korea, p.136-139, 2014.

_____. Severiano Porto Arquitetos Associados: Un resgate necessário. **Revista RD2**, La Plata, n.89, p. 114-120, 2020. Disponível em: <<https://www.capbadistrito2.com/revista-rd2>>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

CERETO, M.; ESPINOSA, V. Chapéu de Palha: a madeira na arquitetura de Severiano Porto. In: **Revista da Academia Amazonense de Letras**, AAL, Manaus, n. 36, p.15 a 30, 2017.

CERETO, M.; LOPES, B. Pousada na ilha de Silves: A arte de construir na Amazônia. In: NAMA (org.). **II Seminário de arquitetura moderna na Amazônia - II SAMA**. Palmas, Universidade Federal do Tocantins, 2017. Disponível em: <https://nucleoama.weebly.com/uploads/7/0/0/2/70024539/pousada_na_ilha_de_silves_1.pdf>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.

CERETO, M.; SANTOS, L.; ESPINOSA, V. Um "Palácio de Cristal" na Amazônia. In: AFONSO, A. (org.). **Modernidade no Norte Nordeste: o diálogo entre arquitetura, tectônica e lugar**. Teresina: EDUFPI/Editora Gráfica Cidade Verde, cap.1, p.13-36, 2017.

_____. Recife, 1762 e 1435. Considerações sobre a permanência e o transitório nas duas casas de Severiano Porto. In: MOREIRA, F.D. (org.). **Anais do 11 Seminário DOCOMOMO Brasil**. Recife: UFPE, 2016. Disponível em: <http://seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/sessao%2018/DOCO_PE_S16_CERETO_SANTOS_ESPINOSA.pdf>. Acesso em: 13 de setembro de 2020.

COLQUHOUN, A. O conceito da regionalidade. **Projeto**, São Paulo, Projeto, n. 159, p. 77-?, dezembro de 1992.

COMAS, C. E. D. Moderna (1930 a 1960). In: MONTEZUMA, R. (org.). **Arquitetura Brasil 500 anos: uma invenção recíproca**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, vol.1, cap.3, p.182 -239, 2002.

_____. Uma certa arquitetura moderna brasileira: experiência a reconhecer. In: GUERRA, A. (org.) **Textos Fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Romano Guerra, 2010, vol.1, p.63-78.

_____. Protótipo e monumento, um ministério, o Ministério. In: GUERRA, A. (org.). **Textos Fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Romano Guerra, 2010, vol.1, p.79-108.

_____. O Esgotamento do Regionalismo. In: **AU**, PINI, São Paulo, n. 48, p. 25-?, jun/jul de 1993.

_____. Arquitetura moderna, estilo campestre. Hotel, Parque São Clemente. **Arquitextos**, São Paulo, ano 11, n. 123.00, Vitruvius, ago. 2010 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.123/3513>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

_____. Niemeyer e o Maracanã: 1936-2011. **Arquitexto**, UFRGS, Porto Alegre, n.17, p. 16-63, 2011.

COSTA, G. G. da; SILVA FILHO, A. da. Campus da UFAM em Manaus: especificidades da construção. In: NAMA (org.). **I Seminário de arquitetura moderna na Amazônia - I SAMA**. Manaus, Universidade Federal do Amazona, 2016. Disponível em <https://arquiteturamodernanaamazonia.weebly.com/uploads/7/0/0/2/70024539/costa_rodrigues_campus_ufam_texto_completo.pdf>. Acesso em 13 de julho de 2020.

COSTA, L. Muita construção, alguma arquitetura e um milagre. **Correio da Manhã**, Caderno Urbanismo e Construções, Rio de Janeiro, p. 1, 15 jun. 1951. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de março de 2020.

_____. Razões da nova arquitetura. In: XAVIER, A.(org.). **Depoimento de uma geração - arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, p.39-52, 2003.

- COTRIM, M. Difusão da arquitetura pela revista Projeto na década de 1980. Comunicação oral. In: **6 Seminário DOCOMOMO Brasil N-NE**. Teresina: UFPI, 2017.
- COUSIN, J.P. Severiano Mario Porto: l'homme de l'année. **L'Architecture d'Aujourd'Hui**, Paris, n.251, p.10, juil. 1987.
- DERENJI, J. Do descobrimento ao século XIX. In: MONTEZUMA, R. **Arquitetura Brasil 500 anos**, 2002. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, p.24-63, 2002.
- EGGENER, K. L. **Placing Resistance: A Critique of Critical Regionalism**. Journal of Architectural Education 55, n° 4, May 2002, p.228-237. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1425724>>. Acesso em 15 de novembro de 2020.
- FERNÁNDES COX, C. ¿Regionalismo crítico o modernidad apropiada? **Summa**, Buenos Aires, n.248, p. 63 -67, 1988.
- FONYAT FILHO, J. B. Veneziana e vidro – a ocorrência. **Acrópole**, São Paulo, n°. 251, setembro de 1959. p. 383-413. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/251>>. Acesso em: 13 de março de 2020.
- FRAMPTON, K. Toward a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In: FOSTER, Hal (org.). **The Anti-aesthetic: Essays on Postmodern Culture**. Port Townsend, WASH: Bay Press, p.?, 1983.
- GAGLIARDI, V. B. A nova arquitetura no Amazonas. In: GAGLIARDI, Vicente B. **1 ABA - Arquitetura Brasileira do Ano/Rio de Janeiro, GB/1967-68**. Rio de Janeiro: ABA-GB, p.13-19, 1969.
- GENNARI, M. *et al.* Architecture in Brasile: 1925-1977. **Domus**, Milão, n.578, [s.n.], janeiro de 1978.
- GOMES, L. O artista da Amazônia. **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n°. 879, p.118-120, 1985.
- GONZÁLEZ FRANCO, L. C. **Revista Arquitectura**, UNAM, México, vol.21, n. 201, p. 34-42, 2014.
- GLUSBERG, J. Bienal Internacional de Arquitectura de Buenos Aires BA/85. **Summa**, Buenos Aires, n.217, p.28-31, setembro de 1985.
- GROPIUS, W. O Arquiteto na Sociedade Industrial. **Brasil Arquitetura Contemporânea**, Rio de Janeiro. n.2-3, p.47-48, 1953/54.
- GRUPO MINGA, Severiano Mário Porto: un lenguaje desvinculado de estereótipos. **Planta Libre**, Cali, n.4-5, p. 24-29, 1990.
- HESPANHA, S. A. M. Severiano Porto. Entre o regional e o moderno. **Arquitextos**, São Paulo, ano 09, n. 105.05, Vitruvius, fevereiro de 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.105/76>>. Acesso em: 08 de abril de 2016.
- LEVI, R. A arquitetura e a estética das cidades. In: XAVIER, A. (org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Editora Cosac Naify, p.38-39, 2003.
- LIERNUR, J. F. Letter from Buenos Aires. **ANY: Architecture New York**, Nova Iorque, no. 10, p. 8-11, 1995.
- LUCHESE, M. C. HJ Cole + associados – planejamento e empreendimentos (1970-1980). **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, UNICAMP, Campinas, v. 5, n. 1, p. 201-226, 12 jun. 2013. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635093>> Acesso em 8 de junho de 2020.

MACHADO, P. A. A SEDE DO INPA. **Acta Amazonica**, INPA, Manaus, v. 2, n. 1, p. 3-5, Abril de 1972 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0044-59671972000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de Junho de 2020.

MAHFUZ, E. Saint Catherine's College. **Summa**, Buenos Aires, n.150, 2016. Disponível em <<https://digitalportugues.summamasshop.com.ar/reader/summa-150?location=1>> Acesso em: 01 de julho de 2020.

MALUENDA, A. ; MÉNDEZ, P. Arquitectura y espacio urbano. SAL 2013 Bogotá: 28 años y 15 convocatorias de Seminarios de Arquitectura Latinoamericana. **Rita - Revista Indexada de Textos Académicos**, Madrid, nº. 1, p.44-47. 2014. Disponível em <<http://oa.upm.es/49035/>>. Acesso em: 25 de julho de 2020.

MINDLIN, H. Gilberto Freire e os arquitetos. **IAB-Guanabara**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.4, p.7-11,1962.

MIRANDA CORRÊA, L. A arquitetura na Amazônia. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.17, p.3-6, dezembro de 1963.

_____. Arquitetura Contemporânea de Manaus. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.30, p.40-42, novembro de 1964.

_____. Os problemas habitacionais no trópico brasileiro. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.30, p.32-33, novembro de 1964.

_____. O porto de Manaus. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.30, p.45, dezembro de 1965.

_____. A arquitetura na Amazônia. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n.17, p.4, dezembro de 1963.

MONAN, M. Destaques de Arquitetura. **Revista ADEMI**, [S.l.], Rio de Janeiro n.101, p.14-16, abril de 1983.

NASCIMENTO, C. *et al.* Caracará e o olhar de Sérgio Bernardes sobre Roraima. **Revista Amazônia Moderna**, UFT, Palmas, v. 2, n.3, p.84-105, novembro de 2018. Disponível em <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/amazoniamoderna/article/view/6208>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

OITICICA, C. Amazonas - Experiência do clima e materiais na habitação popular. In: GAGLIARDI, V. **1 ABA - Arquitetura Brasileira do Ano/Rio de Janeiro, GB/1967-68**. Rio de Janeiro: ABA-CAB, p. 74-77,1969.

PAIVA, R.; CERETO, M.; TEIXEIRA, L. Severiano Porto e Eladio Dieste em Fortaleza. Clube do Trabalhador e Escola de Música do Sesi (1977-2019) in memorian. **Arquitextos**, São Paulo, ano 21, n. 247.00, Vitruvius, dez. 2020 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.247/7973>>.

PAIVA, R. *et al.* Tropical Hotel de Manaus (1963) de Sérgio Bernardes: turismo, utopia e modernidade. In: MOREIRA, F. D. **Anais do 11º Seminário Docomomo Brasil**. O campo ampliado do movimento moderno. Recife:UFPE, 2016.. Disponível em <http://seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/sessao%2017/DOCO_PE_S17_PAIVA_PAULA_MACIEL.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

PARTICIPANTES DO EVENTO, I SAMA. Carta aberta do I Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia – SAMA. Pela proteção da obra do arquiteto Severiano Mario Porto. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 16, n. 188.02, Vitruvius, mar. 2016 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/16.188/5950>>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

PENTEADO, S; ZEIN, R.; YAMASHIRO, D. A longa trajetória, da efervescência cultural do Rio a Manaus. **Projeto**, São Paulo, n.83, p.46-49, janeiro de 1986.

PORTO, P. C. Ensinamentos de Severiano Mário Porto, avô e arquiteto. **Drops**, São Paulo, ano 15, n. 089.05, Vitruvius, fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/15.089/5444>>. Acesso em : 12 de março de 2017.

_____. Severiano Porto, o arquiteto [que] integra. **Cadernos do PROARQ- FAU/UFRJ**, Rio de Janeiro, n.26, p.1-30. julho de 2016.

PORTO, S. Arquitetura na Amazônia. In: DOYLE, P. (org.). Anais da Biblioteca Nacional. Vol. 101. **Ciclo de Estudos Amazônicos** (1976). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional / Divisão de Publicações e Divulgação, p. 216-224, 1981.

_____. Algunas reflexiones sobre la arquitectura. **Summa**, Buenos Aires, n.212, p.54, março de 1985.

_____. Arquitetura Tropical. **Módulo**, Rio de Janeiro, n.70, p.64-67, 1982.

_____. Criatividade, correção e beleza em quaisquer arquiteturas. **Projeto**, São Paulo, n.83, p.48-49, janeiro de 1986.

_____. Porto. In: CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO. **Arquitetos Brasileiros**. São Paulo: Editora Pini, p.68-69, 1987.

REIS, A. O mundo amazônico - Terra, floresta, Água e Terra. In: GAGLIARDI, Vicente B. **1 ABA - Arquitetura Brasileira do Ano/ Rio de Janeiro, GB/1967-68**. Rio de Janeiro: ABA-GB, p.26-47, 1969.

ROCHA, G; TINEM, N. ; COTRIM, M. Hotel Tambaú, de Sérgio Bernardes. Diálogo entre poética construtiva e estrutura formal. **Arquitextos**, São Paulo, ano 18, n. 206.00, Vitruvius, jul. 2017 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.206/6627>>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

ROVO, M. K. I. Severiano Porto, 85 anos. Uma trajetória rio-amazônica, um legado para a arquitetura brasileira. **Drops**, São Paulo, ano 15, n. 089.06, Vitruvius, fev. 2015. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/15.089/5445>> Acesso em 13 de outubro de 2015.

_____. Escolas Pré-fabricadas e Colônia Agrícola do Rio Preto da Eva - reflexões sobre a modernidade ampliada de Severiano Porto. **Cadernos do PROARQ- FAU/UFRJ**, Rio de Janeiro, n.26, p.163-179, julho de 2016.

ROVO, M.K.I.; OLIVEIRA, B.S. Por um regionalismo eco-eficiente: a obra de Severiano Mário Porto no Amazonas. **Arquitextos**, 226, mar. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp226.asp>. Acesso em: 17 jul. 2017. 2004.

_____. O processo de concepção da SUFRAMA de Severiano Porto: solução inventiva na flexibilidade da malha reticular. Anais do 7 Seminário Projetar. Natal: UFRN, 2015. Disponível em: < <http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/2173/1/P427.pdf> >. Acesso em: 17 jul. 2017. 2015.

SABBAG, H. Y. Jorge Glusberg. O fomentador da arte, cultura e arquitetura latino-americanas. In: **Drops**, São Paulo: Portal Vitruvius, ano 12, n. 053.05, fev. 2012 Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/12.053/4147>>. Acesso em: 13 de outubro de 2015.

_____. Prêmio da Bienal de Buenos Aires para arquiteto brasileiro. **A construção**, Pini, São Paulo, n. 1949, p.18-20. 17 jul. 1985.

_____. A arquitetura regional de Severiano Porto. **A construção**, Pini, São Paulo, n. 1972, p.14-19. 25 nov. 1985.

SALGADO, M. *et al.* Centro de Proteção Ambiental da Usina Hidrelétrica de Balbina: uma discussão sobre as certificações ambientais para as edificações. **Cadernos PROARQ**. UFRJ, Rio de Janeiro, n.26, 2016, p.47. Disponível em: <<http://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/cadernosproarq26.pdf>>. Acesso em 12 de junho de 2018.

SEGAWA, H. Os materiais da Natureza e a Natureza dos Materiais. In: SEGAWA, Hugo; SANTOS, Cecília; ZEIN; Ruth. **Arquiteturas no Brasil/Anos 80**, Sao Paulo: Projeto, p.34-46, 1988.

_____. Severiano Porto: Centro di Protezione Ambientale in Amazonia. **Spazio e Società**, Firenze, n. 56, p. 34-41, ott./dic. 1991.

_____. Extremismo contextual. Centro de protección ambiental, Balbina. **Arquitectura Viva**, Madrid, n.48, p.42-44, 1994.

_____. Liberdade nas curvas e um ponto de inflexão. **Projeto**, São Paulo, n.125, p.76, setembro de 1989.

_____. Radicalismo Tropical: La Amazonia contextualizada. **Arquitectura Viva**, Madrid, n.25, p.26-29, jul./ago. 1992.

_____. Severiano Porto: la sfida dell'Amazonia. **Spazio e Società**, Milano, n.61, p.8-17, jan./mar. 1993.

SMITHSON, A. How to recognize and read Mat Building: Mainstream architecture as it developed towards the mat building. In: **Architectural Design**, no 9, p. 573-590, 1974.

SCHWOB, D.C. Introduction à l'architecture brésilienne. **Techniques & Architecture**, Paris, n. 334, p.56-60, março de 1981.

TOCANTINS, L. Arquitetura e Paisagismo na Amazônia. **Arquitetura, IAB/GB**, Rio de Janeiro, n.41, p.31 - 38, 1965.

TZONIS, A.; LEFAIVRE, L. The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. In: **Architecture in Greece**. Athens, p.164-178, 1981.

WAISMAN, M. Primer Seminario de Arquitectura Latinoamericana, Un auspicioso comienzo. **Summa**, Buenos Aires, n. 217, p.26-27, setembro de 1985.

ZEIN, R. V. Arquitetura brasileira pós-Brasília: um roteiro. In: ZEIN, R. V. **O lugar da crítica: Ensaios oportunos de Arquitetura**. Porto Alegre: Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, p.17-24, 2001.

_____. Um Arquiteto Brasileiro: Severiano Mário Porto. **Projeto**. São Paulo, n. 83, p. 44-45, janeiro de 1986.

_____. Centro de Protecção Ambiental de Balbina. Manaus, Brasil. **Architécti**, Lisboa, Revista de Arquitectura e construção, n.4, p.9-14, abril de 1990.

_____. Arquitectura Brasileña en La Década de los 80: Algunas Tendencias. In. TOCA FERNANDEZ, Antonio. (ed.). **Nueva Arquitectura en America Latina**: Presente y Futuro. Mexico, Gustavo Gili, p.227-246, 1990.

_____. Arquitetura brasileira: tendências atuais. **Projeto**, São Paulo, n.42, p.115-128, jul./ago. 1982.

_____. Considerações acerca da participação latino-americana na BA/85. **Projeto**, São Paulo, n.77, p.49-50, jul. 1985.

_____. Construir a identidade, com diversidade. **Projeto**, São Paulo, n.96, p.56-57, fevereiro de 1987.

_____. O Futuro do passado, ou as tendências atuais. **Projeto**, São Paulo, n.104, p.87-114, out. 1987.

_____. O pensamento, as críticas, os sonhos e as reivindicações dos arquitetos brasileiros. **Projeto**, São Paulo, n.42, p.52-60, jul./ago. 1982.

_____. Título de Professor Honoris Causa para Severiano Porto. **Arquitextos**, São Paulo, ano 04, n. 043.09, Vitruvius, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.043/632>>. Acesso em: 13 de setembro de 2016,

A POLÍCIA Militar no Amazonas. **ABA**, Rio de Janeiro, nº.1, p.86-91, 1969.

AMAZONAS. Pousada na Ilha de Silves. **Módulo**, n.75, p.58-61, 1983.

AMBULATÓRIO médico do IPASEA. **Projeto**, São Paulo, n.83, p.72-73, janeiro de 1986.

AMPLIAÇÃO de centrais telefônicas. **Projeto**, São Paulo, n.83, p.83-86, janeiro de 1986.

ANEXO do Palácio Rio Negro. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, nº.42, p.61, 1965.

ARQUITETOS de várias gerações mostram o que pensam. (1990). **Projeto**, São Paulo, n.129, p.168-178, 1990.

ASSEMBLEIA Legislativa do Estado do AM. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, nº.42, p.59, 1965.

ASSEMBLEIA Legislativa do Estado [RO]. **Projeto**, São Paulo, n.83, p.66-67, janeiro de 1986.

BALBINA. **Nikkei Architecture**, Tóquio, n.415, p.285, 1991.

BANCO da Amazônia. **Projeto**, São Paulo, n.83, p.68-69, janeiro de 1986.

CAMPUS da Universidade do Amazonas. **Projeto**, São Paulo, n.83, p.50-58, janeiro de 1986.

CAMPUS da Universidade do Amazonas. **Projeto**, São Paulo, n.114, p.A-14-A-15, setembro de 1988.

CAMPUS da Universidade do Amazonas. **Cadernos Brasileiros de Arquitetura**, São Paulo, n.20, p.18-23, 1991.

CAMPUS de la Universidad del Amazonas. **Summa**, Buenos Aires, n.212, p.55-59, março de 1985.

CAMTEL. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, nº.42, p.58-59, 1965.

CASA do arquiteto. **Casa Cláudia**, Editora Abril, São Paulo, n. 135-a, p.22-25, dezembro de 1972.

CASA Porto. **Summa**, Buenos Aires, n.133, p.41-44, fevereiro de 1979.

CENTRAIS telefônicas no interior. **Projeto**, São Paulo, n.83, p.78-82, janeiro de 1986.

CENTROS de apoio operacional. **Projeto**, São Paulo, n.83, p.74-77, janeiro de 1986.

CHAPÉU de Palha. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, nº.68, p.7-8, 1968.

CLUBE do Trabalhador. **Projeto**, São Paulo, n.83, p.59-62, janeiro de 1986.

CLUBE de trabalhador e Escola de Musica do SESI. **Projeto**, São Paulo, n.114, p.A-13, setembro de 1988.

COLLONNE indigene. **Ville Giardini**, Milão, n.109, p.18-21, fevereiro de 1977.

COMPANHIA Amazonense de Telecomunicações - CAMTEL. **ABA**, Rio de Janeiro, n°.1, p.80-85, 1969.

CONDOMÍNIO Parque Residências. **Casa & Jardim**, Lord, Rio de Janeiro, n°245/A, p.99-109, julho de 1975.

CONJUNTO residencial. **Casa & Jardim**, Lord, Rio de Janeiro, n°245/A, p.72-82, julho de 1975.

COSAMA Reservoir. **Process Architecture**, Tóquio, n.17, p.84-85, agosto de 1980.

DEPOIMENTOS latino-americanos. **Projeto**. São Paulo, n°.77,p.48, 1985.

DEPARTAMENTO Nacional de Portos e Vias Navegáveis. **CJ Arquitetura**, Rio de Janeiro, n.7, p.88-92, 1975.

DOS PROYECTOS de viviendas en Brasil. **Summa**, Buenos Aires, n°.148, p. 42-45, 1980.

ECOLOQUITURA. **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n°.538, p.48, 27 de dezembro de 1978.

EDIFÍCIO Saint Malo. **Brasil - Arquitetura Contemporânea**, [S.I.], Rio de Janeiro: n°. 11, p.3-11, 1957.

ESCOLA de música e clube no nordeste. **Projeto**, São Paulo, n.83, p.63-65, janeiro de 1986.

ESCOLAS pré-fabricadas. **ABA**, Rio de Janeiro, n°. 1, p.120-121, 1969.

ESTÁDIO Vivaldo Lima. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n°. 42, p.55-57, 1965.

ESTÁDIO Vivaldo Lima. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n°.44, p.?,1965.

ESTÁDIO Municipal de Santos. **Acrópole**, São Paulo, n°.60, p.409-412, abril de 1943. Disponível em <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/60/31>>. Acesso em: 12 de março de 2019.

ESTE homem planta casas como quem planta uma flor. **Claudia**, Abril, São Paulo, n°.232, p.102-103, janeiro de 1981.

ESTUDO para remodelação do Parque 10 de novembro. **ABA**, Rio de Janeiro, n°.1, p.104-111, 1969.

HOTEL de 10 quartos para região de caça e pesca. **ABA**, Rio de Janeiro, n°.1, p.112-115, 1969.

O ARQUITETO das madeiras. **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n°.112, p.58-59, 28 de outubro de 1970.

DEPOIMENTOS Latino-americanos. **Projeto**, São Paulo, n°. 77, p.48, julho de 1985.

PARA O CALOR tropical. **A Casa Claudia**, Abril, São Paulo, n.135/A, p.22-24, dezembro de 1972.

PARAÍSO plantado dentro do inferno. **O Cruzeiro**, Editora Diários Associados, Rio de Janeiro:, n°.30, p.55, 12 de maio de 1951.

PORTO Residence. **Process Architecture**, Tóquio, n.17, p.90-93, agosto de 1980.

POUSADA na Ilha de Silves - Amazonas. **Projeto**, São Paulo, n.49, p.36-46, 1983.

POUSADA na Ilha de Silves. **Projeto**, São Paulo, n.114, p.A-10, setembro de 1988.

PRIMER Seminario de Arquitectura Latinoamericana: mesa redonda. **Summa**, Buenos Aires, n.214, p.24-32, julho de 1985.

PREMIAÇÃO IAB/RJ. **Projeto**, São Paulo, n.95, p.32-34, janeiro de 1987.

RESERVATÓRIOS de água para a companhia de saneamento de Manaus. COSAMA. **CJ Arquitetura**, [S.l.], Rio de Janeiro, n°. 7, p. 54-56, 1975.

RESERVATÓRIOS de Manaus. **AB - Arquitetura Brasileira**, [S.l.], n°.9, p.58-61, 197?.

RÉSIDENCE Schuster. **L'Architecture d'Aujourd'hui**, Paris, n.206, p.86-87, dezembro de 1979.

RESIDÊNCIA do Arquiteto, em Manaus. **ABA**, Rio de Janeiro, n°.1, p.122-125, 1969.

RESIDÊNCIA em madeira - Amazonas. **Projeto**, São Paulo, n.83, p.70-71, janeiro de 1986.

RESIDENCIA R.S. **Módulo**, Rio de Janeiro, n.53, p.60-67, 1979.

RESTAURANTE Chapéu de Palha. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n°. 68, p.6-7, 1968.

RESTAURANTE Chapéu-de-Palha. **ABA**, Rio de Janeiro, n°.1, p. 116-119, 1969.

SECRETARIA da Produção. **Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, n°.42, p.62-63, 1965.

SECRETARIA da Produção - Amazonas. **ABA**, Rio de Janeiro, n°.1, p.92-103, 1969.

SEDE da SUFRAMA. **CJ Arquitetura**, [S.l.], Rio de Janeiro, n°. 8, p. 18-23, 1975.

SEVERIANO Mário Porto, Brasil. **Zodiac**, Milão, n°.8, p.236-241, 1999-1993.

SEVERIANO Porto: arquitetura e identidad regional. **Summa**, Buenos Aires, n°. 210, p.26-31, março de 1985.

SEVERIANO Porto na Costa Rica. **Projeto**, São Paulo, n°.81, [s.n.], novembro de 1986.

SHUSTER Residence. **Process Architecture**, Tóquio, n.17, p.86-89, agosto de 1980.

UM CENTRO que aproveita o potencial da madeira. **Projeto**, São Paulo, n°.125, p.69-75, setembro de 1989.

UMA CASA em Manaus. **Casa&Jardim**, Lord, Rio de Janeiro, n°.210, p. 20-31, julho de 1972.

UNIVERSIDADE surgiu para a conquista. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, n°.37, p.204 e 205, 15 de setembro de 1971.

Jornais:

BANEGA, A. Leitura Obrigatória. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.6, 04 de março de 1975. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.

MEIRA, S. Brasil, formação tropical. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.?, 03 de outubro de 1985. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

STEPHANO, W. Discurso do propositor que concede o Título de Cidadão Benemérito do Amazonas a Severiano Porto na Assembléia Legislativa do Amazonas. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, 4 de dezembro de 1973, p.2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

A CONSTRUÇÃO do edifício Escola de Aprendizes Artífices. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.1, 2 de novembro de 1937,. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

AMANHÃ será o lançamento da pedra fundamental do Palácio do Rádio. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.5, 3 de dezembro de 1957. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2016.

AMANHÃ a inauguração do Chapéu de Palha. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.8, 23 de janeiro de 1968. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 de junho de 2016.

ARQUITETURA: Amazônia comemora 50 anos de Severiano Porto. **Jornal A Crítica**. Manaus, p.?, 21 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/especiais/news/arquitetura-amazonia-comemora-50-anos-de-severiano-porto>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.

ARTUR Neto critica postura de George Bush. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.6, 10 de junho de 1992. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 07 de agosto de 2020.

A MANAUS do Futuro preocupa os secretários. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.5, 08 de janeiro de 1989. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 11 de agosto de 2020.

BRAZIL. The Amazon. **The Los Angeles Times**, Los Angeles, p.212-213, 27 de fevereiro de 1977.

CONHEÇA os premiados da XXV. **Informativo do Instituto dos Arquitetos do Brasil - RJ**, Informa 87, IAB/RJ, Rio de Janeiro, [s.n.], dezembro de 1987.

COROADO: 10.000 pessoas esperando pelo despejo. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.4, 10 de maio de 1972. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 26 de junho de 2020.

CRÔNICA Social. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.2, 5 de fevereiro de 1950,. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

DESTINO da cruz do congresso. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.4,11 de junho de 1975. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 11 de agosto de 2020.

DESTRUÍDO Chapéu Premiado. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.8, 02 de novembro de 1986. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 de junho de 2016.

DNPVN facilitará navegação longo do rio Madeira. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.2, 15 de julho de 1970. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 08 de maio de 2020.

EMBARGO e atuação. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.6, 12 de abril de 1990. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 de junho de 2016.

EM FEVEREIRO a inauguração da Refinaria de Manaus. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.5, 7 de setembro de 1955. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.

FESTA da Gratidão. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.6, 4 de março de 1971. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de março de 2020.

FIFA oficializa o Brasil como sede da Copa de 2014. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.6, 30 de outubro de 2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2007/10/341044-fifa-oficializa-brasil-como-sede-da-copa-do-mundo-2014.shtml>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020.

GRUPO de Estudo para construção do Estádio de Manaus. **Jornal do Commercio do AM**, p.4, Manaus, 25 de novembro de 1964. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 15 de março de 2020.

HIDRELÉTRICA de Balbina será inaugurada amanhã. **Jornal do Commercio do AM**, p.2, Manaus, 07 de fevereiro de 1989. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 15 de março de 2020.

HISTÓRICO do sistema antigo. **Jornal do Commercio do AM**, p.3, Manaus, 13 de março de 1971. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de março de 2017.

HOTEL Tropical começará a funcionar em setembro. **Jornal do Commercio do AM**, p.5, Manaus, 05 de julho de 1975. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 7 de junho de 2016.

INAUGURAÇÃO. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.2, 29 de janeiro de 1984. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 26 de agosto de 2020.

INCÊNDIO destrói prédio da SUFRAMA no AM. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.?, 16 de maio de 1994. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/5/16/cotidiano/3.html>>. Acesso em 12 de junho de 2020.

INCÊNDIO na SUFRAMA pode ter novas investigações. **Diário do Grande ABC**. Santo André, SP, p.?, 21 de junho de 1999. Disponível em <<https://www.dgabc.com.br/Noticia/339971/incendio-na-suframa-pode-ter-novas-investigacoes>>. Acesso em 12 de junho de 2020.

INDEFINIDA a venda da madeira de Balbina. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.5, 13 de fevereiro de 1985. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de agosto de 2017.

O IMPALUDISMO no Estado e o Edifício da Escola de Aprendizes Artífices. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.6, 28 de março de 1937. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

PÔVO prestigiou o ato do Palácio Rodoviário. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.5, 27 de janeiro de 1960. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2016.

PRÉDIOS trazem calor à cidade - diz arquiteto. **Jornal do Commercio do AM**, p.2, Manaus, 09 de junho de 1972. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 20 de junho de 2017.

PRÊMIO: Obra construída. Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA - Manaus. **Jornal de Arquitetura**, IAB/GB, Rio de Janeiro, número 20, ano III, p.6, janeiro de 1975.

PTB Futebol Clube no Estádio Vivaldo Lima. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.8, 29 de julho de 1958. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

SARNEY quer progresso sem agredir a natureza. **Jornal do Commercio do AM**, p.3, Manaus, 8 de novembro de 1985. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 26 de junho de 2020.

SANCIONADA Lei do Terreno. **Jornal do Commercio do AM**, p.6, Manaus, 5 de julho de 1968. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 26 de junho de 2020.

SUDAM financiará cursos técnicos da UA. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.6, 11 de fevereiro de 1967. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 26 de junho de 2020.

TÍTULO de Cidadão Benemérito do Amazonas a Severiano Porto. **Jornal do Commercio do AM**, Manaus, p.2, 04 de dezembro de 1973. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 de agosto de 2017.

UA deu o primeiro passo para construir o Campus. **Jornal do Commercio do AM**, p.6, Manaus, 10 de janeiro de 1972. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 26 de junho de 2020.

UNIVERSIDADE do Amazonas - Convite. **Jornal do Commercio do AM**, p.2, Manaus, 08 de maio de 1966. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 08 de maio de 2017.

VOLTARÁ a se reunir. **Jornal do Commercio do AM**, p.6, Manaus, 08 de maio de 1966. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 08 de maio de 2017.

Catálogos e coleções:

ARAÚJO, C.; CERETO, M.; SILVA, A.. Plano de Melhoramentos para o Distrito Industrial de Manaus. In: FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **5a Bienal Internacional de Arquitetura e Design de São Paulo**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2003, p.248.

BORBOREMA, M. **Fotografias da Residência Schuster**. Acervo Marcelo Borborema. Manaus, 2016.

CATÁLOGO da Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura. [S.l.]: ABEA, 1979.

CATÁLOGO da 7ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2007.

CATÁLOGO da VIII Bienal de São Paulo. São Paulo: Bienal de São Paulo, 1965. Disponível em: < <https://issuu.com/bienal/docs/name6dc084>>. Acesso em: 22 de agosto de 2020.

CATÁLOGO da Exposição Arquitetos Brasileiros. São Paulo: Editora Pini, 1987.

CATALOGUE d'exposition Zanine, l'architecte et la forêt. Paris: Musée des Arts décoratifs, 1989.

CERETO, M. (org.). **XAMA**: Exposição de arquitetura na Amazônia. Manaus: EDUA, 2018.

ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 11 de setembro de 2020.

FINOTTI, L. **Fotografias de Balbina e SUFRAMA**. Acervo Leonardo Finotti. São Paulo, 2018.

GLUSBERG, J. **Architecture in Latin America**. Catálogo da exposição. Berlim: Internationale Bauausstellung Berlin, 1984.

GUERRA, A. **Arquitetura e natureza**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2016.

GOODWIN, P. **Brazil Builds: Architecture new and old 1652 - 1942**. New York: The Museum of Modern Art, 1943.

PONTUAL, A.; VASCONCELOS, M.; WEYNE, G. **Casa individual pré-fabricada**. Catálogo da exposição. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1960.

SIMÕES, J. **Fotografias da UFAM**. Acervo da Assessoria de Comunicação da UFAM. Manaus, 1994.

WISSENBACH, V. (org.). **Arquitetura Brasileira Atual**. São Paulo: Projeto, 1983.

Cartões Postais: A Favorita, Ambrosiana, Foto Manaus, Livraria Academica, Livraria Escolar, Piccoli, Mercator, Editora Cultural.

Projetos, mapas, desenhos, relatórios e pronunciamentos:

BERNARDES, S. **Hotel Tropical**. Primeira versão (1963). Disponível em: <<https://www.bernardesarq.com.br/memoria/tropical-de-manaus-primeira-versao/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018.

BERNARDES, S. **Hotel Tropical**. Segunda versão (1968). Disponível em: <<https://www.bernardesarq.com.br/memoria/tropical-de-manaus-segunda-versao/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018.

CAMINHA, P. V. de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

CARTA Cadastral da cidade de Manáos e dos Arrabaldes. Lisboa [Portugal]: Lith. Ca. Nal. Editora, [entre 1892 e 1896]. Disponível em: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=83489>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

CODEAMA, Comissão de Desenvolvimento Econômico do Estado do Amazonas. **Os flutuantes de Manaus. Estudos específicos. Relatório de pesquisa**. Manaus: Setor de publicações, Ano 2 no.13, 1966.

L'Amazonie en construction: l'Architecture des fleuves volants. **Communiqué de presse**. Paris: Maison du Brésil, Disponível em: <<http://www.maisondubresil.org/2019/07/du-19-juillet-au-3-aout-2019-expo-lamazonie-en-construction-larchitecture-des-fleuves-volants/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

LIC-SBA. **Bônus Patrimoniais/Capitalização do Solo Urbano**. Rio de Janeiro: Laboratório de Investigações Conceituais/Sérgio Bernardes Associados, 1977.

PLANTA da cidade de Manaus: croquis. 1897. 1 mapa ms. col., aquarelado, 20,8 x 33,4cm em f. 29 x 41,5 cm. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart544139/cart544139.html>. Acesso em: 18 ago. 2020.

RIBAS, J. M. **Carta cadastral da cidade e arrabaldes de Manaus.** Lisboa [Portugal]: Lith. Ca. Nal. Editora, [entre 1892 e 1896]. 1 mapa, col., 88 x 66 cm. Escala 1:8.000. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart164960/cart164960.html>. Acesso em: 18 ago. 2020.

PARECER do juri. **IX Premiação Anual do IAB/GB.** IAB/GB, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1971.

_____. **XXV Premiação Anual do IAB/RJ.** IAB/RJ, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1987.

PORTO, S. **Memorial Descritivo. Campus da Universidade.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, [s.n.], 1973.

_____. **Memorial Descritivo. Campus da Universidade.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, [s.n.], 1987.

_____. **Memorial Descritivo. Centro de Proteção Ambiental Usina Hidrelétrica de Balbina.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, [s.n.], 1987.

_____. **Memorial Descritivo. Estádio Vivaldo Lima.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, [s.n.], 1971.

_____. **Memorial Descritivo. Pousada da Ilha de Silves.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, [s.n.], 1992.

_____. **Memorial Descritivo. Quartel da Polícia Militar.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, [s.n.], 1967.

_____. **Memorial Descritivo. Reservatórios elevados da COSAMA.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, [s.n.], 1971.

_____. **Memorial Descritivo. Residência Recife 1435.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, [s.n.], 1971.

_____. **Memorial Descritivo. Sede da SUFRAMA.** Acervo Severiano Porto, Rio de Janeiro, NPD/UFRJ, [s.n.], 1974.

_____. **Plano Diretor Integrado e projeto de infraestrutura urbana do Distrito Industrial (1980).** Acervo Severiano Porto. Rio de Janeiro: NPD/UFRJ.

_____. **Pronunciamento em agradecimento ao título de Professor *Honoris Causa*.** Arquivo. Rio de Janeiro: Acervo Severiano Porto / NPD-UFRJ, [s.n.], 19 de novembro de 2003.

PORTO, S.; OITICICA, C. **Problemas Urbanos e habitacionais da cidade de Manaus.** Transcrição da conferência. Arquivo Pessoal, Manaus, sede do CREA/AM-RR, proferida em 29 de novembro de 1979.

VARGAS, G. Discurso do Rio Amazonas. **Revista Brasileira de Geografia**, IBGE, Rio de Janeiro, volume 4, número 2, p.259-260, 1942.

Entrevistas realizadas:

ALFAIA, Daniel. **Depoimento.** Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 15 de setembro de 2015.

ALFAIA, Daniel. **Depoimento.** Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 02 de setembro de 2020.

ALVES, Josélia. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. Manaus, 16 de setembro de 2016.

BENCHIMOL, Saul. **Depoimento**. Entrevista com o Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. Manaus, 04 de junho de 2017.

BRAGA, José. **Depoimento**. Entrevista a Marcos Cereto e Vasilka Espinosa. Arquivo Pessoal. Manaus, 07 de outubro de 2016.

CANTISANI, Francisco. **Depoimento**. Entrevista a Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 08 de março de 2017.

CAROLINO, Orion. **Depoimento**. Entrevista a Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 25 de setembro de 2015.

COSTA, Arnaldo da. **Depoimento**. Entrevista a Marcelo Borborema e Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 23 de março de 2018.

DANTAS, Roberto. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2017.

DAOU, Phelipe. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 04 de maio de 2016.

DERENJI, Jussara. **Depoimento**. Entrevista a Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. Manaus, 17 de julho de 2020.

GUERRA, Abílio. **Depoimento**. Entrevista a Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. São Paulo, 10 de dezembro de 2015.

GUERREIRO, Maria Tereza. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 10 de março de 2015.

GUIMARAENS, Ceça. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 17 de novembro de 2017.

GUTIÉRREZ, Ramón. **Depoimento**. Entrevista por Marianna Cardoso e Marcos Cereto. Salvador, 30 de novembro de 2017.

LAAR, Michael. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 05 de março de 2012.

LIMA, Mirian Keiko. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2015.

MELLO, Thiago de. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 13 de outubro de 2015.

MICHILES, Aurelio. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. São Paulo, 07 de março de 2016.

MOITA, Roberto. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 10 de novembro de 2015.

MOTTA, Roberto. **Depoimento com Anna Maria Thompson**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal, Rio de Janeiro, 15 de julho de 2016.

OITICICA, Cesar. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 14 de julho de 2016.

OLIVEIRA, Beatriz. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 2015.

PADOVANO, Bruno. **Depoimento**. Entrevista realizada por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. São Paulo, 19 de outubro de 2015.

PODESTÁ, Sylvio de. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Belo Horizonte, 28 de novembro de 2015.

PORTO, Paula. **Depoimento**. Entrevista realizada por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 2015.

PORTO, Severiano. **Depoimento**. Entrevista realizada por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. Rio de Janeiro, 12 de maio de 2002.

QUEIROZ, Aristides. **Depoimento**. Entrevista à Bruna Lopes e Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Silves, 10 de fevereiro de 2017.

RODRIGUES DE CAMPOS, Elisabete. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 2015.

SEGAWA, Hugo. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo Pessoal. São Paulo, 11 de dezembro de 2015.

VASQUES, Pedro. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2017.

VASQUES, Carol. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Porto Alegre, 12 de junho de 2017.

VILA, Juan. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Manaus, 20 de fevereiro de 2016.

VECCHIETTI, Luciana. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. Rio de Janeiro, 15 de julho de 2017.

WISSENBACH, Vicente. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. São Paulo, 12 de dezembro de 2015.

ZEIN, Ruth. **Depoimento**. Entrevista por Marcos Cereto. Arquivo pessoal. São Paulo, 19 de outubro de 2015.

Entrevistas:

ABRIGO natural - Severiano Porto por José Wolff. **AU**, Editora PINI, São Paulo, n.81, dezembro de 1998. Disponível em <<http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/81/abrigo-natural-23971-1.aspx>> Acesso em: 17 de janeiro de 2019.

COMAS, C. E. D. Um Depoimento. **Arquitexto**, UFRGS, Porto Alegre, n.2, p.6-17, 2002.

ENTREVISTA (2004). TV UFAM. In: ABRAHIM, R. **Poesia na floresta: a obra de Severiano Porto no Amazonas**. Manaus: Reggo Edições, p.9-21, 2014.

ENTREVISTA a Severiano Porto. **Topos - el espíritu del lugar**, Santa Fé, n.2, p. [s.n.], dezembro de 1990.

ENTREVISTA com: Severiano Porto. **Bom Dia**, [S.I.], Rio de Janeiro: n°.3, p.30-34, 31 de março de 1971.

LEITE, C. **Entrevista com Alcy Meira**. [S.I.], [s.n]. Disponível em: <<http://memorialcesarleite.com.br/storage/depoimentos/8kyW1KtAcTynY9XRc58mpoYpyltQNLTDfqq2wKbM.pdf>>. Acesso em: 17 de julho de 2020.

PORTO, S. Obra pioneira [entrevista a Vânia Silva]. **AU**, Editora PINI, São Paulo, v.19, n.119, 2004. Disponível em: < <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/119/artigo23371-1.aspx>>. Acesso em: 15 de março de 2020.

PORTO, S. Entrevista à Letícia Neves (2005). In: NEVES. L. O. **Arquitetura bioclimática e a obra de Severiano Porto: estratégias de ventilação natural**. 2006. 232 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2006.

SEVERIANO Porto: arquitetura y identidad regional. **Summa**, Buenos Aires, n°.210, p.26-31, março de 1985.

TÊTE-À-TÊTE com a natureza. Entrevista Severiano Mário Porto. **Revista Mais Arquitetura**, n°.?, p. 22, outubro de 2003.

Currículos:

FONYAT FILHO, José Bina. **Currículo**. Arquivo Pessoal. Rio de Janeiro: [s.n.], 10 de agosto de 1975. Paginação irregular.

PORTO, Severiano. **Curriculum Vitae**. Arquivo Pessoal, Rio de Janeiro: [s.n.], 2002. 4 v, paginação irregular.

Teses e dissertações:

BERNARDELLI, K. **História e Memória do Liceu Uberlândia: 1928 a 1942**. 2007. 174 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/14069/1/KCCABernardelliDIS01PRT.pdf>>. Acesso em 12 de julho de 2017.

CABRAL, C. **Grupo Archigram, 1961 -1974**. Uma fábula da técnica. 2001. 305 f. Tese de Doutorado. Department de Composició Arquitectònica de Barcelona-ETSAB, Universitat Politècnica da Catalunya, Barcelona, 2001.

CANTALICE, A. de S. C. **Descomplicando a tectônica: Três arquitetos e uma abordagem**. 2015. 304 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

CERETO, M. **Arquitetura de massas: o caso dos estádio brasileiros**. 2003. 307 f. Dissertação (Mestrado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

COMAS, C. E. D. **Precisões brasileiras: sobre um estudo passado da arquitetura e urbanismo modernos**. A partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & cia, 1936-1945. Tese de Doutorado. Universidade de Paris VIII - Vincennes - Saint Dennis, Paris, 2002.

FAVILLA, D. **O regionalismo crítico e a arquitetura brasileira contemporânea: o caso de Severiano Porto**. 2003. 147 f. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

KEMENES, A. **Estimativa das emissões de gases de efeito estufa (CO2 e CH4) pela hidrelétrica de Balbina, Amazônia Central, Brasil**. 2006. 96 f. Tese de doutorado, Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia / Universidade Federal do Amazonas, 2006.

LEE, K. M. **Severiano Mário Porto: A Produção do Espaço na Amazônia**. 1998. [S.I.]. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

LIMA, M. **Modernidade Híbrida na Arquitetura Brasileira: projetos e obras de Severiano Mario Porto Arquitetos**. 2017. 338 f. Tese (Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

LIMA, M. K. L. I. R. de S. **O lugar da adequação em Severiano Porto: Aldeia SOS do Amazonas**. 2004. 216 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

LINS, G. B. **O etnoconhecimento e a arquitetura de Severiano Porto**. 2019. 155 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

MARTÍNEZ, E. C. **Arquitectura Moderna Mexicana en los Anos Cinquenta**. 2002. Tese de Doutorado. Department de Composició Arquitectònica de Barcelona-ETSAB, Universitat Politècnica da Catalunya, Barcelona, 2002.

MEDEIROS, A. D. de. **A obra de Severiano Mário Porto na Cidade de Boa Vista: Um Olhar com enfoque bioclimático**. 2020. 150 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

MENDES, A. L. **Arquitetura bioclimática na Amazônia: Um estudo da obra de Severiano Mario Porto no setor Norte do campus da UFAM**. 2019. 202 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia na Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

NEVES, L. O. **Arquitetura bioclimática e a obra de Severiano Porto: estratégias de ventilação natural**. 2006. 232 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2006.

ÓRLEANS-BOURBON, E. F. 2013. [s.n.]. **Procesos Configurativos: de la trama a la noción de campo en los Mat Buildings**. Tesis Doctoral - Escola Técnica Superior de Arquitectura de Madrid da Universidad Politécnica de Madrid, 2013.

PELLEGRINI, A. C. 2011. 276 f. **Quando o projeto é patrimônio: a modernidade póstuma em questão**. Tese de doutorado em Teoria, História e Crítica de Arquitetura. PROPAP - UFRGS, 2011.

PEREIRA, C. C. 1998. **Architectural practice and the planning of minor palaces in renaissance : Italy 1510-1570**. Cambridge, tese de Doutorado em arquitetura, Massachusetts Institute of Technology, School of Architecture and Planning, 1998.

SARQUIS, G.B. 2012. 347 f. **Diálogos Contemporâneos na arquitetura belenense. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012.

Trabalho de conclusão:

CUNHA, M. Preservação do patrimônio arquitetônico: reconstrução digital do CPA Balbina - Arq. Severiano Mario Porto. Trabalho de conclusão (graduação). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Sites, Filmes e músicas:

AMAZONAS, Amazonas. Direção:Glauber Rocha. 15 minutos. 1965. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MvNgJ-Swhps>>. Disponível em: 20 de setembro de 2019.

ELETOBRÁS. **UHE Balbina**. Site. Disponível em <<https://eletrobras.com/pt/Paginas/Home.aspx>>. Acesso em: 13 de março de 2020.

ESCOLA Politécnica da USP. **Dr. Paulo de Menezes Mendes da Rocha - 1943-1947**. Site. Disponível em: <<https://www.poli.usp.br/institucional/diretoria/galeria-de-diretores/prof-dr-paulo-de-menezes-mendes-da-rocha>>. Acesso em 18 de setembro de 2019.

IFAM. **A instituição**. Site. Disponível em <http://www.ifam.edu.br/legado/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=54>. Acesso em: 15 de dezembro de 2017.

IBGE. **Cidades**. Site. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>> Acesso em: 27 de abril de 2020.

IBGE. **IBGE apresenta Panorama de urbanização no Brasil**. Site. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21494-ibge-apresenta-panorama-da-urbanizacao-no-brasil>> Acesso em: 27 de abril de 2020.

ITAIPU BINACIONAL. **Parque Tecnológico Itaipu (PTI)**. Site. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/tecnologia/parque-tecnologico-itaipu-pti>>. Acesso em: 13 de março de 2020.

O HOMEM do Rio. Direção: Philippe de Broca. 1h52 min. 1964. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WjoVKukiw2c>>. Acesso em: 7 dez. 2016.

OLIVEIRA, B. **Casas brasileiras do século XX**. 2017. Disponível em: <<http://www.casasbrasileiras.arq.br/index.html>>. Acesso em: 16 de setembro de 2018.

PROGRAMA Transa Marieta #1 – Milton Hatoum. Entrevistado por: Abilio Guerra, Augusto Massi y Julia Bussius. Transmissão por meio de Facebook, 20 de abril de 2020, video, 2h20m16. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LY6nFtRLte0>>. Acesso em 20 de Abril de 2020.

REGIÃO Mendonça Furtado: 12ª Região Militar. **Histórico**. Site. Disponível em: <<http://www.12rm.eb.mil.br/historico.html>> Acesso em: 10 de maio de 2020.

RODRIX, ZÉ ; TAVITO. Casa de campo. Intérprete: Elis Regina. In: REGINA, E. **Elis**. [S.l.]: Phonagram, p1972. 1 CD. Faixa 11.

SUFRAMA. **Histórico**. Site. Disponível em: <http://www.suframa.gov.br/zfm_hist_implantacaodi.cfm> Acesso em: 03 de junho de 2020.

WAIMIRI-ATROARI. **Sobre nós**. Site. Disponível em <<https://www.waimiriatroari.org.br/sobre-nos>>. Acesso em: 3 de abril 2020.

Atas, Leis, Decretos e Resoluções:

ATA da Assembléia Geral de Constituição da Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura. Rio de Janeiro, 18 de junho de 1973. Disponível em: <<http://www.gemarq.org.br/upload/ASBEA-ATA.pdf>>. Acesso em: 15 de setembro de 2019.

LEI n.4950 de 04 DE OUTUBRO DE 2019. Disponível em <https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2019/10590/lei_4950.pdf> Acesso em: 16 de julho de 2020.

DECRETO-LEI Nº 6.166, DE 31 DE DEZEMBRO DE 1943. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-6166-31-dezembro-1943-416432-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 10 de maio de 2020.

DECRETO-LEI nº 55 DE 18 DE NOVEMBRO DE 1966. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0055.htm>. Acesso em: 10 de agosto de 2017.

DECRETO-LEI Nº 288, DE 28 DE FEVEREIRO DE 1967. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0288.htm#art48§2>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

LEI Nº 4.213, DE 14 DE FEVEREIRO DE 1963. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Leis/1950-1969/L4213.htm>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

DECRETO Nº 76.925, DE 29 DE DEZEMBRO DE 1975. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20150206031515/http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextolIntegral.action?id=191322&norma=206117>>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

LEI Nº 3.173, DE 6 DE JUNHO DE 1957. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l3173.htm>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

LEI Nº 5.173, DE 27 DE OUTUBRO DE 1966. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5173.htm>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

LEI Nº 4.950 de 04 DE OUTUBRO DE 2019. Disponível em <https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2019/10590/lei_4950.pdf> Acesso em 16 de julho de 2020.

LEI Nº 4.069-A, DE 12 DE JUNHO DE 1962. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4069-a-12-junho-1962-353814-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

LEI Nº 10.468, DE 20 DE JUNHO DE 2002. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10468.htm>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

LEI Nº 5.540, DE 28 DE NOVEMBRO DE 1968. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

RESOLUÇÃO Nº 10.468, DE 20 DE NOVEMBRO DE 1965. Disponível em <<http://conselhos.ufam.edu.br/deliberacoes>>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

MANAUS. Prefeitura de Manaus. Lei n. 1.401, de janeiro de 2010. Dispõe sobre a criação e a divisão dos bairros da cidade de Manaus, com estabelecimento de novos limites, e dá outras providências. Diário Oficial do Município de Manaus. Manaus, 14 jan. 2010. Disponível em: <<http://implurb.manaus.am.gov.br/bairros-de-manaus/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Acervos:

ACERVO da Assessoria de Comunicação da UFAM. Manaus: UFAM.

ACERVO da Prefeitura universitária do campus. Manaus: UFAM.

ACERVO dos município brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE.

ACERVO iconográfico da Casa Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

ACERVO Jorge Daou. Manaus.

ACERVO Jorge Ferreira. Rio de Janeiro: Departamento de Arquivo e Documentação/ Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ.

ACERVO Jorge Moreira. Rio de Janeiro: NPD-FAU/UFRJ.

ACERVO Leonardo Finotti. São Paulo.: LAMA.

ACERVO Marcel Gautherot. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles.

ACERVO Sergio Bernardes. Rio de Janeiro: NPD-FAU/UFRJ.

ACERVO Paulo Antunes Ribeiro. Paris: Institut Français d'architecture (IFA).

ACERVO Eduardo Braga. Manaus: Instituto Durango Duarte.

ACERVO Jorge Moreira. Rio de Janeiro: NPD-FAU/UFRJ.

ACERVO Severiano Porto. Rio de Janeiro: NPD-FAU/UFRJ.

ACERVO SEVERIANO PORTO. Arquivo Privado. Rio de Janeiro: [S.l.: s.n.], [200-].

ARQUIVO CHABLOZ. Fortaleza: Museu de Arte da UFC.

ARQUIVO Gustavo Capanema. Rio de Janeiro: CPDOC - FGV.

ARQUIVO Nelson de Melo. Rio de Janeiro: CPDOC - FGV.

ARQUIVO Paulo Chaves. Rio de Janeiro: Biblioteca Paulo Santos - Paço Municipal.

Anexo 1:

Relação de projetos realizados:

	projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade		
1950							
ORD	Resid. Multifamiliar	Edifício Manoel Pessoa de Mello Farias	1956	Rio de Janeiro/RJ	1960 (?)	Construtora Contemporânea	Concreto Armado
ORD	Resid. Multifamiliar	Edifício na Rua Maria e Barros	1956(?)	Rio de Janeiro/RJ	?	Construtora Contemporânea	Concreto Armado
ORD	Resid. Multifamiliar	Edifício Saint-Malo	1957	Rio de Janeiro/RJ	1959 (?)	Construtora	Concreto Armado
ORD	Resid. Multifamiliar	Edifício Saint Etienne	1958	Rio de Janeiro/RJ	1960 (?)	Construtora	Concreto Armado
ORD	Resid. Multifamiliar	Edifício Derby	1958	Rio de Janeiro/RJ	1960 (?)	Construtora Contemporânea	Concreto Armado
ORD	Resid. Multifamiliar	Edifício Marechal Rondon	1958(?)	Niterói/RJ	1962(?)	Construtora Contemporânea	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência no Parque Muriqui	1958(?)	Mangaratiba/RJ	?	Construtora Contemporânea	Concreto Armado e Pedra
1960							
ORD	Resid. Multifamiliar	Edifício Lagoa das Raízes	1962	Rio de Janeiro/RJ	1967(?)	Construtora Ary C.R. de Britto	Concreto Armado
ORD	Educacional	Colégio e Escola Normal Santa Doroteia	1962	Pouso Alegre/MG	não	Escola Santa Dorotéia	Concreto Armado
ORD	Interiores	Papelaria Piril	1963	Rio de Janeiro/RJ	1963	Papelaria Piril	Interiores
ORD	Residencial	Residência Comandante Nélio de Lima	1963	Terezopolis/RJ	1964 (?)	Nélio Lima	Concreto Armado
ORD	Resid.Multifamiliar	Edifício Rainha Elizabeth	1964	Rio de Janeiro/RJ	não	?	Concreto Armado
ORD	Interiores	Representação do Governo do Estado do Amazonas	1964	Rio de Janeiro/RJ	1964	Governo do Estado do AM	Interiores
ESP	Infraestrutura	CAMTEL - Companhia Amazonense de Telecomunicações	1965	Manaus/AM	1968	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ORD	Educacional	Escolas Pré-fabricadas - SUPLAN	1965	várias cidades	não	Governo do Estado do AM	Madeira
ESP	Inst.Esportivas	Estádio Vivaldo Lima	1965	Manaus/AM	1971	Governo do Estado do AM	Concreto armado
ESP	Institucional	Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas - Praça do Congresso	1965	Manaus/AM	não	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ESP	Institucional	Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas - Ave.Getúlio Vargas	1965	Manaus/AM	não	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ESP	Institucional	Secretaria de Produção - SEPRO	1965	Manaus/AM	1967(?)	Governo do Estado do AM	Madeira
ORD	Loteamento	Retiro da Serra - Fazenda Clube (loteamento)	1965	Terezopolis/RJ	?	?	-
ORD	Residencial	Residência SMP - Cafundó - Rua Recife 1762	1966	Manaus/AM	1967	Severiano Porto	Madeira
ORD	Comercial	Chapéu de palha	1966	Manaus/AM	1967	José Braga e Cláudio Figliolo	Madeira
ESP	Institucional	Palácio Rio Negro - anexo	1966	Manaus/AM	não	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ESP	Institucional	CODEAMA	1967	Manaus/AM	não	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ESP	Institucional	Banco Português do Brasil	1967	Manaus/AM	não	Banco Portugues do Brasil	Concreto Armado

			projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade
ORD	Comercial	LOGEL	1967	Manaus/AM	1970	LOGEL	Concreto Armado
ESP	Parques	Balneário do Parque Dez de Novembro	1967	Manaus/AM	1967	Prefeitura de Manaus	Concreto Armado
ESP	Institucional	Polícia Militar do Estado do Amazonas	1967	Manaus/AM	1967	Polícia Militar	Concreto Armado
ESP	Hotéis	Pousada para Caça e Pesca	1967	Autazes/AM	não	Governo do Estado do AM	Madeira
ORD	Residencial	Residência Cosme Ferreira Filho	1968	?	?	Cosme Ferreira	?
ESP	Institucional	Colônia Agrícola Rio Preto da Eva (escolas pré-fabricada, Igreja N.S.do Cavaco, posto de saúde, instalações esportivas)	1968	Rio Preto da Eva/AM	1969	Governo do Estado do AM	Madeira
ORD	Institucional	Granja da Polícia Militar do Estado do Amazonas	1968	BR 319 Km 89	1969	Polícia Militar	Madeira
ESP	Institucional	DRM	1968	Manaus/AM	?	?	?
ORD	Hotéis	Hotel Amazonas -(Ampliação)	1968	Manaus/AM	não	Hotel Amazonas	Concreto Armado
ORD	Comercial	Loja de produtos finos	1968	?	?	?	?
ORD	Residencial	Residência Manoel Otávio	1968	Manaus/AM	1969	Manoel Otávio	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência Marilú Archer Pinto	1968	Manaus/AM	1969	Henrique Archer Pinto	Concreto Armado
ESP	Institucional	Secretaria de Produção - SEPRO	1968	Manaus/AM	1969	Governo do Estado do AM	Madeira
ORD	Institucional	Roraima - Departamento de Correios e Telégrafos	1968	Boa Vista/RR	1969	Governo Federal	Concreto armado
ESP	Institucional	Banco do Estado de São Paulo	1969	Manaus/AM	não	BANESPA	Concreto armado
ORD	Educacional	Casas de Cultura -Itacoatiara	1969	Itacoatiara/AM	1970	Governo do Estado do AM	Madeira
ORD	Educacional	Casas de Cultura - Manacapuru	1969	Manacapuru/AM	1971	Governo do Estado do AM	Madeira
ORD	Educacional	Centro Educacional Christus do Amazonas	1969	Manaus/AM	1974	Orígenes e Berenice Martins	Concreto armado
ESP	Institucional	Companhia de Finanças da Prefeitura de Manaus	1969	Manaus/AM	?	Prefeitura de Manaus	?
ESP	Institucional	Compania de Petróleo do Amazonas - COPAM	1969	Manaus/AM	?	COPAN	?
ORD	Comercial	Edifício Comercial - Orsine Oliveira - R. Dr. Moreira	1969	Manaus/AM	197?	Orsine Oliveira	Concreto Armado
ORD	Comercial	Entrepasto de Pesca de Manaus	1969	Manaus/AM	não	Governo do Estado do AM	?
ORD	Educacional	Escola de Serviço Público do Estado do Amazonas - ESPEA	1969	Manaus/AM	não	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ESP	Institucional	Hospital Infantil - Casa Dr. Fajardo	1969	Manaus/AM	197?	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
		Indamar	1969	?	?	?	?
ORD	Comercial	Laboratório Luis Montenegro	1969	?	?	?	?
ORD	Institucional	Legião Brasileira de Assistência - Posto de Puericultura - Manaus	1969	?	?	?	?

			projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade
ORD	Institucional	Legião Brasileira de Assistência - Posto de Saúde - Careiro	1969	?	?	?	?
ORD	Comercial	Loja Bemol - Benchimol e Irmão	1969	Manaus/AM	construído	Samuel Benchimol	Interiores
ESP	Inst.Esportivas	Prefeitura de Itacoatiara - Estádio	1969	Itacoatiara/AM	1971	Prefeitura de Itacoatiara	Concreto Armado
ESP	Institucional	Prefeitura de Itacoatiara - Câmara Municipal	1969	Itacoatiara/AM	?	Prefeitura de Itacoatiara	?
ORD	Resid.Multifamiliar	Prefeitura de Itacoatiara - Resid. Visitantes	1969	Itacoatiara/AM	?	Prefeitura de Itacoatiara	?
ESP	Parques	Prefeitura de Itacoatiara - Praça	1969	Itacoatiara/AM	19??	Prefeitura de Itacoatiara	?
ORD	Residencial	Residência Felipe Abraham	1969	Manaus/AM	1971	Felipe Abraham	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência Hamilton Loureiro	1969	Manaus/AM	1970?	Hamilton Loureiro	?
ORD	Residencial	Residência Henri Klein	1969	?	?	Henri Klein	?
ORD	Residencial	Residência Paulo César Lima	1969	?	?	Paulo Cesar Lima	?
ORD	Residencial	Residência Plínio Benfica	1969	?	?	Plinio Benfica	?
1970							
ESP	Educacional	SESI São Jorge - Centro social do bairro São Jorge	1970	Manaus/AM	197?	SESI	Concreto Armado
ORD	Educacional	Faculdade de Odontologia	1975	Manaus/AM	1980	Universidade do Amazonas	Concreto Armado
ord	Educacional	Auditorio Dr. Zerbin - Faculdade de Medicina	197?	Manaus/AM	1971	Universidade do Amazonas	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência Sr. Fernando Monteiro - Rua Tapajós esquina com Leonardo Malcher	1970	Manaus/AM	197?	Fernando Monteiro	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência Humberto Calderaro	1970	Manaus/AM	197?	Humberto Calderaro	Concreto Armado
ESP	Educacional	INPA - Instituto Nacional de Pesquisas do Amazonas - Laboratórios	1970	Manaus/AM	1973	INPA	Concreto Armado
ESP	Institucional	Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis - DNPVN	1970	Manaus/AM	construído	Portobrás	Concreto Armado
ORD	Institucional	Centro municipal de pesquisas educacionais - CEMPE	1970	Manaus/AM	197?	Prefeitura de Manaus	Concreto Armado
ORD	Industrial	Fábrica da Coca-cola	1970	Manaus/AM	197?	Privado/Aristides Queiroz de Oliveira Neto	concreto armado
ORD	Residencial	Residência Amin Said	1970	Manaus/AM	1971?	Amin Said	?
ORD	Comercial	Tipografia Fênix	1970			Tipografia Fênix	?
ESP	Institucional	Banco da Amazônia - Agência Manaus	1970	Manaus/AM	não	Público/ BASA	concreto armado
ORD	Comercial	Sardinha & Companhia Ltda.	1971	?	?	?	?
ORD	Residencial	Residência SMP - Rua Recife 1435	1971	Manaus/AM	1971	Severiano Porto	Madeira
ORD	Resid. Multifamiliar	Residencial Jardim Haydéa	1971	Manaus/AM	197?	Privado	?

			projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade
ORD	Institucional	Rádio Tv do Amazonas Ltda / Amazonas Publicidade	1971	Manaus/AM	197?	Phelippe Daou	Concreto Armado
ORD	Institucional	Projeto Rondon - Sede da Coord. Regional da Amazônia Ocidental - Manaus	1971	Manaus/AM	?	Governo Federal	?
ORD	Comercial	Loja CREDILAR - Teatro	1971	Manaus/AM	1972?	Privado/Loja CREDILAR	madeira
ESP	Institucional	Mercado Terminal de Manaus - Mercado do Produtor	1971	Manaus/AM	não	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência João Daher Merchar Filho	1971	Manaus/AM	1972?	João Daher	?
ORD	Interiores	VARIG - Agência Manaus	1972	Manaus/AM	1972	VARIG	Interiores
ESP	Infraestrutura	COSAMA - Reservatórios Elevados e Conjunto Administrativo	1972	Manaus/AM	1973	Prefeitura de Manaus	Concreto Armado
ORD	Loteamento	Loteamento na Ponta Negra	1972	Manaus/AM	?	-	-
ORD	Loteamento	Condomínio Parque Residência	1972	Manaus/AM	1974	?	-
ORD	Institucional	Compania de Pesquisa de Recursos Minerais - CPRM	1972	Manaus/AM	não	CPRM	Concreto Armado
		CITREC	1972	?	?	?	?
ESP	Institucional	Banco da Bahia - Agência Manaus	1972	Manaus/AM	?	?	?
ESP	Parques	Ponta Negra - Urbanização	1972	Manaus/AM	?	Prefeitura de Manaus	-
ORD	Residencial	Residência Moisés Sabba	1973	?	?	Moisés Sabba	?
ORD	Residencial	Residência Heliandro Maia	1973	Manaus/AM	197?	Heliandro Maia	Concreto Armado
ORD	Institucional	Associação dos Importadores - Zona Franca de Manaus	1973	Manaus/AM	?	?	?
ORD	Comercial	CEASA - Central de abastecimento S/A	1973	Manaus/AM	1974	Governo Federal	Concreto Armado
ORD	Reforma	Casa da criança	1973	Manaus/AM	?	Governo do Estado do AM	?
ORD	Comercial	Casa do Óleo	1973	?	?	Governo do Estado do AM	?
ORD	Reforma	DER - Amazonas - Palácio Rodoviário - Alteração no Projeto de José Bina Fonyat	1973	Manaus/AM	1974	Prefeitura Municipal de Manaus	-
ORD	Infraestrutura	Posto Policial Rodoviário - DER	1973			Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência Dr. Arnaldo Gomes da Costa	1973	Manaus/AM	1974?	Arnoldo Gomes da Costa	?
ORD	Residencial	Residência João Bosco Desideri Santoro	1973	Manaus/AM	Não	João Bosco Santoro	?
ESP	Educacional	SENAI Acre - Centro de Treinamento	1973	Rio Branco/AC	197?	SENAI	Concreto Armado
ESP	Educacional	SENAI Carvalho Leal - Centro de Formação Profissional de Manaus	1973	Manaus/AM	197?	SENAI	Concreto Armado
ESP	Educacional	SESI Amazonas - Clube do Trabalhador	1973	Manaus/AM	1975?	SENAI	Concreto Armado
ESP	Institucional	SUFRAMA - Superintendência da Zona Franca de Manaus - Sede	1973	Manaus/AM	1974	Ministério do Interior - Governo Federal	Concreto Armado

			projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade
ESP	Educacional	Universidade do Amazonas - Setor Norte - Atual UFAM	1973	Manaus/AM	1986	Ministério da Educação - Governo Federal	Concreto Armado e Aço
ESP	Institucional	SESI Centro Integrado	1974	Manaus/AM	197?	SESI	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência José Augusto R. da Cunha	1974	Manaus/AM	não	José Augusto R. da Cunha	?
ORD	Residencial	Residência Tsung Philip Cheng Kung	1974	Manaus/AM	Não	Tsung Philip Cheng Kung	?
ORD	Interiores	Aeroporto Internacional de Manaus - Reforma embarque/desembarque	1974	Manaus/AM	197?	INFRAERO	-
ESP	Institucional	Banco da Amazônia - Agência Manaus	1974	Manaus/AM	1979	BASA	Concreto Armado
ORD	Institucional	INFRAERO	1974	Manaus/AM	?	INFRAERO	?
ORD	Comercial	Moto Importadora	1974	Manaus/AM	?	?	?
ORD	Institucional	PETROBRÁS - Posto de abastecimento na CEASA	1974	Manaus/AM	?	PETROBRÁS	?
ORD	Residencial	Residência Luigy Tiellet da Silva	1974	Manaus/AM	1975?	Luigy Tiellet da Silva	?
ORD	Residencial	Residência Orsini Oliveira - Cond. Parque Residências 8A	1974	Manaus/AM	197?	Orsine Oliveira	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência Sílvio Duarte da Cunha Soares	1974	Manaus/AM	Não	Sílvio Duarte da Cunha Soares	Concreto Armado
ORD	Educacional	Roraima - Colégio de 2º grau	1974	Boa Vista/RR	197?	Território de Roraima	Concreto Armado
ORD	Educacional	Roraima - Colégio Oswaldo Cruz	1974	Boa Vista/RR	197?	Território de Roraima	Concreto Armado
ESP	Parques	Praça da Bandeira - Prefeitura Municipal de Boa Vista	1975	Boa Vista/RR	197?	Prefeitura da Prefeitura de Vista	-
ESP	Institucional	Banco da Amazônia - Agência Rio de Janeiro	1975	Rio de Janeiro	não	BASA	Concreto Armado
ORD	Institucional	CIRMMAN - Círculo Militar de Manaus	1975	Manaus/AM	Não	Ministério da Defesa - Governo Federal	Madeira
ESP	Monumento	Congresso Eucarístico	1975	Manaus/AM	1975	CNBB	Madeira
ORD	Residencial	Residência João Augusto Loureiro - loteamento na Ponta Negra	1975	Manaus/AM	1976?	João Augusto Loureiro	?
ORD	Residencial	Residência Marlene Souza	1975	Manaus/AM	Não	Marlene Souza	?
ESP	Institucional	Varas cíveis e Criminais e Juizados de Menores - Fórum Henocho Reis	1975	Manaus/AM	1998?	Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas	Concreto Armado
ESP	Institucional	Roraima - Praça da Bandeira	1975	Boa Vista/RR	197?	Território de Roraima	-
ORD	Comercial	Roraima - Rádio Difusora	1975	Boa Vista/RR	197?	Território de Roraima	Concreto Armado
ESP	Infraestrutura	Roraima - Reservatório de Caracará	1975	Caracará/ RR	197?	Território de Roraima	Concreto Armado
ESP	Institucional	Roraima - Palácio da Justiça	1976	Boa Vista/RR	197?	Território de Roraima	Concreto Armado
ORD	Educacional	Roraima - Escola Modulada - 1º grau	1976	Boa Vista/RR	197?	Território de Roraima	Concreto Armado
ORD	Res. Multifamiliar	Roraima - conjunto Residencial do Governo	1976	Boa Vista/RR	1979	Território de Roraima	Concreto Armado
ESP	Educacional	SESI Santarém	1975	Santarém/PA	197?	SESI	Concreto Armado

			projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade
ORD	Interiores	Posto de abastecimento da Empresa Amazonense de Turismo	1976	Manaus/AM	1976	Governo do Estado do AM	-
ESP	Institucional	Banco da Amazônia - Agência São Paulo	1976	São Paulo/SP	não	Público/ BASA	Concreto Armado
ORD	Institucional	SUFRAMA - Centro médico do distrito industrial	1976	Manaus/AM	197?	SUFRAMA	Concreto Armado
ORD	Comercial	Artefatos de Madeira - Fábrica de Esquadria e Móveis	1976	?	?	Fábrica Esquadria Móveis	?
ESP	Institucional	Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas	1976	Manaus/AM	não	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ORD	Institucional	Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE - Tefé	1976	Tefé/AM	?	APAE	?
ORD	Reforma	Casa Canavarro (Reforma)	1976	Manaus/AM	?	Canavarro & Ventilari	-
ESP	Inst.Esportivas	CEFI - Centro de Educação Física e Desportos do Amazonas - Vila Olímpica	1976	Manaus/AM	1988	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ORD	Institucional	CEFI Amazonas - Centro de reabilitação e avaliação física	1976	Manaus/AM	1977?	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ORD	Resid. Multifamiliar	Parque Solimões	1976	Manaus/AM	197?	COENCIL	Concreto Armado
ORD	Interiores	EMANTUR - Aeroporto	1976	Manaus/AM	1976	Prefeitura Municipal de Manaus	-
ORD	Industrial	Metalúrgica Santo Antonio	1976	Manaus/AM	1977	Metalúrgica Santo Antonio	Aço
ORD	Interiores	TELEAMAZON - Posto telefônico no Aeroporto Internacional Eduardo Gomes	1976	Manaus/AM	1976	TELEAMAZON	-
ORD	Residencial	Residência EMBRATEL - Condomínio Parque Residências	1976	Manaus/AM	1980?	EMBRATEL	Concreto Armado
ORD	Infraestrutura	TELEAMAZON - Prédio de expansão e complementação da central telefônica	1977	Manaus/AM	?	TELEAMAZON	?
ESP	Institucional	Tribunal Regional Eleitoral	1977	Manaus/AM	1988	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ORD	Institucional	Centro integrado de patologia	1977	Manaus/AM	?	?	?
ORD	Comercial	Eletrofiltros Neo Life	1977	Manaus/AM	?	Neolife	?
ESP	Inst.Esportivas	Raia Olímpica de Remo de Manaus	1977	Manaus/AM	198?	Prefeitura Municipal de Manaus	Concreto Armado
ORD	Comercial	Sulamerica Capitalização	1977	?	?	Sulamerica	?
ORD	Institucional	ASTER	1977	Boa Vista/RR	?	Prefeitura Aster	?
ESP	Institucional	Banco de Roraima	1977	Boa Vista/RR	?	Governo do Estado de RR	?
ORD	Resid. Multifamiliar	Conjunto Residencial Bairro São Vicente	1977	Boa Vista/RR	197?	Governo do Estado de RR	Concreto armado
ORD	Resid. Multifamiliar	Conjunto Residencial, Centro Comercial e Centro Social Macejana	1977	Boa Vista/RR	197?	Governo do Estado de RR	Madeira
ESP	Comercial	Mercado / Prefeitura de Boa Vista	1977	Boa Vista/RR	?	Governo do Estado de RR	?
ESP	Infraestrutura	Rodoviária Internacional de Boa Vista	1977	Boa Vista/RR	19??	Governo do Estado de RR	Concreto Armado
ESP	Educacional	SESI - Parangaba	1977	Fortaleza/CE	19??	SESI	Aço

			projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade
ESP	Educacional	SESI - Barra do Ceará	1977	Fortaleza/CE	1980	SESI	
ORD	Residencial	Residência Heitor Vieira Dourado	1978	Manaus/AM	1979?	Heitor Dourado	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência João Luiz Osório - Pontal do Atalaia - Arraial do Cabo -RJ	1978	Arraial do Cabo/RJ	não	João Luiz Osório	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência José Norberto da Silva Venâncio	1978	Manaus/AM	Não	José Venâncio	?
ORD	Residencial	Residência Paulo Nery	1978	Manaus/AM	1979?	Paulo Nery	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência Robert Schuster	1978	Manaus/AM	construído	Robert Schuster	Madeira
ORD	Soresel	Soresa Estacionamento	1978	?	?	?	?
ORD	Sufraeal	SUFRAMA - Centro de serviços rurais do distrito agropecuário	1978	Manaus/AM	?	SUFRAMA	?
ORD	Reforma	Santa Casa de Misericórdia	1978	Manaus/AM	não	Santa Casa de Misericórdia	-
ORD	Institucional	Associação dos Japoneses de Manaus	1979	Manaus/AM	198?	Associação dos Japoneses de Manaus	Concreto Armado
ORD	Institucional	Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE - Parque Dez	1979	Manaus/AM	198?	APAE	Concreto Armado
ORD	Resid. Multifamiliar	Banco da Amazônia - Conjunto Residencial para funcionários	1979	Manaus/AM	não	BASA	Concreto Armado
ORD	Reforma	Banco do Estado do Pará	1979	Manaus/AM	construído	Banco do Estado do Pará	Madeira
ORD	Reforma	Reforma e adaptação para a agência BANESPA	1979	Manaus/AM	?	BANESPA	-
ORD	Inst.Esportivas	Bosque Clube	1979	Manaus/AM	198?	Bosque Clube	concreto armado e madeira
ORD	Institucional	CEAMO - SUDAM	1979	Manaus/AM	?	SUDAM	?
ORD	Resid. Multifamiliar	Condomínio Praia da Lua	1979	Manaus/AM	1980	?	Madeira
ORD	Institucional	Consulado do Japão	1979	Manaus/AM	198?	Japão	Concreto Armado
ORD	Comercial	Edifício Juruá	1979	Manaus/AM	?	Importadora Oliveira	Concreto armado
ESP	Hotéis	Pousada Guanavenas - Silves	1979	Silves/AM	1984	Aristides Queiroz de Oliveira Neto	Madeira
ORD	Institucional	IPASEA - Ambulatórios	1979	Manaus/AM	198?	Governo do Estado do AM	oncreto armado
ORD	Residencial	Residência Eduar Mousse	1979	Manaus/AM	198?	Eduar Mousse	?
ORD	Residencial	Residência Coronel Fernando Ramos Pereira	1979	Manaus/AM	Não	Fernando Pereira	?
ORD	Residencial	Residência Jurandir Gaioto	1979	Manaus/AM	198?	Fernando Gaioto	?
ORD	Residencial	Residência Osias dos Santos Santiago - Cond. Parque Residências 10A	1979	Manaus/AM	198?	Osias Santiago	Concreto Armado
ORD	?	SUDOP do Amazonas	1979	?	?	?	?
ORD	Infraestrutura	TELEAMAZON - Central telefônica de Benjamin Constant	1979	Benjamin Constant/AM	198?	TELEAMAZON	Estrutura Metálica e Painéis Wall

			projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade
ORD	Infraestrutura	TELEAMAZON - Central telefônica de Tabatinga	1979	Tabatinga/AM	198?	TELEAMAZON	Estrutura Metálica e Painéis Wall
1980							
ORD	Comercial	Cinema Novo	1980	Cabo Frio - RJ	198?	Joao Luiz Osório	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência Oficial do Governo do Estado do Amazonas - SUPLAN	1980	Manaus/AM	?	Governo do Estado do AM	Concreto Armado
ORD	Loteamento	SUFRAMA - Plano diretor integrado e projeto de infraestrutura urbana do distrito industrial	1980	Manaus/AM	1980	SUFRAMA	-
ORD	Reforma	Tribunal de Contas do Estado do Amazonas	1981	Manaus/AM	construído	Governo do Estado do AM	-
ORD	Residencial	Residência Patrick Maurice Maury	1981	Manaus/AM	não	Patrick Maury	?
ORD	Residencial	Residência Orsine Oliveira - Cond. Parque Residências 12A	1981	Manaus/AM	1982	Orsine Oliveira	Concreto Armado
ORD	Reforma	Bank of London	1981	Manaus/AM	1982	Bank of London	-
ORD	Residencial	Residência Carlos Alberto Garcia de Souza	1981	Manaus/AM	198?	Carlos Souza	Concreto Armado
ORD	Institucional	TELEAMAZON - Gremio esportivo	1981	?	?	TELEAMAZON	?
ORD	Reforma	VASP	1982	Manaus/AM	1983	VASP	-
ORD	Residencial	Residência Osias dos Santos Santiago - Cond. Parque Residências 9A	1982	Manaus/AM	1983 ?	Osias Santiago	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência Joaquim Margarido	1982	Manaus/AM	1983 ?	Joaquim Margarido	Concreto Armado e Madeira
ORD	Residencial	Residência Alexandre Ale dos Santos	1982	Manaus/AM	1983 ?	Alexandre Ale	Concreto armado e madeira
ORD	Reforma	Apartamento Antônio Simões	1982	Manaus/AM	Não	Antônio Simões	Interiores
ORD	Reforma	CITIBANK	1982	Manaus/AM	1983	CITIBANK	Concreto armado e madeira
ORD	Resid.Multifamiliar	Edifício no Jardim Primavera	1982	Manaus/AM	não	?	concreto armado
ESP	Infraestrutura	TELEMAR - Ampliação do edifício administrativo	1982	Campo Grande/MS	1986?	TELEMAR	concreto armado
ESP	Infraestrutura	TELEMAR - Central telefônica de Campo Grande	1982	Campo Grande/MS	1983	TELEMAR	concreto armado
ORD	Industrial	Gás da Amazônia Ltda.	1983	Manaus/AM	?	Gás da Amazônia	?
ESP	Institucional	Rondônia - Assembleia Legislativa	1983	Boa Vista/RR	não	Governo do Estado do RO	Tijolo armado - Dieste
ORD	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviços para cidades do interior - Projeto Padrão (Mucujáí)	1983	várias cidades/RR	1984?	TELEAMAZON	?
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão -Carauari	1983	Carauari/AM	1984?	TELEAMAZON	Concreto armado

			projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão -Lábrea	1983	Lábrea/AM	1984?	TELEAMAZON	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão -Piquiá	1983	Piquiá/AM	1984?	TELEAMAZON	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão -Boca do Acre	1983	Boca do Acre/AM	1984?	TELEAMAZON	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ORD	Residencial	Residência José Marcílio - Sete Casuarinas /Recife	1984	Recife-PE	1986?	José Marcílio	?
ORD	Residencial	Residência João Luiz Osório - Pontal do Atalaia - Cabo Frio -RJ	1984	Cabo Frio/RJ	não	João Luiz Osório	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência Francisco Anastácio Cantisani de Carvalho	1984	Carvalho/AM	1985 ?	Francisco Anastácio	Concreto Armado e Madeira
ORD	Comercial	Loja "Les Enfants"	1984	Manaus/AM	sim	Loja	Concreto armado
ORD	Comercial	Escritório SMP - Reforma	1984	Manaus/AM	1984	Severiano Porto	-
ORD	Residencial	Residência Carlos Fabiano de Souza	1984	Manaus/AM	1986 ?	Residência	Madeira
ESP	Infraestrutura	TELEMAR - Centro de apoio operacional	1984	Campo Grande/MS	1988?	TELEMAR	Concreto Armado
ORD	Infraestrutura	TELEAMAZON - Centro de apoio operacional	1984	Manaus/AM	1985?	TELEAMAZON	Concreto Armado
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1985	Careiro/AM	1986?	Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1985	Urucurituba/AM	1986 ?	Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1985	Itapiranga/AM	19868 ?	Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1985	Urucará/AM	1986 ?	Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1985	Nhamundá/AM	1986 ?	Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1985	São Gabriel da Cachoeira/AM	1986 ?	Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1985	São Paulo de Olivença/AM	1986 ?	Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1985	Eirunepé/AM	1986 ?	Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1985	Borba/AM	1986 ?	Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEMAR - Centro de apoio operacional de Cuiabá	1985	Cuiabá	1987 ?	TELEMAR	Concreto Armado

			projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade
ORD	Resid. Multifamiliar	Edifício de Uso Misto (comércio/residência)	1985	Manaus/AM	198?	Edifício	Concreto armado
ESP	Educacional	Centro de Proteção Ambiental de Balbina - Eletronorte	1985	Presidente Figueredo/AM	1987	Eletronorte	Madeira
ORD	Reforma	Residência Rosedilson Lopes de Assis - cond. Parque Residência	1985	cond. Parque Residência/AM	1986 ?	Rosedilson Assis	Concreto Armado e Madeira
ORD	Residencial	Residência Pedro Queiroz Sampaio	1986	Manaus/AM	1988?	Pedro Sampaio	?
ORD	Infraestrutura	TELEAMAZON - Central telefônica Torquato Tapajós	1986	Manaus/AM	1987 ?	TELEAMAZON	Concreto armado
ORD	Loteamento	Condomínio Mediterrâneo	1987	Manaus/AM	1988 ?	?	-
ORD	Res. Multifamiliar	Edifício Aracoara	1987	Manaus/AM	1988 ?	?	concreto armado
ORD	Res. Multifamiliar	Edifício José Carlos Martins Mestrinho	1987	Manaus/AM	não	Construtora Comagi	concreto armado
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1988	Barreirinha/AM	1989?	Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1988	Barcelos/AM		Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1988	Santa Izabel do Rio Negro/AM		Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ESP	Infraestrutura	TELEAMAZON - Postos de serviço para cidades do interior - Projeto padrão	1988	Nova Olinda/AM		Telemazon	Estrutura Metálica e Painéis Wall
ORD	Res. Multifamiliar	Amazonas Flat Service	1988	Manaus/AM	construído	?	concreto armado
ORD	Reforma	Fundação Joaquim Nabuco - Museu do Homem do Norte	1988	Manaus/AM	1988?	Universidade do Amazonas	-
ORD	Hotéis	Hotel Anaconda - Pedro Queiroz Sampaio	1988	Manaus/AM	não	Pedro Sampaio	concreto armado
ORD	Comercial	Lojas populares	1988	?	?	?	?
ORD	Loteamento	Loteamento Puraquequara	1988	Manaus/AM		Pedro Sampaio	-
ORD	Loteamento	Loteamento Jardim Amazônia	1989	Manaus/AM	?	Luis Mourão	-
ORD	Residencial	Residência George Anthístenes Lins de Albuquerque	1989	Manaus/AM	1991?	George Lins Albuquerque	Concreto Armado e Madeira
ORD	Residencial	Residência Juliana Guimarães de Oliveira	1989	Manaus/AM	1991	Juliana Oliveira	?
ORD	Residencial	Residência Olinda Carin Antônio	1989	Antônio/AM	1991?	Olinda Carin	Concreto Armado
ORD	Residencial	Residência Orsine Oliveira - Cond. Jardim das Américas	1989	Cond. Jardim das Américas/AM	1991?	Orsine Oliveira	Concreto Armado
ESP	Institucional	SESC Araruama	1989	Araruama /RJ	não	SESC	Concreto Armado
ORD	Reforma	SUFRAMA - Ampliação da sede	1989	Ampliação da sede/AM	não	SUFRAMA	Concreto Armado
?	?	Vitopan	1989	Vitopan/AM	?	?	?

1990

ESP	Institucional	Caixa Economica Federal - Ag.Aleixo	1990	Manaus/AM	não	CAIXA	Concreto armado
-----	---------------	-------------------------------------	------	-----------	-----	-------	-----------------

			projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade
ESP	Institucional	Caixa Economica Federal - Cacoal	1990	Cacoal/RO	?	CAIXA	Concreto armado
ORD	Interiores	Caixa Economica Federal - Amazonas Shopping	1991	Manaus/AM	1992?	CAIXA	Madeira
ESP	Institucional	Hospital Universitário - UA(UFAM)	1991	Manaus/AM	não	Universidade do Amazonas	concreto armado e aço
ORD	Interiores	Importadora Oliveira - Amazonas Shopping Center	1991	Manaus/AM	1992?	Importadora Oliveira	-
ORD	Interiores	Arquitetura de interior para apartamento / Joá importadora	1991	Manaus/AM	1992?	Ulisses Garcez Junior	-
ORD	Comercial	Magazine Oliveira - Guilherme Moreira / Centro	1992	Manaus/AM	1993?	Magazine Oliveira	Concreto Armado
ESP	Parques	Parque de Cultura, Esporte e Lazer da Ponta Negra	1992	Manaus/AM	1993?	Prefeitura Municipal de Manaus	-
ORD	Comercial	Centro eletrônico - Orsine de Oliveira	1992	Orsine de Oliveira/AM	1994?	Orsine Oliveira	?
ORD	Reforma	Caixa Economica Federal - Projeto de Reforma do Edifício Socilar	1992	Manaus/AM	1994?	CAIXA	-
ORD	Reforma	TELEAMAZON - Getúlio Vargas	1992	Getúlio Vargas/AM	1994?	TELEAMAZON	concreto armado
ORD	Interiores	TELEAMAZON - Ilhas para telefone público	1992	Manaus/AM	1992?	TELEAMAZON	-
ORD	Interiores	Lord Magazine	1993	Magazine/AM	1994?	Lord Magazine	-
ORD	Interiores	Banco Bradesco	1993	Bradesco/AM	1994?	BRDESCO	-
ESP	Educacional	SENAI Distrito Industrial	1994	Manaus/AM	1996?	SENAI	concreto armado
ORD	Comercial	Magazine Oliveira - Amazonas Shopping Center	1994	Manaus/AM	1995?	Prefeitura Oliveira Shopping	-
ESP	Institucional	Aldeias infantis	1993	Manaus/AM	1997	Público/UNICEF	Madeira, Concreto Armado e Aço
ORD	Infraestrutura	TELEAMAZON - Central telefônica para Manaus - Projeto padrão (Distrito Industrial/CEASA)	1994	Manaus/AM	1995?	Telemazon	?
ORD	Reforma	SUFRAMA - Restauração da sede	1994	Manaus/AM	1998	SUFRAMA	Concreto armado
ORD	Residencial	Residência Fernando Matos de Souza	1995	Manaus/AM	1996?	Fernando Souza	?
ORD	Reforma	Estadio Vivaldo Lima - Reforma	1995	Manaus/AM	1997?	Governo do Estado do AM	Aço
ORD	Institucional	Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE - Itacoatiara	1996	Itacoatiara/AM	?	Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais	?
ESP	Institucional	Varas cíveis e Criminais - Reestudo geral do projeto	1996	Manaus/AM	1998	Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas	concreto armado
ORD	Residencial	Residência Juma Participações - Petrônio Pinheiro Filho	1997	Manaus/AM	Não	?	?
ORD	Comercial	Centro de Cultura, Lazer e Comércio - Vargem Grande	1997	Vargem Grande/?	não	Privado/J.G.C.G Empreendimentos e Promoções	Concreto armado e aço
ORD	Comercial	Alpes Rep. E Com. Ltda	1997	Manaus/AM	construído	Privado/Grupo ALE	Concreto Armado
ESP	Comercial	Hotel Renaissance	1998	Manaus/AM	não	Privado	Concreto armado

			projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade
ESP	Institucional	SESC Baía das Pedras - Pantanal	1999	Porto Cercado/MT	não	SESC	Madeira
2000							
ORD	Institucional	Espaço de Lazer Igarapé Preto	2000	Preto/AM	não	?	?
ORD	Institucional	Teatro na UFAM	2002	Manaus/AM	Não	UFAM	Concreto Armado e Aço
ORD	Residencial	Residência Mario Porto	?	Niterói/RJ	2002	Mario Porto	Concreto Armado
SEM DATA PRECISA							
ESP	Institucional	Banco Andrade Arnaud		Manaus/AM			
ORD	Institucional	Capitanias dos Portos					
ORD	Institucional	Casa Candango					
ORD	Institucional	Centro de recepção e triagem de menores - SUPLAN		Manaus/AM			
ORD	Educacional	Colégio Pio XI		Rio de Janeiro/RJ			
ORD	Res. Multifamiliar	COMINFRA - conjunto residencial para oficiais do Ministério da Aeronáutica	197?	Manaus/AM	197?		
ORD	Res. Multifamiliar	Edifício Engenharia Melmam Osório S/A		Manaus/AM	não		
ORD	Res. Multifamiliar	Edifício Vila Real		Manaus/AM	19xx		Concreto armado
ORD	Institucional	Festival estudantil de mpb do Amazonas		Itacoatiara/AM			
ORD	Institucional	Hospital de Moléstias Tropicais - Auditório		Manaus/AM	19xx		Concreto armado
ORD	Institucional	IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal		Manaus/AM	19xx		Concreto armado
ESP	Institucional	Igreja Iranduba		Iranduba/AM	não		Madeira
ORD	Comercial	Praça Pio X - Edifício Garagem - RJ		Rio de Janeiro/RJ			Concreto armado
ORD	LOTEAMENTO	Residência Bairro das Araras		Terezopolis/RJ	não		
ORD	Residencial	Residência Cláudio Moreira - RJ		Rio de Janeiro/RJ	19xx		
ORD	Residencial	Residência em Caracará	197?	Caracará/RJ	197?		Concreto armado
ORD	Residencial	Residência Raimundo Lopez - cond. Parque Residência		Manaus/AM			Concreto armado
ORD	Comercial	Shopping Center São Jorge (Ministério do Exército) SORESAs		Manaus/AM			
Studia							
ORD	Res. Multifamiliar	TELEAMAZON - Residência para gerentes do interior		Várias cidades			

			projeto	cidade/Estado	Construído	Cliente	Materialidade
ORD	Institucional	Tv Rondônia	197?	Boa Vista/RR	197?		Concreto armado
ESP	Parques	Urbanização da área beira rio / Praça dos remédios / Estação hidroviária		Manaus/AM			

Anexo 2:

Relação de publicações dos projetos, entrevistas e conferências:

Ano	Nome	Projetos Publicados	Local
1957	Revista Brasil:Arquitetura contemporânea, n°.11.p.7 a 11.	Edifício Saint Malo	Rio de Janeiro
1965	Revista Arquitetura, n°.40.p.?	Escolas Pré-fabricadas	Diversas cidades do AM
1965	Revista Arquitetura, n°.42. p.55 a 63.	Estádio Vivaldo Lima CAMTEL Sede da Assembléia Legislativo do AM Anexo do Palácio Rio Negro Secretaria de Produção	Manaus
1966	Revista Arquitetura, n°.44. p.?	Estádio Vivaldo Lima	Manaus
1967	Revista Arquitetura, n°.58. p.?	Residência Recife 1762 (Cafundó)	Manaus
1967	Revista Visão n°. 21 de dezembro de 1967		
1968	Revista Arquitetura, n°.68.p.? a ?.	Restaurante Chapéu de Palha	Manaus
1969	Arquitetura Brasileira do Ano, n°.1. p.80 a 125.	CAMTEL Quartel da Polícia Militar no Amazonas Secretaria de Produção Balneário do Parque 10 de novembro Hotel de caça e pesca Restaurante Chapéu de Palha Escolas Pré-fabricadas Residência Recife 1762 (Cafundó)	Manaus Manaus Manaus Manaus Autazes/AM Manaus Diversas cidades /AM Manaus
1970	Veja, n°.112 (28/10/1970).p.58. "O arquiteto das madeiras"	Residência Recife 1762 (Cafundó) Secretaria da Produção Estádio Vivaldo Lima Entrevista	Manaus
1971	Revista Bom dia, n°.3(31/03/71).p.30-34	Entrevista	
1971	IX Premiação Anual do IAB/GB 1971 - Catálogo da Premiação	Residência do arquiteto	Manaus
1972	Casa & Jardim, n°.210.p.20-31.	Residência do arquiteto	Manaus
1972	Casa Cláudia, n°.135/A.p.22-24.	Residência Recife 1435	Manaus

1973	Jornal do Commercio - Amazonas edição de 04 de dezembro de 1973. p.2.	Discurso do arquiteto para recebimento do título "Cidadão do Estado do Amazonas"	
1975	Casa & Jardim, n°.245/A.p.72-82.	Conjunto Residencial para o Território de RR Casa do Governador de RR Casa do Secretários	Boa Vista
1975	Jornal da Arquitetura - IAB/SAG, n°. 20. p.6	SUFRAMA	Manaus
1975	C.J. Arquitetura, n°.7. p.88 a 92.	PORTOBRÁS	Manaus
1975	C.J. Arquitetura, n°.8. p.18 a 23.	SUFRAMA	Manaus
1976	Revista Arquitetura Brasileira,n°.9.p.58-61	Reservatórios elevados da COSAMA	Manaus
1976	Casa & Jardim, n°.259/A.p.99-109.	Condomínio Parque Residências Residência Embratel Residência 2 Residência 3 Residência 4 Residência 5 Residência 6 Residência 7 Residência 8	Manaus
1976	GAM n°.27 - Galeria de Arte Moderna/ Jornal Mensal de Artes Visuais	Residência Recife 1435 Igreja Nossa Senhora do Cavaco SUFRAMA	Manaus Rio Preto da Eva/AM Manaus
1976	Ciclo de Estudos Amazônicos: Arquitetura na Amazônia	Conferência	Rio de Janeiro
1977	Los Angeles Times Home Magazine - 27 de fevereiro de 1977.(EUA)	Residência Recife 1435	Manaus
1977	Ville Giardini / Casa Nel Verde 109. (ITA)	Residência Recife 1435	Manaus
1978	Veja, n°.538 (28/12/1978).p.48. "Ecoloquitetura"	Residência Schuster Residência João Luiz Osório	Manaus Arraial do Cabo/RJ

1978	CJ Arquitetura n°.20 - 1978	Hospital da Santa Casa de Misericórdia Campus da universdade do Amazonas Residência Recife 1435 SUFRAMA Agência da VARIG PORTOBRÁS	Manaus
1978	Domus,n°.578. encarte.(ITA)	Residência do arquiteto SUFRAMA	Manaus
1979	L'Architecture d'aujourd'hui, n°.206.p.86-87.(FRA)	Residência Schuster	Manaus
1979	Módulo, n°.53. p.?	Residência Schuster	Manaus
1979	Catálogo da ASBEA.p.70-73.	Residência Recife 1435 SUFRAMA Estádio Vivaldo Lima Vila Olímpica Reservatório elevados da COSAMA Metalúrgica Santo Antônio CREDILAR Restaurante Chapéu de Palha CEASA	Manaus
1979	Projeto, n°.15 - set/out. P.? "A preocupação com a natureza nos projetos de Severiano Porto"		
1979	Construção Norte Nordeste.n°.74 - julho 1979. "Justiça em Manaus vai mudar para casa nova."	Fórum Henocho Reis	Manaus
1979	Summa, n°.133.p.41-44.(ARG)	Residência Recife 1435	Manaus
1980	Summa, n°.148.p.44. (ARG)	Residência Schuster	Manaus
1980	Process n°.17 (JAP)	Reservatórios elevados da COSAMA Residência Recife 1435 Residência Schuster	Manaus
1980	Summa, n°.148.p.42. (ARG)	Residência João Luiz Osório	Arraial do Cabo/RJ
1981	Techniques & Architecture, n°.334.p.58. (FRA)	Residência Schuster	Manaus
1981	Cláudia, n°.232.p.102-103	Residência Recife 1435	Manaus

1982	Projeto, n°.40.p.22-25	Residência Recife 1435	Manaus
1982	Projeto, n°.40.p.26-28	SUFRAMA	Manaus
1982	Projeto, n°.42.p.133	SUFRAMA	Manaus
1982	Projeto, n°.42.p.155	Reservatórios elevados da COSAMA	Manaus
1982	Jornal do Engenheiro n°.001 - julho de 1982 "Crescimento Urbano em Manaus."		Manaus
1982	Módulo, n°.70. p.64 a 67.	Artigo "Arquitetura Tropical"	
1983	Revista ADEMI, n°.101.p.15	Pousada da ilha de Silves	Silves/AM
1983	Projeto, n°.49.p.36-46	Pousada da ilha de Silves	Silves/AM
1983	Projeto, n°.52. p.? Em agosto, Brasília sediará o VII ENEA		
1983	Projeto, n°.53 p.?	Residência Recife 1435 Pousada da ilha de Silves	Manaus Silves/AM
1983	Revista VISÃO n°.35 - 29 de agosto de 1983. "O fim de modelo? A atual Arquitetura do País?"		
1983	Projeto n°.53.p.? "O que foi a semana de arquitetura brasileira em Buenos Aires"		
1983	Projeto, n°.57.p.64	PORTOBRÁS	Manaus
1983	Módulo n°.75 p.58 a 61	Pousada da ilha de Silves	Silves/AM
1983	Revista O Turista n°.11.p.? "A natureza é o nosso maior argumento"	Entrevista à Terezinha Soares	
1984	Revista Ícaro n°.5		
1984	Primeira Mostra de Arquitetos em Manaus IAB/AM 22 a 26 de outubro no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas		Manaus
1984	Arquitetura Argentina, Arquitetura Brasileira Atual	Exposição	Buenos Aires Rio de Janeiro
1984	La Revista n°.05 - Cartón de Colombia (Hacia una arquitectura menos mineral -Alvaro Thomas). (COL)		

1984	Architecture in Latin America - Horizonte'82 - Internationale Bauausstellung Berlin - IBA 84	Residência Recife 1435	
	Techniques & Architecture.n°.334.p.58 "Introduction à l'architecture brésilienne"Daniel Colson Schwob. (FRA)	Residência Scuhster	
1985	Projeto, n°.77.p.6-7 e 47-51. "Considerações acerca da participação latinoamericana na BA/85".p.47 a 50. Ruth Zein "A premiação brasileira na bienal de Buenos Aires "p.50 a 51.Marlene Milan Acayaba. "Jovens arquitetos franceses na exposição"p.50a51. Jorge Glusberg.	Prêmio Universidad de Buenos	
1985	Summa, n°.210.p.26-31. (ARG)	"Severiano Porto arquitectura e identidad regional". P.26 a 31. Entrevista a Alberto Petrina Igreja Nossa Senhora do Cavaco Residência Recife 1435 Residência Alexandre Ale Residência Carlos Fabiano Reservatórios elevados da COSAMA Campus da Universidade do Amazonas BASA Escola de música do SESI Cidade do trabalhador - SESI Manaus	Manaus Fortaleza
1985	Summa, n°.212.p.54-50. (ARG)	"Algunas reflexiones sobre la arquitectura"p.54. Severiano Porto Campus da Universidade do Amazonas	Manaus
1985	Summa, n°.214.p.24-32/89. (ARG)	Primeiro seminário de Arquitetura Latino- americana: mesa-redonda	
1985	Summa, n°.217.p.26-31. (ARG) "Primer seminario de arquitectura latinoamericana. Un auspicioso comienzo"Marina Waisman	Prêmio Universidad de Buenos Aires	

1985	Habitar,nº.17.p.15. (CRC)	Prêmio Universidad de Buenos Aires	
1985	A Construção, nº.1949 (17/6/1985),p.18-20 "Prêmio da Bienal de Buenos Aires para arquiteto brasileiro"p.18 a 20. Hayfa Sabbag	Prêmio Universidad de Buenos Aires	
1985	Módulo nº.86 Concurso SESC [Nova Iguaçu] - Resultado	Membro de júri	
1985	Veja, nº.879 (10/07/1985),p.118-120. "O artista da Amazônia"Laurentino Gomes	Pousada da ilha de Silves SUFRAMA BASA Campus da Universidade do Amazonas	Silves/AM Manaus
1985	A Construção, nº.1972 (25/11/1985),p.14-19.	Restaurante Chapéu de Palha Residência Schuster Residência Recife 1435 Campus da Universidade do Amazonas Estádio Vivaldo Lima SUFRAMA Reservatórios elevados da COSAMA Colônia Agrícola	Manaus Rio Preto da Eva/AM
1985	Arquitetura de Morar na Amazônia.p81-88 FUNARTE	Conferência	Manaus
1985	Revista Dirigente Construtor - volume XXI nº.9.p.? "Integração com a natureza define o projeto "		
1985	Revista A Construção nº.1972 - 25 de novembro de 1985.p.?	Entrevista à Hayfa Sabbag	
1985	Revista AU, nº.3, p.? "Carta aberta à natureza"Hayfa Sabbag		
1985	Projeto nº.81, p? "Severiano Porto na Costa Rica		

1986	Projeto,nº.83.p.43-86. "Um arquiteto brasileiro: Severiano Mário Porto" p.44-45.Ruth Zein "A longa trajetória, efervescência cultural do Rio a Manaus" p.46-49. Silvia Penteadó, Ruth Zein e Denise Yamashiro. "Criatividade, correção e beleza em quaisquer arquiteturas"Síntese da palestra proferida em Nova Orleans	Entrevista a Silvia Penteadó, Ruth Zein e Denise Yamashiro Conferência Campus da Universidade do Amazonas Clube do Trabalhador BASA Residência Alexandre Ale Ambulatório do IPASEA Reforma e ampliação da TELEMAR/AM Ampliação de centrais telefônicas - TELEMAR Centrais telefônicas no interior do AM Escola de música do SESI Assembleia Legislativa de RO Centro de apoio operacional - TELEMAR/MS Ampliação de centrais telefônicas - TELEMAR/MS Centro de apoio operacional - TELEMAR/MT	Manaus Diversas cidades/AM Fortaleza Porto Velho Campo Grande Cuiabá
1986	Revista AU, nº.4. p.? "Articulando um país pluralista" Jean Massa		
1986	Revista Sintonia, nº. 86. p.?	Entrevista	
1986	Projeto, nº.86.p.? "Ato e fatos "Nildo Carlos Oliveira		
1986	Revista Club, nº.31.p.?	Pousada da ilha de Silves	Silves/AM
1986	Catálogo da XXIV Premiação Anual de 1986 do IAB/RJ	Premiação Personalidade do ano do IAB Estádio Vivaldo Lima Chapéu de Palha Residência Recife 1435 Sede da SUFRAMA Reservatórios elevados da COSAMA Residência Schuster Residência João Luiz Osório Pousada da ilha de Silves	Arraial do Cabo/RJ Silves/AM

1987	Projeto, n°.95.p.?./ p.32-34. "Premiação IAB/RJ - 86" Ana Luiza Petrik Magalhães	Pousada da ilha de Silves	Silves/AM
1987	Projeto, n°.96.p.? "Atos e fatos "Nildo Carlos Oliveira "SAL II: Seminário de arquitetura latino-americana" "Construir a identidade com diversidade"p.56 a 57. Ruth Zein "IAB/RJ comemora este ano as bodas de prata da premiação"		
1987	Revista AU, n°.10.p.? "Duas Manaus"		
1987	Revista AU, n°.11.p.?	Centro de Proteção Ambiental em Balbina	Presidente Figueiredo/AM
1987	Projeto, n°.104.p.? "O Futuro do passado, ou as tendências atuais"Ruth Verde Zein	Campus da Universidade do Amazonas Pousada da ilha de Silves	Manaus Silves/AM
1987	Catálogo da XXV Premiação Anual de 1987 do IAB/RJ	Centro de Proteção Ambiental em Balbina Campus da Universidade do Amazonas	Presidente Figueiredo/AM Manaus
1987	L'Architecture d'aujourd'hui, n°.251.p.10.(FRA)	Campus da Universidade do Amazonas Pousada da ilha de Silves SUFRAMA	Manaus Silves/AM Manaus
1987	Arquitetos Brasileiros - Catálogo de Exposição no Institut Français d'Architecture (FRA)	Pousada da ilha de Silves SUFRAMA Campus da Universidade Depoimento	Silves/AM Manaus
1988	Projeto, n°.114.p.22-25.p.a-10 a a-14	Pousada da ilha de Silves Escola de música do SESI Campus da Universidade do Amazonas	Silves/AM Fortaleza Manaus
1988	Revista AU, n°.17.p.? "Do desconto à certeza"		
1989	Revista ARS n°.11 (CHI)		
1989	Projeto, n°.119.p.? "Anote - Severiano em trânsito" "Bienal Internacional de Arquitetura de Buenos Aires" "Concurso opera Prima divulga vencedores"		

1989	Projeto, n°.125.p.69-25.p.69-76. "Liberdade nas curva e um ponto de inflexão"p.76. Hugo Segawa	Centro de Proteção Ambiental em Balbina	Presidente Figueiredo/AM
1989	Cláudia, n°. 1 ano 29. "Uma casa no meio da selva"Ruth Politi	Residência Recife 1435	Manaus
1990	Architècti n°.04.p.9 a 14. (POR) "Centro de Proteccção ambiental de Balbina" Ruth Zein	Centro de Proteção Ambiental em Balbina	Presidente Figueiredo/AM
1990	Projeto, n°.129.p.? "Uma retrospectiva, a partir do projeto"	Pousada da ilha de Silves Centro de Proteção Ambiental em Balbina Campus da Universidade do Amazonas Escola de música do SESI	Silves/AM Presidente Figueiredo/AM Manaus Fortaleza
1990	Topos n°.02, p.?(ARG).	Entrevista	
1990	Manchete, n°.2016.p.62 - 1 de dezembro de 1990. "O boom do turismo na Amazônia"	Pousada da ilha de Silves	Silves/AM
1990	Grupo MINGA - Planta Libre ,n°.4-5 p.24-29.(COL).	SUFRAMA Escola de Música do SESI Campus da Universidade do Amazonas Pousada da ilha de Silves BASA Centro de Proteção ambiental em Balbina	Manaus Fortaleza Silves/AM Presidente Figueiredo/AM
1991	Revista CBA - Cadernos Brasileiros de Arquitetura. n°.20.9.18-23.	Campus da Universidade do Amazonas	Manaus
1991	Revista Spazio e Società n°.56. p.34-41. (ITA). "Centro di protezione ambientale in Amazonia: seminando il nuovo"Hugo Segawa	Centro de Proteção Ambiental em Balbina	Presidente Figueiredo/AM
1991	Revista Nikkei Architecture n°.415 ,p.285. (JAP).	Centro de Proteção Ambiental em Balbina	Presidente Figueiredo/AM
1992	Revista AU, n°.41.p.? "Caráter experimental"		
1993	Projeto, n°.166.p.69-25.p.?. "Reurbanização da Praia da Ponta Negra"Ruth Zein	Orla da Ponta Negra	Manaus
1993	Revista Zodiac n°.8.p.236-241 Setembro 1992/fevereiro 1993. (ITA).	Centro de Proteção Ambiental em Balbina	Presidente Figueiredo/AM

1993	Revista Spazio e Società n°.61. p.34-41. (ITA). "Severiano Porto: la sfida dell'Amazzonia"Hugo Segawa	Pousada da ilha de Silves PORTOBRÁS Residência Recife 1435 Sede da SUFRAMA Escola de Música do SESI Residência Schuster Campus da Universidade do Amazonas	Silves Manaus Fortaleza Manaus
1994	Revista A&V.n°.48.p.42-44 (ESP). "Extremismo contextual: Centro de protección ambiental, Balbina"Hugo Segawa	Centro de Proteção Ambiental em Balbina	Presidente Figueiredo/AM
1996	Revista Arquitetura Panamericana, n°.4.p.?	Centro de Proteção Ambiental em Balbina Escola de música do SESI	Presidente Figueiredo/AM Fortaleza
1998	Revista AU,n°. 81.p.?	Entrevista a José Wolff	
1999	Revista Arquitetura & Construção "O sítio da preguiça"	Residência Schuster	Manaus
2002		Entrevista ao autor	Rio de Janeiro
2003	Título de Professor Honoris Causa da UFRJ	Discurso do arquiteto para recebimento do título "Professor Honoris Causa"	
2003	Dissertação	Entrevista à Mirian Keiko Ito Rovo	
2003	Mais Arquitetura, outubro de 2003,p.22 "Tête-a-tête com a natureza"	Entrevista	
2004	Revista AU,n°.119.p.?	Entrevista à Vania Silva	
2004	Projeto Oficina das Artes - TV UFAM	Entrevista	
2006	Dissertação	Entrevista à Letícia Neves	

Anexo 3:

Arquitetura na Amazônia

Conferência para o Ciclo de Estudos Amazônicos, organizado pela Biblioteca Nacional nos dias 17, 18, 19, 22, 24, 25, 26 e 29 de novembro e 1 e 2 de dezembro no auditório do Palácio da Cultura.

Foi publicado no 101º volume dos Anais da Biblioteca Nacional em 1981.

Arquitetura de ontem e de hoje em Manaus. Sim, podemos vincular ou exemplificar a quase totalidade das construções à cidade de Manaus, uma vez que ela foi e continua sendo no momento a maior cidade da Amazônia Ocidental.

Estrategicamente situada, às margens do rio Negro e no ponto de encontro deste com o rio Solimões, dando origem a partir daí ao rio Amazonas, Manaus torna-se ponto natural de convergência, de irradiação e apoio para todas as regiões abrangidas por esta grande bacia hidrográfica com seus quilômetros de extensão.

E neste ponto forçosamente teria de existir uma cidade.

E neste ponto teriam de existir tribos de índios (Bares, Banibás e Passés).

E este ponto seria escolhido mais tarde para sede do Forte de São José do Rio Negro em 1669 por Francisco da Mota Falcão.

E Manaus foi vivendo e crescendo lentamente até que nos fins do século passado teve o seu primeiro grande pique de desenvolvimento na famosa "época da borracha".

Esta é a fase que normalmente responde pela arquitetura de ontem.

Nela encontramos mais ainda, encontramos as grandes diretrizes básicas do seu urbanismo, graças à presença e visão do Governador Eduardo Ribeiro, que traçou diretrizes e dotou a cidade de uma infra-estrutura que respondeu pelo seu crescimento até os dias de hoje, quando estamos vivendo a fase do segundo grande pique de desenvolvimento do Amazonas.

O porto de Manaus, construído naquela época, responde por toda a movimentação de carga e descarga, apesar do imenso crescimento de suas atividades e de continuar sendo praticamente o único acesso de chegada e saída de mercadorias.

O seu sistema é perfeito, adaptado ao regime das cheias e vazantes com suas oscilações de mais de 10 metros, além da correnteza do rio Negro.

O sistema de abastecimento d'água, também desse período, atendeu até cerca de 4 anos atrás a toda a cidade.

O sistema de esgotos iniciado e construído em algumas ruas e avenidas centrais até hoje ainda é levado em consideração, quando se projetam as novas redes de esgotos.

Diante deste quadro podemos concentrar nesta fase os exemplos da arquitetura do passado.

Todos sabemos que foi uma das fases mais prósperas do Amazonas. As viagens de negócios, de turismo, de estudos eram feitas para os centros mais desenvolvidos no sul do País e na Europa.

Os filhos das famílias mais favorecidas iam estudar nesses grandes centros.

A moda e os padrões eram importados, e na arquitetura podemos sentir o reflexo destes fatores.

Importamos projetos. Importamos edificações inteiras, pedra por pedra e as montamos em Manaus.

E podemos vê-las nas fotos destes períodos e em edificações que ainda permanecem como testemunho da época.

Teatro Amazonas, Palácio da Justiça, Prefeitura Municipal de Manaus, Alfândega, Casa dos Azulejos da firma J. S. Amorim, Faculdade de Direito, a Matriz, a antiga Caixa D'Água, as várias pontes metálicas, o Porto de Manaus, e muitas outras.

São lembranças do passado. São testemunhos de uma época em que o conhecimento da ecologia não se tornava desesperadamente necessário como nos dias atuais, em face da explosão demográfica, do crescimento urbano e de todos os problemas deles decorrentes.

São lembranças de um passado romântico a que somos transportados quando nos deparamos com suas construções ou fotos de sua época.

Do ponto de vista técnico as construções importadas de regiões de condições bastante distintas da Amazônia, apesar de pequenas adaptações, não correspondiam em toda a sua plenitude às necessidades do nosso clima.

Elas eram favorecidas pelos seus pés-direitos altos, piso e forro de madeira em sua grande maioria, pelas grossas paredes de alvenaria, que de acordo com a técnica construtiva da época, eram feitas de pedra e tijolo e como aglomerante usavam óleo de baleia e cal, e geralmente com as paredes internas de taipa, e este conjunto de elementos criava condições favoráveis em seu interior; entretanto havia despreocupação com a proteção externa das fachadas, com a colocação de beirais protetores de suas paredes e empenas, e uso de elementos que permitissem renovação permanente de ar em seu interior, etc.

Mas também seria pedir demais, pois até hoje não só na Amazônia, mas em quase todos os recantos do Brasil continuamos a não nos preocupar com estes fatos, isto é, da adaptação da edificação às condições regionais e específicas de cada cidade.

E assim abordamos em rápidas pinceladas o tema relativo à arquitetura do passado e devíamos começar a falar sobre a arquitetura de hoje, e dessa maneira cometermos o erro de sempre, isto é, ignorarmos a arquitetura espontânea do homem local. Esta sim, a mais rica em subsídios relativos à ecologia, identificação e emprego de materiais regionais, sistema construtivo, escolha do sítio e implantação da edificação.

Este ponto devia ser o de partida.

Nele vamos encontrar várias vezes a tão sonhada e pesquisada casa do Amazonas ou da Amazônia.

Na sua simplicidade e de forma espontânea eleva o piso da construção, constrói os painéis verticais de vedação (as paredes) de palha ou de madeira, sem atingir a cobertura, e esta também recoberta de palha.

O piso elevado a protege da umidade e defende de animais, as paredes de palha funcionam como elemento de vedação, isolamento térmico, permitindo também aeração, o vazio existente entre as paredes e a cobertura deixa o ar circular livremente, que dessa maneira elimina o resto de calor transmitido por esta.

Estes são os princípios básicos. Simples e evidentes.

A tecnologia aplicada é variada, ora usam paus roliços e ora madeira lavrada em sua estrutura: nas paredes tábuas ou palha, no piso tábuas ou troncos roliços de palmeiras e na cobertura palha. São usados vários tipos de palha e cada um possui o seu sistema próprio de colocação.

Outro tipo de habitação é o da casa flutuante, um dos exemplos mais ricos de ecologia e criatividade.

Sobre imensas árvores de madeira tipo balsa eles constroem seus pisos flutuantes e sobre os mesmos fazem uma casa convencional que é equipada até com uma pequena caixa com terra para cultivar o seu pé de pimenta e cheiro verde.

E ela acompanha o subir e descer das águas, e rebocada se desloca quando necessário.

Todas estas casas são de uma simplicidade muito grande tendo uma ocupação integral de seus cômodos ou de seu cômodo dia e noite. De dia funcionam como sala e nele se desenvolve a vida da casa e à noite armam-se as redes de dormir e passam a funcionar como quartos.

Como se pode ver, estas construções simples e espontâneas apresentam uma série de soluções, frutos de uma vivência de anos e talvez séculos e não podem ser desprezadas.

E a arquitetura de hoje?

Sim, Manaus teve a sua segunda oportunidade.

Teve o seu segundo impulso.

O primeiro foi espontâneo, causado por sua riqueza nativa, a borracha.

O segundo, fruto da intenção do Governo Federal de desenvolver e integrar a região Amazônica ao restante do país.

Aconteceu em 1967, mais precisamente em 28 de fevereiro, com a criação da SUFRAMA e da Zona Franca de Manaus.

Convidados pelo Governador do Estado do Amazonas, o Professor Artur César Ferreira Reis, em janeiro de 1965, para fazermos alguns projetos no Amazonas, tivemos a oportunidade de viver e sentir a vida de antes e suas modificações intensas e sucessivas ocorridas nestes quase 10 anos de SUFRAMA.

Na fase inicial foi fácil para nós o contacto humano, ver e sentir as regiões, as habitações, as soluções empregadas, etc, e aí começamos o nosso aprendizado, a nossa pós-graduação, que continua até hoje.

Apaixonado pela madeira, como todo arquiteto, fomos adaptando o nosso detalhamento às condições locais, às ferramentas usadas e ao tipo de mão-de-obra regional.

Começamos a usá-la em coberturas, forros de madeira, beirais longos, e algumas outras tentativas em escolas e residências. Mas era muito cedo. Casa de madeira era usada só por "gente pobre", escolas de madeira, embora com portas e peitoris revestidos de fórmica, podiam ser confundidas com barracos e eram rejeitadas.

Começamos então com a nossa casa, que fizemos de madeira, bem simples, bem barata, e para nossa família, "bem simpática".

Situada numa pequena encosta possuía uma varanda na parte inferior, situando-se na parte superior a cozinha, a sala e 03 quartos. Praticamente todos os painéis de vedação eram de venezianas largas de madeira reguláveis e todas feitas no próprio local da obra. Os quartos também dentro do mesmo sistema eram estreitos e se comunicavam com uma varanda situada na frente da casa.

Houve também preocupação em se prever a ventilação cruzada. A cozinha e 03 banheiros foram construídos em alvenaria.

Aí moramos 6 anos o meio, naquele tempo fora da cidade e perto de um igarapé (pequeno riacho) com um banho (piscina rústica de água corrente).

E começamos a ser visitados. A idéia começava a ser aceita. Nos projetos do Governo usávamos generosos beirais, e entusiasmados com tudo vivíamos intensamente a experiência da Amazônia.

E começamos a trabalhar com a madeira e a palha de forma simples e rústica.

Fizemos o "Restaurante Chapéu de Palha".

Construído em fins de 1967, empregamos, em seu sistema estrutural armado em forma de cone, uma árvore característica da região chamada aquariquara, foi recoberto com um tipo de palha (buçu) que resiste até hoje sem ter sido substituído. Na parte inferior foram colocados grandes beirais tipo aba de um grande chapéu, elemento que deu origem ao seu nome.

Convidadas pelo então Secretário de Produção em 1969 para projetarmos uma Colônia Agrícola às margens do rio Preto, no quilômetro 78 da estrada Manaus-Itacoatiara, colônia experimental que deveria usar o material e a mão-de-obra local, procuramos através de um dimensionamento compatível aos mesmos dar novas proporções e formas de uso. Na Capela Ecumênica aí situada usamos a madeira aquariquara em sua estrutura, que fazia lembrar uma letra A e recobrimos todo o conjunto de cavaco (lascas de madeira tiradas também no local).

Esta capela foi construída no sistema de mutirão e até os móveis que foram por nós desenhados foram construídos com seções de paus roliços.

E, no nosso aprendizado constante, nos maravilhávamos com a habilidade no manejo do machado e da enxó pelo caboclo. E, quando convidados por importante grupo de empresários locais, projetamos e construímos uma loja, na esquina da avenida principal de Manaus, com mais de 50 metros de fachada somente nesta avenida, próxima ao Teatro Amazonas, toda em madeira lavrada com peças de seção de 25x50cm com até 11 metros de comprimento, tendo sido colocado em seu interior um painel fotográfico mostrando como se abatia, preparava e transportava a madeira na floresta. Identificamos cada tronco com o seu nome regional e o seu nome científico, fornecido pelo INPA.

No INPA – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia –, fomos responsáveis por sua implantação e o projeto de todas as suas unidades iniciais (mais de 20 prédios). Eram unidades administrativas, laboratórios, alojamentos, residências, caixa d'água elevada, garagens, etc. Procuramos um sistema bastante simples, modulado, com beirais bastante amplos e todos os blocos orientados de acordo com as necessidades da região.

A implantação procurava preservar ao máximo a vegetação nativa tipo capoeira e os caminhos internos circulavam de maneira pouco rígida. Os princípios de ventilação da cobertura e dos cômodos foram aplicados permitindo resultados bastante agradáveis do ponto de vista de conforto e de aparência externa.

Próximo ao INPA e separado por uma avenida encontra-se a grande área pertencente à Universidade do Amazonas e onde irá se situar o seu Campus Universitário, projeto que também foi elaborado pelo nosso escritório. Mais uma vez a preocupação de integrar as edificações ao sítio foi mantida. Após minucioso levantamento topográfico e pesquisa *in loco* situa-se o Campus numa elevação praticamente no centro de cerca de 600 hectares, área esta de dimensão bem significativa dentro da cidade de Manaus.

A implantação da edificação deverá verificar-se evitando ao máximo o uso de equipamentos de terraplenagem, com o sacrifício do menor número possível de árvores e acomodando os vários blocos no suave declive do terreno, permitindo dessa maneira uma ventilação em todos os blocos do conjunto.

A solução adotada prevê vários blocos separados por jardins e ligados por passarelas de circulação. Estes blocos serão construídos num sistema de pré-fabricação que deverá permitir a construção por etapas e inclusive atender à necessidade de ambientes especiais de laboratórios e salas com equipamentos sensíveis.

Os jardins internos e a imensa área coberta com "ripados" que fica integrada ao Centro Comunitário funcionarão como museu botânico de plantas amazônicas, permitindo aos usuários uma familiarização com as plantas e seus nomes usuais e científicos.

O Campus está projetado de acordo com a nova orientação do sistema universitário, que funciona como um todo, integrando todas as modalidades de técnicos e especialidades que usam os mesmos equipamentos comuns, embora possuam suas áreas específicas de laboratório, salas especiais, etc. Outro detalhe importante é a localização da biblioteca, no centro do conjunto de ensino, que irá permitir uma grande intimidade dos universitários com a mesma e com isto criando o hábito da leitura e pesquisa.

Sendo necessária a mudança de nossa primeira residência, construímos uma segunda também em madeira, porém usando novo dimensionamento e processo construtivo diferente.

Usamos troncos aplicados de forma natural com 50cm de diâmetro, peças de madeira lavradas e no piso do 2.º pavimento pranchas de 3 polegadas de espessura.

Vários detalhes e soluções que empregamos nesta casa também iriam funcionar como experiência. Um jardim interno, com a cobertura interrompida em seu trecho, permite, juntamente com os elementos vazados e tipo de janelas empregadas, uma ventilação permanente. Os vidros usados foram de cor amarela e com isso reduzimos a luminosidade e o calor em seu interior. À casa se integra a vegetação exterior, em sua maioria seringueiras, numa comunhão fácil e espontânea.

Em algumas outras residências foram aplicados estes elementos e princípios que procuram substituir em alguns trechos os elementos construtivos convencionais tipo janelas e paredes por painéis de elementos vazados que permitem a ventilação farta e permanente.

Também projetamos os reservatórios elevados do novo sistema de abastecimento de água de Manaus. Nestes projetos procurou-se uma integração dos imensos volumes elevados com o sítio, que necessariamente deveriam localizar-se em pontos urbanos de grande evidência, usando uma solução semelhante para os 5 reservatórios iniciais, de capacidade que variavam de 5.000m³, 3.500m³ e 2.500m³.

Eles se integraram perfeitamente à paisagem urbana sem agredi-la como era esperado.

E como podemos ver não se limitou somente à madeira o nosso trabalho.

Temos na sede da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA, no Distrito Industrial, uma outra edificação, que procura atender às condições do clima e as necessidades do programa. Com a cobertura inteiramente independente das paredes e tetos, e usando módulos de 15x15m de concreto armado, procurou-se, através de uma tiragem de ar na parte superior de cada unidade tipo clarabóia, criar condições favoráveis ao clima da região.

Projetamos também a Central de Abastecimento do Amazonas – CEASA. Usamos coberturas de chapas metálicas tirando proveito de suas características técnicas de poucos apoios e grandes balanços.

Após esta abordagem ao nosso trabalho, que atinge também a outras áreas como escolas, clubes e centros de esportes, voltaremos ao tema arquitetura de hoje.

Manaus hoje está preocupada com a região.

As cópias e as importações de soluções de outras regiões reduziram-se muito.

Os beirais já são muito empregados.

Ainda que timidamente começa a se criar uma mentalidade relativa às necessidades regionais.

O Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia prepara um grande trabalho na área da habitação, a ser desenvolvido em toda a Amazônia durante alguns anos, com o apoio financeiro do BNH e que deverá ser de grande importância para a arquitetura no futuro.

E dessa maneira teremos condições de sermos coerentes com a época em que vivemos.

Procurando resolver os nossos problemas identificando-os, analisando-os, com soluções que se adaptem às necessidades, recursos financeiros, usando tecnologia correta e atual.

Não deverá haver preocupações com estilos e sim preocupações em soluções corretas e de emprego correto dos materiais.

Se a cobertura a ser empregada permite ser usada plana ou com pequeno caimento, será assim empregada; se for de fibrocimento será empregada com um pouco mais de caimento; se for de telha de barro mais ainda e se for de palha bem mais. E assim sucessivamente com todos os materiais de construção.

Tecnologia avançada e mau uso, ou seu emprego sem justificativa poderão gerar monstros como os motéis de fiberglass tipo cogumelo instalados pela PETROBRÁS ao longo de rodovias na Amazônia, que são verdadeiros absurdos terem sido propostos, quanto mais executados.

E o caminho da arquitetura começa a querer se delinear. Nessa fase de desenvolvimento temos um belo exemplo de arquitetura, tecnologia e ecologia, que é o Aeroporto Internacional de Manaus para aviões supersônicos, Aeroporto Internacional Eduardo Gomes, projetado pela firma Hidroservice.

Ampla, de uma técnica aprimorada, causa um agradável impacto a quem chega e sua integração com a região se faz de maneira fácil e agradável, apesar da natureza da edificação e suas exigências técnicas.

Em contrapartida possuímos um belo exemplar da fórmula milagrosa, nacional, de soluções de projetos arquitetônicos, o tão famoso e atual estilo "colonial". Reflete toda "pujança" da anticriatividade, da não-integração ao momento presente, da eliminação da personalidade regional da edificação e do receio da opinião pública na aceitação de novas fórmulas. Refugiam-se no colonial porque ele agrada e porque bem ou mal ele é aceito e querido.

Muitos confundem colonial com o uso da telha de barro tipo colonial, que o seu simples emprego dá a sensação das construções daquela época, em que esse era praticamente o único tipo de cobertura existente. A simples especificação deste material fará com que a sua aparência se assemelhe, sem que no entanto seja necessário copiar ou adaptar seus elementos restantes tão sinceros e respeitados nas edificações originais. Vale a pena sair por instantes do tema e de relance pensarmos na mais moderna cidade brasileira, exemplo de um urbanismo atual e que tristemente em torno de um lago se constroem residências "coloniais".

Sentimos aí que a arquitetura de uma maneira geral está desorientada.

A preocupação maior é de agradar, de apresentar soluções que assombrem, que dêem nome e renome, em vez de um trabalho sério, coerente e integrado, procurando a integração total, isto é, a arquitetura, integrada no tempo e no espaço. E ela seria recebida como todas as que assim procederam e que permanecem vivas e atuais, como a dos egípcios, gregos, romanos e até mesmo do nosso colonial.

E em Manaus já temos o colonial do ano de 1976, em forma de hotel, luxuoso, com muita vegetação, ele impressiona e agrada a quem chega, porém poderia estar em Foz do Iguaçu, no Brasil Central ou no Nordeste

brasileiro, pois ele não diz nada em relação à Amazônia e seu paisagismo não situa o hotel num barranco da Amazônia, fazendo mais parecer que estamos numa ilha muito bem tratada na baía de Guanabara.

Perdemos mais uma oportunidade de mostrarmos a Amazônia e suas riquezas através dos seus recursos, desta feita aplicados na Arquitetura.

Esta diretriz deve ser uma constante na Arquitetura. Sempre que possível procurar situá-la na região.

E antes de finalizar devemos falar também, embora ligeiramente, na cidade de Manaus e seu desenvolvimento atual.

Se a primeira fase de seu desenvolvimento é lembrada como um período áureo, em que tudo foi feito sem horizontes largos, diretrizes de desenvolvimento que orientaram e resistiram até os dias de hoje, esta segunda fase se caracteriza justamente pelo inverso.

Preocupa tremendamente a todos o que ocorre em Manaus. O crescimento vertiginoso atingido nestes poucos anos superou a todas as expectativas.

A população que em 1967 era de cerca de 260.000 habitantes passou para cerca de 600.000.

Acompanhar este crescimento com todos os problemas dele decorrentes absorve a todos os órgãos do governo. O cotidiano é violento. O que normalmente iria acontecer gradativamente, talvez ao longo de 50 anos, aconteceu em 10. E não estávamos preparados.

Hoje o perímetro urbano explodiu e ainda estamos envolvidos em resolver os problemas da área central e da área periférica mais próxima, sem podermos nos antecipar no planejamento orientador e normalizador do crescimento.

Muito da característica inicial da cidade se perdeu dando lugar à Manaus de hoje. Edifícios começam a pontilhar a silhueta urbana, fazendo com que se possa antever em futuro próximo o caos urbano de todas as cidades atuais, que um dia cresceram diante do mesmo orgulho da população, que assistia à construção dos edifícios de muitos pavimentos achando que isto era sinal de cidade grande e progresso.

A comunhão cidade-floresta que existia na Manaus de antigamente, isto é, na Manaus de 1967, hoje já se afastou bastante.

E o Urbanismo adequado a uma cidade do trópico e da Amazônia? Será que no futuro teremos condições de habitar sem usarmos aparelhos de ar condicionado em todos os ambientes e automóveis?

Será por acaso que este ano tivemos o verão mais rigoroso de todo o período que moramos em Manaus ou será que ele é decorrente do crescimento dos últimos anos, da implantação dos vários acessos do Plano de Desenvolvimento Local Integrado e do afastamento do verde compacto da floresta Amazônica?

Estas são as grandes dúvidas. Elas poderão pôr abaixo todo o sentido da Arquitetura que falamos, integrada à região e ao sítio.

Falamos de forma mais ampla. Pensamos na Manaus de amanhã, Manaus dos nossos filhos e das gerações futuras.

O que estaremos preservando para eles?

Será que não poderíamos deixar como lembrança da época atual outras diretrizes de crescimento que resistissem e orientassem a cidade durante muitos anos?

Este é portanto um momento significativo para todos nós que vivemos neste presente, que rapidamente irá passar, permanecendo somente as conseqüências boas e más que iremos deixar incorporadas à região e suas cidades.

Anexo 4:

Pronunciamento do Arquiteto Severiano Mario Vieira de Magalhães Porto em agradecimento ao Título de Professor Honoris Causa, outorgado pelo Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mesmo antes de começar o curso de arquitetura em 1950 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Brasil (localizada no Museu de Belas-Artes) hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, eu sentia que na Faculdade eu iria aprender Arquitetura e Urbanismo, mas que também iria me aprofundar mais no "processo do fazer", procurando estagiar em construtoras que me proporcionassem viver a obra e ser também aluno dos mestres de obras, instaladores, pedreiros, carpinteiros e mesmo de serventes. Na comunhão das "duas escolas" passei a me sentir mais seguro para propor soluções e de como fazê-las.

Região, clima, suas necessidades, características locais tornaram-se mais fáceis de serem sentidas e usadas como mais um importante elemento no ver, sentir, pesquisar, entender, e estudar e propor. Não havia uma sequência ou metodologia adotada na busca dos diversos elementos acima. Eles aconteciam normalmente e iam sendo lançados dentro do computador de nossa cabeça, que processava os diversos dados apresentando respostas mais seguras à medida que chegavam as informações. Os estudos e proposições iniciais aconteciam a todo o momento no processo de elaboração sofrendo alterações e complementações no caminho da busca pela solução.

A solução final só acontecia no fim, uma vez que o processo arquitetônico não acontece sozinho, pois este dialoga permanentemente com os diversos projetistas dos projetos complementares (cálculo estrutural, instalação elétrica, hidráulica, tratamento acústico, ar-condicionado e outros) formando assim um todo integrado regido pela "batuta do maestro" nesse caso o Arquiteto.

Os projetos e obras que motivaram a homenagem que estamos recebendo são frutos da comunhão e vários colegas arquitetos, estagiários e desenhistas, todos muito importantes na nossa produção arquitetônica.

Gostaria de destacar o meu amigo e colega de faculdade durante os cinco anos de estudos ou arquiteto Mario Emilio Ribeiro que desde 1965 participou conosco como sócio, coautor de projetos e coordenador do nosso escritório no Rio de Janeiro, sem o qual não teríamos conseguido nossa significativa produção.

Gostaria ainda de registrar grande significado desta distinção recebida da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de onde sai Arquiteto em 1950 e que durante muitos anos mantive pouco contato em virtude de ter vivido 36 anos no Amazonas, onde também fui professor de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Tecnologia da Universidade Federal do Amazonas.

O fato acima me emociona profundamente por que traduz o reconhecimento verdadeiro da nossa trajetória e suas respostas às vezes simples e coerente.

Tão importante como a honra do Título de Professor *Honoris Causa*, é o significado da participação do Corpo Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo como das demais Faculdades da Universidade Federal do Rio de Janeiro no prolongado processo que aconteceu a aprovação do mesmo.

Agradecemos a todos

A vida é cheia de surpresa como está acontecendo neste momento. Nunca havia passado na minha imaginação de Arquiteto, por mais criativa que fosse, que um dia iria receber o Título de Professor *Honoris Causa* de uma Universidade, principalmente daquela que há 49 anos conclui o meu curso.

Magnífico Reitor Professor Aloísio Teixeira sensibilizado agradeço a distinção do título que ora nos é outorgado nesta solenidade que está acontecendo neste Salão Pedro Calmon do Fórum da Ciência e da Cultura, Reitor da Universidade do Brasil durante meu período de estudante.

Severiano Mario Porto

Rio de Janeiro, 19 de novembro de 2003.

Anexo 5:

SMP: Arquitetura dos materiais apropriados

1. Edifício Saint Malo. Rio de Janeiro.
2. Companhia Amazonense de Telefonia (CAMTEL). Manaus.
3. Escolas Pré-fabricadas. Amazonas.
4. Estádio Vivaldo Lima. Manaus.
5. Residência Recife, 1762. Manaus.
6. Polícia Militar do Estado do Amazonas, Manaus.
7. Restaurante Chapéu de Palha. Manaus.
8. Balneário do Parque 10. Manaus.
9. Igreja Nossa Senhora do Cavaco. Rio Preto da Eva/AM.
10. Casa de Cultura. Manacapuru/AM e Itacoatiara/AM.
11. PORTOBRÁS. Manaus.
12. Campus da Ciência do INPA. Manaus.
13. Residência Recife, 1435. Manaus.
14. Sede da SUFRAMA. Manaus.
15. Reservatórios elevados da COSAMA. Manaus.
16. Agência BASA. Manaus.
17. SESI da Barra. Fortaleza.
18. Residência Robert Schuster. Manaus.
19. Residência João Luiz Osório. Arraial do Cabo/RJ.
20. Pousada na Ilha de Silves. Silves/AM.
21. Setor norte do campus da Universidade do Amazonas. Manaus.
22. Centro de Proteção Ambiental de Balbina. Presidente Figueiredo/AM.
23. Fórum Henocho Reis. Manaus.
24. Hotel Reinassance. Manaus.
25. Teatro da UFAM. Manaus.

1_Edifício Saint Malo

Autor: Severiano Porto e Ennio Passafini

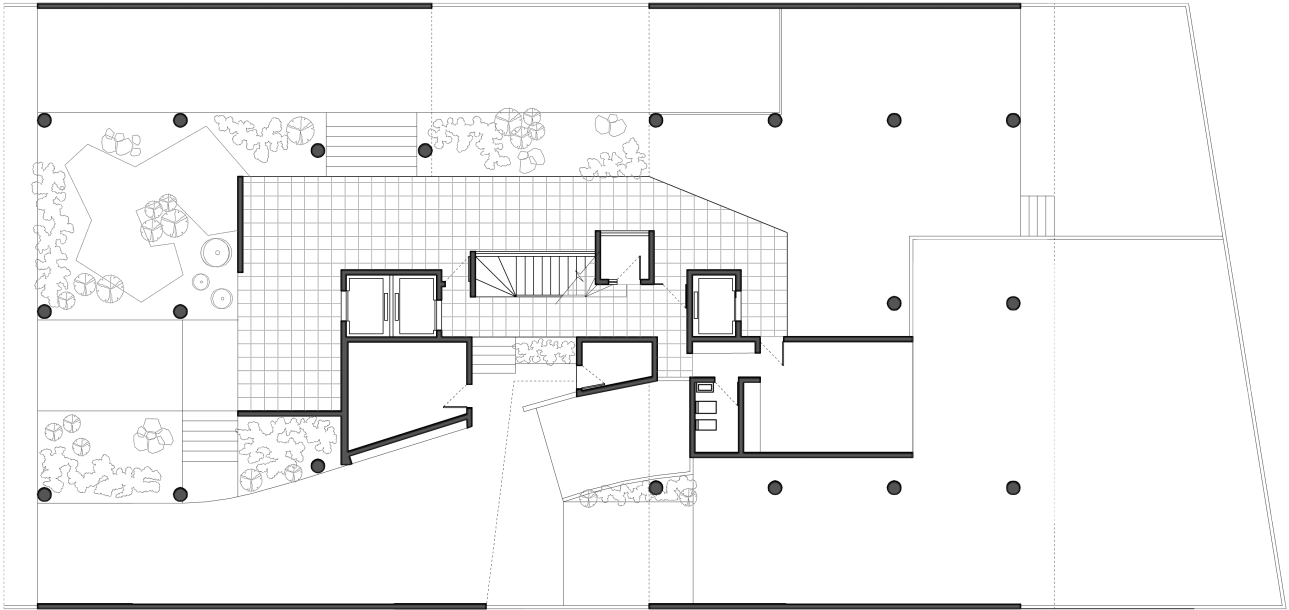
Projeto: 1957

Inauguração:1958?

Endereço: Rua Gomes Carneiro, 141. Ipanema, Rio de Janeiro.

Cliente: Engenheiro Manoel Pessôa de Mello Farias

O edifício Saint Malo é localizado em um área nobre carioca. É uma obra com acabamento refinado para classe média alta. A proposta volumétrica deriva da legislação urbanística e se adequa ao tecido urbano. A estrutura portante é em concreto armado e os revestimentos em cerâmica e mármore e o reboco em quartzo. Destaca-se o "Jardim Tropical" no térreo e a flexibilidade da planta. Continua em funcionamento como condomínio residencial.

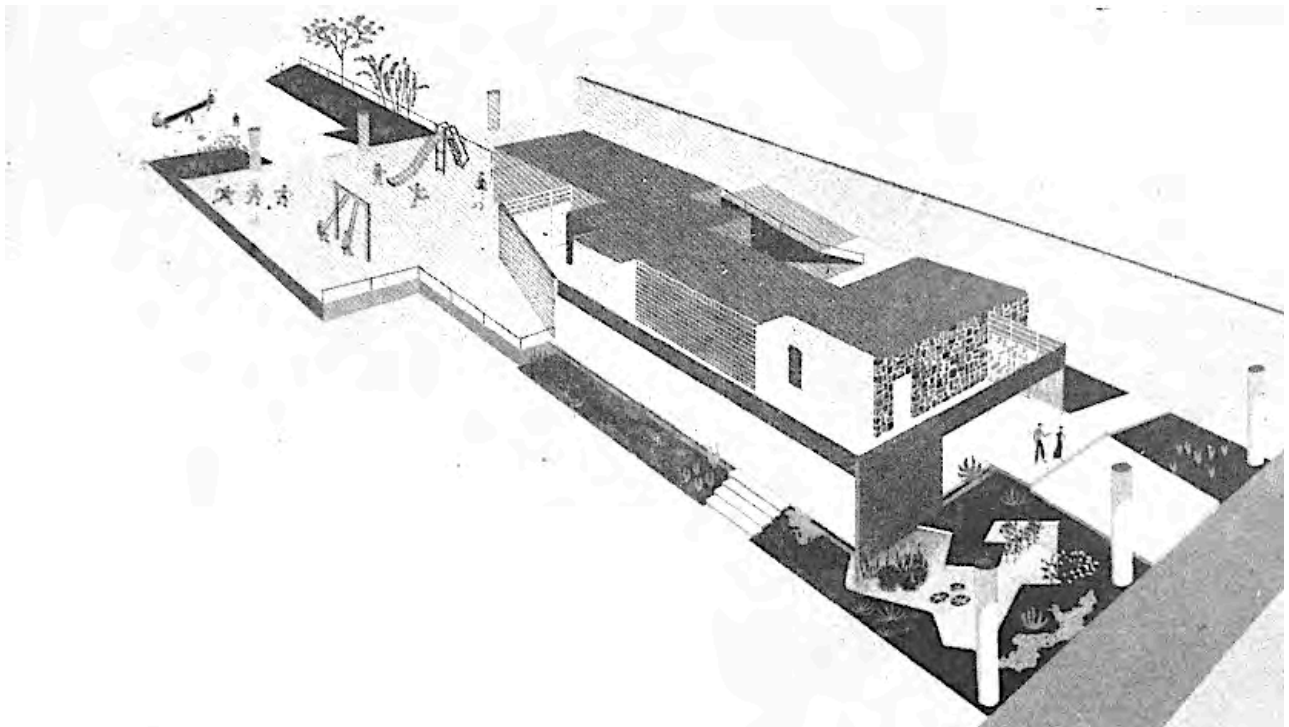


PLANTA BAIXA PILOTIS

0.5 1 2m

01_Planta Térreo. Edifício Saint Malo
CERETO, 2020.

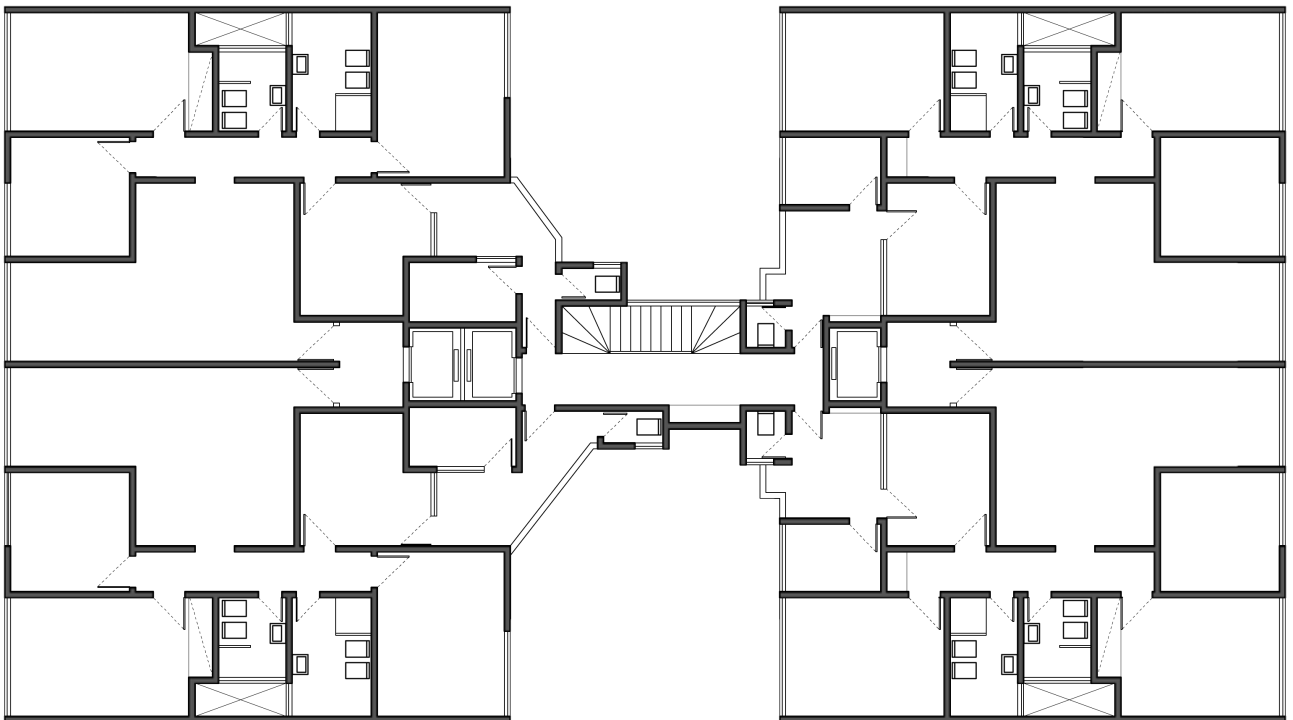
02_Jardim Tropical. Edifício Saint Malo
BRASIL-ARQUITEURA CONTEMPORÂNEA, 1957, p.7.





03 e 04_ Edifício Saint Malo
BRASIL-ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA, 1957, p.4. | CERETO, 2017.

05_Planta Tipo. Edifício Saint Malo
CERETO, 2020.



PLANTA BAIXA PAVIMENTO TIPO

0.5 1 2m

2_CAMTEL

Autor: Severiano Porto

Projeto: 1965

Inauguração: 1968

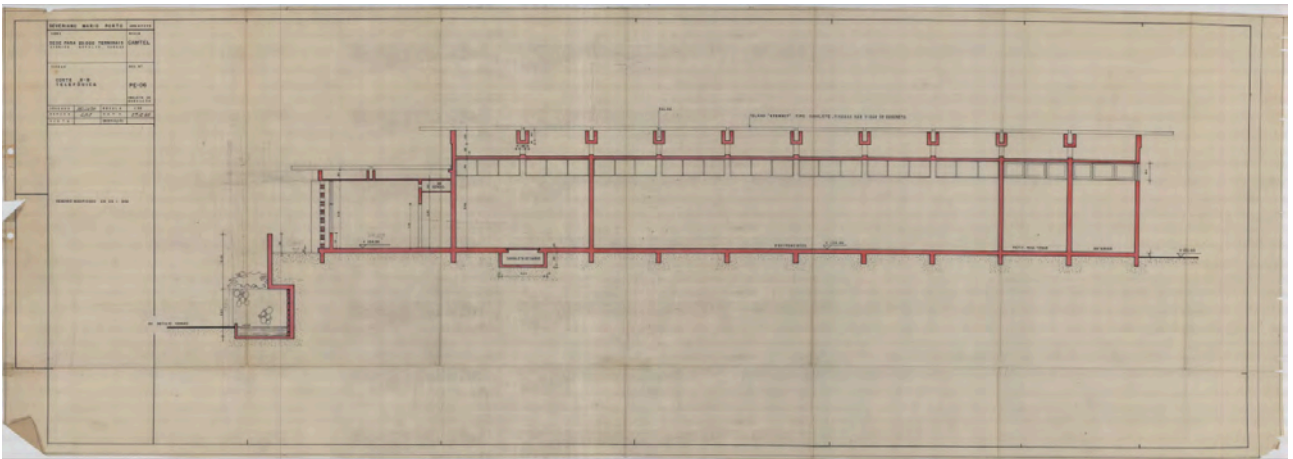
Ampliação: 1994

Reinauguração: 1996?

Endereço: Avenida Getúlio Vargas, 950. Centro, Manaus.

Cliente: Governo do Estado do Amazonas

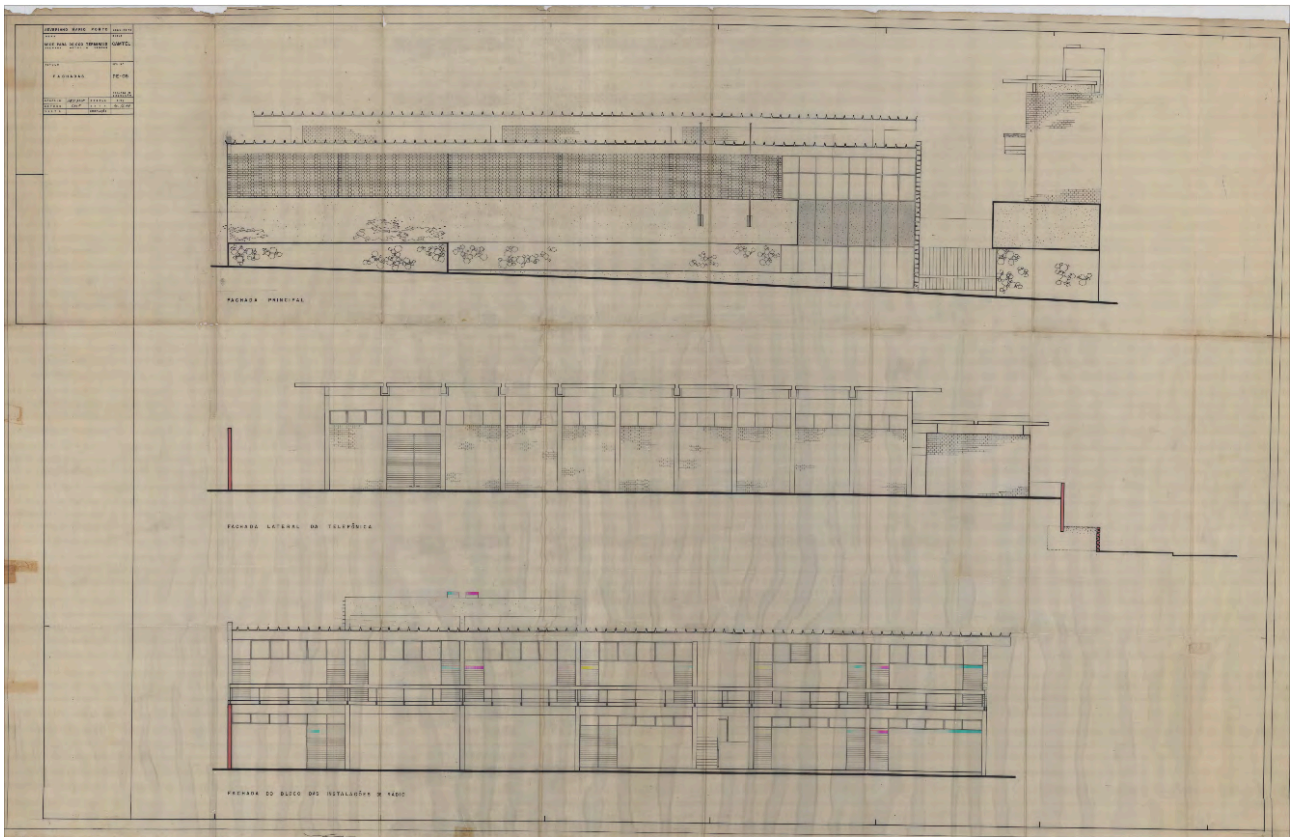
O edifício da CAMTEL é localizado no centro de Manaus. A obra marca a ampliação da telefonia no Amazonas. O dimensionamento específico para os equipamentos na década de 1960 determina a forma desta peça da infraestrutura da cidade. O escritório realiza o projeto de ampliação para a TELEAMAZON na década de 1990. Na primeira fase, o edifício se materializa com tijolo aparente com diferentes tipos de assentamento, elementos vazados cerâmicos, a pedra jacaré e a estrutura portante em concreto armado. Na ampliação, a verticalização é necessária aos novos equipamentos e se destacam o uso do concreto aparente e dos brises em alumínio. Atualmente o edifício funciona como uma agência de uma operadora de saúde.



06_ Corte. CAMTEL
Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

07_CAMTEL
Acervo Severiano Porto, [entre 1966 e 1970].





08_ Fachadas. CAMTEL.

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

09_ Ampliação . TELEAMAZON.

Acervo Severiano Porto, [entre 1994 e 1998].



3_Escolas pré-fabricadas

Autor: Severiano Porto

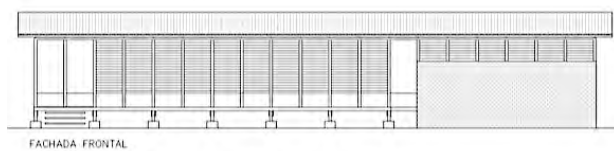
Projeto: 1965

Inauguração: Não construída

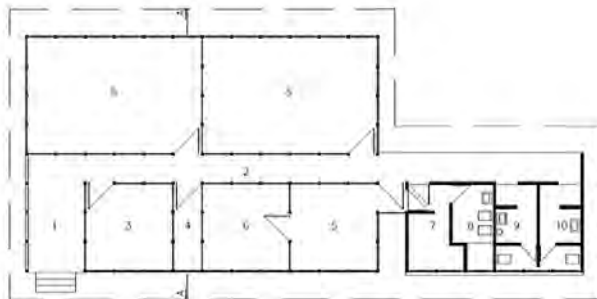
Endereço: Indeterminado. Várias cidades.

Cliente: Governo do Estado do Amazonas

O projeto para as escolas pré-fabricadas é estratégico ao Amazonas para abranger o acesso a educação no interior e localidades remotas. O projeto tem um núcleo em alvenaria onde estão as instalações hidro-sanitárias e uma planta expansível que permite de 2 até 5 salas de aula. É uma obra com baixo orçamento, ordinária, com geometria simples, planta pavilhonar e estrutura mista. Além do núcleo em alvenaria cerâmica aparente, o edifício é em madeira pré-fabricada, serrada e industrial. O edifício não tem vidros, mas réguas reguláveis, com a cobertura em duas águas com telhas industriais.



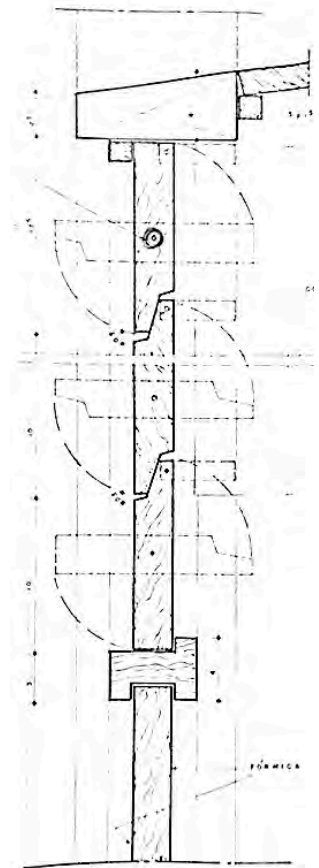
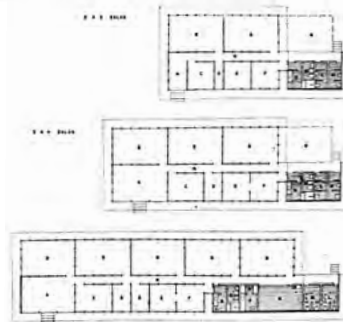
FACHADA FRONTAL



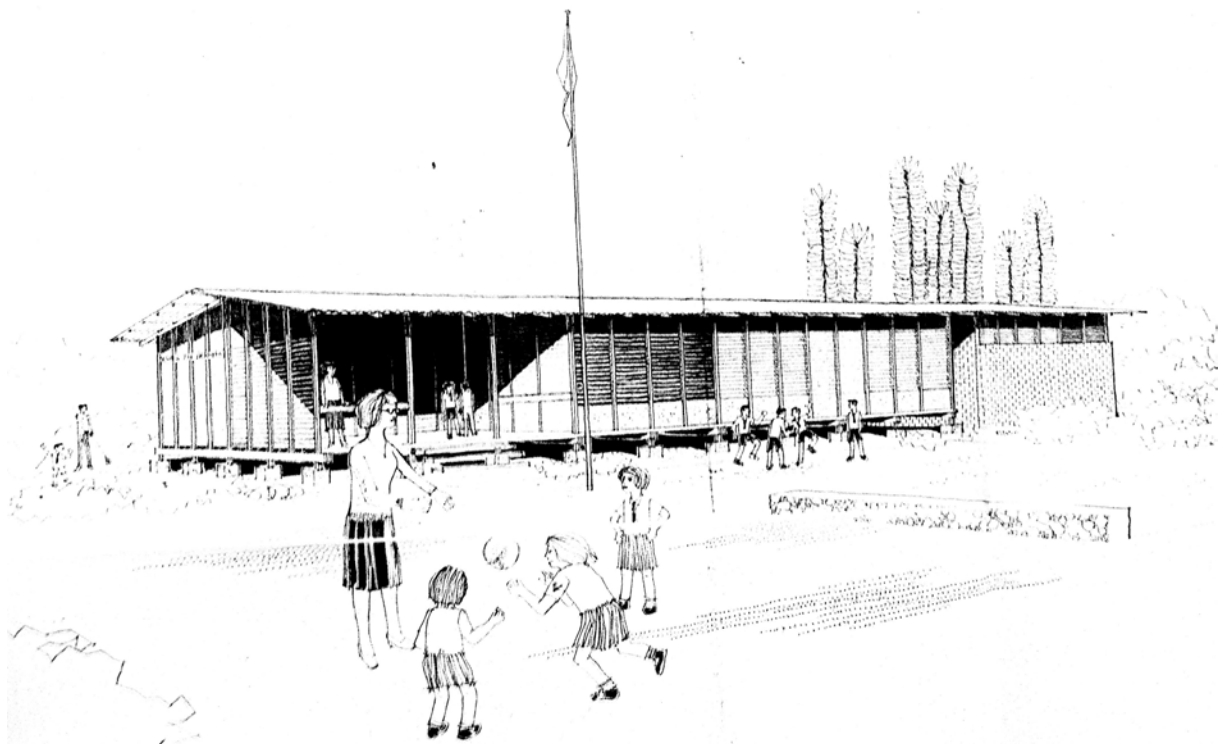
- 1 ENTRADA
- 2 PASSAGEM
- 3 SECRETARIA
- 4 DEPOSITO
- 5 SALAS
- 6 QUARTOS
- 7 COZINHA
- 8 BANHEIRO
- 9 SANIT. MASC.
- 10 SANIT. FEM.

PLANTA BAIXA

0,5 1 2,5



10, 11 e 12_ Planta e Fachada - 2 salas | Planta 2 salas, 3 e 4 salas, e 5 salas | Detalhe da Veneziana Regulável . Escolas
 CERETO, 2020 | GAGLIARDI, 1969, p.121 | Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.
 13_ Escolas pré-fabricadas.
 Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1965.



4_ Estádio Vivaldo Lima

Autor: SMPAA

Projeto: 1965

Cálculo Estrutural: Navarro Adler

Construtora: COINTER, PLANENGE e Irmãos Prata

Inauguração: 1971

Reforma: 1994

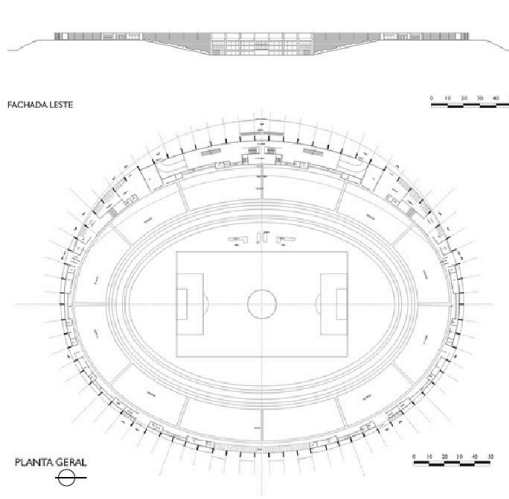
Reinauguração: 1995

Demolição: 2010

Endereço: Avenida Constatino Nery, s/n.

Cliente: Governo do Estado do Amazonas

O estádio é um dos marcos do desenvolvimentismo no Amazonas. O edifício é "encaixado" na topografia resultante do terreno e permite a redução do perímetro das fachadas com a redução dos acabamentos. A solução adotada elimina os grandes vãos para as estruturas em concreto armado nas arquibancadas. É uma obra extraordinária no perímetro urbano. A geometria elíptica inscreve as instalações esportivas e concentra as atividades de apoio nos pavilhões leste e oeste. A estrutura portante é em concreto armado, os muros são em tijolo com revestimento cerâmico, e o pavilhão leste tem os painéis de vedação em painéis de madeira. A conclusão da cobertura ocorre somente em 1995, e é realizada em perfis metálicos com uma estrutura independente. O edifício é demolido em 2010 para a construção da Arena da Amazônia.



14 e 15_Fachada e Planta | Estádio Vivaldo Lima
CERETO, 2003. | Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1970 e 1971].

16_Fachada Leste. Estádio Vivaldo Lima
Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1998 e 1999].



5_Residência Recife, 1762

Autor: Severiano Porto

Projeto: 1966

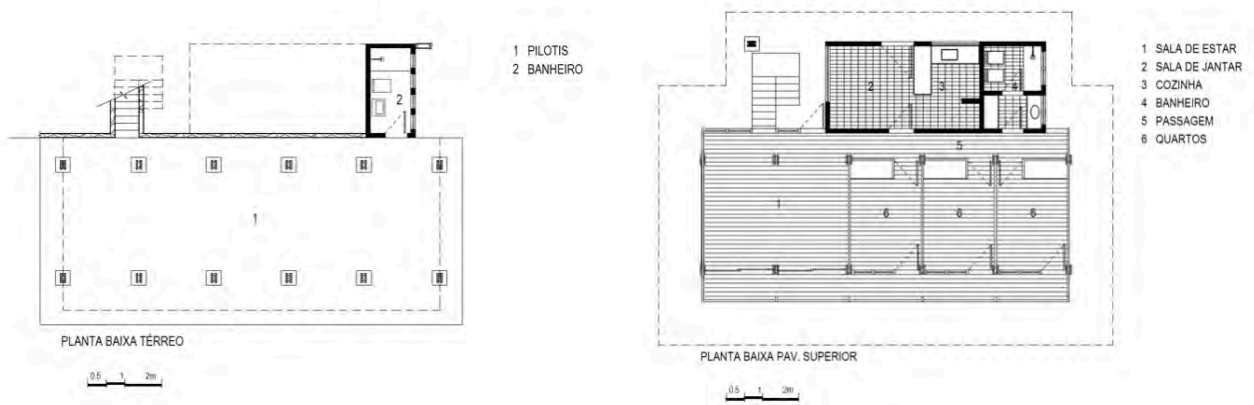
Inauguração:1967

Demolição: 1983 (?)

Endereço: Rua Recife, 1762. Bairro Adrianópolis, Manaus.

Cliente: Severiano Porto

A residência é construída em um terreno amplo, alugado e em condição efêmera no limite urbano de Manaus. Nesse local há um braço do igarapé do Mindu, com uma pequena contenção, que configura uma piscina natural usada para banhos gelados. Há um depósito construído em pedra jacaré. O arquiteto considera essas preexistências no projeto e propõe uma pavilhão em madeira, para as atividades sociais e íntimas, e outro em alvenaria para a área molhada. A condição paisagística e a vegetação abundante determinam a implantação. Severiano vive com a família até a construção da Residência Recife, 1435 em 1971. A residência foi demolida em 1983.



17 e 18_ Plantas | Recife, 1962
CERETO, 2020.

19_Fachada Leste. Recife, 1962
Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1968 e 1969].



6_Polícia Militar do Estado do Amazonas

Autor: SMPAA

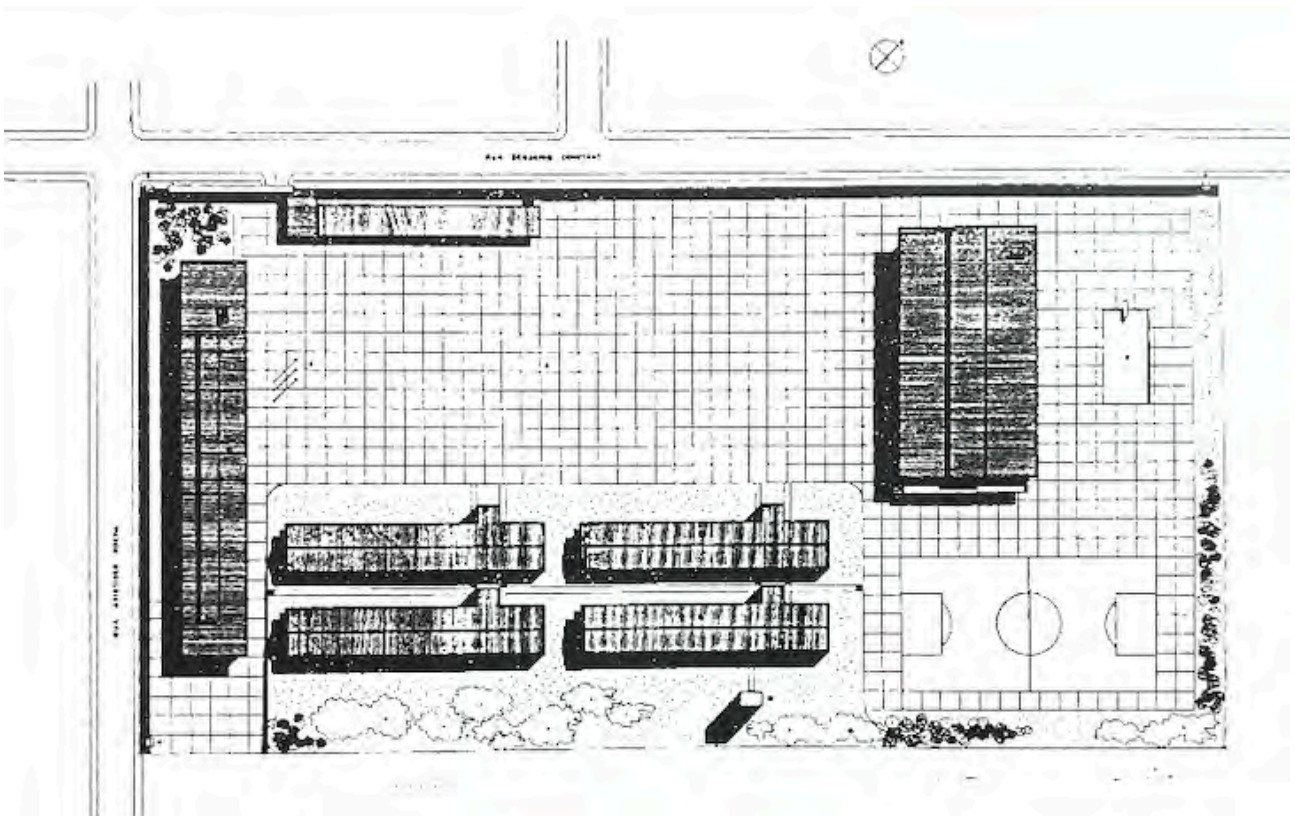
Projeto: 1966

Inauguração:1970

Endereço: Rua Benjamin Constant, 2150. Petrópolis, Manaus

Cliente: Governo do Estado do Amazonas

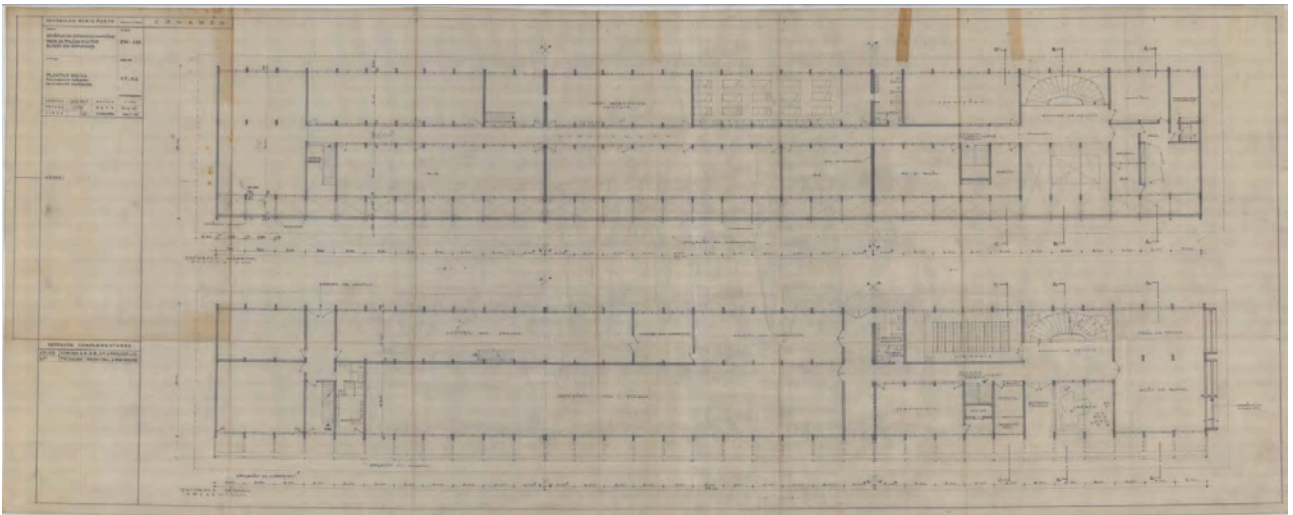
O quartel da Polícia Militar do Amazonas é localizado em bairro próximo ao Centro de Manaus. A obra é racionalista e tem uma malha definidora que organiza os edifícios na implantação. Os edifícios são pavilhonares, com geometria regular, modulação rígida e estrutura portante em concreto armado. Destaca-se a flexibilidade das plantas dos alojamentos e o uso dos elementos vazados nos blocos. Ao substituir camas por redes é possível transformar os dormitórios em salas de instrução para os dias chuvosos. A materialidade é variada como o uso de tijolo aparente, madeira e concreto aparente.



20_Implantação. Polícia Militar do Amazonas
Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [1967?].

21_Bloco do Comando Geral. Polícia Militar do Amazonas
Acervo Severiano Porto, [entre 1969 e 1970].





22_Planta do Bloco do Comando Geral. Polícia Militar do Amazonas
Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [1967?].

23_Bloco de Alojamentos. Polícia Militar do Amazonas
Acervo Severiano Porto, [entre 1969 e 1970].



7_Restaurante Chapéu de Palha

Autor: Severiano Porto

Projeto: 1967

Inauguração:1968

Endereço: Rua Fortaleza, 473. Adrianópolis, Manaus

Cliente: João Braga e Claudio Figliolo.

O restaurante Chapéu de Palha é localizado em um bairro nobre de Manaus. É uma obra com baixo orçamento, ordinária, com geometria pura, planta circular e estrutura portante em madeira. A compartimentação é realizada com alvenaria cerâmica aparente, a cobertura com palha de buçu e o piso é pré-fabricado com blocos sextavados em concreto assentados em areia branca.

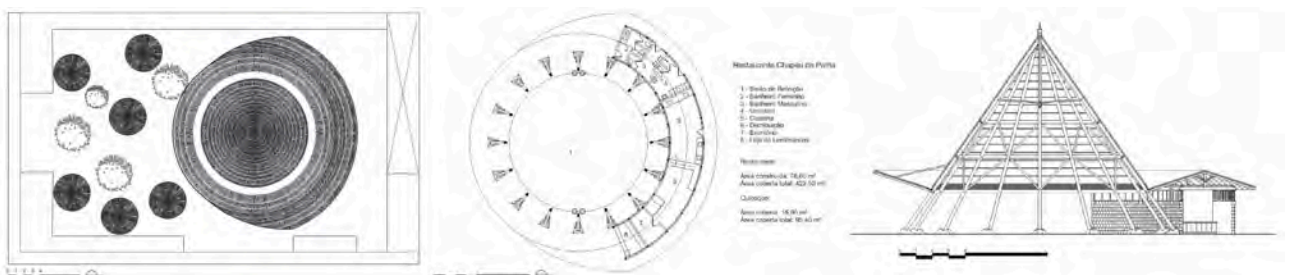


24_Vista do Restaurante. Chapéu de Palha

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [1968?].

25, 26 e 27_Implantação, Planta e Corte. Chapéu de Palha

CERETO, 2017.



8_Balneário do Parque 10 de novembro

Autor: SMPAA

Projeto: 1967

Inauguração:1968

Endereço: Av. Darcy Vargas, 1200. Parque 10 de novembro, Manaus.

Cliente: Prefeitura Municipal de Manaus

O igarapé do Mindu é localizado a 6 km do rio Negro e utilizado nos anos 1960 e 1970 como um local para "banhos" - como uma praia. O projeto realizado pelo escritório é uma reestruturação do balneário inaugurado por Getúlio Vargas em 1940, com a manutenção da edificação remanescente e a construção de novas com programa social, esportivo e de lazer. Destacam-se o zoológico, a piscina natural - em pedra jacaré no leito do igarapé; o anfiteatro para 4.000 expectadores - em concreto aparente; o centro administrativo e médico - em concreto armado com painéis industriais e alvenaria aparente; o ginásio poliesportivo - em estrutura metálica; e as churrasqueiras - com estrutura em madeira e palha. Atualmente o igarapé está poluído e o balneário desativado.



28_Implantação. Balneário do Parque 10 de novembro

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1967.

29_Balneário do Parque 10 de novembro

CERETO, 2017.



9_Igreja Nossa Senhora do Cavaco

Autor: SMPAA

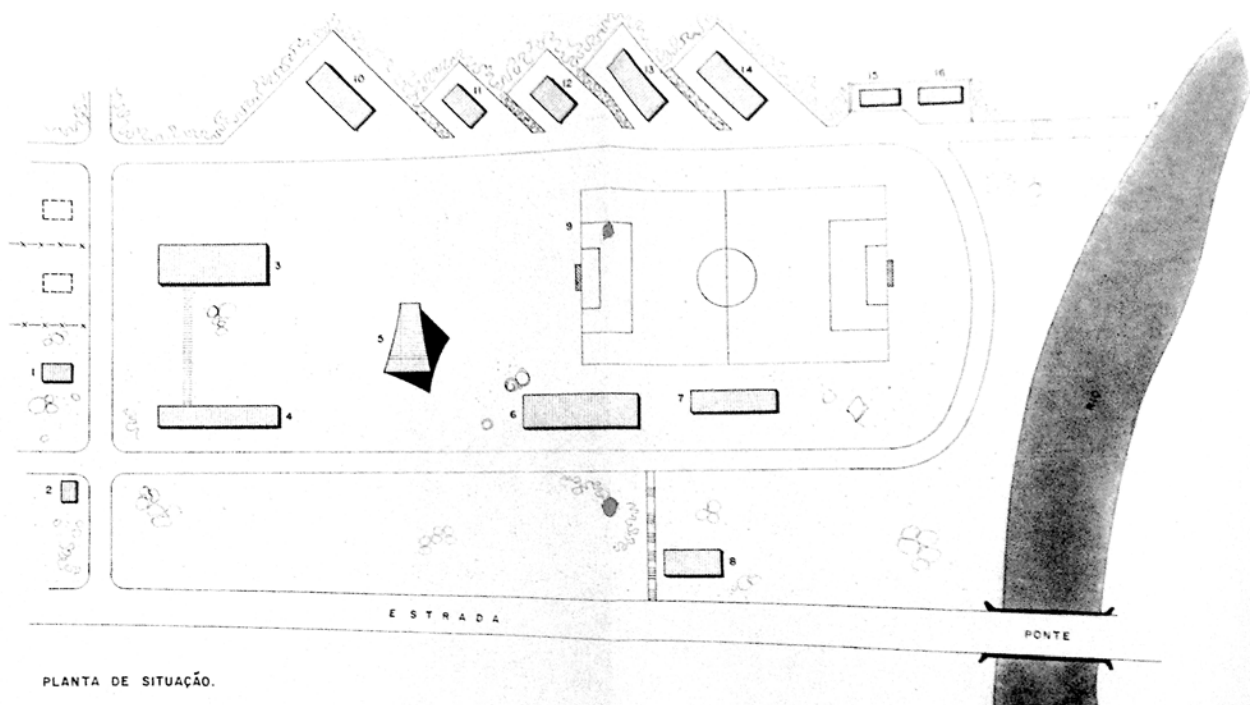
Projeto: 1969

Inauguração:1969

Endereço: Estrada AM-1, Km 80, Centro, Rio Preto da Eva/AM.

Cliente: Governo do Estado do Amazonas

A colônia agrícola de Rio Preto é uma ação do Governo do Estado do Amazonas durante a implantação da Zona Franca de Manaus. Com a construção da estrada AM-1 em 1967 é necessário capacitar com uma infraestrutura mínima, a localidade com imigrantes japoneses e amazonenses. São construídas na localidade escola, centro médico, espaços para atividades sociais e desportivas e um centro ecumênico. Destaca-se no conjunto edificado a Igreja Nosa Senhora do Cavaco, a primeira obra do escritório com a utilização da telha em madeira, comum nas construções japonesas na Amazônia. A igreja é excepcional pela sua geometria com a estrutura, os revestimentos e o mobiliário em madeira. A colônia é desativada em 1983 com a emancipação do município de Rio Preto da Eva e a igreja foi reconstruída em 2007, em localidade próxima a implantação original, e atualmente funciona como uma auto-escola.



PLANTA DE SITUAÇÃO.

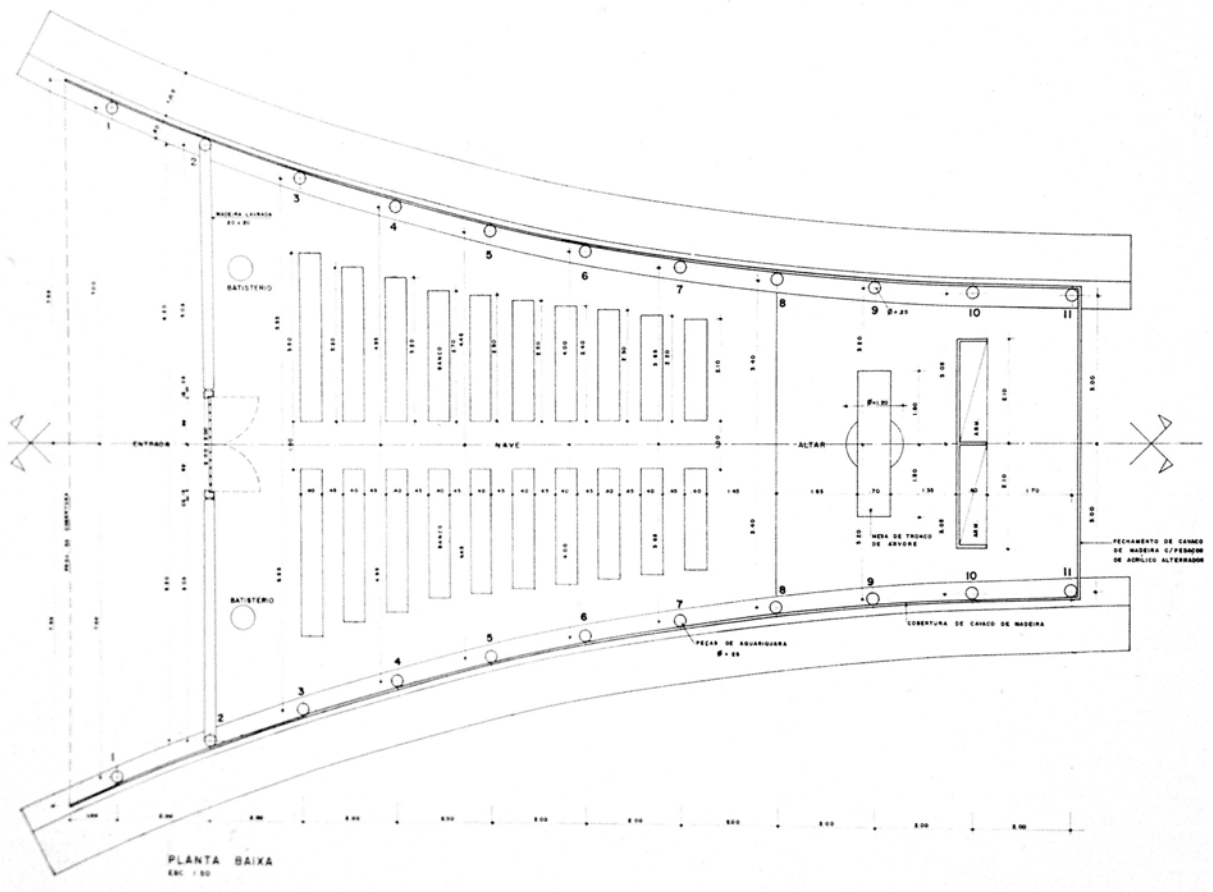
30_Implantação. Colônia Agrícola de Rio Preto

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1967.

31_Igreja Nossa Senhora do Cavaco

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1968 e 1970].





32_Implantação. Balneário do Parque 10 de novembro

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1967.

33_Balneário do Parque 10 de novembro

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1968 e 1970].



10_Casa de Cultura

Autor: SMPAA

Projeto: 1969

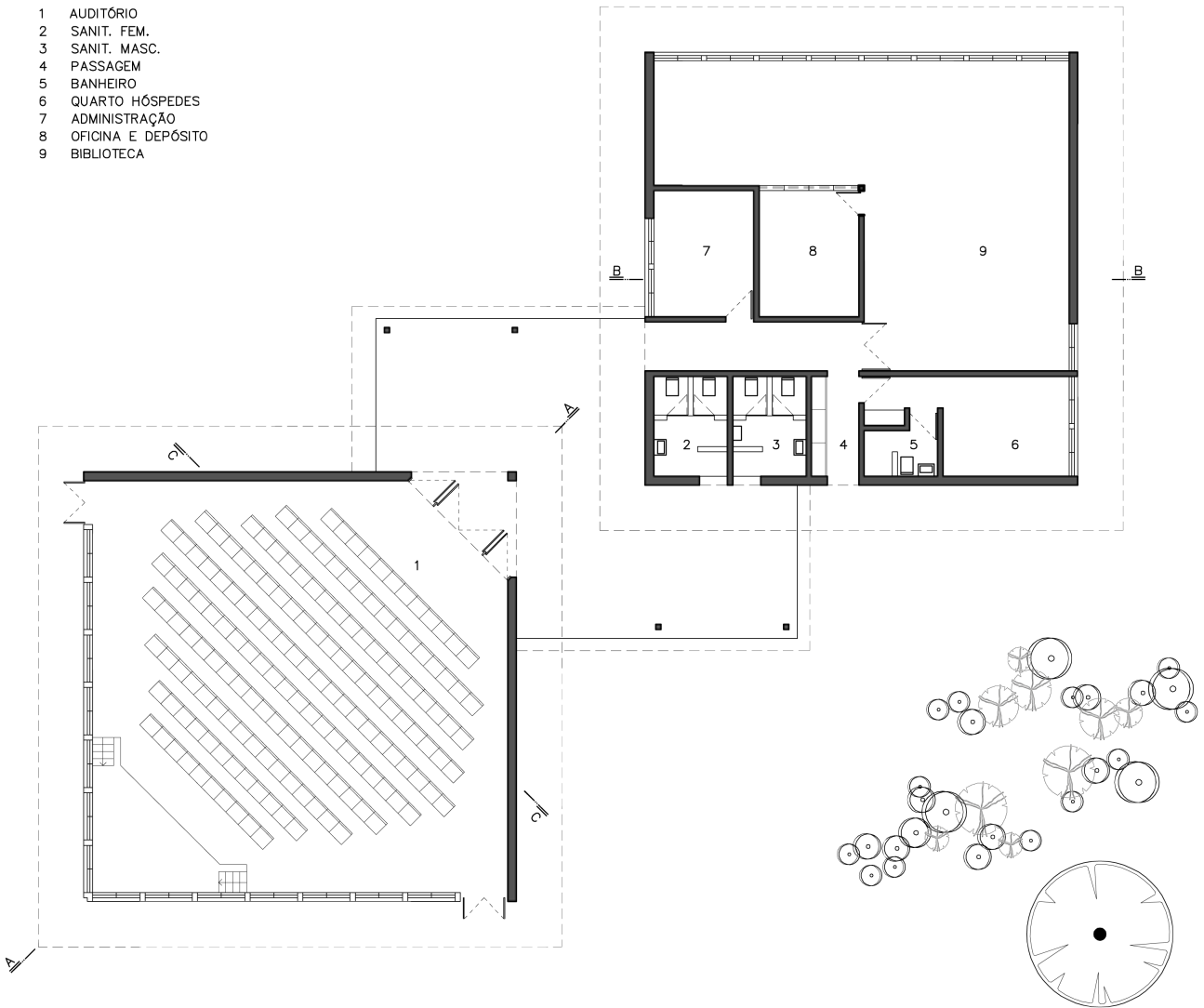
Inauguração: Itacoatiara/AM, 1970 e Manacapuru/AM, 1971

Endereço: Rua Isaac Peres, 2211, Centro. Itacatiara/AM | Rua Monsenhor Coutinho, 524, Centro. Manacapuru/AM.

Cliente: Governo do Estado do Amazonas

A Casa de Cultura é implantada pelo Governo do Estado do Amazonas em duas localidades. Os arquitetos alinham os dois volumes com as atividades separadas do programa de necessidades, em um dos seus lados. A planta quadrangular dos dois volumes são similares e distintas: ambas com 12,00 x 12,00m, mas coberturas diferentes de acordo com a hierarquia da materialidade: o auditório - em madeira, e a biblioteca em alvenaria cerâmica. Em Manacapuru, a prefeitura realizou uma reforma em 1989 com a substituição da estrutura portante em madeira pelo concreto armado e atualmente funciona a Biblioteca Pública Municipal Profª Elizabeth Lima de Almeida. Em Itacoatiara, a reforma ocorreu em 2014 e foi mantida a materialidade na Biblioteca Municipal Anísio Jobim.

- 1 AUDITÓRIO
- 2 SANIT. FEM.
- 3 SANIT. MASC.
- 4 PASSAGEM
- 5 BANHEIRO
- 6 QUARTO HÓSPEDES
- 7 ADMINISTRAÇÃO
- 8 OFICINA E DEPÓSITO
- 9 BIBLIOTECA



PLANTA BAIXA

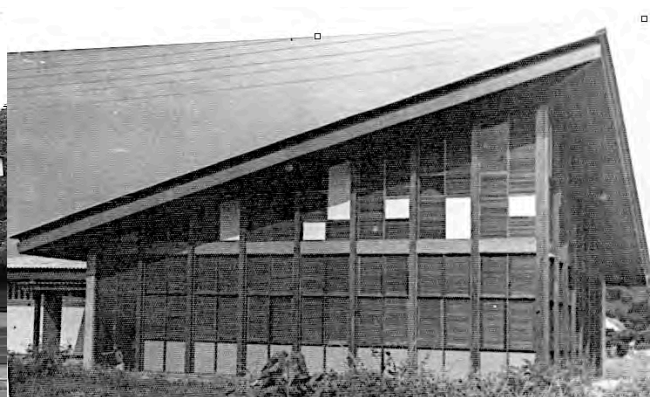
0,5 1 2m

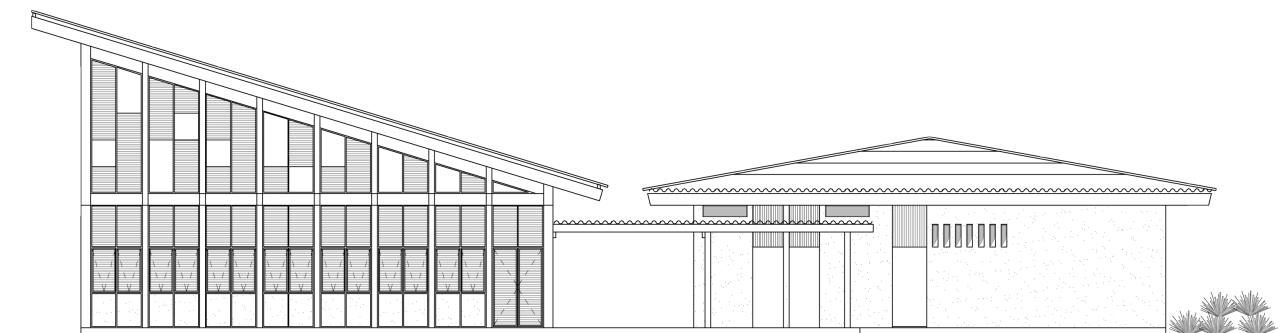
346_Planta. Casa de Cultura

CERETO, 2020.

35 e 36_Manacapuru e Itacoatiara. Casa de Cultura

<http://wikimapia.org/19797626/pt/Casa-da-Cultura#/photo/1674661> | IBGE, [entre 1970 e 1975].

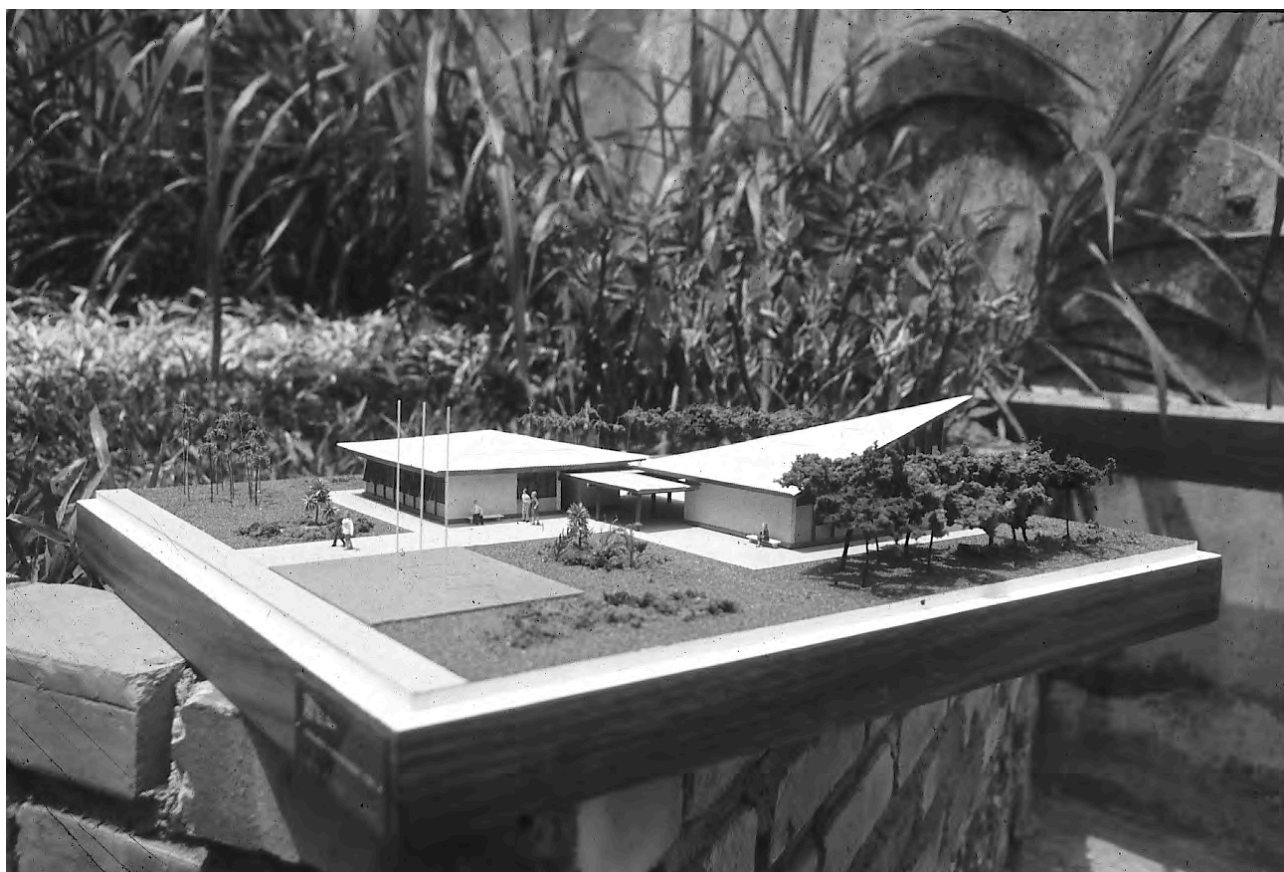




FACHADA SUL

37_Fachada sul. Casa de Cultura
CERETO, 2020.

38_Maquete. Casa de Cultura
Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1969.



11_PORTOBRÁS

Autor: SMPAA

Projeto: 1969

Cálculo Estrutural: Navarro Adler

Inauguração: 1975

Endereço: Avenida Coronel Teixeira, 6115, Ponta Negra. Manaus.

Cliente: DNPVN

A sede da PORTOBRÁS é localizada na orla do Rio Negro. É uma obra com geometria pura, planta circular e estrutura portante em concreto armado. A compartimentação é realizada com painéis em madeira e vidro, alvenaria cerâmica aparente e elementos vazados cerâmicos. A contenção é realizada com pedra jacaré assentado em cantaria. Atualmente funciona o Quartel General da 12ª Região Militar.

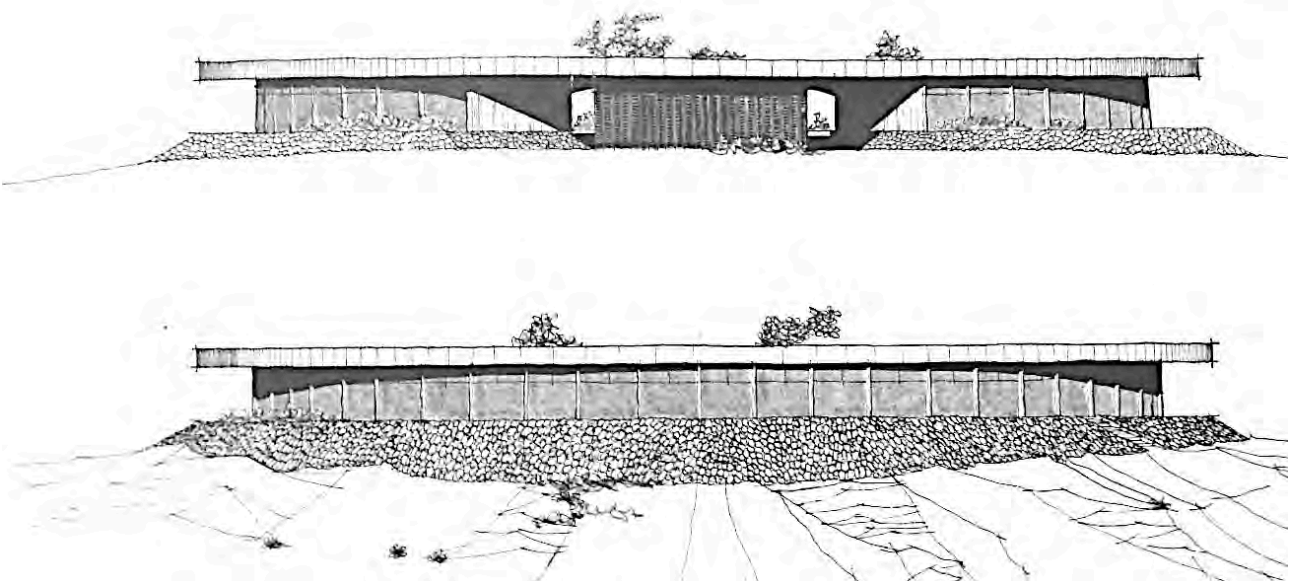


39_PORTOBRÁS

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1975 e 1980].

40 e 41_Elevações norte e sul

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1969.



12_Campus da Ciência do INPA

Autor: SMPAA

Projeto: 1970

Inauguração:1973

Endereço: Avenida André Araújo, 2936, Petrópolis. Manaus.

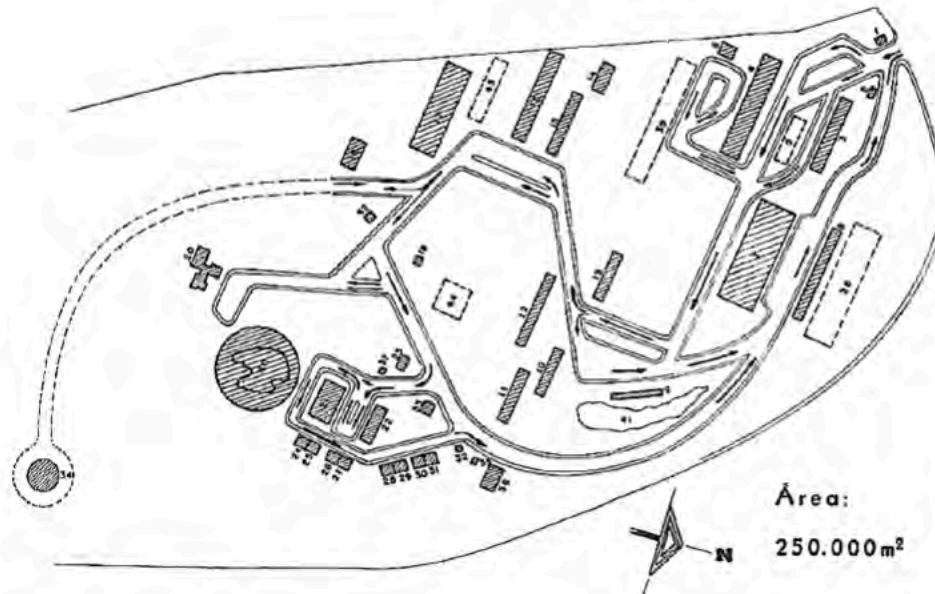
Cliente: INPA

O campus da Ciência é o primeiro trabalho do escritório com forte onde há forte apelo na relação Natural x Artificial. O projeto dispõe edifícios pavilhonares dispostos sobre o eixo leste-oeste, de forma a minimizar o impacto da indesejada fachada oeste nos laboratórios da instituição. Os edifícios são mistos com estrutura portante em concreto armado. A estrutura de cobertura é em madeira com telha industrial e as compartimentações são em alvenarias de tijolo cerâmico aparente e com revestimento cerâmico. Ao longo dos anos o campus teve diversas ampliações e reformas, mas mantém as atividades do INPA.

P.R. - CNPq

Inpa INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
SEDE DO INSTITUTO EM MANAUS

LEGENDA



- 1 - Portaria
- 2 - Adm. serv. comunitário, residen.
- 3 - Almosarifado
- 4 - Garage e oficinas
- 5 - Posto de serviço
- 6 - Lixo
- 7 - Patologia Tropical
- 8 - Administração
- 9 - Altar de bandeiras
- 10 - Botânica - I
- 11 - Herbário
- 12 - Botânica - II
- 13 - Serviços para a comunidade
- 14 - Celulose
- 15 - Papel
- 16 - Ciências do ambiente - I
- 17 - Fitoquímica
- 18 - Biotério
- 19 - Castelo d'água
- 20 - Diretor Geral, residência
- 21 - Aloj. A - 6 apartamentos
- 22 - Aloj. B - 6 apartamentos
- 23 a 32 - Residências
- 33 - Cantina
- 34 - Depósito de inflamáveis
- 35 - Parque infantil
- 36 - Recreação adultos
- 37 - Recepção alojamentos
- 38 - Biblioteca e auditórios
- 39 - Tecnologia de madeiras
- 40 - Avcs aquáticas
- 41 - Lago Vitória Régia
- 42 - Estação rast. satélites
- 43 - Ciências do ambiente - II
- 44 - Estação meteorológica

42_Implantação. INPA

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1975 e 1980].

43_Pavilhão de serviços para a comunidade. INPA

Acervo Severiano Porto, [entre 1973 e 1975].



13_Residência Recife, 1435

Autor: SMPAA

Projeto: 1971

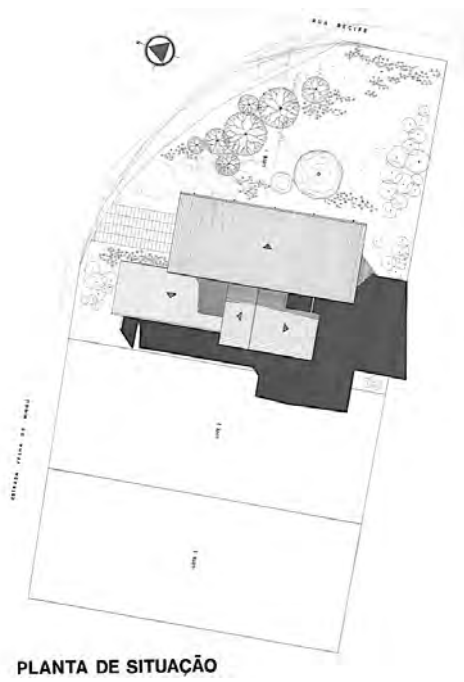
Inauguração:1971

Demolição: 2003

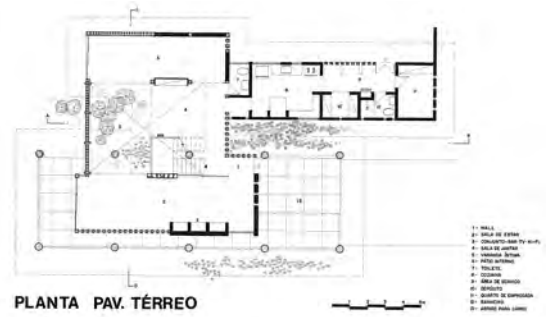
Endereço: Rua Recife, 1435, Adrianópolis. Manaus.

Cliente: Severiano Porto

A residência Recife, 1435 está localizada a 300 m da primeira residência realizada pelo arquiteto para a sua moradia em Manaus. É uma obra que marca a sua permanência na Amazônia, com uma abordagem mais complexa em razão das experimentações realizadas. A estrutura portante é em madeira, com situações em que ela se torna independente e em outras em planta celular. A extração da madeira utilizada para a obra ocorre em parte nas imediações do terreno, mas também na indústria - para as esquadrias. Destaca-se o Átrio Amazônico e as dualidades da obra: entre o aberto e o fechado, o coberto e o aberto, o claro e o escuro e o artesanal e o industrial. A residência foi demolida em 2003.



PLANTA DE SITUAÇÃO



PLANTA PAV. TÉRREO



FACHADA PRINCIPAL



FACHADA LATERAL

44,45,46 e 47_Implantação, planta e fachadas. Residência Recife, 1435.

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1971.

48_Sala de Estar. Residência Recife, 1435.

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1971 e 1972].





49_ Residência Recife, 1435.
Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1971 e 1972].
50_ Jardim Amazônico. Residência Recife, 1435.
Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1971 e 1972]



14_SUFRAMA

Autor: SMPAA

Projeto: 1971

Cálculo Estrutural: Navarro Adler

Instalações elétricas e hidráulicas: Ivo Jansson Azevedo

Ar condicionado: Guilherme Pereira

Sonorização e Tratamento Acústico: Roberto Thompson Motta

Construtora: Construtora Norberto Odebrecht

Inauguração: 1974

Incêndio: 1994

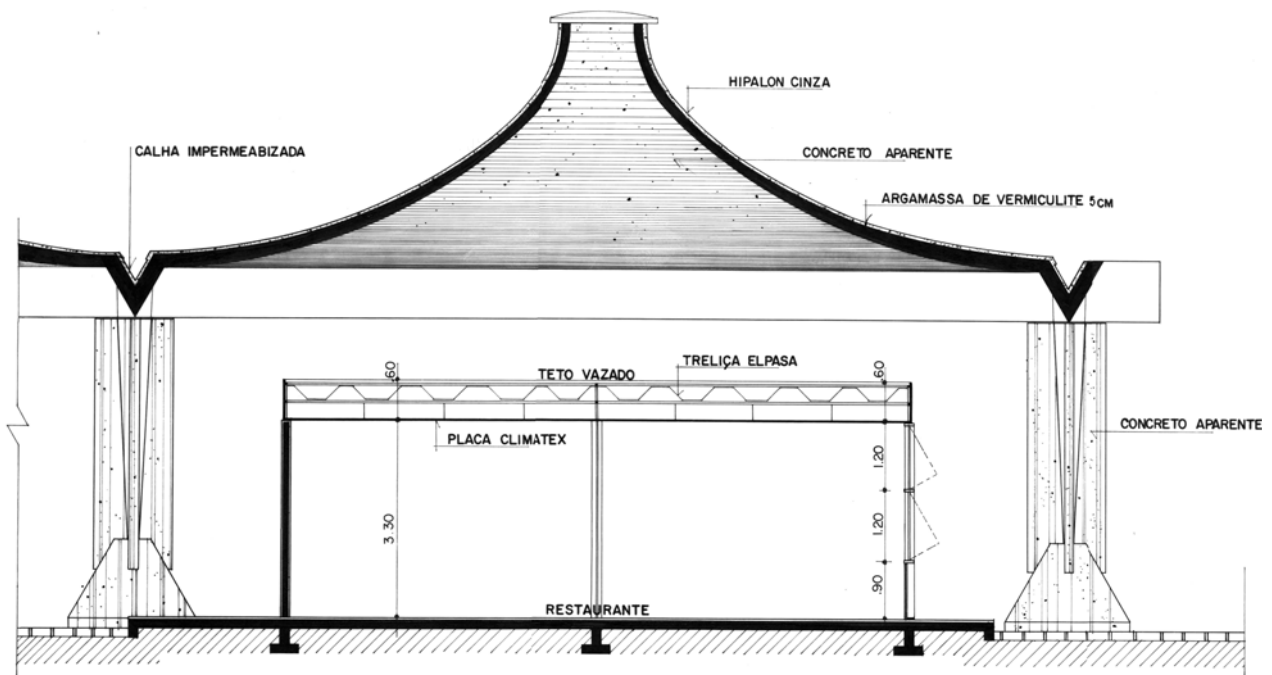
Projeto da Reforma: 1995

Reinauguração: 1998

Endereço: Rua Min. Mario Andreazza, 1424, Distrito Industrial. Manaus.

Cliente: Ministério do Interior

A sede da SUFRAMA representa um marco da efetivação da Zona Franca de Manaus. A obra tem uma proposta estruturalista com estrutura portante em concreto armado e compartimentação com painéis industriais. Destaca-se a macrocobertura com forma excêntrica. Após um incêndio em 1994, apenas a estrutura em concreto armado resiste. SMPAA realiza o projeto da reforma em 1995, e os painéis leves são substituídos por alvenaria em tijolo cerâmico, com revestimento cerâmico, e são instalados brises em alumínio no perímetro da ocupação.



51_ Corte. SUFRAMA

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1974.

52_SUFRAMA.

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1974.



15_Reservatórios elevados da COSAMA

Autor: SMPAA

Projeto: 1971

Cálculo Estrutural: Navarro Adler

Iluminação: Roberto Thompson Motta

Construtora: Construtora Norberto Odebrecht

Inauguração: 1972

Endereço: Diferentes localidades (Castelhana, Aeroporto, São Jorge, São Raimundo e Mocó)

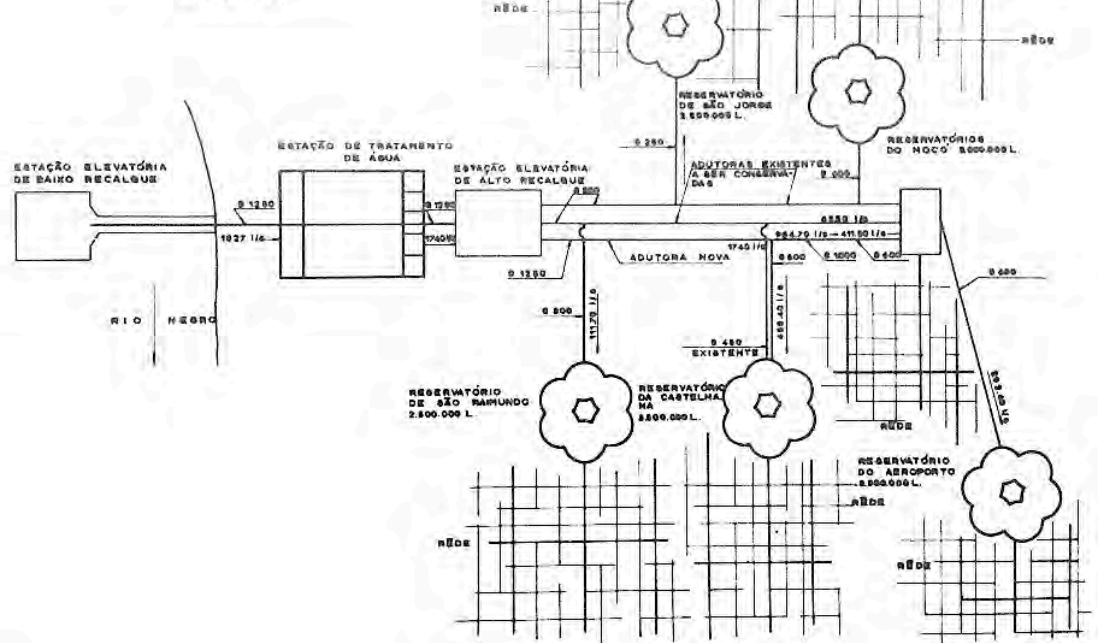
Cliente: Construtora Norberto Odebrecht

Os reservatórios elevados da Companhia de Águas de Manaus (COSAMA) são construções da ampliação da infraestrutura da cidade. O escritório Saturnino de Brito realiza no início da década de 1970, o projeto para a captação e o tratamento da água do rio Negro para fins de abastecimento. Este recurso deve ser distribuído e armazenado em 5 pontos da cidade. Para tal, o escritório SMPAA apresenta uma solução para minimizar o impacto volumétrico do equipamento no entorno imediato e divide o volume necessário ao armazenamento em seis cilindros conjugados. Como resultado, a altura final é reduzida e a proporção se torna mais elegante. A estrutura é em concreto armado, com acabamento estriado - realizado pela utilização de peças em madeira com fôrmas em madeirit. Além da condição pragmática, os reservatórios apresentam uma escada helicoidal, no vazio entre os septos, com acesso a um mirante na laje de cobertura. Atualmente, os edifícios permanecem em funcionamento da empresa Águas de Manaus.



ESQUEMA DO ABASTECIMENTO D'ÁGUA

MANAUS

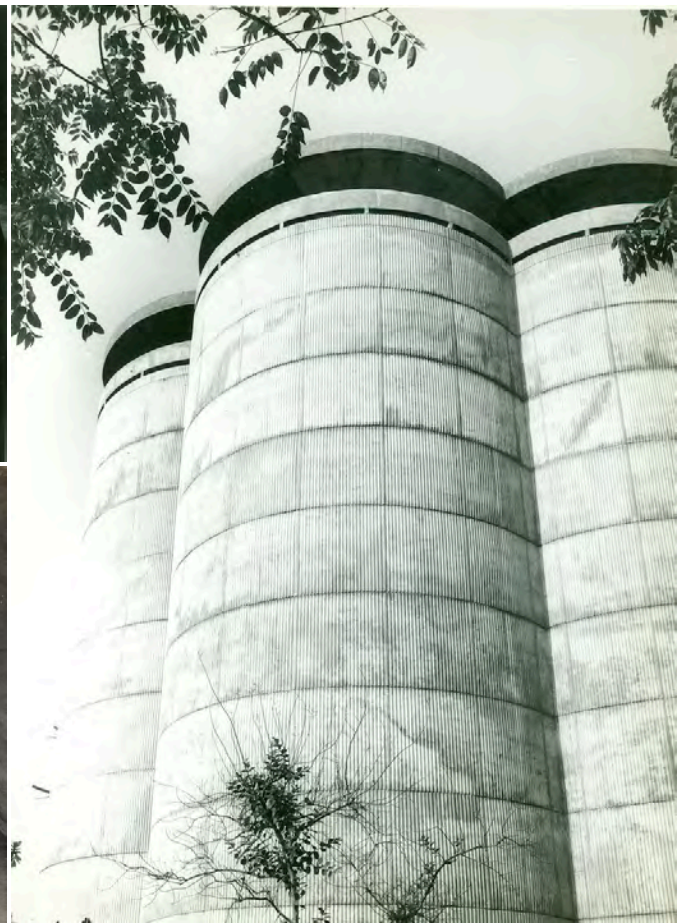


53_Esquema. COSAMA

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1972.

54,55 e 56_SUFRAMA.

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1972.



16_BASA

Autor: SMPAA

Projeto: 1970-1974

Cálculo Estrutural: Navarro Adler

Instalações: Roberto Thompson Motta

Ar condicionado: Guilherme Pereira

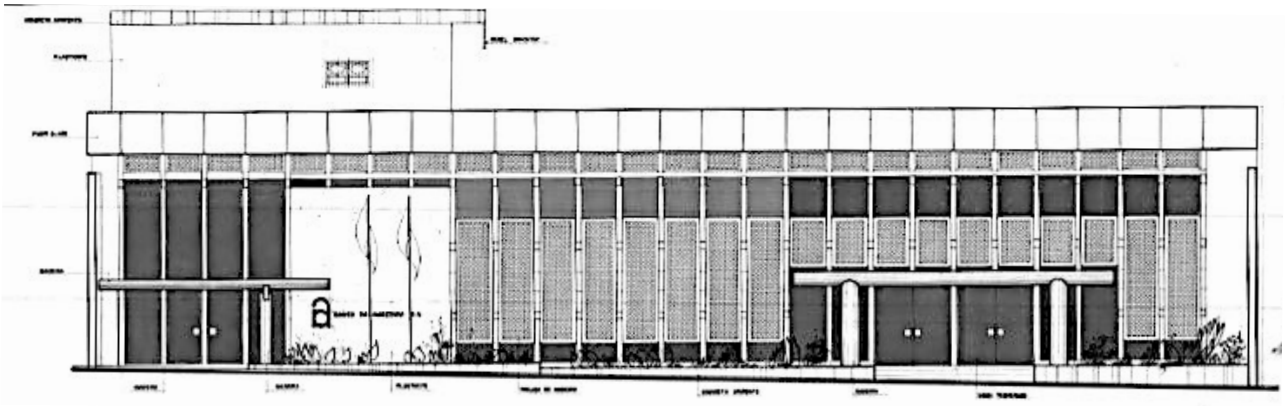
Construtora: Mendes Gouveia Ltda.

Inauguração: 1979

Endereço: Rua 7 de setembro, 404, Centro. Manaus.

Cliente: Ministério do Interior

A agência Manaus do BASA é localizada no centro histórico de Manaus. O "Palácio em cristal" é ambíguo e figurativo, com estrutura portante em concreto armado, mas os revestimentos em madeira - nas mais variadas formas. Atualmente o edifício está desocupado.



57_Fachada. BASA

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1978.

58_BASA.

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1979 a 1982].



17_Escola de música do SESI da Barra do Ceará

Autor: SMPAA

Projeto: 1977

Construtora: Estrutura de Cerâmica, Projetos e Construções Ltda. (EDEC)

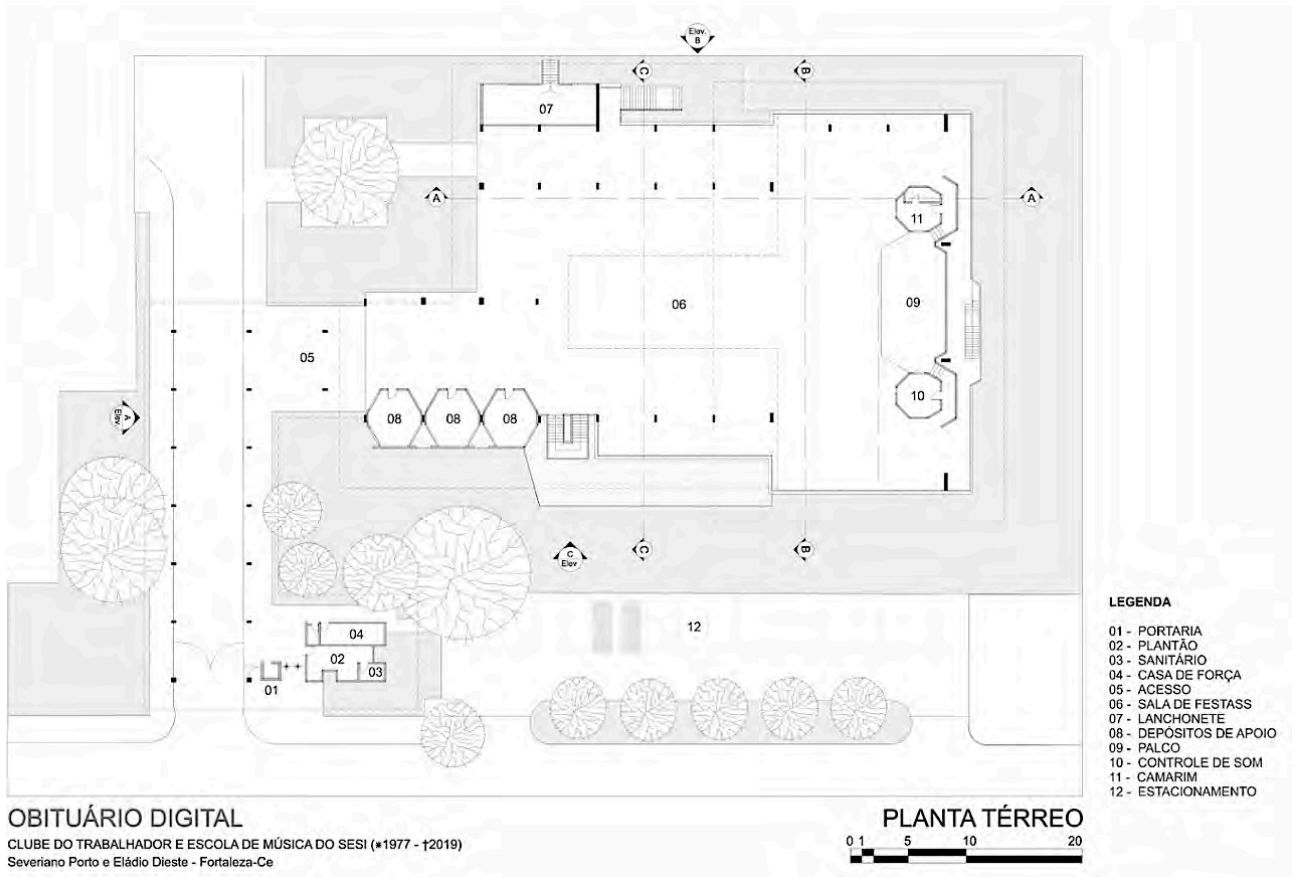
Inauguração: 1980

Demolição: 2019

Endereço: Avenida Francisco Sá, 6623, Barra do Ceará. Fortaleza.

Cliente: SESI/CE

A Escola de música é localizada em parte do terreno do SESI da Barra do Ceará. Esse projeto marca o encontro entre os arquitetos do escritório SMPAA e Eládio Dieste. A macrocobertura é em cerâmica armada e garante a proteção e o abrigo às atividades do programa distribuídas em dois pavimentos. O edifício é demolido em 2019.



59_Planta. Escola de música

PAIVA *et al*, 2020.

60_ Escola de música.

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1979 a 1982].



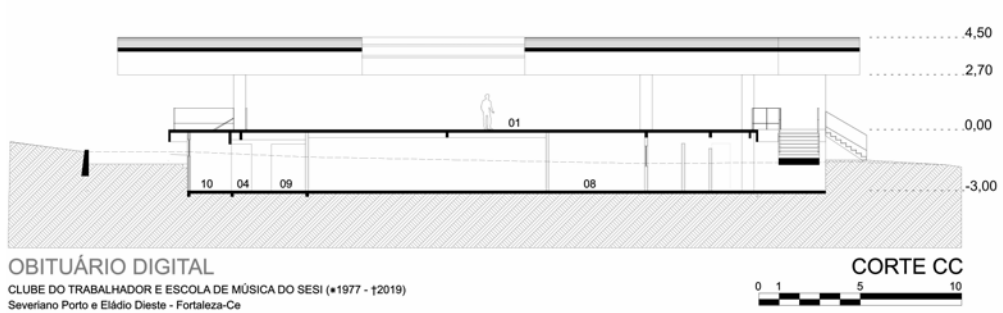
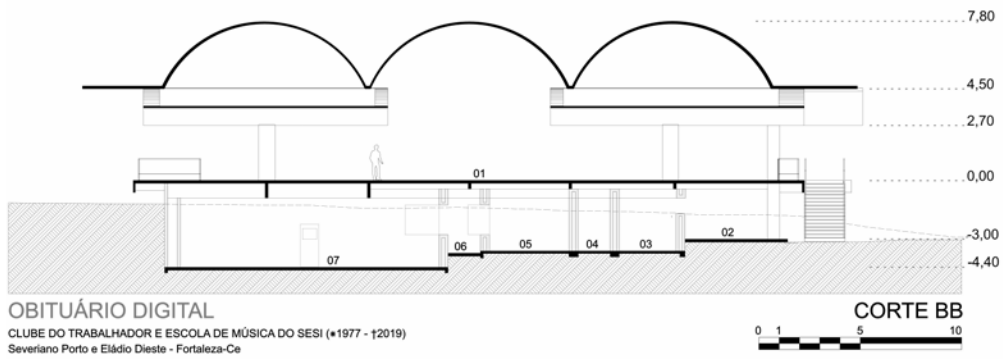


61_ Escola de música

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1979 a 1982].

62 e 63_ Corte BB e CC. Escola de música.

PAIVA *et al*, 2020.



LEGENDA

- 01 - SALÃO DE FESTAS
- 02 - PÁTIO COBERTO
- 03 - ESTUDO INDIVIDUAL
- 04 - HALL
- 05 - SALA DE ENSAIO EM GRUPO
- 06 - SALA DE CONTROLE E SOM
- 07 - SALA DE ENSAIO DA ORQUESTRA
- 08 - DEPÓSITO DE INSTRUMENTOS
- 09 - DISCOTECA
- 10 - SANITÁRIO
- 11 - SALA DE MÁQUINAS E AR CONDICIONADO
- 12 - DEPÓSITO DE PARTITURAS
- 13 - OFICINA
- 14 - ROUPARIA
- 15 - VESTIÁRIO FEMININO

18_Residência Robert Schuster

Autor: SMPAA

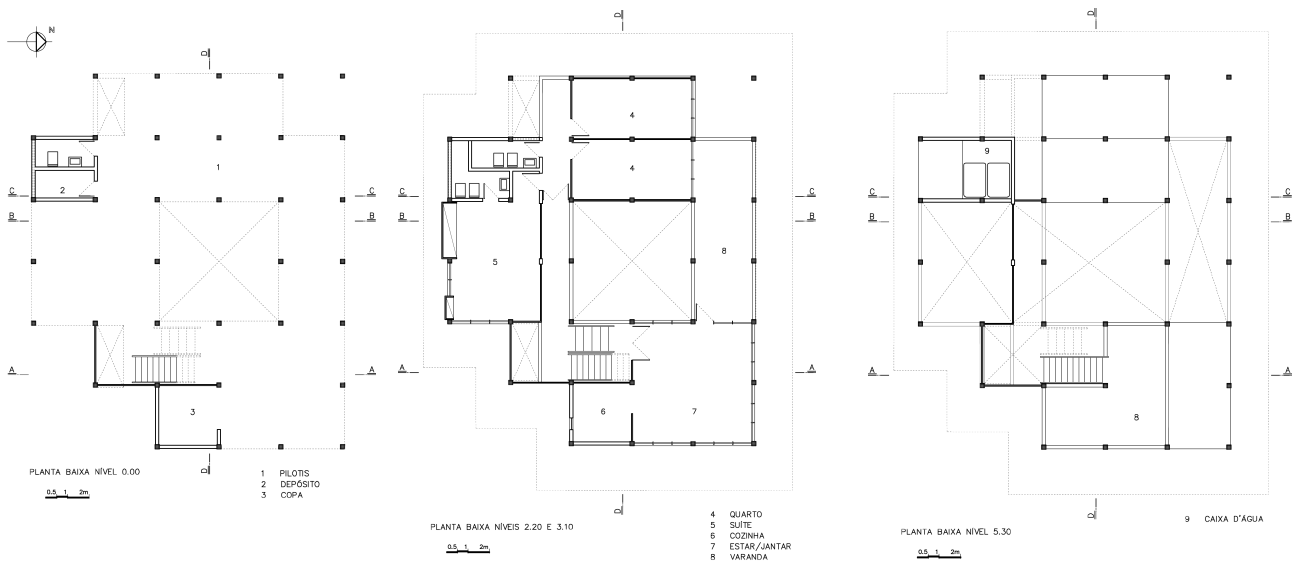
Projeto: 1977

Inauguração:1980

Endereço: Via Quinque, s.n., Tarumã. Manaus.

Cliente: Robert Schuster

A residência para finais de semana de Robert Schuster está localizada junto ao igarapé do Mariano em Manaus. A relação "natural x artificial" é intensa e os arquitetos reproduzem com singularidade às características solicitadas pelo topógrafo suíço. A materialidade escolhida é a madeira com destaque a macrocobertura em cavaco.



64, 65 e 66 _ Plantas 0.00, 2.20, 3.10 e 5.30m. Robert Schuster

CERETO, 2020.

67_ Robert Schuster.

CERETO, 2020.



19_Residência João Luiz Osório

Autor: SMPAA

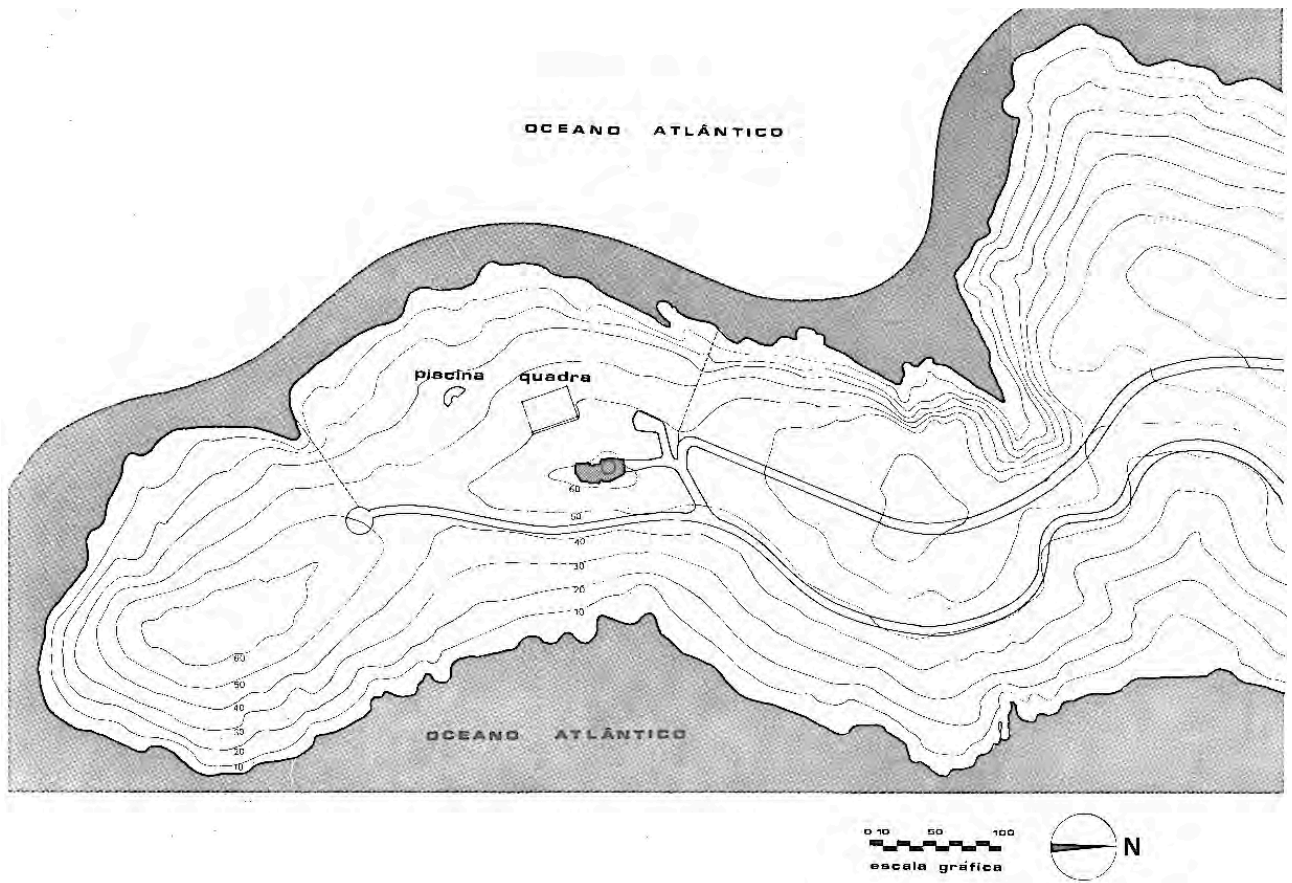
Projeto: 1978

Inauguração: Não construída.

Endereço: Rua Pontal do Atalaia, s.n.Pontal do Atalaia, Arraial do Cabo/RJ.

Cliente: João Luiz Osório

A residência está localizada em condição paisagística extraordinária no litoral carioca no alto do pontal do Atalaia em Arraial do Cabo/RJ. O projeto da residência protege o edifício dos fortes ventos e aborda as relações da materialidade com a utilização das pedras do local. Os arquitetos exploram as visuais da paisagem e integram a volumetria resultante a paisagem natural virgem e árida. A cobertura da residência é um telhado verde.

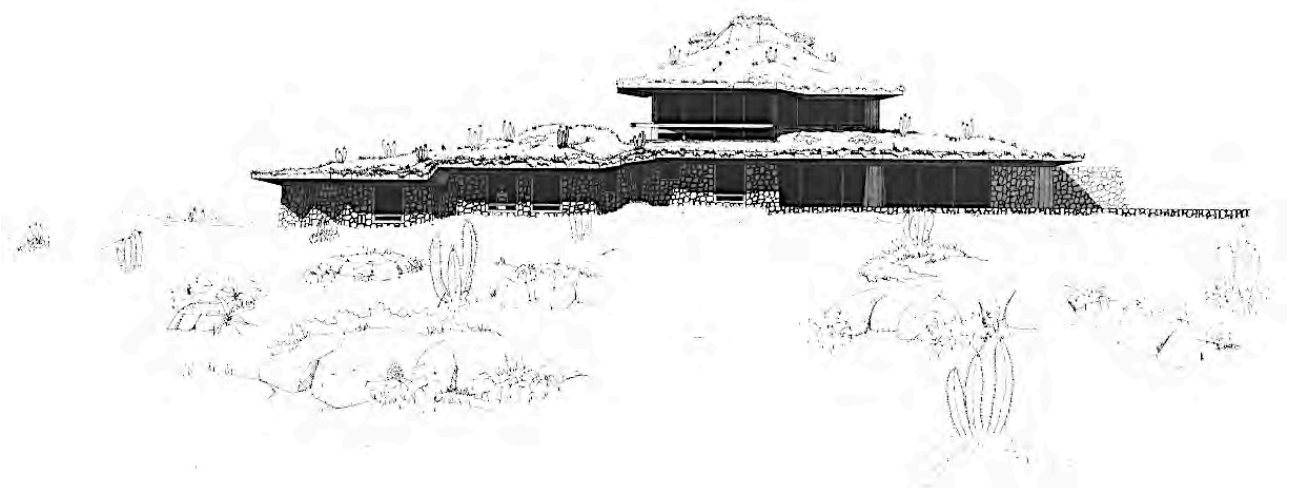


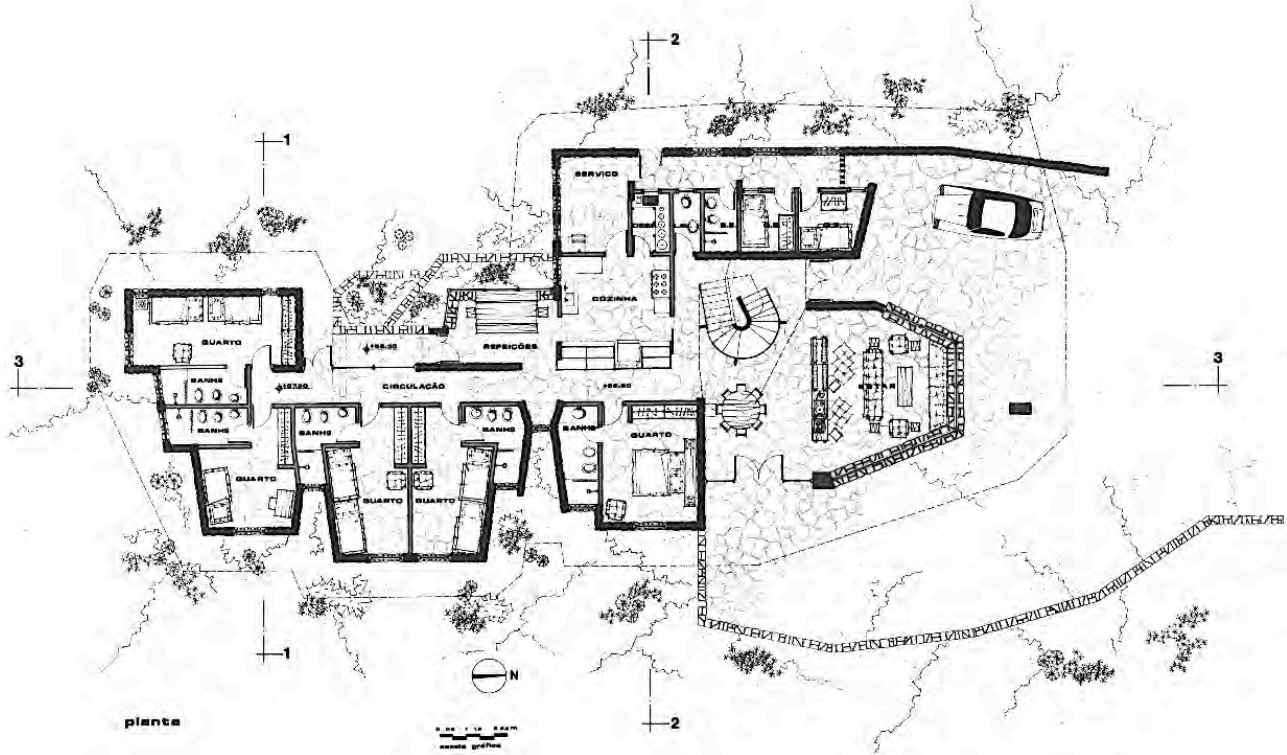
68 _ Implantação. Pontal do Atalaia

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1978.

69_ Fachada. Pontal do Atalaia

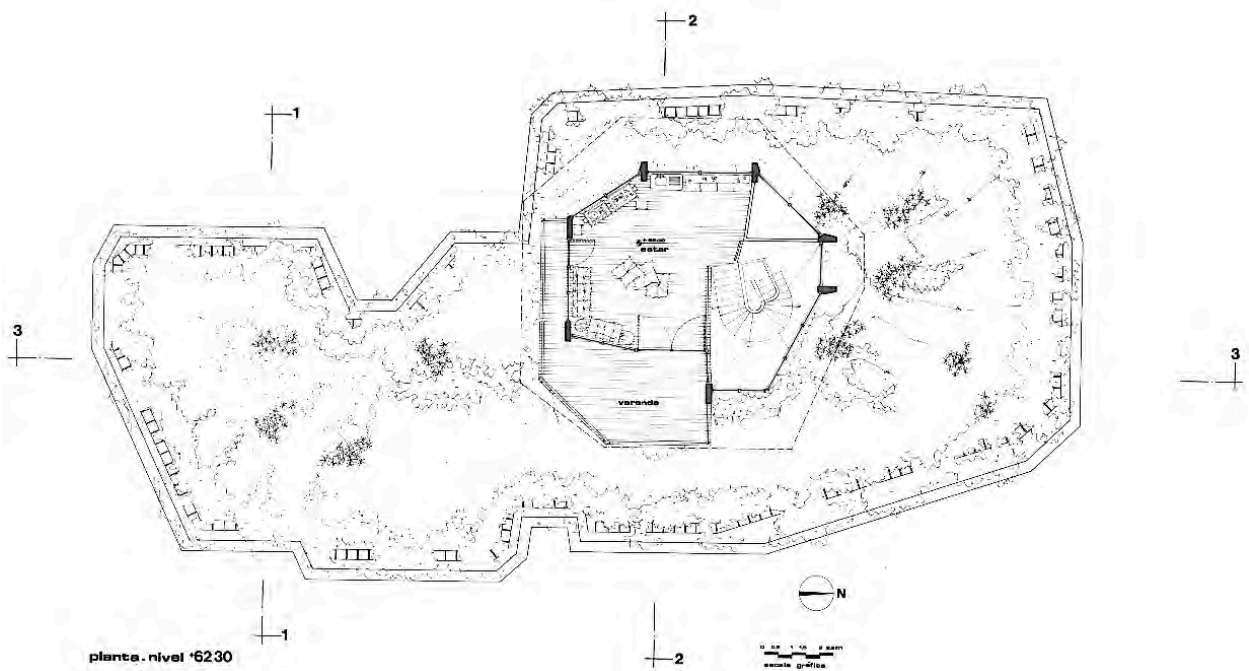
Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1978.

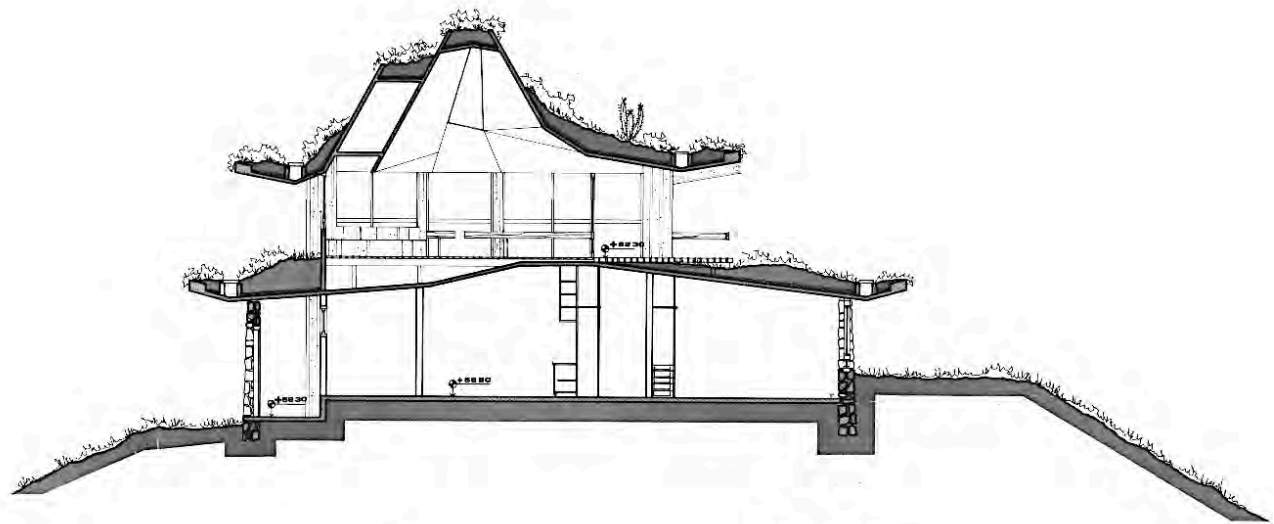




70_ Planta 58.80m. Pontal do Atalaia
Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1978.

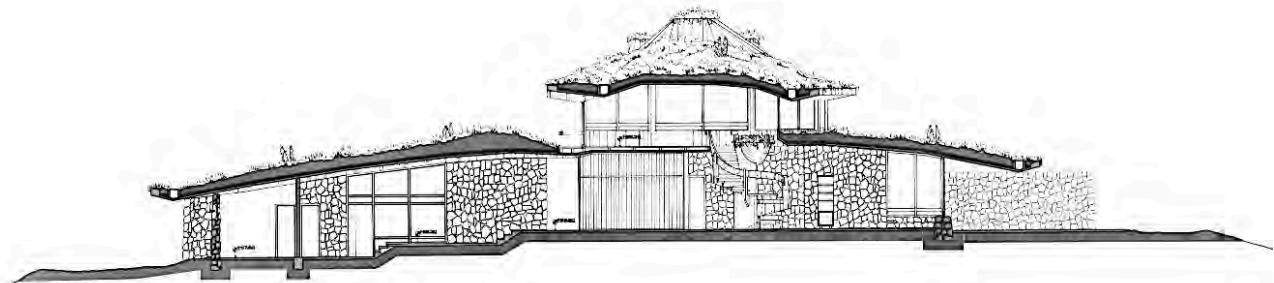
71_ Planta 62.30m. Pontal do Atalaia
Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1978.





corte 22

0 0,5 1 1,5 2 2,5
escala grafica



corte 33

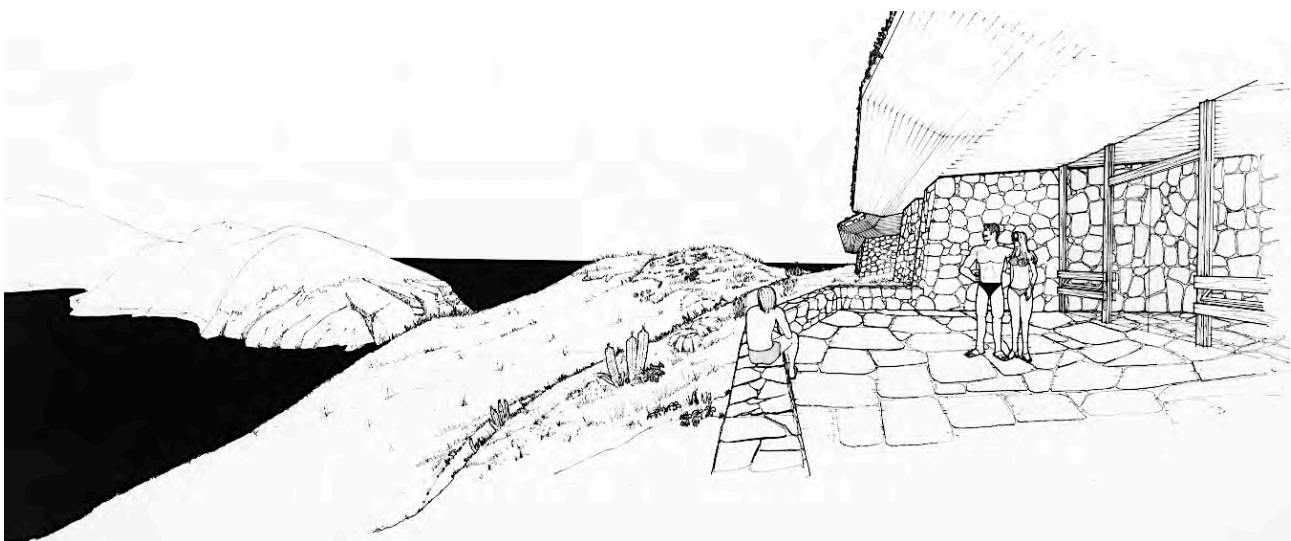
0 0,5 1 1,5 2 2,5
escala grafica

72 e 73 _ Corte 22 e 33. Pontal do Atalaia

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1978.

74_ Pontal do Atalaia

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1978.



20_Pousada na Ilha de Silves

Autor: SMPAA

Projeto: 1978

Inauguração: 1984

Endereço: Rua Floriano Almeida, 1180, Castanheira, Silves/AM.

Cliente: Aristides Queiroz

A pousada está localizada em uma ilha no lago Canaçari em Silves. O edifício principal tem geometria simples e planta circular. Os revestimentos, acabamentos e a estrutura portante são em madeira enquanto algumas compartimentações são em alvenaria cerâmica rebocada e pintada de branco. Destaca-se a macrocobertura assimétrica com telhas de cavaco em madeira. Atualmente a pousada encontra-se disponível para um novo empreendimento.

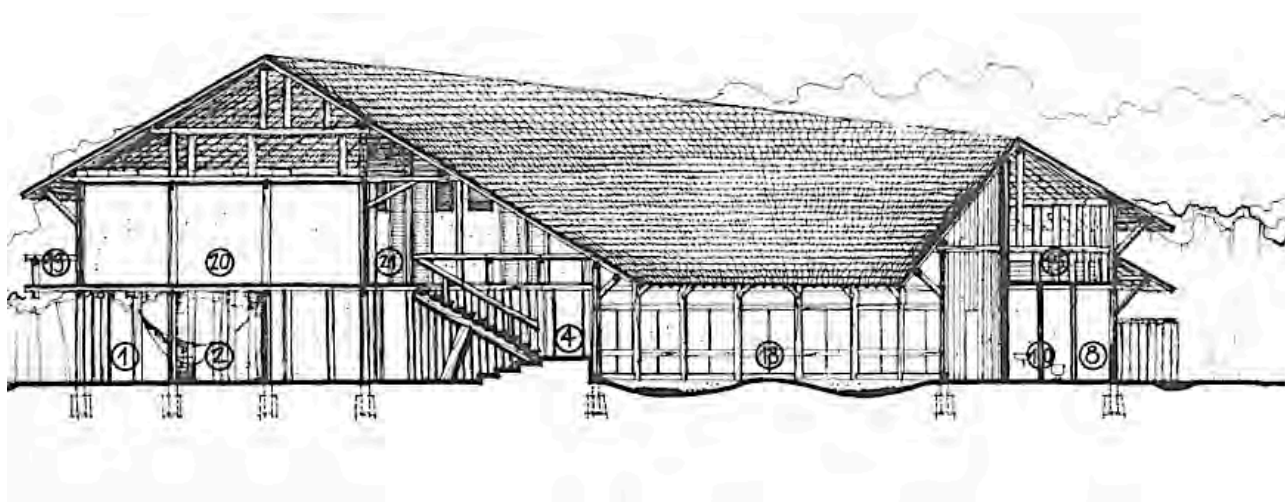


75_ Silves

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1982 a 1985].

76_ Corte. Silves

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1982.



21_Setor norte do campus da Universidade

Autor: SMPAA

Projeto: 1973-1980

Cálculo Estrutural - Concreto: Moysés Assayag e Vilar Fiuza da Câmara Junior

Cálculo Estrutural - Aço: R. F. Ribeiro da Fonseca

Projeto geométrico: Atlas Bacellar e Paulo Roberto Rocha

Instalações hidráulicas, sanitárias e hidrôincêndio: Prohisa Projetos Hidráulico-Sanitários

Instalações elétrica e telefônica: Fênice Instalações Técnicas

Acústica, instalação elétrica, TV circuito fechado, iluminação, audiovisual, tradução simultânea, sonorização, montagem cênica e comunicação visual: Roberto Thompson Motta

Ar condicionado: PLANAC Engenharia e Consultoria

Construtora: ENDECO Engenharia Ltda

Inauguração: 1986

Endereço: Av. Gen. Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I, Manaus.

Cliente: Ministério da Educação

O setor norte do campus da Universidade do Amazonas, atual UFAM, está inserido em uma Área de Preservação Ambiental - APA com aproximadamente 600 ha no centro geográfico de Manaus. Nesse cenário de uma utópica cidade amazônica, o escritório SMPAA realiza o projeto para o setor norte da gleba, com uma malha aberta, para um crescimento contínuo. A materialidade das edificações é diversa com a utilização de painéis industriais, painéis em madeira artesanal, concreto armado, perfis laminados em aço entre outras soluções. O revestimento da macrocobertura é em fibrocimento com um lanternim e a estrutura em aço. A Universidade continua em expansão e mutações e replicações nos novos edifícios realizadas nos últimos anos.



75_ UFAM

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1985 a 1987].

76_ UFAM

SANTOS, 1994 - Acervo ACS/UFAM.



22_Centro de proteção ambiental de Balbina

Autor: SMPAA

Projeto: 1985

Projeto Estrutural : Francisco Anastácio Cantisani de Carvalho e Flavio Cantisani de Carvalho - SECOPE

Instalações hidráulicas e sanitárias: Jayme Borges da Rocha - Sanenge Engenharia

Instalações elétrica e telefonia: Carlos Alberto Figueiredo

Coordenação do projeto: Monasa e Enge-Rio

Construtora: Andrade Gutierrez

Inauguração: 1988

Endereço: Av. Um, s.n, Vila de Balbina, Presidente Figueiredo.

Cliente: ELETROBRÁS

O CPAB é uma demanda da ELETROBRÁS ao escritório SMPAA diante do desastre ambiental provocado pela UHE Balbina. O edifício é monumental e icônico, com uma macrocobertura em telha de madeira em cavaco, que abriga edificações ao longo de uma circulação. A ambiguidade está presente nas soluções construtivas primitivas e tecnológicas, na forma arquitetônica e nos diferentes tipos de beneficiamento da madeira. O edifício está em ruínas.

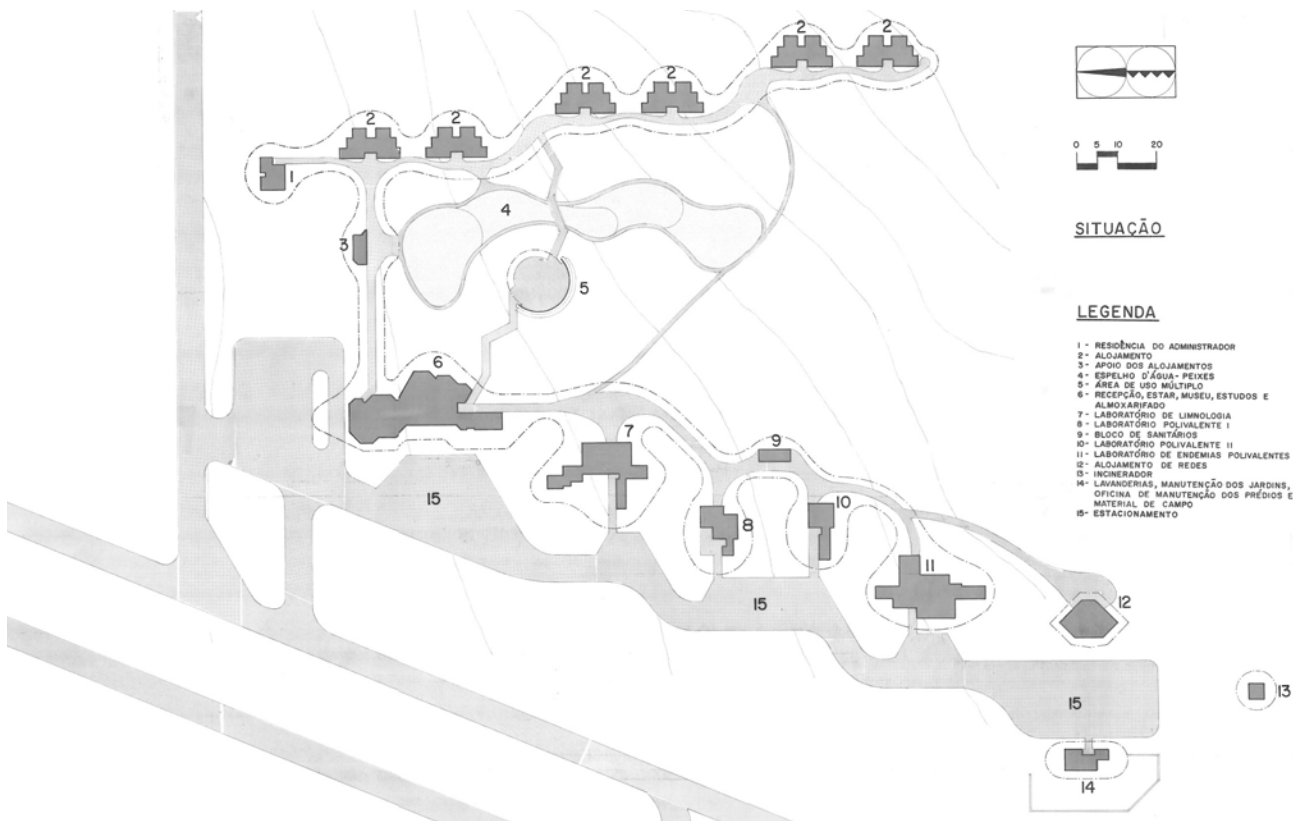


77 _ CPAB

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, [entre 1988 a 1990].

78_ Implantação. CPAB

Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1985



23_Fórum Henoeh Reis

Autor: SMPAA

Projeto: 1975-1996

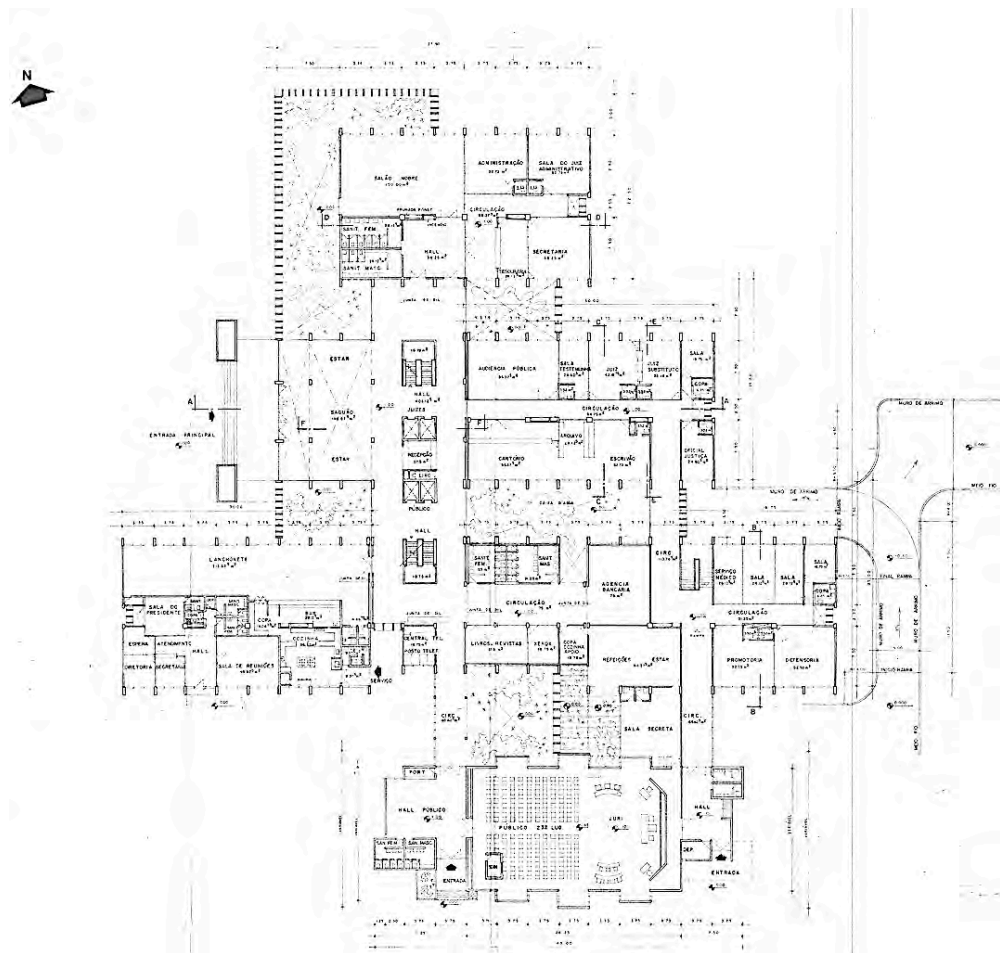
Construtora: ESUSA e GAUTAMA

Inauguração: 1998?

Endereço: Av. Paraíba, s.n, São Francisco, Manaus.

Cliente: Governo do Estado do Amazonas

O edifício apresenta um programa administrativo para as atividades da justiça estadual. Há também um auditório para as atividades do Juri que se destaca na composição. Os arquitetos distribuem o programa em quatro faixas , com volumes separados por jardins. Destaca-se ao oeste e em parte da fachada norte uma pele de elementos vazados em concreto que definem o perímetro do conjunto. O Fórum permanece em atividade, mas novas construções desconfiguram o quarteirão.



79_ Planta. Fórum Henock Reis
 Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1975.

80_ Fórum Henock Reis
 Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ, 1985



24_Hotel Renaissance

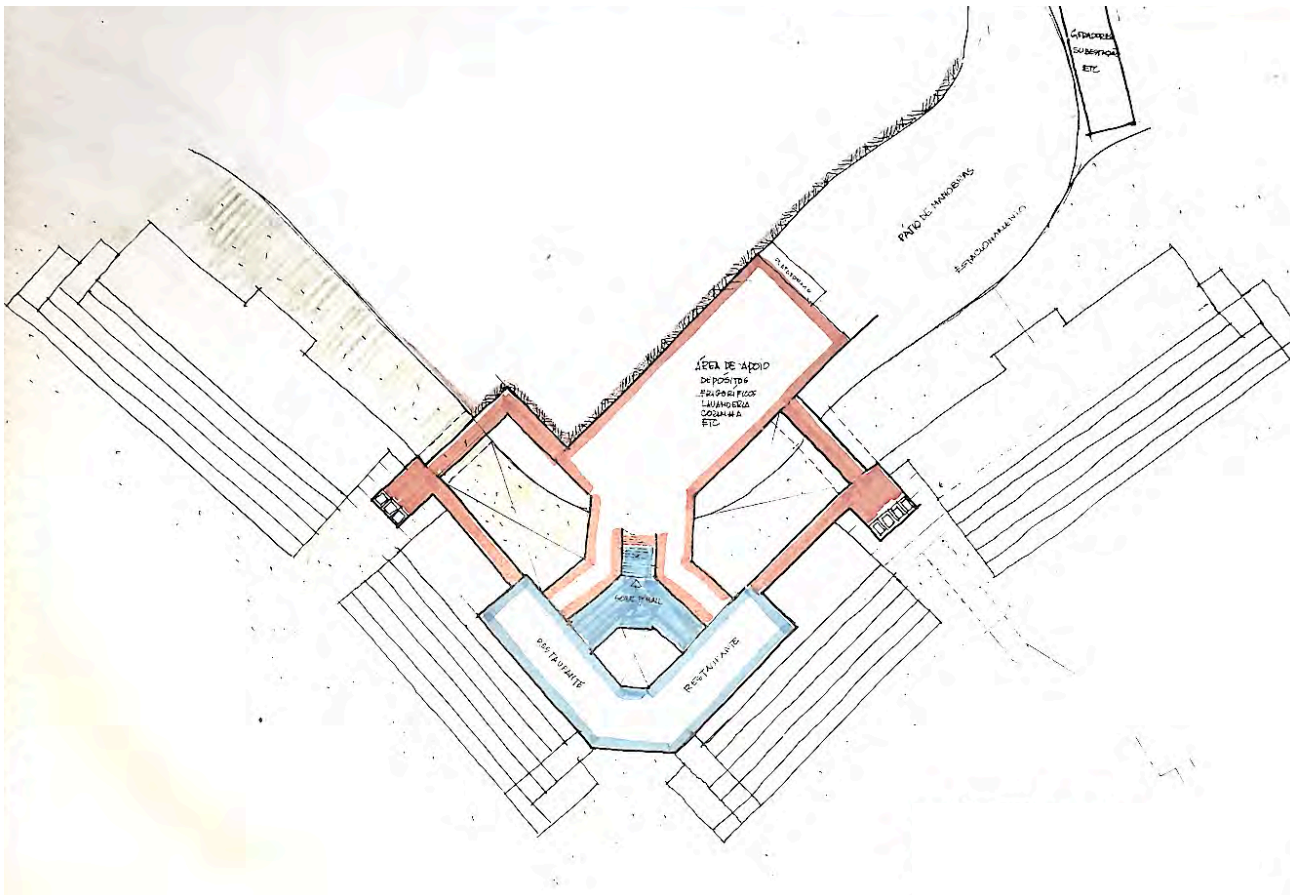
Autor: SMPAA

Projeto: 1998

Endereço: Rua Dr. Cesar do Rego Manaus, s.n, Colônia Antônio Aleixo, Manaus.

Cliente: Jorge Daou

O estudo de viabilidade para a rede de hotéis Renaissance em Manaus se localiza em uma colina junto a orla do rio Negro, em um terreno com vista para o encontro das águas. O partido valoriza a paisagem e propõe a escavação do barranco de forma a encaixar o edifício, e manter a vista do fenômeno natural nos demais ambientes do edifício e do terreno.

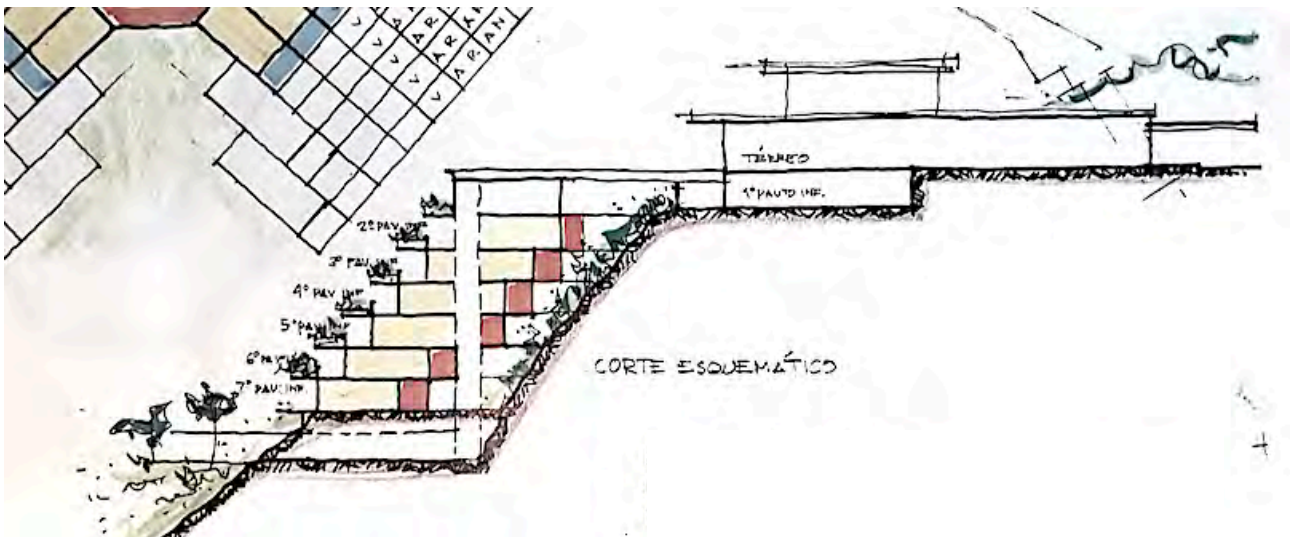


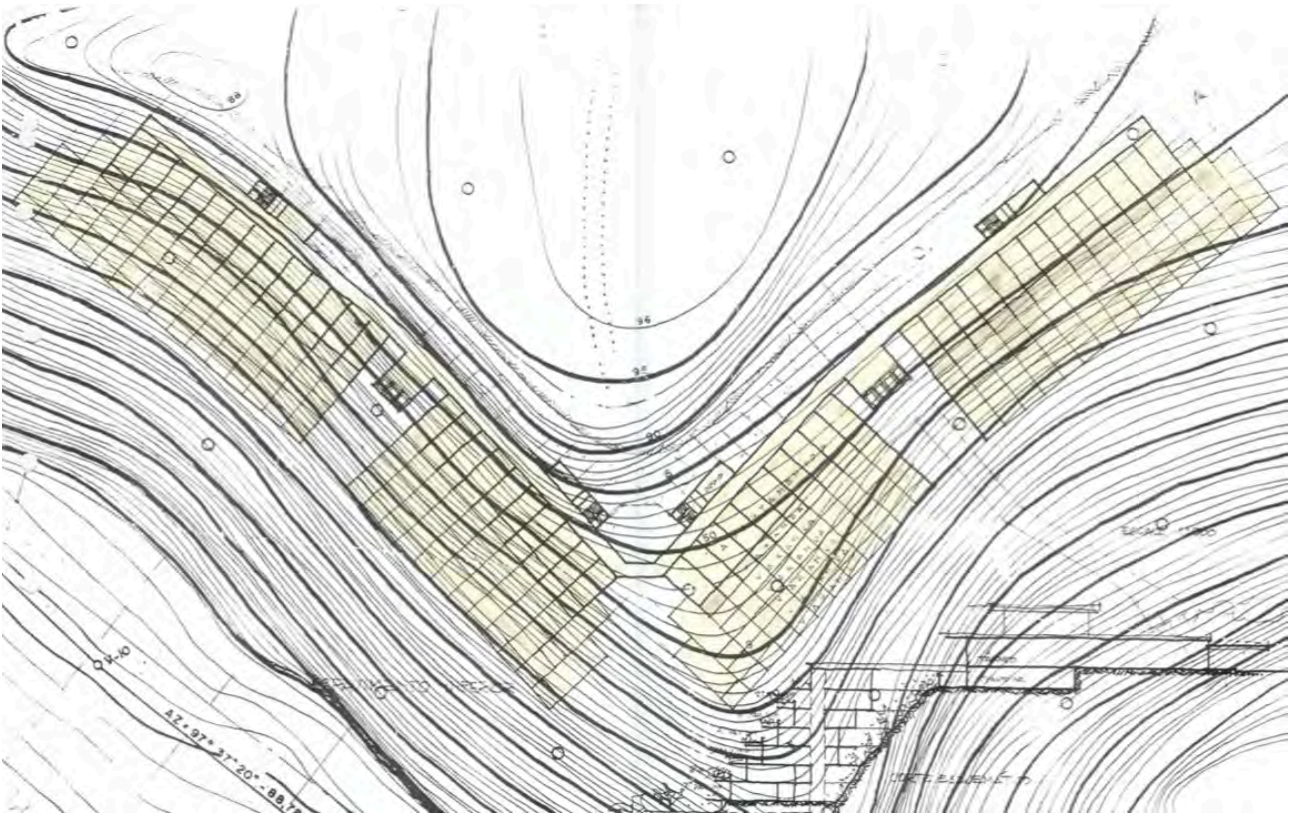
81_ Planta. Renaissance

Acervo Jorge Daou, 1998.

82_ Corte esquemático. Renaissance

Acervo Jorge Daou, 1998.





83_ Planta. Renaissance
Acervo Jorge Daou, 1998.
84_ Terreno. Renaissance
Acervo Jorge Daou, 1998.



25_Teatro da UFAM

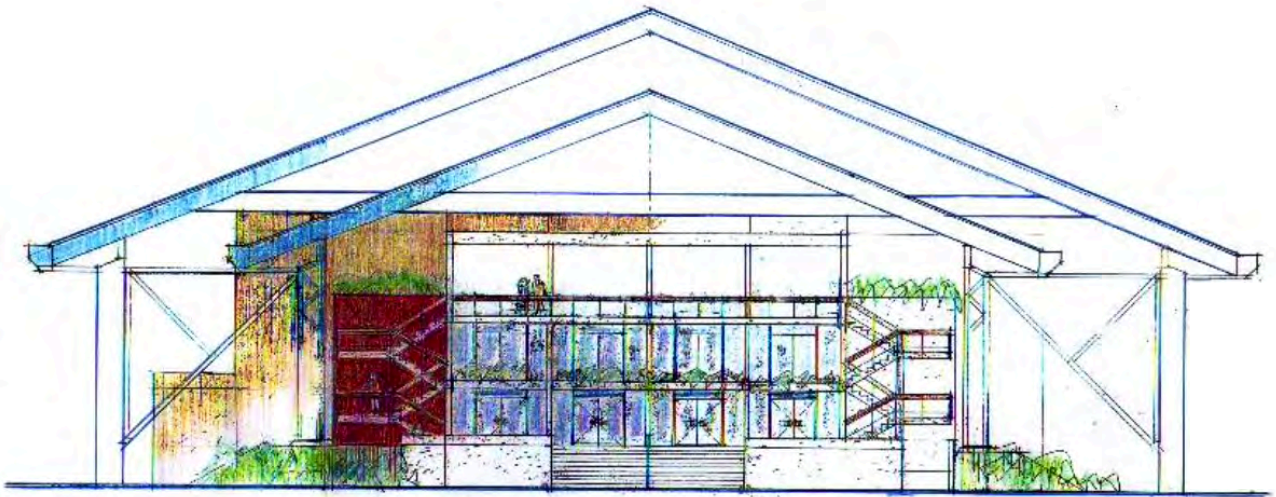
Autor: SMPAA

Projeto: 1998

Endereço: Av. Gen. Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I, Manaus

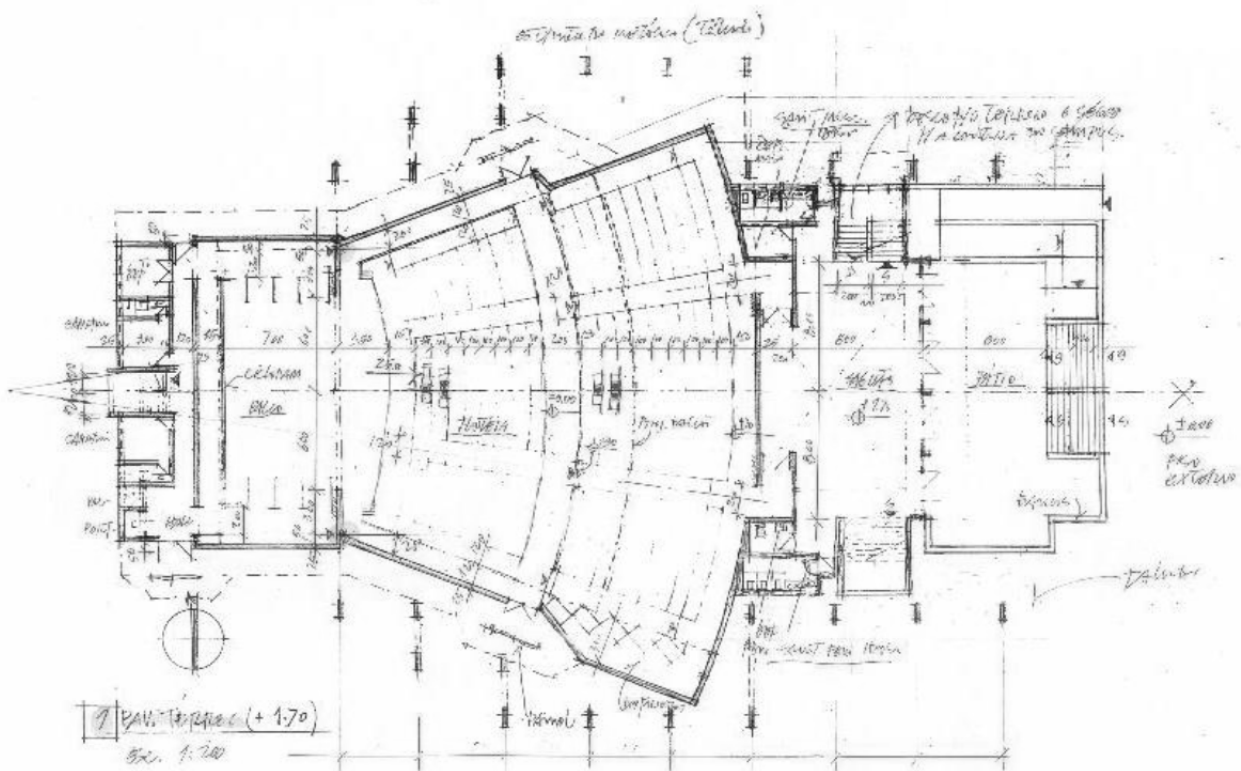
Cliente: UFAM

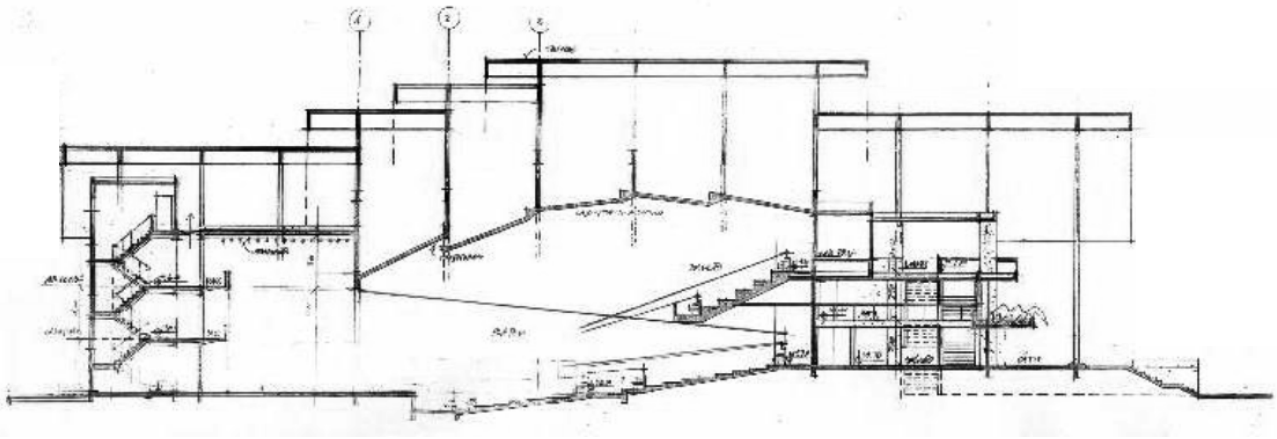
Os arquitetos retomam o *masterplan* de 1973 e realizam o projeto para um Teatro com 800 lugares no setor norte do campus da Universidade. É mantida a mesma materialidade dos projetos, com a utilização de macrocobertura revestida com telha de fibrocimento, a estrutura independente em perfis laminados em aço, a estrutura portante em concreto armado para a caixa cênica, com a vedação em alvenaria cerâmica pintada na cor branca. Destaca-se a cobertura com diferentes níveis e o mezanino. É o último projeto realizado pelo escritório SMPAA no Amazonas.



83_ Planta. Renaissance
Acervo Jorge Daou, 1998.

84_ Terreno. Renaissance
Acervo Jorge Daou, 1998.





83_ Planta. Renaissance

Acervo Jorge Daou, 1998.

84_ Terreno. Renaissance

Acervo Jorge Daou, 1998.

